ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 95
T. I
1975

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1976

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 95

T. I

1975

SUMARIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1976

Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional.
Anais da Biblioteca Nacional... v. 1— Rio de Janeiro, 1876—
v. il.

Título do v. 1-50: Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

1. Brasil — História. 2. Brasil — Bibliografia. 3. Literatura brasileira — Bibliografia. 4. Manuscritos — Brasil. I. Título.

CDD 027.581

Daniel, João, sac., 1722-1776.
Tesouro descoberto no Rio Amazonas, padre João Daniel. Introdução de Leandro Tocantins. Relatório da diretora da Biblioteca Nacional, 1975. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976.
2 v. (t. 1: 1ª, 2ª e 3ª pt.; t. 2: 4ª, 5ª e 6ª pt.)

Em Anais da Biblioteca Nacional, v. 95, t. 1-2, 1975.

1. Amazônia — Geografia e viagens. I. Título. II: Título: Anais da Biblioteca Nacional.

CDD 918.11

Nota Explicativa

Esta é a primeira edição, completa, do famoso códice do Padre João Daniel S. J. — *Tesouro descoberto no rio Amazonas* — escrito entre os anos de 1757 e 1776, que é, desde 1810, salvo as partes 5ª e 6ª, peça integrante do valioso acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional.

Dividido em 6 partes, das quais cinco constituem o códice existente nesta Biblioteca, o *Tesouro descoberto no rio Amazonas,* na sua versão manuscrita aqui guardada, compõe-se de 766 páginas no formato 15,5 x 20,7, e seu estado geral de conservação é bom. A 6ª Parte, entretanto, pertence à Biblioteca de Évora, em Portugal, que é ainda a detentora de uma outra redação da 5ª Parte, ambas, aliás, em cópia microfilmada, gentilmente cedidas à Biblioteca Nacional para este volume dos *Anais*. Verificou-se, aliás, em nosso Ms., a falta de um caderno, que deveria conter os capitulos 2º e 3º do Tratado Primeiro, e parte do Cap. 1º do Tratado Segundo, correspondendo, no códice, às págs. de número 3 a 18.

Em 1820, em volume saído dos prelos da Impressão Régia do Rio de Janeiro, publicava-se o texto da 5ª Parte existente em Évora, precedido de uma advertência, sem assinatura, da qual destacamos a seguinte observação:

"É para notar haver ele [João Daniel] julgado conveniente dar nova forma à quinta parte, que remetera, a qual, assim como a sexta (autógrafos daquele missionário) existem felizmente na escolhida Biblioteca do Exmo. e Revmo. Arcebispo de Évora; donde alcançamos extrair uma fiel cópia, que hoje com a maior satisfação, apresentamos ao público, por julgarmos utilíssima a sua publicação."

Em 1840/41, por iniciativa de Francisco Adolfo de Varnhagen, publicava-se na *Revista do Instituto Histórico* a 2ª Parte do manuscrito.(1) Finalmente, trinta e sete anos depois, em 1878, ainda na *Revista do Instituto,*(2) publicava-se a 6ª Parte do códice, obviamente uma cópia do manuscrito de Évora.

Nessa movimentação bibliográfica, aliás, cumpre destacar o interesse de Varnhagen pelo assunto, que já em 20 de agosto de 1840, em carta dirigida do Rio de Janeiro a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora, dizia: "A Biblioteca aqui tem muitas preciosidades, e entre outras as cinco primeiras partes do *Tesouro* do P. João Daniel. Eu estou copiando a 2ª Parte a fazer imprimir, e na introdução comemoro o nome de V.Sa. para as informações da 6ª Parte."(3)

Constitui um problema bibliográfico a existência de *duas* quintas partes no *Tesouro* do P. João Daniel, como já vimos: uma no Brasil (códice da Biblioteca Nacional, nº 116 do CEHB, vol. IX dos *Anais,* da BN, Rio, 1881, p. 13), e outra em Évora, ao lado da 6ª Parte. A versão brasileira, ou melhor, a versão BN da 5ª Parte difere totalmente da

---

(1) — T. 2, 1840; t. 3, 1841.
(2) — T. 41.
(3) — VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa,* coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1961, p. 52.

versão de Évora, inclusive por ser bem mais longa, embora a letra do redator seja idêntica. Num e noutro caso, entretanto, Joaquim Rivara assegura a autoria de João Daniel e, ao comentar o assunto diz(4): "Na Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro há as 5 primeiras partes desta obra, também autógrafas." Não explica, entretanto, os motivos da existência de duas versões, ao contrário de Varnhagen, que no prólogo com que antecedeu a publicação da 2ª Parte,(5) referindo-se à 5ª Parte editada em 1820, afirma com alguma suficiência: "Esta quinta parte impressa deve até ser reputada de mais autoridade do que a que faz parte do códice da Biblioteca Nacional; porquanto, apesar de lhe faltar o conteúdo nos tratados 6º, 7º e 8º, tem o resto melhor forma, e é cópia de um manuscrito autógrafo do A., o qual ainda hoje existe em Évora."

Diante do problema acima exposto, optou-se naturalmente pela publicação simultânea dos textos de Évora e BN da 5ª Parte, colocando-se assim, à disposição do leitor ou pesquisador, os elementos disponíveis e conflitantes sobre o assunto.

O códice do *Tesouro* pertencente à BN integrava o acervo da Real Biblioteca, tendo passado ao Brasil, em conseqüência, juntamente com a família real, em 1808, incorporando-se ao fundo de manuscritos, deste órgão, em 1810, data geralmente aceita como a de sua fundação, e na época dirigido em conjunto por Frei Gregório José Viegas (1753-1840) e Padre Joaquim Dâmaso (1777-1833).

Joaquim Rivara, no *Catálogo* já anteriormente citado, diz que a 5ª Parte (de Évora), publicada no Rio de Janeiro em 1820, em volume isolado, o havia sido por diligência do Bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, e que esse mesmo prelado havia informado, também, que a 6ª Parte do *Tesouro* fora remetida pelo autor a Frei Gregório José Viegas, seu irmão, que por sua vez com ela presenteara seu mestre, o Sr. Cenáculo.

Segundo Inocêncio *(Dicionário*, tomo III, p. 359), parece ter havido, aqui, um equívoco de Rivara. Frei Gregório José Viegas seria sobrinho de João Daniel, e não seu irmão, e quanto ao Sr. Cenáculo, isto é, D. Frei Manoel do Cenáculo Vilas Boas (1724-1814), fora ele de fato o doador da 6ª Parte do *Tesouro* à Biblioteca de Évora, cidade cujo bispado exercera com muito proveito e exemplo.

Fica assim exposta a ocorrência, no Ms. do *Tesouro*, de dois textos não idênticos com a mesma indicação de 5ª Parte, integrando o primeiro o códice da Biblioteca Nacional e o segundo o acervo de manuscritos da Biblioteca de Évora, a cuja direção a Biblioteca Nacional renova agradecimentos reconhecidos há mais de cento e cinqüenta anos.

Finalmente, no que se refere aos critérios adotados na transcrição do texto, procurou-se tornar menos penoso o acesso do leitor não especializado à ortografia da época, sem prejuízo entretanto da obediência aos princípios da ecdótica. Assim, pois, embora sem fugir ao sistema ortográfico atualmente em vigor, foram objeto de respeito: 1) — certas formas vocabulares; 2) — o emprego da crase pelo autor; 3) — a seqüência vocálica *ea;* 4) — a terminação *éa*, hoje *éia;* 5) — distinção, no texto, entre formas como *eu* e *eo;* 6) — a flutuação do ditongo *ou, oi;* 7) — a flutuação da pretônica *e/i;* 8) — a separação vocabular do autor; 9) — a pontuação do autor. Por outro lado desenvolveram-se as formas abreviadas; acentuou-se de acordo com o sistema atual; grafou-se em *ão* o ditongo nasal tônico por vezes escrito em *am* e *ã;* ligaram-se por hífen, conforme o uso atual, os pronomes enclíticos às formas verbais de que dependiam.

Wilson Lousada

---

(4) — RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. *Catalogo dos manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*. Lisboa, 1850, t. 1, p. 27-28.

(5) — *R. do Inst. Hist.*, 1840/41, t. 1 e 2.

INTRODUÇÃO

A BÍBLIA ECOLÓGICA DO PADRE JOÃO DANIEL

> Tratou-se aqui de compreender essa história, e compreendê-la, como sempre, é uni-la inteligentemente a um certo todo de que ela faz parte.
>
> *Antônio Sérgio*

Quanto, com boa razão, poderia dizer isto, quem na hora estava preso, recolhendo graça divina para o que desse ou viesse, na Terra ou no Céu.

O jesuíta João Daniel, encarcerado em Lisboa, por ordens pombalinas, dava-se ao expediente de escrever. Quando não lhe faltasse papel e tinta, particular castigo imposto a quem desejava sair de capa e espada, ou melhor, em retorno amazonotropical, às mercês de liberdade azuis e verdes no "tesouro", — e "máximo" — Rio Amazonas.

Quanto, com boa razão, diz o padre assim em De Profundis: *"Eu gemendo e chorando opresso com o peso da minha cruz, submergido, e enterrado vivo no funesto sepulcro, e subterrânea cova da minha prisão vou pedindo a Deus piedade, e misericórdia; e que com a sua se digne santificar a minha cruz" (1).*

Teria escrito João Daniel o seu Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas *nesses andares de cárceres, primeiro no Forte de Almeida, depois no Forte de São Julião? Levaria do Pará, de onde saiu desterrado, a 28 de novembro de 1757 ("por fúteis pretextos", considera o historiador Serafim Leite) redação pronta de partes do livro, ou notas, apenas, esboços do que, com muito trabalho e constância, se converteu nesta volumosa obra, arreba-*

---

(1) Padre João Daniel, Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, *cópia do original, preparada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para a presente edição, 1976.*

tada por amor à Cultura dos arquivos, de Évora (a sexta parte), da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (as cinco primeiras partes).

Além do que já estava impresso: a segunda parte, publicada por Varnhagen na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A quinta, foi a Imprensa Régia, que, em 1820, editou, conforme pediu o interesse do tempo.

Logo se mostram merecimento e poder de perdurarem na História as letras essenciais do Padre João Daniel, agora reunidas em volume pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Como nos fazem lição e prazer estas páginas, em que se junta ao interesse histórico, sabor de leitura, a dar-lhe apreensão histórica, sociológica, antropológica, e etnográfica.

Assim se faz o roteiro do livro: por simpatia ou empatia, observação e análise, por lugares amazonotropicais acomodados na memória missionariamente mais franciscana do que jesuíta, paisagens metidas em olhos e espírito acuradíssimos. Tira-se exato sentido das coisas que escreve, sentido virtual com a Natureza, na qual se integra, como se fosse em simbiose.

Antes, inquérito-participação, dinamismo-concreto do que ideal místico de Exercício Espiritual, aproximando, no ortodoxismo jesuíta, o pecador de Deus. Antes, a fraternidade com o Universo, encontro de graça do Céu em visitações aos "Jardins do Senhor", do que esmola de alma dada por penitência e jejum.

Franciscanamente, Padre Daniel é religioso e naturalista na Amazônia. O verbo se fez carne. O que ele diz, respeitadas as distâncias de tempo histórico, tempo social, é corpo vivo. Amazônia que se mexe com a seiva de suas florestas. Com o líquido tenso de seus rios. Com a cobertura de céus rompantes de azul e de luz, ou com a torrente desses mesmos céus, despedidos em chuvas. Com vivas motivações de bichos, espécies e subespécies de Arca de Noé ancorada no "máximo" rio Amazonas. Com as cores e exotismo (na acepção etnográfica) da humanidade indígena. Com os vaivéns da rotina da Ordem.

Por todas estas pregações é de confessar a importância da obra do Padre João Daniel. Para ser lida sem descumprir nem desobedecer mandamentos de uma possível Sociologia Histórica, pensada em termos ainda empíricos, isto é, com certas reservas, levando em conta a época de seu artesanato. Damos reconhecimento a essa vida breve, mas animada por aquele entheous dos gregos, dote sagrado, ou deus interior, cumprindo grandeza autorizada pelo espírito. De pronto, cabe esta afirmação: Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas é um gênero que eu gostaria de chamar de Bíblia Ecológica da Amazônia.

Tivemos, antes, o primeiro a fazer História Natural da região: Frei Cristóvão de Lisboa, franciscano, andante pelas terras do Estado do Maranhão e Grão Pará, entre os anos de 1624 a 1627.

História dos Animais e Árvores do Maranhão, *publicada em Lisboa, no ano de 1967, e diligência editorial de Alberto Iria, Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, é nota prima da devoção portuguesa pelo mundo natural da Amazônia. Descrições e desenhos respondem à acuidade mais descritivamente hierática do que descritivamente lírica da personalidade do autor. Talvez um tanto mais dominicano, do que franciscano. Como no Padre João Daniel predominou mais o franciscano, o baconiano do que o jesuíta, nos moldes de uma ciência compreendida, ainda, em seus primeiros anteprojetos de esclarecer a inteligência humana e habilitá-la a conquistar a Natureza. Nominalismo franciscano do qual se avizinhou Francis Bacon — e constância bipolar em João Daniel.*

Nessas letras a primazia de Frei Cristóvão de Lisboa revela o mundo amazônico em expressivas descrições e significativos desenhos. São as primeiras ocupações e estudos da flora e da fauna da Amazônia. Sem pedir, a quem as lê, senão o registro seco, preciso, de cada coisa. A este modo, arrecadação valiosa de uma Natureza que ainda não abrira maiores segredos à curiosidade da Europa do século XVII.

Os portugueses, de bom juízo e muito tato, executaram pela força (1615) a retirada dos franceses de São Luís do Maranhão. E bem prevenidos com o futuro, da antiga cidadela francesa foram de nau e artilharia assentar praça d'armas no Amazonas. Era conselho de guerra contra holandeses, ingleses, e irlandeses, já levantados em fortins para defenderem seu comércio com os índios.

Em todo o espaço que a briga durou, as armas lusitanas celebraram a posse firme da Coroa de seu Rei.

Com isto, abre-se a região à plena soberania de Portugal. Acudiram, entre outros, com seus talentos de anotar e escrever, Frei Cristóvão de Lisboa, no século XVII, e Padre João Daniel, no século XVIII. Ao lado de cronistas-historiadores, de bem falantes visitadores, e amantes de exotismos, memorialistas. Um deles, voltaireamente tenso e desabusado. Euclides da Cunha chamou-o de "extraordinário beneditino que tinha na pena os lampejos do Padre Vieira". Atendia pelo nome de Frei João de São José Queiroz.

E aparece esta figura de padre e de orador, de político, misto de cientista social e de crítico de costumes, o próprio jesuíta Antônio Vieira, fazendo o Estado do Maranhão e do Grão Pará, no século XVII, passar à viva força de seu gênio por processos de análise e interpretação — do Homem à Terra — como se Deus o tivesse encomendado tarefa rigorosa, realizada com muita franqueza, vigor, e rara percepção.

A História do Estado do Maranhão e Grão Pará em grande parte é contada por frades. Jesuítas, dando apreciável contribuição. A bem dizer, crônica, sociografia, seja na forma de tombamento de fatos do temporal ou do espiritual da Companhia, ou no zelo de anotar coisas em que a Natureza se avantaja à custa de prodigalidades tropicais. Período pré-científico:

De tais pendores e diligências se fizeram destros os religiosos de várias Ordens, desempenhando ofício por todo o Brasil, ao ponto de nos porem cientes de um bem pensado e descrito meio social e meio natural. E davam sempre por verdade tantas maravilhas que era só buscar alimento de corpo e de espírito, ao alcance dolente da mão e do desejo: o Paraíso Terrestre. Quanta dolência de vida.

A migração do mito para terras brasileiras, assistido pelas descrições medievais do Éden, imprimiu sabor especial à prosa desses primeiros reveladores de nossa Natureza, acudindo-a com inclinação e habilidade. Para louvá-la. Para prezá-la em bondosos e salutares aspectos. Como se ela fosse uma Nossa Senhora Ecológica, procurando nutrir o ânimo de todos no remédio de "ares salubérrimos", de "infinito de fontes", numa "terra golfeira e mui criançosa", e ainda "terra boníssima, forrada de belíssimas ilhas e ribeiros e fresquíssimos arvoredos, cujos madeiros sobem aos Céus e são infinitos".(2). Quase um Flos Sanctorum *amazonotropical.*

E vemos aplicar-se o mesmo vocabulário, criado no leite desse padrão edênico, em aprazíveis e bem providos trabalhos de revelação amazônica, século a século, do XVII ao XVIII. Continuando no XIX. Mas esta marcação edênica se exclui na tentativa de interpretar aspectos do livro de qualidade — o Tesouro, *do padre João Daniel. Com providência de minha exclusiva responsabilidade destaco neste jesuíta certos pendores (que não foram estranhos a outros compatriotas seus) de afirmar-se combatente de força e esforço pela causa menos religiosa (no sentido rigoroso da doutrina de Inácio de Loyola) do que temporal, atemporal, dionisíaca.*

Padre João Daniel não foi rigorosamente o historiador da Ordem. Quando muito, um. *Mais o afeiçoado ao mundo amazonotropical, curioso das farsas e das realidades da Natureza, seguro de que à custa destas indagações também servia à Religião e à Humanidade. De si próprio, pode-se acreditar, temperamento elevado à ação, excluída a rotina que nos contam as crônicas de Convento: ouvir confissões, negociar drogas do sertão, pregar, assistir a moribundos, batizar, crismar, rezar missas. E de noite, orar, meditar (exercícios espirituais), esperar sono pensando em Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Não fosse ele beirão. Nascido a 24 de julho de 1722, em Travaços, diocese de Viseu, sede de bispado, onde, com certeza, pressentiu o primeiro aceno do Senhor, convidando-o ao noviciado. À aventura? Talvez. O beirão pela própria natureza foi preparado a viver lances maiores.

Acho Viseu uma cidade-pólo. Em suas inquietações psico-sociais. Inquietações seculares. Existe fidelidade portuguesa sem deixar transparecer

---

(2) Culto panteísta do primeiro cronista português, Capitão Estácio da Silveira, a seguir ao ato da fundação (1616) do Forte do Presépio — mantimento e primeiro gesto da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará. Simão Estácio da Silveira, Relação Sumária das Coisas do Maranhão, in Memorias, *de Canuto Mendes de Almeida, Rio, 1874.*

sutil eleição por distratos de paisagem social e até arquitetônica de Espanha. A própria Sé, Catedral de Viseu, é mais espanhola, talvez sociologicamente hispânica, do que portuguesa. Li em historiador da cidade que sua Catedral se deve a um arquiteto de Castela. Gilberto Freyre, andando por lá, já notara esse tratamento de parentescos e de vizinhanças, não muito afeito aos descontos do amor-próprio luso em relação ao crédito de amizade (e na História, muitas inimizades) entre os dois povos.

Mas, a Beira, todas as Beiras, da Alta à Baixa, são lugares que marcam audiência em nossa memória, e se plantam como visitas em sofá de casa patriarcal. Vão adiando saída. No caso da Beira, não saem mais. Forte presença.

Ouvi e vi coisas na Beira, que me fizeram criança de novo em Belém do Pará, onde tantos beirões acharam grão para o seu pão. Se até existe na rua João Alfredo, para os nossos olhos, a Drogaria Beirão, de Belém do Grão Pará.

Pois não é que escutei melodias, na Beira, cânticos ao Menino Jesus, por onde a verdade musical ia encontrar ecos nas procissões ou nas novenas amazônicas? Disseram-me que se festeja na Beira o Espírito Santo. Mastro votivo, folhagens, flores, sacramentando-o de ex-votos *à Pomba do Divino. Eram cenas que a fé ingênua do povo pretendia persuadir a fé do menino (eu) no interior amazônico. A Beira sempre participou na migração lusa. O Pará foi uma das terras preferidas. E Terra Prometida. Miguel Torga dramatiza o emigrante beirão: "o irmão a chamar o primo, e o primo a chamar o amigo, não há sítio no mundo onde não chegue o seu braço" (3).*

Imagino a Beira ao tempo do menino João Daniel. "Grave e calma", como ainda hoje se considera. Estranha região, que várias vezes atravessei, acudido por um sentimento de solidão e larga disciplina para juntar-me à sua perturbante presença física. Homens de campo armados de varapaus, grossos de agasalho, mulheres sem riso, cores escuras nos vestidos e mantas, a dar-lhes sisudez de vida, entre lãs e tristezas.

E vontade pertinaz da Serra da Estrela, bastião de suficiência geográfica e humana da Beira. Lembro-me de Torga: "reta, imensa, enigmática, a sua presença é logo uma obsessão. Mas, junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva: a de todas as verdades locais emanarem dela. Há rios na Beira? Faz-se na Estrela. Há queijos na Beira? Faz-se na Estrela. Há roupa na Beira? Tece-se na Estrela. Há vento na Beira? Sopra-o a Estrela. Tudo se cria nela, tudo mergulha as raízes no seu largo e materno seio. Ela comanda, bafeja, castiga e redime" (4).

A Beira é um poder telúrico. Letra e sinal de têmperas superiormente dotadas, dando fé de serem compreendidos pelo social e pelo psicológico. Há qualquer coisa de pontualidade no caráter do beirão. Em revelar-se fiel a alguma causa. A si próprio, marcado pelos mistérios e intervenções dessa

---

(3) Miguel Torga, Portugal, *Coimbra, 1967.*

(4) Miguel Torga, ob. cit.

paisagem — dura, mística. Rude pousada de misticismo, onde não deixa de acionar paixões e, portanto, movimentos de vida. A Beira tempera caráter e dá unção aos seus eleitos.

Em prova desta consideração nota-se o acontecido com duas figuras importantes da Beira: Pero Covilhã, no século XVI, que se foi cumprir missão do Rei D. João II, a de descobrir na Arábia, na África (onde?) o utópico reino de Preste João, para ajustar aliança com Portugal. Episódio dos mais românticos e aventurosos da História lusitana. O beirão Covilhã entra por terras e mares, sem medos nem cuidados. Audaciosamente. Faz glória com tantos consentimentos, estranhados de perigos, chegando à Ásia.

A fibra beiroa, conveniente ao ofício, traria ao soberano português informações que puderam acudi-lo em seus planos de expandir o comércio do Reino e ganhar pontos no exclusivismo mercantil de Veneza com o Oriente. Mas, Pero nada escreveu. Avesso às Letras? Nem cartas. Escrúpulo de agente secreto, um 007 da era Quinhentos?

Apontou-lhe onde determinavam as instruções reais, sem achar, claro, o Preste João, facilitando, porém, consciência e planos para a velha Monarquia de Guimarães. Sabem-se as dificuldades, miudezas e revelações de espantosa viagem por narrativa do Padre Francisco Álvares, e complemento superior do livro do Conde Ficalho, clássico, no gênero.

Boa prática havia de ter outro beirão. Sem a notoriedade que Covilhã se acrescentou em vida, ao ponto do Rei querer-lhe agraciar, mas o próprio disse não. O beirão João Daniel passa infância despercebida em Travaços. Entra na Companhia em Lisboa, a 17 de dezembro de 1739. Anônimo, veio para o Estado do Maranhão e Grão Pará. Anônimo, até finar-se, nas prisões de Lisboa.

Pouco se sabe de sua vida, essencialmente vida. Se dispuséssemos maiores elementos, poder-se-ia instaurar uma Sociologia da biografia do singular jesuíta. O que, talvez, com um pouco de intuição, seja possível delinear através do Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, *volúpia e paixão por essa espécie de reino tropical de Preste João, que João Daniel "descobre" em máximos tesouros.*

E quem sabe se João Daniel não continuaria, historicamente, a tarefa de seu remoto antecessor, com a vantagem de escrever bem o que viu, experimentou, analisou. Para sustentação do império de D. José I que, ao contrário de D. João II, não dispensou mercês. Ignorado, vilipendiado, Padre João Daniel curtiu prisão ao invés de reconhecerem seus méritos de informante sobre a região que mais tocou as preocupações de Pombal. Se até o irmão Mendonça Furtado ele nomeia Governador e Capitão-Geral do Estado do Grão Pará e Rio Negro, e inicia plano de reforma de administração regional, profundo, realista, considerado por mestre Arthur Cezar Ferreira Reis como o primeiro plano de valorização econômica da Amazônia.

O Padre Serafim Leite, autor da melhor e mais completa história da Companhia de Jesus no Brasil, não encontrou meios e subsídios capazes de alongar a biografia de João Daniel.

Em 1741, chega ao Estado do Maranhão do Grão Pará com menos de vinte anos. Estudou Humanidades e Filosofia no Colégio Máximo de S. Luís. Esclarece o Padre Serafim Leite: "Em 1747 era aluno distinto de Física, estudante ao mesmo tempo de Teologia, porque em 1750, andava já no 4º ano desta última faculdade, ainda irmão. Ordenou-se sacerdote este ano, ou princípio do seguinte, dado que no de 1751 se apresenta já como padre, entregue a ministérios sobretudo no Pará, percorrendo aldeias e fazendas. Na mais importante de todas, a Fazenda de Ibirajuba, Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, já em plena batalha, e enquanto esperava o exílio fez a profissão solene de quatro votos, a 20 de novembro de 1757" (5).

Casa e acompanhamento na Amazônia, duraram, assim, 16 anos (1741-1757). Como padre missionário, apenas seis anos para andar em "aldeias e fazendas" no rio Amazonas. Pouco tempo, é verdade, competiu à sua distribuição de viagens e de leituras necessárias a cuidar de obra tão vultosa e importante.

Serafim Leite olha-o nos castigos de Pombal: "Encerrado primeiro nos cárceres do Forte de Almeida, a vida que lhe permitiram, refere-se ao ofício que Manuel Freire de Andrade, comandante da Praça, dirigiu ao Conde de Oeiras, a dar-lhe conta do zelo com que tratava os Padres, antigos beneméritos missionários da Amazônia. Relata as perseguições que fez, e o suplício, do maior agrado inquisidor de Sebastião José, a que submetia homens de inteligência e escritores, privando-os de escrever, o único refrigério humano que lhes restava" (6).

O Padre Daniel, simbolicamente numa cova de leões, aproveitava-se do papel de "embrulho das quartas de tabaco, das folhas mancas dos Breviários que ia arrancando, do registro dos Santos e das Bulas feitas em tiras". Papéis escritos com ponta de alfinete e "também um novo modo de fazer tinta". Tudo lhe era confiscado. O comandante da Praça, Manuel Freire de Andrade procedia no lugar com o rigor e subserviência dos áulicos, e informava: "Mandei-lhes entregar os Breviários para continuarem as rezas, arrancando-lhes primeiro todas as folhas brancas, e tirando-lhes alguns registros, porque nas costas de dois tinha o Padre João Daniel feito duas petições, para Sua Majestade, que Vossa Excelência verá, por irem inclusos nos papéis pertencentes ao dito Padre" (7).

A história dramática deste beirão amazonotropicalizado se faz a modo da sorte que teve a Companhia de Jesus, expulsa do Brasil pelo Marquês de

---

(5) *Padre Serafim Leite S. J.*, História da Companhia de Jesus no Brasil, *tomo IV, Rio, 1943.*

(6) *Ob. cit.*

(7) *Ob. cit.*

Pombal. Pelo que se conhece e o que se chegou a entender, através de devotada pesquisa do maior historiador da Ordem no Brasil, Padre Serafim Leite, nada apurado contra João Daniel para causar-lhe tantos sofrimentos e importunações.

O apostolado jesuíta na Amazônia começa na Ilha de São Luís, em 1622, quando foi assentada Casa e Ermida pelo Capitão-Mor Antônio Moniz Barreiros. E posse do lugar, onde se ergueram Colégio e Igreja de Nossa Senhora da Conceição, sob patrocínio e esforço do Padre Luís Filgueira.

A Corte espanhola, a que se ligava por dinastia Portugal, criara a 13 de junho de 1621 a unidade administrativa Estado do Maranhão e do Grão Pará — do Ceará para o Norte todo, até onde se averiguasse terra. E acontecia tudo ser de Espanha e Portugal, donos do Novo Mundo. Quando não aconteciam palavras de protesto de um Francisco I de França, querendo ver a cláusula do testamento de Adão que repartiu o Mundo entre aqueles países ibéricos. Apesar de averiguação e tentativa de francês, querendo acomodar-se de vez pelas costas brasileiras. Inclusive em São Luís, onde o nome de seu rei puseram, de maneira a perdurar até hoje.

Conquistado o Grão Pará (grande rio, na linguagem de índio), por Francisco Caldeira de Castelo Branco — repita-se, a fundação do Forte do Presépio, talhado a ser a cidade de Belém do Grão Pará — os jesuítas, por instância do Capitão-Mor Manuel de Sousa Eça, receberam permissão de Lisboa a 28 de julho de 1621. Que iniciassem apostolado nas selvas amazônicas.

Somente em 1636 Luís Filgueira foi inventar maneiras de estabelecer a Ordem no Pará. Havia oposições. Um Procurador do Povo retardou a medida, temendo que os inacianos se opusessem ao cativeiro dos índios, que iniciava, ali, carreira de lucros e dividendos. E seria mais tarde cavalo-de-batalha entre colonos, jesuítas e governo português.

O estabelecimento da Ordem no Pará deu-se em 1653 pelo Padre João de Souto Maior. Cresceu em poder e riqueza. Meados do século XVIII edificaram o Colégio de Santo Alexandre e a Igreja, ao lado, de São Francisco Xavier, que hoje se pode admirar, no Largo da Sé. Toda beleza barroca, majestade de Fé e suor humano.

Comércio de drogas do sertão (especiarias da floresta), fazendas de gado em Marajó, missões, Amazônia acima, os jesuítas armaram-se de poder espiritual e material. A mesma inclinação e habilidade praticaram os religiosos das Mercês, a segunda Ordem, em riqueza de bens, a dos Carmelitas, a terceira nesta escala.

A Amazônia seria dividida pela Metrópole entre Ordens religiosas para as virtudes da catequese dos índios e não menos desejo de colonizar, estabelecer ensino, cumprido, também, o ofício de comercializar.

Juntaram-se Franciscanos de Santo Antônio, Franciscanos da Beira e Minho, Frades da Piedade, sem grandes recursos materiais.

A essas Ordens credita-se a detença de magnífico patrimônio espiritual e arquitetônico, adiantando Belém do Pará de importância artística e cultural.

Padre João Daniel viveu justamente nessa época de plena suficiência social e econômica do Grão Pará. Dispôs da excelente Biblioteca do Colégio. Deve ter rezado missa na belíssima Igreja, que tanta admiração causou a Germain Bazin, pela beleza e originalidade de suas talhas, e outros adereços com que se fazem fortuna e glória artísticas dos templos religiosos.

Não é motivo que se passe em silêncio outros historiadores e cronistas da Companhia, que, junto ao Padre João Daniel, ergueram a causa das Letras por boa inspiração de registrar a causa tanto sua quanto da posteridade.

Antônio Vieira, em Cartas e Sermões, é clássico. Não é mais de conseqüência prática chamá-lo de genial intérprete da Natureza, do Homem, da Sociedade do Grão Pará de seu tempo. Posto a salvo o lugar-comum. Esse terrível soldado da Inteligência sabe como ninguém usar de paixão pela causa jesuítica. Suas catilinárias fundam, arrombam, entram dentro dos costumes, erros, misérias da sociedade que ele analisou, antes com bisturi do que com pena.

Há os João Felipe Bettendorf, os Jerônimo Gana, os Domingos de Araújo, os Jacinto de Carvalho, os Bento da Fonseca, os José de Morais. Edificantes pela pontualidade com que registraram o dia a dia da Ordem, ou acolheram gêneros descritivos além dos limites de Convento.

Entretanto, a obra de João Daniel revela-se a mais completa. A mais meditada. A mais pesquisada. Vai-se ler nesta publicação integral. E ainda traz esse poder divino, remédio e cura de espírito, isto é, de ser escrita (com certeza, a maior parte), nos cárceres do Forte de Almeida (1758-1762), e da Torre de São Julião, onde cumpriu 14 anos de prisão e aí morreu a 19 de janeiro de 1776.

O Historiador Serafim Leite emite justa encomendação ao jesuíta: "No meio desta desgraça imerecida, o Padre João Daniel deu provas de fortaleza de ânimo, como beirão que era. A sua profissão solene de quatro votos, nas margens do Moju, fê-la já depois de notificado do seu próximo desterro, encerrado nos cárceres e privado de liberdade, continuou a missão no Grão Pará. Realmente, ainda é ação missionária, no terreno da Cultura e dos serviços prestados ao Brasil, o seu Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas. *Se aqueles papéis, dos cárceres de Almeida, não eram o seu livro, e cremos que sim que eram, temos que admitir que com o tempo se remitiu o primitivo rigor, o que, apesar dele, houve meio de introduzir papel e tinta, nos cárceres de São Julião" (8).*

É o que poderia ocorrer ao historiador no meio deste mistério. Ora, João Daniel ao sair do Grão Pará, do que se tem ciência, nenhum escrito volumoso carregava, como seria de natural observância. Levava, sim, olhos

---

(8) Ob. cit.

e memória acomodados em intensa penetração na Natureza amazonotropical e nos fatos que foram amáveis, ou cruéis tiranos de sua vida. Notas esparsas, escritos para lembrar, sumário de visitações por aldeias, pregações de assuntos, pode ser. Possível de incluir no fundo do baú de exilado. O mais, foi construído pelo talento e flama de mártir. Fé, coragem, resignação, um novo São Sebastião, dia a dia flechado na alma. Mas que se vingou. A brutalidade do cárcere respondeu com a inteligência.

Novo Pero de Covilhã, quanto segredo teria revelado à Corte se fossem ouvidas suas narrativas, ou lidas suas páginas? João Daniel, ao contrário do outro beirão, precisou de dois séculos para merecer recomendação e dar renda certa e estável às suas letras, e à sua predisposição de percorrer aventureiramente regiões desconhecidas.

Situa-se, é possível, num humanismo paracientífico, e pancientífico, tão caro ao espírito português durante a expansão marítima e conquista de terras tropicais. Por que não colocar João Daniel ao lado, por exemplo, de um Garcia d'Orta, que ele próprio se classifica de "inquiridor de verdades", desencavando-se por não serem sabidas de todos? Ou de um Fernão Mendes Pinto menos romanceado ("arte de expressão e de ciência de descrição", julga Gilberto Freyre desse grande revelador dos trópicos orientais) e mais pluridisciplinar. Um reflexionador, o Padre João Daniel, cheio de fé no progresso tropical, um homem em quem o fenômeno da esperança (hoje estudo de sociólogos, entre eles Erich Fromm) ergue-se em potência de ativação de vida.

Todos três portugueses tropicalistas, antecipadores de uma nova ciência — a Tropicalogia — que hoje se sistematiza, se metodiza a favor de uma Ecologia adequada ao equilíbrio biótico, e assim favorecendo a presença e a criação do homem em processo de Civilização. Presença permanente, plena, integrativa, nos trópicos. Aliás, Tropicologia sugerida por um brasileiro, Gilberto Freyre, tropicólogo por direito de conquista e de apostolado. Ele mesmo sistematizador desse novo campo de estudos, a ser ciência, começo de preocupação do mundo.

Disse bem Serafim Leite sobre efeito e execução do pensamento de João Daniel no Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas: *"É notável, em particular, a sagacidade e instruções que dá para a agricultura amazônica, hoje ultrapassadas, mas verdadeiro tratado de economia agrícola, bem superior às idéias do tempo; refere-se já à indústria hidráulica aplicada, utilização dos ventos; sobre os índios e crendices populares (os homens marinhos) e sobre a etnografia de inúmeras tribos, tatuagem, relações sociais, culto indígena e ciumeira dos maridos, variadas notícias, produto de inigualável observação, direta e amena. Além disto, indicações locais, geográficas e históricas, que, ao menos no tocante aos fatos de seu tempo, se constituem genuínas fontes para a história geral do grande Rio. João Daniel enquadra-se no grupo admirável de escritores que deixaram o seu nome ligado à história do Amazonas.*

Em todas as partes do Mundo os Jesuitas manejaram a pena. De poucas terão deixado tantos monumentos escritos como desta." (9).

A passo igual, o jesuita beirão vai da Geografia, à Sociologia, à História, à Etnografia, à Antropologia, à Botânica, à Zoologia. Relatos a que damos hoje consideração, crédito, virtude de pesquisa, de observar, de analisar, de ordenar. Tira-se sentido do que escreve, sentido virtual de uma coexistência com a Natureza, em dimensão e profundidade. Naquele tempo, meados de século XVIII, as ciências sociais e as ciências naturais eram de poucos fundamentos no Brasil. Tanto que se fala em Sociografia para designar os trabalhos de revelação de nosso meio natural. Na Europa havia estimáveis crescimentos no campo científico. Revolucionários, mesmo. Em Portugal, progresso que se fazia esotérico, poucos iniciados satisfaziam pendores de pesquisa e saber. O que veio insuflar o Iluminismo tardio do Marquês de Pombal, quando à viva força quis reformar tudo, modernizar, até pela violência, o país que se atrasara em relação ao resto da Europa.

Ironia do destino (com desculpa do lugar-comum), o que fez João Daniel senão antecipar-se ou juntar-se ao afã modernizador do Marquês, escrevendo obra em que a filosofia do Iluminismo se deixa transparecer ao leitor de hoje do Tesouro *com perspectiva de espaço e tempo, dentro da ordem e forma que a realidade tome para quem o examine.*

Este zelo e continuação em preparar livro no cárcere, valendo-se da memória, do instintivo de idéias modernas (também do possível conhecimento de vários saberes do Iluminismo) e das notas recolhidas no Amazonas, mostra-nos que o sofrimento moral — e quem sabe se até físico — não desafeiçoou vontade, nem diminuiu sabor das coisas. O sabor da Natureza tropical, da vida alimentada por aventuras em rios e matas amazônicas. Ele se avantaja, em todo o Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, *em pregar caminhos, comodidades, estimações, benefícios da Natureza amazônica. Um Pero de Covilhã escritor, como a fazer relatório ao soberano José I, de ouvidos moucos e vistas cegas a tantos despachos "de experiências feito". Úteis, mesmo, aos planos do reformador Primeiro Ministro.*

"Não é o meu intento tratar neste capitulo das muitas riquezas do Amazonas, com que se faz rico, e regalado a si, mas também enriquece, e regala toda a Europa, como são os seus mimosos cacaus, cravos, salsa, algodão e outros gêneros, em que é abundantíssima, porque esta matéria fica reservada para outra parte, quando falarmos dos seus muitos e preciosos gêneros". Abre assim o Cap. 10 de seu livro o Padre João Daniel. É aviso *de Pastor da Natureza, não-apologético, não panegírico. Não se encontra exaltação, discurso sobre exotismos. E sim cobertura leal do que foi visto e observado pelo padre.*

---

(9) Ob. cit. Tomo IV.

Cheguei a pensar no Tesouro *em ser obra paradisíaca. Na imagem de Éden generosamente oferecido —* Merely waiting to be gained *(10) — como diria o professor de Harvard, George G. Williams, sobre crença de descobridores no Novo Mundo. Ora, se ainda em 1855, certo William H. Edwards, norte-americano, deslumbra-se: "a região do Amazonas é o Jardim do Universo" (11). E tantas outras expressões (cheias delas, o livro, e o de outros cronistas no século XIX) com essa mesma idéia, ou utopia, de "só a espera de ser ganho".*

Nem o homem, que hoje se chamaria de ação, desejoso de fazer o Brasil a sua empresa *("esta terra é nossa empresa"), o admirável Nóbrega, pronto a arregaçar as mangas para o trabalho, mais executor do que contemplativo, teve lá seus pendores líricos e edênicos. Escrevendo carta da Bahia: "Tem muitas frutas e de diversas maneiras, e muito boas, e que tem pouca inveja às de Portugal. Os montes parecem formosos jardins e hortas, e certamente vi tapeçaria de Flandres tão formosa, nos quais andam animais de muitas maneiras, dos quais Plínio nem escreveu nem soube" (12).*

Fantasias poéticas de uma "visão do Paraíso", estudada com tanta erudição e sensibilidade pelo Professor Sérgio Buarque de Holanda (13).

Neste título de "paraíso terrestre", não parece a mim de boa verdade incluir o Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas. *Porque a obra transcende ao mero aponte de maravilhas, mistérios. Ou do que deu a conhecer, santamente, Tomás de Aquino. O grande teólogo católico é quem escreve, feito como imaginado,* encontrar-se o *Paraíso Terrestre nos recessos da zona tórrida, exatamente debaixo da linha equinocial (14). Hoje, com a devida licença do Santo, diríamos: Amazônia —* o *espaço amazonotropical.*

Nada disto corresponde às intenções do Padre João Daniel. Sem dúvida, ele deixa transparecer tanto quanto daquela euforia dionisíaca com que, se presume, os frades escreviam, ao mundo de criar caminhos para os Jardins do Céu. Se João Daniel, às vezes, moderadamente, toca (apenas com dedos senão rogados, ao menos escrupulosos) temas edênicos, predomina afirmação de experiência, adequação ao real, testemunho existencial.

O que acabo de dizer resulta de contas tão largas com a Cultura, que me parece justo referir outra obra importante, editada em 1971 pelo Conselho Federal de Cultura, por iniciativa de seu então Presidente Arthur Cezar Ferreira Reis. É a extraordinária Viagem Filosófica *de Alexandre Rodrigues Ferreira, sábio nascido na Bahia, versado em ciências na Universi-*

---

(10) *George H. William,* Wilderness and Paradise in Christian Thought. *New York, 1962.*

(11) *William H. Edwards,* A Voyage up the River Amazon, including a Residence at Pará, *Londres, 1855.*

(12) *Padre Manoel da Nóbrega,* Cartas do Brasil e mais Escritos, *Coimbra, 1953.*

(13) *Sérgio Buarque de Holanda,* Visão do Paraiso, *São Paulo, 1969.*

(14) Apud *Sérgio Buarque de Holanda, ob. cit.*

dade de Coimbra. Tropicalista, particularmente amazonotropicalista, seu livro e iconografias, enciclopédia de saberes regionais, esperaram 180 anos para conhecimento integral dos brasileiros. Nem sequer os portugueses, que mandaram Ferreira investigar as riquezas da Natureza de seu império amazônico, providenciaram a publicação da obra que sucede e complementa a de João Daniel com as luzes já de época luso-brasileira considerada científica em artes e ofícios nesse campo.

Outra contribuição valiosa a juntar-se a essa amazonotropicologia é a História Natural do Pará, *elaborada por um arquiteto italiano de Bolonha, Antonio Giuseppe Landi. A primeira vez que fui à Europa, em 1963, acorri à Biblioteca Municipal do Porto, onde examinei manuscrito e desenhos. A obra intitula-se* Descrizioni de varie Piante, Frutti, Animale, etc. della Capitania del Gran-Pará. *Volume de 187 páginas em que o autor descreve 154 espécies. É dedicada a "Sua Exclza. il Sigre. Luiggi Pinto de Souza, Cavaglier di Malta, e Governatore del Matto Grosso, il quale con soma fatica e diligenza investigó moltisse cose appartenenti alla storia naturale, e delle qualli si potra formare un grosso volume in vantaggio della Republica Letteraria".*

Pelo que vi e admirei no esforço de Landi concluo por obra impressionista, acrescentada de impressões objetivas. A observação paracientífica e a fixação iconográfica — esta de perfeito traço e colorido, mostrando o excepcional desenhista que ele era — espelha o mundo natural com pureza. Mais descritivamente, no entanto.

Antonio José Landi (ele acabou por lusotropicalizar o nome) consagra-se, porém, pelo seu gênio criador na arquitetura de Belém, na segunda metade do século XVIII. Igrejas, Palácios, Solares triunfantes em grandiosidade, beleza de formas e arrojo de concepção em lugares tão distantes de seu país de origem e de formação cultural, e até dos outros Brasis. Ele foi incontestavelmente o introdutor do neo-classicismo no Brasil, na forma do neo-paladianismo, que trouxe da Itália, antecipando-se, neste aspecto, à Missão Francesa, de 1817. Landi é um dos maiores arquitetos luso-brasileiros do século XVIII (15).

Estando as coisas neste ponto, procedo o meu pensamento para tentar interpretação que, se ousada, tanto melhor para a detença de inteligências mais avisadas de outras sugestões ou idéias acerca do idôneo livro do Padre João Daniel.

Não me parece descabido o juízo que aqui proponho: o de considerar esse jesuíta um experimental e um existencial que, na falta de poder de capi-

---

(15) Parte dos resultados da pesquisa que empreendi na Europa está reunida no trabalho Landi — um italiano luso-tropicalizado, *publicado na* Revista Brasileira de Cultura, *nº 1, Rio, 1969. Possuo, em microfilme, essa* História Natural *de Landi, assim como outras manifestações, em arquitetura, ainda na Itália, desse admirável arquiteto. Tenho conhecimento de que o Conselho Federal de Cultura, por intermédio de seu atual Presidente Moniz de Aragão, vai editar a* História Natural *de Landi.*

tão-mor, executando técnicas e soluções que propõe através da pena, realiza-se em sentido inverso: interpretou a Natureza, sua mãe e mestra. "Não podemos dar ordens à Natureza senão quando lhe obedecemos", nos declara Francis Bacon. Talvez, armas com que João Daniel se vestiu para produzir a obra e esconjurar os sofrimentos da prisão.

Só assim se explica a fuga do Tesouro *do estilo de "crônicas sobre sucessos particulares, viagens, missões da Companhia de Jesus, fatos das capitanias, iniciativas dos governadores, ouvidores gerais, colonos", a chamada "Literatura Historiográfica" ou sociografia (16), acidental e incidental. Cláusulas e declarações do interesse imediatista da Companhia (já que se está à conta dos jesuítas). E sim traçou peça composta em várias potências de sentidos. Daí a sua conjunção histórico-ecológica, a robusta e pia dignidade: porque está conforme, é geral, instalados os assuntos em seu devido lugar.*

Chegamos a ler o Tesouro, *imaginativamente vivos em tempos mortos. Ritmo, gradação de sons, cores e movimentos de um estilo que nos transmite prazer e curiosidade crescente. Apontaria, como Bacon, a vitória da Arte (entenda-se, também, ciência) sobre a Natureza.*

O mantimento de Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas *é assim franciscano, ao voltar-se para a Natureza, como manifestação de Deus. Faço acompanhamento às palavras do Professor Jayme Cortezão: "São de imaginar a força nova, a confiança em si, e o impulso criador que os homens haviam de tirar desse estado de espírito, formado pelo franciscanismo. Se o Mundo era a imagem e a afirmação de Deus, conhecê-lo e revelá-lo tornava-se um supremo dever religioso" (17).*

Não passou São Francisco pela ventura de aproximar Deus da Natureza? Não quis o "pobrezinho" de Assis provar que Deus vê satisfação e amor recomendando que Homem e Natureza se juntem no ofício-irmão; irmão-pássaro, irmã árvore, irmã pedra, irmã água? Cortezão cita carta de franciscano a franciscano: "Acredita-me, encontrarás mais verdade nos bosques que nos livros, as árvores e os penedos ensinar-te-ão mais que nenhum outro mestre" (18).

Tudo indica: houve justaposição de métodos no jesuíta beirão: a filosofia franciscana com a filosofia baconiana. Pode ser instintivamente. Mas houve. Sua predisposição em criar técnicas agrícolas, industriais, hidráulicas, aproveitar energia de ventos, inovar modos de navegar, e outras ordenações naturais, fruto de seu ver, observar, sentir, indo à modernização de ofícios, implica na acuidade de aplicar ciência nessas áreas amazonotropicais.

Baconiano porque seguiu os princípios da escola: "Dar balanço nos conhecimentos, verificando as partes que jazem ao léu, esquecidas pela indús-

---

(16) Almir de Andrade, Os Primeiros Estudos Sociais no Brasil *(Vol. I), Rio, 1941.*

(17) Jayme Cortezão, O Humanismo Universalista dos Portugueses, *Lisboa, 1965.*

(18) Apud *Jayme Cortezão, ob. cit.*

tria do homem, tendo em vista estimular as energias dos homens públicos e particulares a cultivá-las" (19). Portanto, princípios experienciais e existenciais.

Euclides da Cunha, em À Margem da História, *encontrou elogio a dar ao Padre João Daniel. Chama-o de "o imaginoso Padre João Daniel". Impressionado com a arte de narrar do jesuíta, no* Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, *lido em fragmento na* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *"Imaginoso" como ele próprio Euclides, para o qual o efeito das palavras não se media em simples sonoridades, ou adjetivos apenas "enfeitando" estilo, ou arrojos de imaginação e de intuição, em presenças de fantasia. Como já chegaram erradamente a pensar. Não perceberam que o toque de gênio absorvia a pontualidade de tais "excessos". A virtude em definir situações ainda separadas da compreensão do tempo. Mas o tempo decorreu, e quantas palavras, idéias, intuições de Euclides vieram a fazer parte da ciência social.*

Por maneira que o "Imaginoso Padre João Daniel" continua imaginoso. Quando leio C. Wright Mills, em A Imaginação Sociológica *(20), obedeço ao julgamento de Euclides da Cunha, a quem o sociólogo norte-americano implicitamente ordena, enriquece, substancia, por sua expressão "imaginosa". Antecipadora. Justa.*

"A imaginação sociológica", diz Wright Mills, "capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo (21). O primeiro fruto dessa imaginação — e a primeira lição da ciência social que a incorpora — é a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período" (22).

O presente possui dimensão fatal de tempo da consciência, e assim nos arma do poder de olhar o hoje e o ontem com modulações precisas. De astúcia, de crítica, de intuição. De antecipações. De interligação do passado com o atual. Fazer História é delicada cirurgia que requer hábeis mãos e todo um instrumental sofisticado: outras ciências sociais a dar-lhe suporte, plasma, segurança, para chegarmos a eleição da verdade. Rompemos formas abstratas (todo o passado acaba sendo uma abstração do real) para, sem deformações, procedermos à análise, à interpretação do homem estar-no-mundo, dentro das formas que o universo natural e o universo social o condicionam. Ao ter feito o ontem, a fazer o hoje e a fazer o amanhã. Isto me parece enquadrar-se dentro da "imaginação sociológica".

Eis que me cabe apelar à imaginação sociológica para incluir o "imaginoso" Padre João Daniel numa tentativa de interpretação de sua vida e obra,

---

(19) *Francis Bacon,* O Progresso da Ciência, apud *Will Durant,* História da Filosofia. *São Paulo, 1956.*

(20) *C. Wright Mills,* A Imaginação Sociológica, *Rio, 1965.*

(21) *C. Wright Mills, ob. cit.*

(22) *C. Wright Mills, ob. cit.*

em que história e biografia (no caso, mais bibliografia em intimidades sociológicas e psicológicas com a biografia) possam sugerir, dentro da sociedade em que se movimentou o missionário da Companhia, a razão, a essência e a importância de sua obra. E se "essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra" e "em nossa época chegamos a saber que os limites da natureza humana são assustadoramente amplos" (23), o dinamismo criador da linguagem de João Daniel transmite-nos experiências a avaliar, fatos a conhecer, posturas a intuir. Dentro das concepções de seu tempo, na compreensão da relatividade social e no procedimento histórico.

Bem se deixa entender onde chega a pregação de Wright Mills: a de adquirirmos por intermédio de "estudos no âmbito do individuo como entidade biografada e dentro do alcance de seu meio imediato", forma hábil de interpretar (apenas pálido esboço, aqui) a simbiose homem-obra. Recomenda o sociólogo: "trans-avaliação de valores". Digamos: em reflexão, palavra, sensibilidade. Consciência e fruto, parece-me, dessa "imaginação sociológica". Mergulhado naquele tempo tribio — passado, presente, futuro — bem estudado por Gilberto Freyre, que reclama seu desenvolvimento cultural nas separadas, porém ontologicamente reunidas, substâncias: memória, intuição, perspectiva (24).

O longo texto de João Daniel é vertiginosa experiência ecológica. Tecido por tantos teares, de conhecimentos. Às vezes espantam os detalhes, os excessos. Nunca prejudiciais ao processo intelectual do autor, em quem não existe o menor desejo de castrar isto ou aquilo que infatigavelmente relata, à fé de cavaleiro. Para usar linguagem moderna de cinema, nota-se a sobreposição de uma variante espantosa de plano-seqüências, articulando fortemente o desenvolvimento dramático da obra.

Há tradição, e das boas, de jesuíta estar ligado às Letras, ao ensino de Humanidades, Artes e Ofícios, Filosofia, Tecnologia, em seus Colégios às crônicas, relatos e memórias (historiografia), às ainda paraciências naturais ou sociais (Sociografia). Potencial de "novidades" de uma região plena de valores estranhos. Até o primeiro grande mapa da Amazônia foi preparado, em 1695, pelo jesuíta Samuel Fritz, natural da Baviera. Veio Amazonas abaixo, desde as possessões espanholas, e ficou preso, por cautela portuguesa, em Belém, onde desenhou, no Colégio de Santo Alexandre, a notável e artisticamente bela cartografia. O padre Aloísio Conrado Pfeil, matemático e cartógrafo, elaborou outro mapa, antecedendo a Fritz (estiveram juntos no Pará), "para el-Rei ver as terras e rios que tinha desde o Pará até o marco do Cabo Norte" (25).

---

(23) *C. Wright Mills, ob. cit.*

(24) *Gilberto Freyre,* O Brasileiro entre Outros Hispanos. *Rio, 1975.*

(25) *João Felipe Bettendorf,* Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão e Grão Pará, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, *LXXII, 1ª parte (1910). O mapa foi oferecido ao Rei em 1685.*

Valioso tributo à Cultura brasileira — perfazendo espera de justiça ao ilustre e de agora em diante notório português beirão — aparecer em livro completo e acabado: o Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas. *O Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, através de seu Programa de Ação Cultural (PAC), proporcionou os meios para a Biblioteca Nacional abrir plena enunciação do que pouquíssimos conheciam e quase ninguém suspeitava da latitude de poder do livro.*

Parece motejo de circunstâncias: é João Daniel quem registra pela primeira vez, ou, quem sabe, cria (imaginoso como era) o dito hoje popular: "Quem vai ao Pará, parou.", *acrescentado no segundo quartel do século XIX de: "Tomou açai, ficou". O jesuíta, ao falar da bengnidade do clima do Amazonas, assim valoriza o pretendido (26). Quanta volúpia de observação e sensualismo literário Daniel comete, afirmativamente fecundo,* vendo vários costumes, várias manhas. / Que cada região produz e cria, *do Camões tropicalista. De ordem que este verso camoneano acaba sendo uma espécie de anatomia sociológica para olhos, olfatos e ouvidos. Afeitos a trópicos.*

João Daniel morreu desconhecido num cárcere lisboeta. Foi ao Pará, e não parou. Mas ressurge, pela glória da inteligência e resignação de sofrer. Suas últimas palavras no Tesouro *representam a tagédia do intelectual despojado de seus instrumentos de ação: "porém como se acaba já o papel, e, por outra, estes inventos necessitam de se conferir" (aqui se nota o experiencial, o existencial) "fiquem reservados para melhor tempo, ou para quem tem liberdade e nela comodidade e instrumentos". (27)*

O que teria de grave na conduta do jesuíta preso sem culpa formada? Sentença judiciária, que se saiba, não lhe pediu contas. Repartiram-se, apenas, castigos para quem, iguais a outros S.J., recaíra culpa coletiva decretada pelo Marquês de Pombal. E se "motivos fúteis" houve no Grão Pará, quando o prenderam, a sua expiação nos cárceres de Lisboa, longa, até morrer, encomenda-lhe áurea de apóstolo. Um João Evangelista do amazonotropicalismo.

O Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas *aparece nesse quadro de violência e de intolerância como "Balada da Torre de São Julião." É aquele rio (em João Daniel, o próprio "Máximo rio Amazonas") que Brecht menciona. Rio que tudo arrasta e se acusa de violento. Mas ninguém alega o fato de serem mais violentas as margens que o comprimem.*

Eis o "Máximo Rio" do Padre João Daniel. Íntegro. Telúrico. Irradiante. Mensagem de tempo-futuro, premonidora da filosofia da esperança

---

(26) A expressão quem vai ao Pará parou *está registrada na Quarta Parte do* Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, *cópia do original, preparada pela biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para a presente edição, 1976.*

(27) Padre João Daniel, ob. cit. (6ª e última parte).

que nos orienta frente aos desafios da História e, além deles, à própria História. Apesar da violência das margens, o livro-rio, forte, vitorioso, chega ao mar de todas as Inteligências. A liberdade, ainda que tardia.

Rio de Janeiro, março de 1976.

LEANDRO TOCANTINS

PARTE PRIMEIRA

CAPÍTULO 1º

DESCRIPÇÃO GEOGRÁFICO HISTÓRICA DO RIO AMAZONAS.

Descuberta a costa de África, e posta em praxe a navegação da Ásia pela Índia, em que os portugueses se abonaram de doutos palinuros e verdadeiros argonautas, com glória imortal da Nação, admiração da Europa, e inveja do mundo, pouco depoes descubrio Colón a América ou Novo Mundo pelo Arquipélago de México, e Pedro Álvares Cabral o Brasil junto a Bahia, onde chamam Porto Seguro. Entraram logo portugueses e espanhoes a tomar posse daquele Novo Mundo, e a estender-se por aquela grande vastidão de terras, servindo a uns de agulha a curiosidade, e a outros a ambição. Cada dia descubriam novas terras, novos climas, e os grandes rios, que igualmente as recreavam, alegravam e fertilizavam; e posto que já então Américo lhes tinha dado o nome de América e Colón as tinha baptizado por Ilha Atlântica, contudo assentaram que mais mereciam o nome de Novo Mundo, por ser sem dúvida a maior das suas quatro partes, Europa, Ásia, e África: porque se estende de um a outro pólo. É banhada pelo Oriente do grande Oceano, e pelo Poente do Mar Pacífico. No Pólo do Sul a divide do Continente ou Terra do Fogo o Estreito de Magalhães, por onde se dão as mãos e se comunicam os dous mares Oceano e Pacífico. Pela parte do Norte assentam uns que tão bem tem o mar por limite: outros ainda hoje disputam se a terra do Laborador, último termo descuberto, que fica em [*em branco no manuscrito*] graos a constitue na verdade ilha ou península. Deixado porém, este problema aos curiosos e geógrafos, só tratarei do grande Rio Amazonas, que cortando bem pelo meio da Equinocial este Novo Mundo, o divide igualmente em Meridional e Septentrional, ficando-lhe nas cabeceiras o Estreito ou Istmo de Panamá, de só trinta légoas, pequeno espaço, que impedindo-lhe a comunicação com o Mar Pacífico, constitue e faz comunicáveis uma e outra América, repartidas igualmente em duas grandes penínsulas pelo Amazonas.

É sem dúvida o Amazonas o máximo dos rios, sem injúria dos Nilos, Núbias e Zaires da África, dos Eufrates, Ganges e Indos de Ásia, dos Danúbios e Ródanos da Europa, dos Pratas, Orinocos e Mississipes da mesma América, em cujo meio ou centro o Amazonas se [*ilegível*] gigante, chamado com rezão pelos naturaes Mar branco, Paraná petinga. E se Júlio César prometia ceder o Império a quem lhe mostrasse a fonte do grande Nilo, qual seria o prêmio a quem lhe apontasse a fonte do máximo Amazonas, em cuja compa-

ração aquele se avaliaria pigmeo, ou pequeno regato, e envergonhado, por não poder correr parelhas com este, fugiria a esconder-se na sua pequena mãe? Tem de comprimento (segundo uns) 1800 légoas; e segundo outros 1200. Seguramente podemos seguir a estes, no que toca à sua nevegação, e comunicação; posto que quase todo é navegável até a sua mesma fonte. Disputam alguns autores qual seja a sua própria fonte, e nascimento: porque lhe assignam dous braços; um vem de Norte, e nasce perto da cidade de Loxa no Reino de Quito. Outro braço sae do Sul, e tem as suas cabeceiras na grande Lagoa Laurixoca, que está em dez graos austraes, a leste de Cusco, e a nordeste de Lima, uma, e outra cidade do Peru. É maior este braço, e tem na Lagoa Laurixoca maior fonte; por isso merece em tudo as primazias para ser fonte do Amazonas, e primeiro berço deste grande gigante, o que já hoje é indisputável nos historiadores e geógrafos. Ainda que, se há bichas de sete cabeças, não é muito que este mar natante seja bicha de duas cabeças e gigante de dous braços.

Para se abonar de máximo entre os rios, já na sua cuna, ou fonte se nobilita com o nome de grande, porque desde a Lagoa Laurixoca é navegável como tão bem por todo o seu braço, o qual fazendo um como gancho, ou semicírculo se vai inclinando com as suas vertentes para Norte, e depoes virando para Leste segue o seu curso direito pela linha equinocial, quanto o permitem as suas voltas ordinárias de três, quatro graos, e na volta de maior distância cinco graos ao Sul passando-lhe na boca bem por alto, e pelo meio a linha equinocial, repartindo assim com igualdade aquele Novo Mundo em duas grandes penínsulas, que vai igualmente refrescando, e fecundando até se incorporar com o grande mar Oceano no Cabo do Norte, onde desagoa por duas grandes bocas, ou fozes. A primeira é no Cabo do Norte junto a Caiana para onde deita o maior cabedal das suas ágoas com tanta violência, e valentia, que jogando ou medindo as suas forças com as do mar, o vai impurrando, e fazendo retroceder muitas légoas por ele dentro, onde se distinguem as suas doces ágoas das salgadas do mar; e na verdade esta é, a que propriamente merece nome de grande foz do Amazonas, e compentente boca deste gigante. A segunda boca, ou foz é trinta légoas abaixo do Pará no Cabo da Tigiosa ou Salinas, onde as suas ágoas se tornam a ajuntar ũas com outras; e por isso já hoje as contam por uma só boca, ou foz com largura de 84 légoas, ou 130 segundo outros: mas sejam duas diversas as suas bocas, ou uma equivalente a duas, e mais fozes, nelas perde o Amazonas o nome, o império, e todo o cabedal das suas ágoas, depoes de correr tanto mundo em 1800 légoas. A sua largura mais ordinária são 3, até 4 légoas com fundo proporcionado à sua grandeza, e largura. Sobe-lhe a maré até a longitude estimativa de 300 légoas, bem navegáveis por causa dos ventos nordestes, que nele são contínuos, e geraes. Daí para cima é mais custosa a sua navegação por causa das correntezas, e falta de ventos, que no demais é navegável, como já disse, té as suas cabeceiras, ainda por vasos de alto bordo, e só no seu gancho, ou semicírculo se admite embarcações menores, não por falta de ágoas, fundo, e largura, mas por correr entre pedras, e rochedos.

Tem ũa singularidade o Rio Amazonas, que não será fácil descubrir-se segunda em algum outro rio, ainda dos mais famosos do mundo; e é, que contando tanto mundo no seu dilatado curso, não tem em tanto espaço algũa cachoeira, que tão bem nisto se mostra singular a todos, e para nos intimar que quem nasce para ser grande no mundo, não deve ser arrebatado em catadupas, mas muito pacato, e pacífico, como é o grande Amazonas. Só na altura

de [*ilegível*] tem um estreito, ou aperto, a que os naturaes chamam Pongo, que quer dizer porta, onde o Amazonas com ser gigante se vê em taes apertos, que não podendo desfazer em pedaços as suas colateraes constantes rochas, como envergonhado, foge de si mesmo, e pela sua muita velocidade neste Pongo, que propriamente se pode chamar garganta do Amazonas, é dificultosa a sua navegação para cima por espaço de três légoas, que para baixo se navegam em poucos minutos sem mais mestria, que segurar bem o leme. Sendo tão largo, neste Pongo só conta de largura 150 varas castelhanas, que fazem 600 palmos. Tem outro estreito na altura de Pauxiz, mas não tem semelhança algũa no Pongo, porque tem suficiente largura; e só se chama estreito *respective** à mais largura do rio: nem aqui corre com tanta velocidade que se chegue a diferençar pelos navegantes talvez porque desagoa grande parte das suas ágoas por lagos, que tem grandes, e muitos na altura de Pauxiz para a parte do Sul, e abaixo se vão outra vez encorporando por várias bocas com a mãe do rio. Contudo é tão fundo nesta altura, que ainda ao pé de terra tem para cima de 40, e 50 braças. Tem o Rio Amazonas três caldeirões, ou subversões, onde as ágoas em circunferência andam à roda, e metem a pique tudo o que apanham no seu centro. Disputam os curiosos, se estes sorvedouros, ou caldeirões são alguns canaes por onde as ágoas se comuniquem com outros rios, ou lagos, como são os sorvedouros do Rio Nilo, Alfeo, e outros: ou se são aparentes agitadas por diversas correntezas, onde as ágoas pelejando entre si, e não querendo ceder, saiam naqueles redemoinhos, como sucede em terra no encontro de vários ventos. Tem acima do estreito de Pauxiz um arrecife de pedra, que só se conhece na vazante do rio, e para se navegar para cima se atravessa pela banda do Sul, onde é mais fundo e com menor correnteza. Tem semeadas muitas ilhas pelo meio, e outras muitas pelos lados: constitue muitos, e grandes lagos. Forma muitas, e grandes peninsulas, de que tão bem daremos alguma notícia em capítulo separado.

CAPÍTULO 2º

DESCUBRIMENTO E NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS.

Sempre a cobiça do ouro, e o amor às riquezas foram no mundo o maior incitamento dos homens para as maiores empresas e mais árduas navegações, como no seu tempo o advertiu bem o Mantuano** — *Quid non mortalia*

---

* Lat.: respectivamente.
** Designação do Poeta Vergilio, que nasceu em Mântua.

*pectora cogit, aura sacra fames** — Esta mesma cobiça do ouro foi a causa do primeiro descubrimento, e navegação do Amazonas. Já os castelhanos estavam senhores do Reino de Quito e dos seus grandes tesouros de ouro e prata, mas ainda o seu desejo não estava diminuto, nem satisfeita a sua cobiça, por ser condição desta nunca dizer *suficit,*** e do ouro accrescentar os seus desejos tanto quanto ele cresce: *Crescit amor numi quantum ipsa pecunia crescit**** — Espalhou-se em Quito a fama de que no Amazonas havia um grande lago dourado, cujo ouro era mais que as areas das suas praias, ou que as suas margens e fundo eram tudo ouro. Augmentou-se a fama, e cresceu mais a cobiça, porque além do lago já afirmavam, que nele estava fundada ũa cidade chamada Manoa toda fabricada de ouro, porque de ouro eram as suas casas e tectos, e de ouro toda a serventia dos seus moradores. Esta fama e a cobiça de tanto ouro incitou os ânimos de muitos ventureiros espanhoes a descobrirem tão rica cidade e o tesouro do Lago dourado, em que se prometiam riquezas a montes. Com este projecto sairam de Quito com ũa numerosa tropa de soldados, e esquipados com 900 índios e com proporcionada esquadra de embarcações, equipagem e provimento de víveres, capitaneados por Gonçalo Pizarro. Nunca o Amazonas vira nas suas águas tantas embarcações, nem tão luzido, e numeroso exército; e com rezão se podia jactar ufano de tão nobre hospedagem, a não saber, que não era ele o buscado, mas as suas riquezas; nem se encaminhavam a ele aquelas visitas, mas só ao seu ouro. Navegou Pizarro com a sua grande tropa muitas semanas, e muitos meses, admirando a grandeza do rio, a fertilidade das suas ilhas, e as preciosas matas das suas margens; contemplando a multidão de grandes e caudalosos rios que recebia; os lagos, que pelas margens formava, e as dilatadas campinas que para o centro regava com as suas enchentes. Em umas partes parava a tomar língua, em outras mandava especular o campo; e em todas vinha buscando entre os muitos outros o seu dourado lago, até consumir com os víveres a paciência da sua grande comitiva, que já desesperada da empresa, e desenganada, de que só achava misérias em lugar de riquezas, e muita pobreza em lugar de ouro, persuadio a Pizarro a retirada para Quito, depoes de dous anos de viagem. Contudo poque ainda a fama permanecia, ainda houve ventureiros que se ofereceram ao mesmo descubrimento, e se arriscaram na mesma viagem e tropa, posto que tinham visto o infeliz êxito [de] Pizarro; mas também a estes succederam as mesmas misérias, e desenganos, assentando por fim, que a cidade Manoa era fantástica, e quimérico o lago dourado.

Eu não disputo, se há, ou não o tal lago, e se existe, ou não a rica cidade Manoa: e bem pode ser que seja algum dos muitos lagos que forma não só nas margens, mas pelo centro das matas o Amazonas, sem que atégora se tenha descuberto, pois cada vez mais se vão descubrindo rios, e a cada instante aparecem lagos, sem que haja curiosos que lhe vão experimentar as ágoas e examinar as areas das suas dilatadas praias, porque os navegantes só procuram fazer suas viagens, e aviar o seu negócio, e não fazer demoras arriscadas, e muito menos a exporem-se aos muitos perigos daqueles sertões, habitados só de feras, cobras e dragões; e não é muito que assim se ignorem os centros dos matos, quando ainda as mesmas margens

* No texto latino o verbo se acha na 2ª pessoa do presente do indicativo — *cogis* (cf. *Aeneis,* III, v. 56/57).

** Lat.: basta.

*** Lat.: Na medida em que o próprio dinheiro aumenta cresce o desejo de possuí-lo.

do Amazonas são desertos. Quem só poderia dar algũa notícia são os índios naturaes, e habitadores dos rios; mas como eles não estimam o ouro, nem o conhecem, mal podem dar rezão do lago dourado. Além disto são tão tenazes nos seus segredos, que nem por morte os revelam, e quando conhecem algum desejo ou empenho nos brancos de saber algũa cousa especial, nem [a] pao lha tirarão do bucho. Os autores que escreveram sobre o Rio Amazonas parece assentam em que na verdade há o tal lago e cidade Manoa, e a supõe entre o Rio Negro e o Rio Trombetas: outros no Grande Rio Japorá. A mim porém me parece que se o há, há de estar mais para cima, e junto às suas cabeceiras, por este fundamento. A fama ou notícia que tiveram os castelhanos deste lago e cidade foi pelos índios do Reino de Quito, donde saíram ao seu descubrimento aqueles aventureiros. Os índios não costumavam navegar muito longe, porque lho não permitiam as suas fracas embarcações, que só eram cascas de paos, nem tinham ferros e mais necessários instrumentos para fabricarem outras maiores: logo se sabiam de tal lago ou cidade Manoa, havia de estar perto deles, e nas cabeceiras do Rio Amazonas, ou em algum dos seus primeiros colateraes, e não para baixo do Rio Negro, onde o rio já tem para cima de mil légoas de curso e longitude até as suas cabeceiras. Além disto os tapuias habitantes do Amazonas nem usavam, nem conheciam o ouro, como ainda hoje não o estimam, não obstante a comunicação com os europeos. E se prova bem evidentemente esta verdade porque havendo tantas minas de ouro, como se tem descuberto, e cada vez se descobrem mais no Estado do Amazonas, não consta que eles se aproveitem, nem ao menos apareçam com algumas peças ou adornos para testemunha de que o há, e de que o conhecem; e só no Rio Japorá e Rio Negro se acharam alguns índios com suas lascas nas orelhas, mas tão brutos índios e ouro, que bem mostravam o seu pouco uso, e muito menos para fabricar paredes, tectos, casas, cidade e suas serventias, como contava a fama em Quito, e como ainda hoje a supõe os autores.

Accresce mais que só no Império do Peru, falando de todo o Estado do Amazonas, se conhecia, fabricava, e estimava o ouro, porque já os seus naturaes índios, chamados incas, viviam com polícia, economia, e leis, debaixo de ũa só cabeça que os governava *more monarchico,** e em cujas cidades, fortalezas e poder acharam os castelhanos imensidade de ouro, como em seu lugar direi. E como este Império do Peru comunica imediatamente com o Reino de Quito, mostra a razão, que também em Quito haveria o mesmo conhecimento, e estimação do ouro; e por isso poderam informar aos castelhanos da dita cidade Manoa, e seu lago dourado; e não os mais habitantes pelo Amazonas abaixo, que não o conheciam, nem podiam comunicar com os de Quito e Peru pela *longitud,* não usando entre si comércio algum: nem para tão comprida navegação eram aptas as suas embarcações de cascas de árvores. Se não quisermos discorrer, que Deus não permite o descubrimento do tal lago, para evitar os inconvenientes que ordinariamente se originam das riquezas do ouro, e das minas: pois por causa das bulhas, que de algũas se tem originado, de repente tem Deus sumido o ouro, como afirmam os mineiros; e por isso o tem occulto aos homens, como tem o paraíso terreal, desde que nosso primeiro pai, Adão, foi dele expulso pelo seu peccado, sem que ninguém o tenha descuberto em tantos mil anos que há da fundação do mundo; nem ainda possa afirmar, aonde está de certo, e contudo sabe-se de certo a sua existência e permanência. O mesmo incanto

* Lat.: Em regime monárquico.

tem a Ilha Atlântica, de cuja existência há grandes fundamentos, provas, e signaes, como dizem os autores; e contudo por mais que se empenhem os pilotos em buscá-la, não dão com ela; como tão bem, com muitas outras, que se sabe de certo, que as há, mas tão occultas, que se não acham. O mesmo sucedeo à América: quem diria que ũa tão grande porção de terra tamanha como as três partes do mundo; e por isso com muita razão chamada o Novo Mundo, havia de estar tantos mil anos occulta aos homens, quantos vão desde o princípio do mundo té o de 1500, [pouco] mais, ou menos; e tão occulta, que dela não havia suspeita nem fundamento, ou signaes? Pois se Deus encubrio tantos mil anos aos homens um mundo, e se ainda hoje encobre muitos outros, e o mesmo paraiso, que muito encubra ũa cidade em um lago, onde há tantos encubertos? De alguns já descubertos, e que merecem especial menção, darei notícia em capítulo particular.

Este lago, e esta cidade ou sonhada ou verdadeira foi o motivo do descubrimento deste grande gigante; e todo o fructo que tirou da grande tropa e dilatada viagem o Pizarro, e os mais que depoes o intentaram: e na verdade podiam dar por bem empregados os seus disvelos, só por este descubrimento, a não terem morrido tantos na empresa; pois de tão numerosa tropa do Pizarro, apenas escaparam uns poucos, que puderam dar notícia do Amazonas e seus colateraes, do seu dilatado curso, estendidas praias, e embrenhadas matas. Havida esta notícia, se animaram outros, não já pela cobiça do ouro, mas pela curiosidade, e desejo de verem, admirarem, e tomarem bem as medidas a tanto rio, e melhor indagarem, a empreenderem a viagem até à sua foz, e boca.

CAPÍTULO 3º

DA CAUSA E ORIGEM DO SEU NOME.

Na sua tropa e dilatada viagem encontrou Pizarro vários obstáculos, e não foram os menores a imensidade de selvagens tapuias, que por vezes o assaltaram nos seus arraiaes, e ainda pertendiam empedir a navegação? Além dos mais lhe disputaram, a navegação e a viagem um exército de mulheres, que pelas alturas do Rio Trombetas lhe saíram ao encontro em inumeráveis canoinhas, feitas de cascas de árvores, jogando com destreza os seus arcos, e frechas, e pelejando com ânimo varonil; e posto que cederam as bocas de fogo dos arcabuzes, as que puderam escapar com vida, contudo mereceram por guerreiras o nome de Amazonas, com que os espanhoes as apelidaram, por serem em tudo semelhantes as antigas Amazonas de que fala Virgílio. Porquanto viviam sós, e tão bem sós pelejavam com os índios seus contrários, e só admitiam em certos tempos a seus maridos, que viviam distantes e se-

parados, e quando as vinham visitar sempre elas os recebiam armadas de arcos, e frechas, até se certificarem de que eram os maridos, e não contrários. Tinham a sua povoação entre os Rios Negro, e Trombetas, ou Pauxiz sobre o Amazonas; porém vencidas dos espanhoes na peleja se retiraram fugindo por algum dos ditos rios, nem se deram por seguras senão no centro, ou cabeceiras: nem há mais notícia se existem, deixaram porém abalizado o seu nome ao rio, [que] desde então se principiou a nomear Amazonas, que já hoje é o mais comum, e universal, posto que propriamente só se chama Amazonas desde o Rio Negro para baixo até a sua foz. Desde o Rio Negro, ou Madeira para cima, lhe chamam os portugueses Solimões, e os espanhoes Orelhana, cuido que até o Pongo: a causa de chamar-se Solimões foi por habitar naquelas alturas a nação chamada Solimões, que parece era a mais numerosa naquele destricto; e por isso propriamente se não diz Rio Solimões, mas Rio dos Solimões: é o nome, que usam, e lhe dão os portugueses, comum já hoje sem lembrança algũa de Orelhana. Pelo contrário os espanhoes lhe chamam Orelhana sem respiciência algũa a Solimões; como também os autores, e geógrafos daquele rio, que só fazem menção dos três nomes Amazonas, Orelhana e Maranhão. Veio-lhe pois o nome de Orelhana de um capitão da tropa de Pizarro, assim chamado, o qual mandado adiante a ũa certa paragem, onde supunham ũa grande povoação, para preparar nela arraial, refresco, e víveres ao exército em um iate, enquanto ele com mais demoras vinha comboiando a mais tropa. Porém o Capitão Orelhana não achando a dita povoação, e parecendo-lhe difícil a volta para cima, ou retirada, nem querendo sujeitar-se às incertas demoras da tropa, se animou intrépido a seguir viagem, e descubrir com mais brevidade todo o rio até sair na sua foz, donde partio logo com bem delineado mapa de todo o rio, e curioso diário do que tinha observado para Castela, onde alegou serviços, pedio augmentos, e alcançou mercês; deixando com a nota da infidelidade afamado o seu nome naquele grande rio, que desde então se começou a chamar Rio Orelhana, como ainda hoje conserva nos espanhoes desde a foz do Rio Madeira, ou Rio Negro até o Pongo.

Desta mesma tropa de Pizarro lhe vem o terceiro nome de Rio Maranhão, porque chegando os descubridores, ou exploradores da tropa ao lugar premeditado, e não achando os aprestos, e víveres que supunham, nem o Capitão Orelhana, mas só um oficial a quem deixou Orelhana, por não aprovar o seu desígnio, e do qual souberam a sua resolução, de tal sorte desanimaram da sua empresa, que acordaram todos dar a viagem por acabada, e voltar para Quito. Melhor acerto seria em continuarem rio abaixo, como fez Orelhana, e teria melhor êxito a sua derrota; porém receando, que ainda se prolongasse a viagem, por ignorarem quanto distava a sua foz, determinaram voltar para cima. Eram as correntezas, que tinham de vencer, grandes, a viagem dilatada, as forças debilitadas, e os víveres já acabados: postos em tal consternação determinaram saltar em terra, e por ela atravessarem direitos até Quito, onde finalmente chegaram alguns poucos, deixando enterrados os mais pelo centro dos matos, pelos lagos, e pântanos, que passavam, e por onde só vivem feras, dragões, cobras e lagartos. Foi Pizarro com aqueles poucos companheiros que escaparam, recebidos com muitos vivas, e festas, como homens resucitados, porque já os supunham todos mortos; e perguntados pelo que tinham visto, e observado, e que notícias traziam do lago dourado, e da rica cidade Manoa? respondiam que tudo eram maranhas, e mais maranhas: queriam dizer, que tudo eram matos, lagos, pântanos, voltas,

rodeios, e laberintos, por onde tinham andado embaralhados. Foi-se divulgando pouco a pouco o nome maranhas, até que ficou com algũa mudança perpetuado no rio o nome Maranhão; e assim o chamam os castelhanos propriamente desde o Pongo até as suas cabeceiras, e com o mesmo nome o descrevem os historiadores. Há outro rio chamado Maranhão, que desagua no Rio Tocantins, como diremos em seu lugar; mas ainda que é grande e caudaloso, é regato a respeito deste Maranhão, Orelhana [ou] Amazonas, que pela sua grandeza, *longitud*, e muitas ágoas, se faz digno de ser chamado um mar natante, o máximo e monarca dos rios, e merecedor de muitos nomes, e multiplicados títulos.

CAPÍTULO 4º

NOTÍCIA DOS PRINCIPAES RIOS, QUE RECEBE.

Corre o Rio Amazonas por entre grandes serranias, que de ũa, e outra parte o vão cingindo, e lhe tributam em muitos rios as suas ágoas. Da banda do Sul tem as grandes serranias a que os portugueses chamam Chapada grande, ou Moça dos figos: os castelhanos as chamam Mantiguera, e são as terras mais altas de toda a América castelhana, e portuguesa. Da banda do Norte as serras chamadas do Paru, que desde a sua foz o vão acompanhando até se comunicarem com as cordilheras de Quito; e fazem estas serras ũa tão bela perspectiva à vista dos que navegam o rio, como ũas boas e bem feitas almofadas: ou uns grandes taboleiros dispostos bem ao olivel da balança e medidas do compasso, divididos uns dos outros por valas, ou vales, que entressacham com bem justa conta de quebrados. Das suas dilatadas campinas, riquezas, e mais belas propriedades e circunstâncias dignas da história diremos em separado capítulo em outro lugar: neste só diremos alguma cousa das suas muitas ágoas, que tributam ao Amazonas. Se do grande Briareo diziam os poetas ser gigante de cem braços, porque a tantos equivalia nas agigantadas forças, com mais verdade podemos chamar gigante de cem braços ao Amazonas, porque tantos, e mais estende pelo centro da terra dentro nos muitos rios, que recebe. E porquanto seria cousa dificultosa descrevê-los todos, e tão bem escusada, por serem quase todos semelhantes, só diremos de alguns mais principaes; e principiando pelas suas cabeceiras, e banda do Norte; o primeiro rio que recebe é, o que alguns cuidaram ser a sua fonte, dando motivo aos historiadores a litigarem: qual deva ser o seu nas-

cimento, e mereça a regalia de própria cabeça, e principal cuna do Amazonas: se este, ou o braço estendido para o Sul, e que lhe vem da Lagoa Laurixoca? E ainda que este por maior, e mais a Oeste obteve para si os votos da preferência; o nosso, que quase o iguala na grandeza cabedal de ágoas, ainda agora corre murmurando da sentença. Desce este rio da banda de Norte, e tem as suas cabeceiras perto de Loxa, cidade do Reino de Quito.

O segundo rio que recebe o Amazonas da banda de Norte, é o Rio Santiago, caudaloso e navegável por algũas semanas: desce do mesmo Reino de Quito. Depoes dele desagoam no Amazonas muitos outros, entre os quaes avultam muito uns três por muito caudalosos, e todos eles descem das cordilheras de Quito. Para o que é necessário advertir, que as ditas serranias de Quito, que são, como já dissemos, as terras mais altas de toda a América, estão tão cheias de neve, que todas as noites, e madrugadas recebem (não estou certo, se em todo o tempo do ano) que todos assentam, que o grande cabedal de ágoas que tem os rios supra, e muitos outros, são procedidos dela. Quão alta seja naquelas serras, declaram bem os cosmógrafos, que nelas há poucos anos fizeram as suas observações, por parte das Academias das Ciências Francesa e Espanhola, os quaes para pela manhã poderem sair das choupanas, ou barracas, era necessário, que os índios do seu serviço lhes fossem primeiro expedir as portas do entulho da neve, que caía cada noite, com enxadas; e sem esta precaução era impossível a serventia, como eles bem a sua custa experimentaram ũa noite, vez, em que os ditos índios tinham desertado, e fogido por não poderem soportar o frio da noute, não obstante terem os seus tujupares, ou tugúrios em um vale ou fralda da montanha, e com o subsídio de fogueiras, etc. E morreriam como enterrados em neve os cosmógrafos, a não se lhes mandar logo soccorro, conhecida a falta: e como a neve é em tanta cópia, por isso nos rios avulta tanto a ágoa; e as mesmas grandes enchentes do Amazonas destas neves procedem em grande parte. Abaixo destes, e outros muitos rios menores, está a grande boca do Rio Napo, que tão bem nasce nas cordilheras mui perto da cidade de Quito: é navegável até Arquidona por mais de um mês de viagem. Por terra é mais perto deste porto de Arquidona para Quito do que pelo rio acima, mas por razão de serranias serão como doze dias de trabalhosa jornada. Até este rio eram algum dia senhores os portugueses, porque nele tinha posto o termo de divisão, entre as duas coroas portuguesa e espanhola Pedro Teixeira, e dele tomou posse em nome da Majestade Fidelíssima, do que se passou termo, e certidão em Quito. Ignoro a causa de incurtarem agora o termo de limites até o Rio Japorá, como logo veremos.

Ainda é maior, e mais célebre o Rio Içaparaná, que desagoa no Amazonas, abaixo do Rio Napo muitos dias de viagem: a grandeza deste rio se pode bem conjecturar da sua comprida navegação de 60 dias para cima, de cujo jaez são muitos rios, dos que recebe o Amazonas; e se os colateraes são tamanhos, qual será o Amazonas? Do mesmo tamanho, ou ainda maior é o rio, que se segue abaixo deste 30 légoas, e é o famoso Rio Japorá com tantas ágoas que não lhe bastando para as vomitar no Amazonas ũa só boca, deságua por cinco e cada uma tão grande, que fizeram cuidar a muitos

serem cinco diferentes, e distinctos rios com tanta distância de ũas às outras, que desde a primeira até à última são 30 légoas; e tão comprida a sua navegação, que em algũas passa de 20 dias de viagem, mas se diz, que finalmente saem todas, ou nascem de ũa só mãe, ou rio, navegável para cima de 60 dias de viagem. Na primeira boca mais occidental se tem já determinado o termo de limites entre as duas potências por aquela banda do Norte; a navegação porém comũa a ambas as Coroas é até o Rio Javari, 50 légoas acima, onde está a divisa pela parte do Sul, como diremos abaixo, falando dos rios, que desagoam desta parte do Sul. Segue-se o grande Rio Negro, que é o maior, e mais famoso, que recebe o Amazonas da banda do Norte, e se tem feito mais célebre, por ter sido campanha de vários arraiaes. Primeiro da tropa de resgates, para comprarem os índios que seos contrários apanhavam, e nutriam em curraes, e de que iam comendo muito alegres: Segundo da tropa de limites, em que se haviam de ajuntar os plenipotenciários das duas Coroas para a nova demarcação, e termo de limites; e desde então elegido este rio em cabeça de comarca, e de novo governo, mas parece que sujeito ao do Pará. Além disto se faz célebre o Rio Negro pela sua comprida navegação para cima de 75 dias, e ter comunicação com o Rio Esquibe até Suriname, e com o grande Rio Orinoco até Santa Marta, província, e governo de Cracas, célebre pelo seu cacao cracas, de que tomou o nome: comunica-se mais com o Rio Japorá supra, por meio de um esteiro ou braço. Desagoa neste Rio Negro o Rio Branco da parte de Leste com curso totalmente contrário ao Amazonas, e desta contrariedade se vinga bem o Amazonas metendo-o em correntes junto com o seu padrinho o Rio Negro, onde desagoa. Por este Rio Branco contratam os holandeses de Suriname com os índios do Rio Negro, de que se tem achado várias provas dos mesmos índios, como bandeiras, armas, ferramentas, e vários outros signaes. Na boca deste Rio Negro tem os portugueses a última fortaleza da banda do Norte. Todos estes três grandes, e caudalosos rios, Içaparaná, Japorá e Negro, descem das mesmas serranias, ou cordilheras, que estão ao Norte de Quito, entre esta cidade capital e a cidade de Popayán. O seu curso, como também o de Napo, e mais rios acima, é de Oeste a Leste, e depoes viram a Sul.

Abaixo do Rio Negro dous dias de viagem desaguam no Amazonas o Rio Urubu, navegável até 15 dias: depoes dele o Rio Seracá, até 5 dias de viagem. Tem estes rios nas suas bocas ũas muito grandes, e estendidas praias, célebres por serem o desovamento das tartarugas; e por isso muito frequentadas dos portugueses, que dos seus ovos fazem manteigas, de que saem todos os anos muitos mil potes, e grande provimento de tartarugas, como adiante diremos. Segue-se a este o Rio Anibá, tão bem pequeno, e terá pouco mais, ou menos a mesma navegação de 4 té 5 dias de viagem. Abaixo o Rio Trombetas, mais avultado, que os três supra, e terá 10 até 12 ou 15 dias de navegação. Entre estes três, ou quatro rios, dizem alguns, estava o célebre lago dourado e rica cidade Manoa; e tão bem as famosas Amazonas, que deram nome ao rio, e que sobindo e fogindo por um deles acima, se foram esconder nas suas cabeceiras, ou centro dos matos. Abaixo do

Trombetas está o segundo estreito do Amazonas, de que falamos acima; e se ao primeiro no Pongo, por ser ainda mais perto das suas cabeceiras, chamamos garganta, a este segundo podemos chamar a sua cintura. É tão fundo aqui o rio, que ainda nas suas margens acha o plumo para cima de 50 braças, mas é bem navegável para cima, porque não tão fortes neste, como no primeiro as suas correntes, já por ser mais largo, e já porque o rio desagoa antes dele muitas ágoas para muitos lagos, que vai formando pela banda do Sul, e torna a recolher em baixo. Tão bem os navegantes tem até aqui o subsídio dos ventos geraes, quase contínuos, e o fluxo da maré, que ainda aqui chega. Sobre este estreito, ou cintura tem os portugueses outra fortaleza, chamada Pauxiz, na bela situação de um rochedo, varejando com as suas balas toda a largura do rio, e talvez por isso seja a mais importante daquele Estado. Todos os mais rios, que recebe da mesma banda do Norte, posto que muitos são de pouca consideração por lhe ficarem muito perto as serranias, e por nestas não cair neve, como nas cordilheras de Quito. Um é o Rio Jamundá: abaixo o Rio Surubiú, ambos de 5 até 6 dias de viagem, e muitos célebres pelos seus muitos lagos e ilhas, onde titubeam os mesmos palinuros. Abaixo o Rio Toaré, e depoes o Rio Paru, onde está outra fortaleza do mesmo nome Paru; e dela e do nome chamaram as suas altas serras, que aí correm mais vizinhas ao rio, as serras de Paru. Seguem-se para baixo de Paru o Rio *[em branco no manuscrito]* abaixo Macu, depoes Araguari, e alguns outros todos de pouca monta, e de pouco cabedal pelas rezões ditas, e terão a mesma pequena navegação de 5 até 6 dias de viagem. O último rio, que recolhe o Amazonas da banda do Norte, que é o mais a Leste, e vezinho à sua foz, é o Rio de Vicente Pinçón, ou Yapoc, segundo o vocábulo dos naturaes: não é muito caudaloso, porém é dos mais célebres, e nomeados; por ser o termo e baliza entre as duas Coroas Portuguesa, e Francesa de Caiana. como se ajustou no Tratado de Utrech[t]: da sua foz até Caiana é pouca distância de só *[em branco no manuscrito]* de viagem. Estes são os principaes rios que desaguam, e recolhe o Amazonas da parte do Norte. Dos rios que desagoam nestes mesmos colateraes, das suas riquezas, povoações, e índios, especialmente nos Rios Negro, Japurá, Içaparaná, Napo, Santiago, e outros mais caudalosos, faltam-me as notícias por me faltarem os livros, onde os curiosos as poderão ler, enquanto eu gemendo e chorando opresso com o peso da minha cruz, submergido, e enterrado vivo no funesto sepulcro, e subterrânea cova da minha prisão vou pedindo a Deus piedade, e misericórdia; e que com a sua se digne santificar a minha cruz.

Tão bem do fenômeno pereroca, que tem na sua foz o Rio Amazonas, e Vicente Pinçón, digno por certo de ser contado nas Histórias, como cousa rara e portento da natureza, daremos adiante alguma notícia, posto que já nos livros ande, especialmente no *Diário* de Monsieur Condamine. Como também da nova cidade de São José de Macapá e da sua fortaleza. Agora só procurarei dar alguma notícia dos rios, que o Amazonas recebe da banda do Sul, seguindo a mesma ordem, e principiando pelas suas cabeceiras, como fizemos relatando os do Norte, posto que também deles me faltam as indivíduas notícias, especialmente dos primeiros e mais occidentaes.

CAPÍTULO 5º

DOS RIOS QUE RECEBE O AMAZONAS DA PARTE DO SUL.

Suposta a notícia, que já demos das grandes serranias, que de ũa e outra parte acompanham o Amazonas, posto que da banda do Sul mais distantes, chamadas já Chapada grande, já Moça dos figos; já Cordilheras e Mantiquera, etc; e suposta também a notícia do primeiro braço, e sua fonte na Lagoa Laurixoca, competente mãe para tão agigantado filho, onde o Amazonas se aparta da equinocial 10 graos ao Sul; deixados também vários rios que ele reputa por riachos, posto que na Europa, e não menos na Ásia, sem muita dificuldade e sem muito regatearem, alcançariam o título de grandes, como na verdade o são, e alguns de muitos dias de viagem, relatando só os maiores. O primeiro rio, e rio de maior nome, que desta parte austral entra no Amazonas, é o Rio Ucaiale, que desagoa abaixo do Pongo, onde já o rio conta *[em branco no manuscrito]* légoas de *longitud*. É tão grande este rio, que parece quer jogar os encontros, e as lutas com o Amazonas, disputando com ele pontos de grande, ou ao menos de igual; e é tão contumaz, que não se accomoda com menos, do que correr parelhas com ele até o mar, mas alfim o Amazonas o mete em correntes, como a vassalo rebelde. Nasce este Ucaiale perto da cidade de Cusco, corte afamada dos imperadores incas, bem célebres pela extensão do seu grande Império, multidão de vassalos, e pelas suas muitas riquezas de ouro, e prata; distinguindo-se dos mais índios, em viverem, e regerem já o seu governo com a economia de leis civis e políticas. É navegável por mais de 50 dias; tem muitos outros rios, que nele desagoam, e com que se faz caudaloso. O segundo rio, também grande, e caudaloso, é o Rio Javari, último termo dos domínios portugueses da parte do Sul, ainda que da banda do Norte é 50 légoas mais abaixo, na primeira e mais occidental boca do Rio Japorá; e nestas 50 légoas é a navegação comũa aos vassalos de ambas as Coroas. Nasce na Mantiquera no mesmo Império do Peru, e é navegável para cima de 30 dias. Abaixo do Rio Javari desagoa no Amazonas o Rio *[em branco no manuscrito]* maior que os dous supra, navegável para cima de 50 dias. Nasce na Mantiquera. Abaixo desagoa o Rio Tefé, mais pequeno, assim na navegação, como no seu cabedal; pois só será navegável até 10 dias de viagem. Como também o Rio Coari, que abaixo dele se segue, e ambos ficam defronte das cinco grandes bocas do Rio Japorá, além de muitos outros grandes ribeirões. Tem abaixo o seu séquito o Rio Purus, assim chamado pela nação dos índios purus, que nele habita e em seus grandes lagos: é de comprida navegação para cima de um mês, e nas suas cabeceiras, dizem que há grandes, e excelentes campinas, onde se apascentam grandes manadas de gado vaccum pastoreado, como alguns dizem, por gente a cavalo, ou sejam índios, ou castelhanos. Tem este rio grandes praias, e muitos lagos, sobre os quaes vivem em seus tijupares os índios purus, e outros. Abaixo deste desagoa o Rio Madeira, fazendo maior figura que todos os mais supra: pelo que houve historiadores que escreveram ser este o próprio Rio Amazonas, a quem o Rio Madeira se sujeita, vangloriando-se de ter, como o mesmo Amazonas, duas bocas, e mais que ele três cabeças, ou braços. O primeiro vem de Oeste chamado Beni: o segundo do Sul, e se chama o Rio Mamuré nasce

perto da cidade de Santa Cruz de la Sierra. O terceiro vem de Leste, e nasce na Chapada grande, ou Cume da Serra, entre Mato Grosso, e Cuiabá; e se chama aí o Rio Guaporé. Desaguam nele muitos outros rios de ũa, e outra banda; entre eles é célebre o Rio dos Diamantes, de que falaremos adiante. É navegável o Rio Madeira para cima de dous meses, e meio de viagem. Tem muitos, e grandes lagos; e por eles se comunica com o Rio Purus. É a estrada seguida dos mineiros, e mais moradores do governo, e minas de Mato Grosso; e por ele descem, e sobem a fazer os seus provimentos à cidade do Pará, por lhes ficar muito em cômodo, e evitarem as grandes, e molestas demoras que antes experimentavam pelo Rio de Janeiro. Tem um (um) sorvedouro, com que parece quer intimidar, e está ameaçando aos mineiros e navegantes: mas debalde, porque a cobiça do ouro os faz desprezar todos os perigos, e tão destemidos, que nem da boca, sorvedouro, e formidável caldeirão do inferno, temem. Tem algumas catadupas, das quaes a maior é a primeira que de nenhũa sorte dá passo aos navegantes, por muito alta; em cujo destricto puxam por terra as embarcações e transportam as suas cargas, e passada, se tornam a embarcar e proseguem viagem. É igualmente comũa a portugueses, e espanhoes a sua navegação das cachoeiras, ou catadupas para cima.

Abaixo do Rio Madeira té o Rio Topajós desagoam vários rios menores, como são o Rio Andirá, o Rio Maguá Meri, e o Rio Maguêaçu, que é o maior; célebre pelas suas minas de ouro, há pouco descubertas. Todos são rios de poucos dias de navegação. Abaixo deles está o estreito de Pauxiz, ou cintura do Rio Amazonas. Além de outros menores, desagoa abaixo o Rio Topajós; e na verdade é um dos mais avultados, que da banda do Sul recebe o Amazonas. Tem este rio as suas cabeceiras muito perto das minas de Cuiabá, que tomam o nome do Rio Cuiabá, que tem o seu curso para o Sul, e se vai meter no Rio da Prata; e talvez que pelo Rio Cuiabá, ou algum outro tenha o Rio Tapajós comunicação com o Rio da Prata; pois consta que na verdade há a tal comunicação, posto que ainda não se sabe de certo por qual rio; se pelo Topajós, ou pelo Madeira, de que falamos supra? E quando não seja por este Rio Cuiabá, ao menos se afirma estarem vezinhas as cabeceiras de um e outro rio. Recolhe o Rio Topajós de ũa, e outra banda muitas e grandes ribeiras, e alguns rios de nome, especialmente da banda de Nascente. Tem duas fontes, donde nascem os Rios Juína, e Juruana, que fazem barra ao mesmo tempo, e perdendo nela os seus nomes, encorporados dão princípio, e nome ao Rio Topajós. O Juruana vem de Oeste; e parece nasce junto das minas de Mato Grasso. Da banda de Leste é célebre o Rio dos Arinos, pelas suas minas de ouro, e diamantes, de que falaremos adiante. É o rio Topajós navegável té as suas cabeceiras; porém com alguma dificuldade nas suas catadupas, e daí para cima, onde corre muito violento, por não atender ao grande precipí[ci]o, que nas cachoeiras o espera: bem como os pecadores, que não atendendo à grande queda, que os espera no fim da vida, para o inferno, correm sem freio nos seus vícios, *nullus est qui recogitet.**
Contudo não são as cachoeiras do Topajós tão medonhas, como as do Rio

* Lat.: Ninguém há que reflita, Jer. 12,11. O texto latino diz: ...*quia nullus est qui recogitet corde.*

Madeira porque se podem navegar para cima facilmente no tempo da enchente, e ainda na vazante em embarcações pequenas. Quase na sua foz forma grandes baías, onde recolhe o Rio Cumane, que nele desagua da banda de Oeste: é de poucos dias de viagem. Desagua o Rio Topajós no Amazonas com tanto ímpeto, que por um grande espaço se conhecem divididas por ũa corda as ágoas de um e outro: ou porque quer mostrar, que ainda à vista do Amazonas é rio grande; ou que é rio de distinção. Já para cima da sua foz, cousa de duas légoas, tem um furo para o Amazonas, bem pelo meio de ũa lingoa de terra, capaz de grandes embarcações em todas as estações do ano: excepto na boca, que nas secas do verão, quase fica em seco. Nesta boca do Topajós está ũa fortaleza, que é a primeira rio abaixo da banda do Sul.

Abaixo do Topajós se segue o Rio Coroá, cousa de 2 ou 3 dias de viagem. Abaixo dele o Rio Goncari; depoes o Rio Aiquiqui, todos três menores, e de poucos dias de viagem. Abaixo de Goncari, ou entre este, e Aiquiqui, vão dous esteiros até o Rio Xingu, ordinários caminhos dos navegantes, por se livrarem das costas e bravas baías do Amazonas. Todos estes três rios e o Topajós, não obstante a sua grande correnteza, são por muitas légoas mais dificultosos de navegar para baixo, que para cima, por causa de grandes ventanias, que lhes sobem do Amazonas: tanto, que a noite vem às vezes os navegantes na paragem, em que estiveram a madrugada: e por vezes tem sucedido gastarem para baixo 6, e 8 dias em tão pouco espaço, que para cima se navega em pouco mais de 3, ou 4 horas. Segue-se já o Rio Xingu, que é um dos mais célebres, e de maior nome, dos que recolhe o Amazonas da banda de Sul, por grande, largo, e de comprida navegação, por mais de um mês. Nasce na Chapada grande, entre as minas de Goiases e Cuiabá. Recolhe muitos rios, e ribeiras, entre os quaes é célebre o Rio Claro, chamado paiol de diamantes. Tem o Xingu suas cabeceiras, como as do Rio Topajós. Desagoa no Rio Xingu, não muitos dias de viagem, o Rio *[em branco no manuscrito]* pequeno, em que os naturaes não querem entrar, por ser (dizem eles) infestado, e possuído do diabo. O mesmo sucedia a outro mais acima, antes que um missionário jesuíta nele fizesse os exorcismos, depoes dos quaes se principiou a navegar, e frequentar. Pouco acima da sua foz tem o Xingu um arrecife de pedra, que quase o atravessa de ũa, à outra banda; mas só se conhece na vazante do rio, e ainda então dá boa passagem aos navegantes, se os pilotos são acautelados. Tem na sua boca a fortaleza do Gurupá, a mais célebre de todo o Amazonas, a que vão a registrar-se todos os navegantes do rio. Abaixo do Rio Xingu, e fortaleza do Gurupá, está a boca do Rio das Areas, tanto mais merecedor do seu nome, quanto menos digno das nossas atenções: pois passando em claro muitos outros, em cuja comparação fica ele, como na verdade é, sendo um regato, tão bem devia ficar escondido nas suas areas; porém teve a fortuna de já ser nomeado nas Histórias, e por isso se faz agora também precisa a sua notícia. Pouco abaixo do Rio das Areas se divide o Amazonas em dous braços: um, e é o mais principal, vai para o Norte, e desagoa junto a Caiana, onde recebe ainda algumas ribeiras da banda do Sul da Ilha Marajó. E com o grande peso das suas ágoas corre o Amazonas para o mar tão ufano, e soberbo, que faz recuar as suas ágoas por muitas légoas, bem conhecidas, por conservar doces as suas ágoas, e de que os mareantes fazem agoada: mas finalmente cede ao grande Neptuno o principado do mar, contente de ser ele o monarca dos rios.

CAPÍTULO 6º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA.

O segundo e menos principal braço do Amazonas é o chamado Tajupuru, esteiro usual, e universal de todo o dilatado Estado, e Governo do Pará, de cuja cidade distará pouco mais de sete, ou oito dias. Corre este braço entre Leste e Sul, e até à cidade vai formando muitas e grandes baías, e istendendo por elas os seus dedos de gigante, com que vai apontando inumeráveis ilhas à direita e esquerda, até chegar a formar a grande Baía de Guaricuru, onde não se contentando com se espraiar nela com as suas ágoas, já antes lhe manda um furo, que vai sair no fim da mesma baia. Logo estreitando-se, ou espremendo-se a ũa como garganta, onde rega, e refresca um grande manjaricão em ũa pequena ilhota, se torna a espraiar em outra grande baía, onde recebe os dous Rios Guanapu, e Pacajá; e posto que não são dos maiores, porque terão o primeiro até [doze], e o segundo até quinze dias de viagem, são contudo dos mais célebres por terem sido teatro dos zelos, e fervores de vários missionários para tirarem das suas margens muitas nações de índios para o grêmio da Igreja. Nesta baía desagoa outro braço, que do Rio Xingu atravessa, e divide em ilhas aquele grande torrão. Com as ágoas destes dous rios, e daquele furo do Xingu e algumas outras ribeiras, já mais soberbo, e avultado recua para trás a continuar sua viagem, saindo da baía de Guaricuru, por entre ilhas, a encorporar-se com a mãe, que vai correndo com curso direito, e logo ao sair das ilhas recebe as ágoas do Rio Jacundá, de oito ou poucos mais dias de viagem. Tão bem recolhe muitas ágoas, que no Tajupuru se tinha dividido em muitos dedos, e por ribeirinhas se tinham occultado por entre as ilhas. Já mais potente se torna a espraiar em grandes baías até a chamada Maruiaru, onde torna a receber mais ágoas do Rio Aratuu, de pouco mais de oito dias de navegação. Assim rico com tantas ágoas as vai repartindo por imensidade de ilhas até as grandes baías do Limoeiro, e Marapatá, onde se encontra com as ágoas do grande Rio Tocantins, para onde já se comunica com um pequeno furo, chamado do Limoeiro, estrada quase universal, e segura para os navegantes, por fogirem as correntes, e ventanias da costa: mas nas vazantes das marés dão em seco no meio dele os incautos palinuros, especialmente nas ágoas vivas, e se vem obrigados a esperarem as enchentes da maré, para poderem surgir. Estas duas famosas baías, são formadas das ágoas do Rio Tocantins, o qual é tão grande, que à sua vista ficam como exinanidas as ágoas deste segundo braço do Amazonas: e por isso contendem os mais práticos do País, que já daqui até o mar, se não devem chamar ágoas do Amazonas, mas Rio Tocantins, e só dele, e a ele se devem atribuir as grandes correntezas, e baías, que vai formando até a barra. Porém sejam embora estas baías do Limoeiro, e Marapatá a sua foz, e grande boca de tres légoas de largo, depoes de ter corrido tanta terra, quanta vai da Chapada grande, onde também nasce o Rio Paraíba, que tomando outro rumo, vai levar as suas ágoas ao mar, onde desagoa entre Maranhão e Pernambuco. É de comprida navegação de cem dias de viagem: assim ele não fosse tão rápido, e acelerado pela sua grande cor-

renteza e cachoeiras; e por causa delas é pouco frequentado, quando *aliunde** podia ser o mais seguido, por ser o caminho mais breve, e cômodo para todas as minas. Vangloria-se o Tocantins de já nascer grande, porque logo desde a sua fonte a pouco mais de três tiros de espingarda, de nenhũa sorte dá vao, ainda na maior estação do verão. Recolhe o Rio Tocantins muitas ágoas (ágoas) em muitos rios: Tem quatro braços, ou ramos principaes. O primeiro é o Rio Maranhão, cujo curso é de Sul a Norte, e depoes de se engrossar com outros mais pequenos, vira para Leste, onde se mete no Tocantins. O segundo é Paraná, ou Paranatinga, com curso de boas 100 légoas até a sua fonte, que é na Chapada grande, onde chamam a Itiquira: o seu curso é também de Sul a Norte, e também recolhe muitos outros rios, todos navegáveis. O terceiro braço é o Rio do Somno, e tem o seu curso, quase de Leste a Oeste, e depoes de se engrossar com muitos outros, se mete no Tocantins, aonde este já tem para cima de 300 légoas. O quarto braço é o Rio Araguaia, quase tamanho como o Tocantins. Desce desde as minas dos diamantes, perto do Rio Pilões, que corre adiante da Serra Dourada para a parte de Oeste. Desagua no Tocantins pouco acima do seu grande lago, que forma perto da sua foz. Porém para maior clareza do Rio Tocantins, e notícia dos curiosos, o darei a conhecer em um mapa, com os seus principaes braços, e rios: advirto, que se não apontam muitos, por mais pequenos, sendo que na Europa seriam famosos; como tão bem muitos outros ainda incógnitos, por causa do tapuia bravo.

1º Nascimento, e fonte do Rio Tocantins, que por linha obliqua tem para cima de 400 légoas, e nas primeiras 50, ou mais corre de Sul a Norte: e outras 50 de Oeste para Leste, e daí fazendo um ângulo, ou arco, inclina outra vez para Norte até a sua foz. 2. Rio Maranhão primeiro braço do Tocantins: nasce na Chapada, e tem o seu curso de Sul a Norte, cousa de 50 légoas, e daí fazendo arco, e voltando para Leste com curso de outras 50 légoas, se mete no Tocantins, depoes de ter recebido muitos outros rios. É célebre este Rio Maranhão pelas minas de ouro, chamadas do Maranhão, que nele se descobriram; com tanto ouro, que nelas se achou a maior folheta, que se tem descuberto, de 46 libras de peso, e pela qual houve graves demandas, e grandes ódios, que são efeito do ouro. 3. Lugar, e arraial das sobreditas minas do Maranhão, muito doentias, de sorte que morriam a 10, e 12 pessoas por dia, e só por essa causa chegou a despovoar-se. Hoje porém já não são doentias, e havendo gente pouco a pouco se tornarão a povoar. 4. Arraial, e minas de Santa Rita. 5. Cocaes, e minas do Rio Traíras**. 6' = 6. Rio chamado Traíras, onde está um grande arraial, e minas. 7. Rio São José, com arraial grande, e minas chamadas de S. Joseph. 8. Rio Bacalhao, e por todo ele minas. 9. Corrente, rio também navegável. Todos estes quatro rios desagoam no Rio Maranhão na volta, que faz de Oeste a Leste. Recebe outros no curso primeiro de Sul a Norte de ũa, e outra banda, mas ainda quase incógnitos. Com advertência, que todos eles são navegáveis, e por todos eles há muitos haveres. 10. Rio São Félix de navegação célebre pelas suas minas de ouro. 11. Arraial e minas de São Félix. 12. Chapada de São Félix, e minas. Há neste rio de São Félix umas caldas, em que se tem curado muita gente; porém estão ainda *rudis indigestaque*

---

* Lat.: aliás.

** Neste lugar existe no códice quase uma página em branco, destinada certamente para o mapa de que fala o Autor.

*molles**. Estão em ũas fazendas de Gregório Vieira e João Vieira: são dous um perto do outro**. Um cálido, como ágoa de sangria bem picante, e esperta. O segundo é menos cálido, como ágoa de sangria temperada; e afirmam serem verdadeiros. Em outra fazenda chamada dos Botas, atravessando para a Serra de Santa Teresa, e distante da casa da fazenda légoa e meia até duas, estão outros bálneos***, mas são mais brandos. Terão uma telha de ágoa, e correm por pedras amarelas. Correm sempre por baixo de sombrios arvoredos, onde não entra nunca o sol, e contudo sempre a sua ágoa está quente; mas não exaspera de picante; e por isso lhes chamam: *Ágoa quente*. Ficam na baixa de ũa serra tão íngreme, que por espaço de uma légoa, é tão violenta a sua sobida como se sobissem ao campanário de ũa torre. 13. Rio Claro de alguns dias de navegação. 14. Cavalgante arraial e minas. 15. Rio das Almas, que desagoa no segundo braço do Tocantins Paraná. 16. Minas do Tapa Olho. 17. Rio, que nasce, e desce da Itiquira serra; é navegável por mais de 80 légoas, recebendo de ũa, e outra parte muitos rios, quase todos navegáveis, e com muito cabedal de ágoas em todo o ano. 18. Outro rio de alguns dias de navegação, sobre o qual está um arraial. 19. Rio com arraial e minas, o qual vai desagoar no Rio Palma. 20. Rio da Palma, quase todo navegável, menos nos primeiros nascimentos: é rio caudaloso, e recolhe muitos outros também de navegação. 21. Barra do sobredito Rio Paraná, onde se mete no Paraná, que por isso se chama Barra do Palma[:] e desta barra até se meter no Tocantins se chama Paraná tinga, segundo braço do Tocantins, e nele entra na sua volta, ou arco, que faz virando para Norte. 22. Barra do dito braço Paraná tinga no Tocantins; e desta barra até a sua fonte, que é na Serra da Itiquira, são 100 légoas de Sul a Norte. 23.**** Barra do Rio Maranhão supra, onde entra no Tocantins, com curso de 100 e tantas légoas. O Tocantins terá aqui para cima de 50 légoas de curso, desde a sua fonte, recebendo de ũa, e outra banda muitos rios, e alguns bem grossos, como o que chamam de Gam *[em branco no manuscrito]* que incorporando-se com outros se faz muito caudaloso; e outros cujos nomes ainda são pouco conhecidos. Desta boca, ou barra do Rio Maranhão até o Paraná tinga serão outras 50, e tantas légoas, nas quaes alguns ainda o chamam Rio Maranhão, outros Rio Tocantins; mas daí por diante universalmente Rio Tocantins. Parece querem disputar estes dous rios maiorias. A verdade é, que como as minas do Maranhão foram tão afamadas pelos seus grandes folhetos de ouro, afamaram tão bem o rio de sorte, que o equivocam com Tocantins; e ainda hoje há a mesma diversidade de nomes, porque os da parte de Oeste, como são Goiases, Meiaponte, São José e os mais ainda lhe chamam Maranhão. Os moradores porém das minas da Natividade, São Félix, e das mais que ficam para Leste o chamam Tocantins. A mim me parece, que mais acertaria, quem o chamasse Tocantins até a mesma fonte, e cabeça do Rio Maranhão; pois até lá se continua o mesmo rio, como se vê no mapa. Nem o ter diversos nomes lhe deve distinguir diversidade de

---

* Lat.: como massa bruta e informe. A expressão é de Ovídio nas *Metamorfoses*. Em latim, *moles* só tem um *l*.

** *Calda* é substantivo feminino; logo, devera o autor ter escrito: São duas uma perto da outra. Uma cálida... a segunda é menos cálida... verdadeiras.

*** Do latim, *balnea*, pl. de *balneum*, banhos.

**** Neste número o códice está abrindo parágrafo.

rios, assim como o Amazonas, que não obstante ter três, ou quatro diferentes nomes, convém a saber Maranhão, Orelhana, Solimões e Amazonas, sempre é o mesmo rio continuado. E mais propriamente se devia chamar rio distincto no curso, que faz desde as suas cabeceiras correndo a Norte té se encorporar com as mais ágoas, quando vira para Leste. Porém enfim tudo vem a dar em questão de nome. 24. Contagem, chamada Taboatinga, estrada universal para todas estas minas, não por falta de outras, menos frequentadas, mas por ser a capital de toda a comarca, a que todas as mais são sojeitas. 25. São dous rios, que se juntam em um, antes da sobredita Contagem; mas com diverso curso do riacho da Contagem. Chamam-se os Dous Irmãos, porque no caminho da Contagem vão tão perto um do outro, que em algũas partes não distam quatro braças entre si; e já são custosos de passar, e depoes de juntos, já são de navegação. Vão ao Rio do Somno. 26. Rio Manoel Álvares, diferente de outro do mesmo nome, que nasce nos Geraes. É rio formidável, caudaloso, e muito largo, e capaz de larga navegação: mas não é frequentado; e por isso não tem embarcações, e os que o querem atravessar, passam em balsas ou jangadas. Porém o caminho ordinário das minas não é por este rio, não tanto por ele, quanto por causa dos muitos outros rios, que vão a desagoar no Rio do Somno. 27. Minas da Natividade, e juntamente Arraial grande. 28. Chapada da Natividade; na qual está o arraial e minas de Santa Ana. 29. Rio das minas do arraial da Natividade e Santo Antônio. 30. Minas e arraial das Almas. 31. Rio da Bagagem. 32. Arraial e minas do Carmo. 33*. O outro Rio Manoel Álvares, que nasce, e desce dos Geraes; e vem meter-se no Rio do Somno: é caudaloso. 34. Rio Fumega, ou Fumeca, que também desemboca no Rio do Somno. Chama-se assim por causa das altas, e tremendas cachoeiras, em que se arrebata, e despenha: tão altas, e formidáveis, que de muitas légoas de distância se vê sair delas, e sobir para o ar umas, como nuvens de fumo, de sorte, que faz cuidar ser fumo de muitas povoações, não tendo nenhũa. E a causa é, porque a ágoa despenhando-se daquelas altíssimas cachoeiras salpica, ou salta para cima de sorte que ao longe parecem nuvens de fumo o seu choveiro. 35. Reachão ou ribeira caudalosa, que nasce e desce da manga do Geraes, que deitou a mãe Chapada, ou Cobra enroscada, como alguns a explicam, para fora. Desagoa no mesmo Rio do Somno. 36. Barra do Rio do Somno, formidável de grande e de muita navegação, e terceiro braço do Tocantins. 37. Outro rio grande e de navegação, que nasce, e desce das fraldas da Serra, que vai de Leste formar as catadupas do Tocantins na Itaboca. 38. Outro rio, que entre este e o do Somno se mete no Tocantins. Nenhum destes dous ainda tem nome, por não serem ainda descubertos, e navegados por causa do gentio bravo, que os habita. Como também o mesmo Rio do Somno pela mesma causa, posto que já tem tido algũas tropas. 39. Cachoeira de Tocantins chamada Itaboca: é a maior de quantas tem o Rio Tocantins. Em algũas partes do rio se chama Braço de Tocantins, e vai ao longo dele subsignado ao pé com estas oooooo**. Ouve-se muitas légoas ao longe, e posto que para baixo se possa navegar, e na verdade muitos o tem navegado, para cima é moralmente quase impossível; porém vencida esta catadupa, já todas as mais são navegáveis, porque é todo tão fundo, que podem ir navios. 40. Serras que desde a Cachoeira da Itaboca vão acompanhando

* Aqui, parágrafo no manuscrito. O número 33 está à margem.

** Assim no manuscrito.

o rio pela banda de Leste, e aqui atravessando para Oeste formam sua cachoeira. 41. Vila do Camutá. 42. Lago grande, e profundo, que forma no Camutá, e terá para cima de quatro légoas em diâmetro, com peixe o mais selecto, regalado, e delicado, e de toda a variedade. Não é lago turbo, como o comum dos mais lagos, mas com ágoa muito clara e cristalina com suas praias. 43. Baía que forma o Tocantins depoes de sair do lago: tem 3 légoas de largo, e no meio um conglobado de ilhas com esteiros capazes de navios, e por entre elas atravessam ordinariamente os navegantes para declinarem as ventanias da costa. A parte da baía que fica a Oeste destas ilhas, chamam a Ilha do Limoeiro: a parte de Leste baía do Marapatá, abundantíssima de pescado, especialmente de gordas tainhas em grandes cardumes. 44*. Serras que vão continuando de Leste a Oeste, e se vão metendo para dentro. 45. Rio Pilões célebre pelas suas ricas minas de diamantes, mas estão proibidas, e anda nelas ũa escolta contínua para sua guarda. 46. Vila de Goiases e minas: é a capital de toda a comarca, e abraça todo este rio com suas vertentes. É rio caudaloso. Nesta vila assiste governador, ouvidor, e mais justiças, com cadeia *pro forma*. Tem três templos, Matriz, Rosário, e dos Passos; e no coração da vila tem ũa pequena, mas muito linda capela de Nossa Senhora da Lapa. Tem casa de fundição, e um famoso palácio. Passa-lhe um rio pelo meio, e a divide em dous com duas pontes, ũa de pedra, e outra de pao, mas bem segura. De fora é pouco vistosa esta vila, por estar como enterrada em uma sepultura, rodeada de serras, e se desce para ela das minas de Ouro Fino com violência por mais de 8 dias, digo légoas. 47. Minas do Ouro Fino com bom arraial distante mais de 8 légoas das minas, e vila de Goiases. 48. Meia ponte com arraial, e minas, e com ũa linda povoação, boas casarias, duas igrejas, matriz, e outra maior, que é a capela do Bom Jesus. Tem um Hospício de São Francisco dos Esmoleres da Casa Santa. Está entre três rios, dous a Leste e um a Oeste, que correm a Araguaia: mas ainda nestas alturas se chamam Pilões, que os vem recebendo. O principal é *Meia-ponte*. 49. Rio Meia Ponte, nasce, e desce dos montes chamados Perineos, e são os que fazem divisão de ágoas aos Rios Maranhão, e Araguaia. 50. Rios grandes, navegáveis, mas ainda incógnitos, que descem de Oeste a Araguaia, habitados de gentio bravo, e contém todo o continente que media sobre os Rios Pacajá, Guanapu, e todos os mais que há té o Rio Coroa, que é o maior que sae entre o Xingu e Topajós; porque deitando ũa linha recta desde este Coroa, vai a dar em Pilões, cortando sempre de Norte a Sul. 51. Catadupa, ou cachoeira do Rio Araguaia, e suposto que é única, porque não intercedem mais serras até o Pontal, e deste para cima é terra muito assentada; e por isso o Rio Araguaia se espraia muito nas suas enchentes, e alaga muita terra com belos pastos para gados. 52. Minas, e arraial do Pontal. 53. Corixas, minas e arraial grande. 54. Rio Corixas, que desagoa em Tocantins. 55. Arraial, e minas de Amaro Leite. 56. Rio de Santa Teresa, navegável, e depoes de receber outros, desemboca no Tocantins acima do Pontal, e do Rio Corixas. 57. Rio das Almas, que desce das Serras de Santa Teresa, chamadas a Corriola. 58. Passagem ordinária de São Félix para a Natividade, e desta para São Félix, que anda alugada por contratadores, como também para as mais minas, São José e Meia Ponte. 59. Reachão chamado a Corrente, grande, e navegável por alguns dias. 60. Araguaia, quarto braço do Tocantins: nasce ainda adiante das minas de Goiases, e

* Parágrafo no códice.

ainda adiante das minas dos diamantes do Rio Pilões, que corre adiante da Serra Dourada para a parte de Oeste, e depoes de receber muitos, e muitos rios no curso, e decurso de 300 légoas para cima, desagoa no Tocantins, pouco acima da Vila do Camutá. É tão grande, e caudaloso, que disputa ágoas com o famoso Rio da Prata. 61. Barra do Araguaia no Tocantins, fazendo um pontal, em que antigamente esteve ũa florente missão, e se acabou com morte de toda a gente: eram brancos, e alvos, como uns ingleses, cabelo louro, e bem feitos.

Os braços principaes de Tocantins tem cada um tantas ágoas, como o mesmo Rio Araguaia, porque ainda que este seja mais comprido, e os rios incógnitos que recebe sejam muitos são como de serra quase vã, cujas ágoas são menos, e os outros braços são da Chapada grande, mãe das ágoas, e dos profundos e caudalosos rios. A manga, que a Chapada deita para a banda de Leste, e donde descem os dous braços Paranatinga e Somno, quando não mais, são tão abundantes de ágoas como o braço Araguaia; porque a maior parte de suas ágoas desce a estes dous braços, e por eles a Tocantins. Como se vê do mapa só se acha povoado nas suas cabeceiras, porque as 300 légoas que tem de curso para Norte, apenas tem 4 até 5 povoações, e ainda essas muito distantes, que são os números 55, 53, 52, 32, e 27. O Araguaia também todo é despovoado, por quase todo o seu curso de 300 légoas para cima, sendo um e outro, e os mais seus braços e rios das margens, e terras óptimas. Baste por hora esta descripção do Rio Tocantins, porque já é tempo de darmos também algũa notícia dos mais rios, que ainda restam até a barra do Amazonas. Já mais caudaloso este braço austral do Amazonas, com as ágoas de tantos rios, especialmente do Tocantins, continua o seu curso depoes da Baía Marapatá; e quase brincando com vários rodeios, em que vai repartindo o terreno em várias ilhas, e formando as baías de Atuá, vai sair à grande baía chamada Marajó, onde muito se espraia e estende; e ainda muito mais na Baía do Arari, onde cada vez mais se alarga até fazer perder terra de vista: depoes da qual, deixando ao Sul a Baía de Carnapijó, fazendo um como ângulo para Nascente, sae muito ufano por entre várias ilhas a avistar a parte esquerda, ou Norte a barra, e a direita, ou Sul a cidade do Pará, diante da qual torna a dilatar-se e espraiar-se em outra boa baía, aonde ainda recebe alguns outros rios, com que se faz mais poderoso, e caudaloso, unidos, e juntos todos em um só, que é o Rio Moju. Nasce o Rio Moju na serra que vai formar a catadupa do Rio Tocantins, de que já falamos. É rio de menos conta até 20 dias de navegação. A dia e meio de viagem, até dous dias, é famoso de grande, e se comunica por um furo com o Rio Tocantins, que vai sair a Baía Marapatá. É este furo a mais ordinária derrota dos navegantes para os Rios Tocantins, e Amazonas; posto que seja um bom rodeio, que elegem por evitarem os perigos das costas nas Baías Arari, Marajó, e nas mais que se seguem. Chama-se o furo — iguarapé merim — que soa na língoa brasílica — pequeno caminho de canoas. E na verdade é pequeno, posto que dá passagem ainda as maiores canoas na enchente da maré; mas na vazante fica em partes totalmente seco; e é tão estreito, que succedendo muitas vezes encontrarem-se as embarcações, ũa sobindo, ou atravessando para cima, outra para baixo, já para passarem há de retirar-se, e recuar algũa. Por esta serventia quase universal dos navegantes, fica sendo ũa grande conveniência a todo aquele Estado, e moradores, digno, e merecedor de que os magistrados o tivessem sempre limpo, e expedito dos paos, que lhe caem e o atravessam, caídos do arvoredo com

que está coberto, e lhe serve de chapéo de sol: porém por falta da devida providência, cada um passa como pode, e vai dizendo: — "Quem vier depoes faça o mesmo".

Tem os índios naturaes um célebre agouro, ou superstição neste furo, e iguarapé meri; e é que tem para si, que andam, e habitam nele os seus pajés (adiante diremos quaes são e de quantas castas os taes pajés), e por isso cada vez que por ele passam, e atravessam lhes oferecem algum mimo em signal de respeito e adoração, para que não lhes façam mal; estes mimos deixam pendurados dos ramos das árvores, que cobrem, e assombram o furo. O mesmo abuso costumam praticar em outro furo, que da Baía do Limoeiro atravessa para cima, e banda de Oeste, e vai dar em outra baía, e é muito semelhante a este secco nas vazantes, sombrio, e ordinário esteiro; e cuido, que o fazem em todos os mais iguarapés pequenos, e sombrios: e dizem, que os ditos pajés se vingam dos que não os brindam com alguma cousa. É bem verdade que já hoje todos os índios vezinhos a estes dous esteiros são católicos, e por isso já tem perdido o medo a estes pajés; ou porque os não acreditam, ou por medo dos seus missionários, e mais passageiros que os proíbem de semelhantes ofertas. Mas contudo é rara ou nenhũa a canoa, que os atravessa que lhes não façam a ceremônia de lhes dependurarem algũa cousa; e aos que lho estranham, respondem, que o fazem por brinco, e galhofa. E na verdade assim o parece, porque só dependuram algũas ridicularias, como são ũa camisa, já bem velha, e cousas deste jaez, já ineptas, ou de pouca serventia: porém seus cabos são tementes a Deus, tão bem isso lhes proíbem. Abaixo deste furo, cousa de dia e meio de viagem, desagua no Moju da banda de Nascente o Rio Acará, e posto que mete medo com a sua grande boca aos navegantes, pouco mais acima logo dá a conhecer a sua pobreza, porque apenas será de oito dias de navegação. Depoes de algumas outras ribeiras de pouca monta, se comunica o Moju por ũa famosa bocaina com ágoas do Amazonas e Tocantins na Baía de Carnapijó; e pouco abaixo formando algumas ilhas, recebe o Rio Guamá, já quase a vista da cidade do Pará, o qual tem o seu curso de Nascente a Poente, e corre pelas costas da dita cidade. É navegável pouco mais de quatro dias por causa de ũa catadupa, mas depoes dela ainda continua a sua navegação muitos mais dias. É célebre este Goamá por ser estrada geral dos que vão e vem do Maranhão para o Pará, e desta cidade para aquele Estado pelo caminho de terra, junto a sua cachoeira pouco mais de quatro dias tem ũa casa forte com presídio de soldados. Desagoa no Rio Guamá o Rio Capim, caudaloso com vinte dias de navegação, com curso de Sul a Norte. Nasce nas serras que a Chapada grande lança para Leste, onde também nascem os rios do Somno, e outros, que desembocam no Tocantins, como acima dissemos. Tem o Rio Moju na sua foz, onde recebe as ágoas dos Rios Capim, e Guamá um medonho sorvedouro, nome bem próprio ao seu ofício, que é sorver, e subverter as embarcações, que por ele passam: e já sorveo um poderoso navio, porque arrebentando-lhe a amarra, ou descaindo dela pouco a pouco, assim que chegou ao sorvedouro, dando ũa, ou mais voltas em roda, se submergio, e totalmente desapareceo. Todo o seu perigo é nas ágoas vivas, e quando está picado dos ventos; e de tal sorte se exaspera, que faz saltar a ágoa para cima, como fervendo. O costume dos navegantes para o evitar é irem já antes dele encostados à terra, ou seja sobindo, ou descendo o rio, e entrando pela boca do Guamá acima atravessarem a outra banda com força e ligeireza, e depoes descer, e continuar a sua viagem. Mas esta indústria

muitas vezes não vale; porque as ventanias unidas com as correntezas do Guamá atiram com as embarcações para baixo, e sem valer força de vela, ou de remos, dão com elas em cima do sorvedouro, que logo as engole, e subverte. O melhor remédio, e providência é atravessar à outra banda de Oeste, e irem encostados a terra, e depoes de passada a paragem, continuar sua viagem sem medo, nem perigo. Fora das ágoas vivas, e quando o mar está de leite, não tem perigo, e se atravessa por cima deles sem medo; somente com o risco de se levantar alguma borrasca de repente, para o que sempre deve haver cautela. Passado o caldeirão, cuja paragem chamam Morticu, se une o Moju, e ágoas do Guamá, e Capim com as do Amazonas, e Tocantins na baía da cidade, dividida da Baía de Carnapijó por ũa ilha, como língoa de terra, e junto todo este poder de ágoas, vão todas correndo para o mar de barra fora, e para o Norte, onde no fim da Ilha Marajó se incorporam com as mais ágoas do grande Amazonas no braço do Norte.

Faltam-nos ainda as ágoas, que descem ao Amazonas da grande Ilha Marajó, que ele abraça, e forma com os seus dous braços (deixados alguns pequenos que recebe na Baía Carnapijó, por serem de pouca monta, posto que também navegáveis), que por ser tão grande ilha, pede especial capítulo, digo distincto, e especial notícia. Pelo que quando dela falarmos com alguma succinta, e bem digesta descripção, então também descreveremos os seus rios, dos quaes os mais caudalosos digo conhecidos, são o Rio Anaj[as], que desagua no Tajupuru, Marajó e Arari, que desembocam nas baías do mesmo nome, e o iguarapé grande, que desagoa fora da barra para Nascente. Tem alguns para si que este segundo braço do Amazonas se deve chamar mais propriamente Rio Tocantins, pelo grande peso, e cabedal de ágoas, que traz, como já dissemos; e segundo este discurso segue-se, que a barra distante duas légoas da cidade do Pará se deve chamar foz do Tocantins, e na verdade assim se chamava antigamente, e ainda a pescaria das tainhas de Joanes, que é nas costas da Ilha Marajó, fora da barra, se atribuía, e chamava pescaria de Tocantins, onde terá de largura mais de oito légoas. Porém depoes que se abrio caminho para a navegação do Amazonas, foi perdendo quase o nome para baixo das Baías do Marapatá, e principiando a chamar-se amazonas daí até a barra, ou ainda muito adiante dela, té se ajuntarem estas ágoas com as do braço do Norte nos fins da Ilha Marajó; e por estas contas fica sendo foz do Amazonas todo o espaço, e largura, que vai desde o Cabo da Tigiosa até o Cabo do Norte, que são 150 légoas. Forte boca, mas tão desmarcada boca se requeria para tão agigantado rio, e fauces tão grandes para tão grande mar natante.

Não obstante tanta vastidão de ágoas, com que entra triunfante no mar o Amazonas, dá contudo perigosa entrada as frotas, e navios por causa de muitos baixos que tem desde a barra até o Cabo da Tigiosa, por quase perto de 30 légoas; e posto que andem já apontados nos mapas com o nome de baixos da Tigiosa, são tantos que fazem arear ainda os mais práticos pilotos, e todos entram, e saem sempre com o plumo na mão, e com o credo na boca, como dizem; e queira Deus que também no coração. Tem estes compridos baixos ũa circunstância, que já em muita gente é propriedade; e vem a ser o serem mudáveis: um ano estão aqui, e outro ano acolá; agora mais para o Sul, depois mais para o Norte, e fazem frustrar ainda os mais destros, e acautelados práticos nas suas providências, porque não podem demarcá-los. E talvez que estes baixos sejam altíssima providência do nosso Deus, para com eles impedir os estranhos, e defender de algũa invasão aos portugueses: em-

bora que também eles de quando em quando sintam os seus efeitos em muitos naufrágios. Este é o breve resumo, e mapa histórico do grande, antes máximo Rio Amazonas, no que toca ao grande cabedal das suas ágoas, multidão de rios que recebe, dilatada *longitud* do seu curso, e largura proporcionada a sua grandeza de três, e quatro légoas, excepto na sua garganta, ou Pongo; e na sua cintura de Pauxiz. No número dos rios colateraes não apontei os menores, por menores, e ainda muitos grandes e caudalosos; especialmente de Javari para cima, e todo o destricto de Castela; como também as suas particularidades, e cousas mais notáveis por falta de notícias, e de livros, em que possa colhê-las: ainda que também os autores as ignoram pela maior parte por causa de serem quase todos inabitados de europeos; e alguns, em que já há povoações, só são habitados nas suas bocas, como são os rios grandes Napo, Iça Paraná, Negro, Javari, Madeira, e outros; e a cousa de dous ou três dias de viagem para cima, ainda não são habitados, mais que de gentio bravo. Só o Rio Tocantins tem povoações nas suas cabeceiras; e por isso dele já há mais notícias, sendo que na maior *longitud* do seu curso, ainda também está despovoado, como acima dissemos. Mas do Tocantins podem ver, e inferir os leitores, quanto se poderia dizer dos mais, se deles tivéramos as notícias necessárias. Algũas, que já andam pelos livros, podem vê-las os curiosos nos autores que já escreveram, e descreveram o Amazonas, como são os Padres Acosta, Rodrigues, Iris, Bentendorf, todos jesuítas. Berredo, Condamine, e muitos outros seculares. Banha, e fecunda o Rio Amazonas nas suas cabeceiras o Reino de Quito: do Pongo até Solimões e governo, e província de Mainás: té o Rio Madeira desde a sua fonte para a banda do Sul o grande Reino, ou Império do Peru; e para Norte a província de Cracas, governo de Santa Marta. Do Rio Javari, e Japorá para baixo, o governo de São José. Do Rio Negro, até Pauxiz, e daqui até a sua foz, o governo, e grande Estado do Pará, de cujas povoações daremos adiante alguma notícia.

CAPÍTULO 7º

DA PEROROCA, E ALGUMAS COUSAS NOTÁVEIS DO RIO AMAZONAS.

Há no Estado do Pará, e Rio Amazonas um fenômeno tão notável, que tem dado e ainda hoje dá grande matéria a muitos discursos entre os filósofos, e sábios; e é ũa medonha, horrenda, e exorbitante alteração das ágoas, chamada na língoa dos naturaes peroroca. Compõe-se de um conglobado de ágoas tão encrespadas, bravas, e tão horrorosas ondas, que fazendo, e desfazendo em pedaços quantas embarcações apanham, parece que querem aterrar, e fazer guerra aos mesmos elementos. É tão repentina a sua brava al-

teração, e tão instantânea a sua alterada braveza, que no breve espaço de um minuto corre, e faz sobir a maré por quatro légoas, e talvez mais em algũas partes. Não a há em todas as partes, nem em todo o tempo; que a ser contínua, faria inabitáveis aqueles rios, e totalmente impossibilitaria a sua navegação. As mais memoráveis no Estado do Pará são no Rio Guamá, e na foz do Amazonas no Cabo do Norte; e para que os leitores possam formar dela algum conceito, porei aqui a relação de um religioso, que a vio, e observou: diz ele assim. — "Vi, e observei no Estado do Pará, o célebre, e medonho fenômeno da peroroca, bem que no seguro da terra, e no alto palanque de ũa ribanceira; e não acho melhor semilhança para dela se formar algum conceito, do que um exército de cavaleiros em bravos, e indômitos cavalos vomitando cóleras em espumas, e vociferando roncos, correndo à desfilada pelo mar; mas tão iguaes, uniformes, e bem formados como, ou melhor que os mesmos militares; com tal braveza que se apanham qualquer embarcação, ainda que seja o mais potente navio, o fazem ir imediatamente em hastilhas, e pedaços. Os seus grandes urros, e bramidos fazem aturdir os ouvidos e arrepiar os cabelos, a quem nas praias, digo ribanceiras da terra a está vendo; e ainda nas mesmas bordas, praias, e ribanceiras dá taes açoutes, como se as quisesse desfazer, e consumir. Ordinariamente vão estas alteradas ondas, ou espumantes cavalos em duas, ou três fileiras; mas ordinariamente tem diferença ũas das outras: no Rio Guamá são três. Quanto menos profundos são os rios, tanto mais se exasperam; umas vezes dão volta atrás por algum bom espaço, e depoes tornam a proseguir a sua marcha: outras vezes se aparta ũa fileira para ũa banda, e outra para a outra banda a combater os baixos, e bordas, e depoes fazendo novo quarto de conversão correm a reunir-se com a primeira, que tem ido proseguindo a sua carreira. E nestas voltas, revoltas, ou viravoltas vão correndo e assombrando tudo, té pouco a pouco fenecerem. Deve-se saber, que atrás de si levam um tão grande montão de ágoas que logo os rios vão ficando na preamar: mais, que só a peroroca na occasião, e nos dias de lua cheia, ou nova, três dias a fio em cada lua; e quanto a lua vai crescendo, ou decrescendo, tanto a peroroca vai tão bem alterando-se mais, ou menos; e também, que só é nas enchentes da maré. Em alguns outros rios também há signaes de peroroca, e se conhece na alteração das ágoas, e nos açoutes das praias, e ribanceiras; mas não são medonhas, nem ordinariamente metem susto aos navegantes. A do Rio Guamá, e muito mais a do Cabo do Norte, sim; porque é mais brava que os tempestuosos tufões da Ásia. No Maranhão também a há, e talvez em mais outras partes.

Qual seja a causa desta tão grande alteração das ágoas, tão brava, e tão repentina? ainda se não tem averiguado: porém, parece-me que melhor discorrem, os que inferem ser procedida de diversas correntezas, encontradas com a maré, em que pelejando ũas com outras ágoas, os rios, e a maré, se vai embravescendo pouco a pouco, até que a maré fica finalmente superior, e triunfante; e como vencedora rompe com força soberba o obstáculo das correntezas, e se apodera dos rios. Bem sei, que tem contra si ũa grande objeção nos outros rios, em que ainda as correntezas são maiores, e muito mais abundantes de ágoas, que o Rio Guamá; e contudo não sentem os efeitos da peroroca; porém a mesma objeção tem contra si os que discorrem ser causada dos influxos da lua. Além de que é certo que não bastam quaesquer correntezas, nem quaesquer encontros, mas sempre se origina, onde, além dos encontros da correnteza dos rios, também há encontros da mesma maré, que

faz por entre ilhas; e se prova bem, porque se origina no meio de ilhas. Já os tempos da peroroca são sabidos dos seus naturaes, e por isso andam acautelados; contudo ainda de quando em quando sucedem alguns naufrágios, e disgraças: ou porque não tem tido providência de saber os seus tempos; ou porque muitas vezes não podem vencer todo o seu caminho por algum impedimento, e vindo a peroroca os engole. Nem tem mais subterfúgio as embarcações, quando ao longe ouvem os urros, e roncos da peroroca, que, ou buscar alguma enseada em terra, se vê que lá pode chegar, onde se encubra com algũa ponta de terra, e então saltando em terra, de lá segurar a embarcação com boas cordas, e os remeiros com fortes contos, porque então quebra a peroroca a sua ira na ponta, e já não imprime tanta força na canoa: ou, se não podem colher este refúgio, como não podem encostar-se a terra, por fazer nela a peroroca mais espalhafato, não há outro efúgio mais que virar-lhe a popa, endireitar bem pelo canal do rio, onde é mais fundo, segurar o leme, e deixar ir por ele acima tangido da peroroca, que a faz ir mais que correndo, voando; o ponto está em ter bem mão no leme, não declinando *neque ad dextram, neque ad sinistram**, senão nas voltas dos rios, porque, como já disse, onde é fundo não faz tanta impressão a peroroca. Mas ainda nestes pontos sempre é remédio, e providência necessária preparar com bons, e verdadeiros actos de contrição (*ne forte*** com a vida se não perca também a alma, e sejam imitadores do ímpio Henrique 8º de Inglaterra, que impenitente morreo confessando *perdidimus omnia)****, porque nesta consternação de cento escapa um. A peroroca do Cabo do Norte na boca do Amazonas é de todas a mais terrível, porém é a menos temida, por razão de não ser frequentada a sua navegação, porque toda a serventia dos moradores, e navegação do Amazonas é pelo braço do Tajupuru, de sorte que ainda a mesma cidade São José do Macapá, de novo fundada perto desta foz, que é a povoação mais boreal, que tem os portugueses, só se serve para a banda do Sul. Porém se se augmentarem as colônias, e se povoar aquela excelente paragem, e ilhas, que tem pelo meio, que talvez sejam a melhor porção de terra, de todo o Amazonas, já então poderá haver serventia pela sua foz, e excelente barra, e ainda nela se poderá crear um novo governo ou nova Capitania, que talvez venha a ser a mais importante pela melhor fortificação, e segurança de todo aquele grande Estado e dilatada monarquia dos portugueses no Amazonas. E não só a boca, e barra do Amazonas e suas ilhas, mas também todos aqueles rios boreaes, e *fimbrias* da grande Ilha Marajó, deviam povoar-se; e com muita especialidade a boca do Rio Ya[poc,] ou Vicente Pinçón, pela razão de ser (além de outras) a devisa entre portuqueses e franceses de Caiana, que ali lhes ficam muito vezinhos, e não há que fiar *in fide gallica*****, e para que não suceda, o que em outras partes, de que temos muitos exemplos, e não é muito antigo o da Ilha de Fernão de Noronha, que por estar despovoada se apoderaram dela os franceses, e foi necessário puxar pelas forças para os fazer desalojar. E para que outra vez não intentassem o tomá-la, não só se viram os portugueses obrigados a povoá-la, mas também a fortificá-la com sete fortes; o que antes não seria necessário se a tiveram povoado. Porém como esta matéria pede distincto capítulo, deixemo-la para então reservada.

---

* Lat.: nem para a direita nem para a esquerda.

** Lat.: para que talvez não...

*** Lat.: perdemos tudo.

**** Lat.: na lealdade francesa.

CAPÍTULO 8º

DA QUALIDADE DAS SUAS ÁGOAS.

Pertence a este lugar o dizermos qual seja a qualidade das suas ágoas: porque não são em todo ele as mesmas; antes ordinariamente se diferençam ũas das outras entre a mãe do Amazonas, e seus colateraes, cuja diferença distinguem bem os índios com os adjectivos de paraná tinga, e paraná pixuná, que significam "ágoa branca", e "ágoa preta". As ágoas do Rio Amazonas ordinariamente são brancas, e as dos seus colateraes pretas; e desta diversidade vem ao Rio Negro o seu nome, nascido da qualidade das suas ágoas. E posto que as ágoas do Amazonas sejam as mesmas que recebe dos seus colateraes, contudo neles são pretas, e no Amazonas brancas; não porque na realidade sejam totalmente brancas, e as dos rios inteiramente pretas, pois tiradas em algũa vasilha, ou copo, são muito cristalinas, mas porque vistas nos rios se representam pretas, e vistas no Amazonas parecem brancas. Provém toda esta diferença da qualidade do terreno fundo, e margens por onde correm: se as margens, e terreno é de area, como ordinariamente sucede nos rios, é ágoa preta neles, e muito cristalina no copo. Mas se o fundo é lodo, e as margens, parece branca no rio, e no copo é esbranquiçada, e lodosa; o que se vê na maior parte do Amazonas, porque posto que tem muitos e muito dilatados areaes, a maior parte corre por lodo, e por serem tão enlodadas, e esbranquiçadas, e turvas as suas ágoas, são pouco capazes para se beberem e pouco sadias. Nem os seus povoadores ordinariamente as bebem, nem necessitam delas; porque as fontes, e os regatos são inumeráveis, dos quaes se provém, e se em alguma parte não há a comodidade das fontes, e se vem obrigados, a beber do Amazonas, tem a providência de a coarem por panos, deixando-a assentar nas vasilhas, em que algumas vezes aparece metade ágoa, e metade lodo. Onde o rio se chama Solimões, e Orelhana, só bebem a ágoa, que destina das vasilhas, como sucede na Província de Mainas, e tem a providência de a recolherem em outras vasilhas. Não sucede assim nos rios colateraes, porque é tão limpa, e pura a sua ágoa, que parece um cristal de clara, e dela bebem sempre os seus colonos, que ordinariamente tem por eles as suas moradias e povoações, excepto no Rio Madeira e alguns poucos, que também correm turvos, e com lodo. E dizem os práticos, que todos os rios, que descem das grandes serras colateraes do Amazonas tem esta propriedade de serem as suas ágoas muito claras, cristalinas, saborosas, e salutíferas. Ainda que também alguns destes rios se vestem as vezes de ũa cor verde muito galante, nascida do muito musgo, ou algũa outra causa; e cuido é quando principiam a encher mas coada a ágoa, ou tirada na mãe, e canal, fica igualmente cristalina. Porém não obstante serem turvas as ágoas do Amazonas, havendo cuidado de as coarem, são muito saborosas, e salutíferas; e talvez que por esta razão bebam delas na Província de Mainas, e dizem, que a sua bondade provém da muita salsa parrilha, que rega o Amazonas. Os índios naturaes não usam com ela de ceremônia, porque em todo o tempo, e occasião, que tem sede, a bebem, ainda quando é insípida por quente, como o está quase todo o dia

pelos grandes calores do sol, excepto na madrugada; e por isso então é que se provém as vasilhas, e ainda então ũa frescura tão temperada, que não só não molesta, aos que nela se querem, e costumam banhar, mas antes regala de sorte, que parece esta convidando, e atraindo; e por isso nos naturaes, posto que entre [dia] se costumam banhar, e refrescar muitas vezes, quando se levantam pela manhã, é ceremônia neles muito usada. Providas as vasilhas, e postas à sombra, onde corre o vento, logo fica muito fresca; e a dos regatos, e fontes, que correm por lugares sombrios a toda a hora do dia são fresquíssimas, por maiores que sejam os ardores do sol. Aqui vinha bem em seu lugar darmos algũa notícia das muitas, e diversas qualidades de ágoas, que há, conforme os diferentes mineraes por onde correm, digo passam, donde vem o terem diversos, e prodigiosos efeitos medicinaes, e muito profícuos a vida humana. E no longo, e estendido destricto do Amazonas, certamente se pode julgar, que haverá muitas destas fontes, lagos, e ribeiras: *et a fortiori** tendo nós já visto, que nas cabeceiras do Rio Tocantins há três diversidades de ágoa, que fazem outras tantas diversidades de bálneos, que se descubriram bem acaso, por estarem em umas fazendas povoadas. E quantas mais diversidades haverá no longo espaço de 1 800 légoas do Amazonas, e na grande largura de 300, e 400 légoas? porém o estar tudo despovoado faz, que se ignorem: de alguns lagos, em que pelos seus efeitos se infere algũa especial qualidade medicinal, diremos, quando neles falarmos.

CAPÍTULO 9º

DO CLIMA E SAUDÁVEIS ARES DO AMAZONAS.

Grande objeção tem contra si os filósofos no clima do Amazonas, porque mostra com a experiência, que nem todos os discursos são evidências na praxe, e que nem toda a especulação é infalível nos experimentos. Vê-se claramente esta verdade no Amazonas; porque estando debaixo perpendicularmente da zona tórrida, que os discursos, e especulação provam inabitável, mostra a experiência, e praxe, que não só é habitável, mas muito sadia. As zonas, em que se divide todo o mundo são cinco. As duas últimas, dizem os filósofos, serem muito frígidas, e desabridas, pela distância do sol, e seus calores. As médias são temperadas, por não terem excessivos calores, nem frios insoportáveis. A central, cortada pelo meio pela equinocial, diziam os antigos, que era totalmente deserta, e inabitada pelos ardores do sol — *Quae*

* Lat.: e com maior razão.

*prima est, non est habitabilis ostu**. Por estas contas, e discursos todo o grande destricto do Amazonas seria insoportável, por muito queimado, ou ao menos tisnado do sol; porque não só está debaixo da zona tórrida, mas bem perpendicular ao sol, como dissemos, mas a verdade é que nela habitam os seus naturaes muito contentes, e não disgostam dela, nem a rejeitam os europeos. De sorte que mais quentes são os calores da Índia, como afirmam os que já experimentaram uns, e outros, do que são os da zona tórrida do Amazonas, com estar este no centro, e aquela em 10 graos e ainda mais: a mesma experiência falha em outras muitas partes da mesma América, por não falarmos, nem discorrermos pelo mais mundo. Porque nas cordilheras de Quito são insofríveis os frios, não obstante o estarem quase na linha; e é mais quente o Maranhão com estar já mais apartado. É pois o Amazonas muito temperado nos seus climas por quase todo o seu destricto; e muito mais temperado, e saudável, que a mesma Europa; porque lhe temperou Deus os seus calores com uma tão benigna admosfera, como a das mais temperadas regiões; ao que ajuda muito: *primo*** os seus quase contínuos ventos, que por serem tão contínuos, se chamam ventos geraes, e ordinariamente são Nortes, e Nordestes tão fortes, que em outras partes se chamariam tufões, de sorte que é preciso segurar bem o chapéo, para não ficar na rua descomposto; e não só por contínuos são geraes, mas também por serem quase universaes em todo o Estado do Amazonas. 2º. As suas muitas ágoas; porque é de tal sorte cortado de rios, rigado de ágoas, e refrescado de ribeiras, e fontes, que parece estar a terra, como banhando-se, e nadando em ágoa. Daqui nasce o ser a terra muito úmida e fria, cuja umidade com os calores do sol causam ũa tal tempérie, [que o] fazem ser o mais fértil terreno de toda a América; e talvez de todo o mundo. É tão úmido, que as árvores parece que fogindo a sua frialdade ordinariamente lançam todas as suas raízes bem à face da terra, para melhor participarem debaixo a umidade, e de cima o calor.

Deste bom temperamento se segue o estar sempre em uma contínua, e perpétua primavera sem se temerem nem o desabrido do outono, nem os rigores do inverno, nem as demasias do estio. Nem o inverno tem distinção, ou diferença alguma do verão mais, do que em ser chuvoso, e não serem tão contínuos no inverno os ventos geraes, talvez pelas muitas chuvas, que os apagam: mas então recompensa a frescura das ágoas a menor intenção dos ventos, de sorte que sempre o clima fica sendo temperado. Por isso no Estado do Amazonas não se hão de contar as estações do ano pela mudança dos tempos, mas só pelas ágoas das chuvas, e orvalhos do verão. São tão copiosos nele os orvalhos, que sempre no verão aparecem, mais que orvalhados, molhados os campos, regados os prados, e pingando as árvores; vendo-se obrigados os moradores a levantarem nas manhãs as fímbrias dos seus vestidos talares, quando saem fora de casa, se não quiserem enlodados de chocas recolher-se a ela; mas esta mesma cópia de orvalho é não pequeno subsídio para fecundar a terra, além de a refrescar. Por cuja causa só devem contar no Amazonas só estas duas estações verão, e inverno: este pelas muitas ágoas, aquele pelos seus orvalhos, pela falta das chuvas, e pelos seus ventos geraes; e as outras duas estações estio, e outono, dá liberalmente o Amazonas de barato. Este saudável clima, e bom temperamento do Amazonas estão indi-

* Lat.: a que é a primeira não é habitável... *Ostu* não é palavra latina. Deve ter havido erro de grafia no manuscrito.

* Lat.: primeiro.

cando as árvores, campos, e prados; estes, porque sempre alcatifados com as alegres alcatifas das suas verduras, e se pode dizer deles *Prata rident**. Os campos, porque sempre viçosos com o seu feno, e as árvores, porque sempre na primavera das suas folhas, por estarem sempre vestidas, e ornadas, e nunca em árvore secca: e se na Europa se admiram por raras as árvores, que sempre conservam a sua folha, como são o louro, a oliveira, e poucas outras, na América não aparece algũa sem ela em todo o tempo, e em todo o ano, e se algũa a chega a perder, é porque já expirou totalmente[.] Só por morte as verão nuas. E ainda as mesmas da Europa transplantadas na América, gozam do mesmo privilégio, como são a figueira, a amoreira, e muitas outras; o que prova bem, que o perderem a folha na Europa, só lhes nasce dos rigores do outono, e inverno; e o conservá-la sempre verde, e viçosa, só lhes nasce do bom, e bem temperado clima da América: não porque nunca lhe caia, senão porque quando lhe caem ũas já outras muito viçosas lhe vem saindo e muito ao nascer. Prova mais esta bondade de clima no modo de vida nos seus naturaes, porque nunca sentem frio, e sempre andam nus; nus nascem, nus vivem, nus dormem, e nus morrem; e os europeos, e brancos, não andam despidos, mas para perto se mudam, porque nos povoados só trajam librés ligeiras, vestidos leves, e fresco ornato, e nos seus sítios andam sempre muito a fresca, e frescos tão bem dormem em suas maquiras, ou redes, sem mais lençoes, ou cobertores, camas muito usadas dos brancos a imitação dos naturaes tapuias, e na verdade para aquele Estado são óptimas por frescas e ligeiras.

É bem verdade que em algũas partes lá diversifica algum tanto o temperamento do clima, e quanto mais se avizinha as suas cabeceiras, tanto mais se conhece a sua mudança, especialmente nas vezinhanças do Reino de Quito, onde já se conhece, e sente o frio, especialmente de noite por causa da muita neve das suas cordilheras: e nas terras austraes da Chapada grande do Reino do Peru, já também se sente algum desabrimento, como também nas da América Portuguesa. Mas com razão, porque já distam mais da Linha, e vezinhas aos Pólos, e não é tão activo como nos climas de Europa nos rigores do inverno, em cuja comparação ainda ficam sendo temperadas as mesmas Serranias da América, excepto nas Cordilheras de Quito, e todo o frio das ditas cordilheras consiste em um tão activo, e penetrante vento no tempo *[em branco no manuscrito]* que não só se faz sensível, mas chega a matar os pretos, que andam trabalhando nos mineraes, se não tem algum resguardo com alguma cobertura, como costumam ter. Mas que muito se sinta já lá a seus tempos algum frio, se estão já tão apartados do Amazonas, e da Linha 200, 300, e 400 légoas? De tão boa tempérie e clima do Amazonas nasce o ser muito sadio aquele Estado pela maior parte, e se em algũas poucas é menos salutífero e alguma cousa doentio, não é por causa do clima, mas por falta de providência nos seus moradores e naturaes índios: ou porque bebem das ágoas enlodadas do Amazonas, ou porque assistem, e moram sobre lagos, e na sua vezinhança, onde a ágoa ou é menos pura ou algũa cousa encharcada; ou por causa dos pântanos que tem ao pé de si; e nisto tem algũa incúria a mesma cidade do Pará, cabeça de todo o Estado amazônico, por conservar ainda alguns alagadiços nas suas costas, e vezinhança, que por muitas razões não conduzem para ser sadio o seu clima. Há também alguns lagos doentios por rezão de não

---

* *Sorriem* os campos.

desagoarem para fora, e assim fica a água encharcada; e muitas vezes corrupta, já pelos calores do sol, e já pela muita pescaria, que neles morre, e se corrompe. Porque o Amazonas nas suas enchentes provê e enche a todos estes lagos, aos quaes logo acode imensidade de peixe, especialmente tartarugas, bois marinhos, jacarés, e outros; sucede porém, que vazando o rio, lhe falta a comunicação das águas, por serem muitas vezes as suas bocas baixios, e assim fica aquela água encharcada, e pouco a pouco se vai sumindo, e toda aquela pescaria morrendo, apodrecendo, e corrompendo-se.

Desta podridão, e da muita imundícia, que tiram as águas na enchente dos rios provém o haver algumas carneiradas de catarrões, e algumas outras doenças, que ordinariamente são nestas enchentes. Também há algũas vezes como epedimia de bexigas, e serampão, que naquele Estado são perigosas; mas estas doenças não sei de que principalmente procedem; se destas águas corruptas, se de algũa outra [causa,] porque só, desde que para lá se comercea a negraria, é que se tem experimentado; pois não consta, que antes desta carregação houvesse naquele Estado semelhante epedimia: e tanto ũa como outra doença serampão e bexigas, é tão nociva aos índios naturaes, que algũas vezes, quase lhes despovoa as aldeias. No ano de 49 houve um tal serampão, que os mortos se computaram para cima de trinta mil; poucos anos antes houve ũa tal epedimia de bexigas, que levaria outros tantos: e ainda nos europeos não são muito de cobiçar, pois tão bem com elas morrem muitos. Tão bem procede o ser mais ou menos doentio algum lugar, ou paragem, de ser mais ou menos lavada e refrescada dos ventos, e algumas povoações que antes eram doentias por esta causa, depoes que tiveram a providência de mandarem cortar, e alimpar os matos, que impediam os ventos, com a frescura destes, já ficaram muito mais aprazíveis, e sadias. Esta economia sabem já todos os moradores, e povoadores do Estado do Amazonas; e por isso a primeira circunstância, que buscam para a erecção de algũa povoação, ou sítio é, que seja bem exposta, e lavada dos ventos, para ser fresca, e sadia. Daqui se há de inferir, que o clima do Amazonas temperado com o fresco, e refresco dos ventos é salutífero, bizarro, muito apetecível, e agradável à vida humana mais, que os mesmos ares da Europa.

CAPÍTULO 10º

DE ALGŨAS COUSAS NOTÁVEIS DO RIO AMAZONAS.

Não é o meu intento tratar neste capítulo das muitas riquezas do Amazonas, com que não só se faz rico, e regalado a si, mas também enriquece, e regala toda a Europa, como são os seus mimosos cacaos, cravos, salsa, al-

godão e outros gêneros, em que é abundantíssimo; porque esta matéria fica reservada para outra parte, quando falarmos dos seus muitos, e preciosos gêneros. Por ora o que aqui só tocarei são algũas cousas, que nele se admiram, mais como milagres da natureza, do que como indústria dos homens: e seja a primeira a que se admira no Rio Xingu. Ao pé das primeiras cachoeiras deste rio estão ũas grandes pedras, ou calhaos no meio, mas sobreelevadas a ágoa, principalmente na vazante, e são como pardas escuras, e tem uma singularidade de soarem como metal, quando lhe tocam, e por esta razão as chamam os naturaes Ita maracá, que quer dizer sinos, porque tem o som de sinos. Deixo agora ao discurso dos leitores donde lhe vem este som. A mim me parece, que ela* tem em si algum metal, qual ele seja, o podem experimentar os seus moradores, e curiosos. Mais admirável é outra famosa pedra, que tem em um seo braço, tão bem no meio da ágoa, mas de fora, e superior. É uma pedra lavrada ao feitio, e modo de um altar, bem feito, e bem proporcionado, como se fora lavrado por mãos de mestre; e para que ninguém duvida[sse de que] na verdade é altar o provam os mais requisitos; porque tem lavrada, e bem no meio ũa cruz, e nos seus lados duas bem feitas, e proporcionadas estantes, que bem indicam o ministério para que serviram, isto é, para lugar do missal. Ainda não acaba aqui toda a maravilha: tem no pavimento seu degrao, e nele estampadas, e mui distinctas ũas pegadas de gente, que segundo os mais signaes bem se pode inferir serem do sacerdote, que neste altar oferecia a Deus o incruento e santíssimo sacrifício da missa. Qual fosse porém esse sacerdote o deixo à consideração dos leitores; mas como *aliunde*** há outras provas de que na América andou e evangelizou o grande apóstolo São Tomé, nos dão bastante fundamento para suspeitarmos, digo discorrermos que neste altar dizia missa; e para testemunha deixou estampados no pavimento os seus sagrados pés, e na face da mesma pedra as mais insígnias da cruz, e estantes: assim ficassem estampados no coração dos naturaes os mistérios da Fé, e da mesma Santa Cruz.

O haver tradição de ter evangelizado a Fé na América o Apóstolo São Tomé, é já hoje sem controvérsia de dúvida, porque além de outros muitos fundamentos, de que cremos vendo pelo discurso desta obra alguns, há e se conserva em alguns tapuias esta tradição; pois perguntados por alguns outros fundamentos quem lhos ensinou? respondem, que um homem chamado Sumé, cuja reposta com os mais fundamentos claramente convence desta verdade. Chamarem-lhe Sumé, e não Tomé, é pequena corrupção do vocábulo, que nos índios é muito desculpável pela falta de livros, e memórias, que não tem; porque creados a lei da natureza, sem aprenderem a ler, e escrever; e tão bem os desculpa o longo tempo de tantos séculos. Por isso se não deve estranhar em gente tão rude a pequena mudança do *T* para *S*, especialmente ficando tão semilhante o som das duas palavras Tomé e Sumé; quando nos mesmos europeos, e nos mais literatos homens se estão achando a cada passo estas corrupções de vocábulos, como se vê na palavra *Portugal*, que antes era *"Portus Calis"*, *Setuval*, *"Coetus Tubalis"*, *Santarém*, *"Santa Iria"*, e em milhares de outras palavras. Acresce mais para confirmação de que os índios na palavra *Sumé* querem dizer *Tomé*, a pronúncia do *T*, ou *Taf* dos hebreos, a que estes lhe dão o distincto som de *T*, como nós os portugueses, mas ũa pronúncia muito semilhante a *S*, ou mais propriamente entre *T*, e *S*. De

* No manuscrito está *ela*, mas deve ser *elas*.

** Lat.: de outra parte.

sorte que com serem os caracteres os mesmos em todas as nações, nem em todas as língoas tem o mesmo som: seja prova, além de outras, a [pronúncia] do mesmo *T* na lingoagem inglesa, porque não o proferem os seus naturaes com o som de *T*, mas de *D*; ou um meio entre *T*, e *D*, mais parecido a *D*; e o mesmo sucede a outros caracteres. Da mesma sorte na língoa hebraica tem o *Taf* uma pronúncia, como média entre *T*, e *S*; antes mais semilhante, e parecida a *S*: e como São Tomé, de quem o ouviram era hebreo, lhe daria a sua própria pronúncia muito semilhante a *S*; e por isso na tradição dos índios ficou perpetuada a palavra *Sumé*. É certo que há ainda outros muitos fundamentos desta verdade, e não é pequeno a imagem da Virgem Senhora Nossa com o Santo Menino Jesus nos braços, que se achou no Império do México, por ser certo que naquele Império não consta, que entrasse alguém, como em toda a mais América primeiro que os castelhanos e portugueses: logo não há fundamento para atribuir a outrem o levar aquela tão distante região a notícia, e conhecimento da Senhora senão a algum Santo Apóstolo, porque — *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum**. Que os espanhoes fossem os primeiros intrusos na América, também parece ser evidente: porquanto nas Histórias não se acha notícia alguma de todo aquele Novo Mundo, antes deles[;] razão, porque alguns cuidaram ser ele a Ilha Atlântica, de que falam as Histórias. E se alguém reparar o como podia São Tomé correr tanto mundo em tão distantes regiões, como são Partos, Medos, Persas, Hircanos, Índios e Chinas; e depoes vir a evangelizar outro Novo Mundo na América, quando só para o correr apenas chega a vida do homem, segundo a grande distância que vai de México em *[em branco no manuscrito]* graos de Norte ao Brasil em *[em branco no manuscrito]* ao Sul. Respondo que assim é naturalmente; mas por vertude divina, não só podia correr todas as sobreditas províncias, mas todo o mundo ũa, e muitas vezes. Que isto não só era factível *virtute ex alto***, mas que na verdade assim sucedeo aos Santos Apóstolos, consta das Histórias ecclesiásticas, e ainda das Divinas Escripturas; e do mesmo glorioso São Tomé o contam os índios na sua tradição, dizendo, que lhes apareceo aquele varão santo; e pregou, mas vendo que eles o não queriam acreditar, nem ouvir, se apartou deles caminhando a pé enxuto pelo mar, como, além de outros, refere o grande Padre Vieira, escrevendo esta tradição dos índios do Brasil. Mas para que se veja quão grandes, e muitos são os fundamentos que solidam esta verdade, continuarei em apontar outros, que ainda existem, talvez para memória dos vindouros, e para abono dos índios.

Seja o primeiro a capela do Bom Jesus no Rio de São Francisco. Entre as cousas mais notáveis, que acharam os portugueses naquele rio, foi ũa capela cavada, e lavrada em um rochedo nas margens do rio; descubrio-se por occasião de um ermitão, que saindo do povoado para buscar algum deserto, onde fazendo rigorosa penitência de seus peccados, cuidasse só na sua salvação eterna, [deu com] ũa paragem, que lhe pareceo bem accomodada ao seu intento, e chegando a ela, vio um côncavo por modo de capela, ou templo, entrou dentro, e indo a pôr ũa imagem do crucifixo no altar, achou feito nele um buraco, como se tivera sido aberto de propósito para o intento.

---

* Lat.: por toda a terra espalhou-se o som da sua voz, e sua palavra pelos confins do orbe.

** Lat.: por virtude do alto.

Divulgou-se o caso, e principiando a concorrer já romeiros, e já moradores, se começou a povoar, e desde então está servindo de igreja, e cuido, que tão bem de freguesia: porém ainda no destricto do mesmo Amazonas temos mais templos. Desagoa no mesmo Rio Xingu o Rio Jaracu da banda de Oeste, e por ele dentro cousa de quinze dias de viagem, já pelo rio, e já por terra nas terras, e sítios dos índios Averãs, se admira outro templo, que segundo algumas suas circunstâncias, não é obra da natureza, mas artifício, ou natural, ou sobrenatural: porque afirmam aqueles índios que tem valvas de pedra com suas dobradiças, como os nossos portaes, e que sempre estão fechadas. Perguntados pelo que tem dentro? respondem que nem sabem, nem podem saber; porque assim que alguém intenta abrir aquelas portas, sae ou vem de dentro um grande resplandor tão respeitoso, que obriga a fechar não só os olhos, mas tão bem as portas: por esta razão carecemos de saber as suas miudezas, e que respeitoso resplandor seja aquele, donde sae, ou de que se origina? Nem posso deixar de estranhar aos missionários daquele rio o descuido de não procurarem averiguar pessoalmente as circunstâncias, e miudezas daquele templo; e talvez que aquele resplandor seja misterioso, e para se manifestar, só espere algum ministro evangélico, que com a sua pregação faça idôneos, e capazes aqueles miseráveis salvages, de que Deus lhes manifeste os seus mistérios, e o misterioso daquele resplandor. No Rio Coroa a [*em branco no manuscrito*] dias de viagem está ũa grande concavidade por modo de templo, e igreja: tem um grande portal bizarriado com seus frisos, e por cima arquitetado com seus arquitraves, que representam um frontespício. Fora da porta de um, e outro lado tem ũa grande pedra, e ambas rematam com ũa cabeça alguma cousa toscas de modo, e feitio de cabeças de pretos, e representam duas estátuas, das quaes só permanece uma, porque uns índios mansos, que costumavam ir aquele rio ao provimento do cravo, degolaram a outra; mas nem eles, nem os brancos que iam por cabos tiveram a curiosidade de o medirem, segundo as suas proporções, e mais miudezas, ou ao menos de o delinearem com algum rescunho.

Mais curiosos foram, os que mediram outra semilhante no Rio Topajós, que com grande cabedal desagoa acima do Rio Coroa. Entre os mais rios, e ribeiras, que recolhe o Topajós é um o Rio Cuparis, a pouca mais distância de três dias, e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio, chamado Santa Cruz: é célebre este rio, mais que pelas [suas] riquezas, de muito cravo, por ũa grande lapa feita, e talhada por modo de ũa grande igreja, ou templo, que bem mostra foi obra da arte, ou prodígio da natureza. É grande de 100, e tantos palmos no comprimento; e todas as mais medidas de largura, e altura são proporcionadas segundo as regras da arte, como informou um missionário jesuíta, dos que missionavam no Rio Topajós, que teve a curiosidade de lhe mandar tomar bem as medidas. Tem seu portal, corpo de igreja, capela mor com seu arco; e de cada parte do arco ũa grande pedra por modo de dous altares colateraes, como hoje se costuma em muitas igrejas: dentro do arco, e capela mor tem ũa porta para um lado, para serventia da sacristia. O missionário que aí quiser fundar missão, já tem bom adjuctório na igreja, e não o desmerece o lugar, que é muito alegre. Bem pode ser, que nos mais rios e destricto do Amazonas, e seus colateraes haja algumas outras igrejas, ou capelas; nestes três Rios Topajós, Coroa, e Xingu se descubriram estas, por serem já mais frequentados. Mas quando não haja outros signaes, bastam estes para se inferir, ser moralmente certa a pregação de São Tomé na América. Nem é pequena conjectura, e congruência a fruta das bananas, chamada na Ásia figos, e na América pacovas de São Tomé,

como tão bem a mandioca, ou farinha de pao, que é o pão usual de todos os americanos, nos quaes se conserva algũa tradição, de que tão bem São Tomé lhes ensinara o uso dela, talvez porque antes só comiam frutas do mato, a maneira de feras, como ainda hoje fazem muitos.

CAPíTULO 11º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA DAS COUSAS NOTÁVEIS DO AMAZONAS.

Junto da catadupa do Rio Topajós, acima da sua foz pouco mais de cinco dias de viagem, está ũa fábrica, a que os portugueses chamam convento, por ter o feitio dele. Consiste este em um comprido corredor com seus cobiculos por banda, e com suas janelas conventuaes em cada ponta do corredor. É fábrica, segundo me parece das poucas notícias que dão os índios brutaes em cujas terras está, de pedra e cal, e conforme a sua muita antiguidade mostra ser feito por mãos de bons mestres. É todo de abóbeda, e muito proporcionado nas suas medidas, e não é feito, ou cavado em rochedo por modo de lapa, ou concavidade, como são os templos supra, mas obra levantada sobre a terra. Alguns duvidam se toda a fábrica consta de ũa só pedra, porque não se lhe vem as junturas: famoso calhao se assim é! e na [verdade] só sendo um inteiro calhao parece podia durar tanto, pois segundo o dictame da razão se infere, que, ou é obra antes do universal dilúvio, ou ao menos dos primeiros povoadores da América, que por tão antigos ainda se não sabe de certo, donde foram, e donde procedem. A tradição, ou fábula, que de paes a filhos corre nos índios, é que ali moraram, e viveram nossos primeiros paes, de quem todos descendem brancos, e índios; porém que os índios descendem dos que [se ser]viam pela porta, que corresponde as suas aldeas, e que por isso saíram diferentes na cor aos brancos, que descendem dos que tinham saído pela porta correspondente a foz, ou boca do rio: será talvez a principal, e ordinária serventia do palácio, e a outra ũa como porta travessa; outros dizem, que naquele convento moraram os primeiros povoadores da América, e que repartindo a seus filhos, e descendentes aquelas terras, eles bulharam entre si sobre quem havia de ficar senhor da casa, e que finalmente só se accomodaram desamparando a todos. Eu não disputo agora sobre estas tradições, cuja ponderação deixo a discrição dos leitores, só digo que o palácio, ou convento bem merece veneração por velho, e gozar dos privilégios dos mais antigos. Algum autor houve, que

discorria ser a América o paraíso terreal, onde Deus pusera a Adão, apontava para isso várias razões, fundadas já na sua grande fertilidade, e já nos seus grandes rios; e outros que não aponto por me parecerem quiméricos, além de assentarem os maiores escripturários, que o lugar do paraíso era, e é na Ásia, encuberto, e occulto aos homens; e também pode ser na América do que prescindo: só digo, que os que o põe na América tem neste convento, e tradição dos índios grande fundamento. A verdade é que os índios lhe tem tal respeito e veneração, que se não atrevem a morar nele, não obstante o viverem em suas fracas choupanas quanto basta a encubrir os raios do sol, e incomodidade da chuva; nem tem instrumentos para maiores fábricas, por não terem uso do ferro; e tendo ali casas feitas, e bem accomodadas, as deixam estar solitárias, servindo de covis aos bichos do mato, e de palácio aos grandes morcegos, e aves nocturnas, que ali vivem, e moram muito contentes, e sossegadas, enquanto os tapuias lhes não dão caça com as suas freschas, para deles fazerem bons assados, e melhores bocados para os seus sair pela sua porta os índios, e por isso saíram tisnados, e vermelhos; e quem fumo, e algũas vezes fogo por entre pedras; talvez que nele se tisnassem ao sair pela sua porta os índios, e por isso saíram tisnados, e vermelhos; e quem sabe se por causa deste fogo, e fumo, não habitam o convento?

Na banda do Norte do Amazonas dizem haver um lago, em cujas praias [é] fama constante estarem vários corpos humanos petrefactos; e todos ou quase todos em pé, e que entre eles estão algũas fêmeas com seus filhinhos nos braços: não dizem a paragem, onde está este lago, mas se é certo, parece misterioso; porque para se atribuir à qualidade da ágoa, em que entrando eles a banhar-se, como costumam, logo esta os convertesse em pedra, parece ser muito instantânea a conversão, e demasiadamente eficaz a vertude da ágoa. Bem sei, que há ágoas que tem vertude de petreficarem o pao e mais cousas que nelas metem; e na Hungria se diz haver um semilhante rio, no qual um Imperador mandou lançar ũa árvore, e ao depoes a mandou tirar petrefacta; mas sempre necessita de algum tempo, e proporcionada demora para que a ágoa [possa] trespassar as cousas, que lhe deitam; mas no sobredito lago mostra a postura dos corpos, que fora tão instantânea a sua petrefação, que nem tiveram tempo para sentirem a mudança, e se assentarem, ou deitarem. Além de que se fora por vertude da ágoa, já há muito que estariam não só deitados por terra, mas também escondidos no seu lodo, ou area, porque a ágoa comendo-lhes pouco a pouco a terra debaixo dos pés naturalmente cairiam logo, e com as enchentes, e vazantes os teria de tal sorte enterrado, que nem signaes alguns houvesse já deles. A mim me parece, falando na suposição de que é certa a posição em pé dos ditos corpos, que foi efeito de algũa maldição; pois sendo certo, que as maldições, especialmente de pais a filhos, ou a parentes, muitas vezes pegam, como se lê nas histórias, bem poderia tão bem ser esta maldição sobre alguns índios na occasião, em que eles iam por aquelas praias, que por vir e lhe cair de repente os deixou na mesma postura, que tinham; como sucedeo à mulher de Lot, que indo caminhando ficou em pé convertida em estátua de sal em castigo de olhar para trás a ver o incêndio das disgraçadas cidades Sodoma, e Gomorra: da mesma sorte os índios daquele lago em pena de algũa culpa ficariam também convertidos em estátuas de pedra, e se foram tão bem de sal teriam mais pilhéria. Nas margens do Amazonas há ũa paragem, entre Pauxiz, e a foz do Rio Madeira,

chamada na língoa dos índios naturaes — *Ita cotiará* — que quer dizer — *pedra pintada ou debuxada*[;] vem-lhe o nome de várias figuras, e pinturas delineadas naquelas pedras; e pouco mais acima estão estampadas em outras pedras algũas pegadas de gente. O que suposto, discorrem alguns, que tanto uns como outros serão signaes misteriosos, como as pegadas esculpidas no pavimento do altar, que dissemos no Rio Xingu; porque não parecem feitas por engenho da arte. Outros porém concedendo a causal, dizem, que estas podem ser por causa natural, porque pode ser, que passando por alí algum curioso índio, quando ainda aquelas pedras estivessem barro brando, debuxaria por divertimento as taes pinturas e figuras; e pela mesma razão de brandas, passando por cima das outras, deixaria estampados nelas os pés, e ao depoes fazendo-se pelo decurso dos tempos aqueles barros petrefactos, conservam as mesmas figuras. Parece provável este discurso, aos que discorrem que todas as pedras se fizeram, e constiparam com os tempos, de que há muitas provas, além de outras partes, no mesmo Amazonas, como advertiremos adiante.

É digna da história a pedra das maravilhas, chamada por outro nome [*em branco no manuscrito*] Chama-se das maravilhas, por ser na verdade maravilhosa, porque contém em si a preciosidade de todas as pedras preciosas, as quaes tem dentro em si, e as mostra todas por fora, porque é transparente como o cristal, arremedando as cores de todas as mais pedras, e concorrendo todas para a sua formosura, como se Deus autor da natureza coadunasse nela, como em compêndio, a formosura preciosa, e a formosa preciosidade de todas as mais pedras: porque nela se vê, e admira a fineza, e resplandor do diamante, o carmezim do rubi, a claridade do carbúnculo, o verde da esmeralda, e a variedade admirável de todas as mais pedras preciosas. Descubrio-se esta maravilha das pedras, e pedra maravilha, ou das maravilhas no Paraguai; e como aquelas terras são todas as mesmas com as do Amazonas, bem se pode supor, que tão bem nele haverá esta pedra; pois consta, que todas as mais pedras preciosas, que se tem descuberto no mundo, há no Amazonas. É vomitada esta pedra da terra, e quando sae, sae com tal estrondo, como um grande trovão: e como os naturaes sabem já este signal, assim que o ouvem, logo vão buscar naquela parte a terra; mas como aquelas matas são muito serradas, e o chão cuberto de folhagem, só por maravilha se podem descubrir algumas; e por isso são muito raras as que aparecem: se não é, que os índios as escondem, como fazem a tudo o mais, que vem ser estimado pelos brancos, de sorte que para deles se saber algum segredo, não há de ser com empenho, mas com desprezo. E se estes grandes estrondos, ou trovões da terra são signaes evidentes das taes pedras das maravilhas, bem nas podem buscar nas matas do Amazonas, porque são muito frequentes e comuns nelas os estrondos, digo trovões, da terra, e tão grandes, que as vezes fazem cair de narizes os mais vezinhos, e arrepiar o cabelo com medo.

Outra notabilidade do Amazonas são os homens marinhos, que muitos homens da terra, especialmente dos naturaes índios, afirmam haver e ter visto. Já dissemos, como no Rio Coparis, que desagua no Topajós cousa de dous, até três dias de viagem, se viram ũa vez sair da ágoa muita gente, homens, mulheres, e meninos: em outras muitas partes afirmam o mesmo, e contam tantos casos, e com taes circunstâncias, que parecem bastantes a provar não só a sua existência, mas a assentar que no Amazonas há muitos. Exporei para isso alguns casos mais modernos, dos quaes ainda hoje existem os relatores, como testemunhas de vista; é bem verdade que alguns parece se fazem

incríveis, por alguma implicância. Testemunha um religioso, que estando em ũa varanda, que olhava para um lago, quase imediato às casas de campo, em que estava, que vira surgir, e levantar-se da ágoa um vulto, com feições de homem, virado para a parte fronteira das mesmas casas, em cuja postura perseverou algum espaço, e virando depoes o rosto para as casas, assim que advertio no religioso, que o estava admirando, se escondeo na ágoa como peixe. No mesmo lago estando um pescador a pescar de linha à noite, sentio que lhe pegavam, e brincavam com o anzol de diverso do que costuma pegar, e picar o peixe; mas puxando a linha, não vinha nada. Admirado da novidade e suspenso do que seria, se pôs mais atento, e assim que sentio bulir puxou de repente, e principiou a ouvir gemidos de gente humana; e quanto mais puxava maior peso sentia, e mais claros os gemidos, mas como era de noite creou medo, e largando a linha, fugiu para casa. Na seguinte noite levado da curiosidade de saber, o que era voltou a mesma paragem, mas ouvindo da parte da margem, que o chamavam pelo seu próprio nome, ficou mais suspenso, e por suspenso parado: continuaram as vozes chamando-o por seu nome, e dizendo[:] "Fulano vem curar meu filho, a quem ontem feriste com o anzol"; cujas vozes por desconhecidas, e porque naquela paragem não costumava andar gente, e muito mais sendo pelo escuro da noite, o intimidaram de sorte, que fogio para casa contando o caso, que na verdade parece ter implicância em o chamar por seu nome, e na mesma linguagem pátria: porque, se eram homens marinhos, como parece do sucesso da primeira noute, quem lhes ensinou a linguagem natural dos índios, e porque conhecimento com o dito pescador sabia o seu próprio nome? pelo que mais parece caso sonhado, do que sucesso verdadeiro. Na Missão do Maracanã situada na foz do Amazonas tem sucedido vários outros casos, que mais provam serem doendes, do que homens marinhos. Em ũa occasião se quis lançar no mar de mergulho um índio, a quem outros detiveram; e perguntando-lhe a causa, respondeo, que vira andar debaixo da ágoa uma mulher muito formosa. Perto da mesma missão há ũas minas de cernambi (conchas de um marisco semelhante ao mexilhão), de que no Amazonas fazem cal os moradores, e por isso vão aquelas paragens fazer carregação, das ditas conchas; e é rara a vez que lá vai embarcação, que os trabalhadores não sejam assaltados de mãos cheias de area, que lhes atiram, sem verem quem os inquieta, e faz taes brincos.

Pouco antes da dita missão está um iguarapé em cuja boca por abrigada dos ventos, e sossegada dos mares fazem muitas canoas suas esperas antes de atravessarem ũa baía para as salinas, que ali há: nesta dita espera se ouvem signaes de gente humana, já risadas, já choros, ais, e outras semelhantes. Ũa vez que certos militares ali estavam, ouvindo alguns destes signaes, começaram a arremedá-los, mas veio logo sobre eles ũa tal carregação de pedradas, sem verem ninguém, que se viram obrigados a levarem os remos, e navegar para o largo: por semelhantes casos é já mui notória aquela paragem. Contam assim mesmo de alguns índios, e índias, que tem fogido pora a ágoa, que algũas vezes se tem deixado ver, surgindo acima. De que muitas vezes ouvem e sentem signaes de gente na ágoa, e o toque do tamboril, que ouvem debaixo da ágoa, é muito vulgar entre os índios. Negam contudo a existência de semelhantes indivíduos marinhos os mais prudentes, pela implicância que mostram ter os referidos casos; porque já os fazem visíveis e nadando como peixes na ágoa, e já invisíveis brincando em terra. O toque do tamboril, que repetidas vezes se ouve na ágoa, mais provável é que se

toca em algũa povoação vezinha, cujo som retumba, e faz o eco na ágoa; ou que tudo são estartagemas do comum inimigo, para enganar os miseráveis índios, e mais depressa dar com eles no lago infernal, donde não hão poder surgir, mas só chorar sem remédio o seu eterno naufrágio. Com isto não quero dizer que não haja homens marinhos; porque a experiência bem tem provado a sua existência, e no Brasil se tem visto por vezes estes indivíduos. A sua figura é totalmente semilhante à humana, e da mesma estatura, só com esta diferença, que os dedos das mãos e pés são pegados com ũa delgada cartilagem como os morcegos; mas no demais perfeitos e acabados como os pés, e dedos dos mais homens: porém feíssimos de rosto, e bem pode ser que no Amazonas haja taes monstros marinhos; mas não são, os que fingem os seus naturaes, que tocam tamboril debaixo da ágoa.

CAPÍTULO 12º

DAS ILHAS, LAGOS E PENÍNSULAS DO GRANDE AMAZONAS.

Seria *littus arare** o intentar descrever todas as ilhas, e penínsulas do máximo dos rios, Amazonas; porque de tal sorte corta, e reparte com suas ágoas as terras, que não obstante serem estas tão dilatadas, que sobejariam divididas a todos os europeos, são contudo tão abastecidas de ágoas, e tão talhadas de rios, que quase toda aquela grande distância do Amazonas por 1800 légoas de comprimento se pode chamar um laberinto de ilhas, e penínsulas. Toda a América se pode chamar ũa grande ilha, como os mais dos geógrafos a descrevem; outros a nomeam península, porque a supõe comunicável com o continente, já pela banda do Norte, e terras do Laborador, e já pela grande Califórnia, o que eu agora não disputo; mas só digo, que o grande Amazonas devide este Novo Mundo em duas famosas penínsulas, porque quase o corta todo de Oeste a Este, deixando só entre a sua fonte, e Mar Pacífico, o pequeno estreito de Panamá de 30 légoas. Mas além destas duas penínsulas da grande América Septentrional e Meridional, tem tantas outras de uma, e outra parte, que todo o seu destricto se pode chamar Ilhéos. Darei pois notícia de algũas mais principaes, segundo a notícia dos geógrafos modernos, que delas já fazem menção nos seus mapas. Entre todas merece o primeiro lugar, por ser a maior de todas, a Ilha Marajó. É a Ilha do Marajó, que outros chamam de Joanes, e outros a apelidam a Ilha Grande, todo o continente, que forma o Rio Amazonas entre as suas duas grandes bocas; uma que busca o Norte, e é a principal; e outra que desagoa pela

* Lat.: arar a areia da praia, escrever na areia, isto é: perder o tempo e o trabalho.

banda do Sul: entre as referidas bocas está este grande torrão de terra, que bem lhe quadra o nome de Ilha Grande, pois lhe dão de comprimento para cima de 60 légoas; e segundo os modernos, que a assignalam quadrada, tem outras 60 de largura. O comprimento o medem uns de Leste a Oeste, principiando pouco acima do Tajupuru, até onde ela faz frente ao mar, aonde chamam as Barreiras. Outros contendem, que o seu comprimento é de Norte a Sul: porém todos assentam que a Ilha do Marajó é das maiores do mundo; por certo digna de só ela ser um grande Reino, se estivera, como merece, povoada. Ela mesma em si é repartida em muitas ilhas, e peninsulas, com os rios que juntamente a banham, e fertilizam.

O primeiro rio que sae do Marajó é o Guarapé grande, que desagoa para o Sul: é de alguns dias de viagem. O segundo é o Rio Arari, que nasce em um grande lago, quase no meio da ilha, donde sae fazendo um como arco, depoes de várias voltas, como para Nascente, com três até quatro dias de viagem. Tem no meio uma catadupa, que o atravessa de parte a parte, mas não impede a viagem de grandes embarcações para cima e para baixo, ainda na maior secca do verão, especialmente na preamar, que ainda lá chega com as suas enchentes. Esta catadupa, chamada pelos seus moradores com o nome próprio de Cachoeira, na secca do verão é vadeável em cavalgaduras, que da parte do Norte a passam para a Vila de Santa Ana, que está da parte do Sul, sita na mesma margem do rio. Porém já succedeo alguma vez, ir abaixo cavalo, e cavaleiro, sem deles haver mais notícia. Desagoam nele algumas pequenas ribeiras, e ainda sem elas é navegável até as suas cabeceiras, ou grande Lago, em todas as estações do ano. No verão é muito insipida, e ofuscada a sua ágoa, o que se atribue à grande multidão de crocodilos que o infestam, e de que anda cheio o seu lago, ou fonte, já por revolverem o lodo, e já pelo seu esterco, ágoas e imundícias; ao que também ajuda muito o muito lodo das suas margens, revolvido pelo muito gado vaccum, e cavalar, que pastam nas suas campinas de ũa e outra banda em todo o seu destricto. Desagoa o Rio Arari por duas grandes bocas no braço austral do Rio Amazonas, em uma grande baia de 8 légoas de largura, chamada Baía de Arari. O terceiro é o rio chamado Marajó, do qual toda a ilha tomou o nome, posto que nem seja dos maiores, nem dos de maior nome: talvez por ser o primeiro habitado pelos portugueses. Este rio tem as suas cabeceiras junto do Rio Arari, meio dia, ou um dia de viagem da sua boca, e como ele mesmo se comunica por um braço, com que divide, e separa outra ilha, que terá 8, ou 9 légoas de comprimento e outras tantas de largura, banhada pelo Sul pelo Rio Arari, da banda do Norte pelo Rio Marajó, de Poente, com o braço que comunica os dous rios, e de Nascente com as ágoas da grande baía, que chamam Baía do Marajó. É navegável este rio pouco mais de um dia de viagem por todas as embarcações, e tem, além de largura, fundo capaz de navios. Para lhe impedem a navegação, as sim o pouco fundo, como, e principalmente, vários arbustos, que pouco se foram apoderando, e quase entupindo o dito rio, de sorte que já hoje não dá comunicação para o Rio Arari, com grande incômodo, não só dos seus habitantes, que para passarem ao Arari, ou hão de conduzir em alguma parte as embarcações por terra, ou hão de vir buscar, e atravessar a costa; mas também dos navegantes dos mesmos, que antes quereriam subir pelo Rio Marajó, e dele atravessar para o Arari. para evitarem os grandes perigos da mesma baía, defronte das duas bocas do Rio Arari. As ágoas do Rio Marajó, não só são doces, e cristalinas, mas tão bem muito salutíferas. Re-

colhe em si vários outros rios de pouca consideração, mas com bastante cabedal de ágoas, e algumas muito cristalinas, especialmente as do Rio Toconaré, que recolhe em distância de meio caminho, onde se vê o peixe andar nadando debaixo da ágoa.

A este Rio Toconaré vão buscar alguns, dos que querem atravessar para o Rio Arari, arrastando as suas canoas por ũa pequena língoa de terra, que medeia entre as suas cabeceiras, e um pequeno braço daquele rio, por não virem buscar a grande distância da costa. Da grande fartura, e abundância deste rio diremos adiante, quando noticiarmos a grande fertilidade de toda a ilha. Desagua, como já dissemos, o Rio Marajó na baía do mesmo nome para a parte do Nascente, como o Arari. Acima do Rio Marajó sae da mesma ilha o Rio Atuá, também de pequeno curso, quase igual ao Marajó pouco mais, ou menos, e dele se não sabe mais especialidade do que desagoar no mesmo braço austral do Rio Amazonas na baía, que dele mesmo tomou o nome, e se chama a Baía do Atuá, acima do Rio Marajó um dia de viagem. Deixando muitos outros regatos, e ribeiras, que da dita ilha saem para a mesma banda austral, que por serem de menos conta, e cabedal, são pouco nomeados, segue-se o Rio Anajá, que é o de maior cabedal de ágoas, que sae da grande Ilha Marajó. Nasce este rio perto das cabeceiras do Rio Arari, cuja comunicação entre si impede ũa pequena porção de terra, que nas suas enchentes fica quase toda alagada. E se os moradores da ilha tivessem a providência de os fazer comunicáveis, o que é muito fácil, melhorariam no tempo do verão, e das seccas as enlodadas, e nojentas ágoas do Rio Arari; nem talvez teria este nas suas ágoas tanta diminuição, e se acudiria com utilíssima providência ao muito gado vaccum, que fica atolado no seu lodo, quando vai beber, e vem a ser pasto dos seus muitos crocodilos, que logo lhe saltam nas ancas. Digo se evitaria, porquanto me parece que para ele concorreriam as ágoas do Rio Anajá, e com elas juntamente muita abundância do seu pescado, e para todos, e por tudo seria utilíssimo. Corre este rio de Leste para Oeste, com curso totalmente contrário ao Arari, e depoes de receber as ágoas de muitas ribeiras por uma e outra banda, desagua com grande cabedal na boca do Tajupuru pouco abaixo da mãe do grande Amazonas, com 6 até 8 dias de viagem, em que deixa quase repartida a ilha em duas peninsulas. Além deste Rio Anajá há outro do mesmo nome, e quase indigno dele, por ser um pequeno reacho, que desagoa no Rio Arari pouco abaixo do seu lago. Ainda não chegamos à metade da grande Ilha Marajó; porque daqui até a principal foz do Rio Amazonas, ainda restam uns poucos dias de viagem, e em distância tão grande, sem dúvida haverá muitos outros rios dignos de nome, e ricos de ágoas: porém o ser esta viagem para a foz do Amazonas pouco seguida, e o não ser a dita ilha daqui por diante habitada faz, que deles não haja individuaes notícias: e só sabemos que junto à foz esteve ũa fortaleza de portugueses em ũa muito bela, e cômoda paragem, chamada a Fortaleza da parte do Norte, que finalmente se desamparou, dando por razão ser doentia, e se mudou para a banda do Norte, no lugar, onde chamam Macapá, que hoje é juntamente Vila de São José de Macapá.

Já se vê, que sendo tão regada, e banhada de tantos rios há de ser muito fértil o seu terreno, como na verdade o é; mas além dos seus muitos rios, tem muitos e grandes lagos, que não só a regam com as suas ágoas, mas também a fazem rica, com a multidão do seu peixe. Porque, excepto o Rio Arari, e o seu lago, em que há alguma falta de pescado, talvez pelas rezões, que acima demos de serem no verão e seccas muito turbas as suas

ágoas, etc. todos os mais rios, e lagos são abundantíssimos de muita variedade de pescado delicioso; porque ali se acham as tartarugas, ali se pescam os peixes bois, os pirarucus, jandiás, acarás, e toda a mais casta de pescado, e em tanta quantidade, que há morador que tendo perto de casa algum lago, é o mesmo que ter em casa um viveiro de peixe; e no verão quando deminuem as ágoas fazem provimento do mesmo lago de 50, e 100 arrobas de peixe. Há paragens onde os moradores uma, ou duas horas antes de se pôr o sol chegam por divertimento a algum lago, e neste pequeno espaço trazem delicioso peixe para toda a sua casa e família: tal é o Rio Marajó, e tal é o Rio Anajá, cujos moradores se consideram ricos só pela abundância do seu peixe. E posto que esta fartura é em toda a ilha, é muito maior nos rios e lagos, a que chegam as enchentes das marés, não por chegarem lá as ágoas salgadas, nem ainda salobras do salgado, mas porque as marés do salgado impelem, e fazem recuar as ágoas dos rios. Não é menor a abundância e variedade da caça, assim terrestre, como volátil: da terrestre basta dizer, que são tantos os viados, que muitos moradores, não fazendo já caso deles para a mesa, só lhes aproveitam as peles para o cortume. Parecem rebanhos de cabras pelas campinas, e nelas tem abundância de pastos, com que fazem as suas carnes gordas, e deliciosas, com muito proveito das onças, e tigres, que neles se cevam, porque delas há muita abundância e várias espécies. Ainda é muito maior a abundância dos voláteis, já patos, já marrecas de várias castas, e já de muitas outras espécies de pássaros. Os papagaios andam em grandes bandos, e ordinariamente os desta ilha são os melhores, e mais estimados. As araras são em tanta multidão pelos rios, que cobrem o sol, o que alguns caçadores procuram, quando navegam, ou caçam por aqueles rios; porque em segurando uma, segura esta na canoa, grita como costuma, a cujos gritos acodem outras em tanta multidão, que fazem sombra à canoa, donde, se os caçadores são destros, em poucos tiros pode[m] fazer um bom provimento. Ainda é maior a multidão de marrecas, pois não só cobrem o sol a bandos, mas também enchem as campinas. É tão farta a Ilha do Marajó de caça volátil, e de peixe, que os seus moradores sem mais outro provimento, que a farinha de pao, que é o seu pão ordinário, e com alguma pólvora e munição, podem viver regaladamente, sem que para isso lhe seja necessária muita diligência, por terem a caça, quase ao pé de casa. Os guarares, pássaros tão estimados pelas suas lindas, e vermelhas penas, são tantos em alguns lagos, especialmente no lago do Rio Arari, que alguns com grande recreo em os matar, fazem cambadas de peles a milhares, que por grande mimo embarcam para a Europa.

Resta-nos agora dizer alguma cousa do seu excelente terreno, e grande fertilidade, que para ser grande basta dizer, que toda é bem banhada e regada, de sorte que muita parte dos seus campos na enchente dos rios, ficam tão alagados, que andam por eles as embarcações, como no verão os passageiros. *Mas para se formar um cabal conceito da sua fertilidade, se há de* saber, que a Ilha do Marajó tem só pelas margens respectivas, assim do mar, como do Rio Amazonas, e seus braços, grandes matas, em que há fazendas muito ricas de cacao, café, canaviaes, e roçarias de mandioca, e arroz, tabaco, e outras drogas daquele Estado, além de muita fartura de víveres; para o centro porém tudo são campos, e mais campos descubertos. E só nos rios se vem rendas de arvoredo por uma, e outra margem, que os faz não só mais alegres, e vistosos, senão tão bem mais úteis pela conveniência da sombra. Nas campinas também há várias ilhas de árvores, a que os na-

turaes chamam campões, e só se explicam bem assemilhando-os a vistosos, e alegres valverdes de um jardim, ou a artificiosos canteiros de um grande horto, em que há variedade de palmeiras, e aonde se descobrem os mais preciosos paos pinimas e outros. Nas campinas porém só se vem algumas pequenas árvores distantes entre si, que posto façam sombra, e por isso sejam de grande conveniência aos viventes, não a fazem as campinas, para lhes impedirem a sua fertilidade, que é tão grande, que o feno, e erva, única sementeira da natureza, é tão viçoso, e bem creado, que por eles pastam os gados, como escondidos. Em muitas partes não se podem ver os cavaleiros uns a outros, por ser mais alto, que eles o feno (falo da pequena parte da ilha, que é habitada, como é em partes o Rio Anajá, Marajó, e outros, principalmente o Rio Arari, em cujas margens pastam muitas, e muito grandes manadas de gado) o que é argumento infalível do seu excelente terreno, e grande fertilidade. Pois crescendo nele *sponte sua** tão viçoso, e bem medrado o feno, também cresceriam, e medrariam grandes searas de trigo, arroz, legumes, e toda a casta de grão, se os moradores quisessem cultivá-lo. Porém a sua mesma abundância junta com a muita falta de curiosidade dos seus moradores faz que não se faça caso de tão excelente terreno mais, que para pastos de gado vaccum, e cavalar, que nele multiplica tanto, que há povoador que todos os anos ferra para cima de mil crias, além do muito gado vasqueiro e amontoado, de que todos os anos se fazem muitos milhares de couros, ficando as carnes para pasto dos bichos, feras e aves.

E se houver providência nos magistrados de pouco a pouco irem metendo o uso do trigo, e mais grão, não só graúdo, mas também miúdo, tão estimado nos africanos, de que adiante falaremos, bem podem para lá mudar milhares de casaes, e fazer muitas povoações, e então só a Ilha Marajó será um dos mais ricos e apetecidos reinos do mundo. E se os seus moradores quiserem disto ũa evidente prova, o podem experimentar com grande lucro seu, e com muita facilidade ao pé de suas casas, e dentro nos seus sítios desta sorte. Façam ũa grande estacada em quadro junto ao mesmo curral em que recolhem os gados do tamanho, que quiserem, *v.g.* 400 braças em quadro, repartindo-as em outras estacadas pelo meio, *v.g.* de 100 em 100 braças, e em cada uma delas recolham os seus gados por alguns meses, mudando-o de tempos em tempos de uma para outra coiçara, e nas primeiras semeem sem mais trabalho, do que meter o grão na terra ao uso da América. As suas sementeiras em uma coiçara, o tabaco, *v.g.*, em outra coiçara, o qual nesta (digo é especial o tabaco desta ilha), em outra o milho graúdo com feijão, ou cada uma destas espécies só per si: na terceira *v.g.* arroz, e quando colhem alguma seara, mudando para a sua coiçara o gado, podem semear naquela donde sae nova sementeira, indo assim repetindo sempre as sementeiras, e terão ũa grande fartura, só com a providência destas coiçaras; e muito maior estendendo-as, ou augmentando-as: porque o cuidado de vaquejar os gados sempre é inevitável. Desta experiência virão logo no claro conhecimento do bem, que perdem no bom terreno de tão dilatados campos, na excelente planície de tão fermosos prados, e na grande fertilidade de tão

* Lat.: espontaneamente.

estendidas planícies. Sendo tão bela e tão grande a Ilha do Marajó, só tem as povoações seguintes: Primeira a Vila de Santa Ana, sita nas margens do Rio Arari, imediata a sua catadupa com bem poucos vizinhos; porque ordinariamente são alguns vaqueiros, dos que tem os seus curraes por aqueles rios, cujos donos fazem a sua assistência ordinariamente na cidade do Pará. Tem outra populosa vila de índios no Guarapé grande; e tem outra dos mesmos na boca, ou ao pé do Rio Anajá; e também duas povoações sobre a Baía Marajó, ambas de índios com pouca distância ũa da outra, em mui excelente terreno, muito alegres, e por serem bem lavadas dos ventos, muito sadias, a que vulgarmente dão o nome de Aldeas das Mangabeiras, pela muita fructa deste nome, que há no seu terreno. Cuido que tem mais ũa, ou duas povoações, também de índios, e todas bem situadas, por estarem sobre as baías, excepto a Vila de Santa Ana, que está mais no centro. Além das povoações, tem mais muitos outros sítios, assim de religiosos com belas igrejas, como de seculares espalhados, e dispersos pelos seus rios. Para a banda do Norte, posto que ainda esteja totalmente inabitada de portugueses, presume-se, que ainda por lá há povoações de selvagens, por se verem há poucos anos no mesmo lago do Rio Arari fragmentos de algũa povoação em um grande pacoval, que está sobre o lago; não se sabe se era pacoval de natureza, ou se era, como parece mais provável, factura dos mesmos índios.

Está a Ilha do Marajó tão cercada de outras ilhas, quase por todos os lados, que parece ser ũa mãe cercada de muitos filhos; e posto que algumas são ilhotas por pequenas, e seria cousa difícil o descrevê-las todas por miúdo, contudo outras são bastantemente grandes, especialmente as que tem para a parte do sul junto à segunda boca do Amazonas Tajupuru. O que só se deve dizer de todas é, que na bondade do terreno, e grande fertilidade, em nada cedem à mãe, senão em serem mais povoadas de arvoredo, e matas fechadas, sem campo algum descuberto, como tem o Marajó. Outras estão cheias de cacao da natureza, tanto que só as imediatas ao Tajupuru se julgaram já suficientes para darem no seu cacao cabedal bastante para o fardamento de toda a soldadesca do Estado. Muitas abundam em baunilhas, e todas prometem muita riqueza, a quem as quiser povoar, que a beneficiá-las como na Europa, teriam em cada ũa um grande morgado, servindo agora só de criar bichos, e matos. Em algumas delas havia antigamente grandes e populosas nações de salvages, como eram os Nheengaíbas, Mamaianases, e muitas outras, que delas fizeram por largos anos muita guerra aos portugueses: as suas relíquias estão aldeadas nas povoações de Guaricuru, e Arucará, como adiante diremos. Também para a banda do Norte se presume estarem muitas destas ilhotas habitadas de gentio, signal da sua bondade, porque tendo eles tão grande vastidão de terras, já se vê que escolhendo estas as avaliavam por melhores. E posto que, além destas pequenas ilhas, há muitas outras dignas de especial menção delas darei adiante mais específica notícia, quando falar, ou descrever as suas povoações; e por agora só falo das que estão pelo meio do grande Amazonas despovoadas, e solitárias, como é a grande ilha do Aiquiqui. Fica esta ilha acima da fortaleza do Gurupá da banda do Sul do Amazonas, 8 dias de viagem da sua boca: é de forma oblonga, e a divide do continente um braço do Amazonas, que é comum esteiro das embarcações, por ser viagem mais segura, posto que mais dilatada. Tem muitas légoas de comprimento, ainda que na verdade se podem chamar duas ilhas, porque as reparte outro esteiro, a que chamam [*em branco no manuscrito*], onde recebe o Amazonas o Rio [*em branco no ma-*

nuscrito] da parte do Sul. Porém, ou lhe chamemos ũa só, ou duas ilhas, ambas são muito semilhantes à Ilha do Marajó na bondade do seu terreno, e largas campinas com excelente pasto para gados, e boas sementeiras de grão, se houvesse povoadores que delas se quisessem utilizar, e aproveitar. É certo, que na enchente do Amazonas muita parte dela fica alagada com as suas ágoas; mas por isso mesmo deveria ser mais estimada, por mais fecunda, como o são as famosas campinas do grande Egito, regadas e alagadas com as inundações do Rio Nilo; mas tudo desculpa a falta de colonos, e a vastidão de excelente terra do Amazonas. Parte dela são matas, especialmente na banda do Norte: é muito abundante de pescado, e algum o mais excelente.

Deixadas muitas outras ilhas, que por ũa e outra margem fecunda o Amazonas, e algumas de boas légoas, em todo o seu destricto solitárias, tem na altura, ou perto do Rio Madeira, ou da sua boca, a grande, e famosa Ilha Topinambaranas, assim chamada por razão da nação muito populosa do mesmo nome, que nela tinha as suas povoações com fartura de toda a variedade de peixe; e tartarugas na água, e abundância de caça em terra, que pouco a pouco se foi diminuindo, como todas as mais nações; e dos poucos que restavam está hoje fundada uma povoação no Rio Topajós, para onde se mudaram, bem a seu pesar, pela muita fartura, que deixaram. Está em bela paragem esta grande ilha, e tem bizarros lugares para povoações com muito cacao de natureza, baunilhas, e outra[s] especiarias, que se estão perdendo por falta de povoadores. Há muitas outras, não só pelo Amazonas, mas também pelos rios colateraes, e basta dizer, que são tantas, que só se podem bem explicar por um laberinto de ilhas. E sendo o Rio Amazonas tão extenso, pode-se navegar a maior parte só, e sempre por entre ilhas, sem ser necessário avistar a mãe do rio, atravessando de ũas a outras, e de uns a outros rios; e de facto assim o fazem muitos navegantes em algũas paragens. Porém por isso mesmo que são tantas, e quase todas parecidas na bondade do terreno, desiguaes só na grandeza, porque algũas, a estarem povoadas, poderiam chamar-se reinos, me contento com só dar esta succinta notícia de algumas, que pode ser comũa para todas, só com a diferença de maiores, ou menores. Também há no Amazonas ilhas voláteis, ou natantes, dignas de especial notícia. Uma destas anda no grande lago de Comaru, a qual anda de uma para outra parte, já abaixo, e já acima conforme a impelem as correntezas das ágoas, ou o impulso dos ventos, que nas suas muitas árvores faz impressão; e pela sua grandeza é capaz de ser ũa quinta. Tem tão regular, e pausado o seu moto, que quase é imperceptível aos olhos, mas na verdade se vê já em baixo, e já em cima, correndo todo aquele grande lago, ou pélago de três dias de viagem. E já houve viajantes, que fazendo espera, e amarrando, sem saberem, a embarcação a ũa árvore desta ilha, quando advertiram, se acharam muito distantes da paragem.

Fora esta há muitas outras natantes, posto que sem comparação mais pequenas: para o que se se há de saber, que o Rio Amazonas com as suas grandes enchentes todos os anos vai cavando nas ribanceiras das margens, e muitas vezes solapadamente vai minando por baixo, e introduzindo-lhe por meatos subterrâneos a ágoa, de sorte, que chega a fazer grandes brechas, até desapegar do continente os alicerces, por cuja falta caem grandes ribanceiras. Há também várias baías, lagos, e enseadas, onde, nem as ondas se alteram, nem as correntezas se conhecem, nem combatem com fúria os ventos, já por abrigadas dos matos sobranceiros, e já por retiradas da mãe e correntezas do Amazonas, nas quaes e em semilhantes paragens se criam na

mesma ágoa vários arbustos, e muitas ervas, que lançando as raízes ao fundo, onde se pegam à terra, formam por cima da ágoa tão excelentes alcatifas com as suas muito viçosas, e verdes folhas, e tão engraçados, e alegres prados, que arremedam com muita propriedade as mais vistosas, e bem matizadas florestas com suaves, e delicadas flores de diferentes cores, bordadas pelo Autor da natureza naqueles jardins sempre verdes, sempre amenos, e sempre alegres. Por estes prados andam saltando os passarinhos, não menos alegres, por suas cores, que recreativos pelo suave do seu canto. Os mesmos peixes, atraídos de tão bom pasto, por eles se apascentam, especialmente os grandes peixes bois, que gostam muito das suas verduras, ainda que por elas vem a encontrar a morte, quando só procuram alargar a vida, porque os pescadores conhecendo no comido das folhas a sua vivenda lhes fazem esperas, e arpoando-os lhes tiram a vida. São de tal natureza estas plantas, que se estendem, e dilatam pela ágoa em grande espaço, estendidas sempre as suas folhas, e nadando como se não tivessem haste alguma, que as segurasse, por cuja razão vazando a maré, e abaixando as ágoas, tão bem abaixam sempre ao seu olivel, e sobre as mesmas tornam a subir quando enchem. E há rios tão cubertos, e lagos tão copados delas, que apenas pelo meio dão passagem aos viajantes; e por outros, nem isso tem, pelo que não se podem navegar em canoas grandes, e nas pequenas, é necessário levar as canoinhas por cima, fazendo força, já com as mãos, e já com os remos nos mesmos arbustos. Muitas vezes sucede, que todo este estendido prado se sustenta em uma ou poucas mais raízes, ou hastes, que por algum repentino impulso, ou dos ventos, ou das marés, ou correntezas, falta, e quebra, e então levadas pouco a pouco das mesmas ágoas vão boiando aquelas natantes ilhas pelo Amazonas abaixo. Algumas vezes se encontram com as famosas árvores, que arrancadas também das suas margens vão seguindo a mesma derrota, e abraçando-se, ou embaraçando-se nos seus ramos, em conserva vão seguindo o mesmo rumo, com engano dos navegantes, que avistando-as ao longe, imaginam ser famosas embarcações. No mesmo engano caem os moradores, cuidando ser canoas, e que nelas lhes vem por casa muitos hóspedes, para os quaes preparam a hospedagem, até que avizinhando-se mais, conhecem o logro das boiantes ilhas, que regularmente vem muitas de companhia, agora dez, já doze, e as vezes mais. E quando chegam as enchentes e vazantes das marés, tornam a sobir e a descer, até finalmente irem dar à costa em alguma praia, onde logo acode o gado vaccum ao bom pasto; porque sempre se conservam verdes, e muitos viçosos enquanto andam sobre a ágoa, que às vezes é por muitos meses.

Nestas boiantes ilhas, ou sejam dos prados, lagos, ou das ribanceiras caídas, se acham várias ervas e arbustos dignos de especial menção: um é, a que os naturaes chamam aninguás, cuja planta é de tal propriedade, que se cria e nasce na ágoa, sem que os açoutes desta na sua correnteza lhes empeça o arraigarem no lodo as suas raízes, o medrarem, e crescerem até altura de doze palmos, *parum magis, minusve**. Tem folha larga, e sempre muito tenra, verde, e viçosa, e da mesma natureza é toda a planta muito tenra, e por isso muito quebradiça. Por frutos dá umas pinhas, que posto sejam agrestes para os homens, são o melhor sustento das anfíbias tartarugas, que delas vivem, e se sustentam. Outra é a canarana, que é o mesmo que cana brava, ou degenerada. É do feitio de canas delgadas, mas não cresce

* Lat.: pouco mais ou menos.

direita acima, senão multiplica-se e estende-se pelos alagadiços, e por cima da ágoa dos lagos de sorte, que as vezes um só pé enche um grande lago: porque daquele único pé vão brotando tantos filhos em cada nó, e dos mesmos filhos outros, e outros em tanta quantidade, que tecem uma grande mata sobre as ágoas. É muito fresca, e com não ser oca, como as legitimas canas, é tão aquosa, que toda a substância parece ser ágoa, e sempre muito tenra, sempre muito viçosa, e verde sempre. É o melhor, e mais mimoso pasto para o gado vaccum, e cavalar; menos a dos lagos, por não lhe poderem chegar. Há outras de folhas largas, e muito chatas, que acima disse andam espalmadas sobre as ágoas, de que há muitas espécies, e todas muito medicinaes para várias doenças; pelo que as reservo para quando, *Deo dante**, tratarmos das ervas, e arbustos medicinaes do grande Amazonas.

CAPÍTULO 13º

NOTÍCIA DE ALGUNS LAGOS.

O mesmo, que temos dito das ilhas inumeráveis do máximo Rio Amazonas, podemos também dizer com muita verdade dos seus muitos lagos, que vai formando, já pelas suas margens, e já pelo centro da terra em todo o seu comprimento, e alguns tão grandes, que, sem exageração, se podem chamar mar: tal é o do Rio Comaru, de que acima dissemos falando da sua boiante ilha. É tão grande, que não se navega de uma a outra margem em menos de três dias; e além da sua inconstante ilha, tem muitas outras estáveis, tantas que hão de ser grandes, e sábios os pilotos, que por entre elas possam atinar com a sua derrota. Não poucas vezes sucede, depoes de navegar muitos dias, que tornam às mesmas paragens, não obstante serem os índios de tanto tino, que pode nele dar sota e ás aos mais destros portugueses. É este lago um grande viveiro de tartarugas, peixes bois, especialmente dos que dão quarenta, e mais potes de manteiga; e de muita outra variedade, todos muito deliciosos: abunda também de crocodilos, que de tanta fartura se sustentam. Tem também este lago tanto arroz de natureza, que só ele pode carregar muitos barcos. Mas deixando este, e muitos outros semilhantes lagos, de que está cheio o Amazonas, só falarei de alguns, que tem alguma especialidade; e bem merece o primeiro lugar o grande lago na boca do Rio Tocantins, ou para melhor dizer dous lagos, um pouco acima da baía cha-

---

* Lat.: se Deus permitir.

mada Marapatá, onde o rio se estende por três légoas em largo: e se nela é tão largo, quanto o será o seu lago, onde o rio se espraia a fazer ostentação das suas muitas ágoas? É tão grande este lago, que se perde nele a terra de vista: é de forma ovada, formando-lhe as pontas para cima a mãe do rio, e para baixo a sobredita baía. Grandes povoações se podiam fundar nas suas aprazíveis margens, mas apenas tem ũa pequena vila de portugueses para Oeste do lago, que por falta de comércio pouco se tem augmentado. O segundo lago fica pouco acima deste, não na mãe do rio, como o outro, mas pela terra dentro para a banda de Leste, com sua comunicação para o rio. Tem este lago 6 para 7 légoas de diâmetro, e com ser lago, não são as suas ágoas menos claras, puras, e cristalinas, que as do rio, propriedade de todas as ágoas, que descem da Chapada ou Cordilheira da América. O que mais admira neste lago é a muita abundância e variedade de pescado, especialmente bois marinhos, e tartarugas, com a circunstância de que sempre as tartarugas do Rio Tocantins tiveram fama de serem as melhores. Também está despovoado este grande lago, por falta de povoadores, como sucede aos mais.

Deixados os mais lagos, que forma por todo o seu destricto o Rio Tocantins com os seus grandes braços, e muitos outros que há até o Rio Xingu, é digno da história outro grande lago, que este rio forma lá no centro da terra, vinte dias de jornada [*em branco no manuscrito*]. Dizem os naturaes cousas incríveis deste lago[:] 1º que é grande como um mar, e que andam, e navegam nele embarcações de alto bordo. 2º que tem nas suas margens povoações grandes, e de arquitetura européa, telhados, etc. Dizem mais, que as praias deste lago estão reluzindo com pedrinhas resplandecentes, e a sua mesma areia é muito estimada: Quem sabe, se será este o grande e famigerado Lago Dourado tão decantado nas Histórias do Rio Amazonas, reputado por quimérico; e se as suas povoações serão a famosa cidade Manoa, que sobre o mesmo rio pintavam os antigos fabricada de ouro? O tempo irá descubrindo a verdade. Neste lago desagoa um reachão, em cuja foz, dizem, que bóia o ferro, e se afunda todo o pao, o que não disputo por falta de notícias mais claras: só digo, que como há ágoas de tão admiráveis vertudes, como se lê nas Histórias, bem pode ser, que este seja também um especial predicado daquelas ágoas. Na Hungria há um rio, cujas ágoas tem eficaz vertude de petrificar toda a madeira, que por isso o Imperador Francisco 1º mandou deitar nele ũa árvore inteira, que depoes mandou tirar convertida em pedra. No mesmo reino se admira a vertude da ágoa de um lago, que converte todo o ferro em cobre; e assim há em outras partes ágoas de vertudes prodigiosas. Na mesma América Lusitana nas cabeceiras do Rio São Francisco se descubrio ũa lagoa de tanta vertude para todas as enfermidades, que lhe davam o nome de Lagoa Santa, acodindo logo tanta gente a sua povoação, que em breve tempo se levantou ũa muito numerosa, e rica freguesia; posto que por se não saber aplicar por falta de médicos, e práticos, pouco a pouco se foi desvanecendo. Bem pode pois ter a ágoa deste lago a referida vertude occulta de fazer nadar o ferro e afundar o pao. O estar tanto pela terra dentro, em cujo intermédio espaço habitam tantas nações salvagens, é a remora para não se averiguar a verdade.

No Rio Topajós há também lagos dignos de especial menção, não tanto pela sua grandeza, porque há outros maiores, quanto pelos seus especiaes

predicados. Acima da boca, pouco mais de meio dia de viagem, está um lago, no qual os índios afirmam andar enfestado de algum diabo. E parece o confirma o caso, que sucedeo a um missionário vizinho daquele lago, o qual mandando tapar-lhe o pequeno desaguadouro no tempo do verão, para se aproveitar das suas muitas tartarugas, o achou todo desfeito pela manhã, como os seus neófitos lhe disseram, sem que em toda a noite se ouvisse algum estrondo, e muito menos golpes de machados. Semilhante infortúnio, dizem os mesmos, tem outro lago vizinho a este, no qual os índios, nem querem entrar, não obstante serem muito afoutos; e neste lago, como afirmam os naturaes, achavam algum dia o barro das pedras neufríticas chamadas na sua língoa puuraquitãs, e accrescentam os mesmos índios que este barro está no fundo muito brando, donde algum tempo o tiravam, quando todo o lago, ou quase todo desalagava nas secas do verão, o que já não podem fazer, por ter sempre muita ágoa. Depoes de tirado do fundo o dito barro, ficava pedra tão dura, como hoje se está admirando, pois não entra nela lima alguma. Para a banda do Norte e margens do Amazonas afirmam alguns, que está um lago, em cujas margens estão em pé muitos corpos humanos petrefactos de um, e outro sexo; e que do sexo feminino se admiram alguns com criancinhas nos braços. Se assim é, grande matéria se descobre aqui para discursos das aulas: se será, ou não por causa das suas ágoas, que terão alguma oculta vertude para petreficar, como as do rio de Hungria, que acima dissemos; ou se seria alguma maldição aqueles corpos? ou qual será a causa? Deixo de falar no célebre Lago Dourado, cuja fama motivou a tantos aventureiros que nele queriam enriquecer já das suas areas de ouro, e já das suas pedras preciosas, que de ũas, e outras espalhava a fama, se compunham as suas praias; porque já hoje se tem por quimérico. Bem verdade é, que havendo tantos lagos de ũa, e outra parte do Amazonas, que se podem chamar inumeráveis, seja este algum deles, e que ainda esteja por descubrir, como também a célebre cidade Manoa; mas até agora só há fama. Controvertem os historiadores daquele rio, aonde esteja o tal lago? Uns o põe entre Pauxiz, e Rio Negro; outros, que é algum dos muitos que tem o Rio Japorá: outros o descrevem para cima, e mais perto de Quito. Mas parece-me escusado em todos assignar-lhe ubicação, sem primeiro averiguarem, se há o referido lago.

O lago, ou grande lagoa mais digna da História, é a Lagoa Laurixoca, primeiro berço deste gigante, e primeira fonte do grande Rio Amazonas. Mas para a sua boa inteligência é necessário que primeiro demos algũa breve, e epilogada notícia da alta serra onde nasce este rio, e aonde está situada esta famosa lagoa. Há ũa serra na América tão alta, que se assenta ser a mais alta de todo aquele grande mundo, e tão comprida, que o corre todo por modo de ũa grande cobra enroscada: nem se lhe pode assignar fim, ou princípio, porque é como um anel, deita porém de quando em quando suas mangas para os lados, de 60, 90, e 100 légoas de comprimento. É esta grande cobra enroscada por cima tão plaina, que parece estar toda deitada ao olivel de tão desmarcada largura, que aonde é mais estreita, não tem menos de 50 légoas, e depoes vai descendo para os lados com ũa tão suave declinação, quase imperceptível. É toda nua, isto é, toda campina descuberta, sem árvore alguma; nem por ela se pode fazer jornada, sem levar agula, como succede no mar aos navegantes. E se houvera povoadores, teriam nela óptimos pastos para gados, e óptimas terras, e campinas para sementeiras e para

toda a casta de grão, e legumes. Alguns práticos explicam esta tão estendida chapada, ou cobra enroscada com a comparação de três taboleiros uns abaixo dos outros, como degraos. O primeiro em cima com largura de 50, 60, e mais légoas; e depoes descendo *sine sensu**, forma o segundo taboleiro; logo mais abaixo o terceiro. Tem vários nomes; porque na América Portuguesa a chamam em ũas partes Chapada grande; em outras a Moça dos figos: sobindo mais acima para as alturas de Pune lhe chamam os castelhanos Mantiquera, no Reino de Quito Cordilhera; e assim com outros muitos nomes conforme as diversas paragens. Além das suas mangas, também lança de si muitos filhos, como são a corda de serras, que lança para São Paulo, onde lhe dão diversos nomes. Outro para o Reino de Chile, e também lança um famoso para o mar, o qual em partes se abaixa, e esconde debaixo das ágoas, outras vezes surge, formando ilhas, das quaes é ũa a Ilha de Fernando Noronha, e fazendo diversas roscas vai dar ao Cabo do Norte, onde se lavanta, e forma as serras, que chamam do Paru, da banda do Norte do Amazonas, com tão bela perspectiva aos navegantes, que parecem bem dispostas almofadas, mais por artifício da arte, do que por disposição da natureza. Entre esta Serra do Mar, e a Chapada grande sae outro filho buscando o Norte na altura de *[em branco no manuscrito]*, e vai pelas cabeceiras dos Rios Caité, Gurupi e outros, e daí inclinando para Oeste vai formar a grande catadupa, quase na boca do Rio Tocantins, que chamam a Itaboca, e é a maior que tem este grande rio. Daqui atravessando com outra grande catadupa o Rio Aragaia, vai finalmente acabar na boca do Rio Xingu; e como esta lança muitas outras mangas, e filhos. Alguns dizem que estas serranias correm todo o mundo com seus altos, e baixos; como porém esta notícia não é do meu argumento, tornemos a América e Chapada grande, ou cobra enroscada. Dela nascem, ou saem todos, ou quase todos os rios da América, com a diferença, que os que nascem do primeiro taboleiro, ou Chapada grande, todos são rios grandes, quaes são o grande Rio da Prata para o Sul, para Leste o grande Rio São Francisco, e Parnaíba na América Portuguesa; e na Espanhola o máximo Amazonas, o famoso Orinoco, e muitos outros. Para Norte os Rios Tocantins, Xingu, Topajós, Madeira, Purus, e todos os mais, que recolhe o Amazonas da parte do Sul. Da banda do Norte do Amazonas, que vem a ser o sul das serras Cordilheras, também manda ao Amazonas os famosos Rios Negro, Japorá, Napo, e outros.

Os rios porém, que não tem por berço esta Chapada grande, mas nascem em algum de seus filhos, são mais pequenos, e de menos cabedal, e são os que pelos lados desaguam nos grandes, que nascem na Chapada. Forma esta Chapada de quando em quando seus quebrados, ou grandes vales, nos quaes faz grandes lagos, e lagoas, onde a ágoa anda discorrendo de ũa parte para a outra, como duvidosa, para que parte haja de correr, se para o Sul, e Rio da Prata pelos seus colateraes, se para Norte, e Rio Amazonas pelos seus; e logo resolutamente se despenha com altura as vezes de 30, e 40 côvados. Um destes famosos lagos é a grande Lagoa Laurixoca, que para ela haver de ser mãe do grande Amazonas, já se vê que também deve ser grande. Está em altura de 10 graos ao Sul, na longitude de [*em branco no manuscrito*] no grande Imperio do Peru, que por ser banhado de tantas ágoas é dos mais fertilíssimos reinos do mundo; e não só ele, mas todos os mais banhados das ágoas do Amazonas até este se encorporar com o mar no Cabo do

---

* Lat.: sem sentido.

Norte. Já que falamos na grande Cordilhera da América ou cobra enroscada, é seu bom terreno para pastos dos gados, e terras de semeadura, também será bem aceita a notícia do seu grande mineral. É este tal, que bem se pode chamar tão grande, e dilatado quanto o é a Chapada grande; porque toda esta é uma continuada mina de ouro, prata e diamantes: e desta qualidade são as riquíssimas, e inexauríveis minas do Potosi no Peru, donde há séculos que os espanhoes estão desenterrando prata, sem se dar fim a tanto tesouro. Desta serra são as ricas minas do reino de Chile, onde a prata é tanta, que é mais barata, do que o ferro: e tantas outras, que enriquecem toda a América Espanhola, que bem descreveo Monsieur Condamine dizendo, que na grande cidade de Lima, ou Ciudad de los Rey[e]s era tanta a riqueza que ũa mulher ordinária não saía de casa a visitar suas amigas com menos riqueza, do que 60, ou 80 mil cruzados. E se isto é nas ordinárias, quanto será nas senhoras, e quanto nos palácios, e salas dos magnates? e respectivamente nos templos, onde nas suas celebridades, não se vê, senão preciosidades de prata, ouro e diamantes. Não se tem descuberto tanta prata na América Portuguesa, talvez por sobejarem nelas as minas de ouro, diamantes, e pedras preciosas, de que apontarei algumas, ainda pertencentes ao vasto destricto do Amazonas nos seus colateraes.

As primeiras minas da América Portuguesa, descendo rio abaixo são as chamadas minas do Mato Grosso, descubertas há poucos anos. Ficam ao Sul do Amazonas, e cabeceiras do Rio Madeira, cujo rio é o comum esteiro dos seus mineiros, e povoadores, que antes se serviam pelo Rio de Janeiro com o grande incômodo, e dilatada viagem de um ano, gastando agora só seis meses com a comodidade do embarque. E segundo o meu novo invento de navegar, fazendo prósperos todos os ventos, e conforme o outro invento de poder fazer brevíssima viagem, ainda na falta de ventos, me parece, que toda esta comprida navegação, se poderá fazer em menos de três meses; e ficará cômoda para todos a viagem, como também para todo o Amazonas, e os seus mesmos colateraes com semilhante brevidade em sua proporção. Descubrio-se logo tanto ouro nestas minas, que só a seu vigário cabiam duas arrobas por ano. Pouco depoes se descobrio ao pé desta outra, e pouco a pouco se irão descobrindo mais. Pouco abaixo do Rio Madeira está o Rio Megué, e também neste se descubrio ũa mina de ouro pelos anos de 55, ou 56, muito próxima à sua foz, por onde desagua no Amazonas: e pela grande comodidade da sua viagem pelo dito rio, em pouco tempo serão estas as mais populosas, e trabalhadas minas, especialmente procurando catequizar, e aldear o tapuia bravo daquele rio. Nem esta empresa será dificultosa, por ter já alguma comunicação com os brancos, se não estiver lembrado da crueldade, com que um branco deo de repente sobre eles com uma grande escolta de pretos, e matou neles, como quem mata mosquitos, com a circunstância, de que tanto esta, como outras muitas semilhantes barbaridades ficam sem castigo! Abaixo do Rio Megué, desagua no Amazonas o Rio Topajós, tão rico de metaes como de ágoas. Porém como já em outra parte falei nas suas minas, assim nas que tem de uma, e outra parte pouco acima da sua foz, como das que tem no Rio Arinos, que nele desagua, é escusado tornar aqui a repeti-las. Só accrescentarei, que as do dito rio colateral, como alguns dizem, se desfizeram por causa das bulhas, e excomunhões, que houve de parte a parte, entre os dous vigários de Mato Grosso, e cuido, que de Goiases, sumindo-se totalmente o ouro. Outros contam o caso de diversa maneira, e mais verosímil, e é que quando o Ouvidor estava repartindo os limites aos

povoadores, que concorriam, acudiu um dizendo, que não só eram minas de ouro, mas também de diamantes, e os mostrou ao Ministro, que vendo-os, foi obrigado a mandar retirar os povoadores, intimando-lhes o decreto, ou proibição que há para se tirarem por causa dos seus contratadores, que os trazem arrematados, em tantos milhões, desfazendo-se deste modo umas tão ricas minas, quando apenas principiavam!

Nas terras intermédias dos Rios Topajós, e Madeira nas suas cabeceiras estão as ricas minas de Goiases: correndo para Leste estão as outras do Cuiabá, e finalmente toda esta Chapada, ou cobra enroscada está oferecendo ouro, e mais ouro, e só faltam mineiros, que o aproveitem. A mesma abundância há em diamantes, e mais pedras preciosas; pois além do Serro do Frio, onde só se permitem e trabalham as minas dos diamantes pelos seus contratadores, há quem afirma, que no Rio Madeira desagua outro, que pela sua muita quantidade é chamado Paiol dos Diamantes. No Rio Xingu desagua o Rio Claro, com o mesmo nome de Paiol de Diamantes; e tal nome tem outro rio, que desagua no Tocantins, onde actualmente, como também no do Xingu, andam escoltas para os vigiarem. A sua multidão testemunhava um soldado, que fogio da dita escolta do Rio Claro com duas libras de diamantes, que salvou retirando-se para as missões espanholas do Rio Madeira. Pois o Rio Tocantins, tirando o destricto que anda infestado pelos tapuias bravos canoeiros, para cima quase todo é um mineral; porque tem da parte de Leste as minas de São Félix, na parte de Oeste, e cabeceiras, muitas outras, como são as do Rio Maranhão, com tanta cópia de ouro, que o mesmo calhao, que servio de assento ao escrivão das repartições, era quase todo ouro. Igual abundância de minas promete esta serrania no filho, que lança para o mar, e que descobrindo-se no Cabo do Norte, vai acompanhando, ou fazendo lado ao Amazonas até Quito, onde torna a encorporar-se com a mãe, ou cobra enroscada, chamada aí a Cordilhera, e para baixo as Serras de Paru: e já por mineraes andam assignaladas nos mapas, e o confirmam nos seus rios; porque no Rio Japorá o mostraram os índios seus povoadores em [arrecadas,] que lhes pendiam das orelhas. No Rio Negro também se acharam índios com elas: no Rio Seracá se tem descuberto vários signaes dele, como também em muitas outras partes da mesma costa, e Serras do Paru. Mas sem ser necessário sobir rios acima à pesca do ouro, nas mesmas vizinhanças da cidade do Pará, estão umas minas de ouro, como afirmou um moribundo, que na hora da morte consultou ao seu confessor, se era ou não obrigado a declará-las? e como o confessor lhe respondeo, que não, ficaram ainda ocultas; mas o tempo pouco a pouco as irá descobrindo.

Além de tantas minas, e de tantos paióes de diamantes, estão os rios cheios nas suas praias de muitas outras pedras preciosas, sendo raro o rio, que as não tenha; porque principiando pelo Tocantins, além de outras muitas pedras, tem as de antimônio tão estimadas na medicina. No Rio Xingu se acham pedreiras de pedra azul: no Rio Topajós, além de pedra azul, se acham em abundância as célebres pedras de águia, que ainda que toscas no feitio, e desprezível cor, merecem contudo lugar entre as pedras preciosas, pelas suas excelentes vertudes. Porquanto, além de facilitarem os partos, e outros bons efeitos, que já andam notórios pelos livros, afirmam alguns, que também comunicam às árvores, e frutos, a sua virtude: porque dizem, que atada na última extremidade da árvore, quando principia a florecer, não deixa cair as flores, nem os fructos. A experiência será fácil aos curiosos, e sendo verdade já se vê, que é um morgado para os agricultores, e senhores de

quintas, cujas árvores padecem muitas vezes a [viu]dez dos seus fructos, por lhes cairem todos, ou em flor, ou em botão. Também neste mesmo Rio Topajós se acham pedras semelhantes às de Hay Van, como são tartarugas pequenas saídas dos ovos, e convertidas em pedra com toda a sua perfeita figura por vertude das ágoas, ou por excessivo calor do sol, ou por qualidade do lodo do rio, como os chinas o atribuem à qualidade do lodo de Hay Van, no qual só as acham metidas. Que no Topajós haja pedreiras de finíssimo mármore, e de pedra pomes nas suas cabeceiras, o afirmam os práticos; e da pedra pomes se vem boiar muitos fragmentos pelo rio abaixo: assim mesmo muitas pedras de amolar navalhas, e ferramenta. Outras com seu tal, e qual metal de ferro, outras com metal amarelo, de que há dilatadas ribanceiras pouco acima do sítio Santa Cruz, e no Rio do Coparises; e finalmente raro é o rio, que não tenha algumas pedras preciosas, ou pedras de preço, e estimação grande. Entre as mais há imensidade de pedrinhas, já ovadas, e já redondas: umas esquinadas, e outras oitavadas, pelas praias de todos aqueles rios, tão lindas, que muitos cuidarão serem preciosos diamantes, e na verdade alguns se tem achado entre elas; e nas mais se acham finíssimos cristaes, excelentes topázios, e ametistos. Uma observação fizeram, nelas alguns curiosos, e é que umas se iam pouco a pouco endurecendo, e, constipando; por se acharem ainda moles, como barro, mas já com a figura das mais: outras já mais duras, posto que ainda não tanto como as perfeitas. Este reparo desfaçam os que afirmam, que todos os metaes, e pedras preciosas, e finas foram creadas no princípio do mundo na sua consistência.

POVOAÇÕES DO AMAZONAS.

Não é o meu intento descrever todas as povoações dos índios salvages naturaes do Amazonas; não só porque das mais notórias trataram muitos autores, mas também por ser difícil pela sua grande multidão em tão vasto destricto; e assim aqui só pretendo dar alguma notícia das povoações de índios já domésticos, tractáveis, e inclusos no grêmio da igreja, e das povoações dos europeos espanhoes, e portugueses habitantes daquele rio, e das suas fortificações, e fortalezas. E posto que podia ter o primeiro lugar por mais avultada a cidade do Pará na sua boca, ou as grandes cidades de Quito, e Cusco nas suas cabeceiras: contudo para guardarmos a ordem, com que desde a sua boca se vão seguindo ũas às outras, irei apontando desde logo as primeiras, seguindo a ordem dos navegantes, que com a vista vão igualmente registando grandes, e pequenas. E posto que algũas ficam já mais apartadas da sua grande foz, que ordinariamente se mede entre os dous Cabos do Norte, e da Tijioca, que lhe fica ao Sul, daremos também delas alguma memória, por pertencerem de algum modo ao Estado e Governo do Amazonas; e assim será a primeira a Vila de Caité. Nasce o Rio do Caité naquele filho de serra, que a grande cobra enroscada lança para o Norte, e depoes inclina para Oeste, e por isso este rio é piqueno, por só serem grandes, os que nascem nas quebradas da dita cobra, ou Chapada grande. Contudo terá de navegação com curso de Oeste a Leste até a sua foz 15 para

20 dias de boa navegação, formando ũa grande, e famosa baía, na qual começa a beber as salgadas ágoas do Oceano, e a espraiar-se em muito limpas, e vistosas praias de areia na sua circunferência. Sobre esta grande baía, e foz do Rio Caité estão duas vilas com pouca distância entre si: a primeira é a Vila de [*em branco no manuscrito*] de portugueses com sua freguesia em bela situação, onde se podia formar ũa grande e bem vistosa cidade, porém a falta de colonos a faz ser só vila, e pouco populosa. Pouco acima está a Vila de [*em branco no manuscrito*] de índios baptizados de várias nações, das quaes a primeira é a nação Topinambá. Tem ũa famosa igreja, e boas casas de residência do seu vigário, e ela em si muito populosa, e o seria mais, se a vizinhança da outra vila, a cujos moradores se davam em repartição, para os servirem [*em branco no manuscrito*]: contudo ainda que já muito diminuta foi condecorada com o título de Vila [*em branco no manuscrito*] em 1757 com as mais. Não muito distante do Rio Caité fica o rio Gurupi, que nasce na mesma serra ou filho da Chapada grande com o mesmo curso de Oeste a Leste, como o outro, e quase com a mesma navegação. E posto que, não só pelo dilatado de todo o seu espaço, mas também pelas suas belas margens, terreno fertilíssimo, e admiráveis sítios, é capaz de muitas, e mui famosas cidades, apenas tem ũa pequena povoação e aldeia de índios, administrada pelos religiosos Carmelitas; e semelhante a ela é outra, que está no Rio Toroaçu, que desde a dita serra vai desembocar no mar para Leste.

Nesta mesma costa se segue por sua ordem a missão famosa do Maracanã de índios topinambases, muito populosa; e por isso digna de ser ilustrada com o honroso título de vila que também se lhe deu na universal promoção de 57. Era esta missão isenta da repartição dos índios aos moradores do Pará, e destinada só para o serviço real, e benefício das salinas, que tem anexas. Tinha sim também obrigação de dar alguns índios aos que navegavam a costa do Maranhão indo do Pará, especialmente pilotos, por serem insignes naqueles mares, e perigosas baías. Está situada sobre o mar com admirável vista, e recreio, muito refrescada dos ventos, e com muita fartura de pescado, e caça. Segue-se a Vila do Cruçá em distância de três dias de viagem da cidade do Pará. É o Cruçá ũa quase península rodeada de baías; e podendo estar situada sobre alguma, com o regalo da sua boa vista, e com o salutífero de ares, e ventos geraes, ou ainda sobre as bizarras praias do mar, que lhe fica vizinho, está situada sobre um triste garapé, ou como escondida no mato, ou envergonhada de aparecer, e ser vista se faz triste e melancólica. E por tão retirada é pouco frequentada dos viajantes; porque só lá vai quem tem negócio. Foi a causa deste escondrijo o ter sido antes destinada para o serviço do Colégio dos Padres da Companhia, que para isso a fundaram à sua custa com o beneplácito real, em lugar de outra aldea chamada a Aldea de Gonçari, que os Senhores Reis de Portugal lhes tinham consignado, sobre o Rio Amazonas: porém como lhes ficava muito distante, pediram e alcançaram a troca, fundando de novo a de Cruçá, e largando totalmente a outra. E posto que a fundaram mais perto da cidade no sítio chamado Mamejacu sobre o garapé da Vigia, os índios se ausentaram, e foram esconder no Cruçá; e como foi necessário segui-los, lá mesmo se lhe fundou a povoação, e aldea, que também na promoção das mais, expulsos os padres da sua administração, sobio ao nobre título de Vila de, [*em branco no manuscrito*], embora, que escondida, e retirada. Segue-se a Vila da Vigia: mas antes de a descrevermos, se deve saber, que desde a Vila de Cruçá, até a

cidade há inumeráveis ilhas, que vão fazendo ilhargas ao braço austral do Amazonas, já quando inclina para o Norte, onde forma a barra, e grandes costas, que o vão seguindo, ficando-lhe da parte de Oeste as grandes barreiras da Ilha Marajó; e da parte de Leste ũa como enfiada de ilhas, divididas do continente por vários esteiros de ágoa, e ũas das outras por várias bocas, por onde o mar se comunica com os ditos esteiros, que os naturaes chamam garapés, que quer dizer caminho de canoas, como na verdade o são: porque os navegantes temendo a braveza do mar no descuberto das costas, buscam sempre o asilo dos garapés, por mais seguros. Desde a Vila do Cruçá até à Vigia há vários esteiros destes com belas, e p[ing]uíssimas ilhas, que vão formando, avistando de quando em quando o mar por suas bocas. E posto que em partes são largos, e fundos, capazes de maiores embarcações, em outras são, além de estreitos, pouco fundos; e em algumas paragens ficam quase seccos na occasião das luas, e ágoas grandes, succedendo muitas vezes faltarem nestas occasiões as ágoas às canoas grandes, que vão passando, e ficarem presas 15 dias, e quase em secco, sem mais remédio, que esperarem as ágoas grandes da seguinte lua; e além do seu, também com discômodo das embarcações menores, e ligeiras, que topando no meio do caminho com alguma estacada, ou hão de puxar a canoa por terra, o que é muito difícil por razão dos matos fechados, ou hão de voltar para trás, e ir buscar os perigos da costa. Não só nesta mas em muitas outras paragens succede o mesmo em toda a costa do Pará ao Maranhão, e por isso a prolongam muitas vezes a 3, e 4 meses, podendo ser de poucos dias, como a fazem os navios.

Não tem este perigo o grande guarapé da Vigia, a quem podíamos chamar rio capaz dos maiores navios. Principia este pouco acima do Cabo da Tigioca por ũa boca, em que entra o mar a formar este grande esteiro. Tem bem no meio da boca um grande penhasco, que ainda nas enchentes da preamar fica muito superior às soberbas ondas, firme sempre, e constante aos contínuos açoutes que incessantemente, o combatem, servindo, como de inexpugnável fortaleza aos inimigos, se por aquela parte intentassem entrar. Tem o seu curso de Sul a Norte, e a principal boca está pouco mais de duas légoas distante da cidade, e muito perto da Fortaleza da Barra, para que também naquela banda ficasse fortalecido. Avista-se algumas vezes com o mar por grandes bocas, onde ele se alarga a formar várias baías, das quaes as principaes são as medonhas baías do Sol, e Baía de Santo Antônio, e em outras partes se recreia em laberintos de ilhas, que vai regando. Perto da sua foz, ou boca de Norte, tem para a parte de Leste a Vila da Vigia de Portugueses em bela situação, gozando ainda da vista, e ventos do mar, e da muita fartura de peixe, que o mesmo mar lhe comunica; além do muito e delicioso marisco, de que abundam as suas praias, especialmente em grandes, e bizarras ostras. Tem porém o grande desar, de não ter açougue por incúria do magistrado, posto que abunde em caça do mato, e volátil. Tem ũa bela matriz, com a invocação de Nossa Senhora de Nazaré; também tem os Hospícios de Religiosos Mercenários, e Carmelitas: e antes tinha mais um pequeno colégio de Jesuítas com ũa linda igreja, onde davam classe, e escola pública aos moradores, conforme os ministérios do seu Santo Instituto. Está a Vila da Vigia como cercada de ágoa; porque pela frente tem o guarapé com largura de *[roto o original]* légoas, como ũa pequena baía. Pela parte

do Norte tem primeiro um furo, ou esteiro, que vem a sair perto, e pouco abaixo da boca do dito guarapé; pouco mais distante tem outro riachão de Leste a Oeste, e a pouca distância faz um como gancho, com que quase lhe lava as costas, assim na boca lhe molha os alicerces das casas. Pela banda do Sul a separa da terra firme um pequeno rio, com curso também de Leste a Oeste, em cujas cabeceiras dizem haver boas campinas para gados, assim nos seus moradores houvesse, quem quisesse aproveitá-las.

Pouco acima da Vila da Vigia desagua no guarapé o Rio [*em branco no manuscrito*], que segundo o grande cabedal das suas ágoas mostra ser comprido, mas todo está despovoado, excepto algum sítio de algum morador da vila que tem na boca. Pouco mais acima está sobre o Iguarapé o lugar de Mamaiacu, povoação pequena, e resquícios de alguns índios topinambases, que não quiseram fugir com os mais para o Cruçá, como acima dissemos, dos que domesticaram os jesuítas, e aldearam neste Mamaiacu, e como foram poucos os que ficaram, ficou também sendo lugar pequeno, e de poucos povoadores. Tem contudo sua igreja muito suficiente, não só para os seus moradores, mas também para os mais dispersos por aquele rio, onde vivem em seus sítios, e ali acodem a receber os sacramentos, como a freguesia constituida tal em 57. Pouco mais acima está o lugar chamado da Tabatinga com sua bela igreja nova; mas também pouco povoada, pois só consta de alguns colonos, que antes eram dos jesuitas do Colégio da Vigia, cuja fazenda era, como também outra, que tinham em em uma ilha acima do furo da Vigia, chamada a fazenda de São Caetano, situada sobre uma grande baía com bela vista, e belíssimos ares, digna paragem para uma nobre vila; mas com igreja, e casas só de remédio, sendo que já tinham juntos os materiaes para a fazerem de novo. Eram estas duas fazendas, quase todo o patrimônio daquele Colégio da Vigia, elevadas hoje ambas a freguesias, a que acodem os moradores vizinhos. Pouco mais acima se segue a grande Baía do Sul, com ũa grande foz, ou boca para o mar; e posto que quase todo o guarapé é de lodo, cujas margens entricheiradas pelas raízes, e arcos da árvore Mangué, de que falaremos em seu lugar, só nesta, e semelhantes baías se espraia em muito estendidas, e bizarras praias de area, que a fazem mais alegre, e vistosa. Sobre esta baía está situada ũa pequena povoação e aldea de índios descidos dos vastos sertões do Amazonas em 756, ou 55, e são as povoações mais notáveis sitas neste grande guarapé, quando só ele se estivera bem povoado, podia fazer uma muito grande e numerosa provincia. Tem mais acima, sobre a Baía do Sol uma fazenda dos Religiosos Carmelitas, e outra dos Religiosos Mercenários, que lhes servem de quinta, ou recreio, como na verdade o são, pelas boas paragens dos seus sítios, pelo recreio das suas vistas, pelo fresco, e sadio dos ares, e ventos, que a refrescam, e pelas formosas igrejas, e nobres casas, que as autorizam. Tem mais alguns sítios de brancos, que por lá vivem; mas cousa de pouca monta.

Entre este guarapé, e o mar medea ũa grande ilha, ou para bem a explicar ũa corda de ilhas, quase desde a Vila do Cruçá até a Fortaleza da Barra, devididas, ou separadas umas das outras pelas bocas, por onde os guarapés, e mais furos se comunicam, que terão de comprimento para cima de trinta légoas, posto que em partes muito estreitas. A mais principal é, a que principia na boca do guarapé da Vigia, e se chama a Ilha de Cabi, posto que ainda nela também há divisão por um pequeno furo, ou esteiro pelo qual o dito guarapé se faz comunicável com o mar, pouco abaixo do lugar, e freguesia Mamajacu. Está nesta ilha a aldeia do Tabapará, ou Ta-

baporanga, que é o seu próprio nome, e quer dizer povoação linda; e não só o é pela paragem, que está sobre as grandes praias do mar, onde já o braço austral do Amazonas se vai avizinhando ao salgado, e aonde forma uma muita larga baía, ficando-lhe da outra banda a grande Ilha Marajó, mas também era muito populosa em algum tempo, fundada pelos jesuítas com índios topinambases, sendo porém destinada para a repartição, e serviço dos moradores da Vigia, pouco a pouco se foi diminuindo, de sorte, que chegou a estar reduzida a mui poucos índios; e de Tabaporanga apenas tem o nome. Contudo tem sua igreja, e pároco, e pode outra vez subir a ser uma famosa vila se os seus poucos índios povoadores se isentarem inteiramente da obrigação do serviço, e muito mais se houver, quem a restabeleça com algum descimento dos tapuias salvages. Pouco acima deste lugar, está a Vila de Cabi, hoje chamada a Vila de Colares, situada pouco acima do furo, que devide o seu terreno do terreno de Tabapará. Está situada sobre uma ribanceira iminente a ũa muito larga baía, que já dissemos; e com todas as regalias de boa vista, bem lavada dos ventos, e bastantemente populosa, por cuja razão também na geral promoção foi exaltada, e baptizada com o nobre título de Vila de Colares. E se se for povoando de portugueses, pode brevemente chegar a ser uma grande cidade; pois é naquele lugar, dizem os práticos, e o confirmam os matemáticos, e ingenheiros mandados por Sua Majestade para a conclusão do Tratado entre as duas Coroas Portuguesa, e Espanhola, que devia ser fundada a cidade do Pará, por ter todas as prerrogativas muito mais aventajadas. E bastava, além das mais, o ser terra alta com bons ares, alegre vista, mui extensa baía, muita fartura de pescado, e óptimas ágoas, singularidades em que este sítio, e Vila de Colares vence às mais povoações, e vilas: porque, além de muitas fontes, e regatos, que tem pelas costas, tem um reachão de excelente ágoa, clara sempre, e cristalina, e sempre fresca, e mui salutífera. Nasce no meio da ilha, e quase rodeando-a pelas costas, já vizinho à vila virá a banhá-la por uma ilharga, até o areal das suas linda praias, onde tornando a virar a vai cercando entre as suas casas, e os mesmos areaes, que pela parte do mar lhe servem de muralha, ou parapeito, para não inficionar com as salgadas as suas doces ágoas, até que chegando ao fim da frente de toda a vila, vira de repente para o mar, em que finalmente se esconde, depoes de alegrar, regar, e regalar aquela nobre vila.

E se os seus moradores fossem mais curiosos podiam fazer nobres quintas por toda aquela belissima ilha, por ser não só fertilissimo o seu terreno, mas todo muito plaino e muito igual; e as podiam regar com as ágoas deste reachão, e de muitos outros, que a banham. Outra cousa admirável tem esta vila, e é uma muito espaçosa, vistosa, e limpa estrada, copada toda por cima com arvoredo, que lhe serve de lindo chapéo de sol contra os raios do sol, até o furo, que dissemos divide esta ilha da Ilha Tabapará, por diligência dos seus antigos missionários jesuítas, que neste furo tinham um porto, por onde se serviam, não só para as suas viagens à Vila da Vigia, mas muito mais para beneficiarem a igreja, e aldeia de Tabapará, que algũas vezes tinham a seu cargo; e por isso neste porto tinham sempre pronta embarcação, para acudirem com diligência, aonde fossem necessários. E no mesmo porto estava ũa excelente fonte, que posto que ficava toda, e totalmente submersa ao repontar da maré, na baixamar se via pulular para cima com ágoa mui doce, e cristalina; e o não se fazer dela caso é pela muita abundância de fontes, e regatos que há na ilha. Só estas duas povoações há

em tão grande ilha, quando podia ter muitas cidades pela sua boa situação, ares do mar, e bondade do terreno; mas faltam povoadores aonde sobejam as terras, como na Europa faltam estas, e sobejam aqueles. Todas estas quatro povoações, Maracanã, Cruçá, Tabapará e Cabi, ou Colares, careciam do privilégio de poderem mandar ao sertão, e colheita das suas riquezas as suas canoas com 25 índios, como tinham todas as mais, com cujo producto pagavam aos índios remeiros, e proviam as suas igrejas, e casas os seus respectivos missionários, por cuja causa eram estas quatro as mais pobres, vivendo os seus missionários quase de esmola. Agora porém já todas correm a mesma igualdade, porque elevadas a ilustres vilas, e com côngrua suficiente de 60, ou 80 mil réis aos seus párrocos, quando os seus antecedentes missionários só tinham 30. Não se pode explicar, e encarecer a muita fartura, que há em todas estas ilhas, e suas povoações de pescado delicioso, e muita variedade de marisco, especialmente caranguejos, por rezão de muito lodo nas suas margens, e alagadiços, em que entram, e saem as ágoas das marés, em cujo dilatado espaço há imensidade de marisco com a comodidade de todo ser sombrio, por estar com arvoredo de manguaes, que triunfando do amargoso das ágoas, nelas mesmas se criam, crescem e multiplicam; e pelos mesmos laberintos das suas raízes, e arcos, que neles formam, se divertem os caranguejos, sobindo ainda pelas mesmas árvores. Daqui vem que muitos moradores só cuidam do jantar e cea, perto das suas horas; porque em menos de meia hora ali junto das suas moradias terão abundância para toda a sua família, e muitos das mesmas varandas das próprias casas, se estão divertindo com pescar à linha, sem lhe ser necessário occupar os seus fâmulos em ir pescar. E como tem falta de carna de vacca, peixe ordinariamente é o sustento de todos aqueles moradores do salgado; porque nem sempre, nem todos podem ter caçadores.

Abundam todas estas ilhas, e suas matas em baunilha, e é das mais bem creadas e das melhores; como também do bálsamo de umeri; e afirmam ser o mesmo *in specie**, que o que chamam bálsamo do Puru, mas debalde; porque tanto as baunilhas, como o mesmo bálsamo, se perdem pelo mato, e só servem de pasto ao fogo, quando nas suas matas fazem os moradores roças, como costumam, e em seu lugar diremos, e o mesmo succede a outras muitas especiarias preciosas em que abundam. São também óptimas terras para todas as sementeiras de mandioca, algodão, tabaco, café, e todas as mais do País. Além disto são excelente terreno para todas as suas fructas, e fructos, de que só são pobres os que, ou por fidalguia se desdouram do trabalho, ou por preguiça lhe fogem com o corpo, contentando-se com o devirtimento da caça pelos matos, ou pelos rios, e praias às gaivotas, maçaricos, e mais aves, de que também há cópia nas suas praias, lagos e rios. Além do muito âmbar e tartaruga fina, de que também abundam estas praias, como em seu lugar diremos, é digna de especial menção a pescaria das suas ostras, marisco muito usual, e conhecido. Há muitas, e muitas paragens abundantes delas, e de que alguns se regalam; porque nem todos as conseguem: deixada porém a sua regalia por já sabida, e notória, o predicado, que as faz distinguir das outras, e que as constitue em maior predicamento, é, em que são semelhantes às da Ásia, criando pérolas, e aljôfares, como as orien-

---

* O autor empregou na expressão, indevidamente, a prep. *in* com ablativo; no latim clássico, diz-se: *specie* ou, também, *in speciem*, com acusativo. Trad.: em aparência, aparentemente.

taes, o que não só afirmam muitos dos seus naturaes, mas eu mesmo o posso abonar, e atestar como testemunha ocular em uma, que vi do mesmo feitio, e tamanho das da Índia; se bem que já tinha perdido a sua estimação, porque a tinham cozinhado com a ostra, e não se descobrio, senão depoes de vir no prato à mesa. Quando porém não houvesse outros signaes desta especiaria, bastava o advertir-se naquela, para se argumentar para as mais, de que ategora os moradores daquelas vizinhas povoações não se tem aproveitado, nem ainda advertido. Mas como a vista desta notícia, talvez que alguns se queiram utilizar daquelas pérolas, darei aqui uma breve notícia da mestria, com que se pescam, e de que se enriquecem os holandeses na costa da Pescaria no Malabar, que antigamente era de portugueses, pelos quaes ainda hoje suspiram os seus naturaes, e pescadores, que todos são católicos doutrinados pelos jesuítas, a cujo incansável zelo se deve o não terem abraçado a heresia dos holandeses, a que estão sujeitos no temporal.

Ao lugar da sua pesca na Índia puseram os portugueses o nome de Costa da Pescaria, que ainda hoje conserva debaixo do domínio dos holandeses, e neste lugar as pescam os seus naturaes, que são sós os seus práticos deste modo. Vão ao lugar da pescaria em seus barcos, atam nos pés uma boa pedra, para com o seu peso mais depressa irem ao fundo, e levam uma corda atada a cinta, aonde igualmente prendem um saco, e pegando em seu instrumento de ferro, que para isso tem prompto por modo de alavanca, se atiram de mergulho, e com o instrumento vão quebrando as duras conchas, que no fundo estão pegadas nas pedras, e vão metendo no saco até o encherem, ou se não podem já aturar mais a falta da respiração, dão signal com a corda aos companheiros, que nos barcos estão alerta, e os içam acima com ligeireza. Depoes de terem descansado, e despejado os saccos, tornam abaixo, ou os mesmos, ou outros, até encherem a sua medida, ou inteirarem a sua conta, e andam nisto já tão práticos, e destros, que não só não tem já medo, mas estão por um inteiro quarto a trabalhar debaixo da ágoa, sem tomarem respiração, donde voltam para terra a darem conta da sua pescaria. Em terra os estão vigiando, e esperando os malsins, e assim que chegam os barcos logo saltam a tomar conta, e é tão exacta, e sem piedade, que não há trapinho que não mirem e remirem: e nem as mesmas suas mulheres, que costumam ir nos barcos para ajudarem seus maridos, escapam de serem bem revistas, passando por ũa muito exacta vestoria, de que se seguem graves castigos, por cuja razão vão fugindo muitos das suas para outras terras, e os poucos que restam vivem descontentes. E não obstante tantas diligências, ainda eles fazem das suas; porque em sentindo alguma, ou algumas pérolas maiores do ordinário, as metem na boca, e engolem, para depoes as tirarem no seu mesmo excremento. Quando o serviço não é dirigido pela vontade, o temor, e os castigos exasperam mais, do que obrigam! Logo vão enterrar as ostras em lugares seguros, onde se corrompem, e apodrecem; e a seu tempo vão desenterrar as pérolas, e aljôfares, que logo lavam. Esta é em suma toda a mestria da pescaria das pérolas, e toda a indústria dos seus pescadores, advertindo, que só as pérolas desenterradas, e lavadas são as mais preciosas; porque aquelas, que os pescadores tiram das ostras vivas, e as engolem, já não são tão preciosas; e muito menos as que se acham nas ostras já assadas, ou cozidas. Nas perfeitas a cor, e bizarria é em todas a mesma; e por isso o seu preço, e estimação é maior, ou menor, conforme a grandeza, ou pequenhez das pérolas; e para as medirem tem já para esse efeito crivos determinados; porque as que passam pelos buracos do crivo tem menor preço, e as que

não passam o tem maior; e assim nas mais, e toda a vez que a pérola se pode furar já passa por boa. Não só nas ostras, mas também em muitos outros mariscos se acham pérolas, e se nas madre pérolas também se acham, muitas minas de pérolas se podem descubrir no Amazonas, onde há lagos cheios deste marisco com conchas de bom tamanho, de que pouco se aproveitam os naturaes; e só alguns curiosos fazem delas algumas colheres, que tem sua graça. Advirto aqui, que é erro o dizerem alguns, que as pérolas se fazem do orvalho puro da madrugada, que as ostras vem beber à superfície das ágoas sossegadas: porque as ostras, estão pegadas as pedras de sorte, que são necessários picões para as arrancar. O mais verosímil é, que as pérolas se criam nas ostras de algumas partículas de unhas de cranguejo, ou *quid simile** que elas comem, e depois se vai augmentando, coagulando, endurecendo, e aperfeiçoando. Diremos adiante das mais povoações.

CAPÍTULO 14º

DA MAIS EXCELENTE PESCARIA DO RIO AMAZONAS.

Dissemos da imensidade de ágoas do rio máximo Amazonas e dos seus colateraes; segue-se agora dizer algũa cousa da sua muita pescaria. Não pretendo aqui descrever toda a variedade de peixe, em que, assim como é o mais caudaloso de ágoas, talvez que também ele seja o mais abundante; mas só descrever os mais principaes, e menos conhecidos na Europa, ou que excedem no mimoso etc., aos que neste há da mesma espécie. Daremos o primeiro lugar aos peixes anfíbios, visto que pelos dous predicados de terrestres, e marinhos, parece se fazem merecedores de mais atendíveis nas Histórias. Merece pois o primeiro lugar o homem marinho, por ser o homem de todos os viventes sensitivos o mais nobre. Que há homens marinhos, o tem mostrado por vezes a experiência; ou eles sejam, os que com nome de sereas baptizam os historiadores, ou outra diversa espécie, como parece mais provável, que participe da figura, e feitio de peixe, e de homem (como as sereas, que se pintam com feitio de peixe da cintura para baixo, e com figura de homem no mais corpo) mas sim sejam inteiramente como homens na figura, e em tudo semelhantes aos mais, menos no racional. Assim o referem as Histórias da Ásia Portuguesa, e o mostra a experiência de alguns, que os tem visto, como afirma Bernardo de Brito, e muitos outros. Antônio Carlos homem douto, prudente, e digno de toda a fé, não só pelas suas respeitosas cãs, mas também pelo seu cargo de Brigadeiro nas tropas

---

* Lat.: algo semelhante.

portuguesas no mesmo Estado do Amazonas, afirmou, que encontrando-se no mar com um corsário inglês, vira nele um, que pela raridade o estimavam tanto, que não lhe foi possível o podê-lo alcançar, por mais diligências que para isso fez: e [que os] há no mesmo Amazonas,* se prova do seguinte caso. Um principal, ou cacique, índio de propósito, e madureza da Vila de Santarém, chamada antes a Missão de Topajós, contou ao seu missionário, e amigos portugueses, que estando ele com outro índio nas margens, e praias do Rio Copariri (que, como já dissemos, desagoa no Topajós pouco acima da sua boca) por causa de negócio, viram sair do rio muitos homens, mulheres, e meninos rindo, e falando entre si ũa tal lingoagem, que nenhum dos dous entendia, e assustados com a novidade, começaram a mostrar-lhe as cruzes das contas, e a invocar a Venerável Senhora, por cuidarem ser demônios; e que os taes se tornaram depoes a meter na ágoa, e que não os viram mais.

Talvez sejam estes homens marinhos aqueles, dos quaes referem o autor do *Divertimento Erudito,* e outros, que vendo alguma pessoa nas praias, ou margens dos rios, em que eles andam, logo acodem a abraçar-se com ela tão apertadamente que ameaçando-lhe as costelas a matam (devem ter muita força) e depoes vendo-a caída, em terra, e morta, se põe a chorar, e lamentar com grande pena no que indicam, que o apertado abraço, não é efeito de ódio, mas força de afecto, é expressão de amor, e não paixão de ira; é concludente argumento de bem querer, e de não querer a matar: fora com tal amor, e com tal afecto! Porém como brutos não sabem, nem discorrem o como devem temperar as forças; porque os efeitos do pranto por bom espaço e o tornar de quando em quando a sair do mar, e buscar o cadáver continuando sempre as exéquias, claros indícios são de simpatia, e não de aversão. E se há peixes tão amigos dos homens [que,] se tem visto acompanhá-los no mar, como se diz do golfinho, que não só acompanha mas também festeja aos homens, mais provável é que o homem marinho tenha com os mais homens esta correspondência, e benevolência; porque *omne animal diligit sibi simile***. Mais repugnante é à fé humana o acreditar, que vivam no mar, como peixes os homens criados na terra, pela sua diversa natureza: porque, assim como os peixes fora da ágoa, logo morrem; assim os homens fora do ar, aonde não podem respirar, como succede aos que se afogam, logo expiram; e contudo já hoje é tão sem controvérsia, que alguns homens tem vivido no mar, como peixes, depoes de viverem com o ar da terra, que seria temeridade o negá-lo; e confirma-se com o exemplo daquele que refere Feijó, o qual foi apanhado por uns pescadores, depoes de ter vivido nove anos debaixo da ágoa, como peixe. Com mais razão pois se pode acreditar a existência de homens marinhos, ou nascidos na mesma ágoa, ou nela criados como os mais anfíbios, que tanto vivem no mar, como na terra.

Dos homens marinhos fala Feijó no 6 Tom. *Discurso* 7º com provas cuidadas: não só dos que são do mesmo corpo humano, e o mais peixe; como são os tritones machos, e sereas fêmeas; mas tão bem dos que são homens perfeitos, etc. Como tão bem prova a existência dos sátiros ou homens silvestres, dos quaes há muitos se tem visto, e ainda apanhados alguns na Ilha

* Riscado, a seguir, no códice: *se os há.*

** Lat.: todo animal ama o seu semelhante.

de Bornéo na India, e no estreito de Málaca, e só não faltam: posto que adiante lhes chama *[ilegível]** .

Destes animaes anfíbios tenham o segundo lugar os crocodilos, lagartões grandes, chamados assim na África; e no Amazonas, lhe chamam os espanhoes *caimán*, e os portugueses jacaré. É o maior lagarto que há no mundo, capaz de investir, e intimidar ao mais robusto gigante. Dizem, que o jacaré é a peior cousa, que cria o Amazonas; mas eu diria, que é o monstro mais proporcionado de tanto rio grandeza. Há jacarés de 40, e 50 palmos de comprimento, com proporcionada grossura, como ũa ordinária pipa, principalmente o seu bojo. Tem escamas como conchas que lhe servem de forte saia de malha, tão impenetrável, como um aço; pois não lhe entram, nem as mais agudas lanças, nem lhe fazem brecha as mesmas balas, quaes duros rochedos, assim resistem, e cospem as balas. Tem ũa tão grande boca, que por ela engolem um homem inteiro; e quando [a] trazem aberta, fazem a figura de tamborete levantado, formando o queixo de baixo, que é imóvel, e firme, a semelhança do aperto, e o queixo de cima a de encosto. E assim como gozam do título, e honras de grandes, assim também o são as suas oxarias, porque comem com grandeza e à fidalga. Não se contentam com ervas, frutas do mato, ou legumes, como os demais animaes, mas só de bom peixe, que pescam, e boa carne, que caçam, ou pilham, por serem *assueti vivere rapto*** . Pescam muitas tartarugas nos rios, e principalmente nos lagos, que são ordinariamente os seus viveiros: também as accometem nas praias, quando saem a desovar, e muito mais quando pequeninas saem dos ovos para a ágoa, onde os jacarés estão esperando com os alçapões das suas grandes bocas, nas quaes elas inocentes se vão meter, quaes doninhas nas bocas dos sapos. Tem especial antipatia com as onças, tigres, e cães; não porque perdoem a qualquer outro animal, que possam nas praias, ou rios pilhar, pois assim que podem fazer tiro seguram ainda ao mais bravo touro; mas porque tendo a escolher a caça, os primeiros acometidos são os cães, e onças: adiante diremos as guerras, que tem os jacarés com as onças. Porém o seu melhor bocado é a carne de gente, quando a podem colher, que não é poucas vezes, ou já dos que caem na ágoa, nas alagações, ou dos que vão a nadar, e lavar-se, ou já dos mesmos pescadores, e gostam tanto da carne humana, que nem a assam, nem a cozem, senão no ventre. Usam de várias astúcias para apanharem a gente, porque umas vezes, dizem, fingem, que choram***, e dizem, que o fazem tão propiamente, que parecem crianças a chorar; e acodindo a gente à praia a ver, ou ouvir o que é, acodem os jacarés de súbito a fazer tiro em algum. Outras vezes vendo ũa pessoa à borda da ágoa, ou lavando-se, mergulham abaixo, e vão surgir na mesma parte, e dando logo com a cauda ũa forte rabanada, quanto apanham é seu, que levando-o o vão comer muito contentes. São tão atrevidos, que algumas vezes tem acometido a gente nas mesmas embarcações, especialmente apanhando-as descuidadas; e alguns tem havido, que subindo pelo jacumã (é uma comprida pá, que em algumas embarcações serve em lugar de leme) foram dentro à em-

* A margem esquerda do manuscrito, o parágrafo.

** Lat.: acostumados a viver de rapina.

*** A seguir, riscado no manuscrito: *bem como as choradeiras nas casas de defuntos.*

barcação a fazer a sua presa. Outras vezes estando algum pescador com o braço de fora segurando a linha, lhe agarram o braço, e o levam sem remédio; e alguns, que livraram foi largando o braço, ou perna.

Foi notável o ânimo, e valor de um menino para tornar a sair do ventre de um jacaré. Apanhou-o este descuidado à borda da ágoa, e fazendo tiro o segurou, e engulio de um só bocado, não obstante ser o rapaz já crescido de 10 anos pouco mais, ou menos. Vendo-se o rapaz no ventre do jacaré, teve ânimo para menear os braços, e tirar da cintura ũa faca (é o lugar, em que ordinariamente a trazem, servindo os cós dos calções de bainha, e presilha) com que golpeando a barriga daquele monstro pouco a pouco a abrio de todo, e saindo pela brecha para fora, montou no mesmo jacaré, já mais manso com as ânsias da morte, e remando com um braço, segurando-se com o outro na cela, o foi chegando a terra, onde saltou, e foi festejado como renascido, continuando depoes a viver até a idade varonil, sem ter mais que ũa pequena arranhadura em ũa perna, por roçar ao engolir por um dente, de que facilmente sarou este novo Jonas. Assim mo afirmaram alguns missionários que o conheceram, dos quaes ainda aqui vivem alguns. Como o seu sustento são ordinariamente carnes, cujas sobras se lhes metem por entre os dentes, tem também seu palito para os esgaravatar, e limpar. É este palito um passarinho, que metendo-se-lhe na boca, quando a tem aberta com o bico lhos esgaravata, e alimpa, servindo-lhe estas lavaduras de sustento, e como seu paje o acompanha sempre, já dentro na boca, e já na cabeça. Quando o jacaré quer fechar a boca, para o comer, depoes de ter os dentes aliviados, dizem que o passarinho o fere com uma espinha, que tem nas costas, e o constrange a abri-la; por cuja razão a avezinha sem susto, nem medo entra, e sae quando quer pela bocarra do bruto, como quem entra por sua casa; e o mais tempo gasta em pequenos vôos da boca para a testa, e desta para a boca, digo corpo, em cuja grandeza tem bom espaço para os seus pequenos vôos; e só se retira do jacaré, quando este mergulha. Posto que algumas vezes passeiam pelos rios, especialmente se tem lodo, a sua principal estância é nas enseadas, e ramansos, aonde estejam abrigados das ventanias, e livres das ondas; e por esta mesma razão habitam nos lagos em grande multidão, fogindo das costas lavadas dos ventos, para que as ondas os não levem, ou impurrem para os areaes, de que muito fogem, ou por não poderem caminhar bem pela areia, ou porque são mais expostos a seus inimigos, sem lhes poderem fugir com ligeireza, pelo empedimento do vento, e das ondas. Sabem já os índios estes costumes dos jacarés, e por isso se vão banhar, e refrescar ao rio sem medo algum, e aparecendo algum jacaré, que vem descendo, ou atravessando, facilmente o vem, e também facilmente o matam, quando o apanham junto das praias.

Quase sempre andam na ágoa, e poucas vezes saem à terra a dar o seu passeio, mas em terra não são tão ligeiros, como na ágoa, por terem os pés, e mãos curtos, razão, porque em terra são mais tímidos, e fogem de qualquer criança, sendo que na ágoa envestem o mais bravo touro, ou ao mais forçoso gigante: contudo, se os incitam, também dão sua carreirinha por terra atrás da gente. Põe, e escondem os seus ovos na terra debaixo de ervas, e arbustos, e os vigiam com muito cuidado, e dizem, que tem tal instinto, que já sabem quanto os rios hão de encher; e por isso os põe mais, ou menos longe de sorte, que as enchentes lhes não façam mal. São os ovos proporcionados à sua grandeza, ainda que são uns maiores, que outros, conforme as espécies diversas dos jacareses; os ovos dos jacarés grandes são tamanhos como

dous punhos, de sorte que basta um só para fazer uma grande fritada. São da mesma cor, e feitio dos ovos de galinha, excepto em terem a casca muito dura. Os índios gostam muito deles, e lhes dão busca pelas praias, [aonde] já sabem que os põe, e por mais que os jacarés os escondam, sempre os índios lhes apanham muitos. Dizem alguns, que eles os chocam com a vista, e que por isso lhes estão sempre com os olhos fitos: bem pode ser, que assim seja, porque também há pássaros, que chocam os seus com a vista; mas outros dizem, que o estar olhando para os ovos, não é para os chocarem, mas para os vigiarem, e que só se chocam com o calor do sol, como os ovos das tartarugas. Dizem alguns tão bem, que eles não comem na ágoa, mas que feita a presa, vão comê-la a terra, ainda que muitos, que tem feito experiência, afirmam, que comem na ágoa, como os peixes. Com serem os jacarés os maiores inimigos, que tem em si o Rio Amazonas, contudo há também alguns bons préstimos, como são os seus celebrados dentes, especialmente os dentes de uma espécie, de que logo diremos. Tem estes brutos os dentes grandes, e metidos uns para dentro dos outros, por se compor cada dente de 3, ou 4 de sorte, que tirado um, ficam os outros como cascos de cebola muito inteiros, sendo uns bainha dos outros. São os seus dentes óptimo contraveneno para todos os venenos. Descubrio o seu grande préstimo na América um preto ministrando a outro, que no disfarce de seu amigo, e grande camarada, mas inimigo refinado no ânimo, o queria matar, para cujo fim o brindou por várias vezes com muitos e refinados venenos disfarçados em bebidas, e admirado, de que nenhum sortisse efeito, desejoso de saber a causa, lhe meteo prática accomodada ao caso, na qual lhe perguntou, se sabia algum remédio, com que andassem seguros das venenosas potagens dos inimigos? Ao que o outro, que não suspeitava malícia respondeo sincero, que o remédio universal era um dente de *caimán* trazido consigo, como ele o trazia no sovaco do braço. Deste caso, que logo se foi publicando, se principiou a estimar como cousa preciosa o dente do jacaré, como excelente contraveneno; e cada vez se foi mais confirmando a sua vertude, por experimentada em muitos casos, dos quaes foi mui notável o seguinte. Indo de jornada um ministro português, lhe mordeo uma cobra surucucu o cavalo em um pé, que começou logo a sentir os efeitos do mortal veneno, lançando sangue por todas as vias, boca, olhos, e ouvidos, e já estirado agonizava com as ânsias da morte; e agoniado também o Ministro com a perda da cavalgadura, se lembrou do dente de jacaré, que o seu paje levava consigo, e atando-lho ao pescoço, pouco a pouco foi parando o sangue, e o animal restituído às suas forças brevemente pôde continuar a jornada.

Dizem porém os naturaes, que nem todos os dentes do jacaré tem esta vertude: uns afirmam, que só a tem os queixaes, outros, que são os dianteiros; estes ateimam, que são os de fora, e aqueles, que os de dentro. Eu digo, que o mais acertado é, que quem quiser certificar-se, podendo, os experimente todos em algum animal, *v. g.* cão, gato, ou qualquer outro. Outra vertude excelente, que dizem se tem descuberto nos mesmos dentes é uma grande antipatia contra as dores de dentes, expelindo-as logo, que aplicam o dente de jacaré a mamilha do padecente pela parte de baixo. E quem me comunicou este segredo, me afirmou, que não só era certa sua vertude eficaz por muitos experimentos, mas que também conservava um por grande herança em sua casa, a que acodiam os achados com feliz successo. Mas parece, que tão bem nem todos tem este préstimo; pois alguém experimentou um, e não lhe succedeo, como desejava: o que posto, será bom fazer de todos

prova, podendo ser, para conhecer quaes tem a dita antipatia, se os dianteiros, ou queixaes; se os de fora, ou se os de dentro? Nem é bem, que se despreze por inútil esta experiência, porque achando-se um com tão excelente préstimo, será um grande morgado para uma casa, por ser tão usual a dor de dentes; nem haverá tantos desdentados, embora, que apesar dos barbeiros, que muitas vezes tiram não só os doentes mas também os dentes sãos. Também a gordura, ou banha do jacaré, é aprovado remédio para os papaterras; porque lha faz vomitar, expelir, e alimpar. É bem verdade, que *[roto o original]* levar, e que os doentes lhe fazem caras, ou carrancas; porém como os efeitos são bons, tenham paciência os enfermos, e para a tomarem com menos repugnância, lembrem-se do adágio, que diz, e cae aqui bem — Caro é, o que bem sabe — outra letra a diz: Caro custa o que bem sabe. Diz o Padre Gumilha que no Orinoco é muito usual nos índios o abuso de comer terra, mas que não temem os seus ruins efeitos, por comerem tão bem como cousa muito regalada, e gostosa a gordura do jacaré, que sabem separar, e alimpar da catinga, donde procede toda a sua insipidez, e amargura. Pelo contrário dizem ser muito venenoso o seu fel, por cuja razão é muito buscado pelos malfazejos, que dele usam nas suas confeições em prejuízo do seu próximo, e das próprias almas; porque tirando aos outros a vida do corpo, a si mesmos tiram a vida do espírito: *Peccatores mala capient in interitu*.* Há várias espécies destes lagartões, ao menos quatro. Aos da primeira espécie chamam os naturaes jacaré guaçu, e são os da primeira grandeza, que isso quer dizer a palavra guaçu. Dos desta espécie abundam os lagos dos Rios Amazonas, Madeira, e outros caudalosos, em cujas enseadas, e remansos ordinariamente andam, e vivem. Aos da segunda espécie chamam jacaré curuba, isto é, bexiguento, em tudo semilhantes aos da primeira espécie, excepto, que os curubas são muito pretos, e pelas costas tem muitos inchaços, ou quitãs duríssimas, como as mais duras pedras, e algumas tão grandes como nozes, e daqui lhe vem o nome de curuba. São também distinctos dos primeiros em serem mais pequenos, porque da tromba até a ponta da cauda terão 8, ou 10 palmos. Os dentes dos desta segunda espécie é que tem vertude contra todo o veneno, como afirmam os experimentaes. Aos da terceira espécie chamam jacaré tiribiri: são mais pequenos, que os da segunda espécie, e deles se diferençam em terem a cauda triangular, e o papo vermelho, andam ordinariamente nos iguarapés, e mais rios pequenos. Não obstante serem pequenos de só 4, ou 5 palmos de comprimento, tem tal serventia, que, se succede taparem os iguarapés, em que andam os taes jacarés, com os seus parises, os pescadores, por mais fortes que sejam os parises os rompem, e lançam por terra, o que não fazem os da primeira e segunda espécie, porque com qualquer pari se dão por presa. Parises são ũa casta de tapagem com estacas, com que os pescadores tapam as bocas dos iguarapés, para colherem o peixe na vazante das marés. Quando dormem roncam tão fortemente que parece tremer a terra, e nos roncos exprimem o seu nome tiribiri.

Os da quarta espécie são os chamados jacaré tinga, isto é, brancos, a respeito dos outros, que são mais apretados. Os das três primeiras espécies, nem todos os índios os comem, especialmente os da primeira, e segunda espécie; porém os tingas da quarta espécie comem todos. Tem a carne muito alva, e branca como galinha, e bem cozinhados parecem pescada, e por tal

---

* Lat.: Os pecadores recebem o castigo no próprio crime (S. Agost.).

os tem avaliado alguns europeos, que prometendo de nunca os comer, por serem feios lagartos, disfarçados em boas menestras, gostaram muito deles. Desta espécie há maiores, e menores até doze palmos, e mais de comprimento. Vivem nos lagos, e iguarapés, e são tão bravos como os mais; mas não obstante a sua braveza os índios não só os matam, mas também os apanham vivos. Há índios tão afoitos, que os vão buscar para brigar com eles, o que fazem metendo-se nos lagos, onde os jacarés são inumeráveis, armados unicamente com dous bons toretes, e dando sobre uns, e outros com notável ligeireza, os tem iludido; posto que os jacarés em cerco como um exército arremetem o que lhe há de chegar, e ao mesmo passo os índios dando para ũa, e outra parte se tem livrado deles com gracioso espectáculo dos que das margens estão aplaudindo a victória, ou temendo a peleja, que sempre é tão perigosa, como se estiveram rodeados, e pelejando no meio de uma grande manada de bravos touros, ou ao menos entre uma matilha de raivosos cães de fila mais ferozes que os chamados mastizes dos ingleses com raça de tigres. Não é menos admirável a ousadia, com que os índios pescadores os apanham vivos. Vão nas suas canoinhas nas vazantes das marés observando as margens dos iguarapés, onde os crocodilos costumam dormir enterrados no lodo; e como os índios já tem signaes, por onde os conhecem, advertindo ou achado algum a dormir, chegam a canoinha à borda da ágoa, põe no lodo o seu remo, e neste os pés, para se não encravarem no mesmo lodo. Depoes de observarem e examinarem bem o lugar da cabeça, e cauda do bruto, com muita subtileza, e ligeireza lhe põe um pé sobre a cabeça, e outro sobre o lombo, e com as mãos se segura em cima do mesmo jacaré: logo metendo os braços pelo lodo a buscar-lhe as mãos, e tanto que as acha, lhas puxa, e vira para as costas, onde lhas ata com fortes cordéis, e o mesmo faz aos pés, e já então mais seguro lhe ata também a tromba, como se faz aos porcos, quando se querem matar, se não é que a tromba é a primeira que seguram, por ser a mais perigosa.

Assim atado, e maniatado aquele grande lagarto, saltam os pescadores a sua canoinha, donde o puxam para dentro, se é pequeno, ou se não podem por ser grande, o vão levando a reboque para o porto, com advertência que sendo tão bravos os jacarés; contudo assaltados assim por qualquer índio, se deixam maniatar sem bulir; pois bastava qualquer movimento, que fizessem para deitarem o índio de pernas acima, e logo levá-lo de um bocado; mas nisto mesmo mostram a sua brutalidade, se não é, que por terem o somno muito pesado não sentem, nem o peso do índio, nem nem os cordéis, e dores. Porém saltando o índio à canoa, e principiando a puxá-lo de longe, começa o bruto a estremecer-se, e a dar taes açoutes, já no lodo, e já na ágoa, já com a tromba e já com a cauda, que faz tremer, e arripiar os cabelos, menos aos índios por acostumados, ainda que sempre fazem toda a diligência para irem distantes do jacaré, em ordem a que este com alguma trombada, ou açoute, lhe não vire a canoa, e a faça em pedaços. O seu grande furor admirou um missionário do Amazonas, trazendo o seu pescador assim bem seguro um jacaré, que com ser dos mais pequenos por ser dos da terceira espécie de 4 até 5 palmos, dava taes açoutes na terra, taes voltas em redondo, taes saltos, e tão formidáveis urros, e roncos, que o missionário não se fiando em estar bem amarrado, se foi retirando mais que depressa. Além dos homens, que já deste modo, e já com anzóes de fortes cadeias os pescam, tem mais muitos outros inimigos, e o maior, são eles mesmos, não

por se matarem em pelejas uns aos outros; mas porque ao sair dos ovos os pequenos, os grandes os comem, e talvez por esta razão, e também porque os índios dão busca aos seus ovos, como já dissemos, são menos: pois a lograrem-se todos os ovos, e crias, seriam tantos, que o Amazonas, e mais rios se fariam inabitáveis; mas assim como eles são inimigos de muitos assim tem muitos contrários. Também é curiosa a peleja, que tem com os tigres, e onças, que exporemos adiante.

CAPÍTULO 15º

CONTINUA-SE A MESMA MATÉRIA DOS ANFÍBIOS DO RIO AMAZONAS.

Visto falarmos em lagartos, merecem sua especial menção os chamados camaleões, célebres pela sua tão medicinal pedra. São do feitio de lagartos de comprimento até cinco palmos, feios, mas muito inocentes; e quanto mais bravos são os lagartos, ou jacarés, de que ategora falamos, tanto estes são mais mansos. Não tem escamas, nem conchas, mas ũa pele como lixa: andam ordinariamente pelas árvores, e arbustos, à borda da ágoa, e nos rios, e quando se vem assaltados com um salto se escondem na ágoa, onde também vivem, e nadam, como peixes. A sua carne é branca, e alva como galinha; nem falta, quem a antepõe no gosto a mesma galinha, e os índios não fazendo muito apreço da galinha, quanto podem, não perdoam aos camaleões. O modo de os caçarem é à frecha, indo mansamente pelos rios à borda da ágoa, e assim que os avistam, fazem neles tiro com suas frechas, em que são destríssimos, e poucos lhes escapam; porque,* ainda que vendo-se feridos logo saltam a ágoa, como levam a frecha atravessada, não podem mergulhar abaixo, e por isso os apanham, e metem nas carnes onde posto que estejam totalmente vivos, e com todos os seus espíritos vitaes não fazem mal nenhum, de sorte, que correm as canoas de popa a proa pelos pés descalços dos índios, e contudo são tão inocentes, que nem os mordem, nem molestam, salvo só com as unhas, que as [tem famosas]. Dizem comumente que eles só se sustentam de vento, e de ar; e por isso aos homens soberbos, e vaidosos, que parece só vivem dos cortejos, e aura popular, chamam camaleões de vento; mas os naturaes afirmam, que eles na verdade tem o seu sustento, ou já nas ervas, ou arbustos, ou já na lambuje do musgo. O que porém é certo é, que eles variam as cores, não só na aparência como o pescoço das pombas, que só é aparente, ou conforme lhe dá a luz; mas

* Raspado um trecho no manuscrito.

na realidade se vestem de todas as cores. Certificou-me um religioso curioso, que ele mesmo em pessoa fez experiência. Apanhou um vivo pequenino, pô-lo em um papel verde, e com muita presteza, e facilidade se mudou em verde o camaleão; mudou-o para campo azul, e também se vestio de azul, passou-o para vermelho, e pôs-se de vermelho, e o mesmo fez em campo roxo, variando em todas o camaleão. Só nas cores pretas, e brancas gastou mais algum tempo, sinal de que sentia maior dificuldade de sorte, que tomam as cores conforme o plano, em que estão; e por isso é, que ordinariamente são verdes, por estarem entre as verdes folhas das árvores. Há duas castas mais conhecidas, a primeira maior, e cresce té cinco, ou seis palmos. A segunda é mais pequena, e tem pouco mais de palmo: em um desta espécie, que são mui mansinhos, se fez a referida experiência. É muito célebre, e preciosa a pedra do camaleão, não por ser resplandecente, como outras, que só servem para ornato, e enfeite da vaidade; mas por ser muito medicional com excelentes préstimos na medicina, especialmente por ser um óptimo febrêfugo, por isso é tão estimada, que chegam a dar por ela para cima de 200 mil réis. Há maiores, e menores; e chegam algumas a ser maiores, que um bom ovo de pato, *praecipue** no comprimento.

Só os da primeira espécie tem pedra, e ainda destes, não a tem todos, antes são os menos, os que a tem; e alguns curiosos tem havido, que andando à caça deles por causa da pedra, em cousa de lodo, nem ũa só acharam; e tem havido outros, que em quase todos a achavam. Verdade é que muitas se perdem por causa dos índios, que são ordinariamente os que os caçam; porque, ou não sabem a sua estimação, e é o mais comum, e por isso a deitam fora; ou porque os pescadores, que [*em branco no manuscrito*] tem recomendação as encobrem, como costumam fazer em tudo o mais, em que sentem empenho. E apenas se aproveitam algũas, quando nas embarcações vem algum branco, que delas já tem notícia, e apanhado o camaleão, ou cene[mi], como lhe chamam os naturaes, o manda abrir à sua vista. Disse que delas tem notícia; porque ainda os mesmos brancos ordinariamente não advertem para buscá-las; tanto que chegou a confessar um missionário daquele rio, que indo embarcado, e matando uns rapazes, que com ele iam muitos no descurso da viagem nunca lhe occorrera a tal pedra. Tem-na no bucho, e por isso tem, os que a tem, maior *[ilegível]* pelo qual logo se conhecem.

Agora diremos alguma cousa das tartarugas do Amazonas, chamadas pelos naturaes jurará; e alguns europeos, além do usual nome de tartaruga, a chamam galinha do Amazonas. É animal anfíbio, mas a sua principal vivenda é na água, peixe por certo digno de toda a estimação, não só por grande, se não também por gostoso. O feitio é bem conhecido em tudo semilhante aos cágados, menos na grandeza. Há duas castas mais conhecidas. Maior e menor: as da primeira espécie crescem a tal grandeza, que cada uma pode carregar a um jumento, e ainda se exporá a dar com a carga por terra, sendo o caminho comprido[.] Valente animalejo! Tem tempos de mais, e menos gordas; as suas carnes nas maiores, especialmente estando magras, são alguma cousa duras, e secas; mas se dão em mãos de um bom cozinheiro, sabem como gaitas, ou se convertem como carneiro estofado, ou ensopado, ou como porco de *fricassé*, ou como galinha. O seu sarapatel, e sangue em nada se distingue do sarapatel, e sarrabulho de porco, se é bem cozinhado. De cada tartaruga fazem sete ou mais menestras diversas; e todas

* Lat.: particularmente.

de receber. Primeira o sarapatel, segunda o sarrabulho, terceira o peito assado, quarta *fricassé*, quinta o cozido, sexta a sopa, sétima o arroz. Isto é o mais usual, que em casas particulares ainda fazem mais guisados, especialmente se ela está com os seus ovos; e se é das maiores ũa só pode dar de comer a ũa comunidade. As pequeninas quando, e pouco depoes, que saem dos ovos, sabem como torresmos; e quando já de alguns meses, enquanto são como um palmo, ou pouco mais, lhe fazem ũa brecha no peito, por onde as alimpam, e enchem o vão de temperos vinagre, cebola, etc. e assadas assim no forno são um pasmo, come-se sem fastio, e por regalo. Diferençam-se das tartarugas do salgado ordinárias, em terem os cascos, ou conchas muito finas, e por isso ineptas para delas se fazer obra alguma. Disse das tartarugas ordinárias do salgado, porque também neste há em algumas partes destas tartarugas, que só servem para comer, especialmente na altura das Ilhas: não sei, se são tão gordas, e gostosas. As da segunda espécie, que chamam tracajás, além de serem mais pequenas, são ordinariamente mais tenras; e por isso mais estimadas para o prato. As tartarugas de cascos, ou do salgado, a que podemos chamar terceira espécie, também merecem sua menção na História pelos seus preciosos cascos, e conchas; e também tem parte no Amazonas, especialmente na sua foz, onde já entra o salgado; mas deixemo-las reservadas mais para diante.

Os ovos da primeira espécie, e cuido, que também da terceira, são do feitio, e tamanho dos de galinha, e da mesma cor, menos em terem a casca muito branda de sorte que podem acamar uns com outros sem perigo de quebrarem. Diferençam-se mais em serem quase tudo gema, com um pequeno círculo de clara, e são óptimos para fazer ovos moles. É para admirar, a quantidade de ovos, que põe: 150 té 200 é o mais ordinário. Se fossem tão fecundas as galinhas não seriam tão caros os seus ovos. O tempo de os lançarem é, quando os rios pela vazante vão descubrindo os seus areaes; então elas saindo dos seus lagos, em que pela maior parte andam, vão em tão grandes cardumes, e tão numerosos exércitos buscando as praias, que alteram as ágoas, e fazem ondas, quaes as ventanias, quando assopram, e isto por grande espaço de tempo; e já sabem por instinto, não só onde estão os areaes, mas também, a quaes areaes pertencem; porque um exército vai para uma parte, e outro para a outra. Nestes rios andam até lhes chegar a sua vez de desovarem, o que sempre fazem de noute, e no silêncio. Não é menos admirável o seu instinto para sair a desovar; porque não só é de noute, e em silêncio; porém tão bem com muita cautela, e segurança. Pois antes de começarem a marchar os exércitos, ou cardumes delas, saem primeiro algumas poucas, como atalaias, e descobridores do campo a especular, e observar bem a paragem, se está, ou não solitária, e segura. Depoes de verem, que não há inimigos, voltam a dar parte às mais; e logo sae um exército a desovar, e o mesmo vão continuando pelas mais noutes, por muito tempo, que ordinariamente é por todo o setembro, outubro, e parte de novembro. Para os porem, fazem ũa cova na areia, e depoes de nela desovarem, a tornam a cubrir com a mesma areia, alisando-a muito bem; e retirando-se outra vez para o rio, com a cauda vão apagando as pegadas, para que se não conheçam, e o fazem com tal subtileza, que não fica sinal algum: de sorte, que ainda que os índios sejam linces na vista, não divisam vestígio algum, por onde andasse a tartaruga, e em que lugar pusesse os seus ovos. Tem tal simpatia com a ágoa, que pondo ũa tartaruga no interior do mato,

ainda que lá a virem com focinho para o sertão, em se vendo liberta logo vira, caminha para o rio, e ágoa: Só os homens tendo no Céo o seu centro, são para ele bem pouco inclinados!

O seu sustento são fructas silvestres, que andam nadando pelos rios, trazidas dos matos pelas ágoas das ribeiras, ou caídas das árvores, que os rios tem nas margens. Mas a principal é ũa fructa do feitio de pinha, que é fructo de ũas canas nascidas na mesma ágoa, e lagos, chamadas aningas. É notável o muito que vivem sem comer, nem beber! Não foram tão sofredores da fome, nem tão abstinentes os antigos anacoretas do deserto. Fazem delas grandes provimentos os cidadãos para irem comendo pelo discurso do ano, e fecham-nas em curraes, ou as arremessam em algum canto da casa, aonde aturam aqueles brutos semanas, e meses, sem outro alimento mais, que o ar 4, 5, e 6 meses. E se os moradores tem a providência de terem estes viveiros, onde entrem, e saiam as marés, ou outra ágoa doce, aturam e vivem um ano, ou mais com a circunstância, que se estavam gordas, quando as encerraram, gordas ordinariamente se conservam todo este tempo. E que grande confusão esta para os comilões, que não podem jejuar uma quaresma, e talvez nem um dia! Para as pescarem usam de vários modos. Umas vezes redes, como os peixes; outras vezes à frecha, já com arpões, e já na viração. A viração é na occasião, em que elas saem à area a desovar, cujas paragens, e tempo já sabem os moradores; e por isso escondidos as esperam em grande silêncio, para que não sejam presentidos das tartarugas, atalaias, e tanto que presentem aquele exército cavando, e fazendo as suas covas na area, lhe saem de repente da cilada, cortando-lhe os passos, e retirada pela parte do mesmo rio. Daqui vem, que posto que elas logo se ponham em descomposta marcha, e precipitada fuga, para na ágoa segurarem com a liberdade a vida, não podem fazê-lo com tanta pressa, que se livrem das mãos dos caçadores, que não fazem outra cousa mais, do que dar-lhe um pontapé e virá-las de pernas acima, e assim vão fazendo a quantas podem, já com pontapés, já com as mãos, e já com encontrões. E posto que muitas escapam para o rio, também ficam outras muitas viradas, e tão seguras, que estando de costas, nem se podem meixer, nem menear. Assim seguras de pernas acima, as vão embarcando muito a seu salvo, e se carregam todos os anos muitas embarcações, de que fazem grandes provimentos, e bom negócio.

Outros moradores tendo as deste modo seguras vão matando nelas, para só lhe aproveitarem as bandas, de que fazem tão perfeita, e gostosa manteiga, como a de vacca, deixando as carnes para pasto das feras, e aves. Também fazem manteiga dos seus ovos, que para isso são óptimos, por serem quase tudo gema, e em tanta abundância, que há moradores, que fazem 600, 800, e 1 000 potes dela. E quase todos os mais, que sobem o Amazonas para a colheita dos cascos, e mais riquezas, ordinariamente fazem tão bem seu negócio destas manteigas por princípio, e provimento de tartarugas, assim para comerem no decurso da viagem, e demora no sertão, como tão bem para carregarem na torna viagem, deixando-as para isso fechadas em curraes, e as manteiras no mato, até voltarem do sertão. O modo, de que usam para descubrirem os ovos enterrados é irem passeando pelas praias, e com frechas picando a area, e havendo ninhadas, logo as frechas dão signal de si, ou das ninhadas. É incrível a muita manteiga, que sae todos os anos do Rio Amazonas! Talvez, que pela sua abundância, e barateza, não cuidem na manteiga de vacca. São as tartarugas animaes inocentes, e não fazendo mal

a ninguém, contudo tem muitos inimigos. Os primeiros são os jacarés, que nelas tem o seu principal sustento; não só nas grandes, que matam especialmente nos lagos, onde elas, e eles mais vivem, e quando saem a desovar nas praias; mas muito mais nas pequeninas assim na ágoa, como também, e principalmente ao sair dos ovos, por endireitarem, e caminharem logo para a ágoa, em que eles as estão esperando com os alçapões abertos, nos quaes elas como inocentas vão cair. E como aqueles vorazes brutos tem tão grande bojo já se vê, que por cada vez, não se darão por satisfeitos, senão com tartarugas a milhares. Os segundos inimigos são as onças, e tigres, que andam pelos areaes, e praias à caça delas, e fazem grande matança, assim nas grandes, como nas pequeninas; e tanto as onças, como os jacarés já sabem o tempo, em que saem a desovar, e em que saem dos ovos. Muitas outras feras não lhes perdoam, quando as acham, ou encontram. Os terceiros inimigos são as aves, que vivem do marisco, e andam em grandes bandos pelas praias, e areaes, e algumas são insignes caçadores. Os quartos inimigos são os índios naturaes, que nelas tem o seu principal sustento; e por isso há nações, que vivem, e tem as suas povoações sobre os lagos em estacas; porque neles tem abundância. E pouco seria, se comessem só as grandes, mas também passeam as praias à caça dos ovos, de que fazem seus guisados, e um deles não é despeciente; é uma massa composta deles, e de farinha de pao, que torram ao fogo, ou no forno. Também apanham as pequeninas, quando saem dos ovos, e lhes dão uma grande diminuição. Mas na verdade os seus maiores contrários são os brancos, tanto das grandes, e pequenas, como dos ovos para as manteigas: e se vê claramente, ainda pelos cegos; porque não obstante todos os mais inimigos, que tinham antes dos europeos, ainda havia tal multidão, e abundância, que muitas vezes não podiam navegar as embarcações, como referem os historiadores, e ainda confessam os mesmos brancos; mas depoes que às tartarugas sobrevieram mais estes inimigos, as desbarataram tanto, e fizeram nelas tal destroço, que já em muitas paragens, onde antes a multidão delas impedia o navegar, hoje não se pode colher uma.

Também os jabotis fazem seu corpo na república dos anfíbios, e por taes, como os de que tegora falamos, gozam do privilégio de serem admitidos no sagrado do jejum. São do feitio de grandes cágados, ou de tartarugas mais pequenas: porque tem bons cascos, e bem duros; em que se recolhem, quando tocam, encolhendo as mãos, pernas, e cabeça, como também fazem as tartarugas, e quase pela muita semilhança se podem chamar tartarugas da terra, visto que as outras o são da ágoa. Contudo, além de serem mais pequenas, lá tem suas diferenças: ũa é em serem mais altas *respective** as de mais corpo. 2ª em terem os cascos mais bem distinctos, e em mais bem claros espelhos, com seus relevos nas divisões. 3ª na cor *[roto o original]* tanto na boca, e pescoço, como nos pés, e mãos, em que tem umas como escamas vermelhas. Posto que também vivem na ágoa, a maior vivenda é em terra, principalmente em campinas descubertas, e lugares alagadiços, escondidas entre, e por baixo do feno, ainda que também muitos andam nos matos. São inocentes, e não fazem mal a ninguém, temendo só que lho façam. Quando se vem assaltados dos mais bichos, e feras do mato, escondem logo, e metem cabeça, e pés na concha, e ficam muito contentes, e seguros, menos das onças, e tigres, que metendo-lhes as unhas os matam. Também

---

* Lat.: respectivamente.

como tartarugas, sofrem muito a fome, e se domesticam em casa tanto, que vem comer à mão. São muito vagarosos, já por terem os pés, e mãos muito curtas, e já por trazerem às costas o peso das suas conchas, e casas. São muito gostosos, e tenríssima a sua carne, e alva. Tem grandes fígados, e *respective** ao corpo parecem disproporcionados; cozidos são um bom pratinho, e muito melhor assados. São símbolo da mansidão; e por isso já anda em prolóquio nos moradores, para significarem a mansidão de alguém, o ouvirem, que tem fígados de jaboti; e dos velhos, em que já com os anos vai faltando o calor natural, dizem, que tem sangue de jaboti, no que querem significar, que já tem o sangue frio.

Dignos são por certo das Histórias os anfíbios castores, que tão bem tem seu lugar no Rio Amazonas, posto que mais retirados, ou mais raros; talvez por mais dignos: porque sempre foram raros os bons! São do tamanho de cães ingleses, *per minus,*** corpo cheio, cor apretada. Vivem juntos, como em bem ordenadas, e reguladas repúblicas. Fazem as suas casas sobre as enseadas dos rios, ou em cima dos lagos, as quaes formam de paos, levantadas sobre giraos com sua semilhança às casas dos tapuias; e nelas fazem seus repartimentos, e divisões. Os melhores quartos, ou salas são para os mais velhos; e todos segundo a gravidade, e a antiguidade que tem, assim tem também as suas salas de sorte, que os mais pequenos, e modernos, estão nas mais inferiores, e menos cômodas: tudo também ordenado, que parece obram com claro juízo e discurso. Tanto assim, que os que defendem haver nos brutos verdadeiro discurso, o provam com a bem ordenada república dos castores; e na verdade há homens, que parecem mais brutos, que estes mesmos brutos, *praecipue**** em muitos índios do mesmo Amazonas. Este mesmo discurso, ou instincto mostram nas mais suas ações, especialmente na providência que tem em desviarem das suas casas as enchentes, e enseadas dos rios, quando as tem não totalmente sobre o rio, mas em terra perto, ou a borda da ágoa, em que cuido põe, os que já por muito velhos, ou acha[ca]dos não podem passar a ágoa para acompanhar os mais, e ir viver nos giraos sobre os rios, e ali tratam deles, buscando-lhes o sustento. Mas no que se vê mais a sua habilidade é em divertirem as correntes, para que não os alaguem ou desaccomodem, já fazendo *[ilegível]*, e já cortando com unhas, e dentes, ramos de árvores, e já abrindo valas, tudo com muito acerto; outras mais propriedades admiráveis, que tem, as poderão ver os leitores em Meri, e Capani, os quaes elegantemente as explicam, e em todos os mais *[ilegível]* no Canadá, onde há muita abundância; eu por não ter vivas as espécies, nem *[ilegível]* por onde as coteje as passo em claro; e só declaro ser tão bom, e macio o seu pelo, que em nada cede ao veludo, e por isso dele se fazem os melhores chapéos, cuja bondade se explica dizendo, que são chapéos de castor.

As lontras também são animaes anfíbios, e muito especiaes no Rio Amazonas. São pardas do tamanho de pequenos cães, e vivem igualmente na ágoa, e na terra. São tão ladinas, que se podem chamar as raposas da ágoa, e tão ligeiras, que iludem os mesmos caçadores, especialmente nos rios, onde brincam trazendo só as cabeças fora da ágoa, e se lhes desparam as clavi-

---

* V. nota anterior.

** Lat.: pelo menos.

*** Lat.: principalmente.

nas, ou os índios as frechas, quando cuidam ter segurado alguma, ela surge logo mais distante; e por mais tiros que se atirem, não só os iludem, mas também aos mesmos caçadores, nas voltas, e revoltas que fazem, em que arremedam uma dança, já passando umas pelas outras, agora afastando-se, e logo chegando-se. Em terra também são tão ligeiras, que sobem, e andam por cima das árvores, como macaco: sustentam-se de bom peixe, que apanham em tanta quantidade, que são a destruição dos rios, e muitas vezes vão comer a sua pescaria acima das árvores, onde também comem das suas fructas. Zombam das redes dos pescadores, as quaes destroem, roendo-as com os dentes; e não só não ficam pescadas, mas são causa de fugir toda a outra pescaria, e ficarem os pescadores sentindo a perda das suas redes. São muito felpudas (não o são as de Macao, e China) e talvez que por isso sejam buscadas as suas peles para regalos das mãos. Antes de cortidas tem seu fétido, que depoes de cortidas perdem: a sua carne é gostosa, especialmente estando gordas. Fazem seus gorgeos por modo de cantiga bastantemente alta. Os índios, quando as vem, ou encontram com elas nos rios, logo lhe gargarejam batendo com os dedos na garganta, a que elas logo respondem da mesma sorte.

Outro anfíbio é, o que chamam bicho vergonhoso. É do feitio de um lagarto grande de dous palmos, e meio; tem a cauda bastantemente aguda, e a cabeça, e focinho de carneiro. É bicho de conchas, de que está todo cheio; mas conchas sobrepostas umas às outras, e só pegadas à pele por uma pequena cartilagem; e por isso as levantam, e abaixam como querem. Domesticam-se bem, com facilidade, e se lhes fazem festa, eles também correspondem levantando, e abaixando as suas conchas; e batendo umas nas outras fazem som de castanholas. Chamam-lhe bicho vergonhoso, porque tocando-o, ou querendo pegar-lhe, logo encolhe as mãos, e pés; e ajuntando a cauda com a cabeça, fica como uma bola; ou ele se encolhe por humilde, ou se esconde por vergonhoso, ou, e será o mais certo, por muito tímido, como o fazem os jabotis, e tartarugas. A sua carne é de bom gosto, as suas conchas atadas sobre os rios tem vertude de curarem, ou livrarem das amorróidas. Estes são os mais notáveis anfíbios do grande Rio Amazonas, deixados muitos outros menos dignos da História, como são várias espécies de pequenos bichinhos, dos quaes há abundância, especialmente em alguns lagos, e enseadas, onde há menos correnteza, e vivem, e passeiam não só pela ágoa, mas também em vários arbustos, e criam na mesma ágoa, já sobindo, e já descendo, na ágoa vivendo, como peixes, e nos arbustos, como silvestres. Uns são felpudos, e outros muito lisos; uns como lagartos, e outros como aranhas, e de muitas cores, e feitios diversos. Também há várias espécies de cobras aquáticas, e anfíbias, como são, as que na Europa chamamos cobras da ágoa, e de algumas darei especial notícia, quando delas falar em distincto capítulo. E segundo algumas notícias, me parece, que o grande Amazonas tem todos os anfíbios, que as Histórias contam da Ásia, África, e de mais mundo, menos os cavalos marinhos, de que abundam os rios de Sena, e outros da África, cuja descripção aqui não pertence. As riscas das margens onde se acharem, denotam a falta de notícias de alguns viventes, que os leitores poderão ver descriptos com mais individuação nos livros dos respectivos autores. Falta aqui a capivara do feitio, e grandeza de porco, e vive na água, e em terra.

CAPÍTULO 16º

DA ORDINÁRIA PESCARIA DO AMAZONAS.

Merece o primeiro lugar na república aquática o boi marinho, ou como lhe chamam os europeos, o peixe boi. É o maior peixe, que cria o Rio Amazonas, e talvez também o melhor. Tem tamanho corpo como um boi, ainda que não se chama assim pela grandeza, mas por ter os beiços, e boca do feitio de um boi, e também os dentes. No mais corpo é feitio de peixe, muito redondo, e do feitio de ũa pipa; mas não tem como os mais peixes espinha algũa, nem ainda no espinhaço. É peixe de pele, ou de couro, e tão grosso como boa sola, e pode servir dela no calçado, ainda por cortir, assim como serve de boas palmatórias, depois de bem secco à sombra, e bem espichado para não encolher; e fazem bem o seu ofício, porque não molestando as mãos, como as de pao; não são menos doloridas. São pretos, como os pretos, e são muito valentes. Há duas espécies, ambas semilhantes, na cor, e na grandeza. A segunda espécie só se diferença em ser quase tudo gordura, e por essa razão servem para manteigas, de que fazem grande quantidade. É para admirar a manteiga, que deita, cada um desta segunda espécie! 30, 40, e mais potes de manteiga dá cada deixe boi, o que se pode bem inferir a sua grandeza. O serem tão gordos faz, que não sejam tão estimados para comer, como os da primeira espécie, ainda que destes também se faz alguma manteiga, especialmente das banhas, e muito azeite da sua cauda, que é ũa famosa pá. A mais carne, e febra é em tudo semilhante à de porco, e parece ter com o porco muito estreito parentesco; e por isso das suas carnes, como das de porco, se fazem linguiças, chouriços, e paios; e salpresas tem o gosto dos melhores presuntos de Lamego. Os negociantes o beneficiam em postas escaladas, e seccas ao sol; ou metidas em vasilhas de manteiga, e de ambos os modos se conserva muito tempo, sem a mínima lesão. Nos rios de Sena, e na Ásia também há bois marinhos; mas naquelas regiões o chamam peixe mulher, e com o mesmo nome o descrevem os historiadores, o qual lhe provém do membro generativo, que nas fêmeas é mui semelhante aos das mulheres; e por terem também peitos como mulheres, e no mesmo lugar, os quaes cobrem com as suas grandes barbatanas; e por isso este peixe tem três figuras, ou três semilhanças. Primeira semilhança de boi no focinho, nos peitos, e vaso femenino semelhante de mulher, e no demais semilhança de peixe, ainda que em muitas coisas diverso dos mais. 1º em ser redondo, como ũa pipa; 2º em não ter ovos, nem ovas, como os mais peixes, mas gera os seus filhos como os animaes terrestres, parindo um só por cada vez, e criando-os com o leite dos seus peitos. Tem também o seu coito em terra, razão porque alguns o *[roto o original]* na república dos anfíbios; e também por se sustentar das folhas, e ervas a borda dos rios, como se fora animal terrestre. São muito valentes, mas contudo não se livram dos pescadores, que com fisgas, e arpões os matam. O modo de os pescar é desta sorte. Como eles pastam à borda dos rios, e lagos, observam os pescadores a sua roida de fresco, signal de que ali andam alguns: põe-se

à espera nas suas canoinhas com muito silêncio, e assim que o sentem, lhe atiram com o arpão preso em ũa comprida linha, a qual vão largando ao peixe, que ferido vai correndo com muita velocidade e ferocidade; e não tendo a linha o comprimento suficiente, e ainda que o tenha, lha largam toda com ũa bóia, pela qual depoes conhecem, onde está, ou já morto, ou esvaindo em sangue. Para o embarcarem alagam a canoa (são canoas que bóiam) em que vão; e assim alagada, lha metem por baixo, e vão conduzindo para terra, onde desalagam a canoa, e o levam para o porto.

Depoes do peixe boi, ou peixe molher, tem o seu lugar o peixe piraíba, não só pela sua grandeza, mas muito mais pelo gosto; porque na verdade é um dos mais gostosos do Rio Amazonas, posto que [o seu nome] o desminta, que é da língoa da terra, e quer dizer peixe mao. Há diversas espécies, que só diferem, e se distinguem em serem maiores, ou menores. Os da primeira espécie são tão grandes, que para a carregarem são necessários dous pescadores dos mais valentes, que a pao, e corda a levam tremendo, e gemendo; e ainda ela arrastando, e alimpando o caminho com a cauda. É ũa fartura para qualquer grande comonidade se regalar com ũa boa ceia. É peixe de pele; só se pescam, especialmente as grandes, com anzol; e é peixe universal em todo o Amazonas, e rios colateraes; mas para baixo, e vizinhanças do Pará ordinariamente são as maiores da primeira espécie. O peixe pirarocu também é de boa grandeza, e posto que não chega à da piraíba, contudo é um dos maiores do Amazonas: é de escamas, que para se lhe tirarem requer-se um machado. Há duas espécies: uma tem a escama com alguma pinta de vermelho, que lhe dá sua galantaria. É algũa cousa carregada, por cuja razão não é dos mais estimados; e tão bem por ter algum tal qual [asco] ou catinga, mas havendo a providência dela tirar, é muito bom peixe. Consiste a sua catinga em dous nervos delgados, como cordas de viola, que tem nos lombos desde o cachaço até a cauda. Para se lhes tirarem, não é necessária mais mestria, que dar-lhe umas pancadas nos lombos com o olho do machado, com que se escama; e logo deitam para fora as cabecinhas pelo cachaço, dando primeiro neste um golpe; e pelas cabecinhas se puxam para fora os nervos, e fica o peixe sadio, e gostoso. As suas ventrechas, e lombos assados não causam fastio. Costumam cozinhá-lo, digo beneficiá-lo como badejo; é muito alvo, e de melhor gosto que o bacalhao. Há abundância dele em todos os rios, e lagos; os filhos acompanham os pais: pescam-se a fisga, e também com linha.

Há no Amazonas um peixe, que também é nomeado, e merece seu lugar, não só entre os grandes, mas também entre os maiores. Chamam-lhe os naturaes na sua língoa pirajaquara, que quer dizer peixe cão, ou cão marinho. É do tamanho da piraíba; mas grosso, e corpolento; e lá tem algũa semilhança com ũa pipa por redondo. É peixe de pele, e posto que de todos os peixes abunda o Amazonas, e mais rios, lagos, e baías, deste há maior quantidade e abundância, que anda em bandos, e cardumes. A razão de ser tanto é, por lograr ategora o privilégio de imunidade para com os pescadores, e moradores por não sei que catinga, que nele achavam. Porém perderam o privilégio, depoes que uns estrangeiros matemáticos (que se ajuntaram no Pará, e Rio Negro para as novas demarcações, entre as Coroas Portuguesa, e Espanhola) vendo a sua grande abundância, fizeram experiência, e pondo-o em postas ao sol, acharam ser um dos melhores peixes, cuja ruindade está toda em uma certa gordura, que se desvanece derretida ao sol; e a mesma gordura se derrete para muito suficiente azeite da candea. Dizem,

que tem o focinho de cão, e suponho, que daí lhe vem o nome pirajaquara, cão marinho. Também tem, como os cães, a singularidade de acompanharem, e seguirem as embarcações, e fazerem como festa em giros, e saltos, como os cães a seus donos, e como se conta dos golfinhos. Rolam pela ágoa uns atrás dos outros, como fazem as toninhas, e parecem barris, ou pipas, que andam rolando sobre a ágoa; e por isso se podem matar aos tiros, ou à frecha. Pau maqui tão bem é peixe de estimação, e de excelente gosto, posto que não é dos maiores; pois terá até quatro palmos de comprido, e de desproporcionada largura. É peixe de escama, tem a cabeça pequena, e muito mais pequena a boca, que não excede a de ũa tainha. É chato, e com ser muito largo tem as costelas em lugar de espinhas delgadas; nem tem mais algũas outras espinhas, e ordinariamente anda gordo. Não é fácil pescar-se à linha, por não lhe caber na boca anzol competente, que anzol pequeno não tem suficiente força para o segurar; e por isso só se pesca à fisga, ou frecha.

O peixe jandiá é dos mais delicados do Amazonas, e de delicioso gosto. Há duas espécies: ũa grande, quase como ũa mediana piraíba; a segunda espécie é pequena, que apenas terá palmo, e meio: um, e outro é muito estimado. Tem pele em lugar de espinhas, tem ũas barbas compridas, que já estende para diante, já endireita para os lados, e já vira para trás; predicado, em que excedem aos homens, que as não podem menear, e quando muito só podem ter barbas tesas. O jandiá da primeira espécie como grande, só passeia pelo Amazonas, e rios colateraes: os da segunda espécie como mais pequenos, também andam pelos iguarapés, e regatos; e é uma das mais ordinárias pescarias. Tem também o peixe espadarte, que é diverso, e mui distincto do peixe espada. É o espadarte peixe grande, e de pele; mas, no que é mais admirável, é na sua espada, que lhe sae do focinho, ou da cabeça. O corpo será até seis palmos de comprido, e a espada terá de quatro até cinco palmos de comprimento: é chata, e tem dentes de uma, e outra parte como serra, mas compridos como um dedo, e algumas tem para cima de um palmo da largura, e nelas dizem, que tem muita força, e quando algum fica na rede, com a espada a golpea, e corta. Dizem mais, que dando-lhe qualquer pancada, ainda que pequena, na ponta da espada, logo fica como esmorecido, e morre. É espécie de cação seco e de pouco [gosto]; também é peixe do salgado, e tão atrevido, que briga com a *[roto o original]* da mata ferindo-a nos lombos com a sua espada, e como ela é tão grande bruto, quando levanta a cauda, e chega a descarregar o golpe contra o espadarte, que supõe ainda da banda, em que a primeira vez a ferio, já ele como mais ligeiro está da outra banda, e dando outro salto em cima dela, torna a feri-la, e torna a saltar para a parte oposta, e triunfa dela. Eu observei ũa vez esta peleja e tão de perto, que estava vendo quantos saltos dava o espadarte, tão altos, que me parece, não ceder nenhum à altura de um homem de mediana estatura. Os dentes da sua espada tem algũas vertudes medicinaes. Outra espécie de peixe grande é a dourada, não cede no corpo a uma piraíba; e por isso alguns a põe entre as espécies da mesma piraíba. É muito galante a sua cor, e na verdade vista debaixo da ágoa tem uma cor amarela tão viva, e luzidia, que parece ouro; e daí lhe vem com muita propriedade o nome de dourada, e talvez pela cor seja respeitada dos maiores peixes, ainda dos grandes tubarões, que a acompanham no salgado, e boca do Amazonas. É peixe de pele, e nele ũa boa lixa; pesca-se à fisga, e tão bem a anzol.

Também merece sua memória o grande tubarão, nome respeitado ainda nos homens; e por isso muitos o tem metido nos seus muitos, e nobres apelidos, ainda dos antigos romanos, como se lê nas histórias. É dos maiores brutos, que criam os mares, e o Rio Amazonas, não em todo, mas só na boca, onde já o salgado tem entrada; e são tantos, que posto que sejam peixe comum aos mares, como testemunham os mareantes, parece, que a sua própria pátria são a boca do Amazonas, e toda a mais costa do Brasil. É de pele e boa lixa, mas a carne é seca; e por isso os naturaes lhe perdoam, que ordinariamente não o comem. É dos mais atrevidos peixes do mar, ainda mais, que a mesma baleia; porque enveste com qualquer animal, que chega à ágoa, aonde eles andam, e com os mesmos homens, que logo fazem em pedaços, como tem succedido a alguns marinheiros, em alagados, e nas mesmas praias do Brasil, e Amazonas; razão por que sendo os índios tão inclinados a lavagens e banhos, como patos, contudo nestas costas, e praias, não há chegarem à ágoa, buscando para isso só algum retiro em iguarapés, ou poços, onde eles não possam entrar, ou chegar. Há porém alguns índios tão animosos, que brigam com eles, não medindo as forças, porque então nenhum partido teriam com os tubarões, mas por arte, e com destreza. Metem-se os índios na ágoa armados com um, ou dous zargunchos de bom, e bem duro pao em uma, ou ambas as mãos estendidos para o tubarão que logo com grande ímpeto, e voracidade acomete a presa, como uma seta. Então o índio com o braço, e pao estendido lho mete pela boca, e o atravessa até as entranhas. Mas se o tubarão declinou o zarguncho, faz o contendor em pedaços, como também, se andam mais tubarões; porque atravessando um, envestem os outros. Os índios mais célebres nesta habilidade são os tramambeses no Estado do Maranhão. Mais seguramente os pescam os marinheiros no mar com bons, e bem fortes ganchos de ferro em que põe algũa posta de carne, ou qualquer trapo por isca, e assim que chega ao mar, logo o bruto a segura, ficando também ele seguro; menos sendo a corda, que serve de linha, delgada, porque a quebra; ou ainda que seja forte, se lhe chega com os dentes, porque a corta; e quando temem, que lhes fuja o prendem com um forte cabo e assim guindam para cima. Quase semilhante é o modo, com que os pescam na vezinhança do Pará e Amazonas, com um anzol de boa grossura, que [tem] um ferro direito da grossura de um dedo, e perto de um palmo de comprimento, e em lugar de gancho, que tem os mais anzóes, lhe põe duas farpas cada ũa de seu lado do comprimento de um dedo, as quaes por si se fecham, e unem de sorte, que só deixam de fora ũa pequena amostra, e nela põe a isca, a qual engolida pelo bruto, abrem as asas, e o encravam; e logo o puxam para terra com boa linha, ou cadeia. Pescam-no ordinariamente para fazer azeites, como outros fazem da balea; e alguns também lhe aproveitam a carne, e febras desecadas, como badejo.

Tem o tubarão uns peixinhos do tamanho de barbos por pajes, que não só o acompanham, mas também se pegam a ele de tal sorte, que custam a arrancar, por cuja causa com muita razão os chamam pegadores, cujo lugar é junto das barbatanas; ou sobre os lombos: sustentam-se das migalhas dos tubarões, os quaes não lhe fazem mal, porque não podem chegar-lhe com a boca. Para o tubarão pegar, e comer a presa se vira de costas, porque tem a boca por baixo, como o cação, e muito metida para dentro, bem verdade é, que o fazem com tanta destreza, como se este fora o seu natural. Também se presume ser o tubarão aquele voraz peixe, que diz a Sagrada Escriptura acometera ao São Tobias, e a quem livrou de ser víctima da sua brutal voracidade o Arcanjo São Rafael, mandando-lhe, que o abrisse, e

tirasse o fel, coração, e fígados por serem muito medicinaes, e ensinando-lhe, que o fel tinha vertude para recuperar a vista; e os fígados, e coração vertudes de expelir, e afugentar o diabo — *Lumina fel sanat, sed virtus cordis, et jecoris diaboli expellit potestatem** — Ambas as vertudes experimentou o São Tobias, dando com a primeira vista ao pai, ungindo-lhe com o fel os olhos; e afugentando o diabo de sua esposa pela vertude do fígado, e coração do peixe queimados. Não sei porque não se experimentam, e usam agora tão prodigiosos remédios [*roto o original*] por um Arcanjo!

Também pertence ao Amazonas o peixe pirarará, e é digno de sua menção pelo tamanho, posto que não seja dos mais capazes para o geral, tanto que ainda os mesmos índios lhe fazem caras. Pirarará quer dizer ladrão do peixe, ou peixe ladrão: suponho, que lhe vem o nome do muito peixe, que come; porque é de rapina. Cresce até cinco palmos, ou pouco mais: é peixe grosso de corpo, e tem ũa cabeça tamanha, que parece desproporcionada ao mais corpo, e com tanta cabeça não é dos mais ladinos. É peixe de pele, e não fazem dele tanta estimação, por ter algũa catinga, posto que é dos mais gordos, como bem o mostram as suas banhas muito amarelas de gordas, das quaes os índios fazem muita estimação, porque dizem, que são óptima isca para o mais peixe, que logo acode ao anzol, em que a presente; e também serão boas para azeite da candeia, se as aproveitarem. O aruaná é um galante peixe daqueles rios pelo feitio, e pelo gosto. Chamam-lhe alguns traçado, ou cutelo pelo seu feitio. Terá quatro até [cinco] palmos de comprido; é chato, e na sua largura, e grossura, não excede muito a largura, e grossura de ũa palma da mão, com toda a mais semilhança de um cutelo. Não só a carne por dentro, mas também a sua cor por fora, é muito branca, por serem prateadas as suas escamas. O seu gosto é apetitoso, e só tem o desar de ter muita espinha, e requerer-se muito cuidado para lhas tirar; seria óptimo peixe ainda para os doentes, a não ter este senão, pelo qual alguns só lhe comem as ventrechas, em que o não tem, ou assado para largar melhor as espinhas, como o savel. Na Ásia há abundância deste peixe, e só no nome difere do do Amazonas; porque no feitio, cor, e gosto, e senão das espinhas convém inteiramente com ele. Os asianos lhe chamam carlim, e para lhe tirarem com facilidade as espinhas, assim que os pescadores o apanham, logo o enchem de golpes desde a cauda até a cabeça. O peixe cavalo tem um galante feitio: mas primeiro é de advertir, que eu não falo aqui do cavalo marinho, e senão do peixe cavalo, que é diverso. O cavalo marinho é um anfíbio dos rios de Sena, e talvez o maior dos anfíbios, porque tem corpo maior, que o maior cavalo, com pescoço, e cabeça do mesmo, e também o arremeda nos rinchos; mas o demais corpo, é semilhante a um roliço porco, com pés curtos, e abertas as unhas. Também as suas carnes tem o mesmo gosto, que as de porco, e posto que na terra é tão tímido que foge de qualquer pessoa, na ágoa enveste ainda com as embarcações, além de outras muitas propriedades dignas das histórias, em que já andam, e muito alheias do peixe cavalo do Amazonas, e outras partes da América. É um peixe pequeno, que apenas passa de um palmo; mas tem a cabeça, e focinho de cavalo, tão semilhante, como se *revera*** fosse feito para um cavalo; e dovido que os pintores a possam delinear mais semilhante, do que a formou

---

* Lat.: O fel cura os olhos, porém o coração e o fígado têm a virtude de expulsar o poder do demônio.

** Lat.: realmente.

a natureza: por isso lhe vem bem a nascer o nome de peixe cavalo. No mais corpo é peixe de escama, como os ordinários.

Bagre é peixe, que desde o Amazonas até o Mar da China se faz temido, e respeitado pelo veneno das suas espinhas: talvez, que o baptizá-lo em regiões tão distantes com o mesmo nome, seja para melhor se conhecer, e precaver o veneno das suas espinhas. Há muitas espécies deste peixe com a mesma semilhança; diferençam-se só no tamanho, e no gosto, e duvido, se também no efeito. É peixe de pele, de cabeça grande, mas alguma cousa chata: na boca, e beiços tem barbas, que meneia, como quer; no mais corpo crescerá até três palmos, ou quatro, e a pele com bastante grossura. Tem no cachaço, e nas bandas ũas três espinhas com que pica, cada ũa como um suvelão, muito venenosas todas três, e sempre anda com elas no reto, e direitas de sorte, que por banda nenhuma se lhe pode chegar, sem se atravessar. Causa grandes dores a sua picada, e se não se acode depressa à cura, há perigo de herpes, ou espasmo; e outras vezes, quando pouco, fica aleijado por toda a vida o picado. A espécie maior é peixe carregado, e o beneficiam como badejo, quem não o quer comer em fresco: os das mais espécies mais miúdos, não tem mao gosto, e só tem pouco que comer, porque desde as espinhas venenosas para diante tudo são ossos, e apenas fica metade do peixe. Andam pela foz, e costas do Amazonas, onde já entra algũa ágoa salgada ou salobra. Segue-se para a arraia, a quem os naturaes chamam jababira, de que há no Amazonas grande multidão, e em algũas outras partes do Brasil; e cuido, que há de diversas espécies. As da maior espécie são tão grandes, que para as carregar necessitam de bons ombros em um robusto índio; e já foram necessários muitos homens para carregarem ũa do porto para casa a pao, e corda. O seu feitio é bem sabido na Europa, onde também as há; e por isso já todos sabem, que são espalmadas, e redondas, e que não tem espinhas algũas; mas só uns nervos, ou como cartilagens muito tenras, e gostosas. Há uma espécie de pequeninas cuja grandeza será como um palmo em diâmetro, as quaes são muito gostosas, especialmente fritas, e capazes para doentes. Tem na cauda ũas três farpas, ou espinhas muito venenosas, tanto, senão mais, que os sovelões do bagre; e as dores, que causa muito mais intensas, tanto, que sendo os índios tão sofridos, que ainda nas maiores doenças ordinariamente não costumam dar ais; contudo picados da arraia, não só dão ais, mas também gritos; e não lhe acudindo com diligência causa espasmo, e tira a vida; porém a arraia não acomete, e só vendo-se tocada acode logo com a cauda, como faz o lairao. Há ũa espécie, que acomete, e corre atrás da gente até picar.

Porém entre os mais célebres, e estimados peixes do Amazonas merece, senão o primeiro lugar, ao menos o segundo, o que chamam pirapitinga, e por outro nome mais comum entre os índios piraíba remuia, que quer dizer avó das piraíbas. A figura, e parecença é toda de piraíba; e toda a diferença está na grandeza, e gosto; porque um pirapitinga é maior, que duas grandes piraíbas; e de gosto muito mais excelente, que as piraíbas. Porém com serem do peixe da primeira estimação, por não excederem menos no gostoso, que na grandeza, as piraíbas, os pescadores não gostam que lhe pegue no anzol, tanto pelo risco de o quebrarem, como também pelo grande trabalho, que lhe causa a sua condução, e pelo grande perigo de vida, em que os põe, quando o querem segurar, e meter na canoa, por não andarem nunca nestas canoas mais, que dous homens (e as vezes só um, que pesca só para seu amo, ou senhor) e não haver naquele estado pescadores pú-

blicos, e de ofício, que em taes occasiões ajudem uns aos outros, e ser claro, que um só, ou dous homens, não bastam para segurar um tão grande animal, sem evidente perigo de vida. Há outro peixe mais pequeno, que terá té dous palmos, com o mesmo nome de pirapitinga, também de pele, e da mesma figura, e bom gosto: entendo, que outra espécie ínfima, e de ambas há muita abundância. Ainda é mais delicioso o peixe pirainambu, por ser não só de bom, mas de óptimo gosto; e por isso deve ter lugar na classe dos melhores peixes, posto que na grandeza, não seja dos mais avultados. O seu nome quer dizer — peixe inambu, e talvez que seja nascido o dito nome do seu grande gosto; porque inambu é um pássaro do Amazonas de gosto especial, como diremos, quando entrarmos na república das aves. Tem o pirainambu a aparência da piraíba, e só difere em ter a pele mais negra, e a cabeça de figura oval, além de não igualar as piraíbas na grandeza, por não passarem os maiores pirainambus de 4 té 5 palmos de comprido com grossura proporcionada.

Mas a todos os referidos leva a primazia o peixe mapará, que pelo seu incomparável gosto, sem encarecimento o podemos chamar a lamprea do Rio Amazonas, e as delícias, e mimo dos seus peixes; antes dizem os experimentados, e de bom gosto, que entendem não cria o oceano peixe, que o exceda no gosto. Não necessita de mais temperos, e adubos, do que ser assado com ũas pedras de sal, ou com o mesmo simplesmente cozido, para exceder as pescadas, lingoados, e melhores lampreas guisadas por mão de mestre com muitas especiarias. É peixe sem espinha, mais que o espinhaço do menor tem a cabeça chata, e espalmada, e nela uns ossos, ou cartilagens tenríssimas, e gostosas por extremo, por serem trespassadas de gordura mais apetitosa, que a mais saborosa manteiga. A sua pele é muito fina, e branca, e a sua grandeza chega té 4 palmos; com serem não só bons, mas óptimos, são tantos, que andam em cardumes, como as sardinhas: os índios pescam-nos à frecha, e fisga. Há outra espécie, a que chamam maparati em tudo parecidos aos da primeira, excepto na grandeza, por serem mais pequenos, e no gosto, que posto seja excelente, não chega aos da primeira espécie.

Tarüraguaçu também é dos especiaes peixes do Amazonas, assim pelo gosto melhor, que o das pescadas, como também pela grandeza, em que ombream com as maiores piraíbas. É um dos peixes mais universaes em todo o Amazonas, e rios colateraes, tanto que ainda nas altas serras da Chapada grande, donde procedem, e descem todos os rios, o primeiro peixe, que criam são tariiras guaçus, peixe de escama, e muito gordo. Chama-se tariira guaçu, que significa tariira grande, para diferença de outra, que há na boca do Amazonas, e costas do mar, tão pequena, que não é para ser filha da tariira grande, ainda que no gosto mostra ser sua parenta muito chegada; mas desmerecem toda a estimação por muito espinhadas, e é necessário comê-las com muita cautela, Tem ũa galantaria, que serve de recreio aos navegantes, e é, que nas vazantes das marés andam brincando pelas praias, e charcos de lodo ao olivel da água, ou para melhor dizer entre lodo, e água; e quando a embarcação vai chegando ao pé, vão todas aos saltos para a ágoa, ou como escorregando por aquele lodo. E ainda pela mesma ágoa dos rios, vão correndo sobre a ágoa, até que depois de um bom espaço se escondem para baixo; e são tão amigas destas margens, e praias de lodo, que facilmente não se acharão em praias de area, ágoa clara, e limpa, ao contrário das da primeira espécie, que além de não terem espinhas, mais que as ordinárias, só passeam por rios de ágoa clara, e cristalina.

O peixe acará também é delicioso, e quase se pode comparar com o linguado, por ser pouco mais grosso, e não lhe ceder no gosto. Há duas espécies, que explicam os apelidos tinga, isto é branco; e pixuna, que é preto. O branco é menor, apenas terá palmo, e meio; o preto é maior: ambos, além de gostosos, são tão sadios, que se dão em lugar de galinha aos doentes, ainda que na verdade o pixuna excede ao tinga. É peixe mais ordinário, e usual em todo o Amazonas, e os índios o pescam já a frecha, que é o seu mais ordinário instrumento, e já com ũas pequenas redes, que tecem entre duas varas com hastes compridas, e pegando nestas metem a rede na ágoa, e levantam para cima. Ambas as espécies são de escama. O peixe mais admirável que cria o Amazonas, é o chamado pelos naturaes poraqué, e no latim torpedo, e stupefa[cio] cujo nome declara bem o seu macanismo; porque tocando-lhe faz entorpecer, e pasmar ainda ao mais forçoso gigante. Não o excedem os mais bravos jacarés, nem podem competir com ele os tubarões atrevidos; porque estes pelejam empenhando o resto da sua força, e valentia; o poraqué porém para vencer ao maior Hércules, só peleja com a eficácia do seu macanismo: de sorte, que tocar-lhe com ũa espada, é o mesmo, que ficar desanimado o braço, e tão estúpido, que por si mesmo deixa cair a espada; e o mesmo succede, a quem o toca com qualquer outro instrumento ou arma de ferro. E é tão instantâneo o seu efeito que basta bulir o peixe, para logo desmaiar o braço, e o que é mais, sentir-se em todo o corpo um pasmoso tremer e macanismo. Dizem também, que só causa os referidos efeitos, em quem o toca com ferro, e não com pao. E porque mais pelo ferro, do que pelo pao hão de subir os eflúvios e causar taes efeitos? É questão que ainda hoje se ventila nas aulas, e disputa na Física. Que o poraqué, ou torpedo tenha simpatia mais com o ferro, do que com o pao, se prova claramente; porque com ferro basta tocá-lo de sorte, que ele faça algum movimento: com pao porém, ainda que o moam a pancadas, não se sentem alguns efeitos dos seus eflúvios. O mesmo macanismo sentem, os que o tocam, ou com a mão, ou com o pé, enquanto ele está vivo, não com pequeno perigo de ficar afogado, quem nadando, ou vadeando a cavalo a água, o toca: de sorte, que se um cavaleiro caminhando pela ágoa tiver a infelicidade, de que a cavalgadura o toque com algum pé, corre perigo de ficar um, e outro pelas custas. Os mesmos efeitos sentem os brutos bois, cavalos etc; *ac proinde** na ágoa correm o mesmo perigo, que os homens, de morrer afogados. Contudo não lhe guardam o privilégio os índios, e brancos, que o pescam a frecha, e nada sentem, pelo não tocarem, senão depoes de morto. Tem o feitio, e semelhança de lamprea, e no gosto tão bem é um pasmo, por ser muito gordo: é de pele, e anda principalmente pelos lagos, e iguarapés.

Tão bem é próprio do Amazonas o peixe pirapema, posto que não sobe muito acima, mas só, ou pelo salgado, ou até onde chegam as ágoas salobras. É peixe grande, quase como piraíba, e julgo tem alguma semelhança, ou parentesco com a corvina. É peixe de escama, e de muita espinha, porém de bom gosto; nem a multidão de espinhas o fazem menos estimável, por não serem pequenas, e finas, como em outros peixes, mas grandes, e grossas como palitos, e por isso alguns usam delas em lugar de palitos, para o que não são despicientes; porque, além de grandes, são chatas. Também a beneficiam, como badejo; e ainda assim não é despiciente. Baiacu, que também é peixe do salgado, tem ũa singularidade, pela qual se faz digno da

---

* Lat.: e por esta razão.

História, ao menos para cautela. É tão pestilente, que mata, aos que o comem, não sendo bem cozido, ou assado; e ainda assim, será bom o resguardo, porque pode succeder não perca todo o seu veneno, e quando não mate damnifique. É peixe de pele, e pequeno, apenas chegará a palmo, e meio. Tão fácil de pescar, que basta atirar com a linha a ágoa, e puxar, que já vem um baiacu para terra, sem ser necessário embarcar para o ir pescar mais longe. Assim que sae da ágoa, toma vento, e se faz redondo como ũa bola. Não só inficiona o mar Oceano, que fica próximo ao Amazonas, mas também o Índico, e Sinico, em tanta quantidade, e com tão refinado veneno, quando não seja mais, como acima dissemos: nem entre eles há outra diversidade, e diferença mais, que a dos nomes: porque na Ásia o chamam bontal. E se há outra é, que o bontal vence na malignidade do seu veneno ao baiacu, pois não obstante serem os chinas de tão boa boca, que a nenhum peixe perdoam, por insípido que seja, não tocam este; e por isso em os pescadores vendo, que se ele é pescado, lhe põe o pé sobre a barriga, até o fazerem [estalar] e esmagado o deixam para pasto dos bichos. Segue-se agora a enchova, que tão bem é peixe do salgado, e boca do Amazonas, e um dos mais selectos, e estimados pelo seu excelente gosto; por ele merecedor de ser contado entre os da primeira classe, e não menos pela sua grandeza; porque não só é peixe de posta, mas de mão cheia, por enchê-la aos pescadores quando o apanham, e muito mais a seus senhores, e amos, quando o vem.

Toconaré também é dos mais excelentes do Amazonas, e seus colateraes: é peixe de escama, e tão delicado, que apanhado pela manhã, já de tarde está moído, donde se segue, que se não pode guardar de um dia para outro, senão em sal: parece miséria própria dos delicados o corromperem-se mais depressa! Cresce até três palmos, e assado fresco não cede no gosto ao savel. Não só os pescadores, mas os mesmos rapazes caminhando pelas praias o apanham a frecha. O peixe cascudo é digno de alguma lembrança. É pequeno, apenas terá um palmo de comprido, mas muito gordo, e faz um caldo, que se pode apresentar nas mesas graves por caldo de galinha: porém a cousa especial nele é ũa saia de malha, em que sempre anda metido, e serve-lhe em lugar de escamas. Consiste esta saia de malha em uns anéis, que o cobrem todo desde a cabeça até a cauda, tão duros, que ainda depoes de cozido o peixe se não amolgam, mas vão se tirando, já com mais facilidade, como quem tira anéis dos dedos. O peixe pacamo é também de excelente gosto. É de pele, e com não ser grande, pois terá palmo, e meio té dous palmos, tem grande cabeça. Vive ordinariamente pelos buracos, e entre pedras, comumente em rios, e iguarapés de lodo, em cujas ribanceiras está escondido em buracos, como em tocas, donde o tiram os pescadores com alguma dificuldade, não só por estarem muito dentro, mas tão bem por ser a sua pele muito escorregadia, e só o poderem tirar à mão na vazante das marés. É muito mole, e parece ser uma lama; porém depoes de cozido, é dos mais excelentes no gosto, e escolhido para doentes. Pertence ao salgado, e ágoas salobras. Muito ao contrário do pacamo, é o peixe jacunda; porque é duro, não só antes, mas ainda depoes de cozido; contudo não é dureza indigesta, e insípida, antes muito gostosa, e agradável, e só mostra ser algũa cousa duro, por se comer sólido. É peixe de pele, e quase do feitio do torpedo, ainda que, não tão comprido; terá dous palmos de comprimento, mas redondo, e muito nédeo, como lamprea. Há muita abundância dele em todo o Amazonas, e rios colateraes, e os índios o pescam a frecha nos lagos, em que anda junto com o torpedo.

A piranha é peixe gostoso, assim ele não tivera o desar de muitas espinhas; mas sem embargo delas é estimado pela facilidade, com que se pesca em qualquer ribeira, iguarapé, e lagos. Porque basta tocar o anzol na ágoa, para já picar a piranha, de sorte, que os pescadores, e outros por divertimento não fazem mais, que meter, e puxar: é peixe pequeno, e os maiores apenas serão de palmo, mas é largo, e de escama. Tem uns dentes tanto, ou mais agudos, que lancetas, e daí lhe vem o nome de piranha, que quer dizer tesoura. Há outros peixes em tudo semilhantes às piranhas, e com o mesmo gosto, chamados *[em branco no manuscrito]* sem o desar das espinhas, que tem a piranha; pois só tem as ordinárias. Há outra terceira espécie e da mesma figura, também sem espinha, ainda de mais singular gosto, sendo juntamente muito maior, tanto no comprimento, como na grossura. Tem costelas tão grossas como o são as de carneiro: é muito estimado, e chamam-lhe *[em branco no manuscrito]* de todas estas três espécies há abundância. O peixe serobi é grande, e de pele, e pele galante; porque tem nela ũas malhas de várias cores, de sorte, que parece pintado, e tem a pele tão grossa, que podia servir para solas de sapatos. É alguma cousa carregado, e muito indigesto, especialmente os maiores, de que há muita abundância, principalmente nos lagos. Beneficia-se como badejo, e tem muito gosto. Há muitas outras espécies de peixe, a que chamam peixe do mato, não porque sejam animaes terrestres, nem ainda anfíbios, mas por viverem nos lagos pequenos, regularmente por baixo do mato, e arvoreado, que há nos mesmos lagos; e alguns destes peixes são deliciosos. E como há grande multidão de lagos pequenos e poços uns, que deixam as marés, onde chegam; e outros, que deixam as enchentes dos rios, há também inumerável peixe do mato, de que os viajantes do Amazonas nas esperas das marés, saltando em terra, fazem bons provimentos, e tão depressa, que não chegam a perder ma[rés], nem é despiciente o peixe por ser de poços; porque sempre neles entram ágoas vivas, ou das marés, ou de algumas fontes, e regatos do mesmo mato. Pescam-no os índios ordinariamente à frecha.*

Basta já de peixe, sendo verdade que ainda não disse, nem o dízimo das espécies diversas, que cria o Amazonas: ũas unicamente próprias daquelas ágoas, e climas, pelas não haver em outros rios; e outras comũas, por se criarem também já no mar, e já nas ágoas de diferentes rios: e todas em tanta cópia, como se pode ver nas suas tainhas, que posto que sejam do mar, também sobem pelo rio acima, e tantas, que nas grandes baías do Marajó, Atuá, e Marapatá do Rio Tocantins, basta ir um pescador de noute com um pequeno facho acceso, com que vá tocando em uma, e outra borda da embarcação, para logo saltarem tantas dentro, que seja obrigado o pescador a largar o facho, e lançá-lo na ágoa, para não se afundir com o peso. E nas costas da grande Ilha Marajó, aonde chamam a Ilha de Joanes, são tantas, que há ũa pescaria contínua arrematada em contrato; as quaes beneficiam como badejo, e delas se provê quase toda a cidade do Pará, para cuja condução anda sempre uma embarcação na carreira. São tão gordas, que ainda escaladas, e secas são ũa delícia; e ordinariamente de bom tamanho. Igual abundância há de outras muitas espécies: porém bastarão estas poucas, para se inferirem as mais, e ficar acreditado o Amazonas por máximo de todos os rios, não só pelas suas muitas ágoas, e rios colateraes, que recolhe, mas também pela sua copiosa, e deliciosa pescaria, de que vivem ordinariamente os seus naturaes, *praecipue*** pelo interior do rio acima,

---

* À margem do códice: Falta aqui o peixe de quatro olhos e muitos outros.

** Lat.: notadamente.

aonde falta a cômoda provisão da vacca, e outros gados, que na Europa, e quase em todo o mundo, são o sustento ordinário dos homens. Agora passaremos à república das aves, em que também o Amazonas não fica inferior a nenhum outro rio, assim na abundância, como também na variedade, (que unidas ali estão convidando aos portugueses, não só para os fazer abundantemente abastados, mas também variamente regalados) ficando reservada entretanto a sua pescaria aos pescadores, que com ela se regalam.

CAPíTULO 17º

DA CAÇA ALTÍLIA DO RIO AMAZONAS.

Visto falarmos da especial pescaria do Rio Amazonas, como primeiro producto das suas ágoas, e não pequena porção do seu tesouro, pede a razão, que demos alguma notícia das suas principaes aves, não só por viverem pela maior parte nas suas praias participando do seu peixe, e marisco; mas também por terem com o peixe alguma comunicação, e parentesco. Pois sendo certo, o que afirmam muitos históricos, que há aves, que se convertem em peixes, e peixes, que se transmudam em aves, como entre outros diz o autor do *Divertimento Erudito*, e para prova assigna determinadas espécies; bem se infere terem entre si algũa afinidade peixes, e aves, de que não é pequena congruência a multidão de diversas aves, que sempre vivem no mar, onde comem, passeiam, voam, descansam, e dormem; de sorte, que talvez nunca chegarão a ver terra, podendo com razão em todo o sentido chamá-las pássaros do alto; além daqueles peixes, a que os mareantes chamam voadores, por andarem em contínuos vôos, de sorte, que ao longe, e ainda ao perto, não parecem, senão passarinhos a voar. O que suposto, terá o primeiro lugar, o que mais avulta entre as aves.

É o pássaro, a que os naturaes chama[m] ema, o maior volátil que cria nas suas campinas o Amazonas; e talvez, que também seja o mais gigante do mundo. É do tamanho de ũa vitela, assim na grandeza, digo altura como na grossura, e comprimento e por razão do seu grande corpo nunca voa ao alto, nem se levanta da terra, posto que é tão ligeira ave na carreira, que se pode dela dizer, não só que corre, mas que voa, de sorte, que custa a apanhar ao mais destro cavaleiro. Por quanto o ema vendo-se assaltado por qualquer cavaleiro não só corre com as pernas, que tem compridas de sorte, que se desunha, mas também se vale e ajuda das asas levantando já ũa, e já outra, como velas ao alto, para apanhar vento, e voar rastejando. Contudo seja o seu curso vôo, ou seja carreira sendo um cavalo ligeiro, e o cavaleiro destro, que saiba furtar-lhe as voltas, obrigando-a a fugir contra o

vento, por fim a vem acolher, embora que ambos fiquem esfalfados, como succede às galgas com as lebres. Vivem nas campinas, e juncaes, onde se sustentam de erva, e feno; que só com tal pasto se podiam sustentar taes animaes! A sua cor, e penas são entre brancas, e cinzentas, excepto nas (nas) asas e cauda, em que é mais preta; e são quase tão compridas, e finas, como as penas do pavão, e posto que não sejam tão lindas, são estimadas para plumagem dos chapéos, e para espanadores dos templos; porque tendo o cano muito fino fazem ũa grande roda, e podiam servir de finos, e engraçados leques das donas. Tem o pescoço comprido, e a cauda *respective** ao corpo muito curta, que o desfeia demasiado. Os seus ovos são propornados à sua grandeza, cada um como dous grandes punhos. Domestica-se a ema como qualquer outro pássaro, e seria ũa grande conveniência se se introduzisse entre as aves domésticas, ao menos por regalo, e raridade. É tão voraz, que não só digere pedras o seu papo, mas também a prata, como se vio nas aldeas altas, onde apanhando uma por descuido um dedal de prata, e advertindo a mulher na falta dele, feita a diligência, e não o achando, se foram a ema, e vendo que ainda não tinha passado do pescoço para o papo, lho espremeram tanto, até que outra vez saio pela boca fora, mas muito gasto, e bem se deixava ver, que por mais uma, ou outra hora o consumiria de todo. O papo desta ave serve para desfazer as pedras, e curar quem é achacado deste mal; porém é necessária muita cautela, pelo grave perigo, que causa com a sua muita acrimônia, e fortaleza; e conforme dizem os experimentados, para se usar dele é necessária mistura de papo de motum com uma casca de certo pao.

Venha agora o gavião, ou águia, que merece o primeiro lugar, e as primeiras atenções, por ser a rainha das aves. É pássaro do alto, não só por ser real, mas pelo seu vôo; e posto que haja outros de maior corpo, haverá mui poucos de tanto ânimo, que isso mesmo é condição dos reis o terem espíritos nobres, e grande ânimo. São pouco maiores, que os maiores perus. É pássaro tão majestoso, que mete medo, e infunde respeito a qualquer homem: é cinzento, ou branco escuro; e também se metem no escuro dos matos, onde ordinariamente vivem. As pernas, e pesunhos são mais grossas, que o pêlo de qualquer rapaz, armadas com ũas tão grandes unhas, como dedos de homem, e em terem tão grande unha se aparentam muito com os ladrões, e como eles são *assueti vivere rapto***, para isso as ajuda muito o seu bico, porque são pássaros de bico revolto, em que tem tanta força, que podem segurar o mais bravo cão de fila. O seu comer é mui substancial, como são reaes tem régias iguarias; porque sempre andam à caça, que também lhe serve de divertimento, e recreio, e matam veados, pacas, cotias, javalis, macacos, garibas, cães, e outra muita caça: e também matariam a qualquer homem, se avançassem a ele. Também se domesticam, em ũa fazenda estava um ainda pequeno, e querendo o fazendeiro matar algum cão, ou gato, não fazia mais que botar-lho, e logo o gavião muito alegre com a oferta, lhe dava um tal assalto, que em breve espaço com as garras o despedaçava, e concluía; e destas boas carnes comem todo o ano, porque, como os graves, não sabem, que cousa seja quaresma, ou jejum. E com serem tão graves, e valentes pássaros, tem muito fraca garganta; porque nunca usam do tom grave na sua solfa, mas só do agudo, ou tiple, por não fazerem mais, que

* Lat.: relativamente.

** Lat.: habituado a viver de rapina.

chiar. Há duas espécies desta águia: A primeira é, a de que propriamente temos falado de cor cinzenta, ou branco escuro, pouco maior que o maior peru, ainda que alguns a comparam na grandeza a um carneiro. A segunda espécie é algum tanto mais pequena, que a primeira e são de cor negra pelas costas, e branca pela barriga: também tem famosas unhas com que matam macacos, guaribas, e muitos outros animaes, de que vivem. A sua força admirou ũa vez certo caçador, que matando um à espingarda, e querendo cortar-lhe uma unha, por cuidar estava já morto, o gavião moribundo acometeo com a outra garra a ũa perna do caçador, e nela abriu quatro famosas sangrias. Ũa, e outra espécie tem na cabeça um penacho, que levantam, quando estão coléricos, e lhe serve de capacete, ou coroa. No peito também tem outros penachos, que estendem, quando querem, como aventaes, com que cobrem as pernas, servindo-lhe de enfeite, ou branca [galha]. Conta-se das águias, por cousa certa, que levam para os seus ninhos ũa pedra medicinal, chamada por esta causa pedra de águia, para facilitarem os seus partos, cujas vertudes exporemos em outra parte. Dizem também, que para provarem, se seus filhos são legítimos, ou adulterinos, os levam nas garras ao alto, onde os endireitam com os olhos para o sol. Se eles o vem com bons olhos, e sem pastanejarem fixam bem a vista nos seus raios, que é a prova da sua nobreza, são reconhecidos por legítimos, e verdadeiros filhos, de que os pais lhes lavram alvará, e dão jus de successão ao morgado das suas rapinas. Porém se não saem bem do seu exame, por não poderem fitar os olhos no sol sem pastenejarem, lhes dão ũa reprova redonda, julgando-os indignos da sua filiação, e como a taes os largam das unhas, e os matam com a queda.

Falta aqui a águia de duas cabeças, que há na América, e de que trata Feijó no tomo 6, *Disc*. 5, folha 195, cujo cadáver se remeteo a Europa no ano de 1723 e se conserva para memória no Concelho do Escorial; achava-se com outros três na província de Guaxaca, dos quaes dous eram maiores que pareciam ser os pais, e dous menores, que denotavam ser os filhos, dos quaes mataram um, fogindo os outros.*

Além destas duas espécies, que se julga serem as verdadeiras águias, há várias espécies de outros gaviões mais pequenos, como são, os que chamam tosto, inage, caracaraí, e outros. Porém entre todos estes se faz merecedor de particular menção o chamado caburé, não pela grandeza, mas pela notável valentia, animosidade, e destreza. É pouco maior, que ũa andorinha, de cor negra pelas costas, e branca pela barriga, e peito; e com serem tão pequenos, acometem a os patos, e envestem com os maiores mutuns, e matam, e comem uns, e outros. Também caçam grandes morcegos, que ali são muito maiores, que na Europa, e os apanham no ar com tanta destreza, e graça, que por elas, assim como conciliam a atenção, e alegram a vista dos curiosos, também conseguem os vivas, e aplausos dos mesmos.

Porém o mais formidável gavião do Amazonas, é o chamado pelos naturaes acanguera. Quer dizer, que os não há em todas as partes, nem em tanta abundância como os ordinários, que a não serem tão raros, fariam inabitável aquele Estado. Habitam estes gaviões nas catadupas do Rio Xingu, e no Rio Jerauçu, e em poucas outras partes. Tem cabeça, e aparência de gente, como qualquer homem; mas muito disformes, e comem gente, o ponto é apanhá-la, do que se pode conjecturar a sua grandeza, e ferocidade. Ven-

* À margem, no manuscrito, o parágrafo.

do-se qualquer homem assaltado, e abarbado com este monstro, não tem mais remédio, que lançar-se na ágoa, se poder. Segundo, o que deles afirmam os índios, e muitos europeos, que os tem visto, são as verdadeiras harpias, de que fala, e que descreve Virgílio.

Depoes da águia é digno de ter o primeiro lugar na História o tijijiê, por ser pássaro, não só grande, mas também que disputa grandezas a sua rainha, na valentia, correndo com ela parelhas na dificuldade dos seus partos, e excedendo-a no avultado do seu corpo. É tão forte, que com o bico, (que tem mais de palmo) tirou um das mãos a espingarda, e um remo, com que um alentado cafuz, queria matar um, tendo-lhe quebrado ũa asa com ũa bala, e nunca o pôde matar, donde assentam homens, além de noticiosos, de bom entendimento, que o tijijiê é a garça, chamada no latim *herodius*. Afirmam homens verdadeiros, que os ditos para porem os seus ovos levam, e põe nos seus ninhos a pedra verde, de que usam muito os índios, que nós chamamos neufrítica. Os ninhos destas aves são de paos grossos, e os fazem por modo de jurao: São da grandeza de um grande carneiro; e de fato de longe muitos se enganam, cuidando vem lote de carneiros, quando são bandos de tijijiês. São de cor brancos escuros, e tem as pernas altas. Vivem do marisco, e peixe, que apanham; e por isso andam sempre por lugares úmidos, alagadiços, e praias: com serem tão grandes, e valentes, não fazem mal a ninguém; nem ainda aos bichos do mato. Contudo vendo-se acometidos dos caçadores, basta só endireitar-lhe o bico para lhe vazar os olhos, além de os obrigar a largar as armas, como acima relatamos, podendo com o bico fazer nelas presa. Já alguns curiosos tem querido domesticá-los, e na verdade é fácil, porém custam a sustentar tão grandes animaes; especialmente na bebida; porque, além de serem pássaros aquáticos, necessitam de ũa grande gamela, em que possam beber a vontade por não poderem de outra sorte beber, nem sustentar-se. Abaixo dos tijijiês são os jaburus, por semilhantes na grandeza, se é que estes não são um pouco maiores, e também nas cores tem pouca diferença, só em serem mais pardacentos, que os tijijiês, e de bico ainda mais comprido: são de pernas altas, e fracas unhas. Também vivem, e passeam pelas praias a pesca dos peixes, e às vezes os pescam tamanhos, que podem dar de cear a ũa pessoa. Não envestem, mas vendo-se assaltados, dão fataes lancetadas com o bico, por terem tanta força, que podem com ũa picada atravessar um homem.

O pássaro maguari também merece sua memória: é pássaro semilhante a outro, de quem disse um castelhano — *tanta parola, e tan poca carnola!* — porque faz um vulto, e figura de um peru, quando depoes de depenado é pouco maior, que ũa franga, ainda que mais comprido. É de cor cinzenta, com suas máculas de preto que lhe dão algũa galantaria. Também é aquático, anda, e vive pelas praias, e iguarapés ao marisco, e peixe que pescam com o seu bico, além de comprido, tão agudo, que dando uma picada, fazem logo arrebentar o sangue, como se fora lanceta. Anhuma, ou como o chamam os índios caintau, é um dos mais célebres pássaros do Amazonas, digno de andar nas Histórias, como anda pelas suas estimáveis propriedades, mais que pelo seu tamanho, ainda que também é dos maiores. É quase como peru na grandeza; tem por todo o corpo (não falo nas asas) uma pena branca, e duas pretas, variedade, que faz a sua vista galante. A sua carne é gostosa, e tenra. Mas no que mais se faz acredor da estimação dos homens é, em ter na testa uma ponta, como unicórnio, redonda, e do tamanho de pao de dentes, e dele se servem naquelas terras alguns, em lugar de palitos,

pelo préstimo de ser contraveneno. Também nos cotos, ou encontros das asas tem duas do mesmo feitio, e com a mesma vertude, e eficácia, que a ponta do unicórnio de ser contraveneno; e de facto certificam homens fidedignos, que as ditas aves antes de beber metem primeiro a tal ponta na ágoa. Bastava este préstimo, e estimável vertude, para se fazer muito apreço da nhuma, e se criar entre as mais aves domésticas. Amansa-se com tanta facilidade, que não só vem comer à mão, mas faz festa a seu dono revirando o pescoço, e cabeça, já sobre as costas, e já para os lados, cujos meneos, e trejeitos acompanha com sua tal qual solfa, que por ser grosso baixam, só tem a galantaria de ser signal de amizade. Sustenta-se do feno, e erva dos campos, posto que também gosta muito da ágoa, na qual se banha, e refresca.

Segue-se já o pássaro chamado urubu, do qual há três espécies, e os da inferior são sem conto, nem número; e na cor semilhantes aos corvos da Europa, cujos parentes são, senão é que uns, e outros são da mesma espécie. São da grandeza de um peru, ou pouco menores, e perus os chamam os novatos reinóes. Tem a cabeça cuberta de pele preta, sem pelo, nem pena té a grossura de dous, ou três dedos pelo pescoço: estes nem se sabe como produzem, nem nunca se lhes vio ninho, e muito menos os seus ovos; dizem em pequenos são brancos, e com o tempo se fazem pretos. É ave de rapina, mas útil ao público, especialmente daquele Estado; porque ordinariamente não fazem mal, senão provocados, e fazem muito bem comendo, e alimpando as carnes podres, e animaes mortos nos matos, e nas campinas, nas quaes algumas vezes é tanta a carniça, que a não a consumirem os urubus, dela se levantaria muitas vezes peste. Para cuja melhor inteligência se deve saber, que nas campinas do Amazonas pastam gados vaccum, e cavalar em muita quantidade, de que muito se rebela, e afasta totalmente dos curraes, por cuja razão costumam os donos fazer-lhe montaria, em que matam touros a milhares, só para aproveitarem os couros, que põe à sola por contracto, deixando as carnes nas campinas por conta dos urubus, que de graça as alimpam sem ser necessário, que os magistrados lhes paguem o trabalho, como aos alimpadores, e varredores das ruas. O mesmo benefício fazem nas povoações; e cidades, em que andam aos bandos, sustentando-se destas imundícies, com que se regalam, e passam uma vida alegre, embora que os chamem brejeiros, e aves de rapina, como bem indicam as suas grandes unhas, e bico revolto: quando os assanham, são muito bravos, e envestem com a gente. Estes são os verdadeiros abutres de que falam as Histórias, cujo olfato é tão grande, e vivo, que nele vencem ao homem. Voam muito alto, e contra o vento para melhor persentirem o cheiro da carne morta, e acudirem logo à presa para lhe darem honrada sepultura nos seus ventres. As suas penas são óptimas para escrever, mas as suas carnes tem o privilégio de se não comerem, nem ainda pelos índios. A segunda espécie de urubus não é tão negra, de cores, como a dos sobreditos; e em lugar da pele preta, na cabeça a tem vermelha: não se unem uns com os outros, nem nunca se vem, senão um a um.

A terceira espécie se chama urubu tinga, que vale o mesmo, que urubu branco. Destes há uns inteiramente brancos, outros tem o papo, e todo o baixo preto; e branco todo o mais corpo: os olhos com o sol reverberam com tanta graça, que parecem luar amarelo, que se move. Tem crista amarela, do feitio do peru, porém de penca. Tem-se observado, que a cabeça é própria de um frade, que usa de cercílio; e à proporção tem cara de frade, e cercílio como eles, o qual é de pêlo, e não de penas: em uma palavra, for-

ma-se na fantesia ũa cabeça de carmelitano, e mercenário com croa e cachaço rapado, e aí está um urubu tinga. Tem este o mesmo ofício de gastadores, que os urubus pretos; mas, como mais graves, tem eles a preferência de comer em primeiro lugar; porque não obstante a sofreguidão dos urubus pretos no comer, em chegando um urubu tinga, todos se afastam, e estão como creados, ou como vassalos a espera em roda do comer, sem o tocar, ainda que seja da grandeza de um boi, nem da parte extrema, enquanto o tinga farto até mais não querer, não se retire, e lhe dá lugar, para que cheguem, e aproveitem os seus sobejos, sendo cousa que abranja a todos. Bem mostram que são pássaros de distinção, e aparentados com os cavalheiros, e fidalgos, que estilham o mesmo nas suas mesas, e banquetes; e tem mais esta circunstância, que os pretos andam regularmente em bandos, e entre eles aparece um, ou dous brancos; e contudo observam à risca o seu ceremonial, cedendo a multidão aquele só, ainda que os haja de deixar em branco, por não ser esplêndida a mesa; no que bem indicam o respeito que lhe tem. É esta ave majestosa, e pela galantaria da sua cabeça muito estimada dos príncepes, que a buscam, e sustentam para seu divertimento, e ostentação. São maiores, que os da primeira espécie, e do que o mais grande peru: são tão ciosos do asseio próprio, que ainda os já domesticados não permitem, que alguém os toque, símbolo próprio das virgens, e pudicas donzelas, cujo recato deve ter por empresa a letra *noli me tangere*.* E se inesperadamente lhe tocaram em algũa pena, logo mostra o seu sentimento investindo com o bico contra quem o tocou, e na cólera, e ira, com que acomete indica o seu desagrado da recebida descomposição, da qual se lamenta como choroso, e com o bico torna logo a compor as penas tocadas, o que faz ũa, e muitas vezes. Tem vários préstimos as mesmas penas: queimadas, e feitas em pó são bons frebêfugos; e bebidas em chá, ou vinho são bom contraveneno. Parece ser este pássaro, o que as Histórias chamam pelicano, tão decantado, por sustentar com o sangue do seu peito, que fere com o bico, a seus filhos. A razão é, porque o urubu tinga tem o seu peito muito diverso dos mais pássaros, cuja diversidade consiste em ter o papo por fora do peito, em ũa muito tênue cute, em que quase se está vendo, o que tem dentro; e daqui talvez tomaram fundamento os poetas para dizerem que sustenta os filhos com o sangue do próprio peito. Mas sejam os urubus tingas, ou não, o tão celebrado pelicano, o certo é, que eles são mais raros, que os pretos; porque os melhores sempre foram raros em toda a parte. Nunca entram no povoado, como fazem os da primeira espécie, e só se vem alguns pelas campinas: voam tão altos, que se perdem de vista, e ordinariamente só descem à presa.

Apanham-se facilmente com destreza, quando se sabe, onde andam, e tem presa; o que fazem os caçadores deste modo. Põe-se a espera deles, e quando os vem acabar de comer, que só largam tão fartos, que não podem voar, de repente lhe saem os caçadores em bem expeditos e ligeiros cavalos, e os perseguem as carreiras, sem lhe dar lugar a tomarem vento, e voarem, de sorte, que pouco a pouco os vão cansando, até que eles, por já não poder mais, se deixam apanhar à mão; ainda que sempre se requer cautela; porque posto que cansados, ainda assim envestem com os caçadores, como tigres, e onde podem chegar, já com o bico, e já com as garras, que as tem famosas, fazem muito damno: especialmente é necessário resguardar o rosto, e olhos, que são o ordinário alvo dos seus tiros, e primeiro escopo das suas unhas,

---

* "Não me toques", expressão tirada do Evangelho de São João (XX, 17).

e bico. Outra mestria mais curiosa usam para colherem tanto os desta, como os da primeira espécie. Atam na ponta de um bom cordel ũa fatal isca de carne, e a põe junto da presa, e em algũa distância escondidos com a ponta da linha bem segura estão à mira, e acudindo os urubus, tanto que engolem a isca, sem mais demora puxam pela linha, e os urubus, como não lhe dão tempo, a que possam cortar a linha com o bico, ou vomitar o bocado, não tem mais remédio, que darem-se por presos, e apanhados.

Vamos agora a patinhar com os patos, e divertir-nos um pouco com a sua variedade, visto que não podemos gostá-los no prato. Há muita variedade, de patos no Amazonas. A primeira espécie são os patos ordinários todos de bom tamanho; de sorte, que cada um pode dar de comer bem a vontade a dous amigos. Não me detenho em os descrever, porque são bem conhecidos, e só diferem os mansos dos bravos na variedade das cores, por serem os do mato todos da mesma cor azul, só com a ponta das asas branca, e as suas penas óptimas para escrever, porque são mais duras, e fortes, que as usadas na Europa, de sorte que quase todos as escolhem, e preferem; e pela multidão dos patos são tantas, que podiam prover a toda a Europa, as que se desprezam, e perdem, nos que se matam. Andam pelos lagos, e praias sempre chapinhando na ágoa, e posto que tem muita comedia, pelos arrozaes de sua natureza, fructas bravas etc. parece, que o de que mais vivem é da area, e da ágoa; porque regularmente não se lhe vê no papo outra mistura, nem outro sustento. Dormem em bandos em árvores altas, e os caçadores, que lhe sabem o dormitório, não necessitam de mais açougue, porque de cada tiro mata aos pares. Outros caçadores usam de outras indústrias, ou já com a que acima dissemos, com pedaços de carne nas pontas das linhas, em paragens, que os patos costumam frequentar, e esperá-los que eles hão de cair, e deixar-se apanhar, antes que vomitar o bocado; porque são símbolo dos peccadores, que ainda que vejam que o diabo infalivelmente os puxa para o inferno, não se resolvem a largar, ou vomitar a isca do seu peccado: ou também costumam fazer-lhes negaça com alguma pata caseira nas mesmas paragens, a que logo acodem; e então com boa munição fazem um grande provimento. As suas criações são sempre, ou em ilhotas, ou sempre sobre os rios; e assim que os filhos saem da casca, logo principiam a patinhar tão espertos, que custa colhê-los à mão. A segunda espécie de patos chamam colhereiras, por terem o bico espalmado, e largo para a ponta do feitio de colheres. São do tamanho dos mais patos, mas tem as pernas mais altas, e vermelhas; a cor das suas penas, é como de uma rosa; e por isso as maiores óptimas para escrever, e as miúdas para ramilhetes. Também andam em bandos, mas separados dos outros, e também como eles muito amigos da ágoa, e tem os seus dormitórios, ou nas mesmas praias, ou sobre as árvores mais baixas, ao contrário dos da primeira espécie; e são de tão grandes espíritos, que ainda atravessados com boa munição vão voando, como se não tivessem cousa alguma. Os índios naturaes os caçam muito bem à frecha, como fazem a todo o gênero de caça.

A terceira espécie são a que chamam patos guananás, outros os chamam marrecões. São do mesmo tamanho, mas com pernas mais altas, e vermelhas; e mais lindos, e briosos, que os das duas primeiras espécies: na cor são parte brancos, e parte vermelhos, porém muito diversos das colhereiras, porque avultam mais as cores vermelhas. Caminham muito ao grave, isto é pausados, e com o pescoço levantado, e os olhos mui espertos para ũa e outra parte. Domesticam-se bem, e muitos moradores os trazem nos seus sítios

por divertimento, e alguns não só acompanham aos donos, como cachorrinhos, mas também lhe fazem festa com uma grossa, e alta cantilena, pouco agradável aos ouvidos. São como os de cima aquáticos, mas o seu principal comer é a erva do campo; dão suas envestidas a cães, e ainda a rapaziada, e agarrando com o bico, fustigam com as asas, mas com pouca, ou nenhuma moléstia; antes qualquer sua envestida serve de recreio. Amam muito a sociedade, e raras vezes se verá um só, posto que nunca se misturam com os de outras espécies. Tem os guananás outra espécie chamada guananaí, em tudo semilhantes aos primeiros, excepto no corpo, que é muito mais pequeno; mas por isso mais lindos, e mais estimados para regalo da vista. Marrecas. Há muitas espécies, porém eu só de três tenho notícia. A primeira chama-se mariana, porque no seu cantar atiram a mariana. Tem os pés, pernas, e bicos brancos; e nada tem nas penas de cor preta; são na grandeza abaixo dos guananás, e maiores, que os das outras espécies. A segunda espécie tem parte do bico preto, pernas quase negras, e parte das asas preta: estas todas se misturam, e andam em bandos. A terceira espécie são puriripabas, e são as mais pequenas, porém as mais saborosas, tem as pernas vermelhas; os machos tem também o bico vermelho, as fêmeas preto, com as asas azues, e algumas penas brancas; e sendo galantes para a vista, ainda são melhores para o gosto. Andam de 8, 10, e 12 por bando, sem mistura das outras, e ao pousar sempre se ajuntam o par macho, e fêmea.

Além das referidas espécies, há marrecas, em cuja espécie se incluem muitas outras, que só diferem na cor, posto que quase todas são azul escuro, com as pontas das asas brancas; e no mais, ou menos branco, e azul está ordinariamente a sua diversidade. São um pouco maiores, que as perdizes, e no gosto não só podem competir com as mais aves, mas ainda sobrepujam ao gosto das mesmas perdizes, ou sejam assadas, ou cozidas. O seu caldo, ou sopas, além do seu apetitoso sabor, é mais gordo, que o de uma gorda galinha. Faz pasmar a multidão de marrecas que se criam, e sustentam por todo o destricto do Amazonas! andam em bandos pelas praias, e lagos; posto que há paragens de maior multidão, quaes são as praias, e lagos, em que há arrozaes naturaes, que são o seu principal alimento; e nas campinas alagadiças, especialmente da Ilha Marajó, cujos moradores tem nelas um indefectível açougue com tanta facilidade, que basta chegar a qualquer lago, ou alagadiço (que são muitos na Ilha) para em breve espaço fazerem provimento a sua vontade. Com um só tiro de espingarda matam muitas vezes tantas, quantos são os grãos de munição, por serem tantas, que não poucas vezes occupam légoas, quanto abrange a vista, especialmente no inverno. E posto que no verão, em que desagoam as campinas, não sejam tantas, por buscarem então o arroz dos lagos amazônicos, cujo tempo sabem, e conhecem; contudo ainda ficam muitas; e quem tem providência em todo o ano as tem com fartura, apanhando-as vivas à mão, como muitos fazem. E para que os leitores, que não tem plena notícia daquele país, entendam, quão pouco custa aos habitadores da Ilha Marajó fazer estes viveiros de marrecas, hão de saber, que elas engordam tanto por aquelas campinas, e alagadiços do Marajó, que lhes caem as penas, e assim facilmente se apanham, e fazem viveiros, em que se sustentam; o ponto é haver cuidado em lhe ter sempre boas vasilhas de água, ou tanques, não tanto para beberem, como para se refrescarem; porque quase sempre andam na ágoa. Outros usam de diversas indústrias para as colherem vivas; e uma muito curiosa é estenderem uns cordéis na ágoa, seguros em estacas pelas pontas, cheios de laços, e logo esconder. Vindo um bando, que logo busca a ágoa

para nadar, vão metendo as patas pelos laços, e sendo estes muitos, muitas marrecas ficam seguras, as quaes se apanham à mão. O seu chiar é muito suave, especialmente de noute, quando vão voando sobre as povoações; porque a toda hora voam, ainda no mais cerrado escuro, e trevas, como se foram noutibós. Há uma espécie menos estimável, e suspeito ser, por darem uns como grasnidos, quando vem gente, que serve de aviso às mais para fogirem.

O pássaro motum é digno de especial nota, assim pela grandeza, como de peru, como também pela vista, e gosto. Tem pernas altas tanto, ou mais, que o galo. Há três espécies de motuns: à primeira chamam os naturaes motunguaçu, isto é motum grande. É todo preto, e tem na raiz do bico da parte de cima, ou testa, duas bolas vermelhas do tamanho de ũa pedra ágata: e debaixo do bico, e parte inferior outra maior, que as duas superiores, e todas lhe dão muita graça, não só pela cor vermelha bastantemente viva, que no preto das penas sae bem; mas também, porque lhe servem de natural enfeite à cabeça, e bico, o qual é do feitio do bico de galo, e também as pernas. Aos da segunda espécie chamam motuns de fava; porque tem ũa fava por crista, também vermelha. São no mais muito pretos, como os primeiros, e de cor tão viva, e fina como o veludo; e só se deferençam dos primeiros em terem fava, em lugar de glândulas. São do mesmo tamanho. A terceira espécie chamam motumpinima. É da mesma cor dos mais pela parte de cima, e tem ũa trunfa de penas mais altas na cabeça, as quaes só levanta, quando se espanta; mas no peito é branco com malhas pretas, como pintado, e delas lhe vem o nome pinima, que quer dizer malhado. São um pouco mais pequenos, que os das segundas primeiras espécies; todos porém galantes, e dignos de se criarem entre as aves domésticas, com que se dão bem. São todas as três espécies muito asseados, e briosos, como o galo. O seu papo tem vertude para desfazer a pedra da bexiga, e rins, nos que padecem as agudas dores deste mal; e não só a pedra, mas também para desfazerem qualquer metal, e o mesmo ferro, porque tem alguns curiosos observado nos motuns domésticos, que se acham algum dedal ou pregos, os engolem com tanta facilidade, como o milho; e tem tanta actividade o calor do seu papo, que os desfaz, e digere; *ac proinde** com maior facilidade desfará a pedra. Secam-se, e desfeitos em pó, se dão a beber aos achacados de pedra. Um religioso tinha uma eficaz receita para desfazer a dor de pedra, que nunca quis revelar, porque lha tinham comunicado debaixo de juramento, ou em segredo natural; mas por alguns indícios se presume, que um dos seus ingredientes, e talvez o principal, eram papos de motuns, patos, e emas.

O pássaro jacu é também especial do Amazonas: é da grandeza dos motuns, mas difere primeiro em ser menos preto, atira a pardacento. Segundo em ter na cabeça um penacho de plumagem tão fina, como veludo, e de cor tão preta, e lustrosa, como o mesmo veludo, que lhe dá notável galantaria: tem pernas altas, como galo, e da mesma forma pescoço levantado. O seu chiar ordinário é jacu, jacu, e daí tem o nome: também se amansa, e cria entre as aves domésticas. Segue-se o jacumim, do tamanho, ou pouco maior, e mais alto nas pernas, que a galinha: é muito preto, e azebichado; antes iguala na cor ao mais preto veludo, e ainda mais preta, e fina é ũa plumagem, que tem na cabeça por modo de penacho. Contudo não é dos mais

---

* Lat.: e por isso.

vistosos, pelo desfear *[roto o original]* de leque, ou cauda, que não tem, e é tanto desejada nos pássaros para o seu maior adorno, como vituperada nos homens, por ser sinal, de que tem atrasados: bem podia repartir com ele o pavão, e ainda ficariam ambos ornados. Também o desfeia ũa como giba, que tem nas costas, e o pescoço, além de muito fino, ordinariamente inclinado para baixo; porque não tem os brios do galo, jacu, motum, e outros. É contudo muito estimado o jacomim, assim pela fineza das suas plumas, como também por se domesticar melhor, que todas as mais aves. Acompanha a seu senhor, a quem faz muita festa, quando vem para casa, saindo-lhe ao encontro, e chegando ao pé dele se humilha mais, que um escravo, abatendo o pescoço, cabeça, e bico até o chão, e dando-lhe as boas vindas com a sua cantilena, e grasnido. O mesmo faz a qualquer outro hóspede conhecido, e acabada de fazer a sua zombaria, vai para dentro, como quem acompanha. A cangaitoriá é pássaro galante pela sua cabeça, e por ela o chamam os naturaes cabeça de gente; não porque imite as feições humanas, de que não tem semelhança alguma; mas pela ter muito enfeitada com diversas cores, semilhantes aos enfeites, que costumam os índios em algumas suas funções pôr nas cabeças, que adornam com grinaldas de penas das mais vivas, e raras cores: e isto, que os naturaes fazem por arte, tem esta ave por natureza; e por isso lhe vem bem ao nascer o nome de acanga aitoriá, que lhe puseram os naturaes, e quer dizer cabeça de gente. A mais cor é pardacenta; será da grandeza de ũa franga, e ordinariamente anda em árvores a borda dos rios.

CAPÍTULO 18º

PROSEGUE A MESMA MATÉRIA.

Faltam-nos ainda os mais divertidos pássaros do Rio Amazonas, e parece merecer o primeiro lugar o pássaro acauã, cujo ânimo desmente, e desempenha o pigmeo do seu corpo, e cujos espíritos equivalem aos brios das mesmas águias. Pois com ser só do tamanho, ou pouco maior, que ũa galinha, sae a campo a pelejar com as cobras, e dragões, e não só as faz comer terra; mas também as mata, e faz em pedaços com maior valentia, e mais bravos brios, que as conhecidas cegonhas da Europa. Tem cor cinzenta, e na barriga tem uma felpa, mais comprida, que nas costas, e quando se encoleriza a enriça, como também a penugem do pescoço, e cabeça. O bico, pernas, e unhas são de gavião. É notável o ódio, e antipatia, que tem com as cobras, e não pouco recreativa a sua batalha com elas. Não o atemorizam por mais feas, grandes, e monstruosas, que sejam; o mesmo é avistá-la, que vestir-se de brios, revestir-se de coragem, cobrar cólera, encrespar as plumas, e investi-la

com tanto ânimo, e ousado desafogo, que a serpente, ou já por presentir tanta vertude antipática, ou por prever o infeliz êxito do combate, ou por se aterrar vendo tanto ânimo no seu contrário, desfalece, desanima-se, e desmaia. Assalta-lhe a cabeça, fura-lhe com as unhas os olhos, e ouvidos, acode a cobra a defender-se, já com a boca para o tragar, e já com a cauda, e voltas para o açoutar; a ligeireza porém do acauã, não só declina os golpes, mas igualmente lhe não dá lugar a usar das suas armas, nem tempo para defender-se, lhe corta os passos para a retirada, e fuga. E para isso agora a enveste pela frente, e logo se retira para os lados; agora dá um vôo ao alto, para com mais furor descair sobre ela; já a assalta pelos lados, já a pica por retaguarda, já nesta, e naqueles abre brecha com a troquês do seu bico, logo lhe encrava as unhas no cachaço, e abrindo sem demora as asas, ao mesmo tempo, que se enfurece, encrespa as plumas, e ao mesmo passo, que com estas explica o seu bravo ânimo, com aquelas ostenta a sua destreza, e forças, assim em aparar nelas, como em escudo, os golpes do seu inimigo, como também em o fustigar com as mesmas, enquanto unhas, e botição vão abrindo, rajetando,* despedaçando, e desangrando a cobra de sorte, que ela totalmente se dá por vencida, e morta. Acabada a peleja, e declarada a vitória, a canta o acauã, e como dando-se os parabéns do triunfo, desabafa em ũa grande cantilena, que juntamente serve de aplauso ao seu valor, e de desafogo à sua fúria. Depoes, se a cobra é pequena a carrega com o bico; e se é grande com bico, e garras a fazem postas, que leva para o ninho, por ser o seu sustento, e de seus filhos. Fazem os seus ninhos em altas árvores, e são conhecidos; porque ordinariamente estão rodeados de cobras mortas dependuradas nos ramos, como troféos das suas victórias. E é tal o medo das cobras, e antiatia, que tem entre si, que basta ouvirem cantar o aca[u]ã, para já se esconderem, ou fogirem; e dizem os índios, que regularmente não há cobras onde anda, e canta o acuã.

Um religioso tinha um destes pássaros já doméstico, e quando se queria divertir, mandava buscar alguma cobra viva, ou morta, e a mostrava o acauã, que logo a envestia. E posto que quando já vinha morta, era mais breve o espectáculo, contudo sempre a ave se armava, e fazia as mesmas exibições com bom divertimento dos circunstantes; semilhante ao combate dos galos ingleses, e dos dos chinas, que além dos combates dos galos, estilam muito o das codurnizes com a circunstância, que neles param milhares, e milhares de cruzados, que ganha o dono da codurniz, que banha a victória, ou fica senhora do campo, que a mais fraca, ou menos destra, *[ilegível]* larga viva, ou morta. Porém isto não obstante bem se pode duvidar; quaes sejam mais divertidos, se os galos, e codurnizes investindo-se até morrer algum deles; se o acauã assaltando dragões, e envestindo cobras, não só até as fazer acuar, e recuar, mas até de todo as matar? O seu cantar tem também sua galantaria; porque principiam pouco, a pouco a gritar, e exclamar, indo ao mesmo compasso da sua solfa increspando-se, e enfurecendo-se. E quando já estão bem animados, ou coléricos cantam também com mais força, e na sua cantilena dizem tão distincta, e claramente o seu nome acauã, como o pode exprimir qualquer pessoa; e daí lhe vem o nome, que ele a si mesmo se põe. É muito notável o agouro, que os índios tem com o acauã persuadindo-se ser profeta, e ad[i]vinhador; pois afirmam, que sempre que canta em casa, ou ao pé dela, há sempre alguma novidade; e os mesmos europeos que os criavam domés-

---

* *rajetanto*, no ms.

ticos, ou tinham alguns destes pássaros vizinhos de suas casas, sentem o mesmo. Bem lhe sabia da sua habilidade um morador antigo daquele Estado, o qual em o ouvindo cantar, advertia a uns religiosos, que em ũa residência muitos dias longe de povoados *[ilegível]*cavam seus vezinhos, que preparassem o jantar, ou cea; porque brevemente teriam hóspedes; e pela experiência também já sabia, em que hora chegaria o hóspede, segundo a hora do canto do acauã. E ainda que os religiosos ao princípio não acreditavam, o tempo os foi desenganando, com repetidas experiências; porque regularmente tinham, ou algum hóspede, ou correio, ou novidade. E dizem os mesmos práticos do País, que o tal nome acauã, quer dizer adivinhador. Se é, ou não possível esta propriedade no acauã? o deixo a disputa dos leitores. Eu bem sei, que de outras aves se contam semilhantes habilidades; e que na Índia, dizem os práticos, há um pássaro preto, o qual por vezes se tem visto seguir algumas pessoas, anúncio infalível de haverem de morrer brevemente; do que é irrefragável argumento a experiência. Mas sempre advirto, que não sejam fáceis os leitores em acreditar taes cantos, por ser certo que o diabo engana a muitos com semilhantes cantos de aves, permitindo Deus, que algũas vezes saiam certos os agouros em pena de os acreditar. Tem outro grande préstimo o acauã, e é que as suas penas, e ossos são óptimo contraveneno das cobras: não só vivo, mas também morto, é seu inimigo. Secos os seus ossos, e penas, e feitas em pó, dando-se a beber aos mordidos das cobras, desfeitas em vinho, chá, ou outro licor, desfazem o veneno. Há outro pássaro no Amazonas muito parecido ao acauã na cor, grandeza, e canto tão semilhante que parece o mesmo; mas distingue-se, em que a sua cantilena, nunca passa de grasnar, e nunca chega a pronunciar o nome acauã. Além de não se saber dele, que tenha habilidade mais, do que para comer; anda sempre pelas árvores sobranceiras aos rios, e pelas praias. Também é espécie de gavião, como o acauã, e talvez será a sua fêmea, visto terem tanta semilhança.

Não são menos estimados os pássaros guarases pela sua bela, e vermelha cor, do que o acauã pela sua habilidade; e na verdade, são dos mais vistosos, e dos mais bem vistos pássaros do Amazonas. Há duas espécies de guará: a primeira é quase do tamanho de perus, andam pelas praias, e baías, e rara vez entram nos igarapés, e rios mais pequenos. Os da segunda espécie são menores, e rara vez sobe algum pelo Amazonas acima; mas vivem, e passeiam pelas praias, e barra do Amazonas, onde já chega algũa ágoa salobra; e na grande Ilha do Marajó são inumeráveis. Serão do tamanho de ũa boa franga, e quase como ũa galinha. É notável a natureza destes pássaros, porque nascem brancos, depoes se vestem de preto, e em chegando a sua consistência fazem-se vermelhos, e ficam como escarlate penas, pernas, e bico, cuja variedade de mudanças não será fácil achar semelhança em algum outro pássaro, e com a circunstância, que todas as três cores, que varia são muito vivas, especialmente a vermelha, em ũa, e outra espécie; e por esta causa são (são) muito apetecidas, e buscadas as suas penas para curiosidades, e ramilhetes, que delas se fazem óptimos. E há curiosos, que fazem grande quantidade destas mesmas penas, que mandam nas (su) suas mesmas peles para Europa, onde são estimadas para o mesmo efeito de ramilhetes, e vários outros adornos, que para sobressaírem melhor, esmaltam com outras cores. E com serem tantos os coriosos, que os matam a milhares, ainda são tantos, que cobrem inteiras praias, por onde ordinariamente andam em bandos buscando o seu sustento no marisco, de que vivem. Tem o bico alguma cousa comprido, as pernas mais altas, que as galinhas; e as suas carnes são de bom gosto. Domesticam-se, porém os que se

apanham para esse efeito, vão pouco a pouco perdendo a cor até chegar a desmaiar; e nem bem são vermelhos nem bem brancos.

Não é menos notável o pássaro tocano, chamado assim pelos naturaes por ter bom peito, e voz alta; e dele puseram o nome às suas caixas de guerra a que também chamam tocano. Os castelhanos o chamam *el páxaro predicador*, por ser o seu canto semilhante aos brados dos pregadores nos sermões da Paixão. Será do tamanho, ou pouco maior, que ũa perdiz; mas a sua maior galantaria está nas suas penas, e bico. As penas do seu papo, pescoço, e cabeça levam vantagem às lindas cores das mais ricas galas; porque são um amarelo salpicado de vermelho tão vivo, que não há jalde, nem vermelhão, que lhe chegue: e a mais própria semilhança para o explicar é a cor do ouro esmaltado. Por isso são muito buscados os seus papos pelos mercadores, que com eles ornam os seus coletes, e peitilhos mais, que com preciosas gemas, e diamantes. E tem a circunstância de terem o papo largo, que dá ũa boa película: também alguns fazem remessa destas peles para Europa, onde as estimam tanto, ou mais, que as do guarases, como também a pele do pescoço, e cabeça. Não é menos admirável o seu bico, que é do tamanho do mesmo pássaro. Tem um palmo de comprido, e com grossura proporcionada, que para isso tem a cabeça grande, e se não tem guizo, ao menos não se pode negar, que é pássaro de grande cabeça. Todo o bico é amarelo avermelhado, e com ser duro, é quase transparente, e tão poroso, que por ele toma a respiração o tocano, nem tem signal algum de ventas. É estimado por cousa rara na sua grandeza, e cores. Tem o desar de não ter cauda; ou porque lhe caem as penas, ou porque são tão pequenas, que não excedem as das costas, cujo desar, e senão o afeia, e deslustra muito, que atela à proporção do seu corpo, e com a galantaria do seu peito, podia litigar com o pavão pontos de bizarria; mas se este o vence na fermosura da sua estrelada cauda, o tocano se pode jactar de lhe levar as primazias nos esmaltes do seu peito, em cuja fineza também desbanca o veludo.

Segue-se já a arara também de muita estimação pelas suas cores, pela sua majestosa vista, e pela sua lingoagem; digna na verdade de ser admitida nos jardins dos príncepes, e nas varandas, salas, e janelas dos palácios, onde tem já muita (entrada) para galantaria, e recreo. Há muitas espécies desta ave: cinco são as principaes. A primeira chamam os naturaes araruna, é a maior de todas, maior que ũa galinha grande na grandeza do corpo; e no comprimento desde o bico até a ponta da cauda terá por três galinhas; porque tem ũa cauda comprida. É de cor toda azul, mas um azul muito vivo, muito claro, e lindo, especialmente quando nova, ou enquanto não lhe caem as penas. Enquanto novas, ou não muito velhas, são mais gostosas, que as galinhas; depois de velhas, tem a carne mais dura. Tem o bico revolto, e nele tanta força, que onde agarram é o mesmo, que se pegasse ũa troquês; com ele partem caroços tão duros que só um martelo amolgaria, ou quebraria[.] E quando os caroços são redondos, e pequenos, que não fazem bom jeito para lhe pegarem, o unem a uma palhinha, e junto com ela logo o quebram; não sei, se por vertude da palha, se por lhe ficar com ele mais ajeitado, mas a verdade é, que sempre há mistério na indústria. Tem na testa, e a roda do bico uma película parecida ao veo das viúvas: às vezes grasnam, e gritam tão alto, que se fazem menos estimáveis por enfadonhas, mas aprendem bem a falar enquanto pequenas, como as das mais espécies. A segunda espécie chamam arara canindé, é um pouco mais pequena, mas ainda como a mais famosa galinha; tem também na cabeça o seu veo de viúva, e muito

semilhante a primeira espécie, menos em ter o peito amarelo, que lhe dá mais galantaria. Destas duas espécies há tanta abundância em alguns rios, que cobrem o sol, especialmente no tempo do açaí, fruto de uma palmeira, que é o seu maior regalo; e se algum viajante ferio, ou deitou abaixo alguma, ainda viva de sorte, que vá ainda na embarcação grasnando todas as mais, que a ouvem, se ajuntam em grandes bandos, e vão também gritando em giro sobre a mesma embarcação, como dando os pêsames, ou desejando acodir-lhe, e livrá-la das mãos do caçador, o qual ao mesmo tempo lhe vai dando fumaça, como também os remeiros com as frechas.

A terceira espécie chamam arari, mais galante, que as duas primeiras. São pouco menos, que as duas superiores no tamanho; mas totalmente diversas na cor, e fermosura, por serem vermelhas com um vermelhão muito vivo, claro, e fino, matizadas com algũas malhas verdes, e amarelas, umas, e outras igualmente vivas, e claras. Não tem como as primeiras os feios veos de viúvas, ou freiras; nem também enfastiam com algum grasnar; mas em tudo são mais nobres, mais lindas, e majestosas; passeiam com muita gravidade, e conservam sempre o mesmo lustre das suas penas, e por todas estas suas boas partes é a mais estimada de todas as espécies, e a mais digna de estar nas janelas, e galarias dos palácios. Tem esta terceira outras espécies ínfimas, e talvez que alguma ainda mais engraçada, que esta; porém com pouca mais diferença nas cores, entre elas é mui galante a toda vermelha, e digna de constituir a quarta espécie na república das araras. As plumas de todas são estimadas para ramilhetes, adornos, e enfeites, a carne deliciosa; e a habilidade para falarem tudo, o que lhe ensinam em pequenas, também a mesma. Alguns curiosos também as ensinam solfa, tendo-as em salas, aonde com o uso de a ouvirem cantar aos meninos, a aprendem. Todas se sustentam de fructas do mato, mas domesticadas, comem de tudo, e com especialidade arroz cozido, milho, e fructas. A quinta espécie também na galantaria compete com as mais lindas das outras espécies. Chamam-na guirajuba, que quer dizer pássaro amarelo, e convém-lhe bem o nome: porque é todo, e totalmente amarelo e amarelo tão vivo, quão vivo é o azul das da primeira espécie, e o vermelho das outras. Este pássaro teria muita aceitação na China, e os primeiros valimentos se para lá o levaram, por ser a cor amarela a mais estimada naquele Império, e estar destinada para o uso só da Casa Real, cujos trajes, adornos, e galas sempre são de amarelo com um dragão de cinco unhas lavrado, ou bordado nos vestidos. É a mais pequena de todas as espécies a arara guirajuba, a figura também é a mesma e só não tem tão comprida cauda como as outras; domestica-se, e amansa-se tanto, que parece não sabe morder. Costumam as mulheres conservá-las nas suas salas por adorno, trazê-las no ombro por bizarria, e no seio por afecto.

Abaixo das araras, só os papagaios merecem a primazia do lugar, visto que depoes delas tem a primeira estimação, pela sua gravidade, pela sua loquela, mansidão, e lindas cores. São os papagaios do tamanho de perdizes, posto que há maiores, e também menores, conforme as suas espécies, das quaes conheço seis. A primeira que em tudo leva as primas aos das outras espécies, é o papagaio real. Na cor são verdes claros com ũa, como coroa, na cabeça amarela, também muito viva, que no verde das mais penas sae bizarramente; e tem as pontas, e cotos das asas também vermelhos, e muito vivos. A cauda também tem as penas amarelas na extremidade e a sua cor verde esmaltada com estas máculas amarelas, e também vermelhas, o fazem tão galante, e majestoso, que por isso já tem o grande título de real, como

distinctivo entre as mais espécies. Nesta mesma primeira espécie de papagaios reaes há outras espécies, que se distinguem, por terem mais, ou menos amarelo, e vermelho; e por serem maiores, ou menores as suas máculas, que os fazem mais, ou menos preciosos, e por isso mais, ou menos dignos da estimação dos homens. Aos da segunda espécie chamam moleiros, e também tem algumas espécies subalternas. Algumas destas espécies são maiores, que os reaes, e tem o bico tão grande, e revolto, que não podem inclinar para baixo a cabeça sem perigo de se picarem no papo, de sorte, que ainda com ela levantada com a gravidade própria dos papagaios, fica a ponta do bico unida à moela, e pescoço: por isso não pode comer direito, como os outros, mas come pelas bandas. O seu principal distinctivo é o serem todos verdes claros, sem mistura de outras cores, ou máculas; e por isso são os menos estimados: porque as máculas, que nos homens são descrédito, e denotam vileza, nos pássaros, e mais animaes são bizarria, que os faz acredores de muita estimação. Os da terceira espécie se chamam sertanejos, porque há mais abundância deles pelo sertão acima do Rio Amazonas: diferençam-se dos da segunda espécie em terem na testa em roda do bico um como friso, ou cordão vermelho em uns, e já roxo em outros, conforme as suas diversas castas, porque também tem outras espécies subalternas, e ũa pequena malha vermelha nas costas que só aparece, e se vê bem, quando voam. São menores, que os da primeira, e segunda espécie; e também não são dos mais estimados, com serem dos que melhor aprendem a falar, e dos que mais facilmente se domesticam. Constituem a quarta espécie os chamados coricas, que posto que sejam os mais pequenos de todas as três espécies superiores, abaixo dos reaes, merecem o primeiro lugar; não só por terem diversidade de cores, mas também por serem, os que de toda a república dos papagaios aprendem melhor, mais expedita, e facilmente a falar. Também tem diversidade de outras espécies, mas as cores ordinárias são o verde claro, e o amarelo na cabeça, e cauda, além de uma malha vermelha nas costas, em lugar dos encontros, e pontas das asas, que tem os reaes. Uma só cousa os faz menos estimáveis, que os reaes, e vem a ser uns cacarijares, que as vezes fazem, especialmente com quem não estão acostumados; no mais em tudo são excelentes.

Estas quatro espécies aprendem bem a falar, como já disse, ainda que ũas com maior facilidade, que outras: tem a língua bem expedita, e enquanto são pequenos aprendem quanto ouvem, e por isso costumam tirá-los do ninho, e criá-los em casa para os ensinar na menor idade; porque papagaio velho já não toma língoa, digo aprende língoa. Pelo que com muita propriedade são reputados por símbolo dos peccadores, que vivendo sempre nos seus vícios, guardam para a velhice as lições de bom católico, e os bons preparos para a morte, sem temerem lhe succeda o mesmo, que aos papagaios velhos, que só são bons para o espeto, e é bem gostosa a sua carne. Porém enquanto pequenos, não só aprendem bem a falar, e cantar, mas também a rir, e chorar; e a arremedar aos animaes, e tanto as vezes falam, que se fazem suspeitos, de que neles fala o diabo; porque são tão aporité ou a ponto, e congruentes as suas repostas, que parecem exceder o seu instinto, por mais que alguns queiram meter nos cascos dos outros, que eles, e outros animaes tem juízo, e verdadeiro discurso mais, ou menos expedito. Em uma missão se criou, e estava um, que respondia *ad rem** em tudo, o que se lhe perguntava, como se tivesse juízo. Vinha algum hóspede a casa, respondia o

* Lat.: conforme a coisa.

papagaio, o dono está ocupado, ou, não está em casa, ou, está dormindo etc. Ausentava-se algũas vezes de casa, e depoes de alguns dias tornava acompanhado de outros bravos, e perguntando-lhe, aonde fostes papagaio? fui buscar a estes meus parentes, repunha. Além desta, dava outras repostas tão galantes, e a propósito, que o mesmo dono desconfiava dele, e o queria matar; mas o bom do papagaio, como se advertisse, se retirava, e andava tão precatado, que já não queria vir à mão, nem dar o pé, como costumam. Não se ausentava totalmente de casa, mas só punha-se de largo, como pelas varandas, pelas janelas, telhado, e cumieira da casa; porque não costumam no Estado do Amazonas os donos terem presos estes pássaros, e assim correm todas as casas, páteos, e por onde querem. Em outra Missão havia outro, que também ad[i]vinhava e predisse algumas cousas bem contingentes, como vendo vir algum em alguma embarcação, dizia da cumieira o papagaio — Lá vem um branco — outras vezes dizia — traz papel —, isto é carta da cidade, e cousas semelhantes. Verdade seja, que este segundo podia dizer isto materialmente, *maxime** por ouvir aos rapazes, e índios, que assim costumam falar, quando chega, ou vem vir algũa canoa, ou branco; mas o primeiro e outros semilhantes dão grande suspeita, de que não falam eles sós.

A quinta espécie, de que não me lembra o nome, são uns papagaios roxos, e bem roxos, sem mistura de alguma outra cor; mas muito galantes, e divertidos. São um pouco mais pequenos, que todos os das quatro espécies supra; e são mais raros, e pela raridade talvez sejam dos mais estimados. São papagaios do sertão do Amazonas, donde os sertanejos trazem alguns, quando navegam rio abaixo, que nas vizinhanças do Pará não costumam andar. A sexta espécie, que quase merecia ter um dos primeiros lugares na república das aves, e a primeira estimação entre todas as espécies de papagaios, é o anacã, porque na verdade é o mais devertido pássaro de quantos tratam as Histórias, não tanto pela gravidade dos reaes, nem pela variedade das cores, e menos pelo papear, porque nestas habilidades outros o desbancam; mas pelas macaquices, trejeitos, e meneos, em que dá sota, e ás aos das outras espécies, e com que alegra a todos, e principalmente a seus donos, e aos que tem com ele confiança. É do tamanho dos da quinta espécie, mas distingue-se deles, e de todos os mais em ser verde claro, quase em tudo, sem mistura de outras cores, ou máculas; excepto na cabeça, e pescoço, que são tão salpicados de cores diversas, como são os cravos chamados [*em branco no manuscrito*] porque naquele pequeno campo se admiram o vermelho, o amarelo, o roxo, e outras cores de modo, que só na cabeça, e pescoço tem unidas toda a variedade de cores, que nas suas penas tem desunidas as outras espécies todas; mas a que mais avulta é a roxa: e estas penas, que em tudo são finas, e as quaes podemos chamar trunfa, encrespa, enriça, e levanta quando quer. Porém a sua maior galantaria está nas suas macaquices, e inocentes brincos; porque brinca com o dono já deitando-se de costa, já saltando-lhe para os ombros, já fazendo-lhe cócegas, e outras bugiarias engraçadas. Mas a principal é, quando se encrespa; porque então abre as asas, levanta o penacho, ou trunfa da cabeça, e pescoço, e qual cão de fila, bufando colérico, assim bufa fazendo seus arremessos, e arremedos de investidas com mais pilhéria, do que tem as investidas dos estudantes de Coimbra, que ordinariamente fazem chorar, e as do anacã a todos os circunstantes fazem rir. Algũas vezes faz estas habilidades avançando ao dono, e subindo pelo vestido, se agarra nele

---

* Lat.: principalmente.

com as unhas, e deixando-se cair para trás, nesta postura virado para o dono exibe com valentia todas as suas habilidades; depoes indireitando-se, sobe mais para cima, e deixando-se cair repete as mesmas exibições, ũa, e muitas vezes sempre com graça. O mesmo faz passeando pela maquira, que são as camas, e estimados leitos, daquele país: o mesmo também passeando por algum pao levantado, ou corda estendida, na qual também faz as mesmas politrias dependurado pelos pés, qual bolantim passeando, dançando, e pendurando-se em cordas, cujos meneos faz ao compasso da sua voz, com taes requebros, que parece está rindo, falando, e aplaudindo; e tudo tão bem, e com tanta pilhéria, que tem havido moradores, e circunstantes, que não podendo já com tanta galhofa, se vem obrigados a apertar as ilhargas, que por muito rir, chegam a doer, e nisto passam, e gastam dias inteiros.

Não tem menos graça, quando investindo a outras aves galinhas, patos, peruns, e ainda a cães não só se increspam, mas como animando-se a si mesmos, viram, e reviram os olhos para ũa, e outra parte, fingindo ímpetos de saltos, e assaltos: e como quem já despreza o inimigo, se vira para trás, e dá alguns passos com muita pausa, e gravidade; e com a mesma torna a avirar-se para ele, fazendo-se igualmente temido, e respeitado. Não aprende também a falar como os mais papagaios, mas com a sua voz, e requebros parece que fala, e responde; e aprendem seus saltos, e brincos. Arremedam a outros animaes especialmente galinhas, e criam tanto amor a seus donos, que não só passeam com eles, mas quando se apartam os acompanham com a vista, e dão seus gritos a modo, que choram; e quando voltam, se alegram muito. Dão seus assobios agradáveis; mas tem de quando em quando suas tristezas, e melancolias, que logo dão a conhecer, assim no chiar, como no dar com as asas. Porém passa-lhe em breves minutos, especialmente se então os animam, fazem festa, e lhe dão de comer. Não devem estar presos, mas é necessário esconder-lhe contas, e outras cousas ainda os mesmos vestidos, porque nunca estão quietos com o bico. Para *[ilegível]* os taes inconvenientes, quem quer ter semilhantes aves de regalo, além do sustento, que são frutas, milho grosso, e principalmente arroz cozido, e temperado, deve dar-lhe sempre alguma cousa, com que ele se divirta, ainda que sejam pedaços de pao, cana etc.: o mesmo deve praticar com os papagaios das outras espécies, e araras, quem os tiver para o próprio divertimento. Há ainda outra espécie de papagaios artificial, e posto que sejam poucos, são abaixo do anacã os mais estimados. Costumam os índios, e índias dar cores aos seus papagaios, enfeitando-os como querem: porque depenando-os nas partes, que querem pintar, sabem a mestria de introduzir-lhe as tintas tanto a o pintar, que, saindo aqui ũa malha amarela, ali ũa vermelha, e em diversas partes, quantas diferentes cores lhe querem dar, não só saem as penas daquela cor, mas ficam com as taes cores tão fixas, e permanentes, como se fossem naturaes, e não artificiaes, podendo bem dizer-se deles — é pintar, como querer — mas como são artificiaes são poucos. Costumam os papagaios andar em bandos respectivos às suas espécies, e nestes bandos sempre emparelhados o par *masculus, et femina**. O seu sustento são frutas do mato, e não desgostam do milho grosso, quando o apanham; e por isso dão algumas vezes nos milhos das roças, e fazem grandes avarias. Faz admirar o instincto destes pássaros, e as cautelas, que tem em dar estes assaltos nos milhos! pois nunca os dão, sem porem sentinelas à lerta, e à vista; e toda a vez, que as atalaias dão aviso com gritos, de que há inimigo, isto é que vem gente, todos de

* Lat.: macho e fêmea.

repente respondem, e ao mesmo tempo levantam de vôo, e vão voando para onde as suas sentinelas os guiam voando, que sempre é para a parte contrária, donde vem gente. A mesma economia tem sempre nos seus dormitórios, que são sempre em altas árvores, e da mesma usam nas mais árvores, em que pousam. Porém não fogem logo, que vem gente, mas só se põem todos em tanto silêncio, que não se sentem, e nele perseveram até verem, que o inimigo vai chegando a lugar, de que eles possam ser presentidos; e então rompem os sentinelas o silêncio com um grito, a que todos *una voce** logo correspondem com outros, e ao mesmo tempo vão fogindo. Tem um voar mui sereno, e sempre voam a par dous, a dous, e tão serenos, e tanto a par, que quase vão tocando nas asas um do outro, sem um se adiantar, ou atrasar mais um só dedo. E se por algum incidente se apartaram, *v. g.* com alguma fumaça de espingarda, logo se tornam a reunir, e pôr-se na forma. Fazem os seus ninhos em buracos de árvores, e ribanceiras muito solitárias.

Restam ainda muitos outros pássaros, que também pertencem à república dos papagaios; e por isso muitos os descrevem como espécies subalternas na mesma transcendência dos papagaios: Outros porém querem, que sejam totalmente diversos, e que por si sós constituam nova república, como são os pássaros maracanases, e os periquitos. E na verdade eles só se diferençam na sua pequenhez, porque nas cores são o mesmo; porém, ou sejam da mesma, ou de diversa espécie, fazem-se acredores de algũa memória. São pois os maracanases como médios entre os papagaios já referidos, e os periquitos, do tamanho de um pequeno frango. O bico revolto, pés, cores, habilidades, e feitio tudo é de papagaio; e tem tanta variedade de castas, como os mesmos papagaios: porque há uns reaes com cabeça, e cauda amarelas, cotos, e pontas das asas vermelhas. Outros como os moleiros todos verdes claros; estes sertanejos, e aqueles com algũa cor roxa; e assim nas mais castas todas galantes, e com a mesma habilidade de falar, rir etc. e por isso também muito estimados. Os periquitos são os últimos por mais pequenos, e são como os esturninhos no corpo, posto que alguns tem a grandeza de melros. Tem tão bem entre si a mesma variedade de castas, que todos os das outras espécies, com o mesmo feitio, e cores: não tem porém tanta expedição na língua para aprenderem a falar, ainda que algũa cousa tomam, e aprendem, sendo que não necessitam de boa ponta de língoa para serem estimados, pois só com a sua piquenhez, belas cores, e vista granjeam tanto a estimação, e afecto das matronas, que os trazem já nas palmas, já no seio, já no ombro; e quando pouco nos estrados, e por todas as salas, com resguardo porém sempre por rezão dos cães, e gatos. Tanto os periquitos, como os maracanases fazem os seus ninhos em árvores, por modo de um grande cortiço, a roda do tronco da árvore com bastante grossura, e comprimento, conforme o bando maior, ou menor. Nestes cortiços tem em roda os seus buracos, e ninhos; e ordinariamente buscam alguma árvore seca, em que dormem, e também os vigiam sem o impedimento da rama; por isso com facilidade se tira muita abundância deles no tempo das crias.

Basta já de papagaios, e vamos a dar notícia de algũas das muchíssimas espécies de aves, que nos faltam por descrever, já que seria um nunca acabar, o querer descrever todas no breve da nossa história. Comecemos pois pelas galinhas do Amazonas, que bem merecem fazer seu papel na História, visto fazerem agradável figura no prato; mas advirto, que não falamos

---

* Lat.: a uma só voz.

aqui das caseiras, por ser já de todos bem conhecidas, e aprovadas, posto que não sejam provadas por todos, mas só das silvestres galinhas, e do mato, chamadas seracuras, que não são menos gostosas, que as domésticas. Há três espécies de seracuras: a primeira é do tamanho dos tijijiês, de que falamos supra, maiores que peruns; e por isso a chamam os naturaes seracura guaçu, isto é grande, em cuja comparação ficam sendo as caseiras medíocres pintos, ainda que sejam as afamadas de Angola por grandes. São desde o pescoço até o meio das costas brancas, e o mais de cor cinzenta, pastam nas campinas. A segunda espécie chamam os índios seracura caapora, que quer dizer do mato, por viverem pelos matos ao contrário das primeiras. São maiores, que as galinhas ordinárias. As da terceira espécie, que são mais ordinárias, chamam simplesmente seracuras; e são mais pequenas, que as caseiras. Vivem pelas margens, e bordas dos rios: cantam, e cacarejam como as mais domésticas, e tem sua roupa, ou cucruto na cabeça. Não é necessária muita diligência para as caçar, porque andam perto das povoações, e ainda das casas, principalmente para as partes do mar, nas quaes se ouvem ũas ou outras, seracuras, e galinhas dos quintaes. Posto que em tanta variedade de pássaros, como há no Amazonas; com tanta diversidade de cores, e multiplicidade de figuras, não se tenha visto o pavão, que na verdade leva a palma a todas as aves pela bizarria da sua majestosa, e versicolorada cauda; contudo há um, que ainda que de longe, tem seus arremedos, e dá seus ares de pavão. Chama-se jequeri, e tem o tamanho *par minus** de ũa perdiz. É todo salpicado de olhos em todas as suas penas e cauda, e não só na cauda, como o pavo. Além disto, tem ũa rara habilidade natural, de estar sempre como a dançar, virando-se para ũa, e outra parte só com o corpo, estando com os pés fixos, e firmes; excepto quando caminha, sendo que ainda vai fazendo as mesmas mudanças, porque caminha muito pausado, e acompanha as suas mudanças com o seu chiar. Domésticos tem, além da galantaria das penas, ũa boa conveniência, que é andarem sempre à caça das moscas, e mosquitos, as quaes apanham com destreza. Assim que vem a mosca se vão chegando para ela, e quando já estão a tira com muita pausa, e subtileza lhe vão chegando o bico, até que o volátil se levanta, e então o jequeri lhe embarga o vôo, abocando-o; e são tão destros caçadores, e insignes frecheiros desta caça, que rara é, a que lhe escapa. O imperador Domiciano, que se divertia em caçar, e frechar moscas, teria no pássaro jequeri um grande passatempo.

Segue-se já a perdiz do Amazonas, a quem os índios chamam inambu, e os europeos de bom gosto a comparam no gostoso à perdiz da Europa, que na variedade, multidão, e grandeza do corpo não tem comparação esta com algũas espécies do inambu amazônico. Oito são as espécies mais conhecidas desta ave. A primeira é inambu tona; a segunda chama-se inambuguaçu, a terceira inambu toro, a quarta inambu quia, a quinta inambu peba, a sexta inambu acumerina, a sétima, inambu uru e a oitava inambu pecuapé. É um bom escólio de excelentes inambus, ou perdizes óptimas. O inambu tona é o maior de todos, tem a grandeza de um peru; é famosa perdiz! Com ser tão grande, não cuidem os leitores, que será *rara avis in terris;*** pois há paragens, onde há muitas, como é o Rio Xingu. O inambu guaçu na grandeza é como um grande pato, mas de pernas mais altas; como tem melhor gosto, que o pato, justo é que calce mais alto, ou que seja *altioris cothurni.**** O

* Lat.: no mínimo.
** Lat.: ave rara na terra.
*** Lat.: de mais alto coturno.

inambu toro é como ũa boa galinha. O peba como ũa arrezoada franga. O quia é do mesmo tamanho, e só difere em ser mais alto, que o peba. O uru, a quem os brancos chamam corcovado, por ter no bico ũa corcova, é pouco maior, que uma perdiz. O pecuapé tem o feitio, e cor de perdiz, cujo bico também é vermelho, e só difere das de Portugal em ser algũa cousa maior. Os índios a chamam pecuapé, porque ordinariamente anda pelos caminhos. A cururina, que é a oitava e ínfima espécie é do tamanho das nossas perdizes, a proporção dela é o seu ovo, cuja casca por fora é da cor da tinta sinopla, que é roxo bem vivo, e as penas são cinzento escuras. Tem as cururinas ũa particular singularidade que no ponto indivisível das seis horas da tarde cantam, cousa de um quarto pouco mais, ou menos; pelas nove da noute o mesmo indispensavelmente, pela meia noute, o mesmo pelas três horas depoes da meia noute, e pelas seis da manhã. Nisto não há falência, os galos falham, as cururinas não. Também o jacami não falha ao indivizível ponto da meia noute, nem a motum aos primeiros crepúsculos da aurora: porém nenhum é relógio mais singular, certo, e fixo, que a cururina.

Todas estas diferentes espécies tem o excelente gosto das perdizes, ou sejam cozidas, ou assadas, ainda que são mais apetitosas com um molho de vilão. A cor não é tão vermelha, como a das perdizes, excepto a pecuapé: as outras são mais escuras, ou pardas: os ovos das da primeira espécie são totalmente esféricos, e do mesmo feitio são os das outras espécies, a cor é azul muito claro, e vivo, menos os da cururina, que são da cor da tinta sinopla, como acima dissemos. Os inambus da primeira espécie tem os ovos da grandeza, ou ainda maiores, que os de pata; e quase do mesmo tamanho são os da segunda, que são o inambu guaçu. Os da terceira toro tem a grandeza dos de pata, os das mais espécies, menos os das cururinas, são como os de galinha. Apanham-se vivos, ou com laços, que lhes armam, ou com ũa espécie de gaiolas feitas de canas, ou de paozinhos, a que os naturaes chamam guira puca, que lhe põe nos caminhos estreitos, e caem nelas com facilidade, quando querem atravessar para a outra parte do caminho, porque vivem ordinariamente debaixo das árvores. O pássaro araquã é de gosto singular, e talvez mui semilhante ao gosto das perdizes. Chama-se araquã, porque ele mesmo o exprime no seu canto, que é com tal talento, e tão alto, que pode fazer acordar aos dorminhocos, e desacordar aos acordados. É pouco menor, que uma galinha no seu corpo depenado, e algum tanto mais comprido, mas vestido da sua pena é mais galante, porque tem a cor com algũa parecença de perdiz, cor de tabaco castelhano. Tem cabeça pequena, ornada com sua mitra, ou penacho, cauda comprida, e é bem posto. Há também muita abundância desta ave, e vive quase caseira, porque nos subúrbios das povoações; e alguns a tem entre as mais aves domésticas com grande utilidade própria, e dos vezinhos; porque canta de madrugada, e serve de despertador, e de divertimento pelo dia.

Os pássaros chamados vulgarmente mergulhões tem ũa rara e grande habilidade, que é nadarem pelos rios, e mergulharem abaixo melhor, que (que) os mais destros algarvios; nem há nadador, ou marujo, que os iguale. Ora se vê aqui, ora ali, logo acolá, já em ũa, e já em outra parte: e quando o caçador em alguma ligeira embarcação cuida, que o tem pilhado, o pássaro valendo-se das suas habilidades, sem que lhe seja necessário bater as asas, a sobir ao alto, e voar fugindo, ou fogir voando, o ilude, e lhe escapa, metendo-se como peixe debaixo da ágoa, e surgindo depoes de largo espaço em mui longe distância. É pássaro preto do tamanho, ou maior, que galinha,

de pescoço algũa cousa comprido: andam em bandos, e dormem em árvores a borda dos rios; grunhem, como leitões, tão propriamente que os europeos se enganam com eles, quando de noute os ouvem nos dormitórios. Os pássaros atins, ou atiatis, como outros lhe chamam, andam também em bandos pelas dilatadas praias do Rio Amazonas. São azues escuros tirantes a preto, e alguns tem algũa mistura de branco nas pontas das asas; há diversas castas de atis, que se distinguem, já pelas misturas da cor branca, e já pelos bicos, que são chatos com algũa semilhança aos dos patos, mas com mediana proporção, e em algumas espécies tem estes bicos ũa serra pelos lados, ou dentes como de serra. Vivem do marisco, e peixinhos, que por isso andam sempre pelos areaes; o bico é também do comprimento do de pato, e o seu cantar são uns como assobios, não desagradáveis aos ouvidos. Também há muita variedade de maçaricos; e entre eles uma espécie, a que chamam maçaricos reaes, suponho, que o nome de reaes se deriva da sua grandeza, em que excedem aos das mais castas; são de cor cinzenta, ou parda. Vivem também do marisco, mas com a diversidade dos atis, que estes vivem pelas margens, e praias do Amazonas, e mais rios da ágoa doce: os maçaricos porém vivem nas praias do salgado, em que andam em bandos, e com cada tiro se matam a dúzias.

Merecem as garças seu lugar na república das aves, e tenho para mim serem as mesmas, a que os índios chamam Ac*. São brancas, e alvas mais do que muitos brancos. Tem muitas espécies, e também há a das garças reaes. Ũas espécies são maiores, que outras: e posto que algũas espécies de garça vistas com a pena pareçam grandes, depenadas, apenas terão a grandeza de ũa bem pequena franga. Tem suas bulhas entre si, e quando estão furiosas, enriçam os cabelos, ou plumas da cabeça, e pescoço, e dão uns roncos, que quem os ouve imagina ser uma grande batalha. Também costumam fazer ũa estrondosa estalada, outra quinada com os bicos, que arremedam o estrépido de ũa matraca, quando se toca com pausa, e sem pressa. Vivem nos rios, e praias do salgado, e ágoas salobras; ainda que o mais ordinário é andarem pelos paos secos que estão deitados sobre os rios donde avançam melhor ao peixe, que é o seu comer, como pássaros marinhos. É ũa ave, a que chamam carão, digna de ser contada entre as boas, pelo seu excelente gosto, em que leva ventagens as melhores galinhas, ainda que não as igualam na grandeza. São pretas, sem mistura de algũa outra cor. As suas pernas com serem pretas, também são estimadas para ramilhetes, em que não só saem bem como sombras na pintura, mas também [faz sobre-] sair melhor as outras cores: porém há abundância não só neste, mas em outros pássaros. Há um pássaro chamado por alguns o chocalheiro, porque o mesmo é ver algũa pessoa, que gritar logo dizendo, que a vê, e por isso com muita energia lhe chamam os europeos bem te vi, porque o bom do pássaro assim mesmo o diz, e exprime com tanta clareza o bem te vi, como se o pronunciasse alguma pessoa; e já alguns se tem enganado com ele, cuidando ser gente, que fala, *praecipue*** os novatos reinóes, que dele ainda não tem notícia. São do tamanho, ou pouco maiores, que tordos. Há também ũa pequena ave por nome ainum, que se faz digna de algũa menção, ao menos pela sua nociva singularidade, ou verdadeira, ou falsa, a fim de a evitarem os comilões. É um pássaro preto, cauda comprida pouco maior, que um melro: é muito amigo do gado vaccum, em cujos lombos pousa, e donde

* Incompleto no manuscrito.
** Lat.: principalmente.

faz seus tiros aos bichinhos, que vê no chão, tornando logo a voar para cima dos bois; ainda que o mais ordinário é andarem diante dos bois, quando estes pastam, como fazendo-lhe festa. É bem verdade, que o ainum não acompanha, e faz festa aos bois, por ser amigo dos bois, senão porque estes vão levantando alguns pequenos voláteis, como moscas, mosquitos, gafanhotos, e semilhantes sevandijas, que são a sua comida, e estão encubertos com a erva, e feno; por isso lhe vão saltando diante, para que não lhe escape a caça, que os bois fazem descubrir e levantar. São como a maior parte dos amigos, que não são amigos dos amigos por eles, mas pelo seu, amigos do tempo, e da moda; o que se conhece claramente, porque deles não fazem caso, quando os vem descaídos de fortuna. *Tempora, si fuerint nubila solus eris**. A singularidade porém do ainum está, em que comendo-o alguém, para logo é assaltado em todo o corpo de uns tremores, e dores tão veementes, que brevemente (se é verdade, o que dizem os naturaes) o privam da vida. Não se pode negar, que não sendo agouro dos índios, a que eles são muito dados, esta decantada singularidade do ainum, procedem tão fataes efeitos de ser a sua carne um refinado veneno; pelo que, deposto todo o afecto ao pernicioso vício dos índios, nunca será nociva a cautela com a carne do ainum, abstendo-se de a comer, antes de experimentá-la em um cão, ou gato. Matando certa pessoa um, e mandando prepará-lo para o comer, veio ũa boa velha mais que depressa avisar ao caçador da[s] ruins qualidades da ave, e de tal sorte o intimidou, com não ser agoureiro, que se não quis expor ao experimento. O certo é, que os índios o temem, ou respeitam tanto, que ordinariamente não o matam.

Também as andorinhas do Amazonas merecem sua memória (embora que sejam bem conhecidas na Europa) não tanto pelas singularidades comũas a todas as andorinhas, quanto pelas especialidades das do Amazonas, de que só apontarei duas. Deixando pois o venenoso do seu esterco tão quente, e activo, que caindo nos olhos de qualquer pessoa, a deixa logo cega, como refere a Sagrada Escriptura ter succedido ao São Tobias; omitindo também o ponderar o seu natural instincto, com que conhecem, e aplicam a seus filhos cegos a erva andorinha, por cuja vertude recuperam a vista perdida; e reservado para os professores da medicina o inculcar a estimada pedra, que criam na cabeça, ou todas, ou algũas, muito medicinal; porque estas são propriedade das andorinhas, que já andam tratadas em muitos autores; posto que a incúria dos homens não façam delas o devido apreço, nem procurem utilizar-se dos seus muitos, e singulares préstimos, quando *[roto o original]* sem dúvida, que ainda o seu mesmo lixo tão contrário à vista, e pernicioso aos olhos pelo seu tão exorbitante calor, será utilíssimo para várias enfermidades, a que se acode com remédios quentes, sem ser necessário empenhar o crédito, e consumir as bolsas em remédios tópicos das boticas: passemos a descrever as especiaes especialidades das andorinhas do Amazonas. A primeira é a guerra, que tem com os gaviões: não com os reaes, porque esses vivem retirados, e não lhes são tão contrários, por não se contentarem com caça de tão pouco vulto; mas com todos os mais gaviões, embora, que sejam daqueles que envestem, matam, e comem galinhas, patos, motuns, e outros grandes pássaros; porque todos, não obstante a sua muita valentia, ficam muitas vezes vencidos delas, e a bom escapar corridos, envergonhados, e fugitivos. Assim que as andorinhas vem algum gavião voando por cima, ou perto dos seus ninhos, logo o vão investir, embora, que sejam poucas, ũas por um lado,

* Lat.: Se as circunstâncias forem desgraçadas, estarás só.

e outras por outro o assaltam; e como são velocíssimas no voar o depenam com incrível ligeireza. Chega ũa de repente por um lado e com ũa picada lhe arranca algũas penas, e sem demora se retira; vira-se o gavião para tomar o despique, e no mesmo tempo o accomete outra pelo outro lado, e logo se aparta; já outra voando por cima lhe arranca algũas penas das costas, e com estes assaltos, e investidas o vão pouco, a pouco despindo, e com assaz pena do gavião depenando, por ele se não poder defender, nem ofender alguma das suas inimigas, ou com a troquês do seu bico, ou com as garras das suas famosas unhas, por mais que se vira para ũa, e outra parte, qual touro no corro agarrochado por todos os lados; ou como um bravo canzarrão abarbado com ligeiros gozos; e vendo-se assim acometido o gavião, não tem mais remédio, que ceder fugindo, porque já muito ao longe o deixam as andorinhas. Porém se ele como valente se quer defender, e despicar, tanto o picam, e depenam aquelas, que se tem visto caírem muitos em terra, por não poderem já voar, dando-nos um saudável documento, que se devem temer os inimigos por pequenos, e fracos, que sejam.

A segunda propriedade especial das andorinhas consiste na preciosidade dos seus ninhos; mas antes de a descrevermos, convém saber, que há várias espécies de andorinhas. A primeira é bem conhecida, porque são, as que nos anunciam a primavera, e verão com a sua vinda, azuladas pelas costas, e brancas pela barriga, e destas há abundância, e já bem conhecidas em todo o mundo, e quase caseiras, e domésticas, por fazerem sempre os seus ninhos dentro das povoações, *[ilegível]* das mesmas casas. Há outra espécie, que não andam, nem se criam em toda a parte, mas só em algũas terras, e climas quentes, ou *saltem** temperados, como são Amazonas, América, e Java, Manilha, e Molucas na Ásia. Serão do tamanho de um pintassilgo, com cor azul escuro, ou apretadas, e brancas: não se chegam as povoações como as ordinárias mas vivem nas margens, e altas ribanceiras dos rios, e nas do Amazonas, e rios colateraes são inumeráveis, e em todas as partes tem os seus buracos, e ninhos tão altos, que só com boas escadas se lhe pode chegar. A singularidade, que tem estas andorinhas está na matéria tão estimada, de que fazem os seus ninhos, os quaes são um dos mais estimados, e raros gêneros da Ásia, aonde se vendem, e compram a peso de dinheiro; e são um dos mais apetecidos mimos, ou para falarmos ao modo da Ásia, dos mais grandiosos saquates, com que se presenteam os príncepes. É conhecido o dito gênero, e estimado naquelas regiões desde a Índia até o extremo da China, e reinos adjacentes, e para o dito império o conduzem asiáticos, e europeos, por saberem, que nele sempre tem seguros os ganhos, e avanços a centos; e em todas as partes da Ásia lhe dão o nome de ninho de pássaro. Do ninho de pássaro fazem os asiáticos as mais gostosas, e excelentes menestras; do mesmo fazem os mais deliciosos doces, não para mesas ordinárias, mas só para os mais esplêndidos banquetes, e custosos saguates de empenho: não há jaléa mais apetitosa, que o desbanque, nem comer mais substancial, e inocente, ainda para tísicos, e éticos. A causa de tanta estimação é, como dizem os práticos, por serem feitos, e compostos de preciosos aromas, e resinas, que aqueles passarinhos sabem colher, e escolher das árvores para fabricarem os seus ninhos, como já dissemos, ou nas rachas de altas rochas, ou nos buracos de eminentes ribanceiras, e também sobre elevados penhascos, que estão sobranceiros aos rios, e ondas do mar, donde lhos tiram, e extraem

---

* Lat.: pelo menos.

para muitas partes, em que os vendem por subido preço, sem mais custo, nem benefício, que lavá-los da imundícia, e penugem, que neles fica das criações. Alguns dizem, que além de aromas, e resinas, lhe ajuntam as andorinhas a escuma da ágoa, que nos rios, e no mar fazem, ou as ondas, ou as correntezas. Outros sentem, que elas conglutinam com a sua baba os materiaes, de que se compõem os seus ninhos; e um dos taes materiaes são uns peixinhos muito pequeninos, que várias vezes aparecem quase inteiros entre as mais cousas, de que as andorinhas fabricam os ninhos; cujos peixinhos, digamo-lo assim, fazem naquela preciosa fábrica as vezes de pedra, e com eles, e sobre eles edificam a casa para seus filhos, como os homens as erigem com pedra, e sobre pedra para os seus descendentes; e à proporção dos outros materiaes, que estas levam, se requerem naqueles ninhos a espuma das ágoas, ou mais provavelmente a baba das andorinhas, em lugar da ágoa; os aromas, e resinas, para fazerem as vezes *[roto o iriginal]* barro; e talvez, que a espuma seja em lugar de cal, com que o dealbam: que se nos edifícios é necessária a caiação, para serem mais vistosos, no ninho de pássaro, para se cegarem os mercadores, e o comprarem a todo o preço, requer-se muito a alvura, porque quanto mais alvo, e branco é, mais caro custe. Com estes ninhos, a que a preguiça dos americanos, talvez chame ninherias, por não fazerem deles o devido apreço, ou por *[roto o original]* sobe porém os gêneros preciosos, se tem levantado *[roto o original]* edifícios em várias terras da Ásia, e com estas ninherias de pobertões chegaram a ser ricaços, não só muitos asiáticos, senão também muitos e muitos europeos. E havendo no Estado do Amazonas inumeráveis ribanceiras, em que andam a grandes bandos estas andorinhas, que segundo as pintam os naturaes são as mesmas, que na Ásia ninguém se aproveita de tanta riqueza, ou por desprezo, ou por ignorância dos excelentes préstimos, quando não fosse para mais, ao menos para fazerem deles esquisitos guisados, delicadíssimos doces, e deliciosas menestras, com que se regalam os asiáticos, e com que os doentes refocilam as forças, como já disse, e já tratam alguns autores.

Depois das andorinhas tão caseiras, e amigas dos homens, se podem contar também por domésticos os pássaros, a que chamam japins, que são a recreação, e alegria das povoações. São maiores, que tordos, malhados, ou matizados de várias cores, entre as quaes avulta muito a cor amarela muito viva, e um como azul, ou preto, além de algũas pintas de vermelho; por cuja variedade de cores, em que levam ventagem aos mais lindos passarinhos, e também pela sua singularíssima habilidade, que agora direi, se pode duvidar, se há na república das aves alguma outra, tão galante, e divertida, como esta. Arremedam a todos os pássaros, e as mesmas galinhas, principalmente chocas, e ainda a muitos animaes; mas o som mais ordinário, e comum falar, é dizer mui claramente — dá cá o cu, dá cá o cu —. Vivem no meio das povoações, sítios, e fazendas; e fazem em algũa das mais altas árvores, que acham na povoação, os seus ninhos, os quaes são da figura de compridas algibeiras, com um buraco daquela banda, que sabem é mais abrigada das chuvas, e ventos, por onde só ele cabe, tão liso, e bem feito, que os artífices o não fariam com mais primor; e os taes ninhos, ou algibeiras dependuram nas extremidades dos raminhos, para que as cobras lhe não possam chegar, e comer os filhos, e com os ventos andam de ũa para outra banda, sempre pêndulos, e fixos sempre. O mesmo fazem na Índia muitas espécies de passarinhos. O escolherem sempre o meio das povoações, ou é por amigos da gente ou por se livrarem dos assaltos, e investidas dos gaviões.

O pássaro picaflor é um galante passarinho daquele Estado, e talvez o menor na república das aves. É do tamanho de ũa grande borboleta, e por tal se podia julgar, se o bico e as unhas o não distinguissem: é matizado de várias cores, tem o biquinho comprido, e delgado, como um alfinete com o qual anda sempre chupando as flores, como abelha, nem tem outro sustento. E segundo dizem os naturaes nunca pousa, mas sempre anda a dar com as asas no ar, o que me parece hipérbole, porque ao menos de noute parece, que se lhe deve conceder algum repouso. Dizem mais, que quando quer morrer pica no tronco de ũa árvore, onde dependurado pelo alfinete do seu biquinho morre; e que do seu cadáver se origina ũa borboleta: não sei se esta mesma borboleta vem depois a ser outro picaflor, ou se se multiplicam como os bichos da seda.

Quero já acabar com a descripção das aves do Amazonas, e para a coroar descrevo por último o pássaro tem tem, que é um enlevo dos sentidos, e um dos mais dignos daquele rio; e se pode aclamar por mestre da solfa em toda esta república. Há várias espécies desta ave: três são as mais conhecidas, e ainda que as descreverei todas, principiemos pela mais pequena, porque na verdade, entre todas três merece o primeiro lugar. É este tem tem do tamanho de um pintassilgo as penas das costas são de um preto tão fino, que parecem vidradas por luzidias: as do peito são de ũa cor amarela tão subida, que não há jalde, que a exceda. Na testa, e raiz do bico pela parte superior, tem um círculo de penas amarelas, que chega quase até o meio da cabeça, sendo esta preta da mesma cor das costas. Esta pequenina ave toda é voz, porque em matéria de canto, não há pássaro que o exceda, na solfa, nem o iguale nos seus falsetes, requebros, e sustinidos. Parece vive de cantar, de sorte, que estando em alguma igreja, em que algũas vezes os põe sempre estão em contínuo canto, principalmente ouvindo cantar, ou tocar algum instrumento músico, como órgão, cravo, ou qualquer outro: nos dias de sermão é necessário várias vezes tirá-los, para não perturbarem o pregador, e divertirem os ouvintes. Arremedam todas as aves, e com serem tão pequenos imitam tão propriamente os assobios dos gaviões, que quem os ouve perto dos seus quintaes, e não os vê, se põe alerta, para o gavião lhe não rape algũa criação.

A segunda espécie também tem muita estimação, posto que não chega aos da primeira, com ser maior, e quase do tamanho de melros, e todo preto. Porém os melros não tem que fazer com eles em pontos de solfa, porque nos seus assobios, requebros, e gorjeos, põe os melros a um canto, confunde os solitários, faz emudecer os cochichos, zomba dos canários, e assombra aos rouxinóes. Porque na sua solfa há, e se admiram os mais altos contraltos, ou subidos assobios, os tiples mais finos, o dobrar mais doce, e os falsetes mais galantes, e floreados, que não há italiano, nem mais doce, nem mais fino. Por isso divertem muito nas árvores, e nos bosques, alegra, e recrea nas salas, e nas igrejas suspende os sentidos, eleva os pensamentos, [e faz] subir o espírito do terreno ao celeste a suspirar por aquelas vozes angélicas, e celestiaes solfas. E tanto estes, como os já referidos, e ainda superiores são tão amigos de cantar, que nunca se calam; e há muitos já domésticos, que não só de dia, mas a qualquer hora da noute, que lhe tocam nas gaiolas, ou mostram algũa luz, logo se dão por desafiados, e se desfazem em canto, cujo predicado os faz mais dignos da estimação dos homens, do que são aqueles canários, de quem disse Horácio — *Nollunt cantare** —; e não

* Não querem cantar.

obstante serem estes tão difíceis, e o tem tem tão fácil em cantar, nem sempre aqueles agradam com os seus concertos, agradando a todos em todo o tempo este com a sua melodia, que para nunca enfastiar, sabe como bom mestre de solfa variar; porque quando não dobra como rouxinol, assubia como melro. Tem-se feito diligência para os trazer para a Europa, mas sempre morrem na viagem.

A terceira espécie são como, e em tudo semilhantes aos da Europa, menos nos assobios, e canto, em que são mais excelentes, e na cor parda escura. Mas não obstante ter mais espertos, e engraçados assobios, não são tão estimados, por terem a mão muita abundância dos já referidos, e de muitos outros, que deixo de especificar; como também vários outros galantíssimos nas cores, e de toda a variedade grandes, e pequenos: uns, que andam a beirada dos rios alegrando com suave música, e alegre vista, os que navegam; outros, que vivem no centro dos matos, e rasas campinas, onde quanto mais retirados mais seguros. Estes já nas praias refrescando-se com a viração dos favônios, e já nos rios banhando-se em cristalinas ágoas; aqueles nas praias do salgado à pesca do marisco, e peixes grandes, medianos, e pequenos, cuja multidão, e variedade mais se conhece nas grinaldas, ou turbantes, com que os naturaes índios se enfeitam nas suas mais lustrosas funções, com tão lindas cores, como eles em si feios. De sorte, que pode entrar em problema, quaes se devem mais admirar; se as penas por tão lindas, ou se os enfeitados índios por tão feios? enquanto passamos também a ver algũa caça terrestre do Amazonas.

CAPÍTULO 19º

DIVERTIMENTO DA CAÇA NO RIO AMAZONAS.

Depoes de descrevermos a caça altília do Amazonas segue-se o divertirmo-nos também um pouco na sua caça terrestre: porque não só é rico no seu pescado, delicioso nas suas penates; mas farto, e divertido na sua montaria, não só pela multidão, mas também pela variedade de feras, que cria nos seus matos. E assim, ou seja pelo rio pescando, ou pelos areaes passarinhando, ou nos bosques caçando, em tudo pretende o grande Amazonas ostentar-se o mais rico, e famoso dos rios. É verdade, que não tem os elefantes, e abadas da África, os leões, e ursos da Ásia, nem as búfaras, camelos, e dormedários que criam várias regiões do mundo; mas produz, e tem abundância de muitas outras, em que se não excede, também não cede às ditas regiões o Amazonas, como escrevem já os seus historiadores, e em abono daquele máximo rio, e abreviado mar, descreverei agora alguns animaes mais

conhecidos, por terem aqui o seu próprio lugar *[roto o original]* dos peixes, e aves.

Anta. Demos o primeiro lugar a anta, que posto não seja das mais avultadas feras na grandeza; talvez mereça os primeiros méritos pelo seu delicioso gosto nos banquetes, onde desbanca a muitas das carnes, que neles são provadas, e aprovadas por gostosas; e também por ter nas histórias as primeiras atenções com o nome de *gran bestia*, que já hoje assentam ser a anta. Na verdade é grande besta, pois tem a grandeza de um grande jumento, e também mostra ter com ele mui estreito parentesco no seu rico feitio não estou certo, se tem também grandes orelhas. É ruço este animal inclinando para cor preta, mas parece não é tão asno, como o burro, porque a ninguém dá ancas. A sua carne é muito gostosa, mais que a mesma vacca; e tem um cheiro tão activo, e tão regalado que recende, e não pode esconder-se a sua olha aos que passam, e passeiam pela rua. Tem a pele mais grossa, que a mais grossa sola, ainda antes de cortida, e tão durável, que dizia um morador, que os seus sapatos já tinham rompido três couros, e que a sola estava ainda como nova, e capaz de romper outros três: curtida ainda tem mais estimação. A dita pele cortida como camurça fica tão macia como veludo. Os militares fazem dela coletes, por serem impenetráveis as balas, como as mais fortes saias de malha. As suas unhas tem grande serventia na medicina: nada bem, e passa não só rios, mas ainda as maiores baías a nado, e também mergulha abaixo, e vai surgir em boa distância. Os índios, posto que a matam, e comem, tem com ela alguns agouros: se lhe aparece em tal, ou tal occasião, deste, ou daquele modo, agouram, que lhes anuncia a morte, e de tal sorte se entristecem, e melancolizam, que na verdade morrem, não bastando toda a eloquência de Demóstenes, nem o incansável zelo dos seus missionários, ou pregadores, para os disuadir do seu agouro, e persuadi-los à verdade o mesmo agouro tem alguns já criados com os brancos.

A onça é das mais ferozes, e bravas feras do Amazonas. Há diversas espécies deste animal: Ũas são pardas, outras pintadas; umas vivem nas campinas descubertas, outras não saem dos matos, ũas são maiores, e outras menores. Nas mesmas pintadas há diversas castas, porque ũas são pretas malhadas todas de amarelo, e outras são esbranquiçadas, e tem as malhas de preto; às primeiras chamam panteras, e às segundas onças; às dos matos, e campinas também dão diversos nomes. Também há onças todas pretas, e a estas chamam tigres. Na grandeza também tem muita diversidade; porque umas são como os maiores rafeiros, e cães de fila: outras são como novilhos, e um missionário do mesmo Amazonas refirio, que viu com os seus neófitos ũa, que era de corpo mais alto, que um homem, e na grandeza excedia a qualquer boi; na verdade algũas dão rica pele, que na grandeza se equivoca com as dos maiores touros: estas, são as que na Ásia chamam tigres reaes; às menores dão o nome de tigres bibós. Todas porém são casta brava, e tão sagazes, e ladinas, que a raposa à sua vista é animal estólido. Sobem, e atrepam pelas árvores acima melhor, que qualquer gato, e ainda que qualquer homem, e delas fazem tiro à presa com muita ligeireza, É a mais atrevida fera, que criam os matos, e ainda mais que os mesmos leões, abadas, e elefantes; porque os mesmos leões temem ao homem, nem ordinariamente acometem, se não provocados; mas a onça, nem a animaes, nem a racionaes teme, acomete intrépida ainda ao maior gigante. Só o cão a faz fugir, não pelo temer, mas porque não lhe toa bem o seu latir: que o não teme se vê bem em ser o primeiro, que acomete, e mata, se pode. E que não lhe soa bem o latir do

cão se prova, de que em campo descuberto, onde o cão a veja, e lhe ladre, basta qualquer cachorro para fazê-la fugir, e subir a algũa árvore; por isso a melhor arma, e companheira, que pode levar um viandante, ou caçador, é um cão, porque em este a vendo logo lhe ladra, e a faz subir a alguma árvore, aonde o caçador lhe pode milhor atirar; e se a não vê, enquanto a onça não o mata, não acomete o dono. Mas ela tem tal instinto, que se sabe esconder de sorte, que o cão a não veja; ou sobindo a alguma árvore, em cuja ramada se occulta, e quando o cão vai passando o assalta de cima, de repente; ou fingindo, que lhe foge, depoes furtando-lhe as voltas, e virando por entre o mato o acomete por detrás, e ordinariamente todos os cães de caça lhe vem a parar, e acabar nas garras.

Há contudo cães de onças, não só que brigam com elas, especialmente se estão armados com as suas coleiras, mas também porque as sentem pelo faro, e as perseguem com latidos ao longe, e as fazem subir às árvores, onde o caçador lhe faz tiro; ou com a frecha como os índios, ou com espingarda. E ainda então é necessária cautela de logo se retirar daquele lugar; porque a onça vendo-se ferida, ordinariamente dá um salto no mesmo lugar, donde lhe atiraram; e os cães, que deste modo a perseguem são melhores, que os que a avançam, e acometem; porque na briga sempre a onça fica de melhor partido. Aos homens também assaltam, não só usando da mesma traça, mas ainda a peito descuberto; e muitas vezes succede, que caminhando por algum caminho se encontra com *[roto o original]* em cujo caso não há mais remédio, que tomar ânimo, e gritar-lhe, ou ladrar-lhe como cão. Os índios afoutos neste caso, se não tem tempo de a frechar, atravessam o arco, pegando-lhe com as mãos nos lados, e assaltando-os ela, arrebatem nela como em escudo de sorte, que a fera pelo alto da cabeça lhe vai cair atrás das costas, e virando-se para ela, tornam a fazer o mesmo até ela desesperar, e fugir. São tão forçosas, que com ũa só bofetada, matam o maior porco, que regularmente não tem tempo de grunhir, mais, que ũa só vez, e depoes carregam com ele para o mato arrastando-o, onde o comem muito a seu salvo. E se é touro, ou cavalo, que ela não pode arrastar, ali mesmo onde o mata, lhe faz anatomia*. A sua ferocidade é tal, que matando uns caçadores ũa em um seu sítio, a onça antes de espirar, vingou bem a sua morte, matando dous negros, e um cão: o primeiro, porque julgando-a já morta, se chegou a ela, e então lhe deu ũa bofetada com a manopla esquerda, onde, dizem, tem a maior força, que o segurou. O que vendo os caçadores lhe tornaram a dar alguns tiros, com os quaes não duvidando estar já morta, se chegaram com confiança, mas ainda a fera ferio outro de sorte, que também veio a morrer.

Tem as onças, além dos cães, especial inimizade com os jacarés, ou crocodilos, com quem tem suas contendas, e grandes batalhas, nas quaes ordinariamente ficam triunfantes, não obstante a grande brutalidade, e fereza dos crocodilos desta sorte. Sobem as onças as árvores sobranceiras aos rios, baías, e lagos, em que andam os jacarés, e ali muito quietas, e em muito silêncio esperam, que algum vá passando por baixo, ou perto, onde de repente o assalta. Algumas nem isso esperam, mas lhe fazem foscas, ou cortando algum raminho, que deitam na ágoa, ou tocando na mesma com a ponta do rabo em ordem a atrair, e enganar o jacaré, que logo acode a ver, o que é, e então o assalta de cima, fazendo tiro ao cachaço, e logo com unhas, e dentes se segura. Vendo-se assaltado o jacaré, mergulha abaixo, e a onça

---

* *À margem*: tão bem carregam, e arrastam bois, cavalos etc.

com ele, surge acima o jacaré, e juntamente a cavalo nele a onça; e tomando respiração, tornam a mergulhar, e a surgir. No entretanto a onça não se descuida de lhe ir esgravatando com as suas grandes unhas os ouvidos, e com os dentes o vai descarnando por onde pode, sangrando, e matando pouco a pouco, já abaixo, e já acima; sem valerem ao jacaré, nem as rabanadas, que atira para as bandas com a cauda, nem as voltas para os lados, nem os movimentos da tromba para a sacudir fora do cachaço, e despedaçar com os dentes, nem ainda a impenetrável saia de malha das suas conchas, finalmente acaba ferido, já pelos ouvidos, e já pela garganta, se alguns, ou algum jacaré, não lhe acode. Depoes de morto, nadando o vai conduzindo para terra, onde o come, e enquanto dura tem nele boas fartadelas. Disgraçada porém a onça, se no meio da batalha, e nos giros, e motos das escaramuças, perde o tino, e os estribos, e chega a ficar desmontada, porque então o jacaré a investe, e irremediavelmente despedaça; ou também chegando neste tempo algum outro jacaré, bem como succede a alguns valentes lutadores, quando colhem caído, ou debaixo ao seu contrário, porque então se vinga muito a seu salvo, e toma toda a satisfação, e medida da sua desmarcada raiva, e furor.

Mas não é tanto para admirar esta destreza da onça contra o jacaré, e mais animaes, quanto a ousadia mais que atrevida de chegar a investir com o leão, que é o rei das feras, e ainda ao matar; não a peito descuberto, mas com manha, e indústria[.] Faz a onça ũa comprida cova até sair da outra banda, larga até o meio, e daí até o fim tão estreita que só ela possa caber pelo buraco. Feita a cova, espera, que por ali passe o leão, a quem para logo, desafia, e depoes de o irritar foge, e se mete na cova, por onde é mais larga a boca da mesma, e o leão atrás da onça até chegar ao meio do buraco, e ficar entalado de modo, que nem pode ir para diante, nem voltar para trás. Então a onça com mais juízo, e discurso, do que instinto passando avante torna a entrar pela boca grande da cova, e assalta pela retaguarda ao leão, que por estar entalado, não se pode defender, e assim muito a seu salvo o cavalga, e lhe salta nas ancas com unhas, e dentes a fazer anatomia, de que não cessa, enquanto não vê ao seu rei a seus pés postrado, e morto. Vejam agora lá os militares, se os seus ardilosos discursos, e estartagemas bélicos são mais ingenhosos para enganar, e vencer a seus inimigos, do que este da onça para vencer o mais valente dos animaes. Porém assim como a onça é ardilosa para acometer, do mesmo modo os índios são destros, e muito mais sagazes para a matarem por vários modos. O primeiro é a frecha, quando a fazem subir as árvores com o latir dos cães, como já dissemos. Segundo. Armando-lhe ratoeira, a que chamam mundé, que quer dizer tronco, e consiste em ũa estacada de paos a pique, tapada por cima, e com portas falsas, dentro da qual lhe põe algum cão por negaça. E como a onça tem capital inimizade, e inata antipatia com os cães, o mesmo é ouvi-lo ganir dentro da ratoeira, que entrar a buscá-lo por alguma das portas falsas, donde não podendo sair, pelos buracos a matam às frechadas. O terceiro modo é fazendo-lhe espera, quando algũa mata algum boi, ou qualquer outra grande presa, a que a onça vem todas as noutes tomar barrigada, e o fazem deste modo. Metem alguns paos em terra em distância de tiro de frecha, e sobre estes paos armam outros por modo de varanda, na qual posto algum caçador a espera, e mata muito a seu salvo, quando ela volta à presa, que ordinariamente não chega a comer toda da primeira vez.

É também a onça, além de muito ardilosa, atrevida, e brava, tão confiada, que não só entra nas povoações, mas ainda nas mesmas casas dos índios, (e de noute sobe as mesmas varandas) onde apanha, já o [porco,] já o cão, e já algũa outra presa, que acha, se os moradores estão dormindo. Estando porém acordados, e dando-se dela, e avisando-se, a onça com muita segurança sae para fora, e se esconde no mato. Em ũa povoação entrava uma nas casas, e era tão ladina, que, como discorrendo, lhe fariam espera, como na verdade faziam, nas seguintes noutes não voltava àquela, mas ia a outras povoações, e assim andou muitos tempos iludindo as vigias, e esperas; e quando já se não esperava, tornava a onça com a mesma sagacidade. As peles de todas as onças são muito buscadas, especialmente as pinimas, ou pintadas, cortidas com cabelo para chairéis de cavalos, e outros adornos. Os religiosos da Companhia, quando os havia naquele Estado, logravam o privilégio de não lhes fazerem mal, nem cobras, nem onças: O mesmo privilégio tinham os jesuítas em todo o Brasil, se não é, que se estendia a toda a América, por reverência, e benção do grande missionário, e insigne varão apostólico, o venerável Padre José de Anchieta, a quem pela sua grande vertude tinham tanto respeito cobras, e feras, que o festejavam, e iam tomar a benção, a qual lhe dava mandando-lhes, que não fizessem mal, aos que traziam aquela santa roupeta; e tem succedido tantos, e tão prodigiosos casos neste particular, de que muitos já andam na sagrada rota, que tiram toda a dúvida desta verdade, e bem confirmam a duração de tão santa benção. Porém aqueles mesmos religiosos, aos quaes reverenciavam os mais venenosos bichos, e as mais bravas feras, como são cobras, e onças; esses mesmos odiados dos racionaes seus nacionaes não só foram por estes expulsados com infâmia, mas tão inumanamente tratados, e maltratados, que seriam mais humanos, se logo lhes tirassem a vida.

É parenta por bastardia da onça a fera maracajá, antes parece ser ũa espécie de onças mais pequenas; porque no feitio, e na cor não tem mais diferença, das onças pinimas, ou pintadas, do que em serem mais pequenas. É do tamanho de um cachorro inglês; mas a figura é de gato, como todas as mais onças, posto que os naturaes lhe chamem pela sua língoa jaguareté, que é o mesmo, que cão bravo: porque além do mais feitio, tem a cabeça chata, e barbas, como os gatos. Não fazem tanto mal como as grandes, nem investem aos gados, nem a gente, senão irritadas: o maior mal, que fazem, é saltar nos galinheiros, e assaltar as galinhas, como a raposa. A sua pele tem tão bem muita estimação. Depoes da onça também é formidável o javali, de que há tanta multidão, e variedade, que ainda que o Rio Amazonas não tivesse outra caça, bastavam os seus javalis, para o fazerem abundantíssimo dela. Umas espécies são maiores, outras menores; uns deste, outros daquele feitio; mas todos bem gostosos na sua carne, posto que os chamem porcos, todos bravos, e todos de ruim pêlo, e mao cabelo. Há ũa espécie de javalis tão bravos, que presentindo gente, ou o caçador o acometem com grande furor, e raiva, que indicam no bater dos dentes, e escuma na boca: de sorte, que não tem mais remédio o caçador, que refugiar-se em algum pao alto, ou árvore. Porém são tão ferozes, que se o presentem na árvore, se atiram a ela com unhas, e dentes para a cortarem, e o deitar abaixo, e fazê-lo, ou desfazê-lo em pedaços, sendo que lá não seja tão perigoso por rezão de se poder saltar de umas para outras árvores, por estarem muito juntas: que se não o estivessem correriam muito perigo os caçadores, porque os javalis não descansariam, enquanto não o deitassem abaixo. São muito

semilhantes aos ursos, que também assim perseguem a gente, quando a sentem refugiada em cima de algũa árvore, não se accomodando, enquanto a não deitam abaixo. Porém se há outras árvores ao pé, em cujos ramos se peguem, como na América, também os ursos ficam baldados, como no Brasil os javalis: antes se o caçador tem ânimo, e está bem provido de munição, ou frechas, de cima vai fazendo neles boa chacina, porque são tão bravos, que não obstante verem, que os companheiros vão morrendo, não só não fogem, mas antes mais se enfurecem. Porém as melhores caçadas são, as que se fazem de cima de algum tronco de árvore caída, que há muitas pelas matas, onde os melhores, e mais destros caçadores os esperam, e quando eles vão *[roto o original]* uns atrás dos outros (porque ordinariamente andam em fileira) com ũa boa lança, ou zagaia os vão sangrando, sem que eles tornem para trás por medo, antes vem com braveza acodindo uns aos gritos dos outros, ajuntando-se em taes bandos para os vingar, que em pouco tempo pode o caçador fazer grandes provimentos o ponto está em ter ânimo, e não se intimidar com o estrondo, e estalada, que fazem no bater dos dentes, tal, que parece vir abaixo toda a mata, ou que querem despedaçar toda a montanha: e na verdade fazem tal ruído, e bulha, que basta ouvir de longe, ou vê-los de palanque, para se levantarem e enriçarem os cabelos.

Outro modo também seguro de fazer neles boas caçadas é, quando se apanham nadando, e atravessando os rios, e baías de ũa para a outra banda, o que fazem com frequência buscando as suas comedias, que ordinariamente são frutas bravas, raízes de paos, e ervas. Nadam, e atravessam em fileira, e por isso chegando qualquer caçador em ũa canoinha atravessada, e quase unida, basta ũa faca para fazer grande matança; e depoes de matarem, os que querem recolhem-nos para dentro; porque ainda que mortos, não vão ao fundo, mas andam boiando a reveria das ágoas. Um dos seus maiores inimigos é a onça, que também se vale das suas habilidades para os apanhar; e é sobindo-se a algum pao, onde sente, que eles vão passando, e enquanto passam está muito quieta, para não ser sentida, até que chegando o último, de repente o assalta, e segura com ũa fatal bofetada, e logo torna para o mesmo lugar: e posto que o javali ferido dá um grito, a que acodem todos os mais a onça de cima está vendo os touros de palanque, até que eles se apartam, e então ela desce a comer a presa. A causa de sempre acometer, o que vai no couce da procissão é, porque os mais a não apanhem, porque apanhando-a no meio, ainda que sejam muitas, infalivelmente fica pelas costas, e é feita em pedaços, como muitas vezes succede ou succederia muitas mais, se ela não usasse da sua indústria. Entre as mais espécies de javalis, que cria o Amazonas, há ũa, que tem seu asco, ou catinga, e a tem no espinhaço, em ũa como fonte, ou fístula: por isso já os práticos, assim que o matam, lha cortam com ũa faca, e sem mais benefício, fica já a mais carne gostosa, e sadia. Deixando porém as mais espécies, que, como já disse, são muitas, e algũas de bom tamanho, só farei menção da ínfima espécie, a que chamam tatu. É bicho de concha, como são os cágados, jabotis, tartarugas, mas concha, e todo o seu feitio é inteiramente diverso do dos referidos animaes: porque as conchas são sobrepostas ũas às outras, e vão à *[roto o original]* como fitas; e não como nas tartarugas, que são concha, ou casco inteiriço. A tromba, focinho, pés, e rabo são totalmente de porco: tem a grandeza de jabotis, ou pequenas tartarugas; a sua carne, e toucinho, não só tem a semilhança, e gosto da de porco, mas é de todas as espécies a mais gostosa.

Havendo* tanta multidão, e variedades de porcos no Amazonas, e América,** que crie nas suas tão vastas, e dilatadas matas o porco espinho, tão conhecido, e célebre na Ásia pela sua medicinal pedra, chamada pedra de porco espinho; porém como cada vez se vão descubrindo mais novidades, e cousas raras, e admiráveis no destricto do Amazonas, me parece conveniente dar alguma notícia desta espécie de porcos, para que possam os seus moradores vir no conhecimento deles, se alguma vez os acharem. É o porco espinho, ou espim, do tamanho de um bácoro de 8 até 10 meses, e de 2 palmos, e alguma cousa mais de comprido. Não tem sedas, mas em lugar delas tem o corpo cheio de espinhos, que no feitio pouco, ou nada se diferençam dos de ouriço cacheiro; porém no comprimento, cor, grossura e fortaleza diferem muito. Os espinhos do cachaço, e espinhaço tem*** cousa de dous palmos de comprido com grossura de ũa muito grossa pena de escrever; e tão duros, e fortes, como bem duras espinhas; a cor de todos é matizada de branco, e preto. Os espinhos da barriga, ou lados, de todos são os mais compridos, e também os mais delgados: os da cauda são da grossura (senão mais) dos do lombo, ainda que não tão compridos, e são occos por dentro, e abertos na ponta: pelo contrário os espinhos da barriga, lombo, e cachaço são compatos, e sólidos por dentro, e tem a ponta muito aguda. A rezão de serem occos os do rabo é, porque neles, como em penas, ou canudos; costuma levar ágoa dos rios, e mar, com que burne, alisa, e conserva sempre muito munda a boca da sua cova, desmintindo com limpeza de arminho o imundo do seu nome. Daqui vem, que para se saber, se o porco espinho está na cova, ou fora dela, costumam muitos, que querem apanhá-lo à mão, deitar alguma cinza na boca da cova; *v.g.* a noute, e pela manhã vai [achar] na mesma as pegadas, que por estar limpíssimo o chão da entrada da cova, estão bem impressas na cinza, e vendo, que são para dentro, é signal evidente, que o porco está na cova, onde entram, e o seguram: querendo logo ali matá-lo, basta para isso um arrocho; e deste modo matou muitos certo ecclesiástico na Ásia. Nunca accometem a gente, mas vendo-se accometidos com a cólera enriçam, ou arrepiam os espinhos, e os despedem, com tanta velocidade, e força contra quem os persegue, como se foram setas atiradas com arco, e frecha. Bem o sentio em certa parte um cão, que perseguio a um porco espim, não só não o venceo, mas ainda em pouco tempo ficou incapaz de proseguir a briga, e foi obrigado a retirar-se ferido com três setas, e ũa trespassada de banda a banda por ũa perna. Estes espinhos, ou setas do porco espim tem em circunferência, ou ao menos em algũas partes, ũa aspereza, ou pequenas barbas, como as praganas do trigo, que dificultam o tirar os taes espinhos encravados na carne, sendo que os não retardam a entrar nela, por serem lisos para diante, e ásperos só para trás. Em ũa quinta de religiosos na Ásia saio um potente canzarrão, da batalha, que *[roto o original]* teve com o porco espim, com duas setas encravadas no focinho de sorte, que não foi possível tirar-lhas, senão cortando-lhe a pele, e carne, até abrir caminho tamanho, como se requeria para as duas garrochas saírem sem novo tormento do animal.

---

* À margem, na altura do parágrafo: *Tão bem tem e cria o porco espim, e aqui está meu companheiro que vio, e matou um na sua Missão.*

** Riscado, a seguir, no manuscrito: *não tenho notícia.*

*** A seguir, no códice, riscado: *pouco mais de palmo.*

Nas suas setas tem armas, não só defensivas, mas também ofensivas, contra quem os accomete: é bem verdade, que delas, e deles zombam os caçadores práticos no modo de os caçar, que é investi-los por diante, e não pelos lados, e menos por detrás; porque só para as ditas partes despede os seus espinhos, e não para diante; dado porém, que atire alguns para a frente, nada ofendem por irem sem força. A sua tão medicinal pedra é tão preciosa, que algũa se tem avaliado em 600 mil réis; e porque também já, ou a curiosidade, ou a cobiça de dinheiro tem falsificado algũas, digo muitas, o remédio para discernir as verdadeiras das falsas é, tocá-las na ágoa, e postas na palma da mão chupar com a língua nas costas da mesma mão: porque sendo verdadeira, é a sua vertude tão activa, eficaz, e instantânea, que logo passa, e traspassa, ou repassa à outra banda a sua amargura; e não se sentindo amargor, pode suspeitar-se ser falsa, como diz o Dr. Curvo. Nem todos os porcos espinhos a tem, antes em raros se acha, como succede nos camaliões: se havemos de dar crédito a alguns, a rezão de não se achar em todos é, como eles dizem, porque só depoes de tantos anos de idade, se principia a formar a tal pedra. Alguns curiosos dizem, que esta mesma pedra se acha em muitos outros javalis, e porcos monteses; o que facilmente se pode experimentar no Amazonas, e América, onde andam em grandes manadas. Na verdade se tem achado já algũas destas pedras nos javalis do Amazonas.

Quase semilhantes aos porcos são outros animaes, a que os naturaes chamam capivaras porque são do mesmo tamanho, da mesma cor, e roncos: só tem alguma diferença na tromba, e cabeça; esta em ser mais chata, e aquela em não ser tão comprida. Também não tem a braveza, e ferocidade dos javalis: as suas carnes não são tão gostosas; e por isso não se comem em toda a parte, ou talvez, que só seco, mas algũas das suas espécies, e não todas. Como os porcos também gostam dos lodos, em que andam foçando a borda dos rios em bandos, e quem não as conhece, cuida serem javalis. Na grande Ilha do Marajó são inumeráveis, e andam ainda ao pé das árvores, e casas: talvez, porque lá não as matam, nem comem, por terem grande fartura de melhores carnes. Pacas são outros animaes, que tem muito parentesco com os porcos monteses, e são ũa das melhores caças do Rio Amazonas. Tem o corpo de porcos de 8 para 10 meses, ou pouco maiores, e roliços, não só por grossos, mas também por gordos. O feitio é de porco, de que difere na cor, que é avermelhada, e talhada com uns como listões pardos em roda, que os enfeitam. A barriga é branca, e a tromba mais curta, que a dos porcos: o gosto da sua carne é como o da de leitão, e as mesmas carnes tem com as dos leitões sua parecença. Há porém tempos, em que a paca não é tão gostosa, por ter um como amargor desconsolado, e contraído de ũas frutas do mato, como castanhas, de que se faz excelente azeite para a candea, e outros usos, a qual fruta é tanto, ou mais amargosa, que a azeitona, antes de cortida. Desta fruta comem as pacas no seu tempo, e dela se refunde na sua carne o dito amargor; passado porém este tempo são tão gostosas como leitão, ou sejam cozidas, ou assadas. Os brutos, ou feras, a que os índios chamam cochiné, propriamente são lobos, ou cães bravos do mato, excepto em não serem louros, como os lobos, mas com uma cor castanha. Também não são tão atrevidos, porque ordinariamente não investem a gente, posto que não lhes falta valentia de sorte, que se possam defender das feras, e dos cães, ainda que sejam de fila. A figura, e tamanho todo é de lobo: tem grandes bulhas com os cães domésticos, não pelos acometerem sós por sós no mato, mas porque algũas vezes sentem passar perto da po-

voação algum cochini, e então muitos juntos o assaltam, e só pela multidão o vencem, e matam: porque a muitos inimigos, nem um Hércules pode resistir!

Pode questionar-se, quaes sejam mais no Estado do Amazonas: se os javalis, se os viados? por serem tantos os viados, que dizem os europeos, que eles são as pulgas da América. Há muitas espécies de viados: uns chamados viados da campina, por pastarem sempre em campos descubertos: outros viados do mato, por viverem sempre nos matos. Uns com galhos pequenos, e lisos; outros com galhos grandes como os da Europa, e outros com galhos do feitio de um bezerrinho; e talvez são as que na África, e Ásia chamam vaquinhas do mato, que tem excelente gosto. Os viados do mato são mais buscados, e se tem por carne mais gostosa: os das campinas são menos perseguidos, e ordinariamente só aproveitam as suas peles para belas camurças, que delas se fazem, e as carnes deixam para as feras, e aves, não por não serem boas, mas por terem abundância de outras melhores. O ser a vida dos viados mais prolongada que a dos homens se tem já como cousa assentada; mas é quando os caçadores lha não abreviam. Conhecem os práticos os seus anos pelos seus galhos, como os alveitares as bestas pelos dentes; porque em cada ano lhe nasce demais ũa ponta. São as suas pontas estimadas nas boticas por ingredientes de vários remédios médicos; e quando elas são grandes, e de muitos galhos, também servem para adorno das salas, em lugar de cabides, e de que muito usam os seus caçadores, como testemunhas das suas suas caçadas. Também em alguns se acham umas como pedras, ou maçãs com várias vertudes medicinaes: talvez, que entre as muitas espécies, que há de viados na América, haja também aquela, que tem a famigerada pedra bazar, que vem da Ásia: porque o animal, em que ela se acha, dizem ser ũa como cabrinha, que ninguém duvida ser espécie de viado. Há varios modos de os caçar, mas o mais usual é com cães de caça próprios de viado, os quaes deitam os caçadores ao mato, e eles andam em canoinhas ligeiras pelo rio. Dando os cães com algum viado o perseguem com latidos, e a fera vendo-se acossada, foge para o rio, por achar na água especial refúgio; e então o mata, e recolhe. O mesmo faz aos mais, que saltando vem buscar a ágoa acossados dos cães; e quando já não quer mais grita, e assobia aos cães. Os das campinas se perseguem ordinariamente em ligeiros cavalos, e se matam a tiros já de espingarda, e já de frecha.

Um dos animaes mais galantes da América são os tamanduás, a quem os castelhanos chamam *hormiga león*, símbolo verdadeiro de muitos soldados desta era, que no tempo de paz blasonam de valentes, como leões, e taes se mostram, com os que por mansos se assemelham a mansos cordeirinhos. Porém no tempo da guerra, ou achando algum filho da velha, que lhe tenha a barba tesa, vem-se abarbados, e desmaiados de medo: mais claro: são uns humildes cordeirinhos, e mansos borregos para os leões; e parecem soberbos leões, e bravos leopardos para os mansos, e pacíficos: taes são os tamanduás, ou *hormiga leones*, que é o mesmo que leão das formigas; mas com outros animaes, e com os caçadores são muito tímidos, e cobardes, e mansos como cordeiros. São da grandeza e feitio de um grande galgo, algum tanto mais altos; e talvez que também mais compridos: o focinho porém é sem comparação, mais comprido e agudo, que o dos galgos. São ruços na cor: da cabeça, ou pescoço lhe saem duas fitas, ou listões, que já alargando-se ũa da outra, e depoes tornando a unir-se, e passando ũa por baixo, da outra se vão outra vez

separando em tanta igualdade, *[ilegível]*, [como] se as dilineara, e pintara algum insigne pintor: por fim vão a cair, e finalizar sobre as polpas das pernas, para cada banda sua. São de cor castanha, e lhe dão tanta graça, que só pela vista se podiam domesticar. A sua cauda é comprida, e por remate tem ũa tal trunfa de cabelo, que bem pode servir de amplo espanador nas salas. A sua vida, e sustento é caçar, e comer formigas; e como estas na América são inumeráveis, nunca padece fome. Para as caçarem se chegam aos formigueiros, sem medo de que os mordam, embora, que sejam das formigas, que chamam de fogo, pelo fogo e comichão, que causam as suas mordedelas ou as chamadas tacibas, cujos dentes cortam, como lancetas, ou quaesquer outras, que nenhũas teme o tamanduá, antes as accomete todas, como cão intrépido, nos seus mesmos formigueiros, onde estendendo a sua comprida língua, talvez mais comprida, que lingoados, a mete pelo buraco dentro. Acodem logo as formigas a contenda para que será a primeira a picá-lo, e mordê-lo; mas ele constante não se move, enquanto a não vê bem coberta de formigas, que estando-o logo a recolhe, e as engole; e logo outra vez lhes oferece a língoa até se fartar. Seriam estes brutos de grande utilidade a todo aquele Estado, se não só senão se matassem, mas, antes se multiplicassem em muita abundância, para com eles diminuírem os seus grandes formigueiros, que são ũa das maiores pragas de toda a América.

Não fazem mal a ninguém, antes são tão cobardes, que facilimamente se matam: porque accometidos ordinariamente fogem; e se alguém os segue, e persegue, param, e assentam-se como cães, levantando as mãos, em que tem, e também nos pés ũas famosas unhas. E dizem tem *[em branco no manuscrito]* tanta força, que colhendo nos braços alguém, que se chega perto dele, lhe dá um tal abraço, que lhe faz sair as entranhas, e quebrar todos os ossos; e assim fazem às onças, quando os accometem, se elas se chegam de sorte, que as possam agarrar, e abraçar. Mas quem já sabe, não se chega a ele, porém de largo, já com paos, já com pedras, já com pedradas, e muito melhor com tiros, ou frechas, o matam, sem que ele tenha ânimo, nem para fugir, nem para accometer. O mais que faz é conservar as mãos, e braços levantados, olhando já para uma parte, e já para a outra, indicando a vontade, que tem de vir às mãos, com quem o persegue, e como desafiando-o para medirem braço a braço as forças, ou que ao menos se chegue, que ele, além de ânimo, tem desejo de jogar com ele as lutas. É certo, que (que) se pode duvidar: se o tamanduá não foge por cobarde, ou por brio, como o generoso leão? que antes se deixará matar, do que fugir: pois, segundo dizem os noticiosos, encontrando-se algũa pessoa com ele, se vê, que o homem pára, também pára o leão, e chegando-se o homem para o leão, este também continua a caminhar para aquele; porém se o homem foge voltando para trás, da mesma maneira vira o leão, e vai fogindo: de sorte, que imita as acções do homem, mas à sua vista não sabe o leão fogir, ainda que ali haja de morrer: assim o tamanduá, ainda que seja investido por rapazes, antes ali se deixa matar, do que fogindo mostrar fraqueza. Semilhantes ao tamanduá são muitos homens, que reputando por desdouro o retirar-se, e declinar a seus inimigos, se oferecem briosos às brigas, e duelos, ainda que vejam o perigo de morte, que correm aceitando o combate; e por um brutal capricho se expõe a duas mortes de corpo, e alma com eterna infâmia.

As raposas da América e Amazonas são maiores, que as da Europa no mais em tudo semilhantes; e por serem tão conhecidas não as descrevo, posto que sejam dignas de especial menção nas Histórias pelo seu raro instincto,

pelo qual são símbolo de astúcia; e além das mais provas bem o mostram em comerem sempre, que podem galinha, frangos, e na falta deles, seu bocado de coelho. E na verdade, que quem o pode fazer, será bem pouco atilado em comer feijões, excepto sendo por mortificação, como faziam os santos anacoretas do deserto, e ainda hoje fazem muitos nas religiões; porque estes que deixam as galinhas, e delicados manjares de suas casas, e palácios, trocando-os pelas insulsas ervas, e legumes das religiões, são tão prudentes, e astutos, que merecem com eternos louvores glórias eternas. As peiores raposas, e pestes dos galinheiros na América, são uns bichos, a que chamam mocuras (não sei se são as que na Europa chamam foinhas) porque estas em ũa só noute dão conta de um grande, e numeroso galinheiro. Pois, além de matar algũa para comer, depoes de farta, mata as outras só para lhe beber o sangue, e o mesmo faz a todos (a todos) os penates, que apanha; e para os segurar, não só os acomete de noute, e as escuras, mas quando estão dormindo, trincando-lhe logo o pescoço, e são do tamanho de gatos, e ruças: tem na barriga pela parte exterior um fole, onde metem, recolhem, e trazem os filhos, enquanto pequenos. São caseiras, porque vivem ordinariamente escondidas nas mesmas casas, e telhados, aos quaes sobem como gatos, ou em buracos de árvores, e das paredes dos quintaes. Tem algũa catinga, ou fétido no seu ruim pêlo, mas tirado este, e esfolada a mocura, dizem ser mais gorda, e gostosa, que galinha.

Aí é o bicho do Brasil, que há mais aparentado em todo o mundo, não por haver muitas espécies debaixo do mesmo nome, pois não se sabe mais que de ũa; mas porque em todo o mundo tem muitos imitadores da sua vida. Chama-se em bom português preguiça, e na verdade não é nome vácuo, fantástico, ou sombra de nome, como o é o de muitos, que tem nome grande, e não são homens de grande nome nas suas acções. Não assim o aí, ou preguiça do Brasil, porque o seu nome diz, e condiz em tudo com as suas acções. É da grandeza de um cão ordinário, posto que a sua máscara, ou má cara, é fea, e assemelha mais aos macacos. É de cor cinzenta, pernas, e mãos parecidas às dos cães, excepto as unhas, que são famosas, e boas para assobios. Dificultoso me será dar ũa cabal descripção da sua preguiça: mas do modo possível darei a notícia suficiente para se formar dela algum tal, e qual conceito. Ordinariamente está deitado, e ainda quando lhe é preciso caminhar, o faz como assentado, e por modo, de quem não se pode levantar, e que tem difundido pelos nervos, juntas, e medulas algum estupor. Enquanto levanta, ou move a cabeça bem se podem rezar muitos, e mui devotos Padre Nossos, e outras tantas Ave Marias: e como se não tivera ossos, ou nervos parece não pode sustentá-la; e por isso não só lhe cae para baixo, mas ainda no levantar, ou abaixar, é a bom tremer. Os olhos, ou sempre fechados, ou sempre dorminhocos; de sorte, que parece não os pode abrir, ou está com eles cheios de somno, bem própriamente como os dominhocos, quando muito carregados de somno não podem abrir os seus; do mesmo modo* este monstro, ou para melhor dizer, ainda os tem sempre muito mais carregados com a circunstância, que é o mesmo, ainda sendo fustigado com alguma verde vara, ou corda. E se os mais movimentos não fossem homogênios, se podia

* *domo,* no original. Parece que houve um lapso.

discorrer, que não poderia olhar para a claridade por natural impedimento na vista, e olhos; mas as mais acções todas são do mesmo teor, e todas indicam a sua quase incrível preguiça. Gasta tanto tempo para levantar ũa mão, e pegar em algũa cousa, ou mover algum pé para dar algum passo, que quem é diligente no comer, tem tempo de jantar, ou cear. É enfim um monstro de preguiça, e monstro tão vagaroso, e preguiçoso, que parece, que não só não se achará semilhante, mas nem ainda termos cabaes para se explicarem os seus vagarosos termos, e intermináveis vagares. De sorte, que eu mesmo o teria por quimérico, se não o tivesse visto, e admirado por vezes, e ainda fustigando-o para ver se com os açoutes, ou acordava, ou se estava acordado, como na verdade estava, se espertava, nunca foi possível tirá-lo daquele natural letargo, e vê-lo dar um passo inteiro no espaço de meia hora, ou mais, que me detive. Quantas semanas serão necessárias para subir a algũa pequena árvore a buscar o seu sustento nas folhas da mesma? se pode inferir dos seus vagares: e naquela árvore, pao, ou qualquer outra cousa, em que chegaram a pegar, ou agarrar é de sorte, que se requer boa força para lha tirar da[s] mãos, e garras, onde dizem tem muita força. Sobe às árvores, e arbustos, e se sustenta das suas folhas. Tem carranca, e focinho de cão, e está sempre com ela caída: os seus olhos sempre carregados, e somnolentos, além da sua má cara, o fazem muito feio, e carrancudo. Os índios gabam muito as suas carnes por saborosas, e boa caça, e por isso achando-o não lhe perdoam.

Também as cotias merecem especial memória, por serem das mais excelentes caças da América. São maiores, que coelhos, e talvez sejam algũa espécie deles, ou de lebres, com que mais se parecem na grandeza; mas são *[ilegível]* gostosos do que as lebres, e coelhos. Tem famosos dentes, não só por grandes, mas por tão agudos, como navalhas, e muito duros. Daqui vem, que os índios do mato, que não tem uso do ferro, nem de algum metal, se valem dos dentes de cotia para muitos lavores, embrechados, e pinturas, que fazem muito curiosas, como as poderão fazer os artífices com a ajuda dos instrumentos de ferro, e por curiosas são estimadas dos europeus. As peles das cotias são buscadas para sapatos; e há ilhas, como é a das Onças de fronte da cidade do Pará, que se alagam nas ágoas vivas de março, e setembro, e então alguns curiosos moradores, e caçadores vão à caça delas, que por entrarem as ágoas nas suas covas, são obrigadas a nadar, e então com facilidade se matam, e fazem grandes provimentos; mas devem ter cautela em se livrar das mordeduras, e picadelas dos seus dentes. Os cães de caça não ousam investi-las, e só as obrigam a encovar-se, e então os caçadores as matam, mas se podem chegar-lhe com os dentes, vingam-se bem. Acoti é outra boa caça: são do tamanho de coelhos, mas tem as mãos, e pés mais curtos, e o corpo mais comprido, que eles: a cauda é comprida, e bem felpuda, e o focinho agudo; não só se domesticam, mas também fazem algũas bogiarias graciosas, em que imitam os macacos; e talvez sejam algũa espécie deles, porque brincam, folgam, e divertem os donos. As suas carnes, não só são gostosas, mas sadias, e por isso dão-se aos doentes.

É célebre o cochinil pela sua excelente tinta chamada do mesmo nome. Tem maior corpo, que grandes lebres; porém como não tenho vivas as es-

pécies deste bicho, e do modo de extrair a sua tinta, só faço este apontamento; para que os leitores saibam que também há este bicho nas matas do Amazonas, e possam buscar a sua descripção nos muitos autores que dele tratam:* Como também a notícia de outro animalejo tão vermelho, que, quando morto, basta chegar-lhe o pincel tocado em ágoa, para poder fazer quaesquer debuxos do mais vivo escarlate; de que só tenho ũas muito longes espécies, e por isso não o descrevo com as suas individuaes propriedades etc. Coelhos propriamente taes, não tenho notícia, que os haja no Estado do Amazonas: há porém uns bichos do tamanho, ou pouco maiores, que os ratões grandes, a que chamam arganases, e a estes mui parecidos no feitio, menos em não terem rabo, ou muito pequeno, cujas carnes são tenras, e gostosas; e tem muita estimação, especialmente no Amazonas castelhano, e Rio de Quito, aonde os chamam coelhos, e como taes os criam em páteos, ou em quintaes, como em próprias coelheiras, em que em breves tempos multiplicam muito. Os índios naturaes os tem também por ũa das suas mais regaladas caças, posto que os portugueses não fazem deles muita estimação.

Segue-se agora o arminho, símbolo da limpeza, e protótipo da pureza, e castidade. É do tamanho de um láparo, com pêlo, ou felpas mui fino e limpo. É tão amante da sua limpeza, que pela não manchar, elege o perder a liberdade, e também a vida. Por isso os caçadores para o caçarem basta lhes fazer um círculo de lodo em giro do lugar, onde anda o arminho; porque chegando ao lodo de nenhũa sorte o passará, não podendo fazê-lo de salto, mas voltará para trás, embora, que se vá meter nas mãos dos caçadores. No que dá um raro documento, e exemplo aos meninos, e meninas bem educados, que ainda que os matem, escolham antes o morrer virgens, do que macular a sua pureza no feio, e impuro lodo de algũa acção menos decente.

Não é menos notável o instincto, e arte, com que os bichos chamados maritaca iludem os caçadores, e seus contrários. Tanto que se vem seguidos, e perseguidos dos cães, lhes largam ũa flatulência (outros dizem é a sua ourina mijando-se de medo)** tão fétida, e activa, que peior, que se fosse ũa boa boa fumaça de grossa munição, os faz logo cair para a banda desmaiados. Agora se este efeito nasce de especial antepatia, ou de especial actividade de seo fétido? é questão controvertida. Não só se admira o efeito, mas o ser tão instantâneo; porque ainda que há flores, cuja fragrância é tanta, e tão activa, que fazem desmaiar, como são as açucenas pelo que é perigoso dormir em algũa câmara, em que elas estejam, contudo este efeito só é, em quem está abafado, e em alguns mais delicados, e é mais vagaroso; mas o fétido da maritaca é tão grande, que tomba, e tão eficaz, que é instantâneo. Bem sei que na Índia há um animal, a que os canarins, e portugueses chamam adibe em tudo parecido as raposas da Europa, o qual seguido, e perseguido dos cães lhes larga sua ventosidade tão pestilente, que os cães são forçados a virar o focinho; mas não é sempre, nem com com a promptidão, e menos com a eficácia de maritaca.

---

* No códice, até este ponto, riscado o parágrafo com traços verticais.

** O trecho entre parênteses está à margem, no manuscrito.

CAPÍTULO 20º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA.

Rezão é, que tenham já o seu lugar os macacos, que na verdade se fazem dignos de especial menção pelas suas divertidas macaquices, e galantes bogiarias tão semilhantes às acções humanas, que parecem ser ũa espécie intermédia entre a natureza humana, e a dos brutos. E de fato em algũas partes arremedam tanto as acções do homem, que servem aos moradores como fâmulos; e na mesma América no Reino da Flórida até vão buscar ágoa na fonte, e encher as vasilhas para o serviço de seus donos. E na África se contam vários casos trágicos de grandes monos, que apanhando algũas negras, as levavam para o centro dos matos, onde tratavam, e coabitavam com elas, como próprios maridos. E os naturaes do Brasil, e também alguns da África, dizem, que os macacos são gente, e que se disfarçam, não querendo falar para que os brancos não os obriguem, como aos índios, a remar nas suas canoas: nisto bem se vê que erram; mas diriam bem se os chamaram um arremedo da gente. Há no Estado do Amazonas as muitas espécies de macacos, por conduzirem muito os seus climas, e terras para a sua multiplicação, e vivenda; posto que não cria aqueles grandes macacões, e feios monos, de que abundam as regiões da África, e talvez muitas outras partes da mesma América. Eu não me canso em os descrever por miúdo, por serem já bem conhecidos em todo o mundo, pelos mandarem para todas as suas partes os curiosos: além de que, só se descrevem bem nas suas mesmas espécies, por se diversificarem muito, entre umas, e outras; bem que todas são tão galantes nas suas macaquices, trejeitos, e bogiarias feitas com tal destreza, e ligeireza, que deixam a perder de vista os arlequins, e bolantins mais destros, e ligeiros. Umas vezes parece, que não tem ossos pela flexibilidade, com que se movem: outras vezes parece terem asas pela ligeireza com que sobem; e assim outras habilidades todas dignas da nossa admiração. Direi por partes o particular distinctivo de cada ũa das suas espécies, *saltem** das mais conhecidas e comũas em toda a América, e principalmente Amazonas.

Sejam a primeira espécie os macacos, que chamam coatás, que são os maiores, em todo aquele Estado: e se não são parentes dos grandes monos de África por não serem tão mal encarados, não diferem muito deles na grandeza. São do tamanho de grandes galgos, e talvez alguns os excedam, e também de corpo esgalgado, ou mais fino na cintura. São pretos, e altos como os galfos, cauda, e cara de macacos; mas não feios como os monos, antes mais bonitos, que alguns pretos de Guiné, ou Cacheu. É tão meigo, e afável o coatá, que parece só lhe falta o falar como a gente, com quem se abraça como qualquer criança. Com serem tão grandes são muito mansos, e se amansam muito facilmente: nem tem aquelas investidas coléricas, com que algũas vezes se fazem aborrecidos os monos de África. Rezões todas, porque alguns curiosos preferem a todas as mais espécies de macacos para *[roto o original]*, mimo, regalo, e divertimento dos homens.

---

* Lat.: ao menos.

A segunda espécie são os macacos guaribas, cuja república mais parece racional, que brutal; e cuja vida, e instincto, mais parece discurso racional, e vida humana, que beluína. São do tamanho de um pequeno cão, pretos como azebiche, cara de moleque, muito felpudos, de pelo tão fino como veludo; e por isso as suas peles seriam óptimas para mitras de granadeiros, e talvez mais estimáveis, e apetecíveis, que as dos ursos. A propriedade porém mais notável, e admirável destes macacos está no seu cantar, ou salmear com tão bela ordem, e com tal regulamento, que parecem frades a cantar, e salmear em coro; e só lhes faltam as vozes humanas para ser omnímoda a semilhança: tanto, que o nome mais conveniente aos macacos guaribas seria o chamarem-nos coristas. Os moradores daqueles rios, quando os ouvem, logo dizem, estão os macacos no coro: e não só é tarefa de todos os dias, mas parece ser regra inviolável de manhã, e de tarde. E para não haver falência já tem horas certas, e determinadas, para em tudo se mostrarem bem regulados; e certo, ou determinado lugar mais retirado da gente; e nisto observam o Evangelho que diz: *Cum oraveris intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum**: porque a oração para ser devota, e fervorosa deve ser com todo o sossego. e retirada do rebulício da gente, e embaraço da publicidade. Chegado o tempo, e hora de coro, sobem a ũa das mais altas árvores, e mais espaçosa nas suas pernadas, e ramos, para poderem caber todos, porque andam em grandes comunidades, e as árvores, que sempre são as mesmas, são pouco copadas de folha, ou porque lhas desbastam, e alimpam por dentro, ou porque de sua natureza são menos umbrosas. A causa de escolherem estas árvores, suponho eu, é para se verem bem uns aos outros, ou para melhor observarem ao longe se vem alguns caçadores, feras, ou gaviões, dos quaes se devam acautelar, ou por ũa, e outra rezão. Sobidos todos a árvore, ou coro, pelas suas pernadas, e ramos se accomodam cada um conforme a sua gravidade e ancianidade, deixando desocupada ũa das principaes pernadas no meio da árvore, e eles todos a roda nos seus lugares tão quietos, e com tal silêncio, que se não vê, nem sente bulir, nem ũa folha. Postos neste alto silêncio, dá o mestre da capela, ou vigário do coro o compasso, que é um passeio apressado pela verga, ou pernada do meio expedita, e acompanha o passeio, ou compasso com ũa voz, ou urro semilhante a um baixão. Levantada a antífona, logo todos os mais dos seus lugares acompanham o vigário do coro com o seu canto, já levantando, e já abaixando, agora fazendo algũa pausa, ou mórula, depoes apressando mais, ou menos: ũas vozes garganteando, outras só entoando; e entretanto não cessa o vigário do coro, ou mestre da capela de dar o tom, e fazer o compasso passeando, e apressando o passo de ũa para outra ponta da pernada, enquanto dura o coro, que é por algũas horas tão bem entoado, que alguns dizem ser só ũa voz do vigário[;] ouve-se de muito longe.

Acabada a reza, ou matinada, pára o vigário do coro, e reprime o compasso com o passeio; e em continente fazem todos final, ficando em profundo silêncio por algum espaço, e ainda tão quietos, como o tem estado em todo o tempo das matinas, ou vésperas. Faz pasmar, que tendo os macacos gênio tão desenquieto, que não podem estar quietos, e sem bulir um instante, estejam neste seu coro, que dura por umas poucas de horas, com tanta quietação, e gravidade, que nunca já mais se tem visto bolir com pé, ou mão, nem ainda movimento algum de cabeça, ou corpo! O que é grande confusão

---

* Lat.: quando rezares, entra em tua cela (quarto) e fechada a porta, ora a teu Pai.

para os racionaes, e católicos, que ainda nas igrejas, e templos diante, e na presença de Deus, não só não costumam estar quietos, e calados; mas muitas vezes levantam a voz, e saem em tão descompostas risadas, movimentos do corpo, e desassossego da vista, e dos olhos, como se estivessem em algũa farsa, ou comédia no meio de ũa praça; sem atenderem, que aquele mesmo Deus e Senhor diante de quem estão com tanta irreverência, e desacato, é o mesmo, em cuja presença tremem as hierarquias do ceo, o qual com tremenda majestade, respeito, e horror os há de vir a julgar algum dia. No respeito devido a Deus nos templos são mais imitáveis os pérfidos maometanos, que nas suas mesquitas são tão reverentes, e modestos, que não só guardam inviolável silêncio, mas nem ainda ousam a virar os olhos, e menos a cabeça, para as bandas. E o que é mais, que os mesmos gentios em algũas terras da Ásia, em que há templos do verdadeiro Deus, quando querem entrar neles se descalçam, e tiram a touca; e especialmente os gentios, ainda das castas mais ilustres, quando entram em algũas casas do nosso Deus é com sumo respeito, mas com inaudito exemplo de humildade costumam varrer os pavimentos das mesmas igrejas com os cabelos da cabeça, que para isso desgrinham. Deixo de ponderar a reverência dos católicos e armênios, que não se atrevem a entrar na igreja, sem fazerem na porta a Deus ũa reverência com genuflexão, e inclinação de corpo, rosto, e boca tão profunda, que chegam ao chão; o que fazem por consideração, que as igrejas são os palácios do Rei da Glória, que neles os está vendo. Pela mesma razão, aquele grande imperador, e exemplar monarca Carlos VI não tolerava, que alguém levantasse a voz, ou metesse algũa prática nos templos, tendo destinado alguns dos seus arqueiros para servirem de espias, e vigiarem os menos cautos, e reverentes: porque os templos só são lugar de oração: *Domus mea domus orationis,** como disse o mesmo Deus. E se tanto respeito deve haver nos templos, quanto mais no coro, em que se fala com Deus? Grande documento, de atenção nos dão os macacos guaribas no seu coro, posto que sejam irracionaes! São tão concordes nas suas vozes, que alguns duvidam, se [é um só] o que canta? Mas na verdade todos cantam, como claramente se vê no grande som, e toada, que fazem: e também pela diversidade acorde, e concorde de vozes; porque uns sobem mais de ponto, e outros floream garganteando, e todos, com serem tantos, com tanto acerto, e concerto de vozes, que parecem um só.

Alguns índios costumados a comer carne humana nos seus matos, posto que façam muita estimação de todos os macacos (porque na verdade são ũa da mais excele, e gostosa montaria, não só do destricto do Amazonas, mas também de toda a América) fazem mais apreço destes guaribas; porque dizem, que tem mais semilhança, e gosto mais parecido a carne de gente. É certo, que visto qualquer no espeto, não se diferença mais na sua figura da de um rapaz, do que em ser menor, e ter cauda nem ter os pés tão formaes. As suas peles são óptimas para o cortume: e sendo com o pêlo tem muitos outros préstimos, e alguns achados de flatos, e cól[ic]as fazem delas cintas, e usam delas por bom remédio, além do bom préstimo, que podem ter (como já dissemos), para as mitras dos soldados granadeiros.

A terceira espécie são os macacos barrigudos, chamados assim por terem grande barriga *respective*** as mais espécies, que a tem mais esgalgada.

* Lat.: Minha casa é uma casa de oração.

** Lat.: respectivamente.

São pretos pardos do tamanho de um menino de poucos meses, especialmente sendo algum negrinho de Guiné, com quem tem tanta parecença; que vestidos, como alguns curiosos os trazem, só diferem em terem rabo: porque a cara, e cabeça é muito semilhante, como se vê bem, quando andam em pé vestidos com seus calções, gibão, e carapuça, que totalmente parecem uns moleques: são os barrigulos, os que mais facilmente andam levantados em pé como qualquer menino encostado a sua mãe. Tem a cauda tão comprida *par minus,** como todo o mais *[ilegível]* e bastantemente grosso: muito felpudo pelas bandas, e parte superior, e pela inferior, não só são lisos, e sem cabelo, mas muito calijados, pelo grande exercício que com ele fazem; e é tão flexível, que o podem enrodilhar, como um anel, e por isso com ele dão volta, e se dependuram nos paos, ficando de pernas acima, fazendo com ele tantos outros brincos, e meneos, com tanta, ou com mais facilidade, do que fazem com as mesmas mãos. Brincam uns com outros com tanta galantaria, como se fossem meninos, e com a mesma aparência se assentam com tal sesudeza, que causam admiração. São entre os macacos, os que mais se domesticam, e tão mansos, que parece, nem sabem morder, nem fazer algum outro mal.

Aos macacos da quarta espécie chamam [*em branco no manuscrito*] são da grandeza dos barrigudos, e de cor cinzenta, ou esbranquiçados; mas algum tanto mais altos, e compridos, que eles; e menos grossos, e barrigudos. Também fazem muitas bugiarias, mas entre os macacos são na sesudeza catões, e tão meigos, e afáveis, como os coatás, abraçando-se com a gente, e lançando os braços ao pescoço como menino, e outras habilidades de macacos. Tem porém um vício, ou ruindade, que os faz menos estimáveis, e é comerem-se a si mesmos os rabos principiando pela ponta. Não se sabe se por fome, se por especial gosto, que acham na sua mesma carne, ou se por tristeza, e melancolia? E em começando, não há mezinha azeda, nem azíbar amargoso, que os retraa do vício, o que causa admiração, porque naturalmente hão de sentir grandes dores. Símbolo mui próprio dos amancebados, a quem não retraem, nem as dores, que sentem nos remorsos da consciência; nem as picadas dos temores da morte, e prenúncios do inferno, nem os males, que muitas vezes contraem, nem os dispêndios, que necessariamente hão de sentir na bolsa, e na fazenda. Não sei, quaes sejam mais brutos, se estes disgraçados, se os macacos? O que sei é, que estes como brutos não sabem o que fazem: aqueles porém sendo homens, não podem alegar ignorância em viver como brutos.

Os macacos da quinta espécie são os que chamam de prego, e são entre todos os mais divertidos, pelos seus muitos brincos, macaquices, e bogiarias em que são tão agéis, que parece não tem ossos, mas constarem só de arames, e serem de engonços: de sorte, que em destrezas, e ligeirezas dão sota, e ás aos mais destros, e ligeiros volantins. Em Bragança houve ũa menina de muitas habilidades, entre as quaes era ũa o ser tão flexível, que se virava para trás, não só até o chão, como fazem muitos, mas até meter a cabeça por entre as pernas, e falar com os circunstantes de espaço; e ainda virar o pescoço, e cabeça para diante, e falar com muito sossego: habilidade ver é rara entre homens! Mas a respeito dos macacos de prego, não tem que admirar: porque já se viram, e já se dobram; já se fazem em um novelo, e já se estendem em muitas outras macaquices com rara ligeireza, e destreza. E na verdade que alguns fazem algumas habilidades tão notáveis, que se pode duvidar, se neles obra mais o diabo, se a natureza? como eram, as que

---

* Lat.: pelo menos.

eu mesmo admirei em um destes macacos, de quem tinha ouvido cousas galantíssimas. Deram-lhe um tição de fogo comprido mais de palmo, e quase todo em brasa, em que pegou o macaco pelo pé, ou bocado, que tinha sem fogo com tanta alegria, e gozo, como se lhe deram o mais gostoso mimo. Principiou logo a brincar com ele muito contente, já chegando-o à boca, e narizes, como quem cheira ũa flor: já pondo-o no chão, deitar-se sobre ele, virando-se, e revirando-se sobre o mesmo, como em ũa cama mui macia: já correndo-o pela cabeça, lombo, e barriga; e de quando em quando tornando a chegá-lo aos narizes, e cheirá-lo; e à boca assoprando-o, para que não se apagasse: e nestas galantarias continuou por grande espaço até que finalmente se apagou de todo o tição, e então como enfadado o lançou fora, sem que em tanto espaço queimasse um só cabelo. Deram-lhe segundo tição maior que o primeiro, e com ele renovou as mesmas galantarias até se apagar esfregando-o, volvendo-se, e revolvendo-se em cima dele, como se estivera em ũa cama de flores, ou bem acamadas, e muito deliciosas rosas.

O seu grande, e vivo instincto mostram [bem] em arremedarem a gente, e acções humanas tanto, que já houve morador, que não era ousado fazer cousa alguma, que um o não imitasse de ũa janela fronteira, em que estava; do que enfadado o homem fingindo, que se fazia a barba, e se cortava o pescoço, atirou com a navalha ao macaco, que fazendo o mesmo se degolou. Mais galante foi a macaquice, que exibio outro na vista, e presença de um Pontífice, que por estar já com as agonias da morte, ainda que com todos os seus sentidos, entraram os familiares com ânsia a lançar mão, do que mais lhe agradava. Vendo o macaco tirar tanta alfaia, correo também ele a participar do espólio, e pegando na tiara pontifícia a pôs na cabeça, e ficou muito ufano, e grave com cuja vista deu no moribundo um tal fluxo de riso, que com a veemência de tão alegre paixão vomitou uma postema, e ficou bom. São galantes os meneos, que fazem, quando lhe chegam ũa fumaça de cachimbo; como também enganando-os com algum papelinho bem embrulhado com algũa boa pitada de tabaco: porque o desembrulham com tanto cuidado como qualquer pessoa, e logo vão a cheirá-lo, e chegá-lo ao nariz, e chegando-lhe o tabaco fazem tantas caras, e taes visagens, que é um entremez. Certo boticário enfadado contra um, por lhe fazer na botica ũa grande avaria, pegou em um pao para o castigar; o que vendo o macaco fogio para o quintal, e sobio com ligeireza a ũa árvore: mas vendo, que o dono saía com ũa espingarda para o matar, desceo com muita presteza, e pegando em uma tampa de boceta de marmelada, que ali achou, a embraçou como escudo, ou broquel contra o dono, que não podendo reprimir o riso, perdoou-lhe o crime: e são inumeráveis os casos, em que mostram o seu grande instincto, ou juízo. Há várias espécies destes macacos de prego, uns são grandes como cães, outros menores como gatos, e outros ínfimos, que são os mais ordinários. Mas todos tem a mesma galantaria, excepto, que os pequenos por pequenos não são tão aptos para andarem a cavalo em cães, como os maiores; porém são mais hábeis para saltarem, e dançarem diante dos donos, ainda quando estes vão de passeio, o que fazem com muita destreza. Todos os desta espécie, assim maiores, como menores, são os mais feios de todos os macacos na cor, e ruim pêlo, que é de cor ruça.

Aos da sexta espécie podemos chamar barbados, porque tem ũas, senão venerandas, ao menos compridas barbas, semilhantes às dos barbadinhos. Parece, que neles trocou a natureza com os índios as sortes: porque tendo estes a cara, e barba lisa, e desbarbada, ou deslavada como as mulheres; tem

os macacos barbas, e boas barbas. E posto que estas os façam feios, como fazem aos homens, não se pode duvidar, que na república macaquice são eles os mais respeitados; porque em matéria de barbas desbancam aos mesmos barbadinhos. No mais são semilhantes aos de prego, tanto nas habilidades, como na grandeza, e cor parda puxando à ruça. Antes que passemos a tratar dos saguins, julgo necessário dar algũa notícia desta república dos macacos em geral, além da referida distinção nas suas mencionadas espécies; porque ainda restam algũas suas propriedades dignas da História. Seja a primeira a sua grande economia de sempre viverem em comunidade, e com esta mesma união juntos buscam as suas comedias, caminhando de ũa para outra banda dos rios em grandes bandos, sem jamais se dividirem, e apartarem uns dos outros, antes esperando uns pelos outros, e ajudando-se mutuamente. E se por algum incidente se vem obrigados a dividirem-se, e separarem-se, por serem assaltados de algum caçador, fera, ou gavião, ao depoes dão seus signaes, e gritos para se tornarem a ajuntar, e unir, e se esperam para irem sempre de sociedade, e companheirismo, embora, que nunca ouvissem aquele *ve soli** do grande sábio Salomão. A segunda especialidade, também imitável, dos macacos é o grande amor, que tem aos filhos, e o modo de os crearem, enquanto pequenos; e a grande caridade natural, e providência para com os velhos. A primeira se admira em buscarem o bocadinho mais mimoso, e tenro para darem aos filhos, e em nos trazerem às costas, não só quando caminham, mas ainda estando de assistência em algum lugar, ou andando pelas árvores buscando de comer. E os filhos de tal sorte se abraçam com os pais que ainda quando estes saltam de ũas árvores para outras, não caem, nem largam: e se os pais morrerem, nem por isso os filhos ficam desamparados, por tomarem logo outros conta deles, embora que nunca fossem seus padrinhos, e como se os perfilhassem, os tratam como a filhos próprios. Vê-se esta sua providência ainda mais claramente nos domésticos; porque apanhando os índios, ou brancos algum filhinho, e trazendo-o para casa, onde já tem manso algum grande, logo este o toma a seu cuidado, e põe às costas, se ainda precisa deste auxílio, e ajuda. A mesma caridade usam com os velhos já ministrando-lhe a comida, e já carregando com eles às costas.

A terceira singularidade é nas suas comedias, que ordinariamente são fructas, ou grão; e muitas vezes dão em algum milharal, e fazem grande destroço; por gostarem muito do milho grosso. E tanto nesta, como nas mais comedias põe suas atalaias, ou sentinelas, que sobem a árvores altas para descobrirem o campo, e vigiarem se vem algum inimigo, o que fazem com grande instincto: e vendo algum contrário, logo com um grito avisam aos sócios, e todos se põe em seguro, podendo, como acima dissemos da república dos papagaios, que também usam da mesma cautela. A quarta propriedade é a lembrança e natural piedade, instincta pela natureza dos seus defunctos, os quaes choram, e pranteam, como se fossem racionaes, melhor do que fazem as choradeiras em casa de algum defunto. Por saber deste seu costume, aquele insigne varão apostólico, e venerável Padre José de Anchieta, ilustre ornamento da Companhia de Jesus, a quem o Brasil deve as tão desejadas pazes com os índios, que andavam em cruéis guerras com os portugueses, indo-se meter entre os índios, expondo-se à morte pelo bem da Pátria; e na verdade que muitas vezes o quiserem matar, de que milagrosamente o livrou a Santíssima Mãe de Deus, como se lê na vida de tão admirável

* Lat.: *ve* ou *vae soli*: ai do que está só!

missionário (todas as vezes que fazia viagem com os índios, e estes lhe pediam de comer, chamava pelos macacos, porque todos os brutos, e feras, e bichos lhe obedeciam) os quaes vinham logo em bandos, e encomendava aos índios, que matassem quantos lhe eram necessários, o que faziam sem os macacos fogirem, e depoes de providos os índios, mandava aos macacos, que chorassem a seus irmãos, e lhe fizessem as exéquias, e últimas honras, o que faziam levantando o choro, e os gritos por muito tempo. A quinta singularidade é a indústria, de que usam para passarem, e atravessarem os rios de ũa para outra parte. É o macaco um dos raros animaes, que não nadam ordinariamente como os homens, o que é por causa do seu instincto, e fantesia, que lhe representa o perigo; e esta viva apreensão os enche de tal pavor, e medo, que os faz desanimar, e naufragar; o que não tem os mais animaes, por não conhecerem o perigo. Para suprirem esta falta usam de ũa admirável indústria, para passarem os rios, e as ilhas de ũas para outras partes, que é escolherem algũa grande árvore nas margens do rio, que querem atravessar, a que deite algum ramo sobre o mesmo rio, e se acham algũa outra correspondente na outra margem, melhor o que tudo fazem com rara providência, e eleição, tomando bem as medidas pelo compasso de seu desmedido instincto. Sobem pois por esta árvore, buscam o ramo, e dele com muita ligeireza, em que são insignes, saltam para a outra fronteira. E se o rio é largo, e as árvores distantes usam de outra indústria; e é sobirem ao mais alto da árvore, e ramo, que cae para o rio, e nele se dependura pelo rabo algum mais valente e neste se pega outro, e outros até fazerem ũa grande cadea, ou corda de macacos pegados uns nos outros; assim dependurados se vão embalançando pouco a pouco de ũa para a outra banda, e ganhando espaço a modo de vai vem, até a última ponta da corda, que é o último macaco, chegar a agarrar-se com as mãos na árvore da outra banda do rio; e assim que este pode bem segurar-se, larga *[roto o original]* outro, e de repente fica toda a corda de macacos da outra banda. Deste modo fazem outra, e outras cadeias conforme o bando até passarem todos para a outra banda: e os que por velhos, ou pequenos não podem dependurar-se, e segurar-se nos outros, passam por cima da corda, como por ũa ponte, antes do primeiro largar; e assim se ajudam uns a outros com tanta união, e uniformidade, como se fossem racionaes: e talvez que tenham entre si maior união de vontade, e conformidade de afectos junto com Oconomei, do que muitas vezes tem os homens!

Por estas raras habilidades, e vivo instincto, não só se domesticam bem, e com facilidade, mas também aprendem bem quanto lhe ensinam; e por isso em algumas partes se servem deles para trazerem ágoa da fonte para casa, além de outros muitos ministérios, em que fazem as vezes de moleques segundo a sua capacidade. Do seu vivo instincto, e habilidade tiram os índios, e dizem, que eles são gente, mas que fingem, e fazem tolos por não remarem: isto se entende dos grandes, como os coatás, e grandes monos da África; porque os das espécies pequenas não tem forças para o trabalho. Todos se põe em pé como gente, e tendo algum encosto, também caminham em pé, e ainda sem ele o fazem os já costumados. Todos são excelente caça e mui gostosa montaria, ainda que os europeos ordinariamente os não comem, pela semelhança, e aparência que tem com a gente. Para os caçarem usam de

muitos modos: o mais usual é à frecha; outra occasião boa para os pilhar é quando se apanham na passagem de algum rio, [como] acima falamos: porque basta dar-lhe alguns gritos, e vaias acompanhadas de acções, de quem lhes quer atirar, para eles logo se intimidarem de sorte, que caem no rio, aonde com facilidade se apanham. Outro modo, e mui fácil é nas roças, e sítios, em que há milhos, armando-lhe laços mui fáceis desta sorte. Põe cabaços, ou vasilhas bem seguras, e com algũa porção de milho dentro, e pôr-se em cilada esperando por eles. Tanto que os macacos vem ao milharal, como esmerilhadores acodem às vasilhas, e sentindo o milho dentro metem a mão, ou as mãos, a provarem-se; e então de repente os assalta o caçador, e os macacos não podendo tirar as mãos cheias de milho, por ser para isso o buraco, ou boca da vasilha estreito, nem tendo ânimo, e liberdade para abrirem as mãos, e largar o milho, ou pelo inesperado assalto do caçador assustados, ou por brutal ambição, que bem mostram nesta tenacidade da rapina, não podendo fugir, se deixam prender do caçador: neles se simbolizam mui propriamente os usurpadores do alheio, e ladrões, que por não quererem largar o [mal] ganhado, ou havido, se deixam perder, e prender do caçador infernal.

Também são, e pertencem a república dos macacos os saguins de que também há muita variedade, e muitas espécies: há maiores do tamanho de macacos de prego da segunda espécie, há medianos um pouco mais pequenos; e há ínfimos como láparos. Uns são louros, e com a figura de leão tão própria, que parecem leõezinhos, tanto na perspectiva do corpo, como na cor, e bem lançado da cauda: e só na cabeça, e rosto tem algũa diferença, pela falta das jubas leoninas, que estes macaquinhos não tem: antes em lugar de[las] tem cara bem feita, e bonita; e na testa, ou fontes suas entradas, que lhe dão muita graça e a mesma cabeça, e orelhas são bem feitas, e lindas. Outros são pretinhos, e muito azebichados, e felpudos; mas com o cabelo, ou felpa tão fina, como veludo; e posto que nem na cor, nem na calda, e felpa sejam parecidos com os leões, como os louros; nas melenas da cabeça tem um muito vivo arremedo dos mesmos leões, por lhe fazerem uma como coroa majestosa, e agradável; e com rezão são dos mais lindos, e estimados na república macaca, e os trazem no seio os curiosos. São do tamanho de láparos, e alguns há tão pequeninos, que se podem fechar em ũa mão. Há muitas outras variedades destes macaquinhos, e de outras cores, e todos fazem suas bogiarias, como os grandes, quanto cabe na sua possibilidade com as mãos, e pés mui semilhantes aos da gente. Muitos fazem grandes diligências para os trazerem para Europa, onde se estimam tanto, que há curiosos, que logo a primeira vista oferecem, e dão por cada um 10, e 12 moedas. Mas ordinariamente morrem nas viagens, ou por estranharem as ágoas corruptas dos navios, ou os frios; porque são os animaes, que mais o sentem, tanto, que ainda na mesma América, com ser tão cálida dormem de noute uns muito unidos com os outros, para melhor se aquentarem. São raros, os que chegam a Europa, ainda trazendo-os no seio, ou como muitos os trazem, em uns pequeninos cubos, ou cestos com algodão, nos quaes os metem, e neles dormem. A espécie dos saguins brancos ainda tem mais galantaria pela sua cor: no mais são em tudo semilhantes aos pretos, e do mesmo tamanho; mas são mais raros.

CAPÍTULO 21º*

CONTINUA A MESMA MATÉRIA.

Há outra espécie de macacos muito especial, e por isso digna da História; não me lembra o nome próprio. Tem ũa muito grande felpa desde a cabeça até os pés mui semilhante a dos chamados cães de ágoa. A sua cor é parte parda da cor dos macacos de prego, e parte branca, as quaes duas cores melhor se explicam com a semilhança do hábito dos Terceiros de São Francisco. A cara é diversa do macaco de prego em não ser tão redonda, e semilhante à do homem, mas mais comprida e o queixo debaixo mais beiçudo, e comprido semilhante ao dos cães ingleses. O falar, ou mais propriamente zurrar, é mui parecido ao urnear do burro: é mais sesudo, e sério, que os macacos de prego; mas é um rico feitio, e por isso mais estimado: grande, como um cão mediano. Na boca do Rio Madeira há abundância. Outra espécie dos mais galantes na república dos macacos é tão pequena, como um rato, ou pouco maior. O rabo, ou cauda não é comprido, mas curto, como o de cotia: é de cor parda matizada de preto, que lhe dá muita graça: mas o que o faz mais admirável é a sua viveza, tal, que parece tem azougue nos ouvidos, e nunca sabem estar quietos; e por deles se pode dizer — *Stare loco nescit*.** Entre outras habilidades, que tem uma é, que sabem catar cabeça, como qualquer rapaz, que o faz bem; porque gostam muito dos piolhos. A espécie, a que os naturaes chamam acoti puru é de pés, e mãos tão curtas, que parece andam de rastos: são mais compridos, do que grossos segundo a proporção. Comem cacau, e mais fructas; e quando apanham aranhas, tem nelas o mais regalado pratinho. Saltam de ũas árvores a outras com tanta destreza, e ligeireza, que mais parecem pássaros a voar, do que macacos a saltar. Talvez, que o pêlo destes seja o contraveneno das aranhas,***

CAPÍTULO 22º

DAS PRAGAS MAIS ESPECIAIS DO AMAZONAS.

Se no Paraíso Terreal, com ser um jardim de deleites, creado, e formado para regalo dos homens, houve ũa venenosa serpente, que com o seu

---

* O número do capítulo era 3º, emendado para 21 com tinta forte.
** Lat.: Não pode estar quieto ou no mesmo lugar.
*** Segue em branco a metade inferior da página do códice.

mais que pestífero veneno inficionou a todo o gênero humano não é muito que também o paraíso do Amazonas sendo um tesouro de riquezas seja inficionado de serpentes, e outras pragas em tanta maior cópia, quanto é mais copiosa, que o mais mundo a sua fertilidade: que não estão isento os jardins de serem habitados de dragões, nem as mesmas flores livres de serem abocanhadas por sevandivas! São estas a maior praga do Amazonas, para que também nos insectos se mostre a grande fertilidade do seu terreno; a maneira do Egipto, que sendo ũa das mais férteis regiões, é a mais abundante de veneno: *muita venena in Egipto.** Descreverei algũas pragas do Amazonas, para que também não fiquem sem algum lugar nas Histórias, as que o tem nos mais viçosos jardins.

Mecuins sejam estes os primeiros, visto que por serem os mais pequenos bichinhos, que na república das sevandijas se admiram, merecem a primeira atenção para a cautela. Digo, que são os mais pequenos não porque ignore outras muitas espécies tão minutas, que não bastando a vista mais de lince para os divisar se vale do instrumento do microscópio para os sentir, de que também adiante faremos algũa menção; mas porque no Amazonas são estes entre os visíveis os mais pequenos. Há várias espécies destas sevandijas, brancos, pardos, e outros: os mais ordinários são vermelhos. Vivem pela relva, e talvez pela mesma terra, tão humildes, como rasteiros, andam pelos pés de todos, porque a todos se humilham. Nos pas- *[roto o original]* o seu couto, onde nem o sol com os seus raios os abrasa, nem as chuvas os afogam, nem os ventos, e frios lhes dão abalo: quanto são mais pequenos, tanto vivem mais livres de contrários porque quanto cada um é mais humilde, tanto menos inimigos tem! Nas mesmas vilas, cidades, e mais povoações há muita cópia na erva, e relva, que nasce nas ruas, e praças de sorte, que se pegam ao calçado, e vestidos talares dos viandantes, e por eles entram no corpo, e sobem às mãos, braços, e rosto, onde com as suas pequenas mordeduras causam ũa grande comichão, nem vale para a apagar toda a diligência das mais bem crescidas, e menos aparadas unhas. Ordinariamente se não divisam pelas sua pequenhez, se não pela comichão; os que porém tem boa vista chegam a divisá-los, como a ponta da mais subtilíssima agulha, vendo, que se bolem, e movem; porque estando parados ordinariamente não se percebem. Onde porém se deixam mais ver, não pela grandeza; mas pela multidão, é nas galinhas, e pintos; porque se lhe ajuntam nas pernas, e muito mais na cabeça em tanta cópia, que lhes fazem um círculo em roda do bico, e pestanas, para que também os piolhos tenham nas picadas destes animalejos penas mais sensíveis, do que naquelas, com que a natureza os veste! Porém com o costume já se não fazem tão sensíveis; e por isso os naturaes, e connaturalizados pouco caso fazem dos mecuins: não assim os reinóes, e novatos, que usam de vestido talar, pelo que em se recolhendo a casa, logo mudam os vestidos; e quando se vem nimiamente molestados, se lavam com ágoa ardente, que logo os mata, o mesmo efeito faz a ágoa quente.

Há uma espécie maior, e mais avultada, de que fala o Padre Gumilha no seu *Orinoco ilustrado*, cujo veneno é tão activo, e tão penetrante, e subtil, que penetrando com muita brevidade os poros do corpo, inficiona a massa do sangue, e mata sem remédio. Digo sem remédio, porque ategora não se descobrio o seu antídoto. Matam não com a mordedura, mas com o contacto do seu mortífero humor: de sorte, que basta esmagar algum no corpo, ou com os dedos para logo aquele humor penetrar dentro, e matar. Por isso

* Lat.: no Egito (existem) muitos venenos.

quando algum se pega, ou salta no corpo, ou vestido, não se há de esmagar, mas assoprar-lhe, e afugentá-lo, o que é fácil; porque não são tão pegadiços como os mais mecuins, posto que são mais ligeiros, e por isso vão saltando, quando caminham. O mais admirável é o instincto do gado vaccum, que pasta nos mesmos pastos, em que anda esta praga; porque vão assoprando os bocados, que vão comendo de sorte, que antes de pegarem no feno, ou erva, lhe dão um assopro, com que afugentam estas sevandijas. Suponho, que o mesmo fazem os mais gados, se é, que por aqueles pastos andam outros gados: porque ordinariamente não apascentam mais gado, que o vaccum. Esta praga é rara no Rio Amazonas, e seus estados, que a ser tão frequente, e numerosa, como as mais, faria pouco cobiçosas as suas matas; posto que estas se comuniquem com as do Rio Orinoco, onde há quantidade como refere o citado Padre Gumilha, o qual lhe chama.*

Tombura, a que os portugueses chamam bichos dos pés, é outra praga do Amazonas, tanto mais enfadonha, quanto mais caseira. São como ũas pequenas pulgas, diversas porém no feitio, e na cor: nesta, porque são pardos; naquela, porque são redondos, nem saltam, como as pulgas. Metem-se pela carne dos animaes, e da gente com mais destreza, do que piolho por costura; e dentro, cousa de meia cabeça de um dedo, fazem ũa cova, onde em um fole cria os seus filhos. Este fole é do tamanho de um grão de milho grosso, e não é outra cousa mais, que a barriga do mesmo tombura, cuja cabecinha só deixa fora do fole, com que vai comendo a carne. Deste fole, ou barriga quando já na sua consistência, saem em grande multidão os filhos e cada um se vai inclinando para sua parte furando a carne, e fazendo sua cova, e fole: e assim se vão multiplicando de modo, que chegariam a comer, todo o corpo, não acodindo a tirá-los com tempo, e curar as feridas, o que é fácil. São bichos caseiros, como as pulgas. A sua admirável habilidade está na sua grande subtileza; porque não só furam a roupa, mas também a carne quase meia cabeça de um dedo, sem se sentir. E muitas vezes só se sentem depoes da creação do seu fole inteiramente repleto, e completo; e quando então já se sente, é como um espinho, cuja dor é tão tênue, e doce, que se por uma parte molesta; por outra parece alivia: donde nasce, que só se adverte neles, quando já grandes, e ainda então sentindo-se a moléstia, não se conhece o lugar. Busca-se em ũa parte e ele está na outra; busca-se em um dedo, e ele tem a sua cova em outro: e alguns buscam-se muitas vezes primeiro que se divisem, e quando se divisam, parecem como a ponta de um alfinete preto no interior da carne. Tiram-se com a ponta de ũa agulha, ou alfinete, abrindo antes caminho para poder caber, e sair todo aquele fole. O que mais custa é abrir a brecha para desalojar aquele inimigo caseiro: também tem algũa dificuldade o despegar a pelicula do folezinho da carne, por estar muito unido com ela. Porém é ũa dor não só tênue, mas suave; a destreza, e mestria toda está em não quebrar a pelicula do fole, mas tirá-lo inteiro, para que não fique algum filho, ou semente dentro: porque torna a crescer, e multiplicar como o primeiro. Depoes de bem limpa a brecha, e cova, se cura com sarro de cachimbo, ou com tabaco, o qual também mata algũa semente se ficou dentro. Alguns também escaldam a ferida com ũa pinga de azeite bem quente. Nas lógeas, e casas térreas há mais abundância, especialmente havendo descuido em alimpá-las, e varrê-las. Os que andam descalços estão mais sujeitos a esta praga, porém são, os que menos experi-

* Assim termina o parágrafo no manuscrito.

mentam os seus efeitos, por se banharem, e lavarem repetidas vezes no dia; e assim não lhes dão lugar a entrar, antes se algum bichinho quer entrar, logo o sentem e tiram: além de que como tem os pés mais duros, e calejados, sentem os bichinhos mais dificuldade a entrar. Os que sentem mais os seus efeitos são, os que andam calçados; porque o mesmo calçado serve de refúgio aos bichinhos para com mais segurança abrirem as suas brechas. A parte, que mais buscam são os pés, e daí tomam o nome de bichos dos pés; e nestes, o que mais buscam são os dedos; ainda que algũas vezes também entram pelas mãos, e corpo, porém são mais raras.

Bernes são outra espécie de bichos mais raros, mas maiores, e mais pestilentes. São brancos, ou esbranquiçados: entram também pela carne, e tão subtilmente que não se sentem. Dentro se vão sustentando com dor pouco sensível, e quanto mais se vão enchendo, tanto mais vão inchando a parte de sorte, que chegam a fazer um grande inchaço sem signal algum de bicho. Por isso, quem não sabe desta praga, e não tem experiência, sentindo estes inchaços, quer curá-los como taes modificando-os com lenitivos; e quanto mais (mais) os curam, mais crescem; porque sempre vão em augmento. Os cães, e mais animaes são mais sujeitos a esta praga, e se os donos não tem cuidado de os vigiar, e curar, não só emagrecem, mas também morrem, não lhes valendo a sua medicinal língoa. E não obstante crecerem até a grossura de meio dedo (e mais, se os deixam) o buraquinho por onde entraram, e sempre conservam, é tão subtil, que nem se vê, nem se percebe. Porém, conhecido pelos práticos, espremem com força o inchaço, até o bicho lançar fora a cabeça, na qual com ligeireza pegam com as unhas, e o puxam para fora; porque ainda que grossos se estendem, e adelgaçam. Tirado o bicho, se cura facilmente a chaga, como qualquer outra ferida, ainda que *ad cautelam** lhe metem, e põe alguns o sarro de cachimbo, depoes de bem limpa a ferida, ou tabaco mascado. O signal para o conhecerem é, quando os inchaços não obedecem a cura algũa, antes vão crescendo, nem se divisa algum dos signaes, que ordinariamente tem as mais nascidas.

Bicheiras. Visto irmos falando na bicharia inimiga dos corpos; tem aqui o seu lugar as bicheiras, que são ũa das maiores pragas do Amazonas, muito sujeito a elas pelos seus grandes calores. Originam-se de qualquer ferida, e as vezes basta ũa pequena arranhadela, ou picada de vareja. Criam-se pois na dita ferida bichos, que pouco a pouco vão crescendo, multiplicando, e augmentando-se de sorte, que se não lhe acodem, em breves dias se vão estendendo por toda a carne, e tiram a vida, comendo da mesma sorte os corpos vivos, que fazem aos cadáveres, e carnes podres, por serem a mesma espécie de bichos. E desta sorte matam os animaes, e gados, não os curando ao princípio, quando ainda tem remédio; que sendo já a bicheira, grande, e chegando a comer as entranhas, ou a fazer grandes covas, já então não tem outro remédio, que a cova. Eu prescindo agora, se esta bicharada, que se cria dentro da cute, se origina de algũa semente de algum outro animalejo, como algũas vezes succede nas carnes tocadas das moscas, que nelas põe varejas; ou *[ilegível]* cedem da sangueira podre, e carne corrupta, como parece nestas bicheiras, e nos cadáveres enterrados? porque ainda os filósofos não se ajustaram neste, e outros pontos. O que admiro é a brevidade, com que se criam, e multiplicam! porque em poucos dias crescem em tanto número, que parecem formigueiros. Vi eu algum novilho, a quem as cordas, que o seguravam pelas

---

* Lat.: por precaução.

pontas, junto destas fizeram ũa roçadura, em que por inadvertência saltou ũa bicheira, que em poucos dias o comeo todo, e parecia o animal, que todo ele se convertera em bichos. Tem porém fácil remédio, quando lhe acodem com tempo. Primeiro: assim, que se divisa a bicheira por algum sangue podre, que vai manando da ferida; e pela grande comichão que causa, se purifica a ferida de toda a sua bicharada, carne, e sangue podre, e depoes de bem limpa, se lhe mete bastante sarro de cachimbo, ou tabaco mascado. Por isso os vaqueiros, e os que tratam de gados, tem sempre à mão provimento deste remédio; porque o gado vaccum é o mais sujeito a estas bicheiras; as quaes o mesmo gado cura, quando pode chegar-lhe com a língoa: da mesma sorte os cães não tem perigo nestas bicheiras, a que chegam com a língoa. Segundo remédio: em lugar do tabaco, ou na sua falta, usam alguns de cal, ou malanguetas pisadas. Terceiro[:] do esterco do mesmo gado posto em cima da ferida por modo de emplasto; e assim outros as curam com outras mezinhas, e para mais segurança lhe atam algum pano.

Sendo porém o Amazonas sujeito a esta, e outras muitas pragas, pela sua grande humidade, e calores, causará admiração aos leitores o saber, que não consente o seu clima as pragas mais usuaes, e comũas na Europa, como são pulgas, e percebejos. De sorte, que se admira por cousa rara, quando se vê algum, ou alguns percebejos, como na verdade algũas vezes se vem, ainda que tão raras, que bem se pode dizer, não há esta praga no Estado do Amazonas, sendo tanta, e tão molesta, na Europa, que só ela basta para inquietar o sossego de ũa casa, especialmente no verão, que é o seu próprio tempo: e sendo todo o tempo verão no Amazonas, não reina lá esta peste. Há porém nos matos uns bichinhos, que lançam de si um fétido mui semilhante ao dos percebejos, e se faz muito sensível aos passageiros: mas não consta, que façam outro mal. Quase a mesma falta há de pulgas; e com mais admiração, que não se habitando as casas por alguns dias, se criam nelas tanta cópia de pulgas, que andam aos montes; sendo porém habitadas, e frequentadas as casas desaparecem logo, sendo o mesmo entrarem os moradores em ũa casa, que saírem delas as pulgas, ou morrerem todas em poucos dias. Daqui vem, que os brancos naturaes da terra não sabendo, que cousa são pulgas, e hospedando em suas casas alguns reinóes na chegada das frotas, de que saem com grande provimento para terra, vendo-se mordidos delas, e cuidando serem corrimentos e comichões causados dos maos humores, se tem posto nas mãos dos médicos procurando com purgantes, e sangrias expelir a fervescência das pulgas, que finalmente com o clima da terra em pouco tempo se desvanecem, e morrem.

Outra praga caseira do Amazonas são as baratas; e posto que estas sevandijas pertençam aos voláteis, de que logo trataremos, contudo por serem domésticas, tem aqui melhor lugar. São bem conhecidas na Europa, aonde também se criam, posto que muito raras: não assim no Amazonas, aonde é tal a sua multidão, que parece serem aquelas terras a sua própria terra, e amada pátria. Chamo-lhes caseiras, porque se criam em casa, nem querem nada dos matos; porque os calores, e chuvas não lhe fazem bom cabelo: nas casas sim, onde de dia estão muito quietas, e sossegadas pelos buracos das paredes, e gretas das táboas, mas chegando a noute, quaes morcegos saindo delas, procuram a sua vida. E se as casas são velhas, ou não estão bem rebocadas, são nelas tantas, que parecem enxames, a sair das colméas, e cobrem as paredes; fazem porém pouco, ou nenhum damno aos moradores; porque não mordem, ou se mordem, não são muito sensíveis. Com o que mais

molestam, e se fazem aborrecidas, é com o seu fétido, ou catinga pouco agradável ao olfato[;] também são molestas de noute, especialmente nas ruas, voando ũas, e outras, e desacomodando a gente, não só com os vôos, mas principalmente com as suas carreiras, que, pousando nos vestidos, dão por eles, pela cabeça, cara, e cachaço. O maior damno, que fazem, é roerem os papéis, pastas de alguns livros, e vestidos: são perdidas por tinta de Nan Kin, e tanta achem nos tinteiros, como chupam; e logo a largam em cima de papéis, ou livros, estando perto; por isso havendo aquela se deve cobrir, e encobrir a elas; e para maior cautela ter bem livres delas livros, e papéis de importância. São porém um grande regalo, e gostoso manjar dos pássaros, se lhe chegam, *praecipue** a pintos, e galinhas: e por isso com elas alguns moradores criam as suas criações, apanhando em grande número, [ou] innumeráveis em frasqueiras, e caixas velhas, em que se recolhem de dia, e voam pouco, talvez por não verem, senão de noute. O modo melhor de ter sempre as casas limpas desta praga, e imundícia, é tê-las sempre rebocadas, e caiadas; porque tanto mais livres estão desta peste, quanto mais lisas, e caiadas. Da mesma sorte tendo as salas, e câmaras expeditas de trastes, e madeiras velhas; ou tão justas, e unidas, que não possam entrar pelas junturas: porque taes trastes velhos etc. são covil, e ninho delas; e quando alguma aparece, dar-lhe logo caça, o que alguns fazem bem com uma tesoura; porque não são muito espantadiças; esperam bem o golpe, por serem já afeitas à confiança. Deste modo conservam sempre limpas as suas moradas os cidadãos, o que é dificultoso, quando elas se tem apossado, e multiplicado: mas ainda então, se há cuidado, e diligência se extinguem, especialmente dando-lhe caça como alguns, que bastantemente as perseguem.

Há outra espécie de baratas, a que chamam ralo, que ainda que não sejam caseiras, são mais damnosas. O feitio é o mesmo, ou quase o mesmo das baratas ordinárias; excepto em serem mais pequenas: e assim como as domésticas nunca saem das casas, assim estas nunca entram nelas; mas vivem sempre pelas hortas, e quintaes, sustentando-se da hortaliça, não da rama, e folhas como fazem muitos outros animalejos, mas das suas tenras raízes. Para isso vivem, e andam sempre como toupeiras, por baixo da terra, que lavram em canaes, os quaes logo se conhecem, por terem a terra levantada à maneira dos das toupeiras; e por estas estradas encubertas chegam às raízes da hortaliça, e roendo aquelas, fazem secar estas. O que vale aos hortelões, e donos das hortas é, querer esta praga não só ralo, no nome, mas também rara por pouca, donde se segue, que sentindo-se algum, logo se mata.

Bagre dos livros são uns bichinhos pequenos, bem do feitio do peixe bagre, e da mesma cor; só lhes faltam as espinhas, e como bagre tem duas barbas tão compridas, como todo o mais corpo, senão mais, e tão flexíveis, que as meneam, como querem. Não são próprios só do Amazonas, porque também em outras regiões, e na mesma Europa, especialmente em paredes frescas, e de barro, onde vivem da umidade a qual acabada, morrem: não assim no Amazonas, aonde são caseiros, e innumeráveis; e vivem ainda nas casas mais secas, e lavadas dos ventos com tão grande damno, e prejuízo dos livros, e toda a casta de papel, que merecem bem o nome de praga, e das mais pestilentes do Amazonas, quando *aliunde*** são bichinhos innocen-

---

* Lat.: particularmente.

** Lat.: em outro lugar.

tes, por não fazerem algum outro mal aos moradores. Todo o mal, que fazem é aos livros, e papéis: e mal tão grande, que principiando ordinariamente na primeira laude, e na primeira folha, os vão furando, e comendo até a última letra, e folha até os acabarem de todo, comendo só o papel branco, e não tocando nas letras. Daqui vem, que deixam os livros inteiramente perdidos; porque põe as suas folhas a modo de renda; e feitas um crivo de sorte, que ficam inúteis para o uso, e só úteis para o fogo. E desta sorte destroem, e deitam a perder não só os jogos inteiros, e caixões de livros, porém também inteiras livrarias, se não há quem trate delas: e o mesmo risco tem todas as mais obras de papel; nem as mesmas bíblias, breviários, e estampas por mais sagradas, que sejam escapam da sua destruição. E não só comem todo o papel, mas também todo o grude, que leva massa; *immo** esta é a primeira víctima da sua voracidade. Por estes efeitos merecem bem estes bichinhos o renombre de letrados, e doutores; porque toda a sua vida gastam em versar, e folhear os livros; e por isso de muita literatura, dando um grande quinao nos homens, que apenas no dia abrem algũa vez um livro; e como estes são os mais, com razão se pode dizer, que mais gasto dão aos livros no Amazonas os bagres, do que os homens. E se os livros são tesouro, que enriquecem aos seus leitores; porque tudo ensinam, especialmente os espirituaes, que ensinam o caminho dos Divinos Mandamentos, pelos quaes se chega à posse do tesouro do Céo; naquele estado são os livros tesouro desprezado dos homens, e tesouro muito estimado e prezado dos bagres, que deles tiram bom proveito, embora que não tirem fruto. O remédio pois de livrar os livros, e manuscriptos desta praga é o usá-los, e manusiá-los, folheando-os a meúdo, batendo-os, sacudindo-lhes o pó, e matando de quando em quando os bichos; porque só desta sorte se conservam manuscriptos, livros, e livrarias.

CAPÍTULO 23º**

DA PRAGA VOLÁTIL DO RIO AMAZONAS.

Ainda é mais abundante de pragas voláteis o Amazonas, e bastavam estas para serem muitas as suas pragas, ainda que não tivesse outras: porque é tal a cópia, variedade e malignidade destas pragas voláteis, que se pode questionar quaes sejam mais: se as folhas das árvores do seu tão vasto bosque acima de 1 000 légoas, ou se os seus mosquitos? se as areas das suas

---

* *Imo* ou *immo*: adv. lat., *antes.*

** O número do capitulo 23 está antecedido do ordinal 22º, com tinta forte.

extensíssimas praias, ou se os voláteis pestíferos, que produz pelos seus lodos, e lagos? São nuvens, e nuvens estes voláteis; nem para se explicarem basta qualquer comparação, que não seja a da chuva miúda, porque parecem chuveiros[.] Nascem, e criam-se estas sevandijas dos muitos lagos, ágoas empoçadas, e podres, que ficam pelos matos enlodados, [e] as imundícies, e podridão da muita folhagem, que continuamente caem das árvores, e levam as enxurradas. Seja pois a primeira praga, a que entre os voláteis é a mais pestilente, posto que é mais miúda, que os mosquitos meruins, de que há várias espécies. Os mais ordinários são do tamanho de ponta de alfinete com asas proporcionadas a sua pequenhez. São pardos, ou esbranquiçados. Onde mais habitam é nas matas, lodos, e praias do salgado: de dia, nem signal dão de si, mas em anoutecendo saem em tanta multidão, que parecem chuveiros sobre os navegantes, e passageiros: e tem tal astúcia, que não só accometem a cara, mãos, cabeça, e toda a parte, que acham descuberta, mas metendo-se pelas aberturas dos vestidos envestem ao peito, braços, pernas, e todo o corpo; de sorte, que só algum bom, e bem tapado toldo poderia impedir, não todos, mas algũa parte deles. Mas como os exorbitantes calores não permitem taes toldos, porque abafam, ficam eles sem obstáculo para accometerem a sua vontade, posto que morram, como mosquitos. A sua mordedura causa um tal fogo, e comichão, que não bastam quaesquer unhas por mais crescidas, que sejam para as modificar, ainda que cocem até fazer sangue. São trabalhosas as viagens do salgado pelas más noutes, que fazem passar estes mosquitos meruins: quem mais o paga são os pobres índios remeiros; porque como andam, ou nus por mais expeditos nestas viagens, ou quase nus, porque só com camisa, e calções, que parecem ũa rede, não tem mais remédio, que sofrê-los, se vão remando; e se a canoa esá parada por causa de algũa espera de ágoas, ou baía, que temem passar de noute os procuram evitar de algum dos modos seguintes.

O primeiro é deitar a canoa bem para o largo, se não há medo dos mares, ou quando não pode ser, armar as redes, e ranchos nas praias, quanto mais perto da ágoa melhor, onde corram bem os ventos, porque estes os levam, e mergulham no mar. O segundo é, quando não há essas praias, ou não correm os ventos, fazer, o que fazem os índios, que se enterram na area, deixando só de fora, para respirarem a cara, ou narizes, e ainda estes com algum pano por resguardo. Terceiro é fazer fogueiras à roda, e dormir entre elas, porque antes de chegarem à gente, ou se queimam no fogo, ou se afogam no fumo; e assim usam outros de outros remédios, que posto que não livram de todo, sempre evitam grande parte. Verdade seja, que nem sempre, nem em toda a parte há a mesma multidão; porque nas praias de area são menos, e muitos nas praias de lodo, e por entre os mangaes são inumeráveis; mas esta abundância só é na occasião das luas, donde vem, que nas mesmas paragens, em que ũas vezes são inumeráveis, outras não aparece um só. Também parece, que são viventes de um só dia, porque saindo de noute dos charcos, e mangaes para o mar, nele finalmente caem, e morrem afogados; e contudo no seguinte dia em anoutecendo saem outros tão numerosos exércitos: o que parece não pode ser de outra sorte senão por nascerem cada dia, e impelidos dos ventos vem a acabar a sua breve vida na ágoa, de que se formaram, tendo por sepultura o mesmo lugar, que pouco antes fora berço do seu nascimento.

Há outras espécies destes mosquitos meruins maiores, ou menores; mas os maiores são, os que ategora descrevemos tão miúdos como pontas de al-

finetes. Há outra tão miúda, que nem se vê, nem se acham, mas só se sente a sua comichão, e o fogo, que causam as suas picadas: esta espécie há também em algũas paragens de ágoa doce, e nas matas do Amazonas, mas não são em tanta cópia, como os naturaes do mar. Todos assentam, que esta grande comichão, que causa a sua mordedura é puro veneno, porque de outra sorte se não faria tão sensível: da mesma sorte, que a mordedura dos quase invisíveis mecuins, de que falamos no capítulo antecedente. Tem também a propriedade dos mais mosquitos em acudirem à luz, onde morrem tantos, que na occasião das luas nas suas paragens se enchem as candeas desta imundícia de modo, que pela manhãa se não divisa o ferro. Piuns é outra espécie de mosquitos maiores, que os referidos, e também mais pestíferos: tanta é a sua peçonha, que deita a muitos na cova! São do tamanho, e feitio dos mosquitos do vinho, cuja semilhança é mais própria de pequenas moscas, do que de mosquitos; e também como moscas andam de dia, e não de noute. São ao contrário dos meruins, porque estes vivem nas partes do mar, e os piuns no centro dos matos, e sertão do Amazonas, e mais rios de ágoa doce: contudo, nem por isso a sua picada tem algũa cousa de doce. Há duas espécies mais conhecidas. Ũa tem a cabeça parda, e são menos nocivos: outros a tem avermelhada, e tanto são mais lindos, quanto mais pestilentes. A sua picada também causa algũa, e assaz sensível ardor, mas levantam empolha; e os mordidos tenham paciência, que para não escandalizarem a parte não devem coçá-la *sub poena** de maior damno, qual é a inchação, que logo se segue: de sorte, que a alguns põe as pernas, braços, ou cara, aonde morderam, como odres de inchedos; e se não acodem a sangrar-se, corre perigo a sua vida. É pois a sangria o remédio eficaz para as picadas dos piuns, e já depoes de bem sangrados não há perigo, ainda que tornem a ser picados. Por isso alguns brancos, que andam por entre eles, e ordinariamente são só, os que vão aos sertões a fazer as colheitas, assim que sentem o veneno pela inchação, logo se mandam sangrar, e daí por diante já não fazem caso do seu veneno, ainda que a picada sempre é molesta, e levanta empolha, mas já sem perigo de vida.

Os índios salvagens tem muita desta peste nos seus matos, e aldeas; e como eles andam nus são mais expostos as suas picadas. Para as evitar usam de remédios preservativos, quaes são untar-se de pés a cabeça com algum óleo dos muitos, que tem nos seus matos, e alguns deles com grande, e desabrida catinga; mas é tão eficaz, que os mosquitos fogem dele, e os que chegam o pagam com a vida, caindo logo mortos; ou seja pelo fétido da catinga, ou por vertude do óleo; sendo que como o corpo é tão calijado, porque endurado com o sol, e chuva, e por isso mui semilhante ao dos animaes, não pode abrir neles muita brecha esta mosquetaria. Pelo contrário succede aos brancos, e por isso os menos sofridos estilam cobrir o rosto com caraças, ou más caras, como também as mãos, e mais corpo, quando vão às coheitas do sertão.

Morosoca é a terceira espécie pestilente do Rio Amazonas, mas a sua peste está só na picada, e dor muito sensível, que causam; não são porém venenosos, como os sobreditos. A semelhança é dos mosquitos ordinários, algum tanto maiores, pernas grandes, e tromba comprida, em que tem tal força, que passam, e trespassam qualquer pano por mais grosso, e tapado, que seja. A sua picada é tão activa, e penetrante, que parece ũa lancetada;

---

* Lat.: *sob pena.*

não só porque logo tira sangue, mas por fazer fogir, e comprimir o corpo. Faz admirar, como um bichinho, que parece ũa lama, e tão mole, que com qualquer toque se esmaga, tenha tal força na sua tromba, que parece ũa lanceta; e se acertasse a picar em ũa veia poderia fazer ũa sangria! É bem verdade que esta praga morosoca não é em tanta abundância como outras, que a ser tanta como a peste dos meruins nas suas paragens, seria intolerável, especialmente para os índios, e aos mal enroupados. Também só presegue à boca da noute, e pela madrugada, ou quando há luar: mas no dia claro, e pelas trevas da noute estão retirados; e nas mesmas paragens, em que andam havendo cuidado de lhes fechar as portas, e janelas, não entram em casa. Não são espantadiços, como outros mosquitos, onde pousam, aí param até se encher de sangue; e por isso é fácil o despique aos picados por eles, o qual esperam a pé quedo, sendo que morrem com qualquer leve toque. As suas paragens são regularmente as campinas ao pé de lagos, de cujos lodos nascem e geram no tempo das vazantes.

A terceira espécie de mosquitos do Amazonas são os que chamam carapaná muito parecidos à morosoca, menos em não ser tão forte, e activa a sua picada: também são algũa cousa menores, e por isso totalmente parecidos aos mosquitos ordinários da Europa. São estes a maior praga, que mais propriamente se pode chamar praga do Amazonas: porque os meruins são mais propriamente do salgado na foz do rio: a morosoca é em maior cópia nos lagos das campinas: o carapaná porém é praga de todo o Amazonas; pois em todo ele o há em mais, ou menos quantidade conforme as margens, e o tempo, por não serem em todo o tempo com a mesma abundância. O seu próprio tempo é nas vazantes do rio, de que se infere; que se originam, e geram das ágoas empoçadas, e do lodo das praias. E nestas vazantes são tantos, como chuveiros, os quaes a maneira de ladrões, saem a boca da noute, quase repentinamente, a correr o rio. E assim como aqueles de súbito saem das emboscadas a assaltar os caminhantes, do mesmo modo os carapanás assaltam as canoas, e saltando nos passageiros fazem o seu emprego com tal coragem, que além de lhe darem muito que fazer, não só os obrigam a levar toda a noute em vigia, mas em um contínuo desassossego, dando-se bofetadas por picados ainda os mais pacientes, se não usam de algum resguardo: com a advertência, que só no Amazonas, e rios, que chamam de ágoa branca, há esta praga; e não nos rios colateraes, que chamam de ágoa preta. Chamam os naturaes ágoas brancas às do Amazonas, Madeira, e outros, que correm enlodados: e ágoas pretas às dos rios, que correm, e tem praias de areia, como são quase todos os mais, que de um, e de outro lado correm a encorporar-se no Amazonas.

Daqui vem, que só no Amazonas, e mais rios de ágoa branca, pela vizinhança do mesmo Amazonas, há grande abundância desta praga, tanta, que os pobres índios amanhecem nas canoas tão picados de pés a cabeça a maneira, dos que se levantam de ũa boa camada de bexigas. E o peior é, que fazem a sua pela calada, por não avisarem antes de acometer, como fazem os da Europa; mas assaltam de repente, e assim como não tocam os seus clarins para marchar ao assalto, tão bem nunca tocam a retirada, porque se deixam matar sem fugirem, nem bolirem consigo. Nos lugares, em que há povoações, são menos, e já por acostumados os moradores não fazem caso deles poucos: não assim quando navegam, porque como então acometem como chuveiros, armam os brancos seu toldo na popa com algumas chitas, e pelas não poderem passar, ou penetrar os mosquitos, por isso os passageiros dormem sossegados; não assim os pobres remeiros, que aturam as picadas

descubertos. Nas cidades, vilas, e mais povoações antigas ordinariamente não há estas pragas, e só há alguns mosquitos dos ordinários, como na Europa, de que se não faz caso, e mais molestam com a sua fina cantilena, do que com a picada de sorte, que não há melhor meio para evitar estas pragas, do que povoar-se a paragem, em que as há: porque pouco a pouco se vão diminuindo, ou seja por se cortarem os matos à roda, e os ventos, que correm os afugentam: ou porque o fogo, e o fumo os consomem de todo: porque levados e enlevados com a formosura do fogo e luz, a buscam intrépidos, ou atraídos, e nele acabam queimados vivos. Não há, que fiar em formosuras, que matam, quando atraem, e só aos que fogem não queimam! Estas são espécies de mosquitos mais frequentes e conhecidas no Amazonas; mas não são só estas as suas pragas, porque ainda restam muitas.

Seguem-se agora outras pragas, tanto mais avultadas, quanto são maiores as moscas, que os mosquitos. Não falo das moscas mais ordinárias, e conhecidas; porque essa praga não é só do Amazonas, mas de todo o mundo, tanto mais molestas, quanto mais atrevidas, pois delas não se isentam ainda os mais nobres palácios, e recôndidos gabinetes: só tem a diferença, que na Europa só reina esta praga no tempo da primavera, e verão, morrendo com os frios do outono, e rigores do inverno; no Amazonas porém, como sempre é [verão], sempre há moscas. E posto que a sua picada seja das mais toleráveis na república dos voláteis; contudo é entre todas a peior praga, por ser praga caseira, e doméstica, porque as mais são pragas externas, e de fora, nem são de todo o tempo.

Varejas são ũa espécie de moscas do mesmo feitio, que as ordinárias, mas muito maiores de sorte, que cada ũa tem duas, ou três das ordiárias; e também a sua picada é muito mais sensível, ainda que o seu peior efeito não é tanto a picada, quanto a sua imundícia, e grande multiplicação de bicharada, que dela se origina. São o maior contrário, que tem as carnes, e peixes secos; porque quando se põe ao sol acodem logo as varejas, e delas se originam os bichos, e destes logo a corrupção, e podridão: e como no Amazonas são tão necessárias as carnes salgadas, e secas, que são um dos seus maiores contratos; por isso o remédio para as livrarem das varejas é o porem-nas a secar, enquanto bem frescas, e com bastante salmoura; porque as varejas só acodem, quando já vai tendo algum cheiro a carne morta, mas não enquanto fresca. Das mesmas varejas se originam ordinariamente as bicheiras, de que acima falamos, ainda nos corpos vivos nas feridas, em que há algũa matéria, ou sangue podre, a que acodem logo as varejas, delas se gera a bicharada. Também não são só do Amazonas estas pestíferas moscas, porque tão bem as há na Europa, e Ásia, mas na Europa são menos, e no Amazonas são praga, e praga de todo o tempo, como dissemos das moscas ordinárias; e ainda haveria mais, se também moscas, e varejas não tiveram seus contrários, que delas vivem, como são os pássaros, e morcegos, e multidão de aranhas, que se criam pelos matos.

Mutucas são outra espécie de moscas de peior qualidade, que as já numeradas, e com a diferença de serem mais chatas, e espalmadas, e terem as asas algum tanto mais largas. A sua picada é de lanceta, que logo tira sangue, e tão penetrante, que passa, e repassa qualquer vestido. Há várias espécies de mutucas. Quatro* são as mais conhecidas, e ordinárias, todas pouco de cobiçar. A primeira é pequena do tamanho das moscas ordinárias, mas chata. A segunda é preta, e quase do mesmo tamanho. A terceira é ama-

* : 4º no manuscrito.

rela, e maior. A quarta é verde. A mutuca preta é em maior abundância, e a que mais frequenta o Amazonas, preseguindo os navegantes, não tanto os brancos, que andam vestidos, quanto os índios remeiros pelo discurso do dia; para que assim como de noute tem os despertadores dos carapanases, também de dia tenham os aguilhões das mutucas. Por esta causa se preparam os índios, que vão ao sertão com ũas vassourinhas de cipó, ou abanos de palma, com que lhe dão em cima, quando pousam, para as afugentar. Digo quando pousam, porque nunca são em tanta quantidade como a praga dos mosquitos. Outros não se cansam com levar leque, mas com as mãos lhe dão ũa boa palmada, e as deixam esmagadas: porque assim elas como todas as mais pragas voláteis do Amazonas em pousando a nada mais atendem, que a encher-se; e por isso esperam bem a pancada. E para fazerem tiro não avisam primeiro voando como as moscas, mas estão nas folhas, e árvores das margens, donde inesperadamente acometem os remeiros, que navegam chegados a terra, e ou *[ilegível]* fazer a sua sangria, ou hão de ficar mortas, como ordinariamente succede, na empresa. Mutuca amarela quase é tão inimiga da gente, como a sobredita; porque como esta não se satisfaz com menos, com beber o sangue, dos navegantes; mas são mais raras, como também a mutuca pequena. A mutuca grande é do tamanho de grandes varejas, da mesma cor, e também mais chatas, e do feitio das mais mutucas: e assim como são maiores, também a sua picada é maior, e tanto maior, que fazem ũa sangria. A quem mais acometem é ao gado vaccum, e cavalar, os quaes sentem tanto a sua lancetada, não obstante a grossura dos seus couros, que as vezes exasperados com a dor, desabafam em furiosas carreiras pela campina: e cegam-se de tal sorte estas mutucas, quando picam, que não bastam os açoutes das caudas dos cavalos para as fazer fugir, em quanto não se fartam de sangue. O mesmo fazem à gente, mas descarregando-lhe ũa boa bofetada, pagam com a vida o seu atrevimento.

A mutuca porém principal, e que merece mais distincto nome entre as da sua república, é a mutuca verde, de tanto respeito, e autoridade entre as mais mutucas, que se não é a sua rainha, sem dúvida é o seu corregedor. Tem a grandeza das abelhas da Europa: o feitio mais é de mosca, que de mutuca; porque não é chata, mas bem feita. A cor é verde, como as cantálidas, e talvez seja alguma espécie de cantálidas do Amazonas. Todas as outras mutucas desaparecem, fogem, e se escondem à sua vista: a razão não se sabe, mas pode-se conjecturar, que é antipatia; porque basta aparecer ũa onde andam enxames das mais mutucas maiores, que elas, para logo moscarem, e desaparecerem todas, quando bastaria qualquer delas para lhe resistir; e daqui vem, que muitas vezes desaparecem grandes bandos quase de repente, sem se saber a causa, que só descubriram alguns curiosos. Manifestou esta experiência um viandante a outros companheiros, quando fazendo ũa parada para descansarem, e tomarem algum alento as cavalgaduras se viram acometidos de tantas mutucas que nem os cavalos podiam pastar, nem descansar os cavaleiros; e por essa causa antes queriam proseguir a jornada. Tirou-os deste intento um experiente, que estava na comitiva, dizendo-lhe, que aquela inumerável multidão de mutucas só duraria, enquanto por ali não aparecesse algũa mutuca verde, a cuja presença todas desapareceriam: pouco tardou a prova; porque chegando ũa mutuca verde, que primeiro se deu a conhecer pelo susurro, logo ao seu som moscaram as mais, sem esperarem a sua correição. E com serem tão temidas estas verdes das mais, não consta, que elas piquem, ou molestem os passageiros, e navegantes; o que clara-

mente se vio nesta occasião, porque logo se puseram a pastar as cavalgaduras com muita quietação. Basta esta sua propriedade para não (não) se contarem no número das pragas, mas antes serem estimadas dos homens, como antídoto *[roto o original]* e annumeradas à república dos viventes mais profícuos à natureza humana; e como taes se deviam procurar fazer domésticas, especialmente estendendo-se a sua antipatia a desterrar a praga dos enfadonhos mosquitos. Porém a disgraça é, que sendo tantas as pragas de mutucas nocivas, sejam tão poucas as verdes; porque os bons ainda entre os animaes são raros, do que se segue serem as taes pragas intoleráveis em muitas paragens, por falta de corregedor, que fazendo-lhe correição as intimide com a sua presença, e castigue o seu atrevimento com perpétuo desterro das margens, e matas do Amazonas.

CAPÍTULO 24º*

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA.

Já é tempo de entrar a praga das cabas, ũa das peiores do Amazonas, e entre as voláteis, as que mais avultam. São ũa espécie de bespas, mas mais terríveis, que as da Europa, e tão terriveis, que causam febres, e frios. E não só são praga dos matos, e brava; mas também doméstica, das povoações, e caseiras; porque as há dentro daquelas, e destas. E se os moradores não entendem com elas, não fazem mal; mas se as ofendem, elas sabem se defender, despicar, e vingar. Há várias espécies de cabas; as mais ordinárias, são pardas com asas pretas: estas são as que habitam nas casas; e fazem o seu ninho por modo de casulos pendentes de um pezinho mui delgado, mas bem forte. Neste casulo fazem outros à maneira de nichos bastantemente fundos, regularmente até doze. Dependuram-nos pelas biqueiras das telhas de sorte, que as chuvas os não damnifiquem; ainda que dela não fazem caso outras, e por isso os fabricam por cima das mesmas telhas: e se acham buracos suficientes nas paredes, como dos andaimes, nelas fazem tantos ninhos, quantas são as cabas, que ordinariamente andam em bandos, ou enxames. E não havendo vigilância nas casas, pouco a pouco vão entrando para dentro, e fazendo os seus ninhos pelo tecto, e forro com grande incômodo dos moradores: porque as vezes caem abaixo, e a qualquer tope dos pés, ou mãos, logo dão a sua picada tão penetrante, e de tão agudas dores, que fazem ver as estrelas, ainda que seja ao meio dia, seguindo-se logo à picada a inchação grande: e posto que a dor não dure muitas horas, a inchação

---

* O número do capítulo 24 está antecedido do ordinal 23º, com tinta forte.

dura dias; e basta ũa picada para fazer inchar toda a mão, ou face. Se elas corressem [a mesma mísera] fortuna com as abelhas, que largando o ferrão, morrem, não seriam tão atrevidas; mas tanto não morrem, que antes ficam mais contentes por despicadas. Não são só caseiras, mas também dos matos, em cujas árvores formam, e dependuram os seus casulos; e se alguém passando por baixo toca neles, despedem logo como raios contra o incauto, e as vezes o vão seguindo, quando fugindo procura evitar o despique, até lhe pregarem o aguilhão; mas em o pregando, e encravando ũa vez, se dão por satisfeitas, e não repetem a ferroada. Há vários remédios contra estas picadas, como são untar a ferida, e inchação com azeite: pôr-lhe em cima cera dos ouvidos, e outros; mas todos são fracos remédios: dizem, que o melhor é ir logo ourinar, e faz passar a dor.

Tatu caba são ũa espécie de cabas negras, cuja picada, além de grande inchação, custa frio, e febre. Chamam-se tatu caba, porque fazem os seus casulos com semelhança de tatu: tatu é ũa espécie de porcos do mato pequenos com o focinho muito agudo, e o lombo muito levantado: assim mesmo são os ninhos destas cabas, e por isso lhe chamam caba de tatu. Esta espécie é mais rara, que a serem tantas como as que já dissemos se fariam intoleráveis aos moradores: porém, além de serem mais raras ordinariamente não vivem nos povoados, mas nos matos. Mais bravas ainda que estas são as de ũa espécie chamada topi caba: porque são tão bravas, que bolindo alguém nos seus ninhos, ou entendendo com elas, o vão seguindo, e perseguindo até lhe tirarem o sangue. Também causam, além de agudas dores, inchação, e causam ũa grande febre. Há outra espécie de cabas negras, que é a maior de todas; porque são tão grandes como um bom dedo índice: e se as outras espécies sendo incomparavelmente mais pequenas causam frios, e febres, sobre agudas dores, que dores, febres, e frios, não causarão as desta grande espécie? isso poderão discorrer os leitores sabendo, que o seu aguilhão melhor se explica comparando-se a um sovelão de ferro, do que ao mais duro espinho. Tem porém o singular predicado de serem juradas inimigas das aranhas cranguejeiras, outra terrível praga do Amazonas, de que adiante falaremos, às quaes assaltam, e matam dando-lhe uma, ou duas ferroadas. Há muitas outras espécies de cabas pequenas: ũas do tamanho de moscas com um olho em cada asa: outras maiores, que mosquitos; e todas causam grandes dores, e inchação com a sua picada. São quase todas estas espécies do mato. Há muitos modos de as matar. O primeiro é com algodão na ponta de um pao, e bolindo com ele no casulo, logo o assaltam, e embaraçando-se no alg[od]ão, dão tempo a pôr-lhe o pé em cima: é bom modo, mas nas casas, e lugares, onde há abun[dância] é muito vagaroso; porque, além de escaparem muitas, só acabam ũa a uma. Melhor é a indústria do fogo, atando um facho de pindoba na ponta de um pao, e chegar-lhe de repente a lavareda, da qual poucas escapam. Só tem o contra, de que não se pode usar este eficaz meio de as extinguir em todos os lugares, e casas, pelo perigo de incêndio. E [a] melhor mestria é a de visco na forquilha de alguma vara, que investem e ficam presas; de cujo modo se matam, sem nenhum obstáculo, aos centos, cortando-as pelo meio, ou decapitando-as com ũa tesoura. Depoes da[s] cabas, moscas, e mosquitos deviam também contar-se no número das pragas, outras inumeráveis espécies de voláteis, que posto não sejam tão nocivos, como os referidos, também pouco, ou nada tem de profícuos a natureza humana; e só servem de ornato ao mundo pela variedade, pois não menos se compõe de ũas, que de outras creaturas. Entre estas espécies tão

bem fazem sua figura ũa espécie de mosquitos inocentes, quase tão pequenos, como os meruis; que acima descrevemos. Chamo-lhe inocentes, porque não fazem outro mal, que meterem-se pelos olhos, ou atraídos da beleza, que nestes se lhes representa, ou por natural simpatia; mas a sua inocência não os incita a morder, picar, ou fazer algum outro mal. O seu maior exercício é andarem dançando em grandes nuvens diante dos olhos dos caminhantes, e as vezes tão perto, que causam a estes algum tal qual impedimento; e por isso se vem obrigados aos ir enxotando de quando em quando; sendo que eles talvez por lhes lisonjearem a vista, vão fazendo adiante estas suas danças: porém nem sempre as lisonjas são bem vistas, e de receber!

As borboletas são tantas, e de tantas espécies no Amazonas, que não menos o fazem divertido, que abundante: ũas brancas, e tão alvas como neve: outras vermelhas, já de carmesim, já de púrpura: como veludo estas; aquelas salpicadas a maneira de cravos: roxas umas, outras azueis; e finalmente de tantas cores, quantas produzio a natureza, e inventou a pintura. Há ũa espécie de borboletas amarelas, que frequentam muito as praias dos rios em tão numerosos, e inumeráveis bandos, que fazem amarelizar as mesmas praias, onde quase sempre pousam; ou porque nelas buscam algũa lambujem, com que se sustentam, ou porque a elas vão beber. São todas as borboletas não só sustento, mas também regalo para muitos pássaros, que as caçam. Por outra parte se fazem muito estimáveis pelas suas belas cores, e mansidão, que dos voláteis são os mais inocentes. Os índios por mui propensos a agouros também os tem com as borboletas, ou com algũa das suas espécies: pelo que, quando algũa lhe entra em casa, ou voa perto, ou por entre eles, quando estão divertidos, logo ajuízam tem hóspede brevemente. E já a seu exemplo muitos brancos acreditam o mesmo agouro, sendo que pela multidão, que há de todas as espécies maior admiração pode causar o não entrarem todos os dias, do que o entrarem alguma vez pelas casas. Mas o certo é, que os agouros sempre, ou muitas vezes saem certos, ou por indústria do diabo para enganar aquela rude gente, ou porque succedem acaso. O mesmo agouro tem com os bisouros, de que há abundância no Amazonas, e de muitas castas. Entram eles também algũas vezes nas casas, ou voam por entre os circunstantes, e destes vôos fazem os índios seus agouros. Porém o peior incômodo destas sevandijas é acudirem de noite à luz, emnamoradas da sua beleza, ou envejosas da sua formosura; e por isso quando algũa lucerna está patente, acodem a ela tantas sevandijas, que pela manhã se acham mortas em grande quantidade, apagando muitas vezes as luzes, e deixando aos circunstantes, senão às boas noites, às escuras: mas como a enveja é o maior verdugo dos envejosos, às suas mesmas mãos morrem infelizmente, porque só ũa disgraçada morte é pena proporcionada, [aos] que envejam luzes alheias.

Merecem especial menção muitos outros voláteis com algũa semilhança de grandes moscas, mas com sua diversidade no feitio: porque são mais grossas, e mais curtas. Podem chamar-se caseiras; porque vivem também nos povoados, e nas mesmas casas; mas não são tão confiadas como as moscas, e mosquitos, por se contentarem com as paredes de fora, onde fazem as suas casinhas, ũas em buraquinhos, que fazem; e outras em forninhos de barro feitos com toda a perfeição, sem serem oleiros. A maior admiração está na mestria, com que criam a seus filhos nestes forninhos; porque, assim que põe as ovas, vão buscar bichinhos, que metem dentro, até encherem o ninho, ou casulo; e logo vão buscar barro, com que o tapam, e depoes se ausentam

talvez a ordenar novas casas para os futuros filhos, que para aqueles já está dada a providência necessária. Os bichos, que metem dentro não são tanto para sustento dos filhos, quando nascerem, como para chocarem, animarem, e vivificarem as suas ovas; e quando delas nascem os filhos, abrem estes os casulos, ou vem os pais abrir-lhos, quando pelo natural instincto sabem é tempo deles sairem dos ninhos. Os mais que fazem buraquinhos pela parede, também os enchem do mesmo modo, e depoes entaipam. São todos estes voláteis inocentes, pois nem mordem, nem desacomodam os moradores; e só causam algum leve prejuízo nas paredes, que facilmente se evita, caiando-se.

Quero já acabar a descripção das pragas voláteis do Amazonas, não por não restarem ainda tantas por descrever, que seria um nunca acabar, o querer dar notícia de todas elas, ainda que mui sumária, no breve mapa da nossa História; mas porque sobejam as apontadas, para que os leitores acabem de conhecer, que o Amazonas em tudo se faz acredor dos títulos de abundante, rico, e grande: e para que a narração de tantas sevandijas, e o desabrido das suas pestíferas qualidades não nausee o gosto dos leitores, rematarei esta descripção com a das abelhas; que só elas sobrepujam para adoçar, e dulcificar os dissabores, que os mencionados voláteis costumam causar, e para fazer apetecer aos leitores aquelas terras, como os israelitas apeteciam aquela, da qual disse Deos, para exprimir a sua bondade, e abundância, que manava leite, e mel — *terram fluentem lacte, et melle* — por ser tanta a abundância, e tão grande (senão mais) a bondade das terras do Amazonas, como da Terra de Promissão; porque não só são abundantíssimas de tudo, o que é útil para a vida humana, mas desentranham-se em dulcíssimo mel, com que deleitam, e fazem sempre gostosa a seus moradores a sua perene abundância. Disse senão mais: porque é tão excessiva a sua bondade, que não só dentro dos seus matos tem mel, mas também dentro da mesma terra o há em abundância, no que excede à mesma Terra de Promissão. São quase inumeráveis as diversas espécies de abelhas, que há no Amazonas, e nos mais rios, que o enriquecem com as suas ágoas. Direi só três espécies. A primeira chamam os naturaes iruçu, que quer dizer grande [mel], e verdadeiramente merece o nome de grande, não só pela grandeza dos favos, e grande abundância deles, mas pela qualidade do mel, que em si é excelentíssima, de que muito gostam os paulistas, não só para tempero do palmito, pratinho, que muito estimam, mas para as coalhadas, e leites; e também para o comerem as colheradas por sobremesa. O cortiço destas abelhas é ũa grande casola, que fazem dependurada, ou pendente de alguma grande árvore, e dentro desta casola fabricam a sua lavoura de cera, que é muito boa de sabora, e de mel. Para tirar o mel é necessário cortar a árvore, o que custa caro, porque as abelhas em ouvindo o primeiro golpe acodem em enxames a proibir o corte; e posto que o não conseguem, contudo preseguem os trabalhadores tão vivamente com aguilhoadas, que provam ser verdadeiro o dito, ou ditado, que caro custa, o que bem sabe: é bem verdade, que também elas experimentam em si bem a seu pesar o infalível deste ditado; porque lhe custa a vida o despique, que tomam, dos que desfructam o doce trabalho da sua indústria; mas com morrer vingadas adoçam as amarguras da própria morte.

A segunda espécie chamam os naturaes tocana ira[;] dão-lhe este nome, porque os favos que fabricam estas abelhas, ainda que grandes tem muita parecença com o bico do tocano. É mel mui claro, cheiroso, e dulcíssimo;

como testificam os que o tem gostado. A cera é muito amarela, e óptima para velas, curando-a primeiro: fazem estas abelhas o seu mel em paos duríssimos como jotaimirim, pao mui precioso por ser muito fino, de excelente lustre, e cor; em havendo algum *[ilegível]* é certo ter, não só um, mas mais enxames; nunca porém se tira este mel, e cera, sem custo do machado, pela dureza do pao joataí. A terceira espécie é de ũas abelhas, das quaes não me lembra o nome, que lhe dão os naturaes. O cortiço destas abelhas é a terra, a que penetram cousa de três palmos de fundo, e lá laboram a sua cera; sabora, e mel, que é muito bom. Da sua bondade me certificou ũa pessoa fidedigna, que ũa occasião o comeo indo servindo de guia a outro homem ignorante daquele país; e chegando a paragem chamada salgado, ou perto dela, acharam dous negros cavando a terra com empenho, e perguntados, que faziam responderam: queremos tirar mel. Mel da terra! disse um dos dous, que era novato reinol, e se pôs como pasmado a ver, e a poucos passos começaram os negros a tirar favos de mel, dos quaes deram ao guia, e ao novato reinol, que comeo bastante, mas do que mais gostou foi da sabora com ser azedíssima, por ter ouvido, que era bom remédio para o mal francês. Custou-lhe porém caro, porque toda a noute esteve ansiado gritando com agudas dores por todas as junturas, e amaldiçoando de quando em quando o saborá; mas depoes de passada a trevoada das dores ficou são como um pero. Saborá é um licor azedíssimo, de que estão cheios os muitos favos mais imperfeitos, que os favos de mel, e deste licor azedíssimo é, que as abelhas fazem dulcíssimo mel. A cor da saborá é a mesma, que a do mais fino jalde. Pedia a rezão dizer agora alguma cousa de outros inumeráveis voláteis, que enchem os [ares], assim pelas praias, e margens, como pelos matos do Amazonas, tão impercetíveis, que só se distinguem pelo microscópio; mas fiquem reservados para outro tempo. Tão bem não dei mais individual notícia das abelhas, porque, além do sobredicto, nada mais tem de especial, que não tenham as da Europa, aonde são bem conhecidas, e ainda pelo vulgo bem sabidas as suas singulares qualidades, instincto, e mais propriedades, que tratam vários autores.

CAPÍTULO 25º*

DAS SEVANDIJAS TERRESTRES DO AMAZONAS.

Pasando já das voláteis as pragas terrestres, tem o primeiro lugar os carrapatos: são estes de muitas castas, e de muita diversidade na grandeza, mas todos pestilentes. Há uns tão miúdos, como as mais miúdas pulgas, e

* O número do capítulo 25 está antecedido do ordinal 24º, com tinta forte.

há deles tanta abundância pelos matos, onde estão em pinhas uns sobre outros, que basta qualquer destas pinhas para cobrir um caminhante de pés a cabeça. Estão estas pinhas pegadas, e por baixo das folhas, nas quaes tocando os caminhantes logo principiam a mexer-se, qual formigueiro, quando lhe tocam; e posto que os caminhantes não parem, sempre apanham ũa tal porção, que quando reparam se acham com os vestidos cheios, pelos quaes vão subindo até a cabeça, e insinuando-se pelo corpo, se apegam a carne causando com a sua mordedura ũa boa comichão, e além dela, chaga com inflamação; que tão pestilentes são os bichinhos! Os que estão mais sujeitos a estas pragas são os que caminham pelos matos com vestidos compridos, e talares; porque tem mais aonde se peguem: e alguns se vem tão cheios, que são obrigados a despir-se, fazer fogueira, e passar os vestidos pelas chamas. Não estão tão expostos a esta praga os índios, pela sua nudez, e os brancos, que trajam a ligeira, como quase todos costumam, quando passam pelos matos. Não há porém sempre, nem em todas as paragens a mesma abundância mas só em certos tempos do ano, e nas matas capoeiras, isto é pequenas. O seu efeito peior é, que quando os querem tirar do corpo, por estarem fortemente agarrados, largam algum, ou alguns dentes, que ficam pregados na carne, e a vão cada vez mais inflamando até que chega a fazer ferida, e chaga, e a muitos assaltam herpes, que os deitam na cova. Para evitar estes perigos já os práticos não costumam tirá-los com força, mas com jeito, e com fogo, tocando-lhe com algum subtil instrumento bem quente; e só assim largam da carne. Outros os sofrem, e deixam até eles se encherem de sorte, que arrebentam de fartos, e morrem. Não há estes perigos, quando eles ainda vão caminhando, mas só depoes de se apegarem à carne. Também presumo, que a ágoa os afoga, e mata; e essa será a razão pela qual os índios, que andam, vivem, e passeam tanto pelos matos, nenhum caso fazem deles; porque logo se vão banhar aos rios, onde largam, os que apanham pelos matos. Se não é, que por terem a pele já bem cortida, não podem damnificá-los, nem fazer na sua carne presa os carrapatos. Peiores que estes, posto que mais raros são outra espécie de carrapatos maiores, tamanhos como percebejos; porque à medida da sua grandeza é maior o seu damno, quando pegam. Porém como são grandes logo se percebem, ouvem, e facilmente se tiram, se ainda não estão apegados, mas depoes de se pegarem, o melhor é, ou deixá-los fartar até cairem, ou despegá-los com fogo, como acima dissemos: porque de outra sorte há perigo de ficarem alguns dentes apegados, e causarem inflamação na ferida. Há outra espécie de outros maiores do tamanho da cabeça de um dedo, os quaes fazem presa nos animaes, e gados, em que se fartam bem à sua vontade, até que arrebentam de fartos.

Depoes dos carrapatos se seguem as aranhas, mas como em toda a parte há abundância desta praga, só apontarei algũas espécies mais especiaes do Amazonas, entre as quaes demos o primeiro lugar às chamadas onças, que em outras regiões chamam tigre leão. São brancas, e mui galantes; de pequeno corpo, pernas curtas, e com duas troqueses na boca, que ordinariamente andam sempre abrindo, e fechando, e são as suas presas. São quase caseiras, mas inocentes: vivem de caçar moscas, de cujo tamanho são; e da astúcia, com que as caçam lhe vem o nome de onças. Não fazem teas, como as outras, mas investem-nas de salto, como faz a onça. O seu caminhar é aos saltinhos, e quando vem a mosca, se por estarem longe a não podem assaltar, só então caminham, mas com tanta, senão mais cautela, do que o pode fazer

o mais destro caçador, porque lhe vão *[ilegível]* as voltas por detrás muito sorrateiras, e quando já estão perto, atiram-lhes o salto com tanto acerto, que poucas vezes erram o tiro, e nunca o lugar. A segunda espécie de aranhas é, a que chamam cranguejeiras, das quaes há duas castas: uma totalmente preta da grandeza, e figura de cranguejos com pernas, presas, e mais feitio; e daí tem o nome. São tão peçonhentas, que em agarrando causam agudíssimas dores; *immo** basta tocarem com o seu cabelo no corpo de alguém, sem que agarrem, para logo deixarem, além de ũa comichão, agudas dores; porque são muito cabeludas, e o seu cabelo refinado veneno. Há outra espécies destas mesmas cranguejeiras avermilhadas, e segundo dizem os índios, ainda são mais venenosas, e o peior é, que também as há caseiras: só tem o bem, de que por grandes se vem, e perseguem melhor. Peiores são as de outra espécie, que chamam aranhas do mato, de cor parda, e posto que de bom tamanho, não tão grandes como as cranguejeiras. As suas teas são grandes como velas, e tão fortes, como se fossem de pano de sorte, que algũa caça como cotias, quando se vem perseguidas dos cães, e caçadores chegando a algũa destas teas saltam acima, e passam por al[to] aos cães, sem caírem, nem romperem as redes. Outras quase semilhantes, e também [do] mato, não fazem teas, ou redes: mas vivem em covas na terra, como os cranguejos, em cuja boca se põe a espera, e dali fazem tiro, e assaltam aos passageiros com tal ligeireza, que quando o assaltado repara, já elas estão encovadas: ambas estas espécies são muito venenosas. De sorte, que os mordidos padecem tão grandes, e agudas dores, que não podendo soportá-las desabafam em gritos, e sentidos gemidos, ainda os mesmos índios, que na verdade são muito pacientes, e sofredores. E só sentem algum alívio pondo na parte lesa moscas esmagadas misturadas com azeite; porque atraem o veneno. Ũa destas espécies, além de dores, faz inchar todo o corpo, e inflama os olhos de sorte, que parece querem saltar fora da cara; e juntamente fazem arrebentar o sangue pelos narizes, e ouvidos, e em breves horas matam. Uma semelhante enferma trouxeram ao seu missionário para lhe administrar os sacramentos, a qual vendo um índio ainda pagão, acudio com ũa pele de macaco, e tirando dela uns cabelos, depoes de os queimar, e fazer em pós, lhos deu a beber com tão bom successo, que logo a moribunda principiou a respirar, e a achar-se melhor. Quem souber a espécie do macaco a aponte aqui. É digna de especial menção outra espécie de aranha, cujo nome não achei, quem mo dissesse, sendo *vere*** digna de grande nome pelo seu grande préstimo. É mediana da grossura de um dedo, e de meio dedo de comprimento, com todo o mais feitio de aranha, de cor parda, e tão mansa, e inocente, que os rapazes pegam nela, e a trazem na mão. A sua especialidade consiste em se desfazer em finíssimo fio, como os bichos da seda, ficando tão inteira como antes: de sorte, que os rapazes pegando nela, lhe chegam um paozinho ao rabo, e nele se pega um fio que vão dobando em forma de maçaroca, andando com o pao à maneira de fuso, até fazerem ũa boa maçaroca. O fio é bastantemente forte, e talvez tanto como a seda, sendo torcido; porque no mais é bem parecido: porém pela grande incúria dos moradores, não se tem feito experiência.

A muita variedade de lagartas pedia ũa grande relação; só apontarei algumas para excitar as espécies, a quem mais largamente as quiser descre-

---

* *Immo* ou *imo*: adv. latino: e ainda, ou: ainda mais.

** Lat.: verdadeiramente.

ver. Seja pois a primeira a lagarta chamada osga mui conhecida por muito doméstica, e caseira: é do tamanho de meio palmo, sendo palmo de gigante; tem suas malhas amarelas; o mais corpo preto, e não muito azebichado. Quando caminha, é, como aos saltinhos, excepto estando enraivada, que então dá grandes saltos. Canta por modo de osga, e ordinariamente anda pelos telhados, e as vezes desce aos sobrados, e se mete pelas gretas. A sua picada é tão venenosa, que, além de causar grandes dores, mata irremediavelmente, se não se acode com os contravenenos, sendo que nem todos aproveitam. O melhor é a ágoa da palmeira joçara, ou na falta dela, a sua cinza bebida em vinho. Observou um missionário curioso, que quando picava, despedia de si a osga parte da cauda, como se esta[s] não fora inteira, mas composta de partes unidas, das quaes arroja a última contra quem quer ficar. Suponho porém, que só será, quando por si mesma não pode picar, digo chegar. Nem mesmo occorre dificuldade em despedir assim a osga a cauda: porque também o porco espinho arremessa os seus espinhos contra seus inimigos, como acima dissemos. A segunda espécie de lagartas digna de especial menção é ũa dos matos, cujo nome não me lembra, do tamanho de meio dedo no comprimento, e também da grossura de um dedo. É muito felpuda, cujo pêlo é tão comprido como ela, de cor branca, e semeado de amarelo, e todo tão fino, como algodão. É tão linda a tal lagarta com esta sua lã, ou pêlo, que está convidando, aos que a vem a pegar-lhe, e admirá-la: mas tão refinado, o seu veneno, que basta tocar na carne o seu pêlo para logo saltar com tão agudas dores, que não só a larga muito depressa, mas deitando-a fora fica sacudindo a mão, e gritando com dores. A terceira espécie é ũa com pele tão luzidia, e linda, que parece prata vista de dia; e de noute ainda tem mais galantaria; porque parece ũa viva brasa. Há outra também muito linda por pintada, ou malhada de vermelho, mas muito nociva: porque a sua picada causa agudíssimas dores: anda pelas árvores, e se junto dela passa alguém, logo desce a picá-lo na cabeça, ou onde pode, e logo torna a subir, enquanto o picado vai gritando com dores.

Depoes das lagartas tem o seu lugar os lacraos, ou escorpiões, porque também entre as pragas, não tem o ínfimo lugar; e o peior é, que também são praga caseira, porque vivem nas casas por hóspedes, ainda que bem a pesar dos moradores. Não os descrevo, por serem bem conhecidos, ainda na Europa; posto que no Amazonas são tantos como praga. Há duas espécies: uma mais pequenos, e são os caseiros; outra maior, e são os dos matos: ambas as espécies pestilentes, mas a dos matos peior, e casta brava; porque causam com a sua picada grandes dores, e aguda febre. Os caseiros ordinariamente também causam, além de agudas dores, febre; posto que esta, e aquelas menos intensas, e agudas. Dizem, que um dos melhores contravenenos dos lacraos são os mesmos machucados, e postos na parte picada (é remédio eficaz, porque em mim mesmo o experimentei) porque tornam a receber em si o veneno, que largaram. Deles se extrae o óleo, a que chamam óleo de lacraos muito medicinal, e seria bom, se os boticários fizessem mais abundância dele, porque o haveria em maior quantidade, e seriam menos os lacraos. Tem esta peste uma propriedade digna de menção, e vem a ser, que apanhando-se algum vivo, e cercando-o com vivas brasas em forma, que não o toquem, mas só o impeçam sair do cerco, como ele vê todos os passos tomados, ou por braveza, ou por antipatia com o fogo, se não é por se ver com ele no rabo, desafoga a sua raiva contra si mesmo, picando-se com a unha da sua cauda, com que brevemente morre. Um missionário sinerse vio

um neófito, que comia quantos achava, sem mais benefício, que cortar-lhe a cauda, e perguntado, porque os comia com tanto desfastio? Soube, que o tal neófito era tolhido de um braço, e de uma perna. Quem tiver a curiosidade de fazer experiência deste préstimo dos lacraos em algum animal, poderá dar pés, e mãos, sem ser santo, a muitos europeos, e haverá mais trabalhadores, e menos pedintes.

Sapos são no Amazonas inumeráveis, e se a sua pestilência fora proporcionada à sua multidão, seriam pouco de cobiçar aqueles estados do Amazonas; porque a cada passo, e a cada canto se encontram sapos. E nas praias de areias úmidas são tantos os sapinhos, que vão saltando adiante dos caminhantes, como moscas, e parece, que actualmente se vão formando, e estão continuamente nascendo da areia úmida. São porém tão inocentes, que deles ninguém faz caso, como também dos já crescidos, e ordinários, que não fazem mais damno, a quem os persegue, do que mijar para ele, ou contra ele; e chegando a ourina à carne levanta bolhas com aguadilha, e causa, não estou certo, se dores, ou ardor, mas uma, ou outra cousa é cousa de nonada, e de tão pouca moléstia, que os moradores não fazem caso dela. Entre os sapos merecem especial lembrança, os que chamam canuaru e os chamados mocotó. O canuaru sendo pequeno, ou pouco maior, que os ordinários, tem uma vozeira, como a de um valente bezerro: bem se pode dizer dele, o que a outro intento diz o *refán* castelhano: *Tanta parola, y tan poca carnola!* de sorte, que os novatos, e europeos quando ouvem tamanhos mugidos nos matos, cuidam, que está perto algũa *gran béstia*, e é um pequeno sapo. Lança esta espécie de sapos pela boca ũa rezinha semilhante a breu muito estimada, e preciosa pelas excelentes vertudes, que tem na medicina, especialmente para dores de cabeça, e cuido, que também para dores de dentes. É também contraveneno; e suponho serem estes sapos, os que são tão ligeiros em saltar, que um rapaz não pode apanhá-los.

O mocotó é também de muita estimação pelos ossos dos pés, por serem grande contraveneno, como dizem os práticos, ainda que não o explicam, no que mais se vê a sua vertude. São dificultosos de colher por andarem sempre em matos carrasquinhos, e quase sempre metidos na toca. A sua voz só se ouve nos meses de março, e abril, e é tão tristíssima, que parecem gemidos das almas do purgatório. E quando os inespertos ouvem estes gemidos concebem grande pavor, por na verdade se persuadirem, que são gritos das almas ss. do purgatório, não só pelo triste, senão também pelo alto gritar tanto, que se ouvem de mui longe. O seu cantar, ou gritar tristissimo só é de noute, e ordinariamente nas ribanceiras dos rios, e praias do mar, em que há mato carrasquinho. Há outra espécie de sapos do mato tão grandes, que só a boca é tão grande, quando a abrem, que parece um tamborete armado: qual seja a grandeza do corpo? se pode ver pela pela grandeza da boca. E se as doninhas atraidas do seu hálito, ou vertude e simpatia se vão meter na boca dos sapos, nestes podem ir aos bandos, porque para entrarem tem grande portal. São mais raros estes sapos, que a serem tantos como os ordinários, não haveria sustento para tão monstruosos animaes, nem bocado suficiente para tal boqueirão. Da pedra, que muitos dizem criam os sapos na barriga, ou na cabeça é sem dúvida, que tem rara vertude medicinal para descubrir o veneno, estando presente, e não muito distante da gente. Por esta vertude é muito estimada, e se traz engastastada em anel, em forma,

que toque imediatamente, na carne: porque *semel** que chega veneno à sua presença, ainda que quem tem o anel não toque, nem pegue no tal veneno conhece, que está ali pelo calor, em que se abrasa, e comunica a carne, ou dedo de quem o tem. É caso célebre o que succedeo no Colégio de Coimbra dos Padres da Companhia de Jesus com Carlos VI por uma aranha, que ia metida em um cacho de uvas, na qual só se advertio depoes que aquele monarca sentio o calor na carne do dedo, em que tinha a tal pedra e declarou havia veneno que tirada a aranha disse ser a mesma, por não continuar o calor, mas cessar logo. Basta esta vertude para a fazer ũa das pedras mais preciosas, como na verdade por tal é estimada, sem bastar o fraco conceito, que, por ignorante neste ponto, forma dela o Doutor Curvo, dizendo, que dela não se sabe algum préstimo, para diminuir a sua estimação, e grande apreço, que dela fazem, ainda personagens taes, qual era Carlos VI. Para a vertude ser mais eficaz advertem alguns, que antes de lhe tirar a pedra, se prendam pelos pés os taes sapos, e pendurem de pernas acima, e assim pendentes, ou dependurados se enraivem bem; porque com esta indústria fica mais activa a sua vertude. E afirmam os práticos, que o signal de avançarem às brasas, e as comerem, não é infalível, de que tenham pedra: porque todos comem as brasas, que se lhes deitam, e contudo, nem todos tem pedra. Costumam alguns malfeitores abusar dos sapos, para os seus malefícios, dependurando um sapo, quando querem fazer mal a alguém; e depoes de muito enraivado, lhe metem na boca algum bocado, *v.g.* de pao, e depoes de babado com a saliva do sapo, o dão a comer disfarçado, a quem querem matar, e pouco a pouco se vai definhando até morrer, quando morre o sapo definhado pelo deixarem sempre preso, e dependurado. (Falta aqui a espécie de sapos que tem corno na testa[.] muito medicinal para os doentes neufríticos, e do membro.)

CAPÍTULO 26º**

DE OUTRAS PRAGAS DO AMAZONAS.

Ũa das maiores pragas do Amazonas, e de todos os seus estados são as formigas. Sendo símbolo da diligência, e exemplar de prudência — *Vade ad formicam, o piger, et considera vias ejus**** — são tantas no Amazonas, que não podem os naturaes alegar ignorância na pouca economia, e diligên-

* *Semel*, adv. lat. numeral: Uma vez.

** No códice, capitulo 25, por equivoco.

*** Lat.: Vai ter com as formigas, preguiçoso e observa o seu método.

cia: antes se pode dizer, que tanto mais são preguiçosos e inertes os seus habitantes, como diligentes, e bem governadas as formigas, cuja república não tem enveja as mais bem governadas, e políticas dos homens, mais do que a menor nobreza destas, e a maior excelência daqueles. Os homens dotados de discurso, e as formigas de um tão vivo instinctto, que o não se lhe chamai verdadeiro discurso é só por não incorrer na censura de alguns apaixonados, que não é muito tirem as formigas o discurso(s), quando aos racionaes tiram o juízo! Apontarei pois algũas das suas mais notáveis espécies, e seja a primeira espécie de formigas, a que os naturaes chamam topiaí, por serem na sua república as mais corpulentas, e as que mais avultam na personagem: bem merecem o nome de gigantes na sua república! São pretas bastantemente azebichadas do comprimento de meio dedo de um menino já crecido, caminham pelas estradas muito pausadamente, e à grave, não em bandos, como os mais formigueiros, posto que também os tem, mas desacompanhadas, como quem não teme a ninguém. São tão duras, que se algum passageiro as pisa e ainda que faça finca pé em terra dura, depoes de o tirar, vai a formiga continuando viagem, com toda a pacacidade, como se não sentisse tal pesadelo: não assim quando de raspão com os pés, porque então, e só assim se esmagam. Não mordem com a boca mas picam com um ferrão, como as bespas; e posto(s) que a dor dura pouco tempo *ad summum** quarto e meio, ou meia hora, é agudissima. A segunda espécie também bem apessoada é a das formigas chamadas toncanguiras, de que há duas castas, ũa preta como a topiaí, outra cor de canela, do tamanho de bespas, e picam como elas com ferrão, que também tem na cauda; e são tão pestilentes, que causam terríveis dores por espaço de 24 horas, se não lhes acodem com o contraveneno, que é a casca de uma planta do mato, cujo nome me não lembra. Na sua falta, usa-se do timbó: também andam pelos caminhos, e se apegam aos vestidos dos caminhantes, especialmente talares; o que vale aos habitantes é, que também não são em tanta cópia, como outras.

Saúbas são outra espécie de formigas, que com não serem das maiores, são a maior praga do Amazonas. São avermelhadas, e tem duas troqueses, ou presas, com que agarram estando bravas, com tanta tenacidade, que ainda depoes de mortas, não largam, de tal sorte que é mais fácil cortá-las à tesoura, do que largarem a presa. Por isso muitos usam delas nas feridas em lugar de pontos, unindo ũa, e outra parte da cute, e chegando as *[roto o original]* esta, logo faz presa nelas com as suas troqueses; e cortando-lhe a cabeça, fica o ponto seguro com as presas. São estas formigas a maior praga do Amazonas; porque comem as roças; destroem as árvores, e minam as casas: destroem as roças roendo as plantas da mandioca, ou para melhor dizer, alimpando-as de toda a folha, e de todos os olhos, como em outras partes fazem as pragas dos gafanhotos: e com uma circunstância admirável, e é, que ordinariamente não damnificam à roça, em que tem o seu formigueiro, mas às de longe, e distantes da sua cova. O mesmo fazem às árvores; porque lhe tiram os olhos, e alimpam a folha: daqui vem, que em algũas partes, e sítios é difícil o cultivo delas: porque tanto crescem cada mês, e cada ano, como e quanto as saúbas lhe vão cortando, e roendo; e trabalham com tanta diligência, que em ũa noute faz um formigueiro a poda a qualquer árvore. Principiam a talar a árvore por uma parte, e acabam na outra: umas

---

* Lat.: no máximo.

em cima cortando, outras embaixo ajuntando, e outras carregando a colheita para os seus celeiros: para isso escolhem noutes sossegadas, e sem vento, nem chuva: esta, para que se não molhem, nem elas, nem os seus provimentos, e para que a ágoa não impeça o caminho: sem vento para que este não espalhe as folhas, que vão caindo, nem embarace o transporte para as tulhas, árvores mais sujeitas a esta inevitável poda, são as de espinho, videiras, jasmineiros, e outras, a qual procuram os quinteiros evitar, pondo-lhe ao pé em roda algum alguidar com água, ou algum ramo espinhoso. Arruínam as casas: porque as vão minando pelos alicerces, tirando para fora montões de terra. É célebre a demanda, que nesta matéria tiveram com elas os Padres Capuchinhos do Maranhão, os quaes vendo-se muito perseguidos delas, nem achando meio para as desterrar da cerca, e convento, lhe puseram demanda, elegendo juízes por parte delas, e depoes de alegadas por ũa, outra parte as rezões, se deo sentença contra elas, não obstante o estarem de posse, e serem creaturas do mesmo Senhor etc. E foi notável o êxito, porque intimando-se-lhes a Senhora de tal sorte estiveram por ela, que sem mais apelação, nem agravo, logo fizeram total deixação do convento, e cerca dos taes religiosos. Traz a sentença *[em branco no manuscrito]* na sua História.

Nas casas alimpam um alqueire de farinha de pao, milho, arroz, ou de qualquer legume em ũa noute: e suponho, que é esta mesma espécie, a que em algũas partes chamam formigas da correição, as quaes dando em algũa povoação, [as] alimpam de tudo, ou seja comestível, ou vestuário; em cada noute alimpam ũa casa até as correrem todas. O remédio, que então usam os moradores, quando sentem a correição em ũa casa, é despejarem as moradias, e porem em cobro todo o móvel de casa até passar a correição. O milhor modo é dar-lhe fogo com ramos *[roto o original]* de pindoba, e continuando este remédio por algũas noites, especialmente na entrada por onde elas vem, não só juntas por modo de ũa larga cinta, mas também formadas, dão a correição por acabada. Logo diremos outros modo[s] de as fazer retirar de que usam os moradores do Amazonas. Nas primeiras ágoas do inverno criam asas, com que voam, e se espalham por onde querem, cheias de ovas, e muito gordas, aonde pousa cada uma, logo com as perninhas vão fazendo um buraco na terra até de todo se esconder; e lá debaixo desova em tanta cópia, que dali se faz um grande formigueiro. E na verdade se não tiveram tantos inimigos, seriam aquelas terras inabitáveis por causa de tantas formigas, mas assim como são inumeráveis, da mesma sorte tem inimigos, e contrários em grande número. Os primeiros são os homens, não só todos os naturaes, mas também muitos europeos, os quaes as apanham em saindo com asas, logo em pousando, e com muita facilidade as colhem: porque por estarem muito gordas, e cheias são muito vagarosas: ajuntam-nas em cabaços, e depoes de bem torradas, as comem como toresmos, que não cessam de gabar os castelhanos, e quantos se resolvem a gostá-las. Os segundos contrários são os pássaros, que quando as vem voar as assaltam, e comem. Os terceiros são as feras tamanduá, que delas se sustentam, metendo-lhe o linguado pelos buracos dentro, e depoes de bem cheio delas o tira, e as engole. Também os quinteiros, que delas se vem desacomodados, lhe dão caça nas suas mesmas covas, as quaes fazem muito fundas, repartidas em muitas e mui distantes salas, e nestas tem muitas, e grandes panelas, as quaes tiram, e lhas deitam no mar; ou com pólvora lhe dão fogo; ainda é difícil extinguir

assim algum formigueiro, por rezão de terem minado por baixo a terra em muita distância. Na cidade do Pará quis um morador extinguir um, que estava nas costas da cidade, para o que lhe queimou enxofre com tal engenho, que laborando com uns foles fez ir para dentro todo o fumo, que foi sair em outro lado da cidade, depoes de aminar por baixo de parte a parte, sinal, que a mina das formigas occupava toda esta distância. Como estas formigas cavam tanto o centro da terra, a vão tirando pouco a pouco para fora, e assim fazem perto dos seus buracos grandes montões dela, e muitas vezes, se tem observado, que em lugar de terra tiram grãos de ouro. Também nos mesmos montões de terra se tem achado ouro, sinal das minas, que há por baixo; e se os curiosos quiserem certificar-se se há, ou não ouro em muitas paragens, em que há sinaes dele, será ũa grande mestria meter-lhe algum, ou alguns formigueiros de saúbas, que como são diligentes mi*[ilegível]* logo na terra, que forem tirando o mostrarão. O meter, e introduzir os formigueiros é tão fácil, como pôr-lhe lá algũas formigas, quando estão cheias de ovas, e quantas lá meterem, tantos formigueiros terão em breve tempo.

Outra espécie de formigas pestilentes do Amazonas, e ainda de toda a América, são as formigas chamadas de fogo, nome próprio, e expressivo do efeito que causa a sua mordedura. Podemos chamar-lhe ũa espécie de saúbas, por terem o mesmo feitio, presas, e cor mui semilhante a elas; mas são mais pequenas, como a metade das saúbas, ou ainda menos. Com a sua mordedura causam com ũa grande comichão um fogo, ou fogagem grande; e daqui nasce o seu nome de formigas de fogo. E me parece, que bem se pode dizer serem peiores, que as saúbas: porque estas causam sim uma tão grande dor, que quem a sente, enquanto não vê a saúba, cuida ser algũa mordedura de cobra; mas as de fogo, posto que a dor não seja tão activa, causam um grande fogo; e comichão, que não cessa por mais que se cocem os picados por bom espaço, e só tem prompto remédio na água fria. Não andam em estradas formadas em fileiras como as saúbas, mas espalham-se de sorte, que há sítios inaturáveis por causa desta formiga, onde os índios, e negros para poderem trabalhar fazem ũas como polainas de palhas, que atam na barriga das pernas, e lhes cae sobre os pés em círculo. Também tem suas casas na terra, roem as plantas, e damnificam as searas; vivem, e habitam muito nas margens dos rios, e se sustentam nas viçosas ervas, que nadam por cima da ágoa nos lagos, e enseadas, de sorte que entram nas canoas, que navegam junto a estes prados. As mesmas ilhas volantes do Amazonas andam cheias destas formigas: nas suas covas, e casas como também nos formigueiros das saúbas, vivem ordinariamente algũas cobras, ou porque se sustentam das formigas, ou porque tem pazes com elas.

Há muitas espécies de formigas pretas entre elas é mui notável uma que faz o mesmo damno, que as de fogo com a mesma comichão, e fogagem. É também notável outra espécie destas prestas do tamanho das saúbas, cuja economia é admirável, quando caminham pelos matos em grandes exércitos: porque como os caminhos estão ordinariamente cobertos de folhagem, e lhe causam embaraço para carregarem o seu sustento, vão primeiro alimpar a estrada, e aplainar o caminho se é em pouca distância, porém sendo mais distante, e as folhas pesadas, ou porque são grandes, ou porque estão enlodadas, vão primeiro alastrando-se por toda a estrada abraçando-se ũas com as outras, com cujo modo de fazem um listão de largura, ou mais de palmo de sorte, que por cima destas passam as mais até se servirem todas, revezando-se ũas às outras de modo, que as que vão passando lá adiante se

vão alastrando, e as últimas passando. Outra espécie preta também de bom tamanho habita nas árvores, onde fazem as suas casas por modo de cortiços, e passeiam nas ditas árvores, mas sem as damnificar; porque o seu sustento é por baixo, antes com muita utilidade; porque nas árvores, em que elas tem as suas casas não aparecem saúbas; e por isso alguns curiosos, que nos seus sitios tem a peste das saúbas, e lhe damnificam as plantas, põe nas taes plantas algũas destas formigas, e estão livres de as tocarem as saúbas; e sendo tão fácil este remédio bem podiam os moradores do Amazonas cultivar todas as plantas sem receio da peste das saúbas. E sendo estas formigas de tanta utilidade não fazem mal: tem as pernas mais compridas que as outras, e por isso correm muito.

Há mais duas espécies de formigas pretas, e caseiras, mas inocentes por não morderem; e todo o mal, que fazem é buscarem doce, de que gostam muito: não são elas sós, e como o doce causa sede, depoes de o comer vão as vasilhas de ágoa, donde não podem muitas vezes sair, e lá pagam a sua golosina com damno dos moradores, que as vezes as acham em montes. A umas chamam formigas doudas, e podiam accrescentar doudas por doce. São do tamanho das de fogo, mas pretas, e mais delgadas; e tão amigas de doce, que se pode duvidar, qual é maior, se o gosto, e conveniência do doce, se o trabalho em o guardar, e resguardar das formigas? Não tanto pela falta; porque com pouco se contentam, mas porque o enxovalham; e quando é açúcar, ou sequilhos não tem tanto perigo, mas quando é de calda, ou molhado ficam afogadas, e o doce enxovalhado. É admirável a indústria que usam para irem ao doce, embora que ele esteja no mais alto sobrado. O meio, de que usam os moradores para conservar as porcelanas, bandejas, e mais vasilhas de doce é porem-nas em alguidares de ágoa, mas é tal a indústria destas formigas, que nem ainda no meio da ágoa lha escapa, o que fazem desta, (destas). Chegam as primeiras a borda da vasilha, e se vem, que a distância da ágoa é pequena se avançam a ágoa, e abraçadas ũas com as outras formam ũa ponte até o vaso do doce, e por cima delas vão passando as mais muito enxutas, e depoes de passar todo o formigueiro, vão passando as últimas da ponte até todas entrarem. A mesma ordem observam ao sair, depoes de fartas, se o doce não é de calda; mas se é lá ficam muitas, ou quase todas atoladas, e enterradas, por não poderem tirar os pés pegados na calda pegajosa. Se porém a distância é maior, a que elas não se atrevem vão buscar palinhas, e as deitam na ágoa até formarem a sua ponte de palhas. Vão também as vasilhas de ágoa, e se elas não estão cheias ao depoes não podem subir; e neste caso se ajuntam em montezinhos umas sobre outras em grande quantidade coitadas das que ficam por baixo, ainda que de tal sorte se unem, que parece que nenhũa corre perigo, e quando alguém vai a beber chegam a borda, as que podem, (e as vezes entram estes montes na boca, dos que bebem) e assim escapam já em ũa, e já em outras vezes; e se deste modo não saem todas, saem, quando fica seca a vasilha, ou cheia; porque então sobem com a ágoa à borda. A outra espécie de formigas caseiras é muito miúda, mas no seu tanto usam da mesma indústria, e economia, que as antecedentes. Ũa particularidade usam ũas, e outras, da qual se infere a sua grande economia, que é, que não só o grão, e mais víveres, que ajuntam nos seus celeiros, os deitam de quando em quando ao sol para nunca se corromperem, mas também às suas ovazinhas costumam fazer a mesma benfeitoria levando-as a soalhar todos os dias, ou de quando em

quando por algum bom espaço, e depoes as tornam a recolher. Muitas outras espécies de formigas há, mas bastam estas, para os leitores formarem algum conceito destas pragas do Amazonas, ainda que nem todas merecem ser chamadas pragas, por não serem daninhas como as saúbas, as de fogo, e as primeiras de que falamos.

CAPÍTULO 27º*

PROSEGUE A MESMA MATÉRIA DAS PRAGAS DO AMAZONAS.

É mui notável na república das formigas a espécie das chamadas cupi na língua dos índios, de que há duas castas: ũa muito miúda, a outra maior; ambas as duas castas são pretas. Fazem as suas casas nas árvores por modo de cortiço, levando para isso barro com ũa singularidade, que sempre as suas estradas são encubertas, ou para mostrarem o seu recolhimento, ou para segurança das suas vidas; e fazem as taes estradas a maneira de carreiros, ou seja pela terra, ou pelas árvores, ou seja pelas paredes: porque também dão nas casas. Estes carreiros, ou careiros também são de barro, e cubertos, por dentro dos quaes caminham, sobem, e descem sem que alguém as veja: e se alguém lhos deita a baixo, tantas vezes os renovam, quantas lhos arruínam, e com tal brevidade, que da noute para manhã aparecem refeitos; e o que mais é, que por dentro deles se servem, acarretam víveres, barro, e quanto querem. Estes seus cortiços, e casas de barro são grandes a roda de qualquer árvore, ou só para uma banda; alguns do comprimento de 7, 10 ou mais palmos, e de grossura de um boi. São de tal sorte solapados como se foram de estopa, e por entre eles estão em tanta quantidade que são inumeráveis, sem que de fora se descubra mais que o montão de barro. E não sem razão lhes deu a natureza este instinto de viverem, e caminharem sempre encubertas; porque em algũa aparecendo descuberta, logo é assaltada dos pássaros, que delas gostam muito por serem muito moles, tenras, e suponho, que também de bom gosto; e pela mesma razão os índios não lhe perdoam, e fazem delas torradas seus pratinhos. Alguns moradores usam deste cupi para sustento dos seus polhos, mandando todos os dias buscar algum torrão daqueles cortiços, e desfazendo-o dão boas barrigadas aos pintos, que não só gostam muito delas, mas também engordam muito comê-las, e ainda para toda a creação usam alguns moradores, só deste sustento, furando debaixo com ũa vara o cortiço, e logo caem tantas formigas, que bandos de galinhas se fartam; e no dia seguinte aparece o cortiço tapado, e consertado. Multiplicam em mui-

* 26º, por equivoco, no manuscrito.

ta abundância, e por isso poucos cortiços bastam para comer dos pintos, em todo o ano. Não damnificam as árvores, em que vivem, nem lhes empedem o medrarem; não assim os paos secos, que roem de modo, que os consomem de todo: e sendo uns animalejos tão moles roem tão fortemente, que se sentem quando comem pelo estrondo. Dão nas casas a que sobem pelas paredes; e quando entram em algũa sempre vão de casa mudada; porque logo principiam a fazer as suas estradas encubertas, e nos tectos; ou por onde podem armam logo os seus cortiços: se dão em um caixão de roupa em ũa noite a comem, ou desfazem, e destroem toda. O mesmo fazem às pipas nas adegas, as madeiras nas casas, e aos tectos nos telhados: por isso os moradores assim que sentem em casa este inimigo doméstico não descansam enquanto o não acabam, desfazendo todos os dias assim os cortiços, como as estradas; e não só levantam da terra em travessas as pipas, e mais vasilhas de pao, mas também lhe põe ágoa nos pés, ou [breu] muito brando, e já fica impedida a subida.

Em alguns tempos do ano cria asas o cupi, e parece, que se lhe fazem quase de repente com as chuvas, e então saem voando, não para onde querem, mas para onde os levam os ventos. Entram pelas janelas, e casas, e pousam aonde succede; mas ainda que seja nos vestidos, cara, ou cabeça da gente não mordem, [e só] desacomodam com o seu caminhar: outras naufragam na ágoa. As asas são maiores, que as mesmas formigas, e por isso lhe dão o nome de capas de asperges; mas são pouco firmes; que basta tocar-lhe nas asas, e as vezes basta um assopro, para ficarem desasadas: as que caem na ágoa, na mesma largam as asas, que [por isso] em algũas partes da Ásia (onde há praga de cupi, a que lá chamam formiga branca) costumam apanhá-las nela deste modo. Nas casas, almazéns, e conventos, ou colégios, em que aparece formiga branca põe à boca da noute aqui ũa, ali outra, e acolá diversas bacias grandes meias de ágoa, e dentro da bacia pouco fora da ágoa ũa luz, *v.g.* ũa griseta com luz bem viva, onde acode logo toda a formiga, e fica toda nas bacias, donde não pode sair por seu pé, e menos voando, por ter perdido na ágoa, ou queimadas na luz as asas, *ac proinde** nas mesmas as afogam lançando-lhe em cima ágoa quente. Porêm ainda que caiam na ágoa, se esta não está em bacias não morrem, nem se afogam, mas só deixam nela as asas, e saem para fora, embora que desasadas para serem mais fácil, e seguramente presas dos passarinhos, que nas occasiões, em que sae o cupi andam mui contentes, e o caçam com destreza, a galantaria. Outra notabilidade é, que neste barro de que fazem as suas casas algũas vezes involvem ouro, não porque sejam mais preciosas, mas por estar misturado com o barro, que levam. Por isso alguns curiosos, não tanto no Amazonas, onde não fazem caso, mas em outras partes ali buscam, e acham ouro: e nos rios de Sena costumam as negras para inteirarem a porção de ouro, que seus senhores lhe tem posto, guardar as cinzas da lenha, e arbustos que queimam; e no fim do mês, ou do ano, se falta algum peso para inteirarem a sua conta, em casa o tem naquelas cinzas: não porque as plantas em si sejam, ou tenham ouro, mas porque tem pegado o barro do cupi, no qual vem misturado o ouro.

Turu é a peste das embarcações do Amazonas, ainda que não é só do Amazonas. É semilhante à minhoca, e propriamente é minhoca da ágoa, é

---

* Lat.: e assim.

branca, mui delgada, e tão mole, e flexível, como ũa tripa delgada; e faz admirar com um tão desprezível bichinho tenha tanta froça, e actividade que roa, passe, e fure as embarcações, e qualquer madeiro, pondo-o como um crivo! E se esta praga desse somente nos navios, que são ordinariamente de pinho, ou pao mole, não seria tanto de reparar; mas nas embarcações do Amazonas, que pela maior parte são fabricadas de angelim, e ita iba, e semelhantes madeiras, cuja dureza pode competir com o ferro, é mais de admirar! mas é tão certo, como todos os moradores, e habitadores do Amazonas o experimentam, pois ordinariamente é o turu a destruição dos seus barcos. O remédio, que lhe aplicam é o breu misturado com azeite de andiroba, que com o seu grande amargor não deixa chegar a si estas lombrigas; e quanto podem descansam as embarcações em terra não imediatas ao lodo, por onde anda escondido o turu; porém levantadas, e suspensas em paos: e outros para mais segurança lhes dão *[roto o original]* amiudada. É bicho não só da ágoa doce, mas também da salgada. Há outra espécie de turu da terra mais miúdo, o qual só dá nas madeiras, e esteios de pao duro, e quase incorruptível, fazendo nele uns buraquinhos, ainda que sem notável damno da sua fortaleza. Por esta causa se não aproveitam muitos paos caídos pelas matas, e alguns mui preciosos; porque sendo muito antigos estão repassados de buraquinhos, ainda que servem para esteios, e obras grossas. Com serem bichos tão desprezíveis, e os índios do Amazonas tão nojentos, fazem destas minhocas, ou lombrigas, pratinhos de muita estimação, e apreço, e ainda muitos brancos; para o que vão nas vazantes pelas praias de lodo, abrem os paos podres, de que estão cheios os rios, e em breve espaço de tempo enchem pratos, ou cuias, que levam para casa, guisam, e se regalam. E além de serem gostoso sustento, segundo dizem, também tem seus préstimos, especialmente para os convalescentes, e fracos: e sendo a sua pescaria tão fácil, bem seria que todos os gostassem para maior utilidade das embarcações. São óptima isca de peixe para os pescadores de cana, porém no Amazonas há pouco uso deste modo de pescar, por ser talvez pescaria de pouca monta.

Lombrigas. Visto falarmos nas lombrigas da ágoa, ou turu também diremos algũa cousa das lombrigas dos corpos, as quaes posto que sejam comũas em todo o mundo, no Amazonas são em tanta cópia, que bem se podem chamar ũa das suas pragas, para cuja criação convidam e concorrem muito o clima, e calores: porque como a mãe das lombrigas é a ágoa, e pelos grandes calores do Amazonas seja o uso, e refrigério da ágoa mui frequente, e repetido, segue-se o haver tanta cópia de sevandijas nos seus habitantes, que passam a ser praga, e peste. De sorte, que tem havido grandes epedimias originadas só das lombrigas: tal foi a grande que houve em 1740 e tantos, que indebitamente chamaram do sarampo; porque poucos morreram dele, mas 8, ou poucos mais dias depoes de se recolher o sarampo, dava uma grande corrupção intestina, que toda se resolvia em montes de lombrigas, que deitavam os moribundos, e pouco depoes expiravam. E afirmam muitos práticos, que a multidão delas no Amazonas é causa de muitas enfermidades; e não são sós, nem as peiores, as que se criam nos intestinos, mas as muitas que vivem, e andam por entre a cute exterior, posto que tão miúdas, que muitas vezes só se vem pelo microscópio, untando com sangue o corpo, a que elas logo acodem lançando fora as cabecinhas, que alguns lhes tem safado com uma navalha de barbear: E aqui se vê bem, que não é certo o adágio, que na cara se vê quem tem lombrigas. Há porém no mesmo Ama-

zonas muitos remédios contra estas sevandijas, que não aponto por serem já sabidos: e só apontarei o leite da coxinguba tomado pela manhã em jejum em pouca quantidade como meia casca de ovo. Também o ananás do mato.

Impingens* são praga no Amazonas, e por isso muito ordinárias principalmente nos europeos, e novatos: e posto que em todo o corpo são molestas, quando dão na cara são mais aborrecidas. Deixo aos físicos a questão, se as impingens são só algum humor [que]nte, e acre, que sae a cute; ou se são multidão de bichinhos só visíveis pelo microscópio, que causam aquela grande comichão, como já hoje segue a mais comũa opinião! O que só advirto é, que se devem curar logo no princípio, para que o humor que para ali corre se não aposse, e seja ao depoes mais difícil a cura. São muitos os remédios, dos quaes apontarei alguns em outro lugar.

Cobrelo é uma espécie de doença que também se duvida se é bicho, se lombriga, ou se é algum mao humor? Ordinariamente dá na cara, e é um humor preto, que principia, e vai crescendo cada vez mais, não só na grossura, mas também no comprimento, tem o feitio de uma cobrinha por entre a cute, e daqui vem o chamar-lhe cobrelo. E dizem, que se chegar a circular ajuntando ũa, e outra extremidade tira a vida ao enfermo; porém nunca o deixam chegar a esses termos. Curam-no com vários remédios: o mais ordinário é pólvora desfeita em sumo de limão azedo, e molhando nesta calda algum raminho de arbusto repetidas vezes, não só por cada vez, senão por cada dia, açoutar a parte, e o cobrelo; e depoes pôr-lhe panos molhados na mesma calda: e deste modo continuando todos os dias acaba em pouco tempo; nem as dores são muito agudas. Há outra espécie de cobrelo mais perigoso, cujo nome me não lembra, mas o poderão ver os curiosos no Padre Gomilha, aonde o descreve com as suas propriedades, de que eu não estou bem lembrado, talvez porque dele nunca tive experiência no Rio Amazonas, sendo comunicável com o Orinoco, onde é mais conhecida esta doença, por mais frequente. É como um cabelo, ou veia fina vermelha, a qual principiando em ũa parte do pé, vai crescendo com a mesma fineza até o circular todo; e se chega a unir a cabeça com o rabo parece ser a morte infalível. Procuram pois atalhá-lo, e não o deixar chegar a taes pontos; mas com mui diversa cura, que é tirar-lhe para fora a cabecinha, e ir puxando de modo, que não quebre (porque se quebra parece ser perigoso) mas sae todo o cabelo.

Centopéias também não faltam no Amazonas, assim chamadas pelo centenário número das suas pernas, mas também são sevandijas de todo o mundo. São da cor, e feitio de baratas, e só diferem delas no comprimento, e multidão de pés: de sorte que alguns supõe serem algũa espécie de baratas; porém a guerra que entre si tem, não o mostra: porque as centopéas não lhes perdoam quanto podem, e parece tem nelas o seu maior sustento. Tem na boca dous bracinhos como troqueses com que acomete a presa; e com elas também mordem a gente e a seus inimigos causando-lhes mui agudas dores. Não só vivem pelos matos, mas também nos povoados, e nas casas. Quando alguma morde, se corta ũa cebola em duas metades, e se esfrega bem com ela a parte mordida; porque desfaz o veneno, como eficaz remédio, que é contra as mordeduras da centopéa.

---

* No manuscrito, segue a mesma linha, precedido de espaço em branco.

CAPÍTULO 28º*

DAS COBRAS DO AMAZONAS.

A maior praga, que criam as matas do Rio Amazonas, são as cobras, não só pela multidão, mas também pela variedade, e mortífera actividade dos seus venenos de sorte, que estão as brenhas cheias desta peste, e ainda as mesmas casas não estão isentas desta praga. E posto que succedem muitas desgraças de mortes, contudo parece especial providência divina, que não succedam mais, sendo tanta a cópia, e variedade de cobras: de algumas daremos alguma notícia, porque de todas é difícil; e posto que já disse algũa cousa de algũas, quando descrevi os animaes anfíbios, aqui a darei com mais individualização, por ser o seu próprio lugar; e não descrever com toda a miudeza algũas espécies, não é por outra razão mais, do que por me faltarem as cabaes notícias delas.

Merece o primeiro lugar a cobra coral, por ser talvez a mais linda; e chamada assim, porque toda ela da cabeça até a cauda está vestida de anéis já vermelhos de cor de coral, e já pretos por sua distribuição: um vermelho, logo um preto, outro vermelho; e assim vai toda. Não é das maiores, mas [cresce] até 5, e 7 palmos com proporcionada grossura. É tão venenosa, que logo mata a sua picada: nem me consta, que ategora se tenha descuberto o seu contraveneno, se não for o mais presentâneo a triaga humana, que é um dos mais eficazes que ategora se tem descuberto; ou a lavagem de alguma mulher. Não é das mais bravas, porque ordinariamente não acomete, se não a tocam. Paraoubóia, que é o mesmo, que cobra de papagaio, assim chamada por ter a cor de papagaio; isto é muito verde pelas costas de alto a baixo, e só pela barriga é branca. É ainda mais venenosa, que a de cima: porque mata logo, e quase repentinamente a sua picada: é mais perigosa, que as mais cobras, não só pela eficácia do veneno, mas porque como é verde não se distingue da cor do mato, e da relva; e por isso menos evitável. Há a ararabóia cor da arara, e julgo, que duas espécies conforme as duas espécies que há de araras. A primeira toda azul sem mistura de outra cor: a segunda toda vermelha: não tenho notícia, se são tão venenosas como a paraoubóia; são porém mais evitáveis, porque se distinguem melhor. Há jabotibóia com as mesmas pintas do jaboti. Há xeribóia, que se parece com um camarão grande. Há acotibóia da cor do bicho acoti, do qual herdou com a semilhança o nome. Há tarairabóia da cor, e semilhança do peixe taraíra, de quem tem o nome. Há boiasique, que terá pouco mais de palmo. É tão activo o seu veneno, que é o mesmo morder ela, que morrer logo o mordido. Andam, e sobem às árvores, e delas fazem tiro, aos que acometem, e basta ũa para matar em breve tempo um exército; e de facto as vezes matam um bando de porcos de 200, e mais cabeças sem mais, do que saltar de uns aos outros, que logo com a sua picada vão caindo. E como por aquelas matas andam os javalis em fileira formados uns atrás dos outros desde o

---

* No códice, 27º, por equívoco.

primeiro vai a cobrinha saltando, e picando até o último; e eles caindo mortos sem quase os de trás advertirem nos dianteiros para fugirem. Há muitas, e quase infinitas espécies desta boiasique, posto que com outros nomes. As chamadas caninena são de malhas pretas, e amarelas: outras tem vermelhas, e amarelas, e assim as demais espécies se vão distinguindo pelas cores.

Jeraraca cobra brava, que alguns afirmam ser espécie de víbora, e semilhante a ela na actividade do seu veneno. É tão brava, que as vezes faz tiro aos mesmos cavaleiros, e basta ver ao longe um cavaleiro, que vem andando pelo caminho, em que ela está para logo se pôr em franquia levantando-se ao ar sobre a cauda, abrindo a boca, e com a língoa fora com assobios parece estar já desafiando ao dito cavaleiro e ameaçando-o para o tragar de sorte, que é necessário, ou rodear o caminho, ou melhor atirar-lhe com algum bordão, que a quebre pelo meio. Pela sua braveza é já vulgar no Amazonas chamar jeraraca, a quem é bravo. Afirmam, que não criam bem senão ũa vez, e que os filhos já de si bravos, e impacientes sem esperarem o parto, roem as entranhas da mãe, e a matam, e pela brecha, que abrem saem para fora. Há muitas castas de jeraracas, e algũas pequeninas cousa de um palmo, e muito lindas com diversas malhas: não só andam pela terra, e sobem as árvores, mas também se fazem caseiras, e sobem aos telhados, donde algũas vezes caem das bordas das telhas mas, ou seja por não serem tão bravas como a primeira casta, ou por especial providência de Deus, raras vezes succede algũa picada destas caseiras. Outras andam pelos quintaes, e por entre a hortaliça, e finalmente não há lugar isento desta praga: mas tem muitos contravenenos, que aplicados a tempo aproveitam.

Cascavel é nome de outra cobra das mais venenosas do Amazonas, não muito grande, mas pode duvidar-se, qual veneno é mais activo, se o da jeraraca, se o da de cascavel? porque a sua picada é mortal: talvez, que por isso lhe deu o Autor da natureza o cascavel, que tem na cauda, chamado assim, porque quando caminha faz o som, e estrondo de um cascavel, como avisando, que se livrem dela. Contudo a muitos pica sem valer o aviso do cascavel, porque muitas vezes está quieta, e deitada no meio da erva, ou debaixo de algum pao, e nos que incautamente lhe bolem, logo pica. Se não se acode logo incha a parte com herpes, que em breve tempo acometem o coração. O seu cascavel é muito estimado para vários efeitos na medicina. Surucucu é outra espécie de cobra muito venenosa: cresce mais, que as duas antecedentes, porque cresce até oito ou mais palmos de comprimento. É mui brava, e acomete a gente com grandes saltos. A sua picada é tão venenosa, que faz arrebentar o sangue pelos olhos, narizes, e ouvidos, além de fazer inchar todo o corpo, e ordinariamente não obedece a medecina. Também a natureza lhe deu seu sinal, para dela fugirem os homens, que é o estar sempre bulindo, e açoutando a terra com a cauda, cujo estrondo serve aos práticos que já o conhecem de se o acautelar dela: pelo contrário quem ainda não tem dele experiência, quando ouve os taes açoutes acode ao estrondo, cuidando ser alguma outra cousa. Quando dormem resonam alto, e com grande estrondo. Tem muita amizade com a caça chamada paca de sorte, que ordinariamente vivem juntas na mesma cova.

Cobra de capelo é também de veneno muito activo: chama-se de capelo porque tem na cabeça uma semilhança de capelo. Nas matas do Amazonas não há tanta cópia desta espécie de cobras, como de outras; e se não houvesse nenhũa seria melhor. Cobra de cipó mui venenosa é das mais peri-

gosas, que criam aquelas matas. Chama-se de cipó, porque a sua cor é a mesma, que a de um cipó, e como ele delgada. É por isso das mais perigosas, porque se engana a vista com elas cuidando ser cipó, sendo cobra: daqui vem que muitos imaginando ser cipó vão pegar-lhe e se acham com ũa cobra. Também andam escondidas pela folhagem dos matos, e nos mesmos caminhos. Cobra de duas cabeças é ũa espécie de cobra, que tem a ponta da cauda não aguda como as mais cobras, mas rotunda, e da mesma sorte, que a cabeça de modo, que pouco se distingue a verdadeira cabeça. A sua cor é amarela, dizem comumente ser cega, mas na verdade algũa cousa vê; e tem os olhos muito pequeninos. Vivem com as formigas nas suas covas, ou seja, porque delas vivem, ou por alguma simpatia, que tem com elas, ou talvez por não terem o trabalho de fazer as suas covas, que acham feitas nos formigueiros. A sua picada é tão venenosa, que mata para logo; assim o vio claramente um missionário em um cão, em quem vio morder ũa destas cobras, e o perro não fez mais, que dar um grito em ũa volta, e caio logo morto. O mesmo missionário afirmou, que por experiência vira, que esta cobra tem faro como os perros; o que observou deste modo. Em um caminho dos matos sentio atrás de si um tal qual estrondo, e olhando vio ũa cobra de duas cabeças, que de longe vinha em seu seguimento, e sem se assustar proseguio o seu caminho, olhando de quando em quando, e sempre a via em seu seguimento. Furtou-lhe a volta rodeando por dentro do mato, e em pouca distância voltou ao caminho, donde observou, que chegando a cobra aquela paragem parou, e começando a farejar como perro já para o ar, e já para a terra endireitou para o mato, e fazendo o mesmo rodeio veio sair a mesma parte, em que também saíra o missionário, e continuou a segui-lo; o que vendo ele lhe descarregou ũa chumbada, com que a matou, ficando persuadido, que fareja.

Jibóia é ũa das cobras mais célebres do Amazonas, e do Brasil pela grandeza, e pela voracidade com que de ũa vez come um veado, um homem, ou um boi. Tem tanta força que segura qualquer fera, e é de tal elasticidade, que se estende, e encolhe como quer, como se faz a um nervo. Quando tem fome se põe no mato à borda de algũa estrada, ou caminho e ali occulta espera a caça segurando-se em algũa árvore com a cauda; e ao passar descuidada qualquer caça boi, veado, onça, anta, ou qualquer outra lhe dá um salto dando-lhe ũa volta pela barriga tão ligeira, e repentina, que a fera se acha de repente presa, e rodeada, e querendo fugir do perigo corre para diante, e quanto mais corre mais a cobra se vai extendendo segura na árvore com a cauda. Depoes de deixar correr a fera algum espaço a vai outra vez fazendo recuar, e entretanto a vai apertando cada vez mais até lhe amolgar, e quebrar todas as costelas, e ossos, que tanta força tem a bichinha! fazendo-lhe no mesmo tempo arrebentar as veas, e sair o sangue por boca, olhos, narizes, e ouvidos, até que finalmente cae morta a presa. Logo a vai babando toda, enchendo-a de escuma e saliva, e depoes a engole inteira ainda que seja o maior boi; e só lhe ficam fora da boca as pontas, se são grandes até se desconjuntarem, e caírem. Depoes vendo-se com tão grande bucha na barriga se deita a dormir, e depoes de digerir aquele bocadinho, sentindo-se gravada com a ossada, se finge morta, e estira com a barriga para cima. Acodem logo os urubus, e outras aves a picá-la, e fazer-lhe anatomia na pele, até lhe abrirem a barriga, e quando se sente já com boa brecha se vira, e deixando cair a ossada vai buscar a sua vida. Daqui se pode fazer con-

ceito de sua grandeza, e muita força; pois não se pode escapar com toda a sua valentia, nem um touro, nem uma anta: e da sua formidável boca também se pode conjecturar a sua monstruosa grandeza, pois está claro que o bojo, em que se há de alojar um bocado tão grande, deve ser à medida de tão desmedido boqueirão, que engole um touro inteiro. Da gente algũa se tem livrado, se quando a cobra a assalta ao enroscar-se não lhe prende os braços, mas ficam as mãos de fora, com as quaes puxando de alguma faca, a afaquea, e corta: mas sempre ficam com mui pouca saúde, deitando sangue pela boca pelo damno, e força do assalto, por mais diligentes, que sejam em golpear, e cortar a cobra; e por isso pouco vivem. Mas das feras, que nem tem, nem podem jogar semilhantes armas, nenhũa escapa, excepto, se quando se vem assaltadas, são tão ligeiras na carreira, que não dão tempo à cobra para as enroscar, e dar de todo a volta, ou laço.

Surucuju é outra cobra de bom tamanho, pois também investe com qualquer homem, ou fera. Crescem a uma desmarcada grandeza de vinte, e mais palmos. É animal anfíbio: vive ordinariamente, como peixe, na ágoa; e dela investe a tudo o que chega à praia, ou vai nadar no lugar, aonde elas andam. Também saem a terra, e sobem às árvores, donde fazem tiro nas canoas, que vão passando. E sendo bruto forçosíssimo quando está em terra, que ordinariamente é nas ribanceiras dos rios, se mata as vezes com muita facilidade. Eu vi matar ũa atirando-lhe ũas chumbadas, ou balas de ũa canoa, e com o primeiro tiro ficou tão quieta, como dantes de sorte que duvidaram se lhe entraram, o mesmo succedeo com o segundo tiro, e só ao terceiro, ou quarto fez uma pequena sensação, bolindo consigo, mas logo ficou morta. Cobra de atrair. Chamo assim a uma casta de cobra do Rio Amazonas, que atrae a si a presa, por me não lembrar do seu nome próprio. Dizem ser cobras das maiores, que criam aquelas matas, mas são raras, e talvez só se acham em algũas cavernas das altas cordilheras, pois são poucos, os que dela dem notícia como testemunhas oculares. Não acomete por si, mas quando quer comer olha para a presa, ou seja fera do mato, ou seja algum passageiro, que vai passando pela estrada, ainda que ao longe, e em muita distância, ele deita um tal hálito, que vem a presa atraída a meter-se-lhe na boca; da mesma sorte, que a doninha se vai meter na boca do sapo. Nem tem outro remédio o atraído, senão caminhar a sua perdição, e só se vai acompanhado de algum companheiro experimentado, que vendo-o ser levado, corta algum ramo de árvore, e dando com ele para ũa, e outra parte, corta o fio, ou hálito venenoso. Cobra viscosa. Não é menos nociva outra espécie de cobra, cujos efeitos mostram ser anfíbia, vivendo já na ágoa, e já na terra. O modo de caçar a presa é desta sorte. Sae da ágoa, enrosca-se na praia, e finge ser algum penedo, que ali está assente, porque tem a mesma cor das pedras da ágoa pardas, só com alguma diferença de mais lu[z mas] esta mesma diferença convida aos passageiros a chegarem a ver, o que julgam pedra; e como a curiosidade não se satisfaz só com ver, mas também com o tocar, logo acompanham a vista dos olhos com o apalpar das mãos, e tocando-a com ũa lhe fica pegada, como se a posesse em algum monte de breu, ou visco: acode logo com a outra mão, e também fica pegada, e o mes-

mo vai succedendo a todo o mais corpo; e quando já a cobra o tem de todo pegado, e mais que maneatado, se desenrosca, e o leva para o mar, onde o come muito a seu salvo.

Cobras da âgoa. São de muitas espécies, como são as referidas surucuju, e a visguenta: mas as de que agora quero falar são principalmente, as que chamam mãe da âgoa, e mãe do peixe. A mãe do peixe é uma cobra, que vive na âgoa em baías, e lagos: é cobra muito grande, e capaz de investir a qualquer canoa. Chamam-lhe mãe do peixe, porque só anda, onde há muito peixe, de que ela se sustenta; e na verdade para sustentar tal monstro é necessário um mar de pescado; e talvez que por isso não acometa as canoas, e navegantes. A mãe da âgoa é outra grande cobra, que vive nos lagos profundos, e talvez que por isso a chamam os índios mãe da âgoa; mas seja por esta, ou por outra qualquer razão, o certo é, que é uma mui grande cobra, e talvez a que afirmam alguns ter visto em diversos lagos, em que por medo dela não se atrevem os índios a entrar: tal é um grande lago nas vezinhanças da Missão Gurupatuba, chamada hoje a Vila de Monte Alegre, porque entrando nele algũa embarcação se ouve um estrondo, como de um grande trovão, e logo surge uma cobra de tão desmarcada grandeza, que pode investir, e meter no fundo a um navio, e o faria a alguma embarcação, que incautamente lá tem entrado, se não fugira para terra com muita diligência; porque a fera surgindo acima investe com tal fúria, que para lhe escapar é preciso remar para terra com unhas, e dentes; porque como a fera é de monstruosa grandeza demanda âgoa muito funda para poder nadar, a qual não tem perto de terra, e por falta de fundo proporcionado a sua grandeza não podendo nadar se retira, e assim escapam as canoas de ser afundidas. Além destas se tem visto muitas outras espécies de cobras tão grandes, que mais merecem o nome de monstros, do que de cobras: Tal era a de que relataram uns viajantes ter visto em ũas matas parada, e cuidando ser algum madeiro caído se assentaram nele, accendendo ao pé do mesmo ũa fogueira; e só deram no engano quando ela se principiou a mover instigada do calor do fogo. Em outras partes se tem visto os covis de outras taes, como se ali tivera estado algũa grande embarcação. Mais é, o que succedeo a uns brancos nas praias do Amazonas, aonde vendo caminhar um monstruoso cobrão o assaltaram, e já com tiros, já com frechas o mataram. Vista a sua grandeza nunca vista quiseram tirar-lhe a pele para a mostrarem por admiração, não a puderam virar 5 brancos com 40 índios, que ali se achavam, o que denota ũa desmarcada grandeza: mas sempre fo*[roto o original]* vão lhe tomar as medidas! Sendo porém tão vastas as matas do Amazonas, [e tão] abundantes de semilhantes monstros, não [con]sta, que haja nelas aquelas serpentes, e dragões de asas, que se admiram nos desertos da Líbia, e em outras regiões do mundo, o que denota, que ainda o Amazonas não é tão infestado, e pestilente nas suas pragas, como são outras regiões. E se prova bem: porque também não cria aquelas grandes feras, que infestam não poucas partes da Ásia, e África como elefantes, rinocerontes, unicórnios, búfaras, e muitas outras (outras) feras, que metem terror, e espanto aos seus naturaes.

CAPÍTULO 29º*

DE ALGUNS ANTÍDOTOS CONTRA A PRAGA DAS COBRAS.

Ainda que parece não pertencer a este lugar esta matéria, especialmente determinando eu fazer dela especial lembrança em opúsculo próprio, contudo me pareceu ajustado à razão apontar aqui alguns antídotos contra o veneno das cobras, não só pela razão, de que contraria *juxta se posita magis elucescunt***. Mas principalmente para que os leitores, e os pretendentes do grande tesouro descuberto no Amazonas, não deixem de procurar consegui-lo, por medo de tão pestíferas pragas, e mortaes sevandijas sabendo, que assim como aquele grande rio é rico de venenos, também é sumamente provido de antídotos, e abundantíssimo de muitos, e eficazes contravenenos, de que se aproveitam os seus naturaes, e habitantes, e por cujo uso quase desprezam as cobras, e formidam pouco os seus mais refinados venenos.

O primeiro antídoto, e universal remédio contra todos os venenos, que não só merece o primeiro lugar, e a primeira estimação pela sua admirável eficácia, mas também a primeira, e maior veneração pela pessoa, é ũa cordial devoção ao venerável Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus, missionário, que foi de índios nas partes do Brasil, cuja santidade chegaram a venerar as feras daqueles matos, cujo domínio chegaram a sentir os tigres, e cobras, e cuja santa benção, e poderosa proteção experimentam ainda hoje todos os jesuítas, e seus dovotos desde que o venerável Padre penetrando aquelas brenhas, e missionando aqueles índios, lhes vinham as cobras, e tigres a fazer festa, como se fossem mansos, e bem domesticados perros aos quaes mandava, que a todos os que trouxessem aquela roupeta não fizessem mal: e com este preceito, e com a sua santa benção se apartavam aqueles bravos, e cruéis monstros, tornados cordeiros, cujo preceito tem guardado tanto à risca, e ategora não consta, que alguma cobra no Brasil tenha mordido algum jesuíta como testemunham os muitos milagres, que andam autenticados no processo da sua canonização, que se espera *brevi*. Por esta notícia, e para este efeito de livrar das onças, e cobras veneram muito as suas relíquias, e as procuram, e estimam por um dos melhores antídotos contra os mortíferos venenos daquelas feras, especialmente depoes de as terem experimentado eficazes, estimando já alguma amostra da sua loba, já alguma partícula das suas alfaias, ou alguma pequena lasca das tâboas do seu cobícolo; como cousa muito preciosa: mas quando os desejosos habitantes do Amazonas não possam conseguir estas preciosidades, suprirão a falta delas com a sua devoção e invocação do seu santo nome, e espero, que experimentarão a eficácia da sua poderosa proteção, que tem experimentado tantos out[r]os.

O segundo antídoto, que a experiência tem mostrado mui eficaz contra o veneno das cobras, é o dente de jacaré: não qualquer dente, mas os da espécie chamada jacarecuruba cuja vertude se tem experimentado em muitos

---

* No manuscrito, 28º, por equívoco.

** Lat.: conhecem-se melhor os contrários justapostos.

casos, dos quaes já apontei um nesta "Primeira Parte", capítulo 1º Nº II, que foi, o que abrio caminho para a sua estimação, e uso. No citado lugar podem ver os leitores como se descubrio este antídoto, que aqui não relato, por não repetir o mesmo e nausear aos benévolos leitores. O uso deste dente é trazer-se dependurado de sorte, que toque a carne imediate, e já sem susto, nem medo podem frequentar as suas matas os habitantes do Amazonas; e deste modo lhe será preservativo, ainda daquelas cobras, que matam logo, como as de duas cabeças, e as mais acima referidas. Mas para os já mordidos se raspe algũa porção do tal dente, e se dê a beber ao enfermo, e o dente se lhe aplique, e ate unido a carne do corpo. E sendo o dente verdadeiro tão precioso como a vida de um homem, e por outra parte sendo os dentes de jacaré de tantas espécies, e tantos, deveria cada um ter a providência de os experimentar primeiro para saber discernir os verdadeiros dos falsos, e não se expor a ficar frustrado com os falsos. Simelhante vertude tem, como já adverti na "Terceira Parte", Capítulo *[em branco no manuscrito]* Nº [*em branco no manuscrito*] a fava de Santo Ignácio trazida da mesma maneira unida ao corpo; e segundo advertem, os que dela tem notícia não deve ser furada com instrumento de ferro. Da mesma se aplica raspada, e dada a beber aos mordidos, mas não raspada com ferro; e ainda que não tivesse outro préstimo, só por este merecia a dita fava ser contada no número das cousas preciosas: mas tem tantos outros, que a fazem mais preciosa, do que são as mais finas gemas. Das suas vertudes se podem fazer muitos capítulos; e de algumas já dei notícia na "Terceira Parte".

Merece o quarto lugar a raiz de cobra, cuja erva é tão activo contraveneno das cobras, segundo afirmam os práticos, que da sua eficácia recebe o nome. Antes afirmam mais, que não só atalha o veneno das cobras, [mas de] tal sorte as mortifica, que não podem morder, nem ainda bulir consigo de modo, que alguns tendo consigo a dita raiz tem pegado [as] cobras, deitado-as a tiracolo, enrodilhando-as ao pescoço, e feito delas quanto querem. É bem verdade, que um missionário testemunha o contrário dizendo, que por si mesmo fizera a experiência botando no meio da casa ũa raiz, e fazendo fugir para aquela parte a cobra, esta lhe passou por cima com muita saúde, devendo ficar como pasmada, e imóvel, segundo a opinião dos que pugnam pela sua grande vertude. É certo, que há três castas desta erva de cobra, e bem pode ser que a raiz de ũa seja mais eficaz, que as outras, e por conseguinte que todos tenham rezão, assim os que negam, como os que afirmam a sua vertude. Não é menos excelente a pedra de cobra, pois tem provado admiravelmente contra as suas picadas, atraindo a si o veneno posta na ferida. Não falo aqui na verdadeira pedra de cobra, que na sua cabeça se acha; porque estas são mais raras, se as há, e seria difícil o alcançá-las: falo da que já hoje é mais usual, que é ũa ponta de veado, alguns dizem que basta de boi, ou das suas canelas, queimada, e feita como carvão, e basta esta para atrair a si o veneno sobreposta na parte envenenada, como a experiência o tem mostrado, e depoes de o chupar por si mesmo se despega, e então para largar o veneno chupado, se põe de molho em leite, no qual o larga, ficando como dantes apta para nova cura quando for necessária.

Disse, que não falava na verdadeira pedra de cobra se [a há], porque na verdade parece havê-la, ou seja verdadeira pedra formada na cabeça da cobra, ou algum osso da sua cabeça. E quando não tenham todas as espécies de cobra, ou todas as cobras esta pedra, tê-la-ão algũas, como a pedra do camaleão, que nem em todos se acha, e como a do porco espinho, que

são raros os que a tem. O mesmo succederá nas cobras, que nem todas as terão: mas que algũas as tenham é sem dúvida, porque matando eu um sucuruju de formidável grandeza vi, e ouvi os índios meus neófitos falar entre si — *cepiac itá acanga çui* — "vede se tem pedra na cabeça": mas vendo, que eu, e um branco atendemos ao dito, lançaram a cabeça, e cobra ao mar.

São também mui eficazes remédios a triaga humana, e a lavagem de vaso femenino. A primeira dada disfarçada aos enfermos em ágoa ardente, e na falta desta em ágoa da fonte; e este é já hoje o mais prompto remédio, e provado antídoto, que usam os que dele tem notícia não só pela eficácia que nele se tem experimentado, mas porque no meio dos matos, onde muitas vezes succedem estas disgraças, não pode haver remédio mais pre[sentã]neo, com que uns a outros possam acudir. A mesma eficácia tem a lavagem por banho de qualquer mulher bebida pelo doente; porque qualquer destes remédios fazem vomitar os mordidos, e expelir o veneno.

O uso do azeite de oliveira também obra admiravelmente untando com ele a parte, ainda que dizem alguns, que para ser mais eficaz deve só ser extraído da azeitona, e não fervido, como costuma ser o azeite ordinário. Da mesma sorte dizem, que obra com eficácia o mesmo azeite bebido em quantidade de modo, que faça vomitar ao picado. Outros usam, se tem a mão, beber ũa boa tarraçada de ágoa ardente, que os provoque a vômito, e só com ela tem livrado muitos da cova. Usam alguns cauterizar a parte com fogo queimando a ferida; outros lhe queimam em cima enxofre, o qual remédio sempre é bom usar *ad cautelam,** ainda quando se aplicam outros remédios, para que se não obrar um, obre o outro, ou ambos juntos, porque *virtus unita fortius agit.***

Para o mesmo efeito há inumeráveis outros remédios de que usam nas occasiões conforme o pede a necessidade, e alguns fazem grande apreço dos ossos do pássaro acauã de que já descrevemos a antipatia, que tem com as cobras: e dizem, que a mesma tem os seus ossos queimados, e dados a beber desfeitos em pó, como também as suas penas. Mais admirável é a ponta do pássaro nhuma, ou como o chamam os índios cauintau, que dizem tem as mesmas vertudes, que a ponta do unicórnio. Mas quando succeda, que por estarem embrenhados nos matos, ou na solidão muito distante do povoado faltem todos estes antídotos, podem recorrer ao antídoto mais presentâneo, que ensinou a mesma natureza, e é chupar com a mesma boca a parte mordida, ou com ela o veneno sem medo de que lhes possa ficar mal pela boca, pela razão de o expelirem na saliva; e que este remédio seja proporcionado se infere da razão; porque a causa, de ser profícua a pedra de cobra é por chupar o veneno: logo o mesmo efeito succederá chupando-se com a boca.

---

* Lat.: com as devidas cautelas.

** Lat.: a força unida age mais vigorosamente.

PARTE SEGUNDA

Notícia geral dos índios seus naturaes, e de algũas naçoens em particular. Da sua fé, costumes, e das cousas mais notáveis da sua rusticidade.

CAPÍTULO 1º

Suposta já a notícia do rio máximo Amazonas, e seus colateraes, que por ũa, e outra parte recolhe, da sua mais singular, e mimosa pescaria, excelentes voláteis, e deliciosa montaria, segue-se já o darmos também algũa notícia dos índios seus habitadores, da sua lei, vida, polícia, e costumes. Depois a daremos das principaes povoações, tanto dos mesmos naturaes, como dos europeos portugueses, e castelhanos; e das missões, que nele fundaram os religiosos do Carmo, Mercês, Santo Antônio, e jesuítas nos respectivos estados das duas monarquias. E porquanto deles já escreveram muitos historiadores, como são os Padres Manuel Rodrigues, José da Costa, Samuel Prix, Bentendorf, e outros, além de alguns seculares, como são Condamine, francês, e vários espanhóes; só darei algũa sumária notícia em confuso quanto só baste para formar algum conceito, e vir no conhecimento do grande tesouro, que Deos descubrio nas vastas terras, dilatadas margens, e assombrosas matas deste grande rio, e do seu dilatado destricto e império.

Os habitadores e naturaes índios do grande Amazonas são gente também disposta, e proporcionada, como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente: porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeos, que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e ũa semilhança de racionaes; ou ũa espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana. E houve alguns espanhóes, que quiseram persuadir ao mundo, e encaixar nos cascos dos mais homens esta tão descascada parvoíce, e desencaixada opinião, só para encobrirem com esta fraca capa os bárbaros insultos, que com eles usavam e crueldades inauditas, que lhes faziam, porque matavam neles, como quem mata mosquitos, e os tratavam nos seus serviços, como se fossem feras, e bichos do mato: antes com mais caridade costumam os homens tratar aos seus brutos domésticos, do que eles tratavam aos pobres índios. Por outra parte era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura, com que sem temor de Deus nem pejo dos homens usavam, ou abusavam do sexo femenino, com tanta lascidão,* que parece enforcaram, ou alijaram ao mar as consciências, ao passar da linha na viagem da Europa para as terras da América. De sorte, que por ser tão público este seu vício, e tão notório

---

* O autor talvez tenha escrito *lascidão* por *lascívia*.

o seu escândalo, com ele os convenceram os prelados zelosos, e missionários da sua fantástica opinião, que os índios não eram gente, com um indissolúvel dilema, que não podiam desatar, nem escapar, desta sorte. Vós dizeis que os índios não são gente: por outra parte abusais, como gentios, ou falsos cristãos, do sexo femenino. Pois ũa de duas: ou eles são gente como nós, ou são monstros, e macacos? se monstros? incorreis nas penas do nefando crime de bestialidade, e como réos deveis dar pública satisfação pelo Santo Ofício, sendo chamuscados, e queimados. E se isto vos cheira a chamusco, deveis confessar, que são gente, e tão homens e verdadeiros racionaes como vós: e então também não vos limaes, nem livraes do grande crime de homicidas, e como taes deveis ser suspensos em ũa forca. Virão entalados nos braços deste Aquiles, suspensos, e espetados nas pontas deste dilema, e sujeitarem-se ao vergonhaço de se desdizerem, e confessarem homicidas.

São os índios de estatura ordinária, bem como os europeos, menos algũas nações, que por mais altos parece tem seu parentesco com os gigantes; e outras, que por curtas, fazem lembrar os pigmeos. A disposição, e membratura é mui proporcionada, as feições bastantemente finas e pálidas. Só na cor é, que mais se distinguem, e diferençam: não é de todo branca, falando em geral, e no mais comum; porque há algũas nações tão brancas, como os brancos; mas no mais comum, não são como os auropeos, nem azebichados, como os cafres, nem tão pardos, como os canarins da Índia. São avermelhados, ou entre brancos, e vermelhos; mas um vermelho escuro, baço, e tisnados do sol, bem como os timorés, que em tudo são vivo retrato dos tapuias, e como eles chamuscados pelo monarca das luzes, que a uns, e outros se avizinha quase igualmente: porque não obstante: ser o sol planeta tão claro, os faz escuros. A este alvo escuro da sua cor baça atirava o dito de um bom missionário a certa índia, que lhe disse se chamava Clara, a que ele, que tinha por sobrenome Fusco, repôs com galante agudeza, e aguda galanteria — tanto és tu clara, como eu sou fusco — porque na verdade era de cor muito branca, alva, e de um bem disposto, claro, e preclaro italiano. Podia entrar em problema: qual será a razão, porque os tapuias são vermelhos estando debaixo da equinocial, onde os ardores do sol são mais veementes, e os cafres da África são pretos, azebichados, com distarem mais da linha, e serem mais vizinhos ao Pólo? Supondo como cousa certa, que tanto ũa, como outra cor, preta e vermelha são efeitos dos calores do sol, como bem se prova das nações mais vizinhas aos Pólos, onde predomina muito mais o frio, que o calor, as quaes são muito mais brancas, e claras; e quanto mais chegadas aos Pólos, e terras mais frias; tanto mais é a gente clara, e branca. E no mesmo Rio Amazonas há nações que por viverem ordinariamente em matos, e à sombra das árvores são tão brancas, como os mais brancos europeos; o que bem indica, que o serem comumente avermelhados, e baços são efeitos do sol ardente, como também na África o serem negros grande parte dos seus íncolas, principalmente em toda a Cafraria. Em quanto porém se disputa entre os curiosos o problema, passo à mais descripção dos índios, que não obstante o serem vermelhos são muito capazes de aparecer.

O cabelo da cabeça é corridio, e ordinariamente preto. São de cara lavada, ou deslavada, porque não tem cabelo algum na barba, e neste particular não há diferença entre os homens, e mulheres; e só quando velhos se distingue em alguns um pequeno pêlo, mas sempre são fracas barbas, que tesas não as ficou deles a natureza. As feições, e dileniamento do rosto é bastantemente miúdo, especialmente em quanto meninos são lindos; e só na maior

idade algum tanto degeneram os homens. E tem observado alguns curiosos, que quanto mais lindos são em pequenos, tanto mais feios se fazem em grandes, ou seja pelos trabalhos, ou pelos ardores do sol, ou por tudo junto: e pelo contrário, os que em pequenos parecem mais feios, em adultos são os mais bem parecidos. No sexo femenino porém é mais permanente a sua contextura *praecipue** enquanto não tem filhos. Acham-se porém ainda no comum dos índios alguns tão gentis, e bizarros varões, como mulheres, e tão lindos, e bem parecidos, que podem competir ainda com as mais formosas senhoras da Europa. E algũas fêmeas há, que além das suas feições finíssimas, tem os olhos verdes, e outras azúeis, com uma esperteza, e viveza tão engraçada, que pode ombrear com as mais escolhidas brancas. Do que bem se infere, que não é infalível ser quanto mais branco, mais lindo: e que a formosura não consiste nas cores, mas na miudeza, e fino das feições, e boa, e bem regulada proporção dos membros. Isto é no comum, e mais ordinário dos índios vermelhos, e baços! que em algũas nações é a gente totalmente branca, e todos também parecidos, como os mais brancos ingleses, e mais bem talhados europeos; e em tudo tão bem proporcionados como os mais homens, excepto nas cores, e ainda estas passariam por brancas, se o traje, e libré dos brancos os cobrisse; porém não usam de galas, como adiante diremos.

Há muitas opiniões sobre a origem dos índios, de quem descendem, donde, e quando foram para a América? O Padre Gumilha na sua *História do Orinoco Ilustrado* e outros escriptores são de parecer, que eles são descendentes de Cã, ou Canaã filho 3º, ou neto de Noé, a quem este deitou a maldição pela falta de modéstia, e reverência devida ao tal bom velho Noé, pai do mesmo Cã. E trazem para roborar esta sua opinião muitos, e vários fundamentos dos quaes o principal é: porque nos índios da América se tem observado, os efeitos da maldição de Noé, que são o serem servos, e escravos dos mesmos escravos, e servos dos brancos: porquanto Noé na maldição, que deu ao seu neto Canaã filho de Cã, disse, que seria servo dos servos de seus irmãos — *maledictus Chanaan servus servorum erit fratibus suis.*** — Vê-se pois o efeito desta maldição nos índios; porque mais obedientes, e mais serviçaes são a qualquer negro escravo, do que aos mesmos senhores do tal negro, ou qualquer outro branco: de modo, que qualquer negro, não só é tratado dos índios com obediência, mas com respeito, por ser entre eles obedecido, e respeitado. Há também opiniões, de que eles são descendentes dos judeos, e que talvez são a tribo, que se separou das mais, e ainda até o presente não consta decerto, aonde fosse dar, e aonde esteja. E combinando bem a inclinação, e costumes dos índios, e ainda várias suas palavras, com outros fundamentos, me parece esta opinião, de que sejam a dita tribo perdida, e verdadeiros descendentes dos judeos, mais fundamental: e neles se acharam algũas, ou alguma nação, que circuncidava os filhos, que era o principal distinctivo dos israelitas de todas as mais nações do mundo. É bem verdade, que se acha neles tanta propensão, e inclinação a idolatria, como nos hebreos, nem ainda o conhecimento do verdadeiro Deos; mas isso lhe pode vir da sua grande rusticidade, porque criados a lei da natureza brutos entre os brutos. Além de que também entre eles se acharam nações ainda das mais cultas, como eram os naturaes do grande Império do Peru, que adoravam ao ídolo Molo e lhe sacrificavam os seus filhos, como escreveo um

* Lat.: principalmente.

** Lat.: o maldito Canaã será servo dos servos para seus irmãos.

zeloso prelado, dizendo, que todos os anos se sacrificavam ao diabo pelo ídolo Molo para cima de trinta mil infantes queimados vivos, como logo diremos. E se as outras nações não tinham estas idolatrias, não lhe faltavam superstições, e agouros, que também são uma espécie de idolatria, em que também pecavam os hebreos. Não é pequena congruência o uso de não comerem carne de porco quase todos aqueles povos; e posto que não lhe custa muito nem lhe dá muito a boa educação dos filhos contudo não deixam de os embalar com esta doutrina, que não comam a carne de porco, porque mata a gente. Observou esta sua máxima um religioso, além de muitos outros: porque repartindo entre algũas crianças, que acodiam no tempo da mesa, algũas esmolas, quando estas eram, ou tinham misturados alguns pedaços de carne de porco, as rejeitavam, porque diziam, que se as comessem logo haviam de morrer. Antes parece, que tem como indita pela natureza esta aversão às carnes porcinas; porque aquelas crianças como pequenas, e ainda balbucientes não podiam ter ainda instincto, e conhecimento para discernir carnes de carnes, a fim de rejeitarem as suínas, e abraçarem as que o não eram. Verdade é, que esta sua náusea à carne de porco, só é à dos domésticos; porque a carne dos javalis, e porcos monteses quase todas aquelas nações comem sem escrúpulo, nem medo de morrerem; e em lugar de lhe terem aversão são tão amigos dela, que bem se pode dizer com verdade, que morrem por ela.

CAPÍTULO 2º

DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS.

Posto que vivem em povos, e repúblicas mui numerosos os naturaes do Amazonas, contudo em pouco se diferençam dos bichos, e feras do mato; excepto a nação inca do Império do Peru, que já vivia com economia, e governo debaixo de uma só cabeça que os regia com lei *more monarchico* como adiante diremos em capítulo separado. As mais nações, posto que também tenham seus maiores, ou cabeças, a quem os espanhóes chamam caciques, e os portugueses principaes chamados na sua língua tobixabas, aos quaes pontualmente obedecem, contudo são creados a lei da natureza. É bem verdade, que os filhos obedecem com muita sujeição aos pais, os mais moços aos mais velhos, tendo-lhe tanta veneração, e às velhas, que juram nas suas palavras; e o que elas dizem são para eles oráculos, e evangelhos de sorte, que ainda convertidos, e domésticos mais depressa acreditam, o que lhes dizem as velhas do que o que lhes pregam os missionários. E se alguma velha levantou a voz, e diz morram os missionários, tenham estes paciência, porque lhe será mui difícil o escapar: e pelo contrário quando os índios amotinados querem

matar algum europeo, basta uma para os aquietar. Deste grande respeito, que tem aos velhos, e velhas nasce o terem em grande veneração os seus contos, que vão passando por tradição de uns a outros, como é a notícia do dilúvio universal, e outras: porém como nem as velhas são doutores, nem os moços letrados, e principalmente por não haver entre eles o uso de livros, nem a providência de ler, e escrever nada sabem de raiz, nem se pode fazer fincapé nos seus ditos, e evangelhos. Do dilúvio apenas conservam uns longes, de que em todo o mundo só escapara um homem a quem chamam Nogue Nogue dizendo uns, que escapara em uma árvore muito alta; outros deste, e outros daquele modo, tudo confusão. Da mesma sorte tem alguns a tradição da creação do mundo, e de nossos primeiros pais, e que viviam no convento, ou casa, que está nas margens do Rio Topajós. Também da vinda do Apóstolo São Tomé a América, e que os ensinara o modo de cultivar as suas sementeiras; que todas se cifram na mandioca, e farinha de pao: e poucas outras. As tradições que mais conservam são das suas guerras, e batalhas, que tem tido com os seus inimigos e nações contrárias; e de quando em quando se põe a pregá-las, e contá-las aos mais, ou entre si, quaes pregadores nos púlpitos, especialmente quando se querem animar para alguma nova batalha. E nestes sermões, para fazer melhor o seu papel, e mover mais ao auditório com os seus ditos, tem na mão um arco, e na outra uma frecha, e com estas armas fazem muitas e diversas exibições, já metendo a frecha no arco, e fingindo, que a querem disparar, já tirando-a, e metendo-a na aljava, tudo acções belicosas para se animarem, e persuadirem aos mais as suas valentias, e que a ninguém temem, ainda que seja o Grão Turco; e gasta horas, e horas nestes seus sermões, e com bem pouco fructo.

Também desde pequenos se criam com vários agouros em pássaros, em feras do mato, e muitos contingentes: e por isso há pássaros, a quem não matam, nem fazem mal. E quando se avistam com algũas feras em taes e taes tempos, e occasiões, apreendem, que lhes há de succeder esta, ou aquela disgraça, ou que hão de morrer, e são tão aferrados a estes dogmas, em que os criam os pais, que ainda que vejam o contrário não há tirar-lhos da cabeça. Um destes seus agouros é com a anta, de que falamos acima: semilhante tem com o ouriço cacheiro, a que chamam gandu açu, que lhes anunciam a morte, porque os viram deste, ou daquele modo; e em muitos outros animaes. Assim mesmo deixam de fazer algumas cousas ainda precisas por terem para si que lhes há de succeder mal, ou às suas mulheres, se estão pejadas: como é, que nestas occasiões não podem pescar, porque não há de pegar o peixe, e outros *ejusdem furfuris,** dos quaes são tão tenazes, que ainda no Cristianismo missões conservam estas doutrinas de seus avoengos. Por isso quando algum branco tem alguns serviços, que eles por seus agouros cuidam que por este, ou aquele agouro não terão bom êxito, só a pao os persuadirão ao contrário. Deste jaez é a abertura das canoas, de que adiante falaremos, a qual para ter bom êxito não há de assistir oficial algum, que tenha mulher pejada *sub poena*** de se perderem os seus trabalhos, e de se abrir, e perder a canoa. Da mesma sorte fazendo-se alguma fábrica de azeite de andiroba, tem para si, que esta se há de perder, se nela trabalha alguma

---

* Lat.: da mesma farinha. A expressão latina mais usada: *ejusdem farinae*. Usa-se mais em sentido moral, com referência a pessoas que têm os mesmos vícios, defeitos etc.

** O autor usou a expressão latina.

mulher com a sua regra, ou se alguma das que nela trabalham foi tingir a saia, ou outra alfaia durante a tarefa: porque então, dizem, emperra o azeite, e não quer correr. Por isso alguns missionários e brancos em taes occasiões para lhes mostrarem o contrário mandam, que façam o mesmo, de que agouram para com a experiência melhor lhes mostrarem a evidência do contrário: e por isso no abrir das canoas não obrigam a assistir e trabalhar os ditos oficiaes, mas também os mandam trazer as mulheres pejadas, e as fazem assistir a função até se acabar: porém são tão aferrados a estas suas parvoíces, que ainda então atribuem a alguma outra causa o successo, *v.g.* a santidade do missionário, ou a outra causa semilhante o bom êxito, e sempre ficam encasquetados nos seus erros.

Entre os mais são mui ridículos dous abusos, que observam um com as mulheres paridas, e outro com as filhas a primeira vez que lhe vem a regra: porque com as mulheres sendo elas as paridas os maridos são os que tomam as dores deitando-se nas suas camas, e tratando-se como doentes por alguns dias de sorte, que a mulher se vê obrigada a padecer as suas moléstias, e juntamente a tratar da criança nascida, e do marido fingido doente: e se não pode, tenha paciência, porque ainda que jejue o trespasso o marido está priveligiado, e de perninha; nem há de fazer cousa alguma nestes seus dias feriados. Não é menos ridículo o segundo abuso, que observam com as filhas na primeira vez, que lhe vem a regra, porque então as metem em um gênero de cesto, a que chamam cofo, e neles como em gaiolas as sobem com ũa corda até a cumieira da casa, e ali as fazem jejuar, e mais que jejuar dependuradas com rigorosíssimo silêncio, e recolhimento: e quando muito lhe dão as velhas algum pouco de mingao, certa bebida, que fazem engrossada com algũa farinha, e mais nada. E isto por uns tantos dias, depois dos quaes as descem, e licenciam a sair dos cofos, tão macilentas, e descoradas da rigorosa abstinência, e estufa; que saem as pobres raparigas tão desfeitas, e definhadas como se se levantassem de algũa grave doença. E persuadem-se as velhas, que se não observarem à risca este seu ceremonial nunca hão de ficar com boas cores; e que nunca hão de ser gente; e que também suas mães e avós padeceram o mesmo. Também costuma exercitar os moços em vários trabalhos para os esforçarem contra os seus inimigos; e todo o que quer patente de valentão; e animoso há de merecê-la a poder de martírios, e assim se ajuntavam os magistrados, que são os mais graves, velhos, e todos os jubilados de animosos, e que comem porção de valentões a examinar o bacharel, já desencando-o com açoutes, já derrendo-o com pancadas, e talvez que algũa vez chamuscando-lhe a cara por não ter barbas, e todo o corpo. E o padecente, já que se sujeitou ao exame, e quer certidões de valeroso, tenha paciência, que em todo o tempo do exame não se há de queixar nem defender, não há de dar um ai, ou qualquer outro sinal de sentimento, *sub poena* de ficar reprovado no exame, e levar um grande vergonhaço de todo o povo, que com grande expectação está observando a sua valentia, e constância, e além da reprova fica bem amassado com a boa sova de pancadas, e derreado com a rigorosa examinação. Porém se com valor, brio, e ânimo sofreu a prova (não sei, se tem mais, que ũa tentativa) fica aprovado, e é adnumerado ao corpo dos graves passeando à grave, e na companhia dos nobres, e abalizados valentões. Quando se padece pela vaidade do mundo, e quão pouco pela bondade das vertudes, quantos tormentos, dores, e trabalhos pelo vício, pelo pecado, e pelo diabo, e quão pouco pela alma, pelo Céo, e por Cristo!

E para os fazerem, e crearem valentes costumam alguns pais e parentes já do princípio, e desde a puerícia, fostigar bem aos filhos com pancadas, como quem sabe pelo ditame da razão, e pelo magistério da experiência, que em grande só é bem sofredor do trabalho, quem desde menino se acostumou a padecer — *a teneris assuescere multum est** — e que desfalece com qualquer adversidade e tormenta, quem só foi creado com mimos e regalos. E este seu Deuteronômio não só observam nos matos, enquanto gentios; mas ainda nas missões, e depoes de estarem no grêmio da Igreja. Muito compassivo esteve ũa noite um missionário por ouvir chorar, e gritar um rapaz cuidando ter algũa grave moléstia, ou haver-lhe succedido algum grande infortúnio: com este cuidado, assim que amanheceo mandou saber a novidade e foi a reposta que era fulano, que em toda a noute esteve dando pancadas, e tratos a seu sobrinho para o fazer valente, animoso, e esforçado. E como a valentia é entre os índios o maior brasão de nobreza, gravidade e fidalguia não se negam às empresas árduas, e perigosas batalhas com seus inimigos; antes muitas vezes se oferecem. E daqui vem a sua grande promptidão para irem nas tropas, quando estas vão batalhar com algũas nações levantadas, ou rebeldes: de sorte, que repugnarão a ir remar nas canoas, e servir aos brancos, quando para isso são requeridos; mas para irem nas tropas, ordinariamente não se negam, especialmente os mancebos, que querem alegar certidões de valor. Assim os engana o diabo para lá perderem não só a vida, mas talvez, que também a alma, pelos seus imprudentes brios! Mas a desgraça é, que não são só os índios, os que leva o demônio por este caminho senão ainda a muitos brancos, e o que naqueles por rústicos não é de admirar, é para admirar, e estranhar nos brancos, que tendo mais conhecimento de Deos, da alma, e do inferno, tantos leva o diabo pelos tolos brios de valentias, de ódios, e de vinganças!

Mas na verdade, que os índios são os mais sofridos ao trabalho, às doenças, e adversidades de quantos se lem nas histórias; ou seja por estas suas provas de valentia, ou, como parece mais provável, por natureza. Faz pasmar ver o quanto atura a remar ũa canoa de brancos, de dia, e de noite sem dormirem, senão quando muito duas até três horas, não só semanas inteiras, mas também meses! O mesmo é em qualquer outro trabalho, e isto muitas vezes passando dias inteiros, sem outra comida mais, que um punhado de farinha de pao misturada com ágoa, a que chamam tiquara, e se tem cômodo para a cozerem, ou aquentar ao fogo, a que chamam mingao, já remam mais contentes. Da mesma sorte nas doenças, embora que estas sejam mortaes, ou atravessados com ũa frecha, ou faca, ou com veementíssimas cólicas, ou ardentes febres, é rara a vez, que dão um ai, um gemido, ou suspiro. Disse, que parece herdam esta invicta paciência por natureza; porque não só os grandes, e adultos, mas ainda os meninos, toleram grandes dores com tão rara paciência, como se fossem insensíveis.

O desprezo que tem as riquezas, e bens do mundo é inemitável porque em tendo comer já na caça do mato, e já na pesca dos rios andam tanto, ou mais contentes que os ricaços do mundo com todos os seus tesouros, galas, e banquetes: não lhes dá cuidado como hão de vestir, nem donde lhes hão de vir as alfaias de casa; porque de tudo são despidos. Andam, e vivem a ligeira, e sem ceremônia vestidos só das finas peles, que lhes dão suas mães, e pri-

---

* Lat.: é importante acostumar-se desde a infância.

meiras galas de nossos primeiros pais; em fim vivem totalmente nus, como suas mães os pariram, e a maneira dos bichos, e feras do mato, ou como no estado na inocência trajava Adão: e por isso nem fazem gastos em galas, nem envejam os mais bem trajados palacianos, que toda a sua glória trazem como estampada no belo, e custoso traje, embora, que os filhos morram a fome, e os acredores gemam necessitados. Não assim os índios do Amazonas, que só trajam a libré, que lhes deu a natureza, e o maior cuidado, que tem é em compor o estômago, e trazer a barriga contente. O muito, que fazem alguns é cobrirem o membro viril com ũa folha de árvore, mas não são todos, nem sempre: porque ordinariamente se não pejam uns dos outros, nem pais dos filhos, nem homens das mulheres, andam e vivem todos juntos, como lotes, e rebanhos de gado. E posto que os domésticos se criam já, e tratam nas casas dos brancos, e nas missões com mais honestidade, e decência; contudo ainda nos seus sítios, e trabalhos usam dos mesmos privilégios, e só então por maior decência atam o membro viril com um cordão, ou fino cipó, a que podemos chamar atilho da modéstia, muito usado quando remam nas canoas, e quando trabalham nas roças, e andam suados diante dos europeos; e os do mato não usam de tantas ceremônias com advertência, que não é por falta de drogas, de que possam tecer finíssimas telas; porque tem finíssimos algodões, e muitas outras matérias; mas é mesmo por natureza e creação a sua desnudez. Os domésticos porém, assim pela doutrina dos missionários nas missões, como nos sítios, e casas dos brancos já usam de algum vestido, e o ordinário é uma camisa grossa de algodão, e uns calções do mesmo os homens: e as mulheres uma camisa degolada a francesa, que apenas lhe chega até a cintura, e ũa saia até o artelho, ou meio da perna, ou até os joelhos; e só algumas por occasião de festa ornam já o seu cabelo com algum pente, ou fita, com algũa gargantilha, ou arrecadas de belórios, sua camisa de bretanha, e poucos adereços mais; e tirando estas funções de festas, ou visitas de brancos, basta-lhes uma curta saia sem mais adorno, nem alfaia; esta ordinariamente tingem de preto no lodo, e outras até as camisas tingem de roxo, ou vermelho. Isto é o mais usual, porque já nas cidades e povoações maiores com o trato, e comunicação com os brancos vão algũas, e alguns usando, e apetecendo maior luxo; mas com pouco se contentam.

Tornando porém ao mais comum, assim como são despidos de todas as galas, assim também o são de toda a ambição. É o vício da ambição tão universal entre os homens, que o sábio Salomão chama bemaventurado a todo, o que dele está isento — *Beatus vir... qui post aurum non abiit**. E julga por tão difícil o haver algum homem de mãos tão limpas, e de coração tão despido, e desapegado das riquezas mundanas, que admirado pergunta se há no mundo, quem se possa gabar de não estar inficcionado do afecto, e afeição as riquezas para o louvar, e elogiar com eternos encômios — *Quis est hic et laudabimus eum?*** — Porém se fosse a América acharia, não um mas milhões, e milhões de índios tão despidos de toda afeição, e ambição das preciosidades mundanas, que ainda das que Deus lhes repartio nas suas terras não se utilizam, não fazem apreço, nem caso algum, antes as desprezam. Deste seu incomparável desprezo dos bens terrenos vem o perderem-se entre eles os estimados cacaos, cravos, salsas, preciosos bálsamos, prata, ouro, diamantes, e todas as mais riquezas de que abunda o Amazonas, e pelas quaes navegam

* Lat.: feliz o homem... que não corre em pós do ouro.

** Lat.: Quem é esse, e louvá-lo-emos?

os europeos tantos mares, e se expõe a tantos perigos. Todas as suas riquezas consistem em ter ũa pouca de farinha de pao, que é o seu pão ordinário: e ainda esta não tem muitas nações, mas suprem-na com fructas agrestes, e do mato. Um arco com as suas frechas, ũa canoinha, que fazem de casca de alguma árvore, e um remo; ainda que esta não tem todos, contentando-se com uma pequena jangada feita de canas, com que atravessam os rios, e passam de umas para outras ilhas, e lagos. Todos os seus móveis, trastes e instrumentos de casa se cifram em uma panela, ũa cuia, que é um gênero de cabaço por onde bebem, uma maquira, ou rede para dormirem, que muitos remedeam com ũa esteira, a que chamam miaçaba tecida de palmas, ou cipó. Alguns tem seu machado de pedra, que por mais dura que seja sempre é fraca cousa: a sua faca de pao, ou casco de tartaruga. Além destes belos trastes, alguns velhos também tem o seu cachimbo para se regalarem com o paricá, em lugar de tabaco: estas são todas as suas riquezas, haveres, e alfaias, com que vivem mui contentes, sem mais cuidados nem fadigas, por terem neste pouco todo o necessário para a vida. Porquanto no arco, e frechas tem armas para as suas guerras, tem rede para pescarem, e tem arma para caçarem, que é toda a sua vida: e quando tem este trem está a sua casa arrumada, e bem armadas as suas cantareiras; e também se querem mudar de estância não tem necessidade de muitas bestas de carga, nem de muitos barcos para o seu transporte.

Nas mulheres é a proporção o seu dote, e alfaias. Vem a ser uma cuia, um pequeno cabaço de jequitaia, ou malagueta, que lhes serve de tempero em todos os seus guisados: uma pequena panela, um ralador, que é um pedaço de tâboa de pao mole, em que embutem uns espinhos, ou dentes para ralarem a raiz de mandioca, ou algumas outras fructas de que fazem farinha; e um guturá certo gênero de cestos que tecem os maridos, em que metem todo este enxoval, quando vão de casa mudada de ũas para outras partes, servindo as mesmas mulheres de bestas de carga, que carregam às costas com todo o trem dependurado com uma fita feita de estopa de alguma árvore, e seguram-na na testa: porque o marido vai sempre à ligeira e expedito com o seu arco nas mãos, e aljava de frechas, prompto para algum encontro que possam ter no caminho, de fera, ou cobra. Há quem possa envejar semilhantes riquezas? Pois nisto pouco mais, ou menos se encerram as dos índios da América pela maior parte: e algũas nações, que não tem estável domicílio, mas sempre andam a corso, nem tanto tem, para poderem caminhar mais expeditos. Os índios mansos das aldeias, e os já domesticados, fora a sua fraca roupa, pouco mais tem; mas a respeito dos do mato, já se podem chamar ricos. Porque, além do seu arco, e frechas, trem indispensável a todos, canoa, e remo nos casados *saltem* mais graves, algum pano de algodão para camisas, calções, e saias, que ordinariamente nem passa de pano grosso, nem de ũa até duas camisas; tem de mais a mais seu machado, e uma faca: esta para a serventia ordinária; aquele para fazerem as suas canoas, e rotearem os matos para as suas roças. Eis aqui pouco mais, ou menos todas as suas riquezas! E só os que trabalham, e remam nas canoas dos brancos, e vão as colheitas do cacao, e mais riquezas dos matos recebem deles por ũa parte do seu pagamento algumas outras poucas drogas, como algumas varas de bretanha, um chapéo, um prato de sal, e similhantes quinquilharias, que repartem entre a mulher, e filhos. E posto que com a comunicação com os brancos podiam ter aprendido mais algũa economia, e tem mais algũa ambição (e na verdade já nos seus sítios vão plantando algodão, e outras drogas) contudo nada menos; porque ainda isso deixam perder,

Porém deixando por ora os já domésticos, de que falaremos adiante, quando descrevermos as missões, tornemos aos do mato, onde ainda admiraremos cousas novas. Dissemos acima, que de usam machados de pedra, facas de pao; e usam também de dentes de animaes, especialmente de cotia, que são muito duros, e agudos, com que alguns mais curiosos fazem seus labores. Porém por mais dura, que seja a pedra dos machados pouco servem para as suas manobras, e facturas de roças em que mais amassam, do que cortam os paos; mas assim amassados os fazem secar, e depoes lhes põe fogo, e queimam, fazendo no seu lugar as suas sementeiras, que ordinariamente não passam de mandioca. Também a faca de pao, ou de algum osso de animal, como de casco de tartaruga, do qual também alguns fabricam os machados, para pouco lhe serve; porém o que com ela não podem fazer, substituem as unhas, e dentes à maneira das feras, que sem esses instrumentos vivem, comem, e passam a vida. Da mesma sorte julgam por cousa supérflua os instrumentos de garfos, e colheres, quando nos dedos, e nas mãos Deus lhe ministrou o suficiente preparo de garfos, e colheres, que alimpam com a finíssima toalha da sua língoa. Tem pouca diversidade de guisados as suas mesas, e pouco trem as suas cozinhas; porque ordinariamente comem tudo assado, ou meio assado à inglesa; o que fazem em uma como trempe de três paos levantados com os pés distantes, para lhes meterem a lenha, e o fogo, que rematam em cima unidos, e atados: no meio lhes fazem um arremedo de grelhas com varas, e nelas assam todas as suas caçadas de carnes, peixe, tartarugas, ou o que Deus lhe depara: e rara vez usam de espeto. O seus pratos são umas vezes folhas de árvores, outras nos mais polidos são umas cuias, que, como já disse, são um gênero de bons cabaços, ou cousa similhante; e de nada mais constam as suas baixelas, e serviços de mesa. Porém, quando nas suas ocharias há vianda, que não se pode assar, e se deve cozinhar, como é a sua usual bebida, a que chamam mingao, tacacá, e outras, tem para isso suas panelas fabricadas de cinza de uma árvore, misturada com algum barro, e burnida com uma rezinha com que ficam como vidradas. E destes mesmos materiaes fabricam umas talhas pequenas, e grandes, chamadas iguaçabas, que ordinariamente fazem as vezes de pipas, e tonéis para lançar nelas as suas vinhaças, a que são mui inclinados, como logo diremos.

Para torrarem a farinha de pao, ou fazerem seus bolos, a que chamam beijus tem seus forninhos fabricados da mesma cinza, e os fazem por modo de um testo espalmado, e grande levantado da terra para lhe meterem fogo. O molho também não é de esquisitos ingredientes, antes ainda mais ligeiro que o molho de vilão. Consiste ele em uma gota de caldo, ou gordura da menestra, que tem para comer; e se é como regularmente costuma ser, assada, supre uma gota da água do rio, e nela esmagam uma pimenta, ou se a não tem fresca, um pó dela seca, que sempre tem, e está feito, e perfeito o molho. Outros em lugar da pimenta usam de gingibre, também outros usam de sumo de limão; outras vezes de tucupi, que é o sumo da raiz da mandioca, e para lhe tirarem o veneno, o cozem primeiro: e é todo o seu tempero, em lugar dos azeites, vinagres, sal, e ainda mostarda dos europeos. E na verdade uma pimenta malagueta machucada em ũa pinga de caldo, não só supre todos os molhos, mas também abre a vontade de comer; e por isso é já muito usada de todos os brancos; de sorte que ainda os que se tratam a fidalga, tudo tem por insípido, se não tem o gostoso, e apetitoso picante da malagueta. Em algumas partes também usam de sal de mina, onde a há;

mas como poucos tem essa mina, extraem alguns o sal de palmeiras queimadas: porém o mais comum é passarem sem ele, por suprir tudo a malagueta.

Na falta porém destas iguarias de peixe, e carne, ou quando estão doentes, usam do seu ordinário mingao de farinha cozida em ágoa que fica como papas ralas, que possam beber; por sobremesa, como também quando se acham com calor, ou vão de viagem, usam do seu tiquara, que é ágoa, em que molham ũa pouca de farinha, que juntamente os sustenta, e refresca: e a sua imitação a usam também os brancos, e se lhes misturam uns pós de açúcar é mais doce. Outros usam de outra bebida, que chamam tacacá, que é ũa pouca de ágoa engrossada ao fogo com a farinha carimã, e com seus raios de tucupi, e picante da malagueta: e dos índios a aprenderam também os brancos, que já hoje usam desta bebida por acepipe. De algumas outras bebidas mais deliciosas, como os vinhos do açaí, de itacaba, de cacao, como mais usados dos índios mansos, e dos brancos, diremos mais adiante; como também do célebre chá padu, que usam alguns índios, especialmente os naturaes do Rio Negro, cujas folhas trazidas na boca suprem a falta do somno, e mastigadas matam a fome, e sede, além de outros admiráveis efeitos em que vence o afamado bétele da Ásia, sem serem necessários tantos ingredientes, nem tantas misturas. Onde melhor se vê, que os índios da América não tem ambição é em desprezarem os mesmos metaes de ouro, prata, e muitos outros: porque tendo a América tantas, e tão grandiosas, e abundantes minas destes metaes, que o mundo tanto cobiça, não consta, que eles se aproveitem de alguma, tirando algũas poucas nações, como a nação dos incas, e poucas outras: e da mesma sorte desprezam os diamantes, e mais pedras preciosas, bem como as galinhas, quando esgravatando na terra as encontram. Mas é mais admirável a sua brutalidade em não usarem, nem conhecerem o ferro, e por consequência o beneficiá-lo; porque sendo este metal tão conhecido no mundo, tão usado dos homens, e tão necessário para a vida humana, que sem ele andariam os homens com as mãos atadas, e moralmente não poderiam viver, senão como os brutos, pois com ele se servem em todos os ministérios; contudo não só não é usado, mas nem ainda conhecido pelos salvagens da América: e por isso usam de machados de pedra, facas de pao, e outras futilidades deste jaez; e também se valem algũas vezes do fogo para desbastarem, o que querem fabricar. Mas na verdade bem ponderada a sua vida, desnudez, e mantimentos, e que a caça dos matos é inumerável e comũa, e a pesca nos rios abundantíssima, de que lhes servem as riquezas de ouro, prata, e diamantes?

São muito amigos de festas, danças, e bailes; e tem para isso suas gaitas e tamboris; pois ainda que não tem ferro, lá tem habilidade de fabricarem as gaitas de algumas canas, ou cipós ocos, ou que facilmente largam o âmago; e os tamburis de paos occos, ou se é necessário os ajustam com fogo. Uma das suas gaitas muito usada é uma como flauta, a que podemos chamar o pao que ronca, com três buracos, dous na parte superior, e um na inferior; e ordinariamente o mesmo, que a toca, bate com a outra mão no tamboril. E não há dúvida que alguns o fazem com perfeição, e com suave, e doce melodia, ajustando as pancadas do tamburil ao som da flauta, bailando juntamente compassados de modo, que podem competir com os mais destros galegos, e finos gaiteiros. Nem é necessário que alguém os ajude; porque o mesmo com a mão esquerda, e dedos, sustenta, toca, e florea na gaita; debaixo do braço pendurado o tamboril, e com a mão direita o vai batendo e tocando. Outras das suas gaitas mais afamadas são de taboca, certo gênero

de canas tão grandes, e grossas, que delas se fazem óptimas escadas de 50, 60, e mais palmos de comprimento, como em seu lugar direi. São estas flautas compridas de 5, ou 6 palmos, e tão grossas, que podem servir de boas trancas aos mariolas. Chamam-nas toré, e os flauteiros para poderem animar taes almanjarras são grandes beberrões; mas ordinariamente só as tocam nas suas beberronias, e por isso as reservo para quando descrever as suas vinhaças, e então exporei também as suas danças, e bailes. Estas gaitas, e tamburis são ũa parte da herança, que deixam aos filhos; como também alguns penachos das mais lindas penas de pássaros, que matam; e com elas tecem vistosas grinaldas, com que ornam e enfeitam as cabeças: outros fazem cíngulos, que cingem na cintura, e arremedam bastantemente os atafaes de furta cores dos almocreves, ao menos tem com eles alguma semilhança, e os ditos jaezes são gala, e ornato dedicado só às suas maiores festas, e solemnes aparatos.

É indispensável nos índios o terem alguns, ou algum cão de caça, assim para lhe caçarem, como para os acompanharem; e estimam tanto os seus cachorros, que se pode duvidar, a quaes tenham mais amor: se aos filhos, se aos cachorros? ou talvez corram parelhas. Pois é experiência de muitos, que dizem, que quando vão de caminho, ou jornada, tendo algum cachorrinho, o levam as filhas, ou mulher ao colo, e o filho, ou filha, ainda que pequeno, e tão tenro, que apenas pode gatinhar, tenham paciência, e vá a pé. Ainda nos já mansos, e aldeados guardam esta preferência aos cães; e por isso quando comem, os tratam bem, sendo um bocado para o amo, ou dono, e outro para o cachorro; e se não há para abranger a mulher, e filhos? tenham paciência, e jejuem, que o cachorro tem na mesa segundo lugar, abaixo do senhor da casa: porque dizem, que os cães não só os acompanham, mas também lhes descobrem, e levantam a caça, e muitas vezes a matam; e por isso tem maior direito ao prato, de que o dono reparte com eles igualmente.

Um dos enfeites mais ordinário nas mulheres é o trazerem seus grandes colares, e gargantilhas, não de péloras, aljofres, e brilhantes, porém de dentes dos índios que matam, e comem algumas nações. E similhantes colares não são para todas; mas só para as moçatonas mais ilustres, e mais lindas filhas dos maioraes: porque são divisa de nobreza, e brasão de valentia. Nos dentes vão contando o número de homens, a que deram honrada sepultura nas suas barrigas, e como fazendo rol dos mortos, e comidos: de sorte, que por estes rosários contam os defuntos, e nestes colares tem ũa viva memória de seus inimigos mortos, e quem tem rosário mais comprido é mais nobre, mais linda, mais fermosa, e mais enfeitada, e estimam mais estas enfiadas, do que se fossem fios de finas pérolas, e coraes, ou pendentes de finíssimos brilhantes. Duas destas enfiadas apanhou certo branco a duas índias, as quaes depoes andava mostrando aos amigos, como por admiração dos muitos mortos, que denotavam. Porém os já domésticos não só não comem carne humana, mas já se envergonham de taes adornos, posto que alguns tem havido, que ainda depoes de aldeados, e praticados ũa, e muitas vezes tem tornado ao vício, e fogido para os matos para livremente o poderem exercer. É muito galante a indústria, de que usam para tirarem lume, e ferir fogo sem lhes ser necessário fuzil, pederneira, ou mechas, ou qualquer dos instrumentos de que se valem os brancos para o dito efeito. Em querendo ferir fogo pegam em dous paozinhos, e tanto os esfregam um com outro, que por fim excitam fogo: ou, e é o mais ordinário, em qualquer pedaço de pao posto no chão tomam um paozinho, e com ambas as mãos o seguram, e

roçando com ele sobre o outro em giro, bem como quem bate choculate, com esta fricação e agitação concebem fogo, e levantam chama os mesmos paos, a que logo acodem com a sua isca, que é alguma folha, ou estopa de árvores secas, e accendem lume: como em toda parte tem estes instrumentos não se cansam em os trazer consigo. O como eles, sendo tão rústicos, conheceram a evidência deste princípio de Aristóteles — *motus est causa caloris** — só se pode atribuir à necessidade, que é a mestra dos ignorantes, guia para os acertos, e inventora das artes.

Sendo tão despidos dos haveres do mundo, e de vida tão silvestre, já se vê que à sua semilhança e proporção hão de ser os seus fracos palácios, e pobres casas; as quaes consistem em levantarem uns esteios, que cobrem por cima com folha de palmeira por causa da chuva, e sol: à roda lhes atam umas varas, e nelas enleam outras palmas. Não necessitam de pregos para segurarem os esteios, nem para segurança dos caibros, travessas, paredes, e telhados; porque tudo vai atado com cipós, excelentes cordas da América: e fora as portas precisas, não se cansam com mais janelas, pois por entre a pindoba dos lados permeiam os ventos, e entra a claridade necessária; e embora que fiquem alguma cousa escuras, porque como não costumam trabalhar os homens, nem costurar as mulheres, não necessitam de luz mais clara. Costumam fazer estas casas tão grandes, e espaçosas, que há povoações, que não tem mais, que ũa, onde vivem para cima de cem, e duzentas pessoas; e posto que haja mais casas, todas são de bom tamanho, e capazes de hospedar muita gente. Não usam nelas de repartimento algum de salas, nem de câmaras, alcobas, e menos de gabinetes; mas toda a casa é ũa sala grande, larga, e espaçosa, na qual levantam muitas estacas, e a elas atam as suas maquiras, que juntamente fazem as vezes de leitos, e camas: e ali vivem pais, mães; filhos, filhas, e parentes todos juntos; e como todos andam a frescalhota, ou nus, também vivem sem cerimônia, nem pejo, ou empachado, como os bichos nas suas covas, cavalos e éguas nas estrebarias, vacas e touros no curral; e ordinariamente fazem uma grande fogueira no meio deste espaçoso casarão, onde cozinham o que tem, e também lhes serve de noute de lucerna, em lugar das candeias, velas alâmpadas, ou placas, de que não usam, nem julgam necessárias. Tem nas suas povoações, além destas suas casas particulares, outra muito maior, a que chamam a casa do maricá, comũa a todos, e é ordinariamente descoberta pelos lados, ou ao menos por um, coberta sim de pindoba, como as mais. Neste casarão, ou grande aula do paricá se ajuntam como em câmera para os seus conselhos de guerra; nesta mesma fazem as suas festas e beberronias, os seus saraos, danças, e mais funções. Muitas nações vivem sobre lagos, ou no meio deles, onde tem em cima da ágoa as suas casas feitas da mesma sorte, e só com o ádito de serem de sobrado, que levantam de varas, e ramos de palma, e nelas vivem contentes, como peixe na ágoa. A razão de fabricarem nos lagos as suas povoações, e moradias é em uns pela grande fartura, que neles tem de tartarugas, bois marinhos, e mais pescado; em outros é para estarem mais seguros dos assaltos dos seus inimigos.

Nas povoações feitas em terra tem muitas nações guerreiras a providência de as segurarem, e munirem com fortes muralhas, não de pedra, mas de estacas de pao duro como pedra. Outros as fabricam de palmeira, que chamam juçara, cujos espinhos são grandes, e duros, que servem a muitos de

---

* Lat.: o movimento é a causa de calor.

agulhas de fazer meias: e as trincheiras feitas de juçara são mais seguras, que as mais bem reguladas fortalezas; porque de modo nenhum se podem penetrar, e romper, senão com fogo, por crescerem, não só cheias de grandes estrepes, ou agudos espinhos, mas tão enlaçadas, e enleadas umas com as outras, que se fazem impenetráveis. Outros as fazem de taboca, a que na Ásia chamam bambu, e quanto elas segurem as povoações, o podem dizer os portugeses, que tem militado na Índia, aonde alguns potentados usam delas, e zombam dos europeos, que querendo atacá-los nelas, rompendo para isso os matos, que há antes de chegar as ditas trincheiras, nunca puderam executar tal empresa, e sempre que a empreenderem serão constrangidos a vir de lá com as mãos na cabeça. Outros índios fortificam as suas povoações com outras árvores, e estacas, que tem mais à mão. A sua servintia e comunicação é ordinariamente por ágoa, mar, rios, baías, ou lagos; e quase se podem chamar homens, ou animaes anfíbios, por ser a sua maior vivenda na ágoa. Para isso tem embarcações leves, e ligeiras, feitas da casca de alguma árvore: outros usam de balsas, e jangadas; e outros com nada disso se cansam, e quando querem navegar pegam em qualquer pao boiante, e cavalgando nele com o remo na mão fazem viagem. E se é com a correnteza, vão bem navegados, nem temem molhar os vestidos, nem correm mais risco, que de serem assaltados por algum crocodilo, ou jacaré: e as vezes em um madeiro vão muitos navegantes ainda mulheres, e filhos, mas só é para perto, como para atravessar rios, e lagos.

CAPÍTULO 3º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA DOS SEUS COSTUMES.

Sabida já a sua vida, e desprezo das riquezas, tradições, e agouros em que se criam, tãobem é notável o pouco resguardo, e pouco melindre, com que se tratam as mulheres paridas; porque não usam de ceremônias, bem assim como parem as feras, e bichos dos matos; é porém inviolável nelas a ceremônia de irem logo banhar-se no rio, e lavar o filho; e todos os dias repetem esta mesma diligência, sem mais diferença das mais mulheres, do que lavar ao seu filhinho; e desta creação desde que nascem se pode conjecturar o seu costume de patinhar na ágoa, como patos. E daqui nasce, que não só não lhes faz mal, ainda as paridas, mas antes lho faria, se não continuassem para se refrescarem dos climas, e calores do sol: e por isso é costume muito universal entre os índios o banharem-se, ao menos três vezes no dia; e são diligências tão indispensáveis, como o sustento para a vida. A primeira é pela manhã ao levantar da cama, porque logo vão caminhando para a ágoa:

a segunda é por sobremesa em acabando de jantar: a terceira é a tarde, ou a noute; e já pelo seu costume não só os bravos, mas ainda os domésticos nascidos, e creados nas missões, e povoações de brancos, em quanto podem fazem o mesmo. E na verdade, que quem quiser lograr boa saúde naqueles climas, deve ser frequente nestes lavatórios, e saudáveis banhos, para os quaes parece estar convidando a ágoa, que ainda de manhã, e muito mais de tarde, está tépida, e muito accomodada para banhos. Os índios porém, que vivem sobre as praias do mar, e salgado, como não podem ter na ágoa salgada este[s] salutíferos banhos, por causa dos tubarões, que as infestam, procuram tomá-los em algum regato, ou fonte, que corre da terra; e como correm por baixo de arvoredo, são estas ágoas mais frescas, e frias, e por isso menos apetecíveis.

Como quase todas as nações ainda as mais graves, cultas, e pulidas, tem algumas sinistras inclinações, e nota de propensão a algum vício de sorte, que será rara a que em tudo seja perfeita, muito mais os índios da América vivendo sem leis, ou à lei da natureza, e como feras do mato. Os vícios pois que mais reinam entre eles são 1º o da carne. 2º o das vinhaças, e beberronias. 3º posto que não tão universal é o comerem carne humana, em que algumas nações se mostram mais feras que as mesmas feras, por serem estas ordinariamente amantes, das que convém consigo na mesma espécie, donde se deduz aquele axioma — *Omne animal diligit sibi simile*,* — que sendo quase indefectível em várias espécies de brutos, falha em muitos índios da América, que neste vício são inteiramente brutaes. Porém para maior clareza, vamos por parte descrevendo pelo maior estes seus vícios. É o vício da carne neles tão usual, e comum, que o não tem por vício; nem ordinariamente os pais reparam nos filhos, ou filhas, no que imitam, assim como na desnudez os brutos; a que também os provocam 1º o clima por muito quente, 2º o exemplo dos mais, e a mesma desnudez de todos, 3º a ignorância de Deus, e a falta de leis, além da propensão da natureza corrupta. Mas não é muito de estranhar neles esta fragilidade, tanto mais desculpável neles, quanto mais brutos: menos desculpa tem os brancos, cujo conhecimento, fé, leis, e pregadores lhes intimam o procedimento, que devem ter por reverência a Deus, bem das suas almas, e esperança dos verdadeiros e eternos deleites, e gostos da glória; e contudo vivem muitos como ateos, e talvez peior que os tapuias. Porém deixemos esta ponderação para os púlpitos, e voltemos aos tapuias, e índios do Amazonas, e de quase toda a América.

De não conhecerem a verdadeira vileza deste vício, nasce o abuso de oferecerem as mesmas filhas em sinal de amizade, e paz, não só uns aos outros, mas também aos brancos, que os vão visitar as suas aldeias, e povoações por razão de algum negócio: porque se os recebem de paz para sinal de que estão persuadidos das suas razões lhes entrega o cacique, ou principal algũa filha, e é necessária boa retórica nos tementes a Deos para não o ofenderem, nem irritarem aos pais, que tem por ponto de honra, e avaliam por desprezo, e desdouro o não aceitá-las. Porém como estes brancos levam ordinariamente por remeiros alguns índios mansos, com eles se desculpam, e dão por testemunhas do costume, e modo de proceder nos europeos; ao que eles facilmente assentem, especialmente se lhe enfeitam as ditas filhas com algum vestuário, ou belório. Há porém algũas nações, que criam as filhas com resguardo de sorte, que em chegando a ser casadouras

* Lat.: todo animal ama o que lhe é (o seu) semelhante.

as metem em uma casa, como seminário, ou recolhimento donde não as deixam sair, senão quando casam: costume, e educação, que aprendem, ou pela razão natural, ou por terem algũa tal e qual economia, que na verdade é muito louvável em gente tão boçal; e ali tratam delas, não sei se os mesmos pais, se algumas velhas, e mais louvável seriam, se nos taes seminários, ou recolhimentos as tivessem occupadas em algum ministério, que as conservasse igualmente castas no corpo, e no ânimo, e não desse lugar à ociosidade, que é origem, e seminário de todos os males. Não é menos louvável o costume, ou lei de alguns sobre a castidade conjugal, castigando com pena de morte o crime de adultério: não sei, se esta lei se estende a ambos os consortes, ou se é restricta só para as mulheres? como regularmente succede em muitos brancos, que são muito rigorosos zeladores de suas esposas, ao mesmo tempo, que eles querem viver, e vivem infiéis a elas, e muito mais a Deus. E posto que o peccado é igualmente grave, e igualmente proibido pelas leis divinas, e humanas a ambos os consortes; a pena porém ordinariamente só a pagam as mulheres, com uma circunstância ainda mais agravante, que de modo ordinário os mais zelosos das próprias esposas são os mais mal procedidos. Para moderar zelos tão indiscretos, e obviar os males, que deles se costumam seguir, seria utilíssimo haver ũa lei, que todo aquele que maltratasse a sua esposa, ou com zelos indiscretos a afligisse, fosse rigorosamente devassado, e achando-se reo da fidelidade devida a sua consorte, pagasse pena de Talião por duas razões: 1ª pela injúria ao sacramento do matrimônio, e a sua mulher: a 2ª por zelar, e notar em sua esposa o mesmo, em que ele é notado, e notoriamente reo, por não ser justo, e conforme à boa razão, que argua de reo a outros, quem é delinquente no mesmo delicto — *Non bene peccantes arguit ipse nocens** — como diz Cidrônio.

Tão louvável é a sobredita lei de pena de morte pelo adultério em algumas poucas nações dos índios, e a cautela de outras no recolhimento das filhas até casarem, como é estranhável, e censurável o costume, e abuso de outras nações do mesmo Amazonas, em que não só não está em uso boa educação, e economia, mas outra muito diversa, e contrária, e vem a ser, que quando casam é bastante fundamento para o marido repudiar a mulher, o achá-la virgem, e intacta: porque, diz o marido, é tal, que ninguém a quis, e assim também eu a não quero. E as mesmas tem como por desdouro seu o não ser buscadas; a este propósito me lembra o caso seguinte. Em certa missão tinha um bom missionário descido dos matos alguns índios, que foi catequizando, e baptizando mais, ou menos depressa conforme a capacidade de cada um. Entre os que restavam para baptizar era uma bem estreada moçatona, a qual foi um dia muito devota pedir com instância ao missionário, que já a batizasse; porque se envergonhava de estar ainda gentia no meio de tantos cristãos, e que se não a julgava ainda bem instruída, se dignasse de a doutrinar com a brevidade possível, que ela corresponderia com igual cuidado, e diligência em tomar as suas instruções, quanto permitisse a sua fraca capacidade. Admirado o missionário da súplica da índia, e julgando ser efeito de algum especial auxílio, que a movia, consolou-a como pedia a rezão, e instruindo-a com brevidade, a baptizou com grande consolação sua, e não menor da índia. Passado algum tempo veio o missionário perguntar-lhe, que cousa a tinha estimulado para com tanta instância, e desejo pedir o baptismo? ao que repôs a índia, que aportando aquela missão tantos brancos, tinham com eles boa entrada as mais suas parentas, e que

* Lat.: Não é sensato o delinqüente argüir de réu os outros.

ela era repudiada, e mal vista deles por saberem que ainda estava gentia (é pecado reservado naquele Bispado o coito com pagã) pelo que se via como envergonhada com as mais, o que já não lhe succedia depois de baptizada. Que tal ficaria o missionário com a reposta? bem merecia a índia, que logo a crismasse com bons açoutes. Porém a sua muita rudeza não lhes deixa apreender a gravidade, e malícia deste vício: e por esta mesma causa estão os mesmos já nacidos, e creados nas missões, e todos os dias doutrinados oferecendo as filhas, e talvez as mesmas mulheres por qualquer ridicularia, como é um frasco de água ardente.

Contudo vivem os casados de modo ordinário só com suas mulheres, e tem só uma pela maior parte; mas os seus caciques, ou principaes tem quantas querem, o que não é pequeno impedimento para abraçarem a nossa Sancta Fé, por se verem obrigados a ficar só com uma. E posto que de todas tenham filhos, não lhes dá muito cuidado a repartição da herança, bens, e riquezas entre eles: porque como nada tem, ou pouco mais de nada, nada também lhes deixam por morte. E só ao mais velho deixam o seu arco, e frechas, a sua maquira, cachimbo, e o mais que tem tudo nada: e de algumas nações, nem isto fica; porque enterram tudo com o defunto, deixando aos filhos toda a terra, e matos, que quiserem beneficiar para as suas roças; porque não tendo nada, são senhores de toda a terra, que cada um quer, e para todos há de sobejo, e ainda para toda a Europa, se toda para lá se mudasse. Tornando porém ao costume dos índios, entre tantos maos, também se acham alguns bons, que educam bem a seus filhos (falo dos já baptizados) e vivem segundo as leis do matrimônio. E alguma nação há, em que os maridos zelam tanto suas mulheres, que não ousam estas a estar apartadas deles, nem por brevíssimo tempo; e muito menos falar com homem algum, ainda o preciso, *sub poena* de a matarem, ou de a derriar com pancadas a bom escapar, de sorte que tem succedido muitas mortes por só dizerem algũas palavras a algum branco: como succedeo a ũa cujo marido tinha saído para o mato, e passando entretanto pela rua um branco com algũas drogas de venda, lhe perguntou de cima de um sobrado a índia, quaes eram as suas drogas, o que queria, etc. Subio neste tempo o marido pela escada do quintal, e ouvindo estas inocentes razões, sem mais causa faqueou, e matou a mulher. E há muitos casos semelhantes a este, de que nasce o andarem as pobres índias tão amofinadas, e aperreadas, que muitas se matam a si mesmas comendo terra, ou outra cousa: todo o extremo é vicioso!

Entre outros muitos casos de edificação dos índios, é muito digno dos anaes o esforço e constância, que teve ũa índia para guardar a sua castidade. Chamava-se Esperança, da aldeia do Cabu hoje intitulada Vila de Colares: Aportaram nesta aldea, e na sua roça uns índios vindos furtivamente das ilhas do Cabo do Norte fronteiras à dita missão, e achando na referida roça Esperança com algũas filhas, e outras parentas, cujos maridos estavam ausentes no serviço dos brancos, e por não terem quem as defendesse, nem pudesse ir depressa avisar o missionário para lhes mandar socorro, pegaram nelas os piratas, e com tudo quanto acharam as embarcaram, e levaram para as suas ilhas, onde, como costumam, foram abusando delas, menos de Esperança, que com ânimo mais que varonil sempre resistio dizendo, que ela era casada, e cristã. E posto que as parentas, e as próprias filhas com piedade indiscreta a incitavam, já com palavras, e já com obras e mao exemplo, que consentisse ao desejo dos índios, sempre perseverou constante, ainda ameaçada, e maltrada com pancadas, até que desenganados os

salvages de que com ela perdiam o tempo, às frechadas lhe tiraram a vida, como já tinham feito, ou eles, ou seus pais a alguns jesuitas, quando voltando de Portugal o zeloso Padre Antônio Pereira, aonde tinha vindo buscar operários para a vinha do Senhor, dando à costa com alguns nos baixos, de que estão semeadas aquelas baías, foram assaltados dos índios aruãs, que a frechadas e tormentos os mataram, como referem as suas crônicas. Entre as referidas índias iam também dous índios de Cabi, que apanharam em outra parte, e não poderam resistir.

O segundo vício, que nos índios é não só muito usado, mas também como originário é a bebedice, em que, se não excedem, também não cedem aos maiores mestres deste ofício; para o que tem várias castas de vinhaças, e ágoas ardentes, e com tanta abundância, que é à vontade de cada um. E não há festa, nem banquete, nem função algũa, em que não entre Baco a fazer o seu papel, como o gracioso nas comédias, e o principal agente dos festins; e não bebem só por debicar, e provar com regra, ou medida, mas até mais não poderem, ou até caírem: e são tão brutos na vida como mestres neste ofício. Ouvio-se em ũa occasião a prática de um índio a sua mulher, que dela se despedia por alguns meses — Tu já sabes, dizia o beberrão, quando eu hei de voltar para a aldea, tem-me feito para a minha chegada bastante vinho, quando não comigo o hás de haver — As mestras por ofício são as mulheres; porque aos maridos só pertence o beber: e nas funções de maior lustre são as mais velhas, e revelhas do lugar; como também são as mestras das vasilhas, que são ũas grandes talhas, a que chamam iguaçabas, e há iguaçaba que leva ũa boa pipa. Fazem estas suas vinhaças, a que chamam mocororó, da mesma farinha de pao; e mais gasto tem a farinha no mocorocó, do que no pão que comem. Quando falarmos de mandioca direi os vários usos desta admirável planta: por agora só nos pertence dizer, que entre os mais usos dela é um o fazerem uns bolos espalmados, a que chamam beijus, e os fazem de dous modos, ou de duas castas: uns, que chamam beijus secos, outros beijus de ágoa. Os do segundo modo, isto é de ágoa, são os mais ordinários, e estimados por servirem para a sua cerveja, e ágoa ardente, vinho, e mocororó desta sorte. Põe estes bolos na quantidade, que querem sobre a palma, ou palha das suas palhoças, como a fermentar, melhor diremos a apodrecer, já ao sol, e chuva, e já de dia, e de noite até crearem bolor, e cabeleira, apodrecerem, e bem se azedarem. Em chegando ao ponto de azedo, se não em grau sumo, *saltem** como rabo de gato, então se ajuntam as velhas, e a bocados os vão mastigando até os desfazerem em papas, e os vão deitando nas talhas até a sua medida, e depois desta asquerosa diligência lhes lançam ágoa (não sei se mais algum ingrediente) e está feita a vinhaça, e a podem logo beber. Porém a esta, que chamam doce, não festejam tanto como a outra azeda, e esperta, que para o ser, não requer mais, do que deixá-la estar azedando por alguns dias, e sem diferença de mais ingredientes, sae tão esperta, que faz fazer visagens, quando se bebe, e então é, que está de vez, ou capaz, e digna de festejar-se; e assim a conduzem para a casa do Paricá nas grandes iguaçabas, e convidam para a festa, e danças os mais, porque enquanto dura, não há parente pobre.

Tem muitos dias solemnes, e muitas solemnidades de primeira classe, quaes são o dia do nascimento de algum filho, dos seus noivados, casamentos, e muitos outros, para os quaes preparam muito de antemão os guisados,

---

* Lat.: ao menos.

e os vinhos, provendo as iguaçabas, e adegas. Chegado pois o dia, que ordinariamente tem já tido vésperas solemnes, e não lhe falta nunca as outavas, se vão ajuntando e concorrendo os convidados, ou toda a povoação. Pondo-se então algumas velhas, e mais graves ao pé das iguaçabas com os copos, isto é cuias, na mão, vão enchendo bem as medidas a quantos vem chegando, repartindo a cada um sem medida, e de quando em quando também elas vão bebendo; e logo armam as suas danças, e bailes, pegando uns nos tamboris, e gaitas, outros dançando, e todos a dar voltas, e de quando em quando se fazem na volta das iguaçabas a molhar a garganta. E nestas voltas, e bebidas com poucos bocados gastam horas, e horas té quase caírem, uns de bêbados, e outros de cansados; e se chega de fora algum, ou alguns forasteiros, logo são admitidos na festa (e metidos nas danças, se gostam delas) e brindados com o seu vinho, porque não são escassos. E depoes, que os primeiros não podendo já resistir ao Baco, que lhes berra nas tripas, cae um para aqui, e outro para ali, cessa por algũas horas, ou até a tarde a função; e depoes das trégoas, entram segundos, e quantos ainda podem saltar, e assim succedendo uns aos outros, dura a festa enquanto duram os vinhos. Enxutas as iguaçabas, cada um busca o seu caminho, enquanto as velhas vão fazer nas roças novo provimento. Os tapuias já domesticados, posto que tenham já alguma melhor economia, também são muito dados a estas festas, e beberronias, não só nos dias dos seus casamentos, mas em muitos outros, que celebram com rito *primae classis*.* Um deles é o dia, em que alguma filha sae da sua estufa, e rigoroso regimento da sua primeira regra, como já dissemos, posto que não tudo: porque tirada, ou descida da cumieira da casa, depoes de alguns dias, em os quaes se preparam as bebidas, e se atestam as iguaçabas, ainda lhe resta outra ridícula ceremônia, indispensável, e rigorosa cura, que é chamar-se logo o cirurgião, ou barbeiro, oficial público, para sangrar a dita rapariga: para o que vem preparadas as lancetas, que algũas vezes são os mais agudos dentes de cotia, e para os índios bravos estas são sempre as suas lancetas. Chegado pois o barbeiro aonde está a padecente, puxa logo por um dente, e dá-lhe ũa sangria de pés a cabeça, porque a jarreta, e sarja desde a cabeça até os pés de sorte, que fica toda sarjada, e ensanguentada; e por mais que lhe custe, não há de dizer não quero, porque as velhas, que são as mestras de ceremônia, lhe põe as ordenações as costas, para que não fique feia, descorada, e mufina. Porém eu suponho que a causa de assim ficarem algũas é a rigorosa cura; mas são tão rabujentos, e tenazes dos seus deutoronômios os velhos, e velhas, que não há tirar-lhe tão bárbaro abuso da cabeça, por mais que muitos missionários o procurem; e por isso esta função se celebra regularmente nas suas roças, para que os missionários o não saibam. Acabada esta cura, e ceremônia fazem muita festa, em que lhe fervem as tripas com o seu mocororó.

Os dias porém mais solemnes nos índios mansos, em que mais desbancam, são nas quatro festas mais principaes do ano, que são Natal, Páscoa de Ressurreição, Páscoa do Espírito Sancto, e dia do Orago da sua igreja, porque nestes dias o juiz, e mais mordomos se empenham até mais não poder. E posto que o dia do Orago seja o próprio, contudo também nas ditas páscoas há de arder a missão em festas, danças, bailes e beberronias, não só por comemoração, mas por muitos dias, e oitavas, *sub poena*** de o juiz ser

---

* Lat.: de 1ª classe.

** Lat.: sob pena.

censurado, e motejado dos mais: porém já com a comunicação dos brancos fazem mais vistosas estas festas, e mais regulares, especialmente se tem algum, que os dirija. Apontarei aqui algumas das suas danças, por ser em seu próprio lugar, que na verdade não deixam de ser más. A primeira é dos seus tambores, e gaitas, porque além da flauta acompanhada do tamboril, que já dissemos, tem muitos outros tambores maiores, que saem nas suas festas; e é tão nobre o ódio de os tocar, que só os mais velhos, e gravachões os tocam, o que fazem assentados com ambas as mãos, em lugar de vaquetas, e enquanto eles tocam e batucam, não tocam, ou soam as flautas, porque isso e só para tamburileiro, e quando os mais se assentam a roda, então sae ele a fazer o seu papel, como já dissemos.

As flautas, que chamam toré, que reservamos para este lugar, e são, como dissemos, de 4, e 5 palmos de comprimento, e grossura de um braço, feitas de cana taboca, ordinariamente são acompanhadas a duo, ou terno, sem tambor, e os gaiteiros as tocam abraçados uns com os outros: porque com uma mão seguram a flauta inclinada para a terra, e com a outra mão lançada ao pescoço do companheiro se une com ele, para ambos, ou todos três se regularem bem no baile, o qual todo se cifra em caminhar um pouco no meio da assembléa, já abaixando, e já alevantando o corpo, e ao mesmo tempo dando suas compassadas patadas, e mudando os braços quando viram. E neste exercício consiste toda a dança, acompanhada, ou compassada das flautas, as quaes, posto que não tem buracos como as ordinárias lá tem sua especial indústria. E posto que ao perto, e ao pé não sejam tão suaves, em proporcionada distância parecem boases com o som muito suave, e agradável, e ainda ao pé não é dispeciente, especialmente sendo acompanhadas das castanholas e guisos nos pés, e como são tão grandes soam muito ao longe, e quanto mais longe, mais suaves. A dança mais ordinária é fazerem uma roda bastantemente larga, em que entram todos, menos os velhos, que de assento estão batucando com ambas as mãos nos tambores, e os meninos: feita assim a roda, se vão virando uns para os outros, já para um e já para outro lado, dando ao mesmo passo patadas, e acompanhando com gritos; mas tudo ao compasso, que dá o guia da dança, e nestas voltas, e viravoltas, ou revoltas, vão sempre dando um passo para diante: algũas vezes trazem nos pés seus guisos, e nas mãos uns paozinhos, que compassadamente vão dando uns nos outros com arremedo da dança dos cajados; mas sem o regulado som dos paozinhos. É esta a sua mais universal dança, mais, ou menos festiva, e agradável conforme o som, e graça, que lhe dão as vozes: porque uns o fazem com gritos do *aa, aa, aa,* mais, ou menos garganteados: outros com tom baço, e outros com tom grave, e os mais sem tom, nem som; mas para eles não se faz melhor na sua estimação.

Os menores meninos, e meninas tem sua dança particular, a que chamam o sairé, em que regularmente não entram homens mais, do que os tamburileiros, e ainda esses não estão metidos nas danças, mas estão de fora dando o compasso com o tamboril; e o tom, e pé de cantiga, a que responde e corresponde a chusma, com advertência, que os meninos vão em diverso sairé das meninas, e não misturados os de um com os do outro sexo. Consiste o sairé em ũa boa quantidade de meninos todos em fileira atrás uns dos outros com as mãos nos ombros, dos que lhe ficam adiante, em 3, 4 ou mais fileiras: e na vanguarda anda um menino, se a dança é de ascânios, dos mais altos, ou menina, quando o sairé é de hembras, das mais taludas pegando com ambas as mãos nas bases de um meio arco, o qual em várias travessas está enfeitado com algodão, flores, e outras curiosidades, e no remate

em cima prende ũa comprida fita, que salvando por cima das cabeças de toda a chusma, vai rematar a outro, ou outra, que na retaguarda lhe pega, e a puxa de quando em quando para trás, e logo laxa para diante conforme o compasso da primeira, que já levanta o sairé, e já o abaixa, já o inclina para diante, agora para trás, e agora para as bandas: e a cada movimento do sairé dão um passo para diante, e logo outro para trás, acompanhados das vozes, até, ou cansarem, ou os tamburileiros de fora pararem com o toque do tamboril. Nas missões, em que ainda conservam o seu sairé, o fazem já com mais galantaria, porque o ornam, e adornam com o enfeite de boas fitas de diversas cores, e lindas plumagens, espelhos, e vários outros adornos; e ao seu compasso entoam, e cantam devotas cantigas, ou aos Sanctos, ou em abono dos juízes da festa, que algũas vezes vão no couce da procissão muito à grave, isto é atrás do sairé rodeados dos mordomos, e metidos entre as suas varas, porque pegando nas pontas uns dos outros fazem a roda um quadro, ou quadrângulo, em que os juízes vão como metidos entre varaes, especialmente quando nas festas saem, das igrejas, e picam de roda para suas casas bem providas de mocororó para hospedarem o acompanhamento, que bem o agradece com estas, e muitas outras danças, e festins, enquanto duram as vinhaças.

De modo ordinário rematam estes festins nos efeitos e disgraças da bebedice, que são bulhas, pancadas, feridas, e mortes: uns, porque tem inimigos, e alterando-se com o Baco a cólera, desabafam em vinganças: outros, porque por bêbados não sabem, o que fazem; estes por se quererem mostrar valentes, e aqueles por alguma raiva. E nas mesmas aldeias e missões não só conservam as mesmas festas, e beberronias, mas também rematam ordinariamente nos mesmos efeitos, e disgraças. Por isso quando eles riem nestas festas, choram os seus missionários já com a vigilância, e cuidado para as obviar, e já para acudir aos derriados, feridos, e faqueados, que ordinariamente há. Para obviarem taes disgraças já alguns missionários tem proibido semilhantes festas: outros tem a providência de irem nas vésperas festivaes acompanhados de alguns oficiaes por toda a povoação, e casas, em que mandam quebrar todas as talhas, e iguaçabas, que acham providas. Porém é agoar-lhe a festa, porque se melancolizam, e vão meter-se nos sítios: outros escondem as talhas no mato, com que sempre solemnizam a festa, e sempre dão algum trabalho. E nestas suas bulhas não é bom, que o seu missionário se vá meter para os apartar, só indo bem acompanhado, *sub poena* de correr grande perigo a sua vida, e pagar as favas, que o asno comeo: e na verdade, os que já sabem a sua inclinação, por mais que eles se firam e a faqueem não se vão lá meter; mas tem promptos alguns oficiaes da mesma povoação para acudirem, ou trazerem os feridos; porque como eles estão bêbados, não atendem a que sejam brancos, ou pretos, pardos, ecclesiásticos, ou seculares. Assim o chegou a dizer um índio ao seu missionário, depoes de sossegada a missão de ũa grande bulha, que tinha resultado da festa, aonde se foi meter o mesmo missionário a apartá-la. Padre, disse o índio, quero avisar-te de que quando houver alguma bulha na povoação, nunca te vás lá meter a apartar-nos, ainda que vejas nos matarmos uns aos outros; porque em similhantes occasiões andamos borrachos, e não sabemos, o que fazemos, nem respeitamos a ninguém: de sorte, que eu mesmo estive por vezes levado de cólera, para me ir a ti, e matar-te com a minha faca. Bom conselho, pois foi de *[ilegível]*: fora beberronias! fora bêbados! e fora bulhas!

Além deste seu mocororó, bebida muito usual, e estimada, posto que a outros basta só o vê-la para vomitar as tripas, tem outras muitas, de que também usam. Mas a de que mais gostam é da ágoa ardente de cana lambicada, e por um frasco farão empenhos: por isso a melhor fazenda, que podem levar os brancos as suas missões para comprarem farinhas, etc. é ágoa ardente, porque os índios tirarão aquela da boca, só por comprarem esta: e não tem pequeno trabalho os seus missionários em vigiarem semilhantes ágoas ardentes para evitarem os seus efeitos, que são beberronias, e bulhas. E podendo eles ter muita quantidade desta ágoa ardente de cana, e de outras muitas frutas, e palmeiras, que nos matos são inumeráveis, é tal a sua incúria, que gostando tanto dela se não aproveitam ainda com o lucro de pouparem a sua farinha, e não destruírem as suas roças, efeitos da sua grande preguiça, em que tem nos mesmos europeos muitos exemplares, pois chegou um a dizer, que tendo quantidade de fructas no seu sítio, e o pé de casa, se não aproveitava delas, nem comia por preguiça de dizer a um fâmulo, que as fosse apanhar: preguiça do Brasil! Um dos efeitos da bebedice é a vingança, e é esta paixão tão dominante nos tapuias, como a mesma beberronia: ordinariamente ninguém lha faz, que não lha pague, se eles podem, embora, que seja depoes de muitos anos; e se não podem vingar-se às claras o fazem dissimuladamente já nas beberronias, e já nos brindes que fazem, em que usam de refinados venenos, em que também são mestraços, uns de ervas, outros de fructas, arbustos, e árvores. E porque a sua notícia será agradável aos leitores apontarei aqui alguns dos principaes venenos, de que usam e juntamente alguns antídotos já conhecidos, dos quaes faremos diverso capítulo.

CAPÍTULO 4º

NOTÍCIA DE ALGUNS VENENOS MAIS NOTÁVEIS DA AMÉRICA.

Um dos venenos mais usuaes, e conhecidos é o chamado tucupi: é este o sumo da raiz mandioca, de que fazem o seu pão, ou farinha usual e ordinária, da qual adiante daremos plena notícia. É tão activo este veneno tucupi que em breves horas mata aos que o bebem, ou sejam animaes, ou homens, e com tão excessivas dores, que parece desfazerem-se as entranhas com ânsias, e convulsões espantosas, como alguns tem admirado nos brutos té em breve expirarem. E com a circunstância, que para maior damno é mui doce, e grato ao paladar, e por isso os animaes, quando o acham pelas missões, povoações, e sítios, onde incautamente, e sem advertência o lançam algũas índias, logo correm a ele, e depoes de bebido entram a sentir os seus efei-

tos. A mesma raiz da mandioca comida antes de espremida causa as mesmas convulsões, ânsias, e morte: e o mesmo faz assada, como eu mesmo presenciei sendo chamado para baptizar, e ajudar a bem morrer a ũa índia, que comera uma pequena raiz assada. De como usam do mesmo tucupi nos seus temperos, e bebidas sem damno, direi adiante: aqui só pertence saber, que é dos venenos mais refinados.

Ainda é mais refinado outro veneno, a que chamam bororé muito célebre, e usado dos índios, especialmente dos bravos, por ervarem com ele as suas frechas, que são as suas armas ofensivas, e defensivas, e usuaes para matarem a seus inimigos, e talvez uns a outros. O Padre Gumilha o descreve por miúdo no seu *Orinoco Ilustrado:* eu só apontarei em suma a sua matéria, efeitos, e qualidades para fazer algum conceito deste veneno, quem dele ainda não tem notícia. Beneficia-se de ũas raízes compridas, que ordinariamente só há nos lagos, pântanos, e lugares úmidos; e por ser custosa, e trabalhosa a sua factura, não é obra de todos os dias, mas só de tempos em tempos, em que fazem grandes provimentos para muitos meses, e talvez para todo o ano, se não tem guerras, que lho façam consumir depressa. A sua factura compete à mais velha índia da povoação, a qual o mezinha, e prepara cozendo-o ao fogo em várias panelas, e é tal a sua actividade, que a velha cozinheira ordinariamente morre no meio da função. E posto que as velhas sabem o evidente perigo, em que se metem, não se escusam, por saberem já que é obrigação sua: semilhantes aos bons, e honrados cidadãos que ainda que antevejam os grandes perigos, a que muitas vezes se expõe pelo bem comum, e da pátria, não só não se escusam, mas tem por imortal glória o morrer pela pátria, e bem comum — *Boni cives amantes patriae** —. Morta a primeira velha, lhe sucede outra, e outras até se aperfeiçoar o cozimento e acabar a meixirofada, embora, que muitas acabem na empresa pelas pestíferas, e ruins qualidades do fumo, e cheiro, que exala. E quando assim obram os seus eflúvios na factura, quaes serão os seus efeitos na aplicação! Acabada a função, e cozinhada a fábrica, dá a velha aviso, ao qual acodem logo os índios a fazer experimento, se está, ou não capaz: e o fazem desta sorte. Pica-se um índio com algum espinho, ou dente de cotia no braço, na perna, ou em qualquer parte do corpo de modo, que saia algum sangue, e logo põe defronte dele algum paozinho com a ponta molhada, e ervada no veneno de sorte, que esteja perto do sangue, mas que o não toque, nem chegue à carne. Se o sangue a sua vista foge para dentro, e se recolhe; está perfeito, e refinado: porque já com ele podem matar a seus inimigos, que é o intento . Porém se o sangue à vista do veneno só pára, pasma, e se coalha, sem fugir para dentro da ferida, tenha paciência a velha, que há de continuar a refiná-lo até o fazer subir àquele ponto de não poder estar o sangue diante dele, mas fugir a esconder-se dentro na ferida; tanto porém que o tem sublimado, e chegado a este ponto, se vai repartindo pela povoação, e entram os índios a prover-se e a encher os seus canudos até se fazer nova fábrica.

Assim preparado fica de tal qualidade, que tocando ũa frecha, ou qualquer outra arma, ainda que seja só a ponta de um alfinete, ou qualquer espinho ervado com o veneno, em qualquer vivente, quer seja fera, quer seja homem, de sorte, que lhe chegue ao sangue, o mata em meio quarto de hora:

---

* Lat.: bons cidadãos amantes da pátria.

porque tem tal antipatia com o sangue, ou este com o bororé, que difundindo-se logo por todo o corpo, e correndo súbito todas as veias, faz recolher todo o sangue ao coração, onde logo se coalha, e afrontado este, esmurece, e morre o vivente. Um missionário (não estou certo, se foi o mesmo Padre Gumilha) querendo certificar-se, fez experiência em um macaco, a quem mandou atirar com ũa esgaravatana, ou teravatana (instrumento, com que os tapuias despedem ũas pequeninas frechas para matar passarinhos, que é um comprido canudo, em que metem a seta, e assoprando de ũa parte a despedem) tocou a seta no macaco, como se lhe tocara a ponta de um alfinete, e ficou o animal muito quieto, e senhor de si, como quem desprezava o leve toque, senão quando daí a um nada desmaiou, caío, e morreo. Mandou-o logo abrir para fazer anatomia, e vio, que todo o sangue estava coalhado no coração.

Pela grande actividade e eficazes efeitos me parece, que se este veneno desse nas mãos de algum bom médico químico, ou boticário poderia com ele obrar maravilhas nas muitas doenças, febres malignas, e feridas que pecam no sangue por demasiadamente líquido, para em breve tempo o fazer encorporar, e já metendo-o como ingrediente nos remédios compostos, ou simplesmente modificado, ou de qualquer dos outros modos dos muitos, que ensina a arte: porque não há veneno, que não seja também remédio, e é, tanto mais eficaz antídoto para umas doenças, quando mais refinado veneno para outras. E se se descobrirem os seus préstimos, pode haver quantidade nos provimentos sem embargo do trabalho, e perigo na factura, em que os oficiaes se podem resguardar com preservativos, para não morrerem no meio da fábrica, como as velhas. Nem a sua factura será tão custosa, e perigosa, como a célebre assa fétida da Ásia, para cuja fábrica usam os oficiaes de antídotos, e confortos: talvez que em alguma parte dê notícia da dita assa fétida pelos seus excelentes efeitos. Muito diverso do veneno bororé é o da erva de rato, cujos efeitos também são pestíferos, e com ele se matam os índios uns aos outros com morte tanto mais custosa, quanto mais prolongada; porque não conclue logo como o bororé, mas pouco a pouco vai definhando o doente até que só com a pele sobre os ossos, morre miseravelmente. E sendo tão usual entre os índios este veneno, andava tão oculto, que sentindo-se muitas vezes os seus efeitos, não se sabia a causa; mas finalmente a descobrio um bom missionário religioso capucho, por occasião de uma morte com este veneno do modo seguinte. Quiseram certos índios casar sua filha com um índio pretendido por outra, que alfim o levou, do que ficaram aqueles tão sentidos, e tanto contra a desposada, que não se satisfizeram com menos do que com tirar-lhe a vida, como fizeram, mezinhando-lhe a erva de rato chamada na sua língua guabiru repoti. Era a moça das mais bem nutridas da missão, mas começou a descair, e a definhar-se pouco a pouco até que não aproveitando algum remédio foi irremediavelmente para a cova.

O missionário que sabia da oposição, e contradição do seu casamento logo desconfiou de que os índios a teriam mezinhado, e entrando a inquirir, e devassar do caso, veio a saber, que a tinham inficionado com a erva de rato, que ele mandou buscar, e desde então principiou a divulgar-se a notícia da malignidade do seu veneno. É um arbusto pequeno, e talvez o mesmo, que em alguns pastos mata o gado vaccum; porque também em algũas cabeças

se vem os mesmos efeitos de se definharem, até ficarem só com a pele em cima dos ossos, e consumidas, e mirradas pouco a pouco vem a dar a ossada. A erva jequeri, (chamada por alguns malícia das mulheres, não sei se por muito espinhada, se por se encolher toda quando a tocam em algũa folha, mostrando-se melindrosa, e inculcando-se por encolhida, e muito recatada, sendo que é ũa grande peste, e refinado veneno; propriedades todas muito próprias das mulheres) é também muito frequente, e usual no Amazonas. O seu veneno, dizem, estar no suco das suas folhas, que espremidas o deitam, e bebido mata. E há tanta desta pestífera erva, que não se requer muita diligência para a achar, pois é raro o sítio, em que a não haja, e ainda ao pé das mesmas casas, e terreiro. Tem muitos outros venenos os índios, de que frequentemente usam; porém não me lembram os nomes, e por isso os deixo para quem mais bem informado deles, os quiser descrever; sendo que de alguns daremos notícia pelo discurso desta história, nos lugares, a que pertencerem; porque os seus venenos não são tão usados para os brindes, como os já referidos, e muitos outros, que eles sabem. Destes um é, o que os índios também usam dissimular nas potagens, tão refinado, que basta tocar nele, ou na bebida, em que o dão, com a ponta de um dedo, ou unha, *v.g.* quando largam a taça da mão, tocar na ágoa, (o que eles procuram com notável dissimulação; porque os seus copos, que são cuias, as sustentam com a palma, e dedos por baixo, e com o dedo polegar por cima na borda, e indo o brindado a pegar na cuia, lá lhe dão um jeitinho de sorte, que toque na ágoa, ou potagem inficionada, ainda que não a beba) para o matar, sem que ele venha no conhecimento, do que se lhe dá, e pouco depoes sente os seus activos efeitos com a morte; e taes como esta, tem muitas outras ervas venenosas.

Visto saber-se já o antídoto destas ervas pede a razão, que também deles demos algũa notícia. É pois o contraveneno do 1º, que é o tucupi, suco da raiz mandioca, a sua mesma casca; porque comida a dita raiz com casca não faz mal; e por isso o gado vaccum, cavalar, porcos, e outros animaes quando a apanham nas roças, e sítios, não lhe perdoam, comendo-a sem damno algum. Também dizem, que açoutando ao doente deste veneno com uma vara da mesma planta, lhe tira toda a malignidade do corpo. Comido o tucupi cozido perde o veneno, e não só não faz mal, mas usam dele como acepipe, e tempero de vários guisados, e bebidas, como diremos adiante. Não é menos fácil o contra do 2º, e refinado veneno boruré; porque basta que o inficionado com o seu veneno acuda logo a tomar na boca umas pedras de sal, ou um torrão de açúcar, não só para evitar a morte, senão também para não sentir mal algum, porque resolve todo o seu veneno. A dificuldade está só em não estarem à mão promptos os antídotos, quando se necessitam, ou se ignorarem pelos envenenados. Também o veneno das folhas do jequeri tem o seu contra na raiz da mesma erva, que parece quis a Divina Providência pôr logo ao pé do veneno a triaga, para se aproveitar do remédio o enfermo. Só da erva de rato não tenho notícia, que se tenha já descuberto o seu contra; mas não tardará muito visto estarem já descubertos os seus efeitos: e quando não haja, ou se ignorem outros remédios, advertindo-se na queixa ao princípio se lhe apliquem os ordinários contras, principalmente o dente de jacaré, que é contraveneno universal.

CAPÍTULO 5º

DA INGRATIDÃO DOS ÍNDIOS.

Do vício da vingança, em que tanto pecam os homens, e muito especialmente os índios, passemos ao da ingratidão, que reina muito em todo o mundo; porque em toda a parte há ingratos, que pagam os benefícios com insolências, e com ingratidões as mercês, que lhe fazem, à imitação do corvo voraz, e negro, que costuma tirar os olhos, a quem o cria, e sustenta: e assim quem o imita nas acções, não se pode livrar, nem queixar de que lhe chamem negro, e peior, que negro corvo, por mais que se abone de mui branco, e blasone de honrado, e nobre: taes são mais negros, que negros cafres; porque estes, com ser negros, ordinariamente são fiéis, e agradecidos aos seus benfeitores, aos quaes os ingratos são os primeiros que calcam, e conculcam vendo-os desfavorecidos da fortuna, ou quando deles já não dependem. Do número destes são os tapuias do Amazonas, que pela maior parte são ingratos, e menos fiéis, aos que melhor os tratam. Experimentam esta sua ingratidão muitas vezes os seus missionários, que tratando-os como a filhos já em os ensinar a Lei de Deus já em os tirar do meio das feras, em os vestir, curar nas enfermidades, e remediar as suas necessidades a poder de grandes trabalhos, e exorbitantes gastos, contudo são os mais mal servidos, quando deles dependem em alguma cousa. Lembra-me aqui a reposta, que deu um índio ao seu missionário que pedia àquele algum serviço alegando-lhe o tê-lo livrado da morte, e curado em ũa mortal enfermidade: Ao que repôs o tapuia. Pois, quem te pediu, que me curasses, porque não me deixastes morrer? Mas para divertimento dos leitores, e para melhor conhecimento do modo, e gênio dos índios, apontarei alguns casos particulares nesta matéria.

Seja pois o primeiro, o que aconteceu a um missionário capucho, que entre eles se achava muito enfermo, e mandando por vezes alguns seus familiares pela missão, e casas dos seus neófitos para comprar algũas galinhas com vários resgastes de panos, facas, *et similia,** por serem as principaes fazendas, que estimam os índios, sempre foi diligência baldada; porque nunca acharam os compradores, quem quisesse vende[r]-lhe alguma galinha. Vendo-se nesta consternação o religioso doente, tirando forças da fraqueza, e fazendo das tripas coração, se foi arrastando como pôde com uma arma para o canto da igreja para matar alguma galinha, que aparecesse, e pagá-la depoes ao seu dono. Succedeu chegar neste tempo um negro aquela povoação a seus negócios, ou de seu senhor, e vendo ao religioso amarelo, macilento, e manifestos signaes de enfermo perto da igreja, depoes de bem informado do caso, se ofereceu para ir comprar as galinhas, para o que não aceitou mais resgates, que uns fios de anéis de vidro. Foi, e depoes de pouco tempo se recolheo com seis escolhidas galinhas, dizendo, que tinha dado um anel por cada uma. Admirado o religioso do provimento em tão breve espaço, per-

* Lat.: e coisas semelhantes.

guntou, e instou para que lhe dissesse os donos em ordem a lhe integrar o justo preço, porque cada anel apenas valeria meio real: ao que respondeo o negro, que não sabia, mas que estavam bem compradas, por ter dado, o que pediam.

Em ũa missão estava certo missionário jesuita, tão caritativo com os seus neófitos, que chegava a tirar o sustento da boca, para lhes tapar as suas; e tudo o que podia haver de provimento gastava com eles: a quem lhe pedia um prato de sal, dava um alqueire, a quem um prato de farinha, dava um paneiro, e assim no mais de sorte, que perguntado ũa vez no meio do ano pelo seu Prelado, que sabia bem o desmedido da sua caridade, com quanto tabaco o tinha feito aquele ano? Respondeo o bom padre pelas contas do meu rol, já são 40 arrobas. Deste número, se podem inferir as inumeráveis esmolas, que ele faria em todo o ano. Não obstante porém a excessiva caridade com que tratava aos índios, encontrou neles excessos de ingratidão tão exorbitante, que a não ser tão ardente a sua caridade, sobejariam para resfriá-la e movê-la cercear tantos gastos: por ora só apontarei dous, reservando outro para o capítulo seguinte. O primeiro que lhe succedeo foi por occasião de ũa maquira, ou rede (são as camas do Brasil) que quis comprar a ũa índia, por estar bem feita, e destinada pela mestra para se vender. Falou-lhe pois o padre, a quem ela respondeo, que não queria vendê-la, se não lhe desse tantos, e quantos, pondo-lhe tanto o dado na testa, que o bom padre podia comprar 3, ou 4, com o preço, que ela pedia. Prometeo-lhe, o que julgou valia a rede, porém nada conseguio: tornou para casa antevendo, que a índia a venderia a outrem por pouco mais de nada como costumam; porque sabia já bem, e com muita experiência o seu modo; e contou a um secular seu hóspede o sucesso, o qual logo se lhe ofereceo para ir comprá-la, com a condição, que depoes lhe satisfaria o preço. Voltou brevemente com a rede ao missionário dizendo, que lhe tinha custado uns fios de bolório, que *ad sumum** valeriam até 3 tostões. Pasmado o missionário a mandou chamar e ponderando-lhe a desigualdade do preço porque a vendeo, ao que ele lhe tinha prometido, acabou de pargar-lha por encheo. O agradecimento, que a índia lhe deu foi dizer, que se soubera, que o branco lha entregaria, não lha teria vendido.

O segundo caso é similhante a este sucedido com um papagaio, que por ser da melhor espécie, muito lindo, manso, e bem falante, o quis o padre comprar e ofereceo ainda mais do ordinário preço porque os costumam vender os índios, que é ordinariamente por algũas varas de pano; mas o dono abanou-lhe as orelhas. Mandou o missionário um secular, que logo o comprou mui barato, e o trouxe ao padre, o qual mandou chamar o índio para lhe dar o resto, do que antes lhe tinha oferecido. Vendo o tapuia o papagaio na mão, de quem não queria, ingrato respondeo, que o não teria vendido ao secular, se entendera, que era para o missionário. Porém aonde avulta mais a sua ingratidão é no modo, com que tratam aos seus missionários sobre as suas compras, e vendas; por não quererem nunca vender ao padre algũa cousa fiada, sendo que o missionário sempre dá fiado, o que lhes vende. E para melhor inteligência deste ponto se há de saber, que os missionários do Amazonas, especialmente no Estado Português, não tem rendas, patrimônio, ou côngrua algũa, nem ainda o pé de altar nas suas missões; e para suprir os gastos, tem alguns índios consignados por Sua Majestade, para que com

* Lat.: no máximo.

o seu trabalho façam os seus provimentos os religiosos, que cultivam aquela vinha do Senhor como em seu lugar diremos. O que suposto: dos mesmos índios compram o sustento, de que necessitam: quando pois algum índio quer algum pano, ou ferramenta, ou qualquer outra cousa o vai buscar ao padre fiado dizendo que até tal tempo pagará em farinha. Quando porém o missionário quer deles algũa farinha, ou outra cousa, logo perguntam pela paga, como quem se não fia neles: com a circunstância, de que os taes missionários para os terem contentes, se vem obrigados a condescenderem em tudo com eles, embora, que hajam de ficar logrados, como a cada passo lhes sucede. De sorte que os padres desesperados de poderem cobrar a dívida em paz, se vem obrigados a queimar as listas do há de haver, embora, que algũas vezes sejam folhas inteiras de 300, e 400 alqueires de farinha. E se vai algum missionário de novo para a missão de modo ordinário assim sucede, porque uns negam as dívidas, outros dizem, que já satisfizeram, e finalmente se rasgam os róis, e se principiam outros de novo.

CAPÍTULO 6º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA DOS COSTUMES DOS ÍNDIOS.

É necessária especial indústria para viver com os índios, e entre eles, porque não basta a comũa e universal economia das mais gentes: antes para a sua boa direção hão de os seus missionários viver com eles como um mestre de meninos, a quem nem o demasiado rigor os afugente, nem a nímia brandura os faça insolentes; mas havendo de exceder em algum destes dous extremos, é mais útil o rigor, do que a brandura; por obrar mais neles o medo, que o respeito, o pao que a Retórica, o castigo que o disfarce. Ordinariamente não fazem serviço, ou bem algum, senão por medo: ainda o seu bem espiritual, e temporal é mais forçado, que voluntário; e assim a melhor persuasão para chegarem a doutrina é a palmatória nos menores, e a prática mais eficaz para irem a missa os adultos é o castigo, não o de mulctas nas bolsas, como nos brancos, mas o da cadea, ou do pao, que lhes doa: e todos os missionários que não usam destes incentivos, mais os perdem do que lucram, mais damno causam, do que proveito. Os mesmos índios conhecem, que este é o melhor modo de os tratar, reger, e governar. Apontarei nesta matéria alguns casos dos muitos, que podia contar.

Seja o primeiro um, que sucedeo aquele bom missionário de que acima falamos, que era para os índios parece que mais pródigo, do que liberal. Despedia-se este dos seus neófitos em ũa missão, em que os tratara como um pai a seus filhos, por muitos anos, e dando-lhe em ũa prática feita na igreja

os últimos avisos e conselhos espirituaes, lhes dava juntamente o último *vale* eis que de repente o interrompeo algum, ou alguns levantando a voz, não sentindo a perda de tal pai, nem chorando as despedidas de tão cuidadoso mestre, mas explicando o gosto de o ver já ausente, e disse — vai-te já já daqui, patife — *Equen uan yke cui tibìró* — Ouvio o missionário o inaudito impropério do bárbaro ingrato, e com mansidão lhe perguntou, que causa tinham, e que mal lhes tinha feito para assim publicamente o descomporem? — Ainda perguntas semilhante cousa? (disse o bruto tapuia) fostes tantos anos missionário, e nunca tivestes habilidade de nos dares uma surra de açoutes — Falou como bruto, que era na rudeza, mas no que disse deu ũa utilíssima lição aos operários daquela vinha do modo, com que os devem reger, para os fazer andar direitos, e satisfazer as obrigações de católicos, que é pôr-lhe as ordenações as costas, conforme o pedirem o leve, e grave de suas culpas, e se houver de haver algum excesso, seja inclinando sempre para a banda do arrocho.

Em outra missão esteve por muitos anos outro missionário não menos caritativo, pois até chegava a servi-los nas suas doenças, e moléstias como se fosse algum dos seus familiares, porém como tinha pleno conhecimento do seu gênio acudia-lhes igualmente com o castigo, quando delinquiam de sorte, que outros missionários seus vizinhos lhe estranhavam a aspereza, aos quaes satisfazia dizendo, que ele pelo conhecimento que tinha dos índios julgava que assim os devia tratar, dando-lhes com ũa mão o pão, e com a outra o pao, e andavam os neófitos tão pagos do seu missionário que ainda depoes de alguns anos, em que lhe tinha sucedido outro mais brando, não só suspiravam por ele, mas com empenho o rogavam voltasse para a sua missão, aonde era muito desejado. Queixavam-se os índios de uma missão do seu missionário a outro missionário vizinho, dizendo, que estavam muito descontentes com ele, por ser de tal gênio, que não era capaz de castigar os culpados, contentando-se com qualquer repreensão, e diziam, que só no tempo do missionário fulano, andara a sua povoação bem governada; porque não lhes perdoava o castigo merecido. Pois quereis-me vós lá a mim? (perguntou o padre) a quem eles responderam, — com muito gosto — Pois vede, que eu não vos hei de perdoar, se não andares direitos, e viveres conforme a Lei de Deos — Isso mesmo queremos, porque só assim andará a nossa aldea bem governada —: E falavam de veras, segundo o mostraram os efeitos. São inumeráveis os casos similhantes, e ordinariamente o experimentam os que vivem entre eles.

É mui galante o caso, que sucedeo a um missionário com o índio seu pescador: era bom oficial no seu ofício, e trazia peixe com abundância, que é o ordinário sustento dos missionários portugueses no Rio Amazonas, por falta de gados, não são assim os castelhanos, que nas suas missões tem abundância de gado vaccum, e outros; mas pouco a pouco foi o pescador dando em droga, e veio a faltar de sorte, que já a sua pescaria não chegava para os familiares do missionário e ao depoes nem para o missionário havia. Admoestou-o por vezes, praticou-o e, ameaçou-o; mas nada aproveitava, até que o mesmo índio estimulado das repreensões, lhe disse que por mais que se cansasse com ele nada faria, por julgar tinha o diabo no corpo, e assim em quanto não lho tirasse com uma boa surra de açoutes, nada haveria de peixe, e seriam sem fructo todas as suas práticas. Pois queres tu, que eu te mande açoutar para te tirar o diabo? — Faze, o que quiseres — respondeo o índio.

Mandou dar-lhe uma boa sova, que é o mais próprio castigo para eles. O efeito foi muita abundância, e fartura de peixe dali por diante.

É costume entre eles o experimentarem os seus novos missionários, e por isso os pescadores, e os mais do seu serviço, sem os quaes não podem viver, umas vezes os deixam sem cear, outras sem jantar, já desculpando-se que não acharam peixe, já que lhes doe a cabeça, e outras desculpas deste jaez; pelo que fazem jejuar muitas vezes aos novatos, que ainda não sabem, que a palmatória, e o azorrague é o remédio destas suas desculpas. Mas os que já conhecem as suas manhas e maranhas, sim, dissimula-lhes muitas, vendo porém, que não obram as palavras, usam de São Paulo, que neles obra maravilhas, e se ainda não obra o primeiro castigo, vai o segundo, com o que espertam, e já não esperam terceiro: porque dizem, não brinquemos com o padre; porque ele não tem medo; e entram logo em brio a fazer de pessoa. Tem outro costume parente muito chegado deste, e é, que quando se quer alguma cousa deles, não se lhes há de perguntar, se a sabem fazer: porque ordinariamente respondem logo, que não, embora, que saibam: nem tão bem, se querem fazê-la; porque a reposta mais prompta é, não. O modo porém de os levar, deve ser pedir-lho, como mandando: — faze-me este, faze-me aquele serviço; — e então sim, servem a uma pessoa. É conselho este dos mesmos índios dado aos brancos, e a seus missionários, que querendo algum serviço deles, não acharam, quem quisesse fazê-lo, e finalmente vendo-se obrigados a buscá-lo por outras partes, lhes tem dito, que o mandem fazer, que logo serão servidos; porque o tapuia não se deve perguntar, senão mandar.

Também são sumamente tenazes, e misteriosos nos seus segredos de sorte, que quando eles vem algum branco desejoso de saber deles algũa cousa útil, e proveitosa, por mais mimos, afagos, e promessas, que lhes façam, não lha tiram do bucho, respondendo sempre, ou — *nitiu jxê acuau* — eu não sei: ou — *Sè* — quem sabe? E em eles se metendo neste seu muito usual caneiro — *Sè* — não há tirá-los dele, senão a pao, e ainda de modo ordinário não aproveita, ainda que os matem. Por isso sabendo muitos vertudes admiráveis de ervas, arbustos, e plantas medicinaes, com que algũas vezes curam doenças, e males gravíssimos, não é possível fazer com eles, que as revelem, e descubram: e alguns são tão noticiosos destas virtudes naturaes, que se curam a si mesmos, e aos seus doentes de males, que em outros seriam incuráveis. Semilhante perícia se conta de algũas nações do Rio Negro, que como já vimos é um dos principaes, que recebe o Amazonas da banda do Norte. Tem estas nações muitas guerras entre si, onde morrendo uns, saem outros meios mortos, e outros gravemente feridos atravessados de taquaras, que são umas grandes frechas; e afirmam alguns práticos, que se não ficam mortos na contenda, nenhum morre, por mais feridos que saiam dela: porque os curam com ervas, e remédios naturaes, em que são insignes; porém por modo nenhum os descobrem aos brancos. Em uma missão se achava certo religioso tão acometido de gota, que já passava a entrevado, e vendo que já não podia satisfazer às obrigações de Missionário, dava o último *vale* aos seus neófitos, para se recolher ao seu convento. Nas despedidas acudio um índio dizendo, que ele o curaria, e saindo da povoação entrou no mato, e em breve espaço trouxe ao enfermo um leite tão eficaz, que o mesmo foi aplicá-lo ao enfermo, que mitigarem-se as dores, e com muita brevidade sarar de todo. Deu as graças ao seu benfeitor, e julgando por muito útil ao bem comum a notícia de semelhante remédio, se empenhou com

o índio, para que lhe descobrisse a erva, arbusto, cipó, ou planta donde tirou o leite; mas nada conseguio, nem com carícias, nem com promessa daquelas drogas, que eles mais estimam: e finalmente ficou occulto um remédio, que seria vida a tantos achacados do tirano mal da gota, e por isso teria no mundo uma inapreciável estimação.

Semilhante eficácia admirou outro missionário em uma cura dos olhos. Foi chamado a ũa doente, a cuja vista ficou todo compassivo, por ter os olhos tão encarniçados, vermelhos, e inchados, que julgou estarem já quase arrebentados, ou para saltarem fora, e suspenso cuidava como poderia acudir à pobre índia. Notou um índio o cuidado do bom Pastor, ao qual consolou, e se ofereceo a curá-la, dizendo, que não era nada. Foi pelo remédio, e a poucos passos logo o achou na pequena raiz de uma erva, a qual espremeo nos olhos da enferma, e na brevidade de meia hora ficaram desinchados, sãos, e restituídos ao seu natural. Este mesmo vio fazer outra quase semilhante, e prodigiosa cura em outra índia, que lhe touxeram já quase moribunda, mordida de uma horrenda, e venenosa aranha do mato, cujos efeitos eram saltarem-lhe quase os olhos da cara de inchados, e sanguíneos, e todo o corpo de pés à cabeça inchado, e quase vertendo sangue, além de outros simptomas, que só pediam o remédio dos sacramentos para a morte, em que cuidou o missionário. Acudio porém outro índio novato, e pouco antes descido do sertão, e puxando por uma pele de macaco, arrancou dela uns cabelos, que queimou, e feitos em pó os deu a enferma, que em breve espaço tornou a si, sarou nos olhos, em todo o corpo, e ficou como antes sã. Porém nem este, nem o remédio antecedente quiseram revelar os índios mestres por mais empenho do missionário. São os tapuias nestes seus segredos similhantes aos negros da cafraria, de quem contam os portugueses práticos do seu país, e os seus missionários no Rio de Sena, que sabem, e aplicam vertudes de ervas, que pelas suas instantâneas curas, e eficazes efeitos parecem mais prodigiosas, que naturaes; mas não as querem revelar, nem a força de promessas, nem de pao. Bem conheceo esta sua tenacidade um militar, que recolhendo-se de uma expedição militar, se sentia muito desfalecido com fome, e sede, em paragem, onde não havia modo algum de buscar sustento, o que vendo um cafre da comitiva, puxou por uma raiz, que trazia com outras em um surrão, e dando-lha, lhe disse, que mastiguasse um pequenino, mas brevemente: assim o fez o militar, e logo se sentio végeto, forte, valente e robusto. A mesma eficácia se vê frequentemente em outras raízes, porém nem nesta, nem em outras curas quis o cafre dizer, que raízes eram. Assim são os tapuias de sorte, que quanto maior empenho sentem em quererem tirar algũa cousa deles, tanto mais eles a encobrem: e só, quem lhes sabe já o gênio, não há de mostrar empenho, nem ainda desejo, mas como quem não quer a cousa, ou por modo de quem já a sabe, mais facilmente consegue deles, o que quer: de outra sorte, é cansar debalde, é perder tempo, e é perder-lhe o feitio. Da mesma indústria usam muitos missionários, quando querem saber deles alguma cousa na missão, por modo de quem já sabe, ou por modo de quem se lhe não dá: porque são taes nestes seus segredos, ainda nas cousas, que sucedem nas mesmas povoações, que não só é impossível obrigá-los a descobri-las, mas antes ainda eles impossibilitam as vezes, que outros as declarem. Daqui nasce, que posto que haja algum índio, ou índia, que para bem da mesma povoação queira avisar do que passa, como ordinariamente

sempre há alguns, o fazem ocultamente, ou por teceira pessoa, para que de nenhum modo venha à notícia dos mais, *sub poena* não só de serem aborrecidos pelos sigilistas da povoação, mas de correrem muito risco as suas vidas com alguma potagem venenosa.

CAPÍTULO 7º

DO COSTUME DE COMER CARNE HUMANA.

Ainda falta o mais brutal, e ferino vício, e o mais bárbaro, e abominável abuso, que tem, não todas, mas algumas nações dos índios do Amazonas, que é o comerem carne humana, e uns aos outros com tal ferocidade, que vencem nisto os mais carniceiros lobos, vorazes tigres, e mais famintos leões; pois com serem feras, que respiram braveza, antes morrerão à fome, do que faltar ao amor, com que cada animal ama os seus semilhantes, e indivíduos da mesma espécie: e é vício tão especial dos tapuias, que não tem nas histórias exemplares; nem a eles se lhes dá de não terem imitadores, com tanto que nas muitas guerras, que entre si tem frequentemente, possam apanhar muitos inimigos para os seus banquetes, tanto mais esplêndidos, quanto mais gordos são os que hão de ser chacinados. Tem para isso boas estacadas de paos a pique, e bem seguros curraes, em que os metem como a porcos, aonde os vão sustentando para os irem comendo. Os mais gordos são os primeiros chacinados, e assim por sua ordem acabam todos. Nem lhes vale aos pobres encurralados o serem moços ou velhos, feios, ou bonitos: porque se estão nédios, vão primeiro para o talho, se magros, primeiro os engordam, bem como cá se faz aos cochinos antes da matança. Se algum adoece, ou foi apanhado ferido, antes que morra, cajado vai: a mesma fortuna correm as mulheres, e só reservam as moçatonas, e mais formosas para abusarem delas: excepto se elas estão gordas, e tem bom toucinho; porque então, nem a mesma formosura as isenta da morte de bezerra.

O dia, em que matam algum, ou alguns conforme a multidão dos irmãos da mesa, é para eles muito solemne, e de primeira classe: e ainda que tem alguns de rubrica, os mais são quando quer o seu Principal, ou Régulo. Guardam nesta função várias ceremônias do seu ritual, ou ceremonial da lei velha, isto é dos seus antepassados: com sua diversidade porém conforme os diferentes deutoronômios de cada nação. O principal empenho é, que não venham no tempo da festa dar-lhe algum assalto os contrários, e além de agoar-lhe o gosto dela, não só livrar os miseráveis de irem ao matadeiro, mas também outros, que sirvam de reses para os sacrifícios dos seus ventres, como muitas vezes lhes sucede, porque ordinariamente vivem destas rapinas em vivas guerras ũas nações com outras. Convidam para a festa, e para a mesa as nações vezinhas suas aliadas; e para se brindarem tem já de antemão pre-

paradas, e bem atestadas as iguaçabas, e bem providas as adegas com as suas costumadas vinhaças, taes como já dissemos, que se as compararmos com ũa lavagem de porcos, não ficará desporporcionada e suja a semilhança. Preparam-se também as mulheres com grandes fogueiras, e bons espetos para os assados, e as velhas as panelas para a olha: por outra parte também o algoz, que sempre é algum dos mais abalizados, afia, e amola a sua espada, que é um varapao de pao duro, como ferro, com três esquinas, e também é pesado como chumbo: e por causa do seu ofício lhe chamam pao de jocá, pao de matar. E posto que é de pao preto, também a fazem mais lustrosa, e luzidia com uma tinta preta, que preparam com uma certa casca de pao; pois como é para solemnidade de tanto lustre, faz timbre o magarefe de suprir as armas brancas, que não vestem, com a luzida espada, que empunha.

Prevenidos assim todos os preparos, e preparados todos os instrumentos, correm a caixa a rebate, ou tocam caixa destemperada, como diremos, quando falarmos das suas guerras. Acode ao som toda a soldadesca, velhos e moços: homens, e mulheres: grandes, e pequenos: eles armados com as suas armas, arco e frechas; e junto todo o povo acompanhando o seu Principal, vão marchando todos para a porta do curral, em que estão os que hão de fazer os gastos da festa, já rodeados do molherio, e rapaziada, que com o dedo estão já designando qual, ou quaes sairão naquele dia a terreiro para ser chacinados, conforme os vem mais gordos, e bem nutridos; e os miseráveis já com o estômago feito a serem alvo, e objecto da vontade de seus inimigos, que já ouvem vir com grande festa para tirarem a sua custa o ventre de misérias. De caminho se há de saber que para livrar a estes miseráveis presos da morte, se instituio ũa tropa, a que chamavam tropa dos resgates, em que ia algũa milícia, e muitos moradores as povoações destes bárbaros a contratarem com eles, e resgastarem estes encurralados, comutando-lhes a morte em escravidão. E posto que os bárbaros tanto gostam da carne humana, contudo pelas práticas dos cabos, e pelo interesse de alguma ferramenta, como machados, facas, e outros instrumentos, de que carecem para a factura das suas roças, e ainda por algum bolório, e outras fracas drogas, não desgostavam do ajuste, nem repugnavam ao contrato. E assim se remiram muitos índios, que estavam destinados para víctimas do ventre daqueles epicuristas, trocando em perpétua escravidão a morte, com muita utilidade dos portugueses; porém finalmente se desfez pelo excesso, e abuso, como mais largamente diremos adiante.

É para admirar o ânimo, e brio destes miseráveis encurralados! pois com a morte diante dos olhos feitos alvo das suas tiranias, objecto das suas festas, e emprego de bárbaros ludíbrios, e dictérios, estão mais que cegos obstinados, e mais que obstinados bructos tão sem sentimento, como se eles fossem os mordomos de toda a festa, e galhofa; ou como se fora um brinco de meninos, ũa representação de comédia, ou só um arremedo da morte! E revestem-se de tanta coragem, e constância, que não só não mostram tristeza, cobardia, e sentimento, mas nem ainda hão de pestanejar ao receber o golpe! Grande matéria se me oferecia agora para ponderar o valor invencível, e generosa constância, com que os santos mártires antes escolhiam os tormentos, e penosíssimas mortes, querendo antes ser alvos, e objectos da ira, e raivosa fúria dos tiranos, do que ofender a Deos, e transgredir as suas divinas leis: mas que muito se tinham por objecto a um Deus Bem Sumo, por quem o morrer é grande glória, e princípio indefectível para mais gloriosa vida; e estavam fortalecidos com a esperança de bens eternos, em cuja comparação ficam suaves os maiores tormentos, e com cuja memória se ado-

çam os mais horrorosos martírios, que tem inventado a furiosa ferocidade dos proseguidores, quando uns bárbaros salvagens, sem esperanças de prêmios, nem temor do inferno, que totalmente ignoram; mas só por brios tolos, e brutaes temores, assim esperam intrépidos a morte com inimitável ânimo, e valor de sorte, que ordinariamente antes querem acabar com esta morte macaca, e ser pasto dos seus inimigos, do que viverem feitos escravos dos outros, ou dos brancos: porque tem esta morte por grande honra, e prova do seu valor.

Junto pois todo o povo, preparados os espetos, e acesas as fogueiras, se dá signal a faxina, ou a fazer a chacina; e abrindo a porta do curral, designa, e assignala o régulo, o que por mais gordo deve ser preferido; e convidado para a festa, e mesa, o recebem no meio fazendo-lhe muita festa, e como dando-lhe os parabéns da sua dita, e entretanto o carrasco fazendo alarde de Cupido, quando Plutão e Vulcano lhe fazem cara, se vai exercitando com meneios da sua espada, atirando de quando em quando golpes para o ar, estocadas ao vento, e reveses para os lados, e para maior ostentação de bizarro está ornado na cabeça de um círculo, ou grinalda de lindas e diversas plumagens, e penachos, a que chamam acangatara, fingindo-se um retracto de Ícaro de plumas. Os mais principaes também campeam com seus penachos; e em algumas nações cingem um cíngulo das mesmas lindas penas. O mais vestido é ao uso da terra, que são armas encarnadas inclinando para avermelhadas, em logar de brancas, herdadas por seus pais de nosso primeiro pai Adão. Chegados ao terreiro do Paço, ou praça da povoação, faz o carrasco as suas costumadas cortesias, e ceremônias ferindo os ares com golpes, reveses, e estocadas, acompanhados, e animados com várias carrancas, e visagens da cara, ostentando soberania, e respeito; e entretanto atroam os ares os circunstantes com gritos, vaias, e urros descompassados, e descompostos, bem como os bravos touros em alguma campina, quando se desafiam para as marradas. Aos urros se seguem algumas descargas de setas para o ar, depoes das quaes descarrega o algoz o golpe na cabeça do miserável, que logo vai de cabeça abaixo, e pernas acima, a cuja caída levanta outra vez o povo as algazarras, e aplaude a victória com vivas, e vaia geral, esta ao agonizante, e aqueles em obséquio dos vencedores. E sem chorarem a morte da bezerra, em quanto o moribundo está lutando com a morte, dando os últimos arrancos da vida, perneando e bofejando a alma, lhe caem à perna os anatômicos, e sem demora entram a fazer vestoria no caído, que ainda meio vivo, e palpitando se vê já jarretado, esquartejado, e feito em postas, umas nos espetos, outras nas panelas, e outras talvez já nos dentes dos golosos, meias assadas, e meias cozidas — *Pars in frusta secant, verubus que trementia figunt** E se não basta uma rês para todos os convidados, matam duas, ou três, ou mais: e talvez também repartem com os mais encurralados, que ainda não estão capazes para o talho, e por isso ficam reservados para outras funções, e festas.

Outras nações observam diferente ceremonial nesta sua solemnidade; porque armam primeiro suas danças, *verè* danças de galhardos, e para elas convidam o padecente, que sem repugnância sae ao baile, e acompanha a defunta com tanta alegria, como se a sua liberdade, e não a sua morte, houvera de ser o fim da comédia. Depois de várias voltas, e viravoltas de uns e outros, que como já dissemos, todas são de círculo em roda, conforme o

---

* Lat.: Parte cortam em pedaços e ainda palpitantes metem-nos em espetos. *Partem*, e não *pars*, devera o autor ter escrito.

texto — *in circuitu impii ambulant** — em cujo meio, ou centro anda também o moribundo dando voltas, e cantando com os mais as suas despedidas desta vida, e antes de morrer o ofício de corpo presente, qual cisne moribundo — *ad vada Moeandri concinit*** — não tristes lamentações da morte, que já tem diante dos olhos, mas algazarras alegres, que acompanha com saltos de prazer, por se ver metido, e admitido em dança, para ele de tanta honra, e para os mordomos da festa de tanto proveito. Entretanto não se descuida o carrasco de fazer o compasso aos músicos, e sortes ao touro, levantando de quando em quando a massa, ou espada, como quem já quer descarregar o golpe; e de repente o suspende, e encolhe o braço; mas tornando-o pouco a pouco a estender, levanta outra vez a espada, e de pancada a assenta sobre a rês com um tão fatal golpe, que a estende, e faz cair de narizes em terra — *procumbit humi bos**** —: e logo as facas de pao entram a fazer o seu ofício, e a fazê-lo em postas, como já dissemos.

Morrem por um bocado de carne humana as nações, que tem este abuso: lançam-se a ela, como gatos a bofes, e como cães a um osso: meia assada, e meia crua; e ainda vermelha, com o sangue a tiram das brasas, sem que para isso lhes seja necessário valerem-se da mão do gato, por lhe tirar o desejo de a comer o medo de se escaldarem: e quando tem estas funções, tomam barrigadas de lobos, aos quaes se parecem na voracidade. O molho destes assados, além do sangue, que as vezes ainda estão escorrendo, são as suas vinhaças; o chá, com que digerem estas fartadelas de lobo, é o seu mocororó: e assim como bebem sem medida, também comem sem peso. Brutos na vida, brutos no comer, e beber, e em tudo, e por tudo brutos! Estas são as suas mais solemnes festas, e festivas solemnidades, que ordinariamente duram por muitos dias, apesar dos chacinados, que nelas pagam o pato, e fazem os gastos; e depoes de darem a carne para os banquetes, dão também a ossada para assobios; porque aproveitam as canelas para servirem de gaitas, com que a som de tamboril tocam por sobremesa as suas folias, e ordenam os seus bailes. Dos dentes fazem os seus rosários, e gargantilhas, com que se aformoseam, e com que avivam a memória, dos que acharam honrado jazigo nos seus ventres; e do casco da cabeça cabaço para lhe beberem à saúde.

CAPÍTULO 8º

DA TROPA DE RESGATES, DO SEU PRIMEIRO INTENTO, ABUSO, E COMO SE DESFEZ.

Acima tocamos a notícia da tropa de resgates instituída para livrar da matança aos miseráveis índios incurralados com muita piedade pelos Fide-

* Lat.: Os impios andam em roda. Ps. 11,9.
** Lat.: Canta nas águas do Meandro.
*** Lat.: O boi cai ferido ao chão.

líssimos Reis de Portugal: agora diremos com mais clareza, que tropa era, qual o seu intento, e porque motivo se desfez? Principiou esta tropa no tempo do grande Padre Antônio Vieira, levantada a requerimento do mesmo, e dos mais religiosos missionários, por comiseração daqueles miseráveis, levados do caritativo intuito de assim livrar os seus corpos da morte, e as almas do inferno catequizando-os nas verdades católicas, pelos anos de *[em branco no manuscrito]* com muito aplauso dos mesmos portugueses, que nos tapuias resgastados tinham escravos, e servos para os seus serviços e lavouras. Instituída assim a tropa, ou redempção de cativos, nomeava-se um cabo da tropa como oficiaes, e davam-se as instruções, e mais providências necessárias para se praticar esta obra de tanta piedade, como era bem, e a qualidade do negócio de que se tratava o pedia, entre as quaes era ũa o levar consigo algum religioso missionário por teólogo, que além de prático da língoa, e noticioso do país, fosse igualmente zeloso, para averiguar, e examinar os factos, e conforme *allegata, et probata** declarar por livres, ou escravos, aos que se presentavam. Era este religioso missionário sempre jesuíta, por determinação dos Fidelíssimos Monarcas de Portugal, designado pelos seus provinciaes, à satisfação dos governos, e magistrados; pois dele dependia não menos que a liberdade, ou escravidão dos índios, além da boa, ou má consciência dos portugueses na sua possessão. Além dos provimentos de víveres, se faziam também não poucos de bolórios, ferramenta, sal, panos, e outras drogas das mais estimadas, e apetecidas dos índios, tudo a expensas da Fazenda Real, além de muitos outros regates de particulares, e interessados.

O arraial era ordinariamente no Rio Negro, porque nele mais que nos outros haviam estas bárbaras nações, que se comiam ũas as outras: mas daqui discorriam pelo Amazonas, e mais rios, e quantos achavam conduziam ao arraial para serem examinados. Daqui se transportavam a cidade, onde se vendiam em pública praça, e o preço se lançava no Tesouro assim para as despesas da tropa, e para se resarcirem os gastos, que pelas missões se faziam com os novos descimentos a diligências dos missionários, como também para a erecção de novas missões. Do referido arraial saíam os brancos a contratar com os régulos daquelas nações bem escoltados (para que não lhes sucedesse irem buscar lã, e ficarem tosquiados, ou metidos no curral, como por vezes sucedeo) e a troco de um, ou dous machados, algumas facas, bolórios, e semilhantes cousas lhe entregavam aqueles tapuias encurralados, com os quaes voltavam para o arraial a apresentá-los ao missionário da tropa, assim os que compravam os particulares, como os que se resgatavam em nome da tropa: e como ordinariamente cada nação tem diversa linguagem, se valia o missionário de línguas práticos para o efeito dos exames. Consistia o exame em inquirir dos mesmos índios o como foram apanhados dos seus inimigos? Se em guerra, que tivessem entre si? ou se por assalto inopinado? Se os brancos os induziram a fazer aquela guerra? ou qual fora a causa dela? Se estavam, ou não nos curraes para serem comidos dos seus contrários? ou se os brancos os tinham apanhado a força, ou por prática? Se os seus mesmos principaes, e régulos os tinham entregado aos brancos por troco de algũas drogas? com todos os mais quesitos, pontos, e miudezas requisitas em negócio de tanto peso, e ponderação, qual é a liberdade, ou perpétuo cativeiro de um homem. E conforme o depoimento, e rigoroso exame, ponderadas as rezões pró, e contra, lhe passava o

* Lat.: as coisas alegadas e provadas (o alegado e provado).

missionário um bilhete, ou resisto, em que *secundum allegata, et probata** o declarava por forro, ou cativo; e juntamente se assignava o cabo da tropa, e com este resisto se entregava o índio.

Começou logo a ambição a reinar nos brancos, e com a capa da tropa de resgates para os miseráveis incurralados, se estendiam aos livres, e a quantos podiam haver; umas vezes induzindo aos régulos a darem assaltos uns aos outros, a apanharem os que pudessem para os entregar aos brancos; outras vezes induziam aos mesmos régulos a venderem os seus vassalos. E muitas vezes davam de repente os mesmos brancos nas povoações, e como nelas moram os tapuias muitos juntos em cada casa, como já dissemos, as cercavam, e entravam logo dentro, onde amarravam quantos achavam, e conduzindo-os ao arraial afirmavam serem dos incurralados, para o que não lhes faltavam testemunhas falsas; e desta sorte cativavam inumeráveis. Uma das leis destes resgates, além de outras condições, determinava, que só fosse em certo destricto: porém não se dando satisfeitos, não só saíam fora dos limites, mas não havia rio, em que não entrassem, nem povoação, que não assaltassem; e quantos cada um podia maneatar, tantos contava por seus escravos, de sorte que eram já exorbitantes, e intoleráveis os excessos, e excessivos os abusos. E para que no exame perante o missionário, e cabo, não arriscassem a sorte de os perder, praticavam aos pobres índios, e os instruíam nas repostas, que haviam dar, como eram, que os seus régulos tinham tido guerra entre si: que tinham ficado cativos dos seus contrários: que estavam no curral destinados para a matança etc., ao que facilmente anuíam, porque como brutos não percebiam o chiste, e cuidavam, que tudo o que os brancos lhe encaixavam nos cascos era o direito, e o que mais lhes convinha. E quando os brancos temiam, que alguns descubrissem a verdade, por já terem notícia do cativeiro, os ameaçavam com as espadas, e com a morte, se não respondessem como os tinham ensinado: a quanto se não arroja a ambição! Confessou clara, e publicamente um oficial da mesma tropa, onde era novato, quando já estava feito procurador de índios, que ele induzido por outros brancos, e todos de companhia subiram por um rio, e assaltando de repente ũa povoação, cada um foi amarrando, e maneatando quantos índios pôde, e cheias as embarcações destes pobres cordeiros, os conduziram ao arraial; e que de noite estando cada qual já na sua barraca, chamara por eles um dos camaradas, e lhe perguntara: se tinha já praticado os seus índios, do que haviam de responder no exame? a reposta foi de novato, dizendo, que não; nem sabia que prática lhe faria. Então o camarada, que já praticante veterano neste modo de catequizar tapuias, o insinou como devia instruí-los, accrescentando: porque não o fazendo assim, todos sairão livres, e vós ficareis logrado. Pois se assim é (repôs o novato) não quero taes escravos, que para o serem, só dependem de taes práticas.

Muitos não se dando por satisfeitos, e seguros com as suas práticas, os acompanhavam ao exame, e passeando pela retaguarda do examinador, olhavam de quando em quando para os examinados, e já com visagens, já com acções significativas de que os decapitariam, se não respondessem como os tinham ensinado, de tal sorte os intimidavam, que eram forçados a resporderem, e condescenderem em tudo conforme a vontade dos brancos, sem embargo de ser em sumo prejuizo da sua liberdade. E porque já se iam

---

* Lat.: segundo as coisas alegadas e provadas.

divulgando estas injustiças, e muitas outras, como peitando os cabos com lhes darem algumas peças; outras vezes transportando-os furtivamente as vizinhanças da cidade, e vendendo-os pelos sítios dos brancos; já o examinador com prudência variava os quesitos, e usava de rodeios para frustrar as práticas, e se informar da verdade. Com esta boa indústria livrou a milhares, e milhares do injusto cativeiro dos brancos; porém também muitos saíram escravos, sem o serem. Chegou finalmente à Corte a notícia destas injustiças, e para as atalhar, foi servido o Senhor Rei Dom Pedro, de boa memória, mandar recolher, e proibir a tropa de resgates, julgando por menos mal, que os índios se comessem uns aos outros, do que fazerem-se tantos, e tão injustos cativeiros, com a capa de os resgatar. Como porém esta proibição era remora da ganância dos portugueses, tanto pediram, instaram, e alegaram, que tornaram a conseguir a tropa: porém como as injustiças subiam ao galarim, depoes de várias vezes proibida, e concedida, finalmente no ano de 1750 foi Sua Majestade servido proibi-la de todo, para a qual resolução deram motivo vários casos. Um foi, que chegaram a tanto excesso estas amarrações, que não se contentando com o fazer no grande destricto português, se arrojaram ao mesmo dentro nos limites dos Monarcas Católicos, entrando em ũa povoação, e amarrando nela alguns índios, não só uma, mas várias vezes. Por estes insultos se viram obrigados os missionários espanhoes a dar conta ao seu Monarca, e a Majestade Católica os fez propor ao Rei Fidelíssimo. Outro caso foi, que aportando ao Pará um cidadão, com a sua canoa cheia de peças feitas como temos referido, e fora do destricto, que compreendiam as leis dos resgates; e isto não obstante pedia o morador, que fossem admitidos aos costumados exames, e não só foi despachado pelo governo, mas também foram remetidos os índios ao Colégio dos Jesuítas para os examinar. E porque os padres da Companhia disseram claramente, que aqueles índios não deviam ser sujeitos ao exame, por serem já forros pelas mesmas leis, se remeteram a outra religião, onde os admitiram a exame, e declararam por escravos.

Estes, e muitos outros tiranos insultos motivaram a total proibição da tropa dos resgates no dito ano de 1750, depoes de terem saído, só do Rio Negro perto de três milhões de índios escravos, como consta dos resistos, os quaes vendidos em pública praça, se repartiam pelos moradores. Basta dizer, que havia particulares que tinham já para cima de mil escravos; e outros tinham tantos, que não lhes sabiam os nomes: além de muitos, que se repartiam e distribuíam para a Comarca do Maranhão, e de lá talvez comprados pelos mineiros se distribuíam por todo o Brasil, e Minas. Disse, que só do Rio Negro pela tropa de resgates saíram perto de três milhões: porque fora estes foram inumeráveis os índios, que por violência dos moradores se fizeram escravos, os quaes com o pretexto, e pela occasião de irem ao sertão as colheitas do cacao, e mais riquezas, de que abundam aqueles matos, iam amarrar peças, ou índios. E por quanto não podiam na torna viagem passar as fortalezas, *sub poena* de lhe serem confiscadas as canoas com todas as peças, e carga, além de outras penas, umas vezes subornavam os comandantes para os deixarem passar em paz, outras passavam furtivamente pela outra banda do Rio, e de noute sem serem sentidos, e sem aportarem na cidade os vendiam aos mais moradores. De tantas injustiças se seguiam muitas outras desordens, e peior que todas, os encargos das consciências, com que os moradores daquele Estado andavam enlaçados; e assim era preciso um grande, e eficaz

remédio, com que se compusessem as consciências dos maos possuidores, e juntamente do modo possível se atendesse à opressão dos índios, dos quaes posto que alguns fossem verdadeiros escravos, outros o não seriam; e discerni-los, era moralmente impossível: atendendo a estas, e outras razões Sua Majestade Fidelíssima para descargo da sua consciência foi servido mandar passar ũa lei no ano de 1750, em que proibio totalmente a escravidão dos índios, e os restituio à sua liberdade, como já em 680 se tinha decretado, ainda que sem efeito, por reclamarem os cidadãos tão apaixonados pelas escravidões dos infelices índios, que chegaram por duas vezes a expulsar daquele Estado aos jesuitas, por acudirem pelos índios contra as injustiças dos brancos. Publicou-se *tandem** a Lei das Liberdades no ano de 1757, com que de uma vez, e com um só golpe cortou Sua Majestade tantos nós górdios, quantos eram os encargos das consciências, rompeo tantos grilhões, quantos eram os cativos, e pôs termo a inumeráveis desordens, exorbitantes injustiças, e horrendos insultos de tantos anos, como já tinham feito nos seus domínios as Majestades Católicas. Empresa por certo digna de ũa, e outra Coroa!

CAPÍTULO 9º

DAS GUERRAS DOS ÍNDIOS DO RIO AMAZONAS

Posto que as guerras são, e sempre foram a destruição do mundo, a peste das repúblicas, o estrago dos reinos, e o fatal açoute das gentes; contudo são, e foram sempre tão praticadas dos homens, que não há gentes por mais pacíficas que sejam, que não pelejem, reinos por mais providências que tenham, que não militem, repúblicas por mais acauteladas, que não discrepem, nem cidades por mais bem vigiadas, que não litiguem: de sorte que o mundo desde a sua primeira época começou logo a ser igualmente habitado, e combatido, porque principiaram as guerras juntamente com os homens, e com o mundo. E se isto sucedeo, e sucede nas repúblicas mais bem governadas com a direção das leis, com a vigilância dos magistrados, e com as providências dos ministros, com mais razão sucederá [nos] índios do Amazonas, e América vivendo a lei da natureza, sem Deus, sem Lei, e sem Rei conforme a vontade de cada um. São pois entre eles muito frequentes as guerras, guerreando ũas nações contra as outras; e uns contra outros povos; e posto que todos sejam guerreiros, contudo algumas nações são mais

* *Lat.:* finalmente.

inquietas, e propensas a Marte, e cada povoação tem outras aliadas não só para acometerem, mas também para se darem a mão ũas a outras, e se defenderem acometidas. Os motivos das suas guerras são ordinariamente algum destes três, ou o apetite de se comerem uns aos outros; ou por indução dos brancos para lhes venderem, os que apanham: ou por causa de se apanharem uns a outros as mulheres; e este terceiro motivo é o mais ordinário; porque em toda a parte há Helenas formosas, que com o fogo da concupiscência accendem o da guerra, e não satisfeitos com as das suas povoações querem roubar as dos seus contrários. As suas armas são, como já dissemos, arco, e frecha, que igualmente lhes servem para pescar, em lugar de redes, para caçarem nos (nos) matos, e para pelejarem nas campanhas: são porém ordinariamente diversas estas armas quando pelejam na grandeza dos arcos, e das mesmas frechas; porque são muito maiores no comprimento, e grossura, e as chamam taquaras. Põe-lhes em lugar de ferro, que não tem, facas de pao duro como ferro, ou de algum osso de animal, ou das cascas de taboca mui ponteagudas, e aguçadas de dous fios, taes, que atravessam não só a qualquer homem, mas também ao maior boi, ou fera do mato, e ainda repassam uma porta, e qualquer táboa. Para irem direitas lhes põe no remate a penugem de penas de ũa, e outra banda enleiadas com cordéis, cousa de meio palmo, ou mais, a proporção da lança, que tem adiante.

As hastes fazem de umas canas sem nós muito lisas, e esféricas, que por este uso de chamam frechaes; e posto que não são ocas, como as nossas, porque tem seu âmago estupento, são tanto, ou mais leves. Os arcos, com que as despedem são de pao, a que já por esse uso chamam os brancos pao de arco muito duro, e forte; e com não terem ferro, lá tem arte de o lavrarem da grandeza que querem. Os proporcionados às frechas taquaras tem 7, 8, ou mais palmos de comprimento; a grossura é como o pulso de um menino: são facetados por uma banda, e esféricos no mais. Pela parte facetada lhe põe um fortíssimo cordel de alto a baixo, tecido de pita, e para o segurarem nas pontas, fazem no pao umas cabecinhas. Quando querem entesar o arco para despedirem as frechas, o incurvam nos joelhos, e puxam o cordel, e pondo-lhe a frecha, a despedem com tanta força, que repassam qualquer porta, ou táboa em distância de 200 até 300 passos. Algumas nações, além destas taquaras, usam nas suas guerras de umas frechas pequeninas, e miúdas, e em lugar do arco, as metem dentro de uns compridos canudos, a que chamam *[em branco no manuscrito]* e assoprando para o ar contra os inimigos, vão por elevação cair em cima das cabeças dos mesmos, e posto que toquem levemente na carne, com miúdas que são, matam em breve espaço: porque vão ervadas com o seu usado veneno bururé. Destas miúdas frechas usaram muito contra os portugueses, e mais europeos nas muitas guerras, que tiveram no princípio das conquistas, e eram algumas vezes tantas, que pareciam chuveiros, mas pouco estrago faziam, por caírem nos chapéos e fardas, e não chegarem à carne. Outras nações não usam de arco, e frechas, mas de balestilha; e tanto uns, como outros jogam as suas armas com muita perícia, e com tanta ligeireza, que apenas ũa frecha sae do arco, quando já outra está nele; de sorte que em quanto um soldado carrega, e dispara ũa espingarda, pode um tapuia atirar dez, doze, e mais frechas.

São poucas as nações, que se acometem a peito descuberto avançando ũas às outras, mas o seu ordinário modo de acometer é a traição em repentinos assaltos quando presumem achar os seus contrários, ou descuidados, ou

occupados nos seus bailes, e beberronias: e por isso as nações mais belicosas, e que tem mais inimigos estão sempre alerta, e fortificados nas suas povoações com fortíssimas cercas de pao a pique, ou tabocaes como já dissemos. Quando não podem fazer outro damno uns aos outros, queimam-se as povoações, que como são de palha, ou pindoba ardem em um minuto. Outro damno é o apanharem-se as suas canoinhas, e como a sua servintia é sempre por mar, rios, e lagos, sempre os inimigos encontram algumas com gente, especialmente mulheres, e meninos, que não podem fugir, e não só ficam prisioneiros, mas ordinariamente pagam o pato, porque ficam objecto da ira, e vingança dos inimigos. Tem também suas espias, e atalaias, que escondidas no sombrio das árvores, a que sobem, descortinham, e vigiam os rios, e dão aviso do que vem ao longe, e dada a parte na povoação de que vem o inimigo, tocam a rebate, e avisam-se umas nações às outras suas aliadas. Tem para isso um grande tambor feito do tronco de alguma árvore, o qual escavam por dentro a poder de fogo, e outros instrumentos, em lugar de ferro; e lhe fazem taes mestrias, [que soa] muito longe três, ou mais légoas. Para o tocarem, suspendem-no em dous esteios, ou grossas forquilhas, sustentado com cordas em uma trave de sorte, que não só fica no ar, mas não lhe há de tocar cousa alguma: só o tocam nestas occasiões das suas guerras, ou quando querem fazer algũa matança de encurralados para codearem. Chamam tocano a esta caixa de guerra, e assim que a ouvem os que andam por fora se recolhem ao arraial, e se põe em armas, entesando os arcos, aguçando as frechas, e provendo as aljavas; e quando o inimigo os acha deste modo prevenidos, ordinariamente se retira. Não obstante o seu grande furor uns com os outros, são com os brancos, e europeos muito tímidos; e por isso no princípio das conquistas, ainda que se ajuntavam, e uniam em grandes exércitos, ordinariamente se retiravam por cobardes, e por esta causa tendo ânimo, e valor bastam poucos europeos para vencer exércitos de tapuias. Especialmente se desanimam quando vem cair com as balas dos arcabuzes a seus camaradas mortos, por ser para eles totalmente novo o militar dos brancos. Porém pelo contrário se chegam a conhecer algum medo nos europeos, ou se tem quem bem os comande, anime, e estimule o fazem com tal ardor, coragem, e de modo, que parecem leões; e como taes se tem portado em muitas occasiões, que tem militado com os portugueses, já em Pernambuco contra os holandeses, já no Maranhão, e em muitas outras partes.

E na verdade se tivessem quem os capitaneasse, e comandasse não (são) seria suficiente toda a Europa para os desalojar das suas terras, nem ainda acometer: porque bastava aos tapuias jogarem as suas frechas nas bordas dos rios contra os navegantes, escondidos, e amparados não só com o sombrio do arvoredo imenso das suas matas, mas também detrás das árvores, donde muito a seu salvo podem desbaratar grandes exércitos, e vencer aos mais invencíveis gigantes, sem temor, que a mosquetaria, ou artilheria possam abrir brecha naqueles grossos, e duros troncos. Nem ainda os incêndios, que nas matas costumam ser o mais indomável, e invencível inimigo, poderiam fazê-los perder um palmo de terra: porque são de outra espécie aquelas matas da América, que não ardem, nem se queimam por mais fogo, que lhe lancem. Daqui vem, que a cada passo estão os seus naturaes, europeos fazendo grandes fogueiras no meio dos matos, sem o fogo se estender mais, do que à lenha secca, que nele deitam; e assim accesas as deixam, quando se mudam para outra parte, sem receio de que o fogo se alargue. Basta para prova, o que já tem sucedido nas matas e ilhas do Maranhão, onde costumam alguns anos faltar as chuvas do inverno de sorte, que a

terra se abre em bocas de secca; e se seccam, e queimam as searas com os calores do sol; e contudo por mais fogo que se ponha aos matos, não se atea, nem os queima. O mais a que alguma vez se estendeo o fogo, foi a alimpar o arvoredo por baixo, queimando em grande distância as folhas seccas e os arbustos. Desta sorte amparados do arvoredo fizeram guerra por muitos anos aos portugueses em todo o Brasil, que finalmente se acabou por diligências do venerável Padre José de Anchieta, e outros religiosos da Companhia de Jesus: desta sorte acabaram com os holandeses no Maranhão, matando-os muito a seu salvo, e encubertos uns com as árvores, e escondidos outros nos matos, quando eles iam pelos caminhos, e estradas. Desta sorte tiveram a barba tesa aos portugueses no mesmo Estado do Amazonas, nas cruelissimas, e prolongadas guerras de vinte anos, em cujo espaço de tempo estiveram os europeos como encurralados no Pará, sem poderem subir para o Amazonas; porque os índios zombavam das tropas, e matando quantidade de portugueses, cada vez se faziam mais formidáveis: e só se concluíram as pazes com eles por prática, agência, e diligência do grande Padre Antônio Vieira, e outros jesuítas; e desta mesma maneira ainda hoje perturbam alguns índios a navegação do mesmo Amazonas, e Rio Madeira, e outros, zombando das tropas, que por vezes se tem expedido contra eles.

CAPÍTULO 10º

DA LEI DOS ÍNDIOS DO RIO AMAZONAS

Pelos costumes, e teor de vida dos índios do rio máximo Amazonas, se pode já conhecer a sua lei: é a de Epicuro, e dos ateos, que só reconhecem, e adoram os seus apetites, a sua vontade, e o seu ventre, *quorum Deus venter est.** Só tratam de comer, e beber: no demais vida de brutos. Mas a (a) disgraça maior é, que ainda nos europeos e em homens de bom juízo, que blasonam de letrados, e presumem de ter lugar distincto no Templo da Sabiduria, tem muitos exemplares, que vivem como brutos na vida, como bárbaros nos costumes, e como ateos na religião. Esta diferença porém há entre tapuias, e brancos; que estes por mais entendidos, e inteligentes terão maior inferno, do que aqueles índios por rústicos; porque — *Servus, qui cognovit volutatem Domini sui, et non facit secundum eam, vapulabit multis.*** — Quando o Senhor lhe pedir conta dos talentos, que lhes entregou, conhecerão

---

* Lat.: Cujo Deus é o seu ventre. *Filip.*, 3. 19.

** Lat.: O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não age de conformidade com ela, será castigado com muitos açoites. *Luc.*, 12, 47.

o erro de os terem enterrados, ou dilapidado em prejuízo das suas mesmas almas, e arrependidos confessarão, posto que sem fruto; e em cabeça própria experimentarão, que a solução há de ser a medida da receita, pagando mais em tormentos, quem teve ociosos mais talentos. Digo sem fructo; porque na morte, de que depende a eternidade da [mais] fausta, ou infausta sorte, serão os seus actos de contrição, e jaculatórias ao Céo aquela de Henrique VIII de Inglaterra, *Omnia perdidimus** — e a mais infalível será, a que vaticinou o Sábio — *ergo erravimus*** — conclusão mais certa, e evidente, do que o é o ser a morte eco da vida; *qualis vita, finis ita*.***

Em tão diversas nações, como há na América, muito mais sendo ela tão dilatada, quase como todo o mais mundo, não duvido haverá muitas, que adorem algum, ou alguns ídolos: de facto no grande Império do México adoravam os seus nacionaes, e ainda hoje idolatram no ídolo Molo, *[em branco no manuscrito]* a quem tributavam (como já dissemos) bárbaras adorações, e ũa delas era sacrificar-lhe alguns filhos, lançando-os vivos no fogo, onde eram abrasados vivos cada ano para cima de 40 000 pessoas. Além desta, talvez haverá muitas outras nações idólatras por todo o seu vasto âmbito. Mas no Rio Amazonas, e seu grande sertão, não consta, que algũa das suas diferentes nações adorasse algum ídolo: e só os do Império do Peru, com serem já mais ladinos, e mais polidos, adoravam o sol, como logo diremos. Sim, parece, que às estrelas, e principalmente ao sol, e à lua, rendem algumas adorações, ou todas, ou algumas das outras nações: e se infere dos nomes, com que nomeam a estes dous astros, Sol, e Lua: porque a aquele chamam — Coara Ci — mãe do dia, ou mãe do mundo; e a esta apelidam — Jaci — mãe dos fructos da terra: e que chama os astros mãe dos sublunares, parece conhecê-los, e reconhecê-los por creadores, e por divindades. E na verdade tem occasiões, em que festejam muito a lua, como quando aparece nova: porque então saem das suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na, e dão-lhe as boas vindas, mostram-lhe os filhos, e a modo de quem os oferece, estendem os braços, além de muitas outras acções, ostensivas, de quem na verdade a adora. Tudo isto presenciei eu mesmo, achando-me no campo com alguns, não só baptizados, mas também ladinos; porque gritando um, que via a lua, os mais, que estavam recolhidos em uma grande barraca, todos saíram a festejá-la: e alguns entre as mais acções de alegria, estendiam os corpos, puxavam-se os braços, mãos, e dedos, como quem lhe pedia saúde, e forças em tanto que eu cheguei a desconfiar, de que estavam idolatrando. E se assim faziam os mansos educados, e doutrinados nos dogmas da fé de Cristo, que farão os bravos, e infiéis? Fiz esta observação nos índios da nação Arapium do Rio Topajós.

E no mesmo rio sucedeo outro caso na missão chamada de Topajós, intitulada hoje Vila de Santarém, que também prova serem os índios na verdade verdadeiros idólatras. Lia o missionário em Avendanho, e achou nele esta proposição — que os índios também idolatravam em ídolos, e que com muita dificuldade largavam os ritos, e costumes dos seus avuengos: Quis o missionário indagar a verdade e chamando alguns índios, que julgava mais fiéis, lhes fez uma prática doméstica sobre a obrigação, que todos temos de

* Lat.: Perdemos tudo.
** Lat.: Portanto, erramos.
*** Lat.: Tal vida, tal fim.

adorar a um só Deus, mas que ele lendo aquela proposição desconfiava, que eles adoravam alguns ídolos; e assim que lhes descobrissem a verdade do que havia, se eram verdadeiros católicos. Responderam os índios, que na verdade adoravam alguns corpos, e creaturas, e que os tinham muito ocultos em ũa casa no meio dos matos, de que só sabiam os mais velhos, e adultos. Admoestou-os o padre que lhos trouxessem todos, como *vere** trouxeram sete corpos mirrados dos seus avuengos; e umas cinco pedras, que também adoravam. Não dizia o missionário quaes eram, ou em que consistiam as adorações, que lhe davam, mais do que em certo dia do ano ajuntarem-se os velhos com muito segredo, e de companhia iam fazer-lhe algũa romagem, e os vestiam de novo com bretanha ou algum outro pano, que cada um tinha. As pedras todas tinham sua dedicação, e denominação com alguma figura, que denotava o para que serviam. Ũa era, a que presidia aos casamentos, como o Deos Hymnem os antigos: outra, a quem imploravam o bom sucesso dos partos; e assim as mais tinham todas suas presidências, e seus especiaes cultos na adoração daqueles idólatras, posto que já nascidos, domesticados, e educados entre os portugueses, doutrinados pelos seus missionários; e tidos, e havidos por bons católicos, como tinham professado no sancto baptismo, conservando aquela idolatria por mais de 100 anos, que tinha de fundação a sua aldea, e passando esta tradição dos velhos aos moços, e dos pais aos filhos, sem até ali haver algum, que revelasse o segredo.

Desenganado então o missionário da sua pouca religião, e muita idolatria a sua vista, e em pública praça mandou queimar estes seus ídolos, ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio, desejando afundir com elas por uma vez a sua cegueira, e cega idolatria: deste facto se confirmou, que o gentilismo da América era idólatra, como o do mais mundo; e que só se diferençava dos idólatras das outras partes, em que os infiéis das mais nações por mais cultos, e polidos eram mais regulados, e apurados no culto, adoração, templos, e sacrifícios aos seus falsos deoses, e verdadeiros demônios; e que os tapuias como mais salvagens, e brutos os adoravam, e idolatravam neles mais brutalmente, e com as poucas, ou nenhũas ceremônias, que permitem a sua inata rusticidade, e barbaridade, mas que todos caminham para o inferno, e[ngana]dos pelo demônio por meio daquelas insensíveis estátuas, que são o ímã da sua eterna perdição. E sendo Deus tão manifesto na formosura dos céos, na eloquente cintilação das estrelas, na admirável influência dos astros, na sâbia disposição, e ordem das creaturas, que todas com mudas vozes acclamam, dão a conhe[ce]r, e louvam a seu Creador por verdadeiro Deus e único Senhor do céo, e terra, e a quem só é devida toda a adoração, honra, e glória; é com tudo Deos tão pouco conhecido, e tão pouco adorado! E pelo contrário, sendo o diabo tão feio, e abominável inimigo de todo o bem, e condemnado por rebelde ao seu Creador, tem contudo tanto séquito, e tanta adoração das gentes, que em muitas partes é mais temido, que Deos! Vê-se isto claramente nos mesmos tapuias do Amazonas, e América, que são tão cegos, que admirando a variedade das creaturas, e formosura do Universo, não chegam a conhecer ao único, e verdadeiro Deus, que os criou — *Verbo Domini Coeli firmati sunt.*

* Lat.: de fato.

*et spiritu oris ejus omnis virtus eorum** — E contudo tem notícia do diabo, [e o] nomeam com vocábulo próprio na sua língoa com a palavra — Iunepari —; donde infiro, que também tem algũa luz de que há céo, e inferno, posto que muito tênue e confusa; e do diabo tem muito medo.

E não só tem conhecimento do diabo, e grande medo dele, mas também o admitem nas suas danças, e festins, a que chamam poracés, onde muitas vezes lhes aparece dançando visivelmente no meio deles. Por isso os primeiros missionários, que indagavam, e averiguavam de raiz as cousas parece que tiveram claras notícias desta comunicação, e puseram no Catecismo esta pergunta — Eremunha poracés? dançastes algumas vezes? — poracis porque era prova de que se dançaram, andou também o diabo nas danças. E os rapazes, que, ou por inocentes, ou por medrosos, ou por tudo, são mais promptos a dizerem, o que vem, e o que ouvem, tem confessado por vezes que viram o diabo. Em uma occasião andavam brincando uns meninos domésticos no terreiro de ũa fazenda, e de repente veio um correndo para casa muito espavorido, e sobresaltado; e depoes de mais sossegado, perguntado de que fugira, *inter sigultus*** disse, que do diabo, que andava brincando no meio dos rapazes em figura de carneiro. Nas matas, e suas roças, dizem os mesmos índios, que lhes aparecem uns vultos com figura humana, nus como tapuias, e de cabeça rapada, a que chamam coropiras, e com eles falam, e mostram algumas vezes, o que os índios querem. Serão talvez, os que na Europa chamamos doendes, e a estes coropiras se atribuem alguns grandes estrondos, que as vezes se ouvem [nos] matos, como que se quebram as árvores, se arrancam as matas, e que se disparam peças de artilheria qual e semilhantes estrondos. Os índios mansos quando no sertão buscam algũas especiarias no serviço dos brancos, também ouvem estes estrondos; e alguns caminham para onde os ouvem, dizendo, o coropira nos quer mostrar alguma mata de cacao, cravo, ou o que buscamos. A um missionário disse claramente um índio aldeano, que não só quando iam ao mato lhes apareciam os coropiras, mas que os mandavam fazer augumas cousas, e se não lhes obedeciam, lhes davam muita pancada: se porém faziam, o que eles queriam, lhes mostravam, o que os índios buscavam. Além destes do mato, lhes aparecem pelas praias outros coropiras em tudo semilhantes. Do que se infere, que o diabo disfarçado em figura humana coropira, tem muita comonicação com os índios mansos, e já aldeados; e muito mais com os bravos, a que chamam caaporas, isto é, habitadores do mato. Mas ainda fora desta figura, lhes aparece em muitas outras, especialmente nos seus bailes, festins, e poracés; e posto que tem muito medo dele, e todos confessam, que é muito feio, não o arrenegam, nem recusam servi-lo, antes lhes obedecem, para que não lhe faça mal, e porque lhes descobre muitos segredos, *vL gL* de que vão missionários, e de que vão os brancos. Prova-se da boca dos mesmos tapuias: porque diziam os índios Barbados, que o diabo era muito feio; porém que os avisava dos assaltos, que lhes queriam dar os portugueses, e do que deviam fazer para se acautelarem; e muitos outros segredos, com que deles se faz temido, e por força, ou por vontade obedecido. E em alguns

---

* Lat.: Com a palavra do Senhor firmaram-se os céus, e com o sopro da sua boca, toda a virtude deles. Sl. 32:6.

** Lat.: entre soluços.

rios, lagos, e paragens lhes aparece com medonhas figuras; e por isso os índios, não se atrevem a entrar neles; taes, são os lagos de Jourari, alguns rios do Xingu, e outros. E disgraça que assim se tema e conheça o diabo, que não tem mais poder, que o que Deus lhe permite; e que o Omnipotente, que nos pode lançar no inferno no outro mundo, e aniquilar-nos neste, seja tão pouco temido, conhecido, e obedecido!

Sobre estes seus segredos, que lhes descobre o diabo, é célebre o que sucedeo a um missionário, e tem sucedido a muitos brancos. Tinha este missionário praticado, e descido do mato ũa nação, e como era zelozíssimo, depoes de arrumar, e dispor estes, partio outra vez para o centro do sertão a praticar outras nações. Eis que um dia, antes de chegar o prazo da sua torna viagem, estando os primeiros à roda de ũa grande fogueira deu um pao, dos que estavam no fogo um grande estalo, e ouvindo-o os tapuias, gritaram — aí vem o padre, aí vem o padre! — e não se enganaram, porque daí a pouco espaço chegou, sem ser esperado. E quem lho disse, senão o diabo naquele sinal do estrondo, e estalo do pao? Desta, e muitas outras semilhantes profecias bem se infere, que já por si mesmo, e já [por] pactos comunica muito com eles o diabo, de cuja comunicação nasce o não acreditarem aos seus missionários, quando lhes propõe os mistérios da fé, e as obrigações de católicos, porque o demônio lhes ensina o contrário. Foi mui notável o que sucedeo a um religioso em ũa fazenda. Matou ũa índia a seu marido: mandou o religioso segurar a índia mariticida, e para que não escapasse expedio duas escoltas, ũa por um lado da povoação, e outra pelo outro lado. E porque só lhe podia valer a criminosa um grande cercado, que estava no meio murado à roda com um bom muro de taipa de pilão, dentro do qual havia um famoso cacual, por ele entrou o mesmo religioso escoltado de alguns rapazes, e apenas começou a entrar no sombrio das árvores, exclamou um dos infantes, que o acompanhavam, ei-la lá vai; e a poucos passos tornou a gritar — já a escolta avistou a índia — e pouco depoes disse — já está presa —. Pasmado estava o religioso de ouvir o rapaz, e mais se persuadia, que era brinco, porque o sombrio dos cacoeiros era tal, que ainda que a matadora estivesse dentro da cerca, se não poderia ver cá do princípio, ainda pelos mais perspicazes linces; e muito mais, que ainda tinha de mais a mais a parede do muro, contudo assim gritou o rapaz por três vezes, e era tudo, como dizia. Pois quem descubrio a este menino, o que sucedia em tanta distância, e fora da cerca? Humanamente parece ser impossível: só na opinião, dos que afirmam haver vedores, que vem as cousas ainda debaixo da terra muitas braças, e muito mais os intestinos da gente, e cousas ocultas. E posto que o Senhor Feijó negue taes vedores, e vistas tão agudas, contudo a experiência, argumento incontestável, prova que as há, e que há muitas. Deixada porém esta disputa aos apaixonados, é certo, que no referido sucesso, ou havemos confessar, que o Ascânio tinha similhante vista, ou que o diabo lho dissera. Bem sei, que podia ser algum anjo, mas como estes favores são mais raros, e poucos os merecimentos para eles, especialmente em tapuias, fica menos verosímil este juízo.

CAPÍTULO 11º

CONTINUA-SE A MESMA MATÉRIA DA SUA RELIGIÃO

Depoes de darmos notícia dos seus ritos gentílicos, e idolatrias, segue-se o dizer também algũa cousa da sua religião católica, que professam pelo baptismo nas aldeas, povoações, e missões, em que com grande zelo dos seus missionários, são instruídos, e praticados; e a que os estimulam os mesmos brancos, com quem lidam, e cujos exemplos vem a cada passo. Em poucas palavras se pode explicar a piedade cristã, e religião dos índios do grande Rio Amazonas (excepto dos naturaes do Império do Peru, cuja religião, e modo de vida descreveremos, quando deles falarmos em particular) e sem faltar à verdade direi, que a religião dos tapuias, e a sua fé, não só dos baptizados em adultos, mas também dos nascidos, creados, e doutrinados com os brancos, é uma como fé morta, e pouco firme. E não só fé morta pelas culpas, (como é a dos brancos, e europeos, que creem que na verdade há Deos, e que os há de julgar, e sentenciar conforme as boas, ou más obras de cada um, e a boca cheia confessam os mais mistérios da nossa sancta fé, crendo-os vivamente com o entendimento, e contudo tem a fé morta, por não ser animada das boas obras) mas também morta por pouco firme, pouco viva, e intrinzicada no coração, e radicada na alma. Daqui vem, que perguntando se há Deus, se há inferno, [paraíso] etc. respondem que sim, mas é um sim tão frívolo, e tão frio, que parece o dizem violentos. E se lhe perguntardes: vós sabeis, que só os que bem obram, e os que guardam os mandamentos de Deus, e preceitos divinos, e da Igreja, e os que morrem bem contritos das suas culpas, se salvam? Sabeis, que Deus há de castigar aos pecadores, que morrerem em pecado mortal, com o fogo do inferno, fazendo-os eternamente companheiros dos demônios com imortal ignomínia? ou semilhantes perguntas, a tudo dão ũa reposta não só frívola, mas permissiva — Aipô — que é o mesmo que dizer — talvez, ou pode ser — e outras desta qualidade, que não só não satisfazem, mas deixam a dúvida da sua fé.

Por isso dizem alguns que a fé, e religião dos tapuias, é só de telhas para baixo, porque é ũa fé como por demais pouco viva, e pouco firme. E um missionário que com eles viveo muitos anos, e tão incansável, que não faltava de manhã, e de tarde a doutrinar os seus neófitos, quando por vezes os examinava do seu progresso, ficava tão desconsolado, que exclamava *perdidimus oleum et operam**! Desta sua pouca fé nasce o pouco fructo na emenda da sua vida, e a sua pouca obediência aos preceitos divinos da igreja, pouco medo às excomunhões, e espadas da igreja: de sorte que se um missionário ou pároco excomungasse a algum ou alguns, faria tanto caso da excomunhão, como fazem muitos europeos, aos quaes dão pouco cuidado as cousas da outra vida; que por isso, um, quando sobre ele fulminou o seu pároco o formidável raio do Vaticano, correndo a mão pela cabeça, disse — com esta já são sete. — E se não fossem as penas ordinárias do vergonhaço da gente da

---

* Lat.: perdemos o óleo e o trabalho!

expulsão da igreja, e das mais penas com que a igreja castiga aos que insolentes assim desprezam a espada da excomunhão, ainda seria mais desprezada, como na verdade o é dos potentados, com quem se não podem usar, ou se dissimulam as penas ordinárias, e por isso fazem tão pouco caso das censuras da igreja, como da perdição eterna de suas almas. E se isto sucede nos mesmos brancos, e em homens de grande juízo, que muito suceda nos tapuias brutaes e rudes do Amazonas? E por isso se excomungassem algum, o fructo, que se tiraria seria portar-se, como se tal cousa não fora com ele; e quando muito meter-se-ia na roça, ou nos matos: e se o missionário não perguntar por ele, estará muito contente por livre das obrigações da igreja. O mesmo sucederá com a missa, e mais actos de piedade. Lembra-me a este propósito, o que respondeo um português paulista, a quem lhe perguntava, porque fora fazer o seu sítio, e vivenda lá no centro dos matos, e tão retirado da comunicação, e comércio dos brancos? a que respondeo o paulista — que ali estava bem, porque estava livre do confesso, e negregada pensão da missa —: assim os tapuias viviriam contentes nos seus sítios, e roças, se os seus párocos os não obrigassem a vir à igreja; ainda que, com serem tão rústicos, nunca dariam tão bárbara reposta, como o paulista, própria de um gentio!

Assim o fez ũa índia na famosa missão de Gurupatubá, hoje afamada Vila de Monte Alegre. Tratou ela com enorme desacato, e demasiado atrevimento ao seu missionário por occasião de este querer prender, e castigar a um seu irmão criminoso, o qual a tapuia ajudada de outras não só lho tirou das mãos, mas rasgou-lhe o hábito, e o tratou mal. Accomodou-se o missionário, como religioso que era; e a criminosa, e excomungada índia, em lugar de pedir a absolvição, e dar a devida satisfação, foi meter-se na sua roça, onde adoecendo logo, morreo em breve tempo. Opôs-se o missionário a dar-lhe sepultura em sagrado, pelo que os pais se viram obrigados a enterrá-la na mesma roça. Depoes de alguns anos, em que sempre instaram por sepultura mais decente, finalmente a conseguiram, não obstante a diversidade de pareceres de graves irmãos que para isso se consultaram, pela poderosa importunação dos pais, que eram os caciques da povoação, favorecida dos pareceres de três irmãos que afirmavam não estar a criminosa excomungada, e não lhes faltavam rezões que alegavam. Com este permisso concorreram ao sítio os vassalos do dito cacique, e alguns religiosos, mais em atenção aos pais vivos, do que à defunta, de quem se esperavam achar os ossos para trasladar: porém aberta a sepultura, apareceo o cadáver, não só inteiro, mas tão fétido, feio, e negro como um carvão; e tão horroroso, que todo o acompanhamento, e os mesmos pais, cobrindo depressa aquele negro tição do inferno, não só desistiram do intento, mas claramente confessaram os tremendos efeitos da excomunhão, e espada da igreja pouco temida, sendo tão temenda, e tão desprezada sendo tão respeitável. E se tão tremendos efeitos imprime nos tapuias o raio do Vaticano, sendo neles o conhecimento tão tênue, e a fé tão morta; quanto mais horrendos, e temorosos os causará nos brancos, em quem o conhecimento é mais vivo, e mais comuns os exemplos?

Vê-se mais esta sua fé morta no uso das cousas sagradas, e na pouca reverência aos sacramentos. Estimam muito as verônicas, medalhas, e imagens dos sanctos; mas é pelo lindo delas, e não pelo respeito e devoção que metem; e por isso muitas vezes enfeitam com elas os seus macacos, e cachorrinhos atando ao pescoço: o mesmo desprezo usam com as cousas bentas. No uso dos sacramentos são tão irreverentes, que já houve votos, de que se aliviassem da obrigação da confissão anual, por se evitarem os sacrilégios: e

já houve autor que em um livro não só aprovava esta dispensa, mas também dizia ser precisa. Faz contra o tal autor uma grande invectiva o Padre Acosta, estranhando que houvesse quem assim publicamente ousasse persuadir ao mundo a privação de um sacramento tão necessário aos homens, por ser o remédio da culpa, o remédio dos pecadores, a segunda táboa do mundo naufragante, o sossego das consciências, e a reconciliação com a igreja católica, e com Deos, que na confissão nos deu um universal remédio de todas as culpas. É porém de parecer o mesmo Padre Acosta, que deixando aos índios o sacramento da penitência, se lhe tire o preceito da comunhão anual, pelos julgar incapazes deste sacramento, e tão venerando sacramento, em que o mesmo Deos é a comida, e bebida — *caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus* * — para se evitarem maiores males, e tantos sacrilégios: de forma, que ainda no artigo da morte não se lhe ministrasse, senão a algum, cujos signaes dessem bastante prova da sua disposição, capacidade e contrição. Aos argumentos de ser a comunhão preceito divino positivo, como claramente se lê no Evangelho nas palavras do Verbo divino encarnado — *Nisi manducaveritis carnem filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*** — João, 6º, responde com várias soluções. Eu nas taes opiniões nem sou pró, nem contra: só digo, que ainda nos mesmos brancos, e europeos há muitos católicos, que na rusticidade pouco diferem dos tapuias, e contudo não se questiona em privá-los dos sacramentos. Digo mais, que não sei, com que apologia poderia o Padre Acosta responder a esta paridade! Se os índios são tão incapazes, como diz, para o venerando sacramento da comunhão, que se lhes deve proibir: como os julga idôneos para o sacramento da confissão, e se empenha em invectivas contra os de contrário sistema, sendo, que ambos são preceitos divinos, e ambos sacramentos necessários para o remédio da alma, e consecução da glória, *vel in re* quando pode ser, *vel saltem in voto?*

Deixada porém esta disputa, a quem pertence, pois só fiz menção dela para que se faça algum conceito da rara incapacidade dos índios, da sua pouca, e pouco viva fé, se não é de toda morta, é certo, que da sua falta de fé procede o não fazerem o devido conceito, nem terem pia afeição aos sacramentos, cousas sacramentaes, e ritos da igreja; por isso dizia um índio, que já se vendia por muito ladino, e por oficial de respeito entre os seus naturaes em uma conversa, em que falavam do sacramento da penitência (cousa rara entre tapuias!) que fizesse como ele, que quando tinha muitos pecados só confessava a metade. É necessária especial prudência nos confessores dos índios: porque não só lhes suprem os exames, mas também se requer especial dedo, e mestria para lhes arrancar, e tirar do bucho os peccados. Quando eles começam a dizê-los, ordinariamente continuam a confessar em cada mandamento tantos peccados, quantos confessaram no primeiro, embora, que não os tenham cometido: porque se no primeiro mandamento se accusam *v. g.* de três culpas, este mesmo número vão repetindo nos mais mandamentos, seguindo em tudo a carreira de cego até acabarem a sua arenga: e quando muito se estendem ao seu *cetá*, que quer dizer muitas vezes; ou *cetá, cetá*, de que usam para explicarem multidão. Contudo acham-se alguns que se confessam também como os mesmos brancos, não só no formal dos actos

* Lat.: Minha carne é verdadeiramente comida, e meu sangue é verdadeiramente bebida. Jo. 6.56.
** Lat.: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes seu sangue não tereis a vida em vós". Jo. 6.54.

de contrição, e atrição, e mais requisitos; mas também no material, e integridade das culpas; donde se pode inferir, que não só desejam, mas que de facto se confessam bem. E como eles ordinariamente não sabem contar, porque o seu contar mais ordinário é até três, e só alguns mais ladinos contam mais números, trazem a conta dos seus peccados nos seus rosários, com seu sinal no número das contas, e com sua distinção nas espécies. Também se acham muitos que não se contentam com a confissão anual, mas ainda pelo meio do ano se confessam, e comungam com devoção, e para a morte também muitos se preparam, pedindo os sacramentos, e suplicando aos seus missionários que lhe repitam por muitas vezes os actos de contrição, e das três vertudes teologaes, com sinaes não só de verdadeiros cristãos, mas também de predestinados. Porém assim como entre os europeos há tantos maos, que vivem e morrem como gentios, afogados nos seus vícios, e peccados; assim nos índios da América se acham entre tantos maos muitos bons, e de alguns andam as suas vidas impressas por maravilhosas, e portentosas com confusão dos europeos, que se admiram de que em gente tão rude, e rústica se achem exemplos de vertude heróica, como se a mão de Deos estivera abreviada; assim todos os imitássemos.

Pouco mais diligentes são para ouvirem missa, porque ainda que ordina[ria]mente a ouvem, é mais por medo do castigo, que por desejo do seu bem espiritual. Por isso disse um vendo ao seu missionário castigar a alguns que faltavam a missa — para o domingo seguinte não hei de vir a missa, é mais dúzia, menos dúzia de palmatoadas —. E o outro, ao qual o seu missionário mandou açoutar, por ter faltado à missa, dando-lhe os agradecimentos pela esmola, que sabia era para seu bem, e ensino, accrescentou — porém peço-te que me mandes dar outros pela missa de domingo, que vem; porque não hei de ouvi-la. — E deste modo são os mais; de sorte que se não andar o castigo haverá pouco cuidado da missa: por isso em uma missão, aonde regularmente viviam alguns religiosos, pelo que havia mais missas, costumava o Superior ter as portas da igreja fechadas nos dias sanctos, e domingos no tempo das primeiras missas; e só para a última, que era a do dia, em que havia doutrina, prática etc., se abriam. O motivo desta resolução, foi ver que muitos não ouviam missa, e se desculpavam, uns que tinham ouvido a primeira, outros a segunda e assim os mais sem a terem ouvido; pois bem está (disse o Superior) para sabermos quem a ouve, e para que não faltem à doutrina, venham todos à última, e fechem-se as portas da igreja às primeiras. Tem porém algũas funções, as quaes não faltam, se podem, ainda que estejam legitimamente impedidos, *v. g.* por estarem longe: são estas as festas do ano mais principaes, como Natal, Páscoa da Resurreição, Pentecostes, São João Baptista, Santos Apóstolos Pedro, e Paulo, e o Orago da sua igreja. Porém ainda então se pode duvidar; qual seja o ímã, que os traz, e atrae à igreja: se a verdadeira devoção de ouvir missa, e assistir aos divinos ofícios, ou se o chamariz do seu mocororó e vinhaças, que nestas funções são as que fazem a festa? Só na função da Cinza, Soma[na] Santa, Dia de todos os Santos, e no seguinte dedicado à comemoração de todos os fiéis defuntos, aos quaes também não faltam, parece, que os move a piedade, e neste último dia costumam trazer à igreja suas esmolas e ofertas pelas almas dos seus defuntos: qual a sua farinha, qual a tapioca, qual o carimã, beijus, e frutas, da terra; e nas missões portuguesas é este o único pé de altar neste dia, que tem os missionários. E como o mais ordinário são fructos de pouca dura, as distribuem logo pelos meninos da mes-

ma missão, que por isso gostam muito deste dia, em que comem a papa, e outros rezam o *Pater Noster*

É certo; que se os missionários já com o castigo, e já com práticas; e por outra parte com a caridade nas suas doenças, e com as esmolas nas suas necessidades, cuidam deles de sorte, que eles cheguem a fazer conceito, que os amam, e que só pelo seu bem são cuidadosos, também da sua parte procuram andar mais solícitos nas suas obrigações: e por isso há muitas missões, ainda portuguesas, em que todos os domingos são pontuaes em acudir a igreja, e ainda nos dias da somana vem muitos à missa. E quando morre algum trazem suas esmolas os parentes, pondo-as em cima da sepultura, que não é pequeno acto de piedade. Outros costumam trazer os bens móveis do defunto, que ordinariamente são a sua maquira, arco, e frechas, ou pouco mais, para que o padre diga algũas missas pela sua alma. Nas missões castelhanas há outro regimem digno na verdade de ser imitado dos portugueses, em quanto a comodidade o permitir. Pois não só todos os domingos, e dias sanctos ouvem missa, como manda a igreja, mas também todos os dias da somana, e do ano a ouvem, e assistem aos ofícios divinos: e para mais os atraírem estilam seus missionários celebrar sempre com solemnidade de música com vozes escolhidas ao som de vários instrumentos tocados pelos mesmos neófitos bem instruídos na música; e só depoes da missa e doutrina, vai cada um cuidar das seus temporaes conveniências. De tarde concorrem da mesma sorte todos à igreja, onde assistem segunda vez à doutrina, e depoes dela ao terço do rosário em louvor da Mãe de Deos.

São geralmente amigos, e muito afeiçoados à música, e melodia dos instrumentos; e por isso um dos melhores ímãs, não só para atrair à igreja e ofícios divinos os baptizados, e domésticos; mas também para tirar dos matos aos salvages, e atrair ao grêmio da igreja, é a música, e suaves instrumentos. Bem conheceo o grande missionário o Padre Antônio Vieira esta verdade; e por isso já no seu tempo encomendava muito aos missionários, que a praticassem nas suas missões, ensinando, e mandando ensinar os meninos a cantar, e tocar: e ele mesmo lhes buscou alguns instrumentos. É certo, que nas missões portuguesas do Amazonas pouco se pode praticar este tão útil meio, óptimo para atrair aos neófitos por razão destes fazerem pouca assistência nas suas aldeas, e missões pela repartição para o serviço dos portugueses de 13 anos para cima: de sorte que se os missionários quisessem usar deste actractivo, ser-lhe-ia necessário ensinar a todos, para que quando uns fossem para o serviço dos brancos, suprissem outros o seu lugar na música, e coro. Para evitar este inconveniente, e ter sempre prompta a música na sua missão, visto não serem permanentes os índios nas suas povoações, deu um missionário no meio de mandar ensinar as meninas a cantar, e celebrar as missas, e mais funções da igreja; e na verdade remediavam, e supriam a falta dos músicos, e talvez ainda hoje continuem, posto que nem todos aprovavam o invento, dizendo, que não era permitido ao sexo feminino o ajudar, ou cantar nas missas. O que usam, e praticam os mais missionários é mandarem cantar nas suas igrejas os meninos, e meninas da doutrina cantigas devotas no tempo da missa, desde o levantar a sagrada hóstia até o fim; e depoes da missa, terço, e mais funções, cantando a dous coros em um os meninos, e em outro as meninas, a quem corresponde todo o povo; o que fazem com muita devoção, e edificação dos brancos, e de todos os europeos. E na verdade é grande a piedade, com que praticam estes exercícios de religião, e tão grande, que visitando um Prelado as ditas missões

portuguesas com o motivo de administrar nelas o Sacramento da Confirmação, ou Crisma, veio tão edificado, que, dizia, chorava lágrimas de consolação por ver o zelo dos missionários, a devoção dos seus neófitos, o asseio das igrejas, e a promoção do culto divino: e porque já então se meditava em tirar das missões aos regulares, accrescentava que seria um grande peccado mortal o intentá-lo; posto que ao depoes, *in contrarium mutatus** o mesmo prelado, requereo a sua expulsão, e a conseguio em 1757, em que, para irremediável perdição das taes missões, se retiraram os regulares.

Do que se infere bem, que posto que a fé dos índios seja tão morta, como dissemos, para a avivarem, vai muito do muito, ou pouco zelo dos seus missionários; e do bom, ou mao andar, em que os põe. Vê-se isto palpavelmente contrapondo ũas missões com outras; e ainda as mesmas em diversos tempos, em que são mais, ou menos fervorosas, conforme o maior, ou menor espírito dos diferentes missionários, que nelas residem, e as tem a seu cargo. O mesmo é nos brancos, cujas povoações, como mostra a experiência, são mais, ou menos devotas *respective*** ao zelo dos seus párrocos, e prelados: e só com a diferença, de que a muita rusticidade nos índios faz, que a sua fé seja menos viva. Contudo é sem dúvida, que para parroquiar aos tapuias, não basta qualquer diligência, nem qualquer párroco: porque, além da diligência ordinária, é necessário 1º o exemplo na vida virtuosa, na devoção, e na doutrina sempre contínua de manhã, e de tarde; 2º o respeito: porque, se os párrocos não são respeitados, também não são obedecidos. 3º o castigo para o temor, em que deve reluzir muito a prudência: porque se chega a rigor, exaspera aos índios, e fogem: e se é muito diminuto o desprezam. E antes do castigo, devem dar-lhes vista das culpas, para que venham no conhecimento da sua gravidade e da pena merecida: porque, além de ser do direito natural não se castigar a alguém, sem primeiro lhe darem vista do seu delicto; também é devida, para que os penitenciados se persuadam, que no castigo não obra o ódio, mas a justiça, não é efeito de paixão, senão obra de misericórdia, como na verdade o é castigar, os que erram: de outra sorte não aproveitam, mas arruínam, não corrigem, mas precipitam. Por isso um prelado no directório, que dava aos seus missionários e religiosos subditos lhes recomendava muito este ponto: porque, dizia, ainda que o castigo seja merecido, se os índios, ou quaesquer outros réos, o não conhecem, vertem em aborrecimento, o que lhe devia ser de ensino; e quem assim absolutamente castiga, não se isenta da nota de injusto; porque — *si quis aliquid statuat inaudita parte altera, licet aequum statuat, haud aequus erit**** — E pelo contrário, se os réos conhecem bem o seu crime, e que não só merecem, mas é necessário para satisfação dos mais o castigo, não só não se exasperam, mas antes ficam mais afectos aos seus missionários: tanto que afirmam todos os missionários, e todos os que tem conhecimento dos tapuias, que os mais obedientes, e afectos são os já penitenciados, de sorte que ordinariamente não vem à missão das suas roças, que não vão logo ter com os missionários, e apresentar-lhe, ou presenteá-los com algũas frutas, ou mimo.

A 4ª condição, que devem ter os párrocos dos índios é, que não só lhes hão de pregar a fé aos ouvidos, senão também aos olhos, para que percebam pela vista, o que não penetram de ouvido. E para isso, quanto mais lhe po-

---

* Lat.: mudando de parecer.
** Lat.: relativamente.
*** Lat.: Se, não ouvida a parte interessada, alguém estabelecer algo, ainda que justo, deixará de sêlo.

derem mostrar em exibições, tanto melhor os capacitará no juízo, e na vontade. Ainda nos europeos, e homens de bom juízo obram tanto estas exibições, que mais os move um passo da Paixão representado com figuras, do que muitos sermões dos pregadores. Por isso em muitas nações europeas tem já dado na invenção de representarem os mistérios, já em figuras de vulto, e já em painéis, e a experiência testemunha o grande emolumento espiritual do povo. Muito mais com os índios, gente rústica, se deve praticar este uso, para conhecerem vendo, o que não entendem ouvindo: e já em algũas missões espanholas se pratica este meio, tendo ornadas as suas igrejas com bons painéis com grande aproveitamento dos neófitos. A 5ª condição, que se deve praticar nas missões é, a que acima dissemos, da música, e instrumentos em quanto for possível; pois também é um dos mais suaves actractivos de índios às igrejas, e ainda para os tirar do mato; além de servirem também para maior exaltação e esplendor do culto divino. Disse em quanto for possível; porque nas missões portuguesas, pela razão, que já dissemos, já se vê, que não podem haver músicas estáveis: porém podem os meninos da doutrinar cantar, como já costumam em muitas missões devotas canções, que em tudo são louváveis. Seria tão bem muito louvável, e profícuo ensinar os meninos a ler, e escrever; porque ainda que não lhes sirva de muito quando grandes, por razão do remo, e mais serviço dos moradores no domínio português, no espanhol em que não tem esta pensão, não há dúvida, que lhes pode ser de muito proveito. E ainda no estado português seria muito útil, posto que só fosse para poderem ler por livros no seu mesmo idioma nas estações da igreja, onde os párrocos poderiam ler algũa lição espiritual, que junta com a explicação lhe ficaria mais encasquetada. A 6ª e última condição, que requer nos missionários, e párrocos de índios, é uma ardente caridade nas suas doenças, e necessidades: nas doenças, acudindo-lhe não só com os remédios espirituaes, mas também corporaes, e ainda visitando-os a miúdo; e os que já tem regulado estas visitas de manhã, e de tarde, são os mais louváveis. Em uma palavra: os missionários de índios devem ser como seus tutores e curadores, e supor que os tapuias são menores, e que necessitam de que os tractem, não só como bons pastores a fracas ovelhas, mas como amorosos pais a pequenos filhos, dando-lhe com uma mão o pão, e com outra o pao, socorrendo-os com caridade, e corrigindo-os com prudência, que é em todas as acções regra segura dos acertos.

CAPÍTULO 12º

CONTINUA-SE A MESMA MATÉRIA

Posto que os índios tenham pela maior parte no gentilismo estes seus ritos, em que parece adoram uns o sol, outros a lua, astros, e outras crea-

turas, ou sejam os corpos mirrados dos seus progenitores, ou pedras de tal, e tal figura, contudo parece não chega a ser totalmente formal a sua idolatria: porque é de modo, que parece não reconhecem nas taes creaturas divindade alguma, como *v.g.* nos corpos mirrados, só por terem sido de seus avuengos, no sol, e lua, por influírem nos sublunares, e assim nos mais; o que se infere do pouco culto, que lhes dão, que parece ser só material e rústico, e nada formal. Nem tem sacerdotes dedicados a este culto, como tem todas as mais nações gentílicas, e idólatras: nem também templos consagrados a sua veneração, e oferecimento de sacrifícios. Tem porém alguns índios, aos quaes muito respeitam, não porque os venerem por sacerdotes, e muito menos por deoses; mas porque cuidam, que eles tem algum superior poder para os castigar e maleficiar, como entre nós os feiticeiros; e os diferençam com o nome de pajés, que em rigor significa médico, ou mezinheiro, e uns os respeitam por veneração, e outros por medo: estes os temem, e aqueles os amam. Mas na verdade só são uns embusteiros, e noveleiros, que com embustes fingem muita patarata, com que não só se fazem temidos, e respeitados, mas também conseguem assim melhor os seus intentos. Fingem-se poderosos, e inculcam-se (qual Simão Mago, que dizia — *se esse aliquem magnum. Actos, 8)** por soberanos, que podem alcançar cousas grandes, e quanto do sol, lua, dos astros e elementos; e que falam com o diabo: tudo maranhas e mordem a granjearem estimação, medo, e respeito entre os mais, que o lhes ofertam seus mimos, e dádivas, e suas mesmas filhas para abusarem delas, que é o seu primário intento.

Há diversas castas de pajé: uns, a que chamam pajé catu, pajé bom: outros pajé aiba, *id est*** mao. O pajé catu não é tão ruim, nem tão embusteiro, como o aiba: é o mesmo, que um alveitar, médico das dúzias, de quem o Senhor Feijó diz *mirabilia*.*** Curam estes as doenças, ou as empeioram e agravam com seus remédios naturaes, ou fingidos. Mas ainda nestes mesmos curandeiros há diversidade, porque uns curam só com remédios naturaes de ervas, arbustos, plantas, e animaes; e alguns as aplicam tão proporcionadas, que fazem maravilhosas curas. Outros curam, ou mais agravam as doenças com fingimentos, porque fingem, que na sua boca, ou língoa tem a saúde muito ao seu dispor: e assim aos doentes lhes assopram a parte lesa com assopros tão violentos, que são mais aptos para molestarem, do que para sararem os doentes. Fazem estas curas com muito estrondo, com gritos altos, baixos, e bassos: causam riso a uns, medo a outros. E também fazem chorar, especialmente aos doentes dos olhos: porque já assoprando, já sorvendo, e lambendo, fazem ao pobre doente chorar lágrimas, e mais lágrimas; com a circunstância de que se antes os olhos estavam só inflamados, ficam depoes de tão violenta cura também inchados; e o pajé embusteiro também fica muito inchado, como se tivera abismado, bem como os charlatães cá se vendem por muito sábios, e capazes de encovar aos Galenos, Riverios, Hipócrates, ainda quando dão com os doentes na cova: porém é mal comum e irremediável por necessário. Estes pajés de assopros são dos mais embusteiros, posto que os chamem pajé catu: porque fingindo, que dão saúde aos doentes, todos recorrem a eles, e os presenteam, não só com ofertas, mas ainda com lhes entregarem suas filhas para abusarem delas; uns

* Lat.: que era alguém importante. *Atos*. 8.

** Lat.: isto é.

*** Lat.: maravilhas.

pela fé cega, que neles tem crendo, que tem vertude superior e que falam com o diabo: outros lhas levam por não caírem na sua indignação; e de todas abusa o pajé com a capa de as curar. Semilhante ao récipe dos assopros é a masca ou fumo de tabaco, que outros usam, e com que mais tabaqueam, e deixam mais cachimbados aos doentes, do que os curam, e saram. Antes com o pé de curarem com as suas defumações aos doentes, se curam a si: porque umas vezes mascam o tabaco, ou paricá, fructo de uma árvore similhante ao tabaco, e de quando em quando com o cheiro, ou saliva, assopram, ou bafejam, ou ungem a parte lesa: outras vezes cachimbam, e com o fumo defumam os doentes, os quaes com muita paciência e sujeição estão sofrendo tão custosas incensadelas com ũa esperança, e fé cega, de que assim os saram, embora, que a experiência lhes mostre o contrário. E tanto os acreditam, que não só os do mato, mas ainda os de algumas missões, assim que adoecem, eles, ou seus filhos logo vão ao pajé; e como não só ficam com as doenças, com que antes estavam, mas muitas vezes ainda mais agravadas, então é que dão parte, e recorrem aos seus missionários, para que os curem.

É certo, que muitas vezes saram os doentes sem darem parte aos seus párrocos; porque os mesmos doentes, não obstante o récipe dos seus pajés, se aplicam a si mesmos alguns remédios; e alguns bons, que já sabem como é um leite, a que chamam iapuí, o gengibre, a malagueta, e muitos outros. E sobre todos uma rigorosa abstinência, ou dieta, que não passa de algum bocado de farinha tomada nos seus mingaos. Também é inevitável outro remédio assaz violento, que é porém debaixo da maquira, em que está o doente, um braseiro, cujo calor todo está sofrendo, embora, que a doença seja de calores internos, e febres ardentes: e na verdade saram muitos com estes duros suadores, ou estufas. E o peior é, que os pajés ficam muito ufanos, e inchados; porque aos seus assopros, mascas, e fumaças atribuem o bom êxito dos curados. Pajé aíba chamam, aos que falam, ou fingem que falam com o diabo, como os feiticeiros, e mandingueiros; e há muitos destes, ainda que nem todos o são na realidade; antes alguns afirmam, que tudo, o que há neste ponto, são meras patranhas e ficção. Não há dúvida que há entre eles muitos infortúnios, doenças, e mortes, que parecem, e os índios as tem por feitiçarias, efeitos do pajé aíba; e não há tirar-lhes isto da cabeça; e os mesmos pajés se gabam e fazem formidáveis, dando-lhes a entender, que assim os castigam por esta, ou aquela causa, e que o mesmo farão a todos os mais, que lhe derem algum motivo, como é, se derem conta ao missionário de alguma cousa dos seus embustes. Daqui vem, que os temem tanto, que não há quem se atreva a dar parte, e a descubrir ao padre os seus pajés: porém a experiência tem mostrado, que tudo, ou quase tudo são fingimentos, e que os infortúnios, e mortes não são efeitos do pajé aíba, como cuidam os mais, sim de algum contingente, ou, e é o mais certo, de ervas venenosas, que alguns conhecem, e com que brindam aos outros, espremidas, e confeicionadas em bebidas E são tão mestraços em nas conhecer, e dar que não necessitam de ler os herbolários, nem consultar os boticários, que neste particular podem ser seus discípulos.

Há diversas classes destes pajés aíbas; porque uns dizem, que tem no seu poder, e a sua obediência os astros, sol, lua, estrelas, ventos, e tempestades: outros, que tem domínio sobre os jacarés; e quando sucede a disgraça de algum jacaré apanhar alguém, a ele se atribue a culpa. Outros, que tem a seu mando as onças, tigres, e mais feras do mato: outros, finalmente, que lhes obedecem os peixes, cobras, e lagartos. Tem estes as suas choupanas,

ou casas, no mato muito retiradas, e escondidas; para que nem os mais vejam, o que fazem, nem possam ser vistas, ou vir à notícia dos missionários; e nelas são visitados dos mais. São muito escuras; porque não querem ser vistos; e porque — *Qui male agit, odit lucem**: nelas fingem, que falam, e consultam ao diabo; e o fazem com grande bulha, e estrondo já com gritos, já com berros, e urros, já com suspiros, e já com espirros muito similhantes aos bodes. E já tem havido alguns missionários que tendo notícia de algum destes embusteiros nas suas missões, e sabendo o tempo, e horas em que ele com estas gritarias, e maranhas finge falar com o diabo; e que entre outras cousas lhe descobre os segredos, e cousas occultas, para tão bem serem tidos por adevinhos, acompanhados de alguns índios mais confidentes de repente lhe tem entrado pela porta dentro, e os tem apanhado *in suffraganti*,** e então fazendo-lhe os exorcismos com bons açoutes, desenganam aos mais índios dos seus embustes; pois com todos eles não poderam adivinhar, o que lhe estava para vir por casa, para se livrarem das mãos, e castigo do padre. E alguns missionários tem havido, que os tem obrigado a desdizerem-se publicamente na igreja: contudo o medo, respeito, e veneração dos mais sempre fica na fé dos padrinhos.

CAPÍTULO 13º

DA GRANDE HABILIDADE E APTIDÃO DOS ÍNDIOS

Já é tempo de dizermos alguma cousa da grande habilidade e aptidão dos índios da América para todas as artes e ofícios da república, em que ou vencem, ou igualam os mais destros europeos. E posto que entre si e nos seus matos não usam, nem exercitam ofício algum, como xastres, carpinteiros, sapateiros, e outros, de que não necessitam, segundo a sua vida brutal e de nudez em que vivem: só exercitam a pescaria, o caçar, em que são insignes com as suas armas de arco e frecha; como também insignes nadadores, e mergulhadores; contudo nos mesmos matos fazem algumas coriosidades de debuxos, e embutidos só com o instrumento de algum dente de cotia, que não só são estimados dos europeos, mas também claros indícios da sua grande habilidade. Onde porém realçam mais é nas missões, e casas dos brancos, em que aprendem todos os ofícios, que lhes mandam ensinar, com tanta facilidade, destreza e perfeição, como os melhores mestres, de sorte que podem competir com os mais insignes do ofício: e muitos basta verem trabalhar al-

* Lat.: Quem procede mal, odeia a luz. *Jo.* 3.20.

** Lat.: Em flagrante.

gum oficial na sua mecânica para o imitarem com perfeição. Donde procede haver entre eles adequados imaginários, insignes pintores, escultores, ferreiros, e oficiaes de todos os ofícios: e tem tal fantesia, que para imitarem qualquer artefacto basta mostrar-lhe o original, ou cópia, e a imitam com tal magistério, que ao depoes faz equivocar, qual seja o original, e qual a cópia. Em ũa vila de portugueses havia um índio ferreiro e sarralheiro tão insigne, que os mesmos portugueses do mesmo ofício lhe davam não só as primazias, mas também os votos para ser juiz do ofício. Quando algum queria alguma obra de primor, não buscava os oficiaes brancos, mas o índio; e só com lhes mostrarem algum original, ou dar-lhe a explicação da obra, para logo a imitar, e fazer com perfeição; porque só ele desempenhava as barbas do ofício, posto que como índio tenha fracos bigodes. O mesmo também fazia nas obras de armeria. Não se envergonhavam os brancos do mesmo ofício de trabalhar por seus oficiaes e discípulos, e ainda de depir-lhe desse a têmpera nas mesmas obras, que eles faziam.

E assim os mais nos seus ofícios, em que se acham imaginários, cujas obras se trazem para Europa por admiração, e com a circunstância que alguns, para pôr as imagens no maior primor, não usam nem de medidas, nem de compasso: porque na fantesia a delineam conforme o modelo, que antes viram. Olham para o madeiro, que tem diante, e já com o machado, já com a enxó, e depoes com os mais instrumentos logo, ou com brevidade a dão perfeita. No colégio dos padres da Companhia na cidade do Pará estão uns dois grandes anjos por tocheiros com tal perfeição, que servem de admiração aos europeos; e são a primeira obra, que fez um índio daquele ofício: e se a primeira, saio tão primorosa, e de primor, que obras de prima não faria depois de dar anos ao ofício? Na mesma igreja se admiram uns púlpitos por soberbos nas suas miudezas, e figuras, obras de outros índios; e semilhantes habilidades mostram em todos os mais ofícios. Torneam alguns as contas de coquilho com tal miudeza, que vencem na estimação aos melhores alabastros, e calambá: de sorte que até o mesmo botãozinho, que serve de peanha a cruz, e não excede a grandeza de ũa pérola, tem habilidade de escavar por dentro, sem prejuízo do furo, e de o aperfeiçoar com proporcionada tarraixa, para nele trazerem as donas algum suave odor de algum bálsamo; ainda que pouco cheire a devoção do rosário, e que são *Christi bonus odor,** as que isto usam. Acham-se muitos com diferentes ofícios, como excelente escultor, carpinteiro[,] ferreiro, e alfaiate: insignes imaginários, e juntamente pintores; e assim nos mais, trabalhando com igual perfeição em qualquer deles, conforme o pede o empenho da obra. E se souberam ler os livros, e neles as regras de qualquer arte, talvez levariam a palma aos mais famigerados mestres do mundo. Tem porém um senão, que muito os deslustra, e desacredita, e é a grande preguiça, que os acompanha; de que nasce, que podendo fazer em suas povoações, e casas muitas coriosidades nos seus respectivos ofícios, nada fazem senão quando são mandados, ou muito rogados. Nem ordinariamente tem instrumentos próprios e lógeas em que trabalhem por ofício.

Por esta sua conatural preguiça, de modo ordinário só mostram as suas raras habilidades nas casas, e serviço dos brancos, os que antes, ou eram escravos, ou caseiros. E nas missões só aqueles, que os missionários tem cuidado de mandarem ensinar à sua custa para os precisos serviços das mis-

---

* Lat.: o bom odor de Cristo. 2 Cor. 2, 15.

sões, como são ferreiros, sarralheiros, tecelões, sangradores, carpinteiros, e outros, que só trabalham nas suas oficinas, quando os mandam: porque todo o seu ponto é estarem ociosos nas suas roças, ou divertirem-se nas suas canoinhas pelos rios, e na caça pelos matos; e se nunca os mandarem trabalhar nos seus respectivos ofícios, nunca ordinariamente trabalham; porque na farinha das suas roças, peixe, e caça tem de sobejo para passar boa vida. Não é menos admirável o seu grande tino, em que vencem não só a todos os brancos, mas ainda aos cães do mais vivo faro: por isso entram por aquelas vastas brenhas, e sombrias matas do Amazonas, dias e dias de jornada, e talvez semanas, e meses sem medo, nem risco de se perderem; e no regresso vem sair a mesma paragem, quando os brancos e europeos não se animam a meter-se pela terra dentro um só quarto de légoa, para se não arriscarem a perder, perturbada a fantesia, e suspenso o juízo em tão intrincado laberinto, como tem sucedido por vezes, aos que incautamente tem penetrado para o centro. Pelo que o melhor guia, ou agulhão naquelas viagens de terra, é algum tapuia; e só com tal companhia vão bem governados, embora que seja qualquer menino. Governam-se pelo sol, lua e estrelas; e só quando os matos são pouco limpos por baixo *ex vi** dos arbustos, que nascem à sombra dos arvoredos, costumam fazer um sinal, a que chamam caapeno, que significa mato quebrado, e é o irem quebrando com a mão alguns raminhos daqueles arbustos, que vão deixando semiquebrados e dependurados, para que na volta sirvam de balizas, e mostradores, que lhes apontem o caminho pelo qual tornem a sair ao mesmo lugar.

E assim como são insignes pilotos por terra, também o são por mar, onde não é menos dificultoso atinar com os canaes em tantas baías, e lagos, muito arriscados pelos seus multiplicados baixos: como também no laberinto das ilhas, em que são tantas as voltas, e viravoltas, que fazem titubear aos mais peritos, e práticos brancos, que muitas vezes andam dias, e semanas perdidos, e no cabo se acham, ou cada vez mais areados, ou por fim vão sair nas mesmas bocas por onde tinham entrado: só vão bem navegados, quando os índios são os práticos, que mandam à via, e pilotos que governam as canoas. Os mesmos navios em outro tempo não queriam desferir as velas do Maranhão para o Pará sem levarem algum tapuia por prático: e ainda hoje, os que frequentam esta navegação não a empreendem, nem do Maranhão para o Pará, nem deste para aquele porto, nas embarcações mais pequenas, sem serem governadas pelos índios, que pelo seu grande tino dão furo, e acham saída onde parece a não há: o mesmo é nos baixos das barras, e navegação de todo o Amazonas. E posto que tem fracas barbas, sabem-nas contudo desempenhar nas occasiões, porque se vestem, e revestem de tanto brio, e coragem, que antes se arriscarão a morrer, do que a deixar perder as canoas, cuja direcção tem a seu cargo. E para terem boa saída, já nos biaxos das baías, já no intrincado das ilhas, e tormentas, que as vezes se levantam, fazem das tripas coração, e tirando forças da fraqueza, se desfazem a remar, só por darem boa conta de si; por terem por grande glória, e honra sua o saberem livrar as canoas dos perigos; assim como tem por grande desonra, e desdouro o perder-se embarcação, em que eles são pilotos, ofício, e arte que entre eles é uma das maiores dignidades, e cargos das suas povoações,

---

* Lat.: em virtude.

e por eles são respeitados, e obedecidos dos seus nacionaes. Chamam estes pilotos na sua língoa jacumaíbas, cujo nome é originado de umas pás, de que alguns usam nas suas canoas em lugar de leme, chamadas jacumá.

CAPÍTULO 14º

DE ALGUNS OUTROS COSTUMES DOS ÍNDIOS

Já dissemos que a principal, e ordinária serventia dos índios do Amazonas é por mar, rios, e lagos; e por isso quase todos tem suas canoinhas, ou de cascas de árvore, como os bravos, ou já feitas ao modo dos brancos, como os mansos, e das missões, cujo feitio, e matéria explicaremos em seu lugar. Resta-nos porém aqui explicar o modo de remar, e o feitio dos seus remos, que é muito mais fácil, e totalmente diverso, do que se pratica na Europa; e por isso usado de todos os europeos, que passam de cá a povoar aquelas terras, e colônias. São pois os remos ũas pás curtas, reguladas pelas forças dos remeiros, e à proporção de cada um: porém as maiores serão do comprimento de quatro palmos, e de largura um, e meio até dous, com seu pé para lhe pegarem; e por remate em cima tem ũa como mão fechada proporcionada à palma da mão de cada um. Deste mesmo feitio são os das mulheres, e meninos, mais ou menos pequenos conforme os que remam: porque assim que as crianças tem 4, ou 5 anos, já os paes lhe fazem remos à medida da sua pequenhez, para que *a teneris** se vão acostumando, e exercitando neste ofício, de que nasce o aturarem na maioridade dias, e noutes, somanas, e meses sempre a remar, sem mais interrupção de tempo, que o breve espaço de 2, ou 3 horas, de 24 em 24 horas para comerem, e dormirem. Remam assentados pelas bordas das canoas, olhando para diante, e com proporcionada distância entre uns, e outros, para poderem jogar os remos, em que pegam com ũa mão por cima, e outra por baixo, digo, e outra no princípio do pé, e dobrando os corpos os vão metendo na ágoa, e puxando para trás. E quando lhe cansam os braços, se mudam de um para outro bordo: porque nesta mudança trocam as mãos, mudando para baixo a que antes puxava em cima. Com este modo de remos, e remar parecem as canoas uns cágados, cujas mãos são os remos, em que os índios andam tão destros, que ainda que as canoas sejam de toda a viagem, e tenham 20 remos por banda, ou mais, os movem tão uniformes, como se os puxara um só índio, ou ũa só mão. Cada vez que tiram os remos da ágoa, e levantam os corpos, dão

* Lat.: desde pequeninos.

com eles ũa pancadinha no bordo, cujo som muito uniforme e conforme arremeda o das danças dos paos, ou cajados, cujas pancadas variam ao mesmo passo, e copasso, que variam o modo de remar; porque também no remar usam de vários modos, já pausados, e já apressados: umas vezes dão 3 remadas aceleradas, e de terno em terno ũa pancadinha; outras vezes, além das pancadas, levantam os remos, e com eles floream no ar, e com ar: semilhantes a estes tem muitos outros brincos, com que vão enganando o trabalho, e divertindo os passageiros. E para todos eles dão o compasso os proeiros, ora um, ora outro, que abaixo dos jacumaíbas tem o primeiro lugar nas canoas: de sorte que morrendo algum dos dous pilotos, ou jacumaíbas, sucede em seu lugar um dos proeiros, conforme a sua antiguidade.

Um dos bons costumes, que pontualmente observam entre si os índios, é chamaram-se irmãos uns aos outros seus iguaes, e tios aos mais velhos: de sorte que entre eles não há senão pais, tios, e irmãos; e isto não só os da mesma povoação, mas todos, embora que seja a primeira vez, que se avistam. E desta mesma urbanidade usam as mulheres, não só entre si, mas com os homens, excepto a seus maridos, e estes a suas mulheres. Urbanidade que devia ser imitada não só de todos os homens, pois todos descendemos de um só pai; mas principalmente de todos, os que nos prezamos de cristãos, como na primitiva igreja se fazia, e ainda muito antes se usava em muitas outras nações, especialmente no povo de Deos, ou Israel, que antes era a mais urbana, culta e polida nação do mundo. Outro louvável costume que tem os índios, é a grande caridade, que usam uns com outros na comunicação da mesa: porque todos comem igualmente seja muito ou seja pouco o sustento, de sorte que parece não há entre eles meu, e teu — *frigidum illud verbum**, — como diz São João Crisóst.: antes parece, que toods os seus haveres são comuns. Vê-se isto com admiração, quando algum, ou alguns estão comendo; porque se nesse tempo chega algum, ou alguns hóspedes, depoes das saudações comũas, logo se vão assentando à mesa, e comendo o que acham; e em se acabando para uns se acaba para todos, embora, que a iguaria apenas chegue para os primeiros. O mesmo sucede nas bebidas, porque se derem a um uma cuia (copos seus ordinários) de alguma beberagem, estando muitos com ele, e quantos se forem chegando, todos bebem, ainda que não chegue senão um sorvo a cada um, grande caridade por certo se não a deslustrassem com se comerem uns aos outros seus contrários!

É notável entre os índios a sujeição, que tem as mulheres a seus maridos; porque ainda que estes lhe dem má vida, e as moam a pancadas, não se queixam como podiam, nem fogem: antes algumas vezes, que se lhes pergunta, porque se deixam tratar assim? respondem, que seus maridos lhe dão, e as maltratam, por lhe quererem bem: outras vezes: se eles são nossos maridos, de que nos havemos de queixar? Lembra-me sobre esta matéria, o que respondeo ũa vez um índio ao seu missionário. Foi este pela povoação segundo o seu bom costume de visitar os doentes, e sentindo em uma casa algum estrondo, e gemidos, entrou para ver o que era, e vio que um índio estava enforcando sua mulher, e esta já agonizando com língoa de palmo fora da boca. Que fazeis? (lhe disse o padre) isto faz-se? a que repôs o índio: pois porque não, não é minha mulher? Como se em ser seu marido fora o mesmo, que ter poder para a matar! E ela muito paciente deixando-se matar, só por ser sua mulher, como sucederia, se o seu missionário

---

* Lat.: essa fria palavra.

a não livrasse. São os índios muito propensos a comer terra, barro, tijolo, e cousas semilhantes; e posto que vejam morrer a outros pelo mesmo vício, não se abstém: que se lembrassem dela para conhecerem o pó, de que foram formados, e em que se hão de tornar, até a geral resurreição dos mortos, é acto de religião, que a igreja nos lembra todos os anos para nos abater os fumos, e nos despir de toda a soberba, e vaidade— *Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris** —; mas não manda a ninguém comê-la, como fazem os tapuias; e gostam tanto de um testo, ou fragmento de barro cozido, que é necessário especial vigilância aos missionários, para não ficarem sem vasilhas. Nos rapazes é mais usual, e posto que os missionários tem nisto especial vigilância, ainda sucedem algumas mortes: e sucederiam mais, se eles não se aplicassem a si mesmo o contraveneno em muitas cousas, que costumam comer, como é a banha de jacaré, e muitas outras. E na verdade, que se não lhes abreviasse a vida, seria ũa grande conveniência, pois em toda a parte achariam o comer feito.

Como a sua fé é quase morta não fazem muito apreço das cousas da outra vida, donde vem terem pouco horror à morte, e matarem-se alguns a si mesmos, já levados de alguma paixão, já por medo de algum castigo, e já por melancolia. Matam-se por estas razões de vários modos: uns comendo terra, não por sustento, como outros fazem, mas para morrerem; outros tomando-se a respiração de repente com tal violência que virando a língoa para a garganta, sem mais movimento algum se deixam cair mortos. Este modo é mui arriscado, quando os castigam; e tem sucedido muitas vezes estarem os executores a descarregar açoutes, estando o penitenciado já na outra vida. Outros parece que tem tanto a mão a morte, que dizendo eu morro, levantam uma perna, deixam-se cair em terra, e vão-se para o outro mundo, se não se lhes acodem muito depressa com o remédio, que posto que seja único, é muito fácil. Assim que algum se toma a respiração, que de ordinário só sucede, quando algum leva algum castigo, que se conhece, porque de repente ficam como embaçados, e imóveis, se mande buscar um bom tição de fogo, e metam-lho na boca: porque ao seu calor acode logo o moribundo muito assustado com a respiração, com a qual fazendo força para repelir a violência do calor, vira outra vez a língoa para diante, e deixando desempedido o estreito da garganta, deixa também com vida ao moribundo, sem mais damno, que a cicatriz, ou chaga da boca queimada. Com este remédio tem escapado da morte, e antes de se saber não eram muito ousados os seus amos a castigá-los, por não arriscarem as vidas dos índios, e se arriscarem a ser tidos por homicidas. É bem verdade, que alguns brancos são repreensíveis pela crueldade, de que usam muitas vezes com os índios, pelos terem morto uns à veemência de açoutes, e quando pouco a outros tem posto às portas da morte; mas se em cabeça própria tivessem experimentado quão agudas são as dores de uns bons açoutes, talvez que não seriam tão inumanos com os pobres tapuias. Experimentou-as uma vez um cidadão, em um só açoute, que lhe deu um seo amigo sem saber, em cuja casa era hóspede: porque ouvindo de noute rebuliço em sua casa, saío com um azorrague a saber, o que era, e dando para uma, e outra parte nos que julgava delinquentes, por acaso descarregou um de mão de amigo nas costas nuas do hóspede cidadão, que assustado se tinha levantado a pressa, e com a veemência da dor levantou um alto grito,

---

* Lat.: Lembra-te, homem, que és pó e em pó te hás de tornar (Expressão usada pela antiga liturgia católica usada na distribuição de cinzas, na quaresma).

fazendo desde ali propósito de não mandar açoutar mais a algum dos seus serventes; porque, dizia ele, quem sabe o quanto custam uns açoutes não os manda dar: boa lição para os que são muito(s) ligeiros em mandar açoutar seus escravos.

É certo, que os índios merecem muitas vezes graves castigos, já por afaquearem, e já por matarem, e por muitas outras insolências: porém tudo se pode fazer com a moderação da prudência, que é o fiel das acções humanas. E visto que os açoutes são o castigo mais conveniente, e proporcionado para os índios, como a experiência tem mostrado, e conhecem todos os que com eles vivem, e tratam, como observou *Monsieur* Condamine, é louvável o castigo de só 40 açoutes, como costumavam os seus missionários: e quando os crimes são mais atrozes, se lhes podem repetir por mais dias, juntos com a pena de prisão, que eles muito sentem; porque se vem privados das suas caçadas, montarias, e mais divertimentos e muito mais dos seus banhos diurnos etc. E na verdade, que não há castigo, que mais amanse, que ũa prisão diuturna com umas boas brapas nos pés. Visto falarmos, nos que se matam tomando a respiração, e no seu eficaz remédio, parece-me ser também muito conveniente, e útil, apontar aqui outro remédio para livrar da morte aos afogados. A todos é útil a sua notícia, porque em toda a parte sucedem destas disgraças; mas no Estado do Amazonas deve ser mais notório, por serem nele mais frequentes os naufrágios, não só nos brancos, que, ou não sabem, ou são menos práticos em nadar, mas ainda nos mesmos índios. Já nós dissemos que os caminhos, serventia, e viagem são todos por mar, rios, baías e lagos, não só por ser a terra toda cortada de rios, mas porque todas as povoações são nas margens dos rios, e todo o centro daquela vastidão de terras fica para comércio das feras e bichos: por esta razão são muito ordinárias as alagações, naufrágios, e disgraças, em que morrem muitos, por se lhes não saber aplicar o remédio, que ensina o Doutor Curvo, e outros. Vem a ser, descuberto o afogado tido já ordinariamente por cadáver, se vire de pernas acima, para que pela boca desague toda a ágoa, que tem bebido: logo se recolha em algum quarto, ou retrete bem resguardado do vento, e bem afogueado com braseiros à roda, até que o estirado dê signaes de vida. Além da afogueação se pode ajudar por dentro lançando-lhe algũas bebidas quentes, como de vinho com canela, se não antes, *saltem** depoes dele dar alguns sinaes, de que ainda vive. É experiência feita por muitos, e pelo mesmo Curvo em um afogado, que depoes de estar debaixo da ágoa algumas horas, e de ser lançado pela maré na praia, já como cadáver de afogado, o fez tornar em si, e à vida, que depoes lhe durou por muitos anos. O mesmo Curvo dá a razão; dizendo, que ainda depoes de afogado conserva por muito tempo o naufragante os espíritos vitaes sopitos, e atormentados; e por isso parece já cadáver, mas acodindo-lhe a tempo com este remédio, depoes de deitar fora a ágoa com o grande calor dos braseiros, o penetra dentro o fogo, e desperta o calor natural, com o qual tornam a reviver aqueles sopitos espíritos.

E quando esta diligência não aproveite, por estar já na verdade morto o naufragante, ao menos serve para livrar do escrúpulo, aos que o teriam de terem enterrado talvez vivos, aos que poderiam viver muito. Seria também boa providência aos que navegam aqueles rios, e não sabem nadar, se usas-

* Lat.: pelo (ao) menos.

sem de algum remédio para não irem ao fundo, quando caírem na ágoa, ou naufragarem; e para isso há muitos dos quaes apontarei alguns por serem fáceis, e utilíssimos. Seja o primeiro qualquer colete, ponha-se-lhe à roda em lugar de dobrum de pano um dobrum de couro por modo de uma delgada tripa, e o mesmo também pelas costuras das ilhargas, e pelas costas, encha-se de vento, e se remate com bons pontos, para que o vento não fuja, e andando com este colete cingido, ainda que caia no mar, não só não irá abaixo, mas andará sempre direito, levantado, e seguro. É facílimo este preservativo remédio em todo o Amazonas, se em lugar do dobrum de couro lhe puserem um dobrum feito de leite de xeringa, o qual como sae líquido da árvore, e se accomoda a todo o feitio, que lhe querem dar nas formas, se pode fecilmente fazer por modo de ũa comprida, e oca tripa que bem amarrada pelas costuras do colete não deixa mergulhar. Não é necessário enchê-la de vento, porque é de tal natureza, e qualidade o bom do leite, que logo se converte em nervo, e sempre se conserva largo, e cheio de vento: de sorte que para largar o vento, e se encher de ágoa, é necessário apertá-lo com ambas as mãos, e espremê-lo bem; e metido na ágoa, ir pouco a pouco laxando-o para a ir sorvendo. Adiante diremos melhor as suas qualidades. Quem tiver na mão uma borracha, ou xeringa deste leite, também não irá abaixo por modo algum. O segundo remédio para se não afogarem, os que caem na ágoa, é também um colete tecido de penas de pássaros, não toda a pena com o seu comprimento, mas [só os] canos enleados com fortes linhas, ou barbante; e com ele também não vai ao fundo qualquer que cair no mar. E também é facílimo este remédio na América, onde as penas são tantas pela muita passarada*, que voa, e passeia pelas suas praias. Outros meios apontam os livros todos utilíssimos, como poderão ver os coriosos, mas apontei só estes por me parecerem, não só mais fáceis, mas também mais seguros, se alguém quiser aproveitar-se deles nas occasiões.

CAPÍTULO 15º

DA GRANDE FECUNDIDADE DOS ÍNDIOS

Da grande fecundidade dos índios, e da sua numerosa multidão apenas poderemos dar alguma, posto que muito diminuta notícia, para que os leitores possam formar algum conceito, regulando-me não pelo tempo presente, em que eles estão tão diminutos, que apenas haverá a miléssima parte, mas pelo passado, quando eles eram muito senhores das suas terras, e do seu

---

* Passadara, no ms.

nariz, e no estado, em que os primeiros conquistadores castelhanos, e portugueses os acharam, quando os investiram: estes pelo nascente, e boca do Amazonas, e aqueles pelo poente nos reinos de Quito, e Peru. Na verdade que se esgotaria a arismética em querer contar tão inumerável multidão; baste saber que sendo o Rio Amazonas extenso por 1.800 légoas, todas as suas margens estavam povoadas de inumeráveis índios por ũa, e outra banda; e da mesma sorte os rios colateraes, ribeiras e lagos, em que os índios eram tantos, como enxames de musquitos; as povoações eram sem número, e a diversi[da]de de nações, e lingoagem era sem conto. De sorte que só no Rio Urubu, que a respeito dos mais colateraes se pode chamar um regato, queimou ũa tropa de ũa assentada 700 populosas aldeas. Do Rio Negro tirou a tropa dos resgates perto de três milhões de escravos, fora outros muitos, que muitos brancos tiraram as escondidas, outros que mataram, e muitos outros que se desceram para as missões, que sempre hão de passar para cima de outros três milhões: e sendo tantos os rios colateraes, e tão extensos, de 400 légoas uns, e outros mais, bem se pode formar algũa tal, e qual idéa da sua inumerável multidão, divididos em povoações, e distinctas nações pelo seu diverso idioma.

E para se formar conceito que taes eram estas suas povoações, e quão numerosas de gente, é necessário ouvirmos ao grande Padre Antônio Vieira, que em ũa carta escrita ao Senhor Rei Dom Pedro de boa memória, diz assim. "Em algum tempo (já no seu tempo iam diminuindo muito) cada aldea de índios, das que já tinham missionários, podia pôr em campo, se houvesse guerras, para cima de 5.000 arcos; e as já domesticadas passavam só até o Gurupá, pouco acima da foz do Amazonas de 500." E ainda quando expulsaram ao dito Padre Antônio Vieira, e aos mais da Companhia de Jesus em 1662, que foi a primeira expulsão dos jesuítas naquele Estado, de quatro, que já tem padecido por acudir pelo bem, e liberdade dos índios, opondo-se às tirânicas injustiças dos seus portugueses, eram tantas as missões domesticadas, que só desde a foz do Rio Xingu até [o] Topajós, fogiram de uma vez para os seus matos 17 povoações, desconsoladas por lhes tirarem, ou expulsarem os ditos padres, em cuja distância, que será de 4, até 5 dias de viagem, apenas haverá alguma relíquia, ou índio. E também com uma circunstância muito atendível, de que no dito ano era já tanta a sua diminuição, que só desde o ano de 1615 té 1652, como refere o mesmo Padre Vieira, tinham morto os portugueses com morte violenta para cima de dois milhões de índios, fora, os que cada um chacinava às escondidas. Deste cômputo se pode inferir, quão inumeráveis eram os índios, quão numerosas as suas povoações, e quão juntas as suas aldeas, de que agora apenas se acham as relíquias. E se os coriosos leitores perguntam: como se matavam tão livremente, e com tal excesso os índios? podem ver a reposta nos autores que falam nesta matéria. Eu só direi, que havia tanta facilidade nos brancos em matar índios, como em matar mosquitos, com a circunstância, de que estavam em tal desamparo, e consternação os tapuias, que tudo tinham contra si, de sorte, que chegando os brancos a alguma sua povoação, faziam deles quanto queriam; e se eles estimulados o matavam, era já caso de arrancamento, e bastante para se mandar logo contra eles uma escolta, que a ferro, e fogo tudo consumia; e com muita verdade se podia dizer, e talvez que também ainda hoje se verifique o adágio — Dá o frade no leigo, mal pelo leigo: dá o leigo no frade, mal pelo leigo. Digo, que talvez ainda hoje: porque não há muitos anos, que um mineiro entrando em um rio com o intento de tomar

os seus haveres, e comércio com os índios, como costumava quando os vio mais descuidados, de repente os investio com uma boa comitiva de pretos, e fizeram tal matança neles, que corria o sangue em rios: e destas áfricas tem feito muitos outros portugueses. Não tem sido menor, antes talvez com maior excesso a tirania dos castelhanos nos seus domínios, como com tanto escândalo da piedade se lê nos autores. Faziam tanto caso de ũa povoação de índios como hoje se faz de um bando de macacos: far-se-ia incrível tanta desumanidade, a não a testificarem tantos, e tão zelosos padres, e ainda os mesmos prelados nas suas cartas, e relações às Majestades Católicas, que bem informadas acodiram com as leis, e providências necessárias a atalhar tantos males. Todas estas bárbaras injustiças, e injustas desumanidades já andam publicadas nos livros, para os quaes remeto os leitores, enquanto eu dou alguma notícia de algumas nações em particular.

CAPÍTULO 16º

NOTÍCIA DE ALGUMAS NAÇÕES EM PARTICULAR

Ategora temos dado notícia dos índios povoadores do Amazonas, da sua lei vida, e costumes em geral: porque tão bem será bem aceita a os leitores alguma mais individual particularidade de algũas nações, por algum predicado singular com que se distinguem das outras, falarei agora de algumas, visto que de todas não é possível pela sua multidão. E como os nomes de muitas nações, que são os principaes distinctivos, não só andam já divulgados na *Corônica do Brasil*, senão também em muitos outros autores, eu só direi as principaes, que habitam as margens, e sertões do Rio Amazonas. Além dos nomes, com que se distinguem no mundo umas das outras as diversas nações, que o compõem, e de que ele está povoado; também se diferençam nas língoas: e posto que já houve quem dividiu as diversas lingoagens em 62, a mim me parece, que só as da América passam de 1.000; e não é qualquer diversidade, a que as distingue, ũas das outras, mas tem tanta, como tem *v. g.* a francesa da italiana, e a espanhola da alemã. Verdade é, que há algumas mais geraes, pelas quaes se comunicam ũas nações com outras, como são a língoa inca no destricto dos castelhanos, e a topinambá no estado dos portugueses. E assim no Paraguai há outra geral, guarani; em Chile, e outros reinos, outras. É digna de ter o primeiro lugar, como mais principal, a nação inca, muito conhecida na América, onde occupa uma grande porção; e também o é já em todo o mundo, por afamada nos livros.

São os incas a nação mais culta, polida, e política de toda a América, digo, de todo o Amazonas, e como tal vivia antigamente debaixo de ũa só cabeça, que os governava *more monarchico** com leis civis, economia, e polícia, como qualquer outro reino dos que conhecemos, e reconhecemos por bem regidos no mundo. Chamavam-se estes seus monarcas os imperadores incas, que governaram o seu império desde o ano de *[em branco no manuscrito]* até o ano de *[em branco no manuscrito]* em que principiaram os Reis católicos a conquistá-los. E por quanto ainda restavam muitos seus descendentes, que podiam pertender direito a Coroa, no reinado do piíssimo Imperador Carlos V, Rei das Espanhas, um Vice Rei, cuidando fazer grandes serviços, mandou degolar a todos, os de que teve notícia. E tanto não foi bem aceita a sua tirânica idéa, e bárbara execução, que antes lhe foi muito estranhada pelo sobredito piíssimo monarca, dizendo-lhe, que não o tinha mandado a matar reis, mas a servi-los. Tinham por costume, não sei se por lei, o casarem irmãos com irmãs, e parentes com parentes: seria talvez, para que nenhum estranho fosse comer a sua substância, que era uma das maiores misérias, que admirava no mundo o mais sábio dos monarcas — *Homo extraneus vorabit illud — hoc vanitas, et miseria magna est*** — Não assim os incas, que casando irmãos com irmãs, e parentes entre si, tudo lhes ficava em casa. Além disto, admitiam a poligamia, donde nascia o serem as suas casas permanentes, e seguro o seu trono, sem temor de lhe faltar sucessão, por serem muitos os descendentes. E posto que o Vice Rei, que dissemos, procurou extinguir a todos, matando-os só pelo crime do sangue real, que lhes corria pelas veias, contudo lhe escaparam alguns, dos quaes descende, o que hoje se intitula Nicolao I, Imperador dos Incas no Peru, cuja história tocarei com brevidade, em graça, dos que ainda não tivere(m) notícia dela.

Entre os mais meninos, que se educaram no grande Seminário de Lima, debaixo da administração dos jesuitas, foi um, que era descendente dos incas que escaparam ao infantecídio acima dito. E como com o sangue herdara nobres espíritos, não só aproveitou nos estudos, mas havida occasião se embarcou para Europa, onde correo, vio, e observou a polícia dos reinos, o esplendor das repúblicas, o ministério dos magistrados, e a economia das cidades Roma, e muitas outras: e depoes de bem informado, e instruído, voltando para os seus Estados do Peru, manifestou-se aos seus vassalos, e se fez aclamar por imperador; e mandando uma embaixada ao Vice Rei de Lima, lhe alegava o seu direito, e o requeria, que não lhe disputasse a possessão. Porém o recebimento, que tiveram foi mandar o Vice Rei matar a todos os embaixadores, com cuja notícia de tal sorte se sentio Nicolao, que mandando dar de repente em ũa fortaleza de castelhanos, não só matou a toda a guarnição, mas espetou a todos em paos sobre os muros; e recolhendo-se se fortificou para as contendas, guerras, e batalhas, que esperava. Teve muitas batalhas com os espanhoes, mas finalmente se retirou a ũas montanhas, inconquistáveis com um tão grande exército, que não só se fez formidável, mas também invencível. Mandou o Governo por vezes religiosos a praticá-lo, e pacificá-lo, intentando com arte, e destreza vencê-lo, visto não poder com armas: porque os religiosos só lembrados nas empresas árduas, e para dulcificar, e curar as feridas, que abre a imprudência, e perniciosa liberdade

---

* Lat.: de maneira monárquica.

** Lat.: Um homem estrangeiro devorá-lo-á, e isto é uma grande vaidade e miséria. *Ecles*. 6, 2.

dos seculares; fora delas, não só são esquecidos, mas perseguidos. Nunca os quis admitir o imperador inca, como quem adivinhava o seu intento; ultimamente porém admitio dous padres jesuítas em atenção a ter sido seu seminarista. Celebraram estes o santo sacrifício da missa, a que assistio o mesmo Nicolao com todo o seu exército com muita devoção: não se animavam os padres a falar-lhe na matéria, já pelo respeito com que se fazia soberano, e já pelo temor de não serem ouvidos, como na verdade sucedeo, quando se resolveram a falar-lhe; a que respondeo o inca: que ele estimava muito os padres, e lhes pedia quisessem ficar na sua Companhia e no seu exército para lhe administrarem os sacramentos, e ensinarem a seus vassalos; porém que em matéria de governo lhe não falassem; porque sendo ele o mais chegado herdeiro de seus avós, a ele pertencia: e que estava bem informado do modo de governar, pelo que tinha observado na Europa: com cuja resolução tornaram os jesuítas para Lima. Nem tenho notícia, do que depoes sucedeo pelo tempo adiante.

Também não penetro qual seja a razão porque querendo, e requerendo ele ministros evangélicos para catequizarem o seu exército, e lhe administrarem os sacramentos, vieram os prelados, aos quaes incumbe promover a fé católica, e dilatar a glória de Deos, tão sem escrúpulo, que não os remediem do modo possível? Pois não são tão inseparáveis o governo espiritual, e temporal, que não possa estar um sem o outro; e fazerem os ministros evangélicos a sua obrigação sem se meterem em razões de Estado, cujo direito fique livre aos litigantes. Não hão de permitir os sereníssimos reis católicos pela sua inata piedade, e ardor de promover a glória divina, único direito que tem os monarcas a conquista de novos reinos, que não querendo os incas sujeitar-se ao seu domínio, e vassalagem fiquem por isso priavdos de também serem vassalos de Deos. De sorte que não poderão tantas gentes, e nações que vivem na cegueira do gentilismo abraçar a fé católica sem a condição de juntamente ficarem vassalos de outros príncipes: e poderão com razão queixar-se de que não é a glória de Deos, a que se pretende promover, nem o império de Cristo, o que se deseja dilatar, mas a glória, e domínio de cada um. Esta consideração motivou em outro tempo ao Imperador do Japão Taicozama a desterrar do seu império os ministros evangélicos, e fechar totalmente as portas à fé católica, que com tanto fervor se ia promulgando naqueles grandes reinos, pela boa capacidade, e disposição de seus naturaes: porque (dizia aquele tirano) não é a fé, nem o desejo de a pregar aos meus vassalos, o que vos traz a Japão, e faz ir a outros reinos, mas sim a cobiça de novas conquistas, e a conquista de novos reinos.

Bem ponderou estas razões o Senhor Rei Dom Pedro II de Portugal, e pesarem tanto na sua piedade, que nas leis, que mandou para o Estado do Amazonas recomendava tanto a extensão da fé, e glória de Deos, que ainda no caso em que o gentilismo não quisesse sair do centro dos seus matos, mas neles quisessem admitir missionários, se lhes mandassem; porque estavam nas suas terras; e na verdade que assim faz, quem anela à glória de Deos, e não à própria. Vê-se pois privada a populosíssima nação inca da doutrina do Evangelho, e graça dos sacramentos, por não se querer sojeitar ao domínio espanhol. Como a nação inca era a mais polida, e econômica, que todas as mais do Amazonas, assim também já tinha povoações, e grandes cidades com formal geometria. Tinha uso não só do ferro, mas também dos mais metaes,

especialmente do ouro, cuja abundância noticiam os seus historiadores, e eu também tocarei adiante, quando descrever as grandes riquezas deste tesouro do Amazonas. Tinha também fortalezas, com que se defendiam, nas suas cidades com boa formalidade, de que ainda hoje perseveram alguns vestígios: como também várias memórias de soberbos mausoléos, em que os reis incas se enterravam, posto que já muito arruinados pelos castelhanos pela cobiça do ouro, e preciosas peças, que neles achavam, e com que se sepultavam os incas. Era também a única nação, em todo o vasto destricto daquele rio, que mostrava formalmente a sua idolatria: porque as mais nações, como já vimos, parece, que só materialmente com culto mui remisso, adora cada ũa os seus ídolos sem ceremônias, sem templos, sacerdotes, e sacrifícios: não assim a nação inca, que adorava ao sol a quem tinha dedicados muitos famosos, e ricos templos; e ainda hoje talvez existam muitos pelo coração do seu império, que ainda em grande parte se conserva gentio, e idólatra; e destes templos tiraram os castelhanos muitos tesouros de ouro, que os incas expendiam em adoração ao sol. Assim eles o tributassem ao sol de justiça, de cuja omnipotência é o sol material um claro farol, um pregador público, e um manifesto indício, como também todos os mais luzidos astros, brilhantes estrelas, estendidos céos, e todas as mais creaturas do Universo. — *Coeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annunciat firmamentum.**

É a nação inca, e Império do Peru muito extensa; porque se estende para cima de 1.000 légoas, que tantas vão desde o Rio Madeira até a fonte, e primeiras vertentes do Amazonas; e com proporcionada extensão para a banda do Sul. É bem verdade, que inclue esta grande porção de terra, muitas, e diversas nações, distinctas pelos seus nomes, e cognomes, e diversos idiomas, mas todas as mais não só são vassalos do incas, mas também tem comunicação por ũa como lingoagem geral, que é a dos incas. Inclue demais a mais este grande destricto muitas outras nações, que mediam entre os incas, e Amazonas nas suas margens austraes; porque o Peru fica mais para o centro, e terra firme. O seu último imperador foi Atagualfa, que na entrada dos castelhanos andava em guerra com outro seu irmão, legítimo imperador, contra quem ajudado dos espanhoes se levantou, e o venceo. Foi depois preso pelos mesmos espanhoes, e por mais que reclamava justiça, e ainda a mandava requerer a Europa, veio depoes de muito tempo a morrer na prisão. E posto que os seus filhos, e herdeiros, ou os legítimos do outro seu irmão quiseram entrar na possessão das suas terras, e império, se apoderaram dele os espanhoes; e para de uma vez se segurarem na posse, mataram todos os descendentes da familia real, que puderam conhecer: porém como eram muitos sempre escaparam alguns, dos quaes alega ser descendente, e legítimo herdeiro o sobredito levantado Nicolao I, o qual se tiver adestrado os seus vassalos na formalidade, e disciplina da milícia da Europa, que nesta tinha antes observado, será difícil a sua conquista, por se ter entrincheirado em altas serranias, e ser assistido de inumerável gentio. Quem sabe se será o seu levantamento a primeira disposição para complemento de uma profecia de um grande servo de Deos, que (segundo dizem) profetizou viria tempo em que no Peru não se acharia algum castelhano.

---

* Lat.: Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de sua mão. Sl. 7.2.

CAPÍTULO 17º

CONTINUA-SE A MESMA MATÉRIA

A segunda nação, que pela extensão merece o segundo lugar entre as mais do Amazonas, é a nação Maina no Reino de Quito, pois se dilata o seu destricto desde as cabeceiras do Amazonas até o Rio Napo, ou ainda mais abaixo; pela qual razão se chama a Província de Los Mainas da banda do Norte. A destreza, e raras habilidades desta nação parece vencer a todas as mais na perfeição dos artefactos coriosos, que já por admiração, e já por comércio transportam os castelhanos para Europa. Mas não consta que esta nação estando tão vizinha da nação inca pelas cabeceiras do Amazonas, tivesse uso do ferro antes da entrada dos castelhanos; nem alguma mais que ordinária polícia, nem leis estáveis, e governo monárquico, como os incas. Deixo todas as mais nações, que inclue esta Província de Los Mainas, e mais Rio Amazonas até a nação Cambeba, porque não sei, que nelas haja especialidade algũa digna de especial menção. Só a nação Cambeba a merece, por ter mais, que as outras a especialidade das suas cabeças: e posto que ter especial cabeça é entre os homens de juízo grande elogio, nos cambebas mais merece vitupério. Tem esta gente a cabeça chata, e espalmada: porque aos meninos assim que nascem lhes põe ũas taboinsas de uma, e outra banda da cabeça, as quaes apertam entre si, por modo de imprensa, em que metidas crescem, e tomam o feitio das táboas, saindo as cabeças chatas, e espalmadas. Na verdade, que são as cabeças dos Cambebas uns ricos feitios! mas a maior galantaria, é que sendo ridículas figuras, eles tem para si que assim são mais lindos, e galantes, que os outros tapuias, quando pelo contrário os faz mais mal encarados, e mais feios: quanto pode a apreensão, e errônea opinião dos homens que ao bem avaliam mal, e ao mao avaliam bom! — *vae qui dicites bonum malum, et malum bonum!** — E se estranhares este abuso aos cambebas, responderão que não são os defeitos físicos, os que mais afeiam a gente, mas o moraes, e viciosos. As taboinhas não são nas fontes da cabeça, mas põe-nas por diante, e por detrás, na nuca, e na testa.

A nação Uriquena também foi das mais famosas, e ainda hoje o é, posto que já muito diminuta a respeito, do que era. Habitava esta nação no Rio Negro, onde pelejando com outras nações do mesmo rio, os que ficavam prisioneiros eram chacinados, e comidos do modo, que dissemos acima: por resgatar a estes miseráveis dos vorazes dentes dos uriquenas, e outras nações do mesmo rio, se pôs nele a tropa dos resgates. Além deste inumano costume de comer carne humana, e ser fataes gastodores uns dos outros, se distingue mais esta nação em ter as orelhas não só furadas, como os timores, mas rasgadas com tal buraco, que podem entrar por ele juntos três dedos de boa grossura, ou uma tranca, que eles bem merecem nas costas por tal abuso, mais do que as orelhas furadas. Contudo muitos destas nações papa gentes se tem já aldeado pelas missões, e convertido à fé: e não só não usam

* Lat.: Ai de vós que chamais o bem mal, e o mal bem. Is. 5.20.

do seu mao costume de comer gente, mas também não são dos peiores cristãos índios.

Purus é ũa nação, que habita sobre os lagos do Rio Purus, que dele tomou o nome. Não tem uso de comer a farinha de pao, como todas as mais nações do Amazonas; não sei, se por não terem o trabalho de a cultivar, se por não serem aptos para estas sementeiras os seus lagos; porque quer terra firme a mandioca: em lugar dela tem por sustento usual várias fructas do mato, de que fazem farinha, ou as comem e levam assim mesmo a dente, como macaco. Também comem o cacao, não confeitado, como os brancos, e europeos e em muito gostoso chicolate; mas a mesma pevide nua, e crua como Deos a creou; embora, que seja amargosa; que o seu desfastio juntamente com o costume, não só lha tem já adoçado, mas também lha faz saber a gaitas. Tem nas suas terras muita abundância de cacao, não porque o plantem, ou cultivem; porque não tem essa habilidade, nem necessidade desse trabalho; mas porque as suas matas e ilhas estão cheias. Também não usa de arcos, e frechas, como os mais índios, mas todas as suas armas são a balesta, em que são destríssimos, e mais que insignes frecheiros.

A nação Mura também tem muita especialidade entre as mais. É gente sem assento, nem persistência, e sempre anda a corso, ora aqui, ora ali; e tem muita parte do Rio Madeira até o Rio Purus por habitação. Nem tem povoações algũas com formalidades, mas como gente de campanha, sempre anda de levante, e ordinariamente em guerras, já com as mais nações, e já com os brancos, aos quaes querem a matar, ou tem ódio mortal. E não só assaltam as mais nações, mas ainda nas mesmas missões tem dado vários assaltos, e morto a muitos índios mansos, de que se não puderam livrar, por serem repentinas, e inesperadas as suas investidas: e para as evitarem lhes é necessário fazerem cercas de pao a pique, e estar sempre alerta; e tem esta contínua guerra, não porque coma gente, ou carne humana, mas por ódio entranhável aos brancos, a que estes mesmos deram muita causa. Tinha-os praticado antigamente um missionário, e eles dado palavra de saírem dos seus matos, e descerem para a sua missão no ano seguinte, depois do missionário lhe ter promptos, e prevenidos os víveres, panos, e ferramentas, para os vestir, e sustentar, enquanto eles não fizessem roças próprias. Neste ajuste estavam firmes; mas foi perturbá-los um português, que dele soube, deste modo. Preparou uma grande barca com o pé de ir às colheitas do sertão, como se costuma, foi ter com eles, e fingindo ser mandado pelo dito missionário, lhes disse que ele os mandava buscar; porque já tinha preparado roças, casas, e pano. Admirados responderam os tapuias, que ainda não chegava o tempo que o padre tinha ajustado com eles, e que ainda não podia ter promptos os víveres, e farinhas para comerem: porém o branco, com acções, peiores que de preto, os soube enganar, e iludir de sorte, que eles persuadidos de que na verdade os mandava buscar o padre, se embarcaram, os que puderam na canoa do branco: ah! pobres, e miseráveis índios, em que mãos vos metestes, e a que lobo vos entregastes!

Contente com a sua astúcia, e muito satisfeito com tão venturosa caravana, e rendosa presa, que estimava mais, do que se levasse o seu barco carregado de especiarias do Amazonas, ou boa fazenda (então era esta, a que dava mais avanços, e tirava o pé do lodo, metendo a alma no inferno) em lugar da missão prometida, os levou para as vizinhanças da cidade, depoes de se furtar às fortalezas, e se esconder aos magistrados, e os vendeo aos mais brancos nos seus sítios, fingindo serem seus escravos, que pouco antes

remira do poder de seus contrários. E como o escrúpulo era em todos nenhum, e se tinham consciências, eram de camurça, como dizem, não gastavam tempo, nem os compradores em pedirem resisto, nem o vendedor em o mostrar; e assim vendendo com eles a sua alma, os passou todos grandes, e pequenos, homens, e mulheres, de que trazia abundância, mancebos, e velhos: e desta sorte se faziam muitos escravos. Os mais, que ficaram para as seguintes monções, e esperavam com ânsia o como os seus parentes tinham sido recebidos na missão, e se estavam contentes para eles seguirem os seus informes, assim que souberam da tramóia, e que estavam feitos escravos, em lugar da liberdade cristãa prometida na missão, conceberam tal ódio contra os brancos, e talvez contra os mesmos padres, persuadidos de que ele os tinha já antes praticado para os fazer escravos, que desde então ategora tem contínua e declarada guerra contra os missionários, brancos, e aldeanos. E na verdade tem bem vingada a referida tramóia, e desafogada a sua cólera, em tantas mortes, que não há ano, em que não matem muitos, já nas missões assaltadas de repente, e já nas canoas que vão ao sertão, ou sejam nas suas feitorias em terra, ou quando navegam: porque eles no seguro da terra, no escuro das sombras, e no amparo das árvores muito a seu salvo, vão disparando a mosquetaria das suas frechas nos pobres remeiros, e algũas vezes também nos cabos brancos. Com serem estes muras tão bravos, e tão belicosos, não são tão bárbaros como as mais nações, que comem carne humana; porque não consta que eles a comam. Zombam dos brancos, e tropas de soldados, que muitas vezes se tem mandado contra eles: porque como não tem domicílio certo, ou povoações fixas, não podem as tropas alcançá-los, e apenas apanham algum, ou alguns pouco desgarrados. São gente bem disposta, e bem encarada. Usam de uns arcos de doze, ou pouco mais, ou menos palmos de compridos, e frechas da mesma grandeza, e proporção. Quando atiram não suspendem os arcos no ar, como os mais de ordinário fazem; mas os seguram no chão com os dedos dos pés: atiram as frechas com tanta força, e valentia, que mui longe atravessam um boi, e qualquer homem de parte a parte.

A nação Arapium aldeada já há muitos anos em uma missão no Rio Topajós tem vários predicados, que os fazem merecedores das histórias. O primeiro é o festejarem muito a lua no primeiro dia, em que aparece nova; não sei se por abuso, se por conservarem ainda alguma tal, ou qual idolatria material do gentilismo. Segundo predicado é o abuso de conservarem os ossos dos mortos, que nas suas festas, e beberronias costumam as velhas dar embebidas dos seus vinhos, desfeitos em pó. Terceiro, o abuso inevitável de atormentarem as raparigas, quando lhe vem a primeira regra do modo, que dissemos acima; e com tão rigoroso jejum de pão, e ágoa, ou de todo o sustento por alguns dias, e por outros com pouco mais de nada, junto este rigoroso jejum com a estufa, que por 12, ou 15 dias levam dependuradas na cumieira da casa, que algumas tem morrido a pura fome, sede e calor. O quato predicado é a eleição dos maridos para casarem as suas filhas: porque há de ser o primeiro desempedido, que elas virem, depois da rigorosa cura da sua primeira regra, e sangria, ou sarja desde a cabeça até os pés com as lancetas dos seus dentes de cotia; assim dispostas o primeiro mancebo, que avistarão, esse há de ser o seu marido (suponho, que será, se seus pais, e ele quiserem) e assim o ajustam logo, ainda que o casamento se haja efeituar daí a anos. O quinto predicado, que também, como muitas outras nações, conservam os arapiuns, é a prova de valentia, quando casam: é um

exame prévio, ou primeiro princípio, como se diz nas Universidades, às suas bodas, e uma experiência, ou tentativa do seu valor, para mostrarem, que posto casem, não é por afeminados, mas por valentes. Há diversos gêneros desta prova de valentia; mas uma mui ordinária nos índios arapiuns é encherem uns grandes, e compridos cabaços das formigas, que chamam saúgas, grandes, e muito bravas: ferram na carne com tanta, ou mais valentia, do que os cães de fila, com proporção a grandeza destes, e a pequenhez daquelas; porque os cães alfim vem a largar, mas as saúgas não largam, ainda que as matem, e antes perderão a cabeça, ficando com as troqueses cravadas na carne, do que soltarem elas a presa, por isso usam delas alguns cirurgiões, quando querem coser alguma cicatriz com segurança, sem usarem de pontos, como adiante diremos.

Cheios pois os cabaços de saúgas, não só famintas, mas quando estão com fome talvez de dias, e quando pouco de braço, como dizem, e sobre isto bem enraivadas com sacudidelas, presentes todos os velhos, e graves da missão, sae a terreiro o noivo examinando, destapam-se os cabaços, nos quaes intrépido mete os braços, a que logo acodem os filas, já para saciar a fome, já para desabafar a ira, e já para provar, e castigar o bacharel, o qual, posto que as dores o façam mudar de cores, trocer a boca, tremer com o corpo, levantar as sobrancelhas, e arrebentar as lágrimas, que em fio correm, e caem dos olhos, tenha paciência, que se quer há de aturar a bucha em quanto os examinadores, já bebendo-lhe a saúde, e já dando voltas em bailes, se vão regalando a sua custa. Finalmente feitas as provas de valentão, e acabadas as de Baco, dão os circunstantes o exame por acabado, e por laureado o bacharel, cujos braços talvez já não pode tirar sem ajuda dos outros por amortecidos, encarniçados e inchados. Em uma palavra: sendo os tapuias pardos, todos saem desta prova bem vermelhos: porém já com a aprovação dos mestres fica jubilado, e procede-se às bodas, principiam festas, crescem os júbilos com Baco pai da alegria, e Juno casamenteira, continuam beberronias, e dançando uns, e caindo outros, e todos os mais esquinados, podem fazer lembrar, o que irá no inferno. Tem contudo esta nação Arapium bons católicos; e afirmam alguns seus missionários, que pela maior parte morrem com sinaes de predestinados, para cuja prova contam muitos casos, dos quaes apontarei um em confirmação do mesmo.

Mandou um índio chamar o padre a sua roça, para que o fosse instruir, e baptizar, porque era ainda pagão. Chegou lá o padre pelas 10 ou 11 horas da noite, e achando o índio, ao parecer, com boa disposição, e sem perigo, o consolou, e lhe disse, que seria melhor deixar o baptismo para pela manhã, e ir recebê-lo à igreja, se estivesse capaz, e quando não, em casa. Ao que respondeo o índio, que lhe administrasse já o baptismo, porque estava para morrer, e só por ele esperava. Instruio o missionário, e exortou-o à dor dos seus peccados; aqui segundou o moribundo, dizendo: eu não tenho peccados, porque sempre vivi em paz com os mais, e nunca lhes fiz mal algum, para que eles também mo não fizessem. Administrado o santo sacramento, disse muito alegre: Deos te pague, padre, eu já vou ver a Deos: disse-lhe o missionário: lembra-te lá de mim: Sim o farei, repôs o índio, e entregou a alma nas mãos de seu Creador! Quem poderá prudentemente duvidar da salvação deste tapuia, mais que feliz, e bem afortunados? Pois com estes, e semilhantes signaes de piedade, e predestinação morrem muitos. Posto que não conste que esta nação Arapium fosse uma das muitas, que comem carne humana por sustento usual, contudo parece não a lançava fora, quando a alcançava, por

observação feita por um seu missionário, que soube que morrendo um índio de bexigas, a sepultura, em que o enterraram os parentes tinha sido a das suas barrigas: porque, feito em postas, o foram construindo até o acabar; mas logo pagaram a sua brutalidade; porque quantos comeram do morto, adoeceram, e morreram em breves dias. E se assim o fazem os já católicos, que fariam os seus antepassados no gentilismo? Do que se colige que, posto que não matavam gente para comer, não perdiam a carne dos mortos; talvez por julgarem ser o seu ventre a melhor sepultura, em que podiam dar-lhe honrado jazigo. Confirma-se este opinar com as casas de ossos, que se lhes tem achado, os quaes as velhas fazem em pó, e os misturam nas bebidas nas suas festas.

Umas das nações mais célebres do mesmo Rio Topajós é a chamada Gurupá: porque é tapuia de corso, sem assistência em lugar certo, nem povoações estáveis, como a nação dos Muras, ainda que não tão bravos, nem para os mais índios, nem para os brancos. Tem porém o mao costume de comer carne humana, quando apanham alguns seus contrários, que tem muitos, e talvez lhe pagam na mesma moeda. E quando não tem inimigos, que comer, não perdoam aos amigos, que apanham; e assim o fizeram a um rapagão católico, que fogindo da sua missão São José, onde era sacristão, para os ditos gurupás, estes aproveitando-se da occasião, o chacinaram, e comeram, ficando pesarosos de ser um só. A sua ordinária assistência é pelas vizinhanças da aldea de São José, por cujo missionário foram praticados para descerem a viver como racionaes, e católicos: e todavia poderam tanto com eles as suas razões, que capacitados desceram uns 400, que se repartiram pelas missões mais vizinhas São José, e Santo Ignácio. Porém arrependidos depoes de algum tempo, e pesarosos de terem largado a regalia, e liberdade dos seus matos, fogiram das referidas missões, sem fazerem conta de resarcirem os gastos. Assim que desertaram, e se embrenharam nos matos, tendo notícia da retirada a nação Jaguaim, sua contrária, deu sobre eles de repente, e os matou todos; menos alguns poucos, que no tempo do assalto se achavam ausentes. E parece, que depoes de os matarem, também os comeram, como indicava a grande ossada, ainda quase fresca, que viram uns brancos descendo das minas pelo Rio Topajós: castigo bem merecido, por terem abandonado o grêmio da igreja, e desprezado a santa fé católica.

Entre as muitas nações do Amazonas, que comem carne humana, é muito abalizada a nação Jurena, cujas povoações são nas matas do Rio Xingu, cousa de 15 dias de viagem, onde está, ou nas vizinhanças aquele célebre templo, cujo arquitecto se ignora, com as valvas de pedra sempre fechadas; e não se sabe até o presente o que em si encerra; porque um repentino relâmpago, ou majestoso resplandor, que de dentro sae, e dá nos olhos dos curiosos, que pretendem abri-las, o não tem consentido, obrigando a retirarem-se mais que depressa, como dissemos na "Primeira Parte". É esta nação das mais marciaes; e tem muitas outras contrárias, com que pelejam, cujos prisioneiros codeam, e guardam o unto dos mesmos em panelas para tempero dos mais guisados. Tem outro distinctivo das mais nações, indicado no seu nome de jorunas, que é terem as bocas pretas; porque juru quer dizer boca, e una significa preta. Além das bocas pretas, tão bem o são as barbas, e meio

rosto, ou meias faces: fazem este seu distinctivo, quando meninos com tinta bem preta, e sabem imbuti-la, ou introduzi-la na carne com tanta arte, que nunca se tira nem perde a sua viveza até a morte, parecendo natural e nada artificial. Pois de tal modo se tem intrinzecado, e conaturalizado na carne, que não é possível tirar-se, por mais esfregações, que lhe façam, e remédios que apliquem; e o que mais é, que, ainda que se esfole a pele, como já tem feito alguns, que tem descido dos matos para o cristianismo, por se verem envergonhados entre os mais, sempre a boca, e faces perseveram negras. Muito preciosa, e prezada seria pelas donas brancas, e européas esta tinta, e indústria de a aplicar, para com ela perpetuarem os sinaes pretos, que tanto apetecem, e com que não sei, se enfeitam, ou se afeiam os seus carões: talvez que no discurso da obra a descrevamos. Foram estes jurunas, praticados por um missionário, e aldeados no ano de *[em branco no manuscrito]* porém arrapendidos por inconstantes determinaram voltar para as suas matas; talvez por saudades das suas caçadas, e pingues olhas da saborosa carne dos seus contrários. A occasião, e pé que os motivou a repedarem, foi ter o dito seu missionário mandado alguns meninos para a cidade, ou querê-los mandar a aprender alguns ofícios mais precisos nas povoações; e também com intento de segurar melhor os adultos, por presumir, que não intentariam a fuga por não deixar os filhos, que queria o padre fossem como reféns. Porém pelo contrário disso mesmo tomaram motivo para tornarem a embrenhar-se nas suas matas; e para não irem sem matalotagem ajustaram fazê-la das carnes do mesmo padre, de um branco, que estava na sua companhia e de alguns tapuias mansos, que tinha consigo.

Houve porém um, que com ser da mesma nação, achou deformidade no intento dos mais, e occultamente avisou o missionário, que sem mais demora atou as de vila diogo com o dito branco, e dous índios mansos por um atalho de terra, em que por três dias nada comeram, e só se deram por seguros de irem ao talho, e serem comidos, quando já vizinhos a uma missão antiga. E vendo os jurunas com a fuga do padre estar descuberta a sua traição receando que fosse alguma tropa castigá-los, também se puseram em apressada fuga. Por outra occasião desceram alguns para uma missão antiga, e também não persistiram; porque também intentaram a fuga, para a qual se preveniram com boa provisão de carnes de alguns tapuias mansos, que apanharam desgarrados: mas descuberto o crime foram apanhados, e remetidos para a cidade, donde quase todos vieram a fugir. São suas aliadas as nações Acipóias, e Carnises, tão guerreira[s], bárbaras, e amigas de carne humana, como os jurunas. Há muitas outras nações, que também afetam o distinctivo de terem parte do rosto preto, como são algũas no Rio Javari, e outras no Rio Cumá, e Rio Madeira; mas lá tem sua distinção umas das outras. Porque os do Rio Cumá, chamados Maraguás tem ũa linha desde os ouvidos a boca, e tudo para baixo não só é preto, mas tem vários debuxos, como flores, e outros. Os do Rio Madeira chamados uns Turases, e outros Urupases, também tem sua distinção: porque os turases tem só uma linha, ou fita preta, que lhes desce dos ouvidos aos cantos da boca; e os urupases só tem preta a boca à roda, ficando a boca livre. Outros tem uma fita que desce desde a testa pelo nariz, e boca até à barba.

CAPÍTULO 18º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA

Também a nação Topinambá é por certo digna de ter um dos primeiros lugares na história da América: porque é tão numerosa, e extensa, como a nação Inca do Reino do Peru ou talvez mais; pois é a mais numerosa de toda a América portuguesa; e não só povoa as extensas praias do mar desde o Brasil té o Pará, mas também as margens dos rios, e centros do sertão. É certo, que inclue muitas, e distinctas outras nações, mas quase todas as deste grande hemisfério lusitano, posto que cada uma tenha entre si diversa, e particular lingoagem, também tem uma como geral, e comũa a todas, pela qual se comunicam uns com outros. No Brasil, terra, e pátria mais propriamente sua, disputaram por muitos anos a entrada dos portugueses, com quem tiveram muitas guerras, em que trabalhou tanto aquele incansável missionário, e varão sancto, o Padre José de Anchieta, que para os pacificar com os portugueses, estimou em pouco a própria vida, indo meter-se entre eles, até que finalmente os accomodou, congraçou com os portugueses, e aldeou muitos.

No tempo das guerras, vendo os topinambases, que eles sempre levavam na cabeça, e ficavam diminutos em todos os choques, debates; batalhas, e combates com inumeráveis mortos, e outros escravos dos portugueses que não satisfeitos com os privar das suas terras, também lhes tiravam a liberdade; vendo por outra parte que com serem tão numerosos, e inumeráveis como mosquitos, não tinham partido com os portugueses, ainda que poucos, por razão da mosquetaria, e balas, de que eles não tinham uso, e em cuja comparação pouco faziam os seus arcos, e frechas, intimidados, uns se entregaram, outros ajustaram pazes, e outros se foram retirando para centro dos sertões, e foram parar no Amazonas. Deles se fundaram no Brasil muitas missões, como também no Estado do Pará, quaes são Caité, Maracanã, Cabu, Mortigura, e muitas outras, em que trabalhou muito o grande Padre Vieira, e muitos outros jesuítas dilatando por todo aquele Estado o império de Cristo, e o domínio lusitano. São belicosos; e se tivessem o uso das armas européas, ou ao menos quem os dirigisse seria difícil o conquistá-los. Por outra são dóceis, e tractáveis com afabilidade, estatura bem proporcionada, bons trabalhadores, e sofredores da fome, sede, e trabalhos. E nas guerras contra os holandeses, e outros europeos tem ajudado muito os portugueses, assim eles se não fossem acabando; porque já não existem, nem a redizima. Por ser tão estendida, e numerosa esta nação e com elas se fundarem as primeiras missões sendo a sua lingoagem a mais difusa, e geral, se resolveram os missionários a reduzi-la a arte como fizeram no Brasil o venerável Padre José de Anchieta, e no Pará, e Maranhão o Padre Luís Figueira, ambos jesuítas, cujas artes são, e tem sido ategora as que se usam em todas as missões: composeram também o catecismo, e directório. E posto que haja outras nações de diverso idioma, e sem o uso desta língoa geral, descendo para as missões logo com os mais a aprendem, sendo que quase todas nela vem a dar com mais, ou menos corrupção: de sorte que não só

é geral na América portuguesa, mas ainda em muita parte da América castelhana, especialmente no grande Rio da Prata, ou Paraguai, onde a chamam língoa guaraná, que quase em tudo é similhante na pronúncia, e dialecto.

A nação Topinambarana é muito parenta da dos topinambases, senão é a mesma com alguma corrupção da língoa pela comunicação de outras nações. Tinha esta nação o seu domicílio em uma grande ilha, que forma o Amazonas na foz do Rio Madeira, que deles tomou o nome de Ilha dos Topinambaranas; dela desceram muitos para algumas missões: os mais se aldearam na mesma ilha em uma muito populosa missão. Porém sentindo os seus missionários alguns inconvenientes na dita ilha, se resolveram a mudar sítio para o Rio Topajós, onde ainda existe algum resto na missão de Santo Ignácio, ainda que contra vontade dos índios, que antes queriam a sua ilha, e pátria: e além de ser pátria, é muito farta, e abundante de peixe e caça; e por esta oposição na mudança ficaram muitos dispersos pela ilha.

A nação Nheengaíba habitava, como em terras, e pátria sua na grande Ilha do Marajó, e mais ilhas adjacentes para a parte do Sul desde a baía de Parau até o Estreito Tajupuru. É muito estendida, e populosa esta nação, ainda que já hoje apenas existem as suas relíquias nas missões de Guaricuru, e Arucara, onde se aldearam. Muito deu que fazer esta nação aos portugueses com quem teve muitos debates, contendas, e guerras, nas quaes posto que morriam muitos índios, não se divisavam tanto neles os efeitos do fero Marte, quanto nos portugueses, que com muitas mortes pagavam ordinariamente as custas; porque indo à caça eram caçados, e descabeçados, e os que escapavam com vida se retiravam sempre com as mãos na cabeça, dando graças a Deos de lá não ficarem como os camaradas. Expediam-se tropas contra eles, mas os nheengaíbas, quaes os muras, de quem já falamos, zombavam das tropas, escondendo-se por um laberinto de ilhas, e de quando em quando dando furiosas investidas, já em ligeiras canoinhas, que com a mesma ligeireza, com que de repente acometiam, com a mesma se retiravam, e por entre as ilhas se escondiam as balas, e já de terra encubertos com as árvores, donde despediam chuveiros de frechas, e taquaras sobre os passageiros e navegantes, que além do risco da vida, se viam impedidos a navegar o Amazonas, para onde não tinham outro caminho, senão pelo perigoso furo de Tojiparu. Durou esta cruel guerra 20 anos: não sendo poderosas nem as balas das escopetas, nem as promessas, e conceitos que lhes propunham os portugueses para para se concertarem, e pacificarem os bravos nheengaíbas, pelo que eram grandes os prejuízos. A tantos inconvenientes porém, em que nada podiam as forças, e balas portuguesas, acudiram os missionários jesuítas com as armas do Evangelho, que são prudência, mansidão, e paciência; e sobre tdos o grande Vieira, que então se achava no Estado do Pará, o qual expondo a sua v.da pela dos portugueses, e augmento da pátria, se ofereceo a os ir praticar acompanhado do seu Santo Cristo dependurado no pescoço, e lhe era o melhor peito de aço: de capacete lhe servia a sua grande caridade, fé, e zelo, e de mais impenetrável saia de malha contra as agudas, e penetrantes frechas, e horrendas taquaras a roupeta da Companhia que posto seja tão odiada, e perseguida, foi sempre, a que conseguio a paz nas maiores empresas dos portugueses em todas as suas dilatadas conquistas da Ásia, África, e América.

Armado pois com estas armas se foi meter entre os indômitos nheengaíbas o fervoroso Padre Vieira, dos quaes foi bem recebido, próspero sinal da sua embaixada, e faustos anúncios do desejado efeito. Propôs-lhe com a sua inata eloquência e natural retórica as conveniências da paz com os por-

tugueses, os grandes, e necessários damnos da guerra, e sobre tudo os muitos bens da fé de Cristo, que lhes ia a pregar. Com estas, e muitas outras práticas, se não os conquistou de todo, ao menos incliou-os muito ao efeito desejado; porque já ficaram menos bravos, posto que não de todo rendidos. Tirou então do peito a imagem do Santo Cristo, pedio-lhe de joelhos pelas almas daqueles índios creaturas, e imagens suas; e depoes da sua oração, o entregou aos índios, dizendo-lhes: que ali lhe deixava aquele tesouro que mais estimava, e lho dava por penhor do muito que os amava: que considerassem diante dele as grandes conveniências, que lhes propunha, e que esperava que ao depoes lhe dessem reposta do que ajustassem entre todos; e se retirou para a cidade. O mais que se passou nestas demandas, como também a vinda do grande Padre Vieira para bem dos índios, deixo para os que melhor, e com todas as circunstâncias a descrevem na *Crônica* da mesma Companhia, Berredo nos seus *Anaes*, e outros: aqui só apontarei, que os tapuias no seguinte ano, em que voltou do Reino o grande Vieira, lhe levaram com muito respeito a dita imagem que lhe tinha deixado em reféns, e com o mesmo respeito a veneraram em todo aquele ano, que a tiveram consigo, com serem rústicos, e gentios; e se puseram nas suas mãos, dando por acabadas as perniciosas guerras de 20 anos, depoes de consultarem entre si as propostas, que lhe tinha dado, depoes das quaes se resolveram a abraçar a fé de Cristo, e fazer pazes com os portugueses.

Muito contente os recebeo aquele zeloso missionário e depoes de os animar, e confirmar os aldeou no sítio chamado Mapau, em que lhe pôs missionário. Depoes se mudou esta missão para a Ilha de Guaricuru, dedicada com ũa boa igreja ao glorioso São Miguel; e ficou expedita a passagem, e navegação do Rio Amazonas, e franca a porta para a extração dos seus muitos haveres, e riquezas, com que tanto se enriquecem os portugueses. Mostraram-se estes muito agradecidos ao grande Vieira, por ter alcançado só, o que eles nunca poderam acabar com as armas, e com tantas mortes; e por remuneração de tantos serviços feitos a toda a república, o expulsaram, e exterminaram com todos os mais jesuítas, que por outros rios faziam semilhantes serviços, e benefícios a nação, para fora de todo aquele Estado, pela culpa de não quererem consentir nas injustas escravidões dos pobres índios, como queriam os portugueses, depois de os privarem das suas terras: mas esta é, e foi sempre a paga, que dá o mundo aos seus mais beneméritos, e maiores benfeitores. Tem vários predicados os índios nheengaíbas, que os distinguem das mais nações. O primeiro é o seu dialecto totalmente diverso dos mais; e dele é, que tomaram a sua caraterística diferença nheengaíba, que quer dizer, má lingoagem. E não sei a razão, porque a chamam má, sendo que os seus missionários, e os mais que dela tem conhecimento afirmam ser uma das língoas mais perfeitas: só atende ao moral; mas também então não são eles, nem sós, nem peiores, que outras as suas língoas; porque tem muitos parentes em todo o mundo: e alguns bem merecem, que lhas arranquem, para não cortarem tanto pelas vidas de seus próximos. São muito ciosos, e tenazes da sua língoa, de sorte, que sabendo também a língoa geral, e sendo a mais praticada entre os homens, as mulheres não hão de falar senão na sua própria, ainda para as confissões anuaes, para a mesma da morte, em que antes se hão de confessar por intérprete, do que pela língoa geral. E isto executam a risca as pobres mulheres por medo, e recomendação dos maridos, que não querem que falem a geral, senão a sua particular, porque não tenham occasião de falar com os brancos, como eles dizem.

A maior galantaria é, que os menores, tanto varões, como fêmeas, falam a língoa geral; nem nisso reparam os pais: mas casando-se, perdem o privilégio, e não se dispensa com nenhuma por nenhum caso, ainda que seja necessário confessarem-se por intérprete, como já dissemos: donde, nem os canarins de Goa, que tem neste abuso muito parentesco com esta nação, são tão ciosos, e tenazes deste dogma da própria língoa: pois ainda que não consentem, que o sexo femenino fale a língoa portuguesa pela mesma razão de estado, que alegam os nheengaíbas contudo na confissão, cessa a obrigação desta lei, *sub poena* de se porem aos maridos as ordenações às costas. Como porém as confissões das tapuias por intérprete trazem consigo muitos inconvenientes, tem-se empenhado muitos missionários a desterrar este abuso, já com práticas, e já com castigos: e posto que já vai em muita diminuição, contudo ainda há algumas, que nem a pao querem largar este abuso: tanto que já houve algumas, às quaes o seu missionário mandou dar palmatoadas até elas dizerem, *basta* ao menos, pela língoa geral, antes se deixavam dar até lhes inchar as mãos, e arrebentar o sangue, até que se resolviam a fazer, o que deviam logo, que era o falar a língoa comũa. O segundo abuso é, que suas mulheres, se não hão de apartar do seu lado, e da sua vista sem seu mandado: eles sim, vão para onde querem, mas elas tenham paciência, que nem ao rio, que tem ao pé hão de chegar, sem expressa licença de seus maridos. Não sabia ainda deste seus abuso um missionário novato, que saindo uma madrugada a ver uns doentes, e achando ũa velha quase nas últimas, a quis confessar, e dispor para a morte: e porque era das tenazes da sua língoa, pelo que devia ser por intérprete a sua confissão, disse a um índio vezinho mandasse lá sua mulher; porém ele não consentindo, que ainda por tão breve tempo, e em tão pia obra se apartasse dele sua mulher, se foi retirando com ela para o mato, muito injuriado da petição; e só voltou a noute para casa; de sorte, que se não se achasse outra intérprete, morreria a velha sem confissão.

Parente deste é o terceiro abuso de não permitirem, que suas mulheres falem com outrem estando o marido na aldea, nem com os mais índios, nem ainda com o seu missionário: e muito menos com os brancos hão de falar. E nas suas doenças, quando é preciso falarem para exporem ao seu padre as suas moléstias, não hão de ser elas, mas os maridos, os que falem. Por estes, e outros abusos, com que tratam a suas mulheres peiores, que escravas, tomam elas tanta pena, que algumas vezes se tem matado a si mesmas: e quando não chegam a esse extremo de desperação, andam amofinadas, tristes, magras, e macilentas, sendo que em quanto menores, e donzelas são bem estreadas, e lindas. Tirados estes abusos no mais são afáveis, robustos, trabalhadores, e sofredores da fome, e sede: porém a grandes diligências dos seus missionários iam perdendo os seus abusos.

Aliados dos nheengaíbas, e [viz]inhos das mesmas terras, e depoes companheiros na mesma missão, são os índios mamainases insignes nadadores, e muito amigos da caça. Como aliados dos nheengaíbas, e vizinhos nas mesmas ilhas os ajudaram muito nas prolongadas guerras contra os portugueses; mas finalmente com eles se acomodaram, e aldearam. Não tem os abusos que dissemos tem os nheengaíbas; e só tem um costume, que denota a sua rara habilidade de nadar, e vem a ser, que sendo dados para o serviço dos portugueses nas viagens do Amazonas ordinariamente lhes fogem das canoas por

um modo galante. Como no seu modo de remar dobram os corpos quando lhes parece o dobram de modo, que mergulham, indo de cabeça abaixo, o remo nas mãos, e vão surgir a baixo a ũa boa distância; e depoes ou se encostam a terra, onde fazem ũa ligeira jangada, ou servindo-se do remo por barco, navegam para a sua aldeia. Também quando lhes parece desertam da aldeia, e se vão meter, e esconder nos matos, principalmente quando se temem de algũa tropa, ou serviço maior, que muitas vezes se oferece. E de tal sorte se escondem por aquelas ilhas, que nem que se busquem com cães de caça, se acham até lá se resolverem a voltar para a sua missão; e alguns há, que por lá vivem anos, e anos, e outros morrem sem que os seus missionários o saibam. São excelentes caçadores, e fura mato, e os melhores pescadores, quando querem: porém não querendo, se escondem, e fazem jejuar os missionários.

A nação Pacajá, que deu o nome ao Rio Pacajá, célebre por ter sido teatro famoso do peso de muitos missionários, que dele desceram muitos índios topinambases, e outras nações para o grêmio da Igreja, é por certo digna de especial menção pela grande diferença que tem dos mais tapuias, porque sendo os mais ordinariamente vermelhos, escuros, e queimados do sol, a nação Pacajá pelo contrário é muito alva, e tão branca, como os brancos, de sorte, que só se diferençam dos brancos, em andarem nus, ou com pouco vestido. Digo com pouco vestido, porque foi a única nação de índios, que na América Lusitana se achou com alguma cobertura, com que cobriam a sua honestidade, tanto homens, como mulheres; estas usando de ũas saias curtas, e aqueles de calções, não porque tivessem este uso do seu princípio, e criação de seus avós; mas porque fugindo do Maranhão uns escravos, foram parar nas cabeceiras deste Rio Pacajá, e deles aprenderam os índios este bom costume. A causa de serem tão brancos dizem ser por se criarem, e viverem sempre nas sombras das suas casas, e debaixo das árvores, com pouco uso, e exercício de andarem ao sol, e por isso este os não tisna e queima como aos mais. Semilhantes a estes, e por semilhante modo de vida sempre à sombra, há outras nações totalmente brancas, como era a que antigamente se desceo no Rio Aragaia, que desagoa quando já vai fenecendo o Rio Tocantins, e na ponta, ou ângulo, que fazem estes dous rios se aldeou esta nação, cujo nome me não lembra; mas feneceo em pouco tempo com ũa tão geral mortandade, que só escapou um rapagão, também alvo, branco, e rosado, como um inglês, que depoes se retirou para outra missão. São os índios pacajás muito moles, e perguiçosos; talvez por estranharem o modo dos mais índios, e seus trabalhos, a que eles não estão acostumados pelo abrigo das árvores: e por isso praticados, e descidos para uma missão, dela tornaram a fugir muitos, e os que ficaram se mudaram para outras mais distantes, para lhes tirar a tentação de fugirem, e o amor da pátria.

A nação chamada Cabaços merece o nobre título de grandes da América; assim como há grandes de Espanha, porque são os que mais avultam, assim também os cabaços merecem chamar-se grandes *[ilegível]* da América, porque são os que nela mais fazem de pessoa, e mais avultam. E se o ânimo, e as forças igualassem a grandeza do corpo seriam parentes dos antigos gigantes, e podiam ser o terror de todo aquele mundo americano. São de estatura agigantada de sorte que sobrepujam os homens ordinários desde os ombros para cima, e alguns desde os braços, e peito: e há meninos de 10, 11 anos mais altos, que o ordinário em 20, e 25 anos nos mais homens, merecendo já então o título de alteza, em cuja presença se vem todos reduzidos,

e humilhados a pigmeos. Havia alguns desta nação em uma fazenda dos jesuítas junto quase ao Pará, onde casavam com outros de outras nações de estatura ordinária, e admiravam os europeos quando falavam entre si mulheres com maridos, *et vice versa*, um alto, e outro ordinário, melhor direi um gigante, e outro pigmeo: porque o de estatura ordinária, e o mesmo fazem os europeos, e mais gente, levantam a cara, e olhos para cima, bem como ũa criança, quando fala com um homem. De sorte que eles mesmos andam como envergonhados entre os mais, e por isso se encolhem quando falam, ou estão na presença de outros: nem consentem, que lhes tomem a medida, os que por coriosidade* ou admiração o pretendem. São ordinariamente megros, de ânimo, e espírito cobarde, defeitos, que os excluem da classe dos gigantes, e fazem verificar neles o comum ditado — homem grande, besta de pao —. Porém quadrando-lhe tanto o referido ditado, neles inteiramente falha o comum adágio — não há filho maior, que seu pai: proque alguns pais parecem pigmeos a vista de seus filhos, ainda na menor idade dos anos; por saírem alguns filhos às mais altas; e outros de estatura ordinária, como os pais, ou *vice versa*. Há muitas outras nações, que também sobrepujam muito na altura aos mais homens; como é a nação dos Gamelas no Maranhão, cujos índios tão bem são homenzarrões. Chamam-se gamelas, porque no beiço de baixo, que tem furado, e com um grande rasgão, metem uns paos com feitio de gamelas, onde deitam o comer, e beber, e da gamela o sorvem para a boca. Brutalidades!

CAPÍTULO 19º

CONTINUA-SE A MESMA MATÉRIA

Entre as muitas nações gentias, que habitam nas ilhas, e matas do Rio Tocantins, há ũa muito especial, a que os portugueses chamam a nação dos Canoeiros. A sua vida é andarem sempre rio abaixo, e rio acima, já pescando, já caçando, e já divertindo-se: porque não lhes dá cuidado, o que hão de comer, e vestir; e de quando em quando assaltando as fazendas de gado, que tem alguns portugueses nas suas margens, para o que se servem de uns cachorros tão grandes, e valentes, que brigam, e matam as onças, e tigres. E muito mais atracam, e seguram o maior touro no meio de uma cam-

---

* coruriosidade, no ms.

pina, até o índio dono do canzarrão chegar, e o matar: de sorte, que com estes cachorros não necessitam, nem de cordas para segurar o boi, nem de balas para o matar; porque os cães os avançam, e seguram, por mais que o touro urre, e forceje para lhe escapar das presas. Em algumas ciladas já os brancos tem apanhado alguns destes cães; mas debalde: porque são tanto, ou mais bravos, que os índios seus donos; pois nem com afagos, nem com castigos os podem domesticar, fogindo da gente branca, e europeos, como muitos peccadores da igreja, e confissão, e como o diabo da cruz. Supõe-se, que assim os tem ensinado os donos, para os quaes fogem em apanhando alguma aberta. Mas o não se poderem domesticar, nem por bem, nem por mal, dá bastante fundamento a se ajuizar, que o diabo, grande canzarrão, lhes berra nas tripas; porque não há animal, que não se amanse, ainda que seja o mais feroz tigre, e bravo leão: e quando não haja outro remédio, a fome, e sede é um grande meio para domar qualquer fera. Seja porém esta, ou aquela a causa, eles são as melhores armas, os mais seguros valentes, e a melhor companhia dos canoeiros: e se tem força e presas capazes de segurar um touro, como se fosse um cordeiro, muito mais as terão para filar, e segurar qualquer homem: Deos nos livre de semilhantes canzuadas. Talvez são raça dos mastizes ingleses, que são filhos de cadela, e tigre, e saem os filhos mais ferozes, que os mesmos tigres.

Não são porém estas as mais notáveis habilidades dos canoeiros; mas sim a sua grande destreza em nadar, mergulhar, e andar por baixo da ágoa, como se fossem peixes: e se o não são por natureza, não se lhes pode disputar o serem anfíbios por creação. São tão peritos nadadores, e insignes mergulhões, que andam sempre rio acima, rio abaixo, sem medo de que as suas pequenas, e ligeiras embarcações se alaguem, e virem eles a morrer afogados; antes de propósito muitas vezes as alagam, e metem no fundo para escaparem com vida. Por quanto assim que sentem algũa embarcação de brancos, que lhes vem pedir, ou ajustar contas dos bois, que lhes tem furtado, e morto com os seus cachorros, logo os canoeiros se metem nas suas canoinhas, e fogem pela correnteza abaixo, como uns pássaros: e se isso não podem, ou não querem fazer? então metem as canoas a pique com muita facilidade, que para isso já as tem feito de modo, e feitio, que em querendo as alagam, e metem no fundo com incrível destreza; e eles com a mesma facilidade tão bem mergulham, e nadando por baixo da ágoa, vão surgir a muita distância, onde seguros se riem, e zombam dos brancos, que logrados, e mais que admirados, suspensos, se põe a chupar nos dedos em seco. E como as suas redes não são aptas para pescarem taes peixes, dão as costas e bem a seu pesar se retiram baldados, e logo os índios, que estão à mira nadando vão ao mesmo lugar onde alagaram as canoas, e mergulhando abaixo as buscam, e trazem acima, por mais fundo que seja o rio, e por mais tempo, que seja preciso gastar para as achar. Que selectos mergulhadores para pescadores das pérolas na costa da pescaria! Trazida acima a canoa, também com facilidade lhes despejam a ágoa, e metendo-se dentro, continuam nos seus divertimentos de andar rio abaixo e rio acima, sem lhe dar cuidado o enxugar a roupa. E não só os homens, e índios adultos tem esta habilidade, mas também as mulheres, e meninos; e por ela, e pela mestria e malagar, e desalagar as suas canoas, lhes chamam os portugueses canoeiros; melhor os chamariam mergulhões.

Ficam por esta sua destreza sendo inconquistáveis os canoeiros com grande impedimento para a navegação, e comércio do Rio Tocantins, que

abaixo do Amazonas, é o mais importante rio, não só do Estado do Pará, mas ainda de toda a América Lusitana, por razão de ser o mais breve, e accomodado caminho para todas, ou quase todas as minas. Digo inconquistáveis: porque que tropa de brancos; ou que soldados os podem atacar debaixo da ágoa? Só fazendo-lhe esperas, ou atacando-os na sua povoação, ou lugar de domicílio, que ategora se não sabe, onde seja, mas presume-se ser alguma ilha no meio do rio; ou que são de corso, como os muras, garupás, e outras nações volantes; e se eles tivessem algũa luz da fé católica, e da eternidade, que nos espera, ou de penas, ou de (de) glória conforme as boas, ou más obras de cada um, poderiam ser bons exemplares para nós seguirmos, e à sua imitação abraçarmos a doutrina de São Paulo — *Non habemus... civitatem permanentem, sede futuram inquirimus** — : mas não percebem esta verdade. Quem pois só os poderá conquistar, será algum fervoroso missionário, que pela maior glória de Deos, bem das suas almas, e interesse dos portugueses, arrisque a sua vida, e se exponha a ser alvo das suas frechas, e iguaria dos seus banquetes (embora, que por fim de contas, e por remuneração do bom êxito, seja exterminado para fora do Estado, como se tem feito aos mais missionários); porque só estes são, e tem sido sempre os melhores, por não dizer únicos, conquistadores das mais ferozes nações, e dos mais invencíveis inimigos com a boa companhia de se uSanto Cristo, e mansidão de ovelha — *Ecce ego mitto vos sicut oves, inter lupos*** — armas mais poderosas, do que lanças, espingardas, bombardas, e mais petrechos bélicos, que tem inspirado o sanguinolento Marte para subjugar inimigos indomáveis, de que não faltam exemplos nas crônicas, e histórias antigas, e modernas. E para que ninguém duvide desta verdade, ainda sem sair da mesma América, a farei evidente com tantas testemunhas, quantos são os topinambases do Brasil, aos quaes só um Anchieta fez depor as armas; quantos são os nheengaíbas do Pará, aos quaes só um Vieira rendeo, e os barbados do Maranhão, aos quaes unicamente um Alagridão *domuit, non ferro, sed ligno:**** o mesmo sucedeo com outras muitas nações, que só renderam vassalagem às Quinas de Portugal, depoes que os jesuitas os fizeram adorar as chagas do nosso Redemptor, e alistar debaixo das suas bandeiras por meio do santo baptismo.

Deixados porém já os anfíbios canoeiros, vamos agora ver, e admirar a nação *[em branco no manuscrito]* cujo predicado de terem os pés tortos, os distingue, e singulariza, não só de todos os mais índios da América, mas também de todas as mais nações do mundo. Tem pois esta nação o costume de entortarem, e virarem para trás os pés aos filhos quando tenros, de sorte que assim lhe crescem, e arraigam, como se assim os desse a todos a natureza; vindo a ser neles afectada indústria, o que em outros seria monstruoso aleijão. Vê-se nestes índios quanto pode o costume; pois como se este fora natureza, ficam neles tão naturalizados os pés tortos, e às avessas, como os direitos nos mais; e por isso andam, correm, brincam, dançam, saltam, e se alegram, como

* Lat.: Não temos... uma cidade permanente, mas procuramos uma futura. *Hb.* 13.14. O autor parece citar sempre de memória. O latim da *Vulgata* diz: "*Non... habemus hic manentem civilitatem, etc.*

** Lat.: Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. *Mt.* 10.16. A *Vulgata* reza: "*in medio luporum.*"

*** Lat.: domou, não a ferro, mas a pau.

qualquer tapuia são, e escorreito. Verifica-se aqui o adágio, que — de pequenino se troce o pepino — e que tão poderoso é no moral como no físico o costume da boa, ou má educação dos meninos, não porque a *teneris assuescere multum est,** mas também porque — *mos est altera natura.*** São pois estes índios o avesso das mais gentes, além de outro predicado de serem famosos guerreiros, e afamados papões de gente. Nem há nações, que lhe possam escapar, e não estarem precatados; porque quando os contrários cuidam, que eles fogem, então acometem, quando os supõe para um lado, estão do outro; e quando pelas pegadas julgam, que eles vão na vanguarda, então lhe vem picar, e atacar a retaguarda. Em suma, homens às avessas, e homens de pé quebrado. Que haja homens às avessas, e homens de pé quebrado no sentido moral, não é novo no mundo, antes muito ordinário, e usado, que a cada passo se encontram similhantes monstros: mas no físico suponho, que são singulares no mundo estes naturaes do Novo Mundo.

Não é tão abominável o costume de outros índios em fazerem os pés redondos: para também não faltar esta monstruosidade no mundo, assim que nascem, lhe vão as mães espalmando os pés para as bandas, e ao mesmo passo impedindo o crescerem para diante: do que se segue, que ao mesmo tempo, que os meninos vão crescendo, se lhes vão os pés espalmando, e vem a ficar em poucos anos, não só redondos, mas muito grandes, tanto, que quando querem, assentando-se, o levantam contra o sol, para lhe fazer sombra, e cansando um, levantam o outro, sem necessitarem de mais chapéo de sol. Tem mais outra conveniência, e é o andarem mais seguros de cair: ao contrário do uso das mulheres chinas, que pela maior parte afectam ter uns pés tão pequeninos, que mais parecem pés de cabra, do que de gente; e como cabras estão continuamente a bulir com eles, quando estão em pé, pelas dores procedidas do peso do corpo, para cuja mole são fraca base os seus pés quebrados. Criam-se assim de pequeninas à força de tractos, e ligaduras, com que atam os pés quebrados, e dedos dos mesmos metidos debaixo do peito dos pés, e sendo deste modo a ficar pés fechados, como, e ainda muito mais, do que pode ficar ũa mão bem fechada. Tem isto por bizarria, enfeite, e formosura; de sorte, que ainda que na formosura do rosto possam competir com as Helenas, se não tem pé de cabra, por mais que se adornem, nunca ganharão a estimação, e patente de lindas, e bem vistas, ou vistosas. Mas sendo os pés pequeninos, ainda que o carão seja o peior do mundo, são envejadas das mais louvadas de homens, e mulheres, e de todos estimadas por formosas, e como Helenas buscadas. Daqui vem, que quando algũas mulheres se ajuntam por occasião de visita, ou de qualquer outro motivo, a primeira cousa, que fazem é olharem-lhe para os pés, como medida, espelho, e cifra da formosura sínica, e sendo de cabra, logo todas *una voce**** exclamam — que lindos, que formosos pés! — Por esta causa a modéstia lá encerra-se em não olhar fixamente para os pés das mulheres; mas devem se fixar no rosto, ou olhar para os lados: porque o primeiro além de ser imodéstia, denota má intenção; o que não denota, o pôr os olhos fitos na cara, ainda que seja a maneira de cágado, que está chocando os ovos. Eu nem louvo, nem condeno estes usos, que outros não sem causa chamam abusos; mas só digo, que estes tapuias, com serem mais rústicos, e brutos, andam mais pelo seguro: e posto que alguém os note de se assemilharem muito às

* Lat.: Muito importa acostumar desde a infância. *Verg.*
** Idem. O costume é uma segunda natureza.
*** Lat.: a uma só voz.

bestas, eles, e não só eles, tem para si, que é digno de louvor o ser um homem pé de boi; porque sempre andam com muito boa segurança, em tudo, os que por tudo imitam os passos seguros deste animal.

Os índios iaguains, que dissemos acima serem inimigos jurados dos gurupás, além de se fazerem temidos por papões, ou papa gentes, tem também seu distinctivo, que os diferença das mais nações, e é o terem a cara riscada: não toda mas nas faces, em que se jarretam com algum dente de cotia, de sorte que fiquem os golpes permanentes, em que fazem seus debuxos, e florões. E sendo, o cortar um por si acto de vertude, e acção muito virtuosa, nos índios iaguains é acto vicioso; porque o fim porque o fazem é a fim de parecerem galantes aos seus, e mais medonhos, horrososos, e feios a seus inimigos: e por sinal de que são homens de distinção na robustez, e valentia afectam a fealdade nisto, como os brancos afectam a formosura: e se nos brancos é vitupério o ter a cara jarretada, para os iaguains é louvor. Tem as suas povoações no Rio Topajós poucos dias acima das catadupas.

Há muitas outras nações com distinctos predicados, que na verdade mereciam especial memória na história; como são goianases excelentes caçadores, e fura matos, os iranambés, e barbados, meios gigantes pela sua grande corpulência, e ânimo intrépido para acometer não só aos homens, mas também as feras, digo brutos mais ferozes, quaes são os bravos tubarões, com os quaes brigam, acometendo-os no mesmo mar armados com um bom zarguncho, que lhes metem pela boca, quando com ela aberta vem para os despedaçar, e comer. E não é menor a sua habilidade na pesca das tartarugas do mar, em cujas praias levantam compridos esteios, e postos em cima como sentinelas a mira, quando vem debaixo da ágoa a tartaruga, ainda que com muitas braças de fundo, lhe dão um tal assalto, que ao mesmo fundo a vão buscar, não só para comerem a sua carne, mas também para venderem os seus cascos. Tem outras habilidades de iguaes forças, e ânimo. Os índios goijarases, de que há duas nações, uma de estatura mediana, e outra de corpo agigantado, cuja diferença explicam no mesmo nome de — goijarases açus, bastantes a meter medo só com a altivez do corpo: e contudo vencidos de ũa nação pigméa sua contrária, não por superioridade de forças mas por maior valor, e esforço de ânimo; e não em competência de lutas, mas com estartagemas e ardides de Marte.

E como estas há muitas outras nações, descriptas já nas *Histórias* de Manoel Rodrigues* no seu Maranhão, e Amazonas, Vasconcelos na *Crônica do Brasil,* Berredo nos seus *Anaes Históricos,* e muitos outros, onde as poderão ler os curiosos. Mas como o meu principal intento é não tanto descrever os índios, quanto as suas terras; não tanto em atenção a história natural, quanto às riquezas do inapreciável tesouro do Amazonas, basta esta sumária notícia das mencionadas nações, para que os leitores formem algum conceito das mais. Isto só advertirei, que são tantas as diversas nações do Amazonas, que há missão, e povoações já domesticadas de 30, 40, e mais nações distinctas, não só nos nomes, mas também nas língoas: porque as missões se compõe de diferentes, pelos diversos descimentos, que fazem os seus missionários já desta, e já da outra nação; e por este cômputo se pode formar conceito da sua multidão, e diversidade. Os nomes, com que ũas, e outras nações se nomeam, e distinguem, são derivados em uns de algum costume, ou abuso, que usam entre si, como são os cambebas pelas suas cabeças cha-

---

* *Roiz,* no ms.

tas, os jurenas pela boca preta, e assim outras. Outras tomam os nomes de algũas feras, e animaes bravos, para indicarem a sua brutalidade, e fereza, como os juguaretes, que quer dizer — bravos como onças, e tigres. Outras tomam os nomes de lindos pássaros, para inculcarem, e denotarem a sua beleza, que só é no nome. Outras apropriam a si os de árvores, outras os dos rios, em que habitam, e assim as mais. Há também nações com nomes europeos, como são ũa chamada cesareana, outra catalânea: mas discorrem os práticos, que estes nomes lhes ficariam de alguns espanhoes dos primeiros descubridores, que metendo-se com algũ nação, e casando com índias, foram introduzindo nos filhos, e deles estendendo-se aos mais, os nomes das suas nações desde o reinado do grande Imperador e Rei de Castela Carlos V, em cujo governo mais se estenderam na América os castelhanos. E como ainda hoje há brancos, que esquecidos da sua alma, vão viver com os tapuias, para com toda a liberdade poderem viver gentios, e lhes dão o nome próprio do seu mao ofício — cunhamenas — isto é, marido, ou homem de muitas mulheres; assim também os haveria então, e deles herdariam aquelas nações estes nomes de catalânea, e cesareana. Confirma-se este discurso por alguns debuxos, que ainda hoje se acham, e imitam vários índios das águias imperiaes de duas cabeças e duas caudas, que não poderia ser de outra sorte, senão de verem algumas medalhas, ou pinturas das ditas armas. E alguns índios mansos na volta dos matos da colheita do cacao trazem pintadas nas suas camisas as águias imperiaes, talvez por lá encontrarem tapuias bravos ornados com a sua efígie. Também pode muito bem ser, que da famosa tropa de Pizarro, que já dissemos, mandada ao descobrimento do Rio Amazonas, da qual ficaram mortos pelos matos tantos soldados, ficassem também outros dipersos, por não poderem acompanhar os mais, e casando-se, deixariam em memória os nomes da sua pátria, e do seu monarca.

CAPÍTULO 20º

DA CONDIÇÃO DOS ÍNDIOS DA AMÉRICA

Posto que os índios sejam grandes comilões, e verdadeiramente alarves, quando o tem, e na verdade tem muito, já no muito peixe dos rios, já na muita caça dos matos, e já nos grandes açougues, e fartas ocharias de carne humana, são também muito sofredores da fome, quando não tem que comer, e são de tal condição, que com qualquer fraca comida, e sustento medram, crescem, e engordam. Vê-se bem esta verdade nas mulheres, e nos filhos, quando os maridos se ausentam por 6, 7 ou 8 meses, como é muito ordinário nas missões portuguesas, em que os maridos vão ao serviço dos brancos, em

cuja ausência ficam as mulheres, e filhos sem ter quem lhes busque a caça, e pesque o peixe; e apenas tem algum bocado de farinha, e alguma fructa do mato, e contudo andam bem nutridas, gordas, e valentes, sem mostras, de que padecem falta. Porém assim como facilmente passam, vivem, e engordam, também facilmente emagrecem, se definham, e morrem nas doenças, como se as suas carnes fossem só balofas, e sem substância. Daqui nasce o serem muito mortaes, se os seus missionários nas missões, e seus amos nas fazendas não cuidam deles, como devem. Também são muito desanimados; e em apreendendo que morrem, é infalível a morte. Apontarei aqui algumas das suas doenças, particularmente das que de ordinário são mortaes.

Seja a primeira a constipação dos poros nos resfriamentos, que na América é muito usual, por rezão dos seus muitos calores: porque fiados neles os índios, e europeos não põe o resguardo necessário nas occasiões, por se porem uns ao vento estando suados, e outros estando cansados, se meterem na ágoa; o que em tapuias é muito ordinário, e por outras muitas causas: e se não se lhes acode a tempo, passam a malignar-se, e lançam na cova com muita facilidade. E socede isto mais facilmente aos tapuias mansos das aldeias, do que aos bravos; porque os mansos remando nas canoas dos brancos, não tem tanto vagar, e comodidade para lhos acudirem; mas quando podem, usam de braseiros por baixo das redes, como é seu costume em todas as doenças; e ainda que não queiram, lhe sua bem o tupete: deste modo expelem o frio, excitam o calor, e evitam muitas vezes a morte. É também muito usado nas missões para estes suadouros o remédio das navalhas, ou ũa barra de ferro em brasa corrida muito subtilmente pelos lombos dos constipados, ou pouco levantadas. E dizem os práticos de índios, que estes são os próprios suadouros para tapuias; por terem a pele grossa, e bem cortida; e por isso neles seriam baldados os mais usados de gente melindrosa, e mimosa. Também o suadouro de água ardente da cabeça (sendo que toda ela é de cabeça e faz dar cabeçadas, quando é demasiada) é remédio muito aprovado. Queima-se em um tacho e o doente assentado na sua rede (são óptimas para isso) e bem cuberto lhe toma por cima as dores na chama, calor, e fumo: e se é necessário se repetem estas estufas duas, e três vezes; e assim como bebida levanta os vapores, e faz sobir os fumos à cabeça, assim nos suadouros abre os poros, excita o calor, produz suor, resolve, e expele o frio com bom efeito especialmente nos europeos, dos quaes é mais usado. Há muitos outros modos de suadouros muito usados na América: dos quaes apontarei um, de que alguns usam pelo seu bom efeito ainda que pareça violento. Cozem em um tacho, ou panela bastantemente grande algũas ervas medicinaes como são mocura caa, pajé, merioba, e muitas outras aperientes; e depoes de bem fervidas, e a ágoa alterada no seu maior fervor, se assenta o doente (alguns o tomam de pé) em uma cadeira furada coberto com boa roupa, e entretanto que vai embebendo o calor, e expelindo o suor por um bom quarto de hora, tem já preparados, e vermelhos em brasa alguns ladrilhos, seis, ou os que querem, e no segundo quarto vão lançando na dita panela os ladrilhos de espaço a espaço até se acabarem, os quaes não só vão conservando o grande calor da panela, mas alterando a ágoa, e levantando com o calor os fumos, e eflúvios das ervas; e são alguns tão exactos nestes sudoríferos, que os aturam por meia hora de ampulheta, que tem à vista, e ordinariamente é tanto o suor, que corre em bica; e ainda depoes abafados na cama suam, e tresuam os constipados.

Não só nos resfriamentos e constipações usam dos suadouros, mas alguns em todas as suas doenças internas, e febricitantes tomam alguns sudoríferos por disposição aos mais remédios, e para discernir a qualidade da doença, se pecca por fria, se por calor; e dão este fundamento. Na América andam mais expostos, e dispostos os corpos a contracção do ar, e frio, do que do calor: porque pelo mais intenso calor do sol andam os poros abertos, e assim se põe ordinariamente os calorosos ao fresco do vento, e refresco dos banhos, que por acharem tão dispostos os corpos facilmente lhe introduzem o ar, e frio, e já então ficam as doenças, se não de todo curadas, muito diminutas, e atalhadas. E quando procedem de calor os suadouros o dão a conhecer; e a doença conhecida facilmente se cura. *Additur,** que em todas as doenças é mui profícuo o suor; porque nos excrementos lambicados saem muita parte dos incentivos, ou motores. E posto que este discurso é dos praticos brancos, e europeos, também a sua praxe é mui usurpada dos índios, os quaes, como já dissemos, em todas as suas doenças internas, e febres, por mais agudas que sejam tem sempre debaixo de si algum braseiro.

A segunda doença muito usual na América (posto que ainda é mais ordinária na Europa) são catarros, e as vezes dão com muita força, doença tanto mais perigosa quanto mais desprezada; porque muitas vezes são mortaes os catarrões; e em algumas partes são epedimia, e deitam muita gente na cova, com grande trabalho dos que as abrem, mas com muito lucro dos párrocos, que enriquecem com a morte dos fregueses, menos os dos índios, que não tem mais ganância, que o seu trabalho. Para os curar usam também muito de sudoríferos, já por fora em suadouros, e já por dentro em xaropes os quaes tem excelentes os americanos, já na ágoa ardente queimada, já no chá ordinário, café, e muitas outras ervas sudoríferas:, e sobre todas a raiz de pajé merioba, que obra prodígios mais que o chá de violas, o chá de pimenta cozida, cebolas, e outros das boticas. Quando os catarros excitam tosses seccas tão desesperadas, que as vezes despedaçam os doentes, e muitas outras degeneram em esquinências, garrotilhos, e pleurises, também usam de remédios próprios do país, sem necessitarem de acudir às boticas: porque nas suas muitas ervas, raízes, e arbustos tem os americanos boticas bem providas porquanto para as tosses seccas tem o alcaçuz, e o seu extracto, além dos gargarejos bem sabidos, e usuaes, e os xaropes acima: para as esquinências tem a raiz do alcaçuz bravo, chamada pelos bons efeitos desta doença — raiz da esquinência — que atada ao pescoço não deixa passar para baixo o mal. Para o guarrotilho, e pleuris, tão difícil de curar, e perigoso, apontarei aqui um remédio caseiro, tanto mais eficaz, quanto mais fácil, como afirmou um missionário do Amazonas, que por vezes o experimentou com bom sucesso; e um curioso o inculcou a um cirurgião, que actualmente estava gemendo com um pleuris. E posto que então repugnou a tomá-lo, não pelo julgar ineficaz, como dizia; mas porque preferio os remédios da arte, com discursos tão verbaes e escuros, das suas palavras tanto mais ininteligíveis, quanto mais médicas (não podem sofrer, que alguém lhes dê regras, ainda que padeçam grandes dores, como este padecia) mas como os da arte não sortiram efeito, vio-se obrigado a lançar mão dele com bom successo, e perfeito alívio, como já teria experimentado, se não fosse cabeçudo. É pois o remédio ũas castanhas de cavalo frescas, ou se são seccas, por não haver comodidade de haver com brevidade as frescas, se borrifam com água, e se fritam: depois de bem fritas, se espalmam em

* Latim: Acresce.

emplasto borrifado com mostarda tisnada ao fogo em um testo; logo se lança o emplasto sobre a parte lesa com todo o calor, que poder sofrer o doente, o qual, em cousa de meio quarto, ou menos experimentará o bom efeito livre totalmente das dores, e se ainda fica algũa febre, já facilmente se cura com a sangria.

Não são menos perigosos os catarrões, defluxionários, quando o defluxo cae no peito, e gera postema, que se se não acode a tempo, e chega a arrebentar, muitas vezes lança na cova tão depressa, que é necessário aos doentes terem feito testamento, e aos missionários, e párrocos (se já tem administrado os sacramentos aos mesmos) acudir-lhe com a Sancta Unção, para que morra com todos os sacramentos porque ordinariamente poucos escapam: e o peior é, que se antes não estão bem confessados, como deviam, já então o não podem fazer, pelos sufocarem os postemas; e em taes apertos levam uma absolvição por cima das botas, a que se segue pouco depoes um *Requiescat in pace**: que a pobre alma, Deos sabe para onde vai! Há porém algũas ervas, que tem especial vertude contra os postemas: porém como o meu intento aqui, é só apontar as doenças mais ordinárias na América, deixo para novo Tratado a notícia da sua vertude medicinal. A doença das bexigas, posto que em toda a parte seja perigosa, nos índios é declarada peste; não porque esta má fazenda seja própria da América, e muito menos do Amazonas, mas porque entre as mais fazendas de contrabando, que tem levado as frotas, levaram também esta droga nos pretos: e logo acha tão boa disposição nos índios, que quando lhes dá, dá com força, levando quase todos a fio em qualquer povoação, e morrendo a milhares, se os tapuias não tem a prevenção, ou não podem tê-la, de se tirarem, e retirarem para os seus sítios, e matos. É bem verdade, que nas suas povoações, e missões, como tão separadas umas das outras, se podiam muito bem preservar desta, e outras epedimias, se nelas houvesse, e pudesse haver a economia, e provida cautela das repúblicas bem governadas, de não se deixar chegar embarcação alguma de outras partes já infecionadas. Porém, como os missionários, que as governam, são missionários, e os índios são tão afortunados, que nada podem *coactive*,** sucede que qualquer branco (e muito mais se é militar, ainda que seja soldadinho) zomba dos índios e muito mais de qualquer missionário, que sabe não há de prendê-lo, nem atirar-lhe à espingarda.

E posto que nas leis municipaes esteja acautelado o como hão de aportar nas missões as embarcações etc. se elas ainda na mesma corte se não observam, onde são tantas as justiças, tão exacta a vigilância, tão rigorosas as cadeias, e tão obrigatória a soberania, e presença dos príncipes, quanto mais naqueles sertões, e tão distantes aldeias, onde a cada passo se atropelam, e conculcam de propósito as leis por rebendita aos missionários, e por isso mesmo, que eles procuram a observância delas? assim o fez um militar chegando de noite a uma fortaleza, ou ao caminho, que estava perto dela, e se dividia em dous; um, que guiava para a fortaleza, outro para uma vizinha

* Lat.: Descanse em paz.

** Lat.: A força, por coação.

aldeia de índios; e por não ser ainda prático, em lugar de tomar o da fortaleza, ia seguindo o da aldeia com a sua tropa militar. Mandou o missionário advertir-lhe o engano, com advertência das ordens, que naquele particular havia. Respondeo o militar por palavra e muito mais por obra — que era certo o engano; porém que por isso mesmo se havia de ir meter com os seus soldados na aldeia, por saber era contra a vontade do missionário, e proibição das ordens. — Este é o caso, que naqueles longes fazem das leis, e dos missionários assistentes nas aldeias, e missões! Donde vem, que não há tempo reservado para qualquer embarcação, que quer chegar, embora, que leve todos os seus remeiros, e passageiros infecionados, ou tocados da peste das bexigas, ou do sarampão (que é igualmente pestilentes para os índios) antes por essa mesma razão hão de aportar para largarem os doentes e pedirem novo provimento de marinhagem; porque só atendem ao seu negócio, e conveniência, morram, ou não morram todos os índios não lhes dá cuidado; e deste modo tem acabado tantas, e tão populosas povoações, de índios, e as mais ficam tão exaustas como testemunhou um governador na conta que deu à Corte do estrago, que fez ũa destas epedimias de sarampão no ano de 49, ou 50, em que passaram de 30.000 os mortos nas missões: de sorte, que em umas morreram 500, em outras 600, e em outras mais, ou menos. E se não se der providência, para que nas taes occasiões destes contágios não possam chegar embarcações às missões, vilas, e aldeias, sem primeiro fazerem a costumada quarentena debaixo de graves penas, e com jurisdição nas mesmas povoações concedida aos seus respectivos índios, ou aos que os governam, para que possam prender, e meter em ferros aos transgressores, e se for necessário remetê-los à cidade, como se costuma fazer nas vilas, e povoações de qualquer nação, ficarão lestas as aldeias e acabados os índios em mui breve tempo.

Costumam porém neste tempo os índios, que estão nas aldeias retirar-se aos seus sítios, que tem dispersos pelos matos, e neles escapam muito bem, se não vai também por lá alguma canoa de brancos, como costumam, e lhes introduzem a peste com grandíssimo incômodo para os índios, e missionários: para aqueles, porque lhe metem a peste em casa: para estes, porque os fazem andar em uma roda viva, e contínuo desassossego, correndo todos os sítios, e visitando os doentes, assim para lhes assistirem com os sacramentos, como para os remediarem com as mezinhas do corpo: quantos males causa uma imprudência de qualquer branco, só por atender ao seu negócio! O sarampão, como já dissemos, também é epedimia nos índios, e tão cruel, que no ano de 1749, ou 50, feito o cômputo pelo maior passaram de 30.000 os mortos nas missões. É bem verdade, que não era propriamente o serampão, que os matava, como observaram alguns curiosos ordinariamente saravam do sarampão, mas depoes de alguns dias se viam assaltados os convalescentes quase de repente com febre maligna, que corrompendo-lhe os intestinos, e degenerando em bicharada de lombrigas em poucos dias os matavam com molestíssimas diarréas: e tudo provinha de dois princípios; primeiro de não terem sido bem curados no sarampão, cujos pestíferos humores por não expelidos foram malignando-se em corrupção. Segundo em não haver algum, que, ou por curiosidade, ou por ofício, se resolvesse a abrir algum cadáver, e fazer nele anatomia: porque vendo a grande multidão das lombrigas, já aos mais se poderia acodir com os remédios convenientes.

CAPÍTULO 21º

CONTINUA-SE A NOTÍCIA DOS POVOADORES DO RIO AMAZONAS

Porque julgo será bem aceita a notícia das povoações mais principaes, que tem o Rio Amazonas, de que demos já algũa memória nas que tem de fora da barra; e porque também pertencem ao tesouro descuberto neste rio máximo, de cujos habitantes já dissemos, posto que só em suma, alguma cousa; principiaremos a descrevê-las, por onde também os navegantes o principiam a navegar, que é a bela, rica, grande, e nobre cidade do Pará. Está esta cidade situada sobre uma grande baía formada pelas águas do braço austral do Amazonas, que para o Sul deita para Tajuparu, engrossado com as muitas ágoas, que recebe dos Rios Guanapu, Pacajá, Jacundá, Araticu, e principalmente do famoso Rio Tocantins, onde ajunta com as ágoas do Rio Moju, e propriamente na sua foz na banda do Nascente em uma quase península em um grao de latitude, 30 légoas pouco mais, ou menos acima do Cabo da Tigioca. Tem a sua frente para Poente, e o seu comprimento de Norte a Sul, seguindo as belas praias, que forma a baía, que corre de Sul a Norte. Podia chamar-se sem exageração duas cidades: porque é quase dividida pelo meio com um pequeno desaguadouro de vários pântanos, que tem nas costas, e sobre ele uma pequena ponte, por onde se comunicam os moradores de ũa, e outra cidade e outra, que lhe corresponde no fim de outro quase alagadiço, que tem entre ũa e outra; e não só é baixa neste meio, mas também em algũa parte das suas ruas, onde chega a entrar-lhe a maré nas maiores ágoas de março e setembro. Contudo para os lados é terra mais alta, e mais aprazível, ainda que em tudo seria mais bela, e mais sadia, se fosse formada na Ilha de Cabi, como dissemos acima: seria mais sadia, porque padece alguma cousa de doentia, por causa dos seus pântanos, e alagadiços. É das maiores, e mais populosas da América Portuguesa; e talvez que também das mais ricas, por acodirem a ela todas as riquezas de todo o Amazonas de todo o destricto da Majestade Fidelissima, e ouro das minas de Mato Grosso, e das mais, que tem o rio nas suas margens; e pouco a pouco irá concorrendo das mais minas, por lhes ficar muito em cômodo a serventia, e comunicação pelo Amazonas, e seus colateraes para o Pará para as mais cidades, como bem se vê pela experiência nas sobreditas minas de Mato Grosso, cujos moradores gastavam antes um ano inteiro para lá chegarem do Rio de Janeiro, e agora fazem viagem redonda, isto é, ida e vinda, em seis meses pelo Amazonas, e Madeira; e será maior a comodidade das mais minas por estarem mais perto. E já os moradores do Pará parece o advinham; porque já corre entre eles ũa como profecia, de que a sua cidade se há de vir a chamar o Porto do Ouro. Na verdade não tem necessidade disso, porque já agora é das mais opulentas, pela cópia, e preciosidade dos seus gêneros cacao, salsa, cravo, café, paos preciosos etc. e bem mostra já a sua opulência; porque as suas casas são palácios, as suas salas tudo são

ornatos, o seu traje é sedas, e os seus víveres todos são baratos; pois ordinariamente não excede a vaca no açougue o preço de 7 rêis, e ordinariamente é a 6, e 5 réis: e assim é respectivamente no mais.

E se nos seus palácios e material é nobre, e rica, muito mais o é no formal, por ser cidade episcopal, com uma sumptuosa matriz, que pode competir com as mais formosas do mundo tanto no formal, como no material, feita de soberba abóbeda, e à moderna, com ornamentos dignos da sua engenhosa arquitectura, digna dádiva do piíssimo Rei o Senhor Dom João V, de boa memória. No formal; porque tem um muito nobre, e ilustre cabido de cônegos, beneficiados, e capelães, com um seminário de meninos de coro, e música tão excelente, que as funções sagradas, e culto divino se fazem, e celebram com tão grande esplendor, como se podem celebrar nas mais magníficas catedraes da Europa, com renda suficiente para não só conservar, mas também para augmentar cada vez mais a perfeição do culto divino, e do material de tão magnífico templo. É capital, e cabeça de Estado com Capitão General, que nela reside, depoes que se separou do governo do Maranhão, no ano de 1750, com nobre magistrado, e ofícios necessários as mais bem governadas, ou regaladas repúblicas. Tem duas freguesias, e seis casas de religiosos com magníficos templos, e conventos, principalmente os quatro, que estão dentro da cidade dous em cada lado. O primeiro de religiosos capuchos no princípio da cidade; e outro no centro de religiosos mercenários: no outro ângulo um de religiosos carmelitas, e o segundo foi de religiosos jesuítas, onde davam estudos geraes aos meninos, com um muito numeroso seminário de meninos, em que ordinariamente havia para cima de 30, ou 40, obra das mais úteis de tão magnífica cidade, por evitar os inconvenientes, que antes padeciam os moradores, que de ordinário assistem nos seus sítios muito distantes da cidade, e para que os seus filhos estudassem lhes tinham na cidade, ao menos um servo para pescador, outro para o acompanhar, e uma ama para tratar dele; além da assistência que dos seus sítios lhes faziam com as frutas, farinhas, e outros víveres, cujos gastos cercearam, e evitarac com a erecção do seminário, além da doutrina, e estudo, que aprendem os seus filhos. Tem mais duas igrejas no seu mesmo centro, e algũas capelas. Nos subúrbios tem dous conventos de religiosos capuchos, um da Conceição, e outro da Piedade, como cabeças de diversas províncias.

Está a cidade do Pará bem fortificada, e defendida; porque quase no meio tem dous grandes fortes: um no primeiro ângulo junto do convento dos religiosos mercenários, razão porque também o chamam Forte da Senhora das Mercês. No segundo ângulo tem outro no cotovelo, que faz a cidade seguindo a disposição da baía, que ali inclina para o Rio Moju, e por estar vizinho ao colégio é chamado o Forte do Colégio. E ficara mais defendida com um parapeito, que o seu magistrado lhe queria formar em todo o comprimento da sua frente. Em distância de duas légoas tem no fim da sua grande baía a barra com ũa fortaleza cercada do mar na parte do Nascente: na parte do Poente, e quase fronteiro tem um forte na ribanceira de uma pequena ilha, havendo de passar pelo meio todo o gênero de embarcações, que quiserem entrar, ou sair. Porém as maiores, e milhores fortalezas, que defendem a cidade do Pará, e seu Estado, são os muitos baixos, que tem desde esta sua barra até a altura *[em branco no manuscrito]* no Cabo da Tigioca, onde os mais peritos palinuros ficam titubeando: e por isso entram, e saem sempre com o plumo na mão, e credo na boca (mais seguros irão, se forem

com ele no coração) ancorando de noute, e levando-se só com as marés de dia, com a circunstância, que não se podem marcar estes baixos nas cartas, e mapas, por serem areaes móveis, que um ano estão aqui, e no seguinte ali; e daqui procede o serem tantos os naufrágios, e tão frequentes apesar da perícia dos melhores práticos. Antes de começarmos a subir por este braço austral do Amazonas, que pelas suas voltas chega à cidade do Pará pelas baías do Arari, e Marajó, que a respeito da cidade ficam entre Norte, e Poente; e para não deixarmos os pertos pelos longes, será racionável, que vamos logo subindo pelo Rio Moju acima, seguindo as embarcações, que por ele ordinariamente sobem, e de onde atravessam para o Amazonas. Acima da cidade cousa de meia légoa entra no Moju o Rio Guamá, como já dissemos, cujo curso de Nascente a Poente serve de boa guarda à cidade, nas costas da qual mete alguns pequenos guarapés, que também ajudam muito a formar os seus pântanos; e neste Guamá desagua perto da boca o Rio Capim, muito maior que o Guamá. Mais em cima, menos de um dia de viagem recebe o Moju ao Rio Acará do mesmo Nascente, além de outros regatos, ou guarapés, que avassala de ũa, e outra parte. Todos estes quatro rios Moju, Acará, Guamá, e Capim, são os mais bem povoados de todo aquele Estado, não tanto pela bondade das terras, pois em todo o Estado são as mesmas, quanto por estarem na vizinhança da cidade. E para que os leitores formem o adequado conceito do seu dilatado terreno, posso-lhes afirmar, que em todo o Rio Moju té onde é povoado, apenas haverá quarenta* moradores; e à proporção do Moju os mais rios, que nele desagoam por isso navegarão um dia inteiro, e apenas em todo ele contarão seis sítios; e contudo são os mais bem povoados, e também os mais alegres, e os que provêm de víveres os mesmos moradores da cidade.

Estão estes sítios, que mais merecem o nome de boas, e grandes quintas, sobre as margens dos rios; porque para o centro só há vivendas de bichos, e feras. Esmeram-se porém tanto nas suas moradias os donos destas quintas, ou sítios, que fazem ũa muito alegre prespectiva aos navegantes; e com mais razão se podem chamar grandes, soberbos, e magníficos palácios, do que casas de campo: e em muitos tem os seus morarores boas capelas, e igrejas, ainda que só em algum mais cômodo acodem ordinariamente os moradores daquele rio como a freguesia, onde sempre assiste o seu párroco. E posto que alguns moradores tem tantos escravos, ou fâmulos, que podiam constituir uma pequena vila, contudo em nenhum destes rios há vila alguma formal, como também no furo, que do Moju passa para as baías do Marapatá na foz do Rio Tocantins, que é o comum esteiro das canoas; e por ser tão apertado, que só na enchente se pode atravessar *saltem*** até o meio, o chamam já como com nome próprio, Guarapé merim, isto é, pequeno esteiro de canoas; é na verdade dos mais bem povoados, mas não tem vila algũa, ou povoação formal, sendo que tem ũa freguesia com a invocação de Santa Ana. Tornando outra vez ao Pará, já dissemos, que a cidade tem fronteira ũa ilha, que desde a barra vai correndo para Sul té pouco acima do Rio Guamá, no Moju, chamada a Ilha das Onças, toda despovoada: tem esta ilha seus boquei-

* No códice, há *20* emendado para *40*, ou vice-versa.

** Lat.: pelo menos.

rões, e alguns grandes, pelos quaes correm as muitas ágoas, que do Amazonas, Tocantins, e outros rios vão para a barra, e para o mar. Serve esta ilha de fazer divisão à baía da cidade, e a baía de Carnapijó, que tem da outra banda; tão grande, e mais brava, que a da cidade, a qual também faz tributários alguns pequenos rios, nos quaes há alguns sítios, e ingenhos de açúcar; e sobre a mesma baía esteve algum tempo ũa grande povoação de índios aldeados pelo grande missionário, e pregador o Padre Antônio Vieira. Comunica-se esta baía com outra, que chamam do Arari, e depoes com a do Marajó; baías bravas, e perigosas pelos seus muitos baixos: e como já descrevemos a grande Ilha do Marajó, que estas baías tem ao Poente, com as duas povoações de índios, que estão sobre as ditas baías, falaremos agora das que tem ao Nascente, deixando alguns sítios de brancos, por menos avultados, e são também duas.

A primeira é a povoação de Mortigura, hoje digna vila de *[em branco no manuscrito]* e foi das primeiras, que mereceo ser elevada a esta dignidade com a presença de dous Ex.mos Bispo, e Governador, assistidos da nobreza; e na verdade a povoação bem o merecia, por ser das mais lindas do Estado, e também das mais populosas. É das mais lindas: porque está em ũa bela planície sobre uma alta ribanceira com boas, e limpas praias, muito lavada, e refrescada dos ventos, e com muita fartura de pescado. Foi em algum tempo muito populosa, e podia pôr em campo *[em branco no manuscrito]* mil arcos: e posto que foi descaindo pouco a pouco, ainda no ano de *[em branco no manuscrito]* em que se temeo alguma invasão de inimigos, se ofereceo o seu párroco a disputar-lhe o passo naquelas baías com 600 arcos: porém já hoje está muito descaída por várias pensões que tinham os seus moradores índios, e também as mesmas índias, que se mandavam repartir pelas casas dos moradores toda a vez que estes as pediam para amas de leite de seus filhos; e para lhe desfazerem as roças, e fábricas de farinha, e sucedia ficarem muitas por lá sem tornarem para a sua povoação: não sei, se ainda agora conserva a mesma pensão. Os índios por outra parte, além da repartição do sertão nas canoas dos moradores, em que eram os primeiros por estarem perto da cidade, pelo mesma razão, eram os primeiros que se occupavam em qualquer ministério, que na cidade occorria; que a não ter tantos desvios, seria hoje mais populosa, que a mesma cidade. O que nela mais se admira é o seu lindo templo edificado à moderna com belas vias sacras, espaçosa sacristia, e com paramentos muito ricos; e nela faziam os seus missionários, antes de serem expulsos em 1757, em que foi enobrecida com o título de vila, todas as funções mais festivas do ano, e ainda todos os ofícios da somana sancta com todo o asseio, e piedade, para o que convidavam outros sacerdotes.

Pouco acima, e pouco distante está a vila de *[em branco no manuscrito]* muito menos populosa, que a vizinha: porque só terá até *[em branco no manuscrito]* moradores, sendo que também algum dia foi grande, e numerosa. Também a sua situação, posto que sobre a baía, não é tão linda como a outra; e ambas foram fundadas com índios topinambases; mas já muitas vezes resarcidas com outros descimentos de outras diversas nações, como tem sucedido a todas as mais, que a não terem de quando em quando estes socorros de gente por agência, e à custa de imensas fadigas dos jesuítas, já quase todas estariam

acabadas: contudo goza hoje o nombramento de vila de *[em branco no manuscrito]* com seu vigário como as mais. Depoes de ũa comprida travessia, ou rio, que tem ao pé da vila de que falamos, trilhada derrota, e usual roteiro dos navegantes, que não querem ir pela travessia do Guarapé meri, por ser rodeio (té onde se estende esta ilha) nem também querem arriscar-se no passar as baías do Taia, que se seguem acima da Baía Marajó; seguem-se depoes dele as grandes baías do Marapata, e Limoeiro, onde todos vão sair; feitas pelas ágoas do Rio Tocantins. Estas duas baías dividem um conglobado de muitas ilhas, que tem no meio, com travessias não só pelo meio para diante, mas também para cima, e para baixo. Acima destas baías faz o rio o grande lago, que já dissemos, e tem sobre ele da parte de Oeste duas vilas ũa de portugueses com seu vigário, e com casas de religiosos carmelitas, e mercenários. Não é muito populosa, sendo que a sua situação, e fartura era digna de ũa nobre cidade. Chama-se a Vila do Camutá. Pouco distante está outra vila de índios, que antes administravam religiosos capuchos da Província da Piedade, da qual também foram expulsos no ano de 57, pondo-se em seu lugar um clérigo por vigário, e um secular para a reger no temporal, como se fez em quase todas as mais do Estado. Pouco acima deste grande lago fundou antigamente ũa missão o venerável Padre Marcos Antônio, jesuíta, e a tinha já em grandes augmentos tanto no espiritual, como no temporal; mas deu-lhe no ano de *[em branco no manuscrito]* um tal contágio, que escapando um só moçatão, todos os mais morreram: eram gente branca, e alva quase como os europeos. Daqui para cima, não só pelo Tocantins, mas também pelo Araguaia, que com ele pouco arriba se ajunta, com serem rios tão grandes, e tão fartos, não há mais povoação alguma em mais de 15 dias de viagem. Das que tem desde as minas de São Félix para cima por uma, e outra margem daremos algũa notícia, quando falarmos nas suas muitas minas, em que é o mais rico rio da América.

No Rio Araticu também está ũa nova vila com o nome de Oeiras, e antes se chamava a Missão de Araticu. Está situada quase na foz do rio, e parte de Oeste em ũa bela planície, e com muita fartura de peixe, e caça. Compõe-se de índios de várias nações, como são nheengaíbas da sua primeira fundação, guaianases, maraanuns, e outras: e posto que cada ũa só bastava para a fazer populosa, como na verdade o foi antigamente, e hoje com tantas, pouco mais avulta. E se não fossem os muitos descimentos, que faziam os seus missionários, já de todo estaria acabada: é das mais bem doutrinadas, e por isso a sua gente muito meiga, e afável. O seu msisionário andava com a idéa de a fazer mais populosa, e tinha já praticado, e afeiçoado muitos salvagens. Desvaneceo-se o seu projecto, e descimento com a sua expulsão, porque vindo sete caciques à nova vila, ficaram tão desconsolados, que logo três tornaram a voltar para os seus matos, e também fugiram muitos aldeanos, a que não bastaram práticas algũas para os accomodar; antes se soube depoes, que eles trataram entre si de enganarem o seu missionário, quando este embarcasse para se retirar para o colégio de o levarem por rios, e guarapés ocultos, e com ele se aldearem nas cabeceiras ocultas de algum rio, e o não puseram em execução, porque chegando a notícia ao missionário totalmente os dissuadio, propondo-lhes os grandes inconvenientes, que de tal

projecto resultavam: mas nunca pôde persuadi-los, a que não fugissem. Tem ũa muito suficiente igreja com três altares, e boas casas de residência dos seus vigários e directores. Acima cousa de dia, e meio, ou dous dias de viagem está a vila de Melgaço da parte de Oeste sobre ũa grande baía, que do nome da vila, quando missão, se chamava a Baía de Guaricuru. Tem ũa bizarra igreja, e ũa bela galaria para residência do seu pârroco. Compõe-se esta vila de índios nheengaíbas, e mamaianases, e alguns poucos chapounas. O seu terreno é ũa ilha, que tem em frente a dita baía, e um furo para o Tajupuru; pelo Norte tem outro bastantemente largo, e fundo para a banda de Oeste, que a divide do mais terreno, e vai sair pela parte do Sul nas mesmas cabeceiras da sua baía. É muito farta, e muito sadia, porque muito lavada dos ventos.

No fim da sobredita baía está um estreito, ou garganta por onde se comunica com outra famosa baía, que formam as ágoas dos Rios Pacajá, e Guanapu, que nela desagoam. Sobre esta baía em terra alta está situada da parte do Sul a grande Missão de Arucará, hoje vila de *[em branco no manuscrito]*. É a mais populosa de todas as que tinham a seu cargo os missionários jesuítas, com uma bela igreja não só no material, mas também no formal de bons ornamentos. Compõe-se nas nações Nheengaíbas, Mamaianases, Oriquenas, e Pacajases. Estes nheengaíbas, e mamaianases destas duas missões, hoje vilas, são os que fizeram guerra aos portugueses por mais de 20 anos, e finalmente reduzidos pelo grande Padre Vieira, e outros jesuítas. Daqui até o Rio Xingu há caminho não só por terra, depoes de atravessar os Rios Guanapu, e Pacajá, mas também um comprido esteiro, ou guarapé, que daquele rio vem* fenecer nesta Baía de Arucará, e constitue ũa grande península, que ocupa todo o espaço, que vai destas duas baías até o dito Xingu; e em toda ela, com ser de muitas légoas, não há povoação algũa, e só poderá haver alguns índios salvages. Da parte do Norte a primeira povoação, que se segue sobre o Rio Amazonas, e perto da sua foz, é a vila de Macapá, intitulada de São José, e fundada pelos anos de 50, e seguintes com ilhéos da Ilha Formosa, e pouco a pouco irá crescendo, e povoando-se mais; pois está em bizarra paragem, muito lavada dos ventos Norte, e Nordeste, muito farta de pescado, e de caça: e como está tanto no seu princípio não tinha senão um vigário para a administração dos sacramentos, até o ano de 57, agora poderá ter já algum hospício de religiosos. Tem imediata a Fortaleza de Macapá, que é a primeira que da parte do Norte defende a sua foz com um inteiro regimento de presídio. Também tem ao pé a vila de Santa Ana de índios estabelecida para serviço dos moradores daquela cidade, que é ũa das mais importantes, com a sua fortaleza para segurança de todo o Estado Amazônico, pela sua boa situação na foz do rio. Por esta mesma margem do Amazonas há mais outras três, ou quatro povoações de índios, administradas antes pelos religiosos capuchos, até a Fortaleza do Pará, que é a segunda que por aquela parte do Norte tem o Amazonas, com uma povoação de índios anexa, e regida pelos mesmos religiosos capuchos; por isso com muito augmento, não só no espiritual, mas também no temporal, com boas igrejas, e bons ornamentos, tudo com muito asseio, zelo, e devoção.

---

* A margem, no códice: Não chega a comunicar-se de todo, mas tem um mui breve espaço por terra.

Da parte do Sul a primeira povoação, que propriamente se pode chamar a primeira, que tem o rio desta parte (por quanto as vilas de Guaricuru, Arucará, e as mais de que antes falamos, posto que também são do Amazonas, por razão do braço, que pelo Tajupuru manda para elas, mais propriamente pertencem aos Rios Guanapu, Pacajá, e aos mais, em cujas bocas, ou baías estão) é a Fortaleza do Gurupá em boa situação sobre ũa ribanceira, ou rochedo, em ũa como ponta, ou canto que faz a ilha, que dissemos se estende desde Guaricuru, e Arucará té o Rio Xingu, vindo assim a ficar a fortaleza bem na boca do dito Xingu, e juntamente sobre o Amazonas. E como por esta parte do Sul é toda a navegação do rio, todos são obrigados a resistar-se nesta fortaleza, e a apresentarem nela os seus passaportes; ou sejam embarcações, que subam, ou que desçam: e por ser de tantos privilégios tinham em algum tempo os seus comandantes patente de governadores; depoes se lhes mudou em patente de capitães mores, e ultimamente para tenentes destacados por só 6 meses, com o justo intento de se evitarem os contractos, e negociações daqueles cabos, que com a capa do serviço, e benefício da fortaleza, occupavam os índios no seu serviço. Porém ainda esta lei se não observou, antes no mesmo ano em que foi promulgada, se proveram as praças por três anos, ou quantos mais quisessem, e ainda com ampla licença de negociarem, como continuam a negociar. Tem a Fortaleza do Gurupá ũa tal qual povoação de portugueses anexa com seu vigário, e com um muito devoto convento de religiosos capuchos da Província da Piedade, donde costumavam prover todas as missões da sua administração: tem ao pé uma pequena povoação de índios. Sobindo já pelo Rio Xingu acima, tem pouco distante da sua foz o lugar chamado Boa Vista de Portugueses com sua freguesia, e vigário. Quadra-lhe bem o nome, pela alegre vista, que tem para o Rio Xingu, e também para o mesmo Amazonas, além, da que tem sobre a baía em cuja margem, e praia está fundada. É de poucos moradores, como a do Gurupá; mas muito abundante de peixe, e caça, e também o podia ser de boa, e barata vaca, se nos seus habitadores houvera providência: porque tem excelentes pastos para gados, não só perto da sua povoação, mas muito mais nas muitas ilhas, que ficam defronte na mesma foz, ou barra do Rio Xingu, entre as quaes avulta mais a grande Ilha do Aiquiqui, que tem muito excelentes campinas, como em outro lugar dissemos. Porém a muita fartura, de que gozam todos os moradores do Amazonas, os faz menos cuidadosos, do que deviam ser, podendo-se dizer com muita verdade: — *Inopem me copia fecit.* *

Pouco acima está a vila de *[em branco no manuscrito]* antes chamada Missão de Maturu, que era da administração dos Religiosos da Piedade, como também outras duas não muito distantes chamadas antes, a primeira, Missão de Cavienà, a segunda de Carnapijó, todas três em belos sítios, e muito avultadas, não só no temporal, mas também no espiritual, com belas igrejas, e muito ornadas, como sempre costumavam fazer aqueles religiosos. As duas não são muito populosas, mas a sua boa ordem, e a bem regulada disposição das suas casas, as faz parecer não só bem formadas, mas muito lindas. A do Maturu é mais avultada, e populosa: todas muito fartas, muito sadias, e alegres. Pouco acima se segue a vila de *[em branco no manuscrito]* e

* Lat.: a abundância tornou-me pobre.

pouco distantes outras duas, que foram todas três da administração dos jesuítas, e todas três se entregaram no ano de 57, tão populosas, que todas três mereceram ser baptizadas com os nomes, e títulos de vilas; sendo antes as Missões de Aricará a primeira[;] a segunda Piraveri, e Ita crucá a terceira; todas três muito augmentadas no temporal, e espiritual com boas igrejas e belas casas de residência dos seus vigários, e directores: todas três sobre o rio, muito fartas, alegres, e sadias, cujos índios aqui se regalam, além da mais pescaria, com o peixe mapará, que merecia ser chamado o rei dos peixes: pois, além de não ter espinha nenhuma, como a estimada lampréa de Europa, é tão superlativo no gosto, que vence a todos. Depoes de alguns dias de viagem, em que se não diverte a vista com povoação alguma em ambas as margens do Amazonas, avista-se da parte do Norte a Vila de Monte Alegre, antes chamada a Missão de Gurupatuba: é tão linda esta vila, que por tudo lhe vem ao nascer o nome de Alegre; porque é alegre pela situação, é alegre pela sua boa vista, alegre pela sua boa disposição, e é alegre pelo seu ornato. Pela situação; porque está sobre um monte dos que desde o Cabo do Norte, e Paru vão acompanhando o rio fazendo ũa bizarra planície em cima onde está assentada; assim houvesse a providência de fundar outras semelhantes por cima daquelas serras, que de espanço em espaço se fossem seguindo desde o mesmo Cabo do Norte, e fariam o Estado mais seguro, mais rico, mais extenso, e alegre, como o é esta vila. Pela sua vista, porque está senhoreando grande parte do Amazonas para cima, e para baixo, além dos lagos, que tem o rio na margem fronteira: e não só senhorea o Amazonas, por quanto se pode estender a vista, mas também todo o continente, que tem para trás, já matos, e já campinas, já muitos, e multiplicados lagos, e ribeiras: porque também a vista se pode estender muitas légoas por sobrepujar a todas a boa, e sublime situação desta Vila de Monte Alegre.

Pela sua boa disposição; porque é bem arruada, e tem ũa bizarra praça no meio, e pela uniformidade das casas dos índios todas por igual; economia que deviam fazer observar os magistrados em todas as suas povoações com ruas direitas, casas uniformes, e toda regular; pois em tudo diz bem ũa povoação assim regular, como já hoje se observa, nas que de novo se vão erigindo, erro, em que caíram os antigos, razão, porque há cidades muito nobres, grandes, e ricas, mas com as ruas tão desiguaes, e estreitas, e com as casas, e moradias tão heterogêneas, que as desdouram, e desfeiam muito, e fazem perder-lhe muito da sua estimação. É também alegre pelo seu ornato: porque tem ũa bela igreja ampla, e segura; com tão bom ornato, e pinturas, que parece, que os religiosos da Piedade, que antes a administravam, esmerando-se nas mais, fizeram não só realçar, mas também sobrepujar nesta o seu zelo, devoção, e piedade. Tem um baptistério tão grande, que podia servir para qualquer catedral da Europa. Com estar nestas alturas, a Vila de Monte Alegre não é custosa em descer, e subir para o porto, antes com ũa cadência tão insensível, e suave, que não molesta, nem enfada. Tem um bom porto, em que podem accomodar-se muitas embarcações sem temor nem dos ventos, nem das marés; porque é uma pequena enseada abrigada das ondas, e dos ventos pelo mato de ũa ilha que aí acaba. É ilha algũa cousa estreita, mas comprida por seis, ou mais légoas, e todo o guarapé, que corre entre ela, e a terra firme, não só é largo, e espaçoso, mas muito farto de pescado, e muito seguro, por correr todo com abrigo da ilha, e do seu mato. Se naquele Estado se introduzissem as sementeiras da Europa, que óptimo

terreno tinham aqui os moradores daquela ilha para toda a casta de sementeiras, e legumes; pois quase toda ela fica alagada, e pingue com enchentes do rio: porém padece o desar de todas as mais, e por isso está deserta, e inculta, com inveja dos europeos, que não lhe podem chegar; porque não fazem caso destas ilhas os americanos, por não usarem do comum sustento das searas de Europa.

É muito populosa esta vila, e os seus índios, e índias muito ladinos, talvez pela comunicação com os portugueses, porque são raros, os que navegam o rio, que lá não aportem, especialmente se levam algũas drogas para contractos, como ordinariamente levam; mas a muitos tem sucedido ficarem perdidos no contracto, e talvez deixarem nas mãos das índias os vestidos do corpo. As cuias, copos muito usados pelos americanos, e na verdade bons copos, posto que todos são estimados, as desta(s) vila levam as primazias a todas as mais; porque as índias sabem dar-lhe com tal mestria o verniz, e tintas, que nunca as perdem. Já houve curiosos, que quiseram experimentar a bondade deste verniz, e não acharam nele diferença algũa do melhor xarão da China. Posto que todas as mais povoações dos índios são fartas, esta também as sobrepuja, não só no muito peixe do Amazonas, e tantos lagos, que ordinariamente são viveiros de peixe, e tartarugas, mas também pela muita caça volátil, que tem: porque se cobrem as margens daqueles lagos de passarada de toda a casta, especialmente de patos, marrecos, marrecões, e outros. A farinha de pao, usual mantimento de toda a América, é tanta nesta vila, que não só chega a fartar os seus moradores, mas também a muitos outros ainda índios: porque há occasiões, em que se padecem algũas faltas deste usual sustento, ou porque os índios por occupados no serviço dos brancos, não podem fazer as suas costumadas roças; ou por contágio de sarampão, bexigas, e catarro, que lá são mortaes, e por isso os índios fogem deles, escondendo-se nos matos; ou por causa das muitas chuvas no inverno, que fazem apodrecer a raiz da mandioca, e nestas faltas sempre as aldeias vezinhas acodem a Gurupatuba, e sempre lá acham provimento. O mesmo fazem os brancos, que de ordinário lá se vão prover. Das mais riquezas também é rica, especialmente de salsa parrilha, que abunda por todas aquelas serranias.

O Rio Topajós tem na sua foz ũa fortaleza sobre o Amazonas, e é a segunda da parte do Sul. Está eminente em um recanto sobre ũa rocha viva com seu presídio, como as mais: a ela aportam todas as embarcações como no Gurupá, obrigação, que antes não tinham. Tem ũa povoação pequena de portugueses: tem também quase imediata ũa povoação de índios, intitulada antes a Missão de Topajós, e hoje baptizada Vila de Santarém. É bastantemente numerosa, bem arruada, e sadia[,] com boa igreja, que também serve de parróquia aos portugueses da povoação imediata, e presídio da fortaleza, posto que também tem sua capela pequena, mas linda. Todo este espaço desde o canto da fortaleza até o fim da vila estava ũa bela paragem para ũa formosa cidade, e pelo tempo adiante o virá a ser, especialmente em se principiando, e frequentando a navegação de todo o Rio Topajós. Nesta mesma parte de Leste pouco mais de meio dia de viagem está a Vila de Alter do Chão, antes chamada a Missão de Ibirarib: fica em ũa como enseada, que aí faz o rio para dentro, rezão, porque não tem tão boa vista, nem para baixo, nem para cima; mas tem a grande largura do rio, que aí faz ũa espaçosa baia. Pela mesma razão não é tão lavada, e refrescada dos ventos, como as mais: contudo é sadia, e alegre com belo divertimento não só nas suas praias, mas muito mais pelos seus lagos, porque está entre dous lagos,

os quaes se comunicam entre si por um furo, e fazem a figura de umas balanças, e no meio está a vila. O primeiro lago está imeditato, e o seu desaguadouro é o seguro porto da vila: tem da outra banda, isto é, da parte do Norte, quase fronteiro à vila um eminente pináculo muito alto, onde afirmam alguns, que dá mostras, e sinaes de ouro, e talvez que também pela terra dentro, em que tem campinas. São estas as únicas povoações, que tem o Rio Tapajós da parte de Leste. Da parte de Oeste tem primeiro a Vila Franca chamada antes a Missão de Comaru[;] está quase fronteira à Vila de Bararib, em ũa como língoa de terra, que aí fazem as baías do Rio Topajós, com as ágoas do Rio Comaru, que lhe corre pelas costas com o mesmo curso de Sul a Norte; e constituem estes dous rios ao terreno intermédio ũa península, em cuja ponta está Comaru em ũa bizarra planície muito fresca, e salutífera, porque muito lavada dos ventos. É das mais numerosas, e muito farta, não só pelas suas grandes baías, mas muito mais pela vizinhança de muitos lagos, em que há abundância de peixe boi, tartarugas, e mais pescado.

Acima pouco mais de um dia de viagem está a aldeia ou Missão de Santo Ignácio, chamada agora a Vila de* descida para este lugar de grande Ilha de Topinambaranas, onde estava, e por cujo lugar ainda hoje suspiram, como por sua pátria, estes índios, lembrados da grande fartura, em que lá viviam, sendo que o lugar, em que agora residem, não só não é faminto, mas também é muito alegre, fresco, e sadio. É menos populosa, porque na sua mudança se dividiram os índios, e ficaram muitos nas suas terras escondidos pelos matos. Pouco acima desta missão está a de São José, que é a única, que por ser pouco populosa, não foi constituída no predicamento de vila, de quantas antes administravam os jesuítas, até serem expulsos no ano de 57, em que todas as mais da sua administriação foram condecoradas com o elevado título de vilas. Está para dentro de ũa enseiada, mas em lugar tão elevado, que para lá subir do porto, é necessário descansar de espaço em espaço; em cima porém tem uma belíssima área, e planície, donde está descortinando grande parte do rio, predicado, e singularidade que a faz ser a mais alegre de todas as daquele rio, e quase ombrea nos predicados, e regalias da natureza com a Missão de Gurupatuba, ou Monte Alegre: porque é muito fresca, lavada, e refrescada dos ventos; tem excelentes terras para dentro, e várias ribeiras, e lagos. Com ser terra tão alta, é muito úmida, e muito fértil, e farta de todos os legumes, e plantas daquele Estado. Tem vistosas praias, e tão frequentadas de toda a caça volátil, que um só caçador basta, para fartar o seu párroco, e familiares. Está um belo sítio para mais avultada povoação, porém talvez já estará de todo desfeita porque os seus índios estranhando o novo governo dos brancos mataram ao seu cabo, ou director, e o vigário lhe escapou escondido pelos matos, e vendo-se criminosos certamente haviam de refugiar-se nos seus antigos matos, aonde ainda tinham parentes. Pouco acima deste lugar está um sítio, a que já os portugueses puseram o nome de Santa Cruz, tão lindo, e apto para ũa boa vila, e ainda grande cidade, que ainda os mesmos missionários se tinham arrependido de não terem fundado nele a Missão de São José, não obstante a bondade do sítio, em que está assentada. Sirva pois esta notícia aos vindouros, para que se algum missionário fizer algum descimento naquele rio, onde habitam muitas nações, possa aproveitar-se de tão boa paragem, e alegre sítio.

---

* Em branco, no manuscrito.

Da parte do Norte, e pouco acima da boca do Topajós estão duas povoações de índios, que foram da administração dos religiosos da Piedade; a primeira Serobiu: a segunda Jam mondases, as quaes tem tantos lagos vizinhos, especialmente Jam mondases, que muitas vezes se perdem os pilotos por eles. Denotam estes muitos lagos a grande fartura daquelas povoações, pela razão de serem os lagos do Amazonas uns naturaes viveiros de peixe. Tem estas povoações, como as mais, boas, e bem ornadas igrejas, e com cômodas casas de residência dos seus vigários. Da mesma banda tem o Amazonas, onde já conta 300 légoas desde a sua foz a Fortaleza de Pauxiz eminente ao rio em ũa margem do monte, que para ali despedem as Serras de Paru. E posto que esta é ũa das mais importantes fortalezas daquele rio, por estar em tão bela paragem, e por cruzar ali com as suas balas toda a largura daquele mar amazônico, que naquela paragem se estreita muito, não tem mais moradores, que o presídio, e guarnição da praça; e só tem cousa de um passeio de distância a Missão de *[em branco no manuscrito]* e é a última das que foram da administração dos religiosos da Piedade, destinada para o serviço da mesma praça. É esta fortaleza, e povoação o princípio do governo novo da Província de São José do Rio Negro, mas cuido que tem subordinação ao governo do Pará, a cujo Bispado ainda pertence, como todo o mais destricto do Amazonas.

No Rio Urubu, e no Rio Seracá, da mesma banda do Norte tem os Religiosos Mercenários duas pequenas missões da sua administração, únicas relíquias do inumerável tapuia, que habitava aqueles rios: tanto que só o Rio Urubu, com ser dos menores, que desembocam no Amazonas, se avaliava, e estimada por um grande reino de gente: e são tão fartos estes rios, que só das suas praias, chamadas as praias do Ceracá, areaes muito extensos, se fazem todos os anos muitos mil potes de manteiga dos ovos das tartarugas, que nelas vão desovar; e necessitando-se para cada pote para cima de mil* ovos, quanta quantidade será precisa, para cinco, e mais mil potes? Desta abundância de tartarugas se pode argumentar para o mais.

Posto que da parte do Sul vá desde a barra do Topajós até a do Rio Madeira, para cima de 150 légoas com muitos, e mui fartos, e alegres rios, não há em tão grande destricto povoação algũa, nem de portugueses, nem de tapuia aldeado, e cristão: só ao Rio Magué poderão ter concorrido alguns mineiros, por rezão das novas minas de ouro, que lá se descobriram. Tem o Rio Madeira na sua boca ũa povoação de índios chamada antes a Missão de Abacaxis, e depoes elevada, e nobilitada com o título de Vila de Serpa. Foi ũa das mais populosas de todo o Estado, e se podia chamar uma cidade de gente: tinha muita casaria, feitas as suas moradias ao modo do mato, muito grandes, e cada casa destas tinha para cima de cem cabeças. Estava antes sobre um grande lago, onde havia muita bundância de pescado: era abundantíssima não só de fructas próprias do país, mas também de muitas européas, especialmente de espinho, pela boa direção, e útil agência de um seu missionário jesuita, chamado João de S. Paio, e ainda hoje se chama o Lago de S. Paio. De tão florente, e grandiosa, se foi pouco a pouco diminuindo, ou já por ser pouco sadia a sua situação, como alguns já deziam, sobre o lago antigo, o que os motivou a mudarem-na: ou porque muito desassossegada com o serviço dos brancos, ou por serem os índios seus moradores tão

---

* *1000* no ms.

mortaes, que rara vez faziam viagem à cidade, que lá não morressem alguns. E houve occasião, em que na cidade morreo toda a equipagem de 25 índios, sem escapar ao menos um para contar da tragédia. Contudo ainda no ano da promoção a vilas estava populosa, pelo que mereceo no nome de Vila de Serpa; porém quando ele se devia augmentar, e crescer lhe sucedeo tanto pelo contário que logo no ano seguinte de 58 se achou tão destruída, que bem merecia o elogio do Mantuano à arruinada Tróia — *Campos ubi Troia fuit** — porque apenas se contavam cinco índios: nisto veio aparar aquela grande povoação, que sem lisonja se podia intitular cidade!

Pouco acima da boca ou foz tem o Rio Madeira a povoação antes chamada a Missão de Trocano, e hoje Vila de Borba nova, e foi a primeira que subio a este ilustre título bem merecido pelo sítio, e paragem, em que está: porque é a primeira, rio abaixo dos domínios portugueses, e por isso também a primeira que encontravam os mineiros descendo das minas de Mato Grosso. O intento de a fazer vila (ainda então o não havia sobre as outras missões) era o fazer ali manipólio, e contagem do ouro, que traziam os mineiros, para que pelo decurso da viagem não tivesse descaminho; e para esse efeito se pôs lá um oficial de guerra com seu presídio de soldados, e se mandaram agregar algũas famílias de portugueses, dos quaes, e de alguns índios mais graves, se elegeram camaristas, e magistrado. Além disto, se pôs escola pública de ler, e escrever, ainda para as meninas índias; e com esta direção, e vigilância ia crescendo a vila a ũa grande povoação de índios, com grande conveniência a todo o Estado, e ainda aos mesmos mineiros de Mato Grosso, pois sem necessitarem de continuarem mais viagem té o Pará, ali se podiam prover de tudo o necessário. Todos estes projectos porém se desvaneceram em breve, por causa de outra povoação, que se fundou mais acima, como logo diremos; contudo ainda Borba nova pode crescer, e ter grandes conveniências.

Depoes das catadupas do Rio Madeira, de que demos notícia na "Primeira Parte", estão fundadas nas suas margens de Oeste algũas missões; e são as primeiras, que por esta parte tem os jesuítas espanhoes confinantes com os portugueses. São muito populosas estas missões castelhanas, por não terem as pensões das portuguesas na repartição dos índios aos brancos, e ausências de suas casas. Vivem pois muito descansados, com muita paz, e sossego, sem os inconvenientes, distúrbios, e diminuição dos índios do domínio lusitano; e por isso descem sem dificuldade muitos outros do gentilismo, porque não tem a remora de haver ir servir aos brancos. Como estão senhores de si, nas suas povoações aprendem vários ofícios, e fabricam finíssimas, e preciosas telas de algodão, contas de coquilho lavradas, e torneadas com muita indústria, mestria, e fineza; e muitas outras manobras de igual primor, e estimação, que em certo tempo do ano costumam levar, e feirar à cidade de Santa Cruz de la Sierra, onde tem muitos compradores. Do bom governo, e economia destas, e das mais missões, e povoações castelhanas diremos adiante, depoes de descrevermos as lusitanas, navegando rio acima.

Como esta catadupa do Rio Madeira é tão difícil, e inegável, ainda na maior enchente do rio, com grande descômodo, e incômodo dos mineiros do Mato Grosso, e mais minas, e de todos os mais navegantes, que para a

---

* Aqui existiu Tróia. O autor cita de memória, daí o lapso. Eis a frase correta: *ubi Trojae locus fuit*. (Verg. *Aen*. 2)

passarem se vem precisados a desembarcarem todas as suas fazendas, e viáticos, e passarem tudo por terra à força de braço, e puxarem também por terra as canoas com sumo trabalho, em que gastam, e consomem muitos dias, fazendo de espaço em espaço tijupares, ou palhoças, tanto para pernoutarem, como para secarem, e defumarem as fazendas, e víveres, no que fazem demoras de muitas somanas; e por outra parte a navegação deste rio é tão importante aos mesmos; acordaram os moradores do Mato Grosso, e os mais interessados, de fazer, e fundar naquela paragem uma nova povoação, e vila, em que houvesse homens abonados com boas fazendas, e todos os meios necessários de cavalgaduras, carretas, e canoas para a boa serventia, e comunicação de uns e outros. Porque a esta vila poderiam acodir todos os mineiros a fazerem as suas provisões, e com brevidade voltarem, sem as trabalhosas remoras, e demoras da catadupa, e sem os grandes inconvenientes da continuação da viagem té o Pará. Por todas estas, e outras muitas conveniências a todos os moradores dos dous respectivos governos Mato Grosso, e Pará, e ainda para muitos outros mineiros de outras capitanias, especialmente das minas de Cuiabá, que apenas distarão 8 dias, se deu princípio a sua fundação em 1757 com as providências necessárias a diligências, e direção de um Ministro Régio, beneficiando terras, erigindo moradias, e expedindo estradas, para o que concorreram os primeiros fundadores com os seus negros, e víveres necessários até a colheita dos novos, cuja boa disposição pode servir de exemplar, aos que quiserem fazer novas povoações facilíssimas naquele Estado, e seriam utilíssimas, se a imitação desta fundassem outras nas catadupas do Rio Topajós, Xingu, e principalmente na do Rio Tocantins, para facilitar a sua navegação para a serventia das muitas minas semeadas nas cabeceiras deste rio, cujos moradores padecem grandes dificuldades, e fazem excessivos gastos na trabalhosa, e dilatada jornada pelos caminhos de São Paulo, e outros.

Passado da banda do Sul o Rio Madeira, e dilatadas margens do Rio Amazonas até o Rio Javari em distância de 300, ou mais légoas, não há povoação alguma, nem de brancos, nem de tapuias mansos, ou missões, mais que no Rio Solimões ũas duas, ou três de pequena monta administradas pelos religiosos carmelitas calçados. E fica tanto espaço de excelentes terras todo solitário por falta de povoadores, com paragens óptimas para se erigirem grandes cidades, e ricos reinos; e entre tanto espaço há caudalosos, e ricos rios, como é o Rio Purus, tão grande, que tem para cima de 30 dias de boa navegação; porque não tem as trabalhosas catadupas dos mais; contudo está todo despovoado, e só nas suas cabeceiras, dizem, haver grandes manadas de gado vaccum, sinal certo de haver lá algũas povoações de europeos espanhoes do grande Império do Peru.

Da parte do Norte estão nas bocas dos Rios Urubu, e Seracá duas pequenas missões administradas pelos Religiosos de Nossa Senhora das Mercês, relíquias de inumerável multidão de tapuias, e povoações, de que estavam cheios aqueles rios; tantas, que só em um queimaram de ũa assentada os portugueses 700 aldeias populosas, como já dissemos. De sorte, que antigamente se chamava o Reino de Urubu: nas bocas destes dous rios estão aquelas dilatadas, e famosas praias, ou areaes, em que desovam inumeráveis tartarugas, e de cujos ovos se fazem em todos os anos muito mil potes de manteiga, e se embarcam muitas tartarugas. Acima destes dous rios segue-se o grande Rio Negro com sua fortaleza na boca, e algũas povoações, que deixamos reservadas para outro caderno.

PARTE TERCEIRA

Dá noticia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos, e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens.

TRATADO PRIMEIRO

DAS MINAS DE OURO E PRATA, E DIAMANTES DA REGIÃO AMAZÔNICA

CAPíTULO 1º

DÁ NOTÍCIA EM GERAL DOS SEUS MUITOS MINERAES

Ainda que a principal riqueza das terras não consiste em ter muitos mineraes, mas sim em ser fértil o seu terreno, assim como a riqueza dos moradores não consiste em tratar, e manear ouros, e outros metaes, mas sim em ter abundância de víveres, para sustento de suas casas: como se vê no grande Egipto, e em muitos outros reinos, aonde a grande fertilidade das suas terras são envejada riqueza dos seus habitantes, posto que a falta de mineraes seja grande. Contudo para mostrar aos leitores, que o máximo Rio Amazonas não só é rico na fertilidade das suas margens, fartura de víveres, e abundância de preciosos haveres, mas também de riquíssimos mineraes, darei por princípio desta "Terceira Parte" uma compendiosa notícia dos seus muitos, e inexauríveis mineraes de ouro, prata, diamantse, e mais pedras preciosas, com que augmenta as grandes riquezas do seu precioso tesouro. E primeiramente para que os leitores possam fazer algum conceito é preciso trazer à memória as grandes serranias, que na "Primeira Parte" dissemos tem o Amazonas nas suas ilhargas, ou sejam as do Norte, que principiando quase na foz do Amazonas com o nome de Serras do Paru, vão subindo com o mesmo rio, ao que ser[via] de vistosas margens até os Reinos de Quito, e Popaián, onde se conhecem com o célebre nome de cordilheras por espaço de mil, e tantas légoas, e com a largura de quarenta, ou mais, que tantas se contam na região, a que os geógrafos chamam Guaiana: ou sejam as outras altíssimas serras, que da parte do Sul, posto que em mais distância do Amazonas, lhe vão fazendo lado desde as Serras de Ibiapaba em 3 graos de *latitud* meridional, e 336 de *longitud* até os Reinos de Puru, e Chile em 15 e mais graos de *latitud* e 300 de *longitud*, chamadas já Serras de Ibiapaba, já Moça dos Figos, já Chapada grande, e finalmente no Império do Peru Mantiquera, e no Reino de Chile Andes com o comprimento, de Leste a Oeste quanto vai de 336 graos até 300, e com a largura de 50 a 60, e mais

légoas de ũa mui aprazível planície no cume das serras, *[ilegível]* muitas e compridas mangas, ou braços que vai lançando de si já para o Sul, e já para o Norte, e muitas voltas, que vai fazendo como ũa grande cobra enroscada. Em outras partes se divide esta grande cobra, em duas, lançando uma para Sul, e outra para Norte, e cada ũa com seus braços ou roscas de muitas légoas.

Suposta pois esta breve notícia das serras da América que mais difusamente descrevemos na "Primeira Parte", digo, que toda ela é um contínuo mineral de ouro, prata, diamantes, e muitas outras pedras preciosas, de sorte que afirmam os práticos ser a terra mais rica de minas, que ategora tem descuberto em todo o mundo. E principiando pela margem boreal, as serras, [que os] portugueses chamam de Paru desde a foz do Amazonas até o Rio Negro estão cheias de sinaes de ouro, que já todos os geógrafos as assignalam com sinaes áureos. Como porém Portugal não tem gente, com que possa animar tanta [vasti]dão de terras, e muito menos fortificá-las, como era necessário, de propósito não quis abrir minas nessas terras, para evitar contendas, e um seminário de guerras com França, e Holanda. De sorte, que ainda algũas minas, que por acaso se tem descuberto junto ao mesmo Rio Amazonas, onde os portugueses estão bem munidos com vários fortes, que tem pela sua margem, contudo logo se mandam encubrir para não meter cubiça as mais Potências. Confirmam os índios dos rios que medeam entre as Fortalezas do Paru, e de Pauxiz, que nas suas cabeceiras há muito ouro; mas como milita por todos aqueles rios a mesma razão não se admitem os seus informes, antes se encobrem as suas notícias. Em ũa das povoações da dita margem se descubrio ouro em muita quantidade quase à porta do seu pároco pelos anos de 1755 *circiter** debaixo de um jirao. Jirao chamam no Amazonas ũa como grade de paos levantados da terra, onde costumam secar carnes, peixe, ou qualquer outra cousa; e debaixo desse jirao, por cima isto [é à] flor da terra apareceo ouro: porém logo se mandou, digo procurou encubrir, como já se dizia de muitas outras paragens.

Para cima do Rio Negro, ou pela sua altura, ou entre ele, e o grande Rio Japorá se discorre estar o celebérrimo Lago de Ouro, e cidade Manoa, por cujo descobrimento se tem cansado muitos aventureiros; porém ninguém dá com ele ao mesmo tempo, que todos afirmam a sua existência. O grande missionário jesuíta fundador de quase todas as missões**

Racionaes sempre despidos contra o natural pejo dos homens apenas se mostram sensíveis, e os vegetáveis nas plantas sempre vestidos, como se fossem racionaes; mas como a América é Mundo Novo, também o é às avessas. Por esta sua permanente verdura recreiam e alegram a vista dos navegantes, que as admiram, quaes pomposos valverdes de ũa quinta, por muito copadas, quaes alegres manjaricões de um jardim, por mui viçosas, e quaes bem *[roto o original]* dos chapéos de sol, por mui sombrias, com que a si mesmas, e aos que delas se valem igualmente cobrem, alegram, e refrescam. Não é menos vistosa a *[roto o original]* ordem, com que estão dispostas, não tanto pelo centro, e interior das suas matas, quanto na margem, e borda dos rios, onde lhes serve de corda a correnteza, cujas ágoas não só lhe refrescam as raizes, mas tão bem lhe lavam os pés, ou com a preamar das marés, que chegam até o Estreito de Pauxiz quase 300 légoas rio acima, ou com as enchentes dos rios, que são indefectíveis.

---

* Lat.: aproximadamente.

** No códice, após a página nº 2 segue a de nº 19; onde presume-se que se segue a continuação do 1º Cap. do Tratado 2º.

Outra propriedade tem as ágoas do Amazonas, e é que não só nas bordas, margens, e ilhas criam viçosas as plantas, mas ainda nos muitos areaes de si tão estéreis, e infecundos, que são o georoglífico da esterilidade. Criam árvores e plantas, que na mesma areia se arraigam, crescem, e frutificam; e muitas não obstante o ficarem totalmente afogadas, e submergidas todo o tempo das enchentes, não secam, nem perdem a folha, antes na vazante a modo que vão subindo, muito viçosas, muito verdes, e muito enxutas sem terem outra sustância nos areaes infecundos, mais que as umidades das ágoas, [que] lhe deixam as enchentes bastantes a fecundá-las em flores, e frutos nas vazantes. Não aparecem menos pingues no seu tanto os prados sempre verdes, e as campinas sempre viçosas, onde também a terra imitando o bem trajado das árvores se despica em sempre aparecer coberta de feno, alcatifada de verde, alegre de flores, e risonha de galas, de que se pode dizer com graça *prata rident;** e não só os campos, aos quaes regam, regalam, e fecundam os rios, mas ainda aqueles, a que não chegam as suas ágoas. Admiram esta verdura os europeos nas mesmas cidades, vilas, e povoações, cujas praças, ruas, caminhos, e calçadas estão sempre vestidas, e calçadas do vistoso tapete de verde, e virente feno, com que igualmente recreiam a vista, e dão regalado pasto a manadas de gado vaccum, e outros, que nelas pastam, e fazem ricas as povoações com as suas carnes, e regaladas com os seus leites. E nas povoações de menos freqüência não basta o gado vaccum a dar-lhe consumo, mas todos os anos se alimpam da relva para a melhor facilidade dos caminhos e desembaraço das praças.

Há campos tão férteis, nos quaes crescem os pastos com tal vício, e altura, que abafa o gado, morrem os cavalos, esconde-se a caça, encobrem-se as feras, e ficam a perder de vista os mesmos cavaleiros. Que fertilidade, e que abundância de grão se daria em tão pingues campos, e bizarros prados, se neles [habi]tassem egípcios, ou europeos, que os cultivassem? mas no Estado do Amazonas não tem mais serventia, que para comer de gados, e covis de bichos; [por]que só se cultivam os matos, como diremos adiante. De tanta facilidade vem bem a nascer tanta abundância de viver, tanta fartura de legumes, e tanto regalo de frutas, e bem se podem chamar os seus naturaes, e [habitadores] mais ricos, e felices, que os mesmos egípcios os maiores lavradores do mundo. De sorte, que já houve autor que levado de tanta fartura, riqueza, e regalo, duvidou, se a América seria o verdadeiro paraíso de delícias, em que Deos creou a Adão; porque as suas delícias na verdade a equivocam com o paraíso terreal; e mais poderia conjecturar isto, não só por andarem nus os seus naturaes como andavam Adão, e Eva no Paraíso (bem que vestidos com a graça, e hábitos sobrenaturaes) mas também pela tradição de alguns naturaes, que herdaram dos seus antepassados, e avós tortos, de que Adão habitara no Rio Topajós, e morara na casa, ou palácio, que ainda se conserva, do qual já demos notícia na "Primeira Parte". Parece-me demasiada exageração o querer comparar a América com o Paraíso de deleites, mas será genuína a semilhança de todo o Estado do Amazonas e Grão Pará, e todo o grande destricto dos seus colateraes rios, se o assemilharmos, a uma bem cultivada quinta, a um bem adereçado jardim, ou a uma bem vistosa, e alegre floresta. Com a diferença que a floresta necessita de cuidadoso disvelo para as flores, o jardim do jardineiro para a mestria, e a quinta do quinteiro, ou feitor para os fructos: o terreno porém do Amazonas por si mesmo, e só com a indústria da natureza, fertilidade da terra, e bondade

---

* Lat.: *os prados sorriem.*

do clima, é quinta, é jardim, e é floresta sempre alegre, sempre verde, e sempre [florida], de modo que quem quiser conceber o devido [conceito,] a idéa da América há de considerá-la sempre em uma perpétua primavera de flores, e fructos.

Porque não há em todo o dilatado destricto do Amazonas diversidade de tempos, mudança de climas, ou distinção de ares, por serem homogêneas todas as estações do ano, sem os rigores do inverno, nem o desabrido do oitono, mas só primavera, e só verão. Por isso sempre há fructos, e searas. E a diversidade, que há entre o verão e inverno consiste só em chover neste, e não naquele tempo: porque os calores são os mesmos, como também a pompa das árvores, e a fecundidade da terra; e por isso todo o ano se fazem sementeiras, se cultivam searas, e se desfructam fructos, a que só podem obstar as muitas ágoas, ou alagadiços do inverno, ou as cheias, e enchentes dos rios. Nas cabeceiras porém do Amazonas há sítios, em que não só não há inundações de rios, ou enchentes de ágoa, mas nunca chove, e nunca há inverno; antes seria cousa rara, e milagre, se lá caísse alguma chuva, como é a grande cidade de Lima, ou Ciudad de los Reys, Corte dos Vice Reis daquele Estado: e por isso nas suas casas não tem telhados, ou coberturas mais que algum ligeiro toldo, ou encerado. Tem só um nevoeiro, e orvalho todas as madrugadas do ano, não só suficiente para refrescar a terra, mas também para fertilizar os campos em boas searas de trigo, e mais grão, em ricas quintas, famosos pomares, e muita abundância de hortaliças, e verduras, que fazem a cidade ũa das mais deliciosas, rica, e regalada do mundo. Estes mesmos orvalhos são comuns a todo o mais destricto do Amazonas, ainda no Estado do Pará, só com a diferença, que em Lima são quotidianos, e no Pará, e seu destricto são só no verão: nem no inverno são necessários pela muita abundância de ágoas nas ordinárias chuvas, de que nasce estar sempre a terra úmida, fértil, e fresca, além da sua natural umidade contraída das muitas ágoas de rios, lagos, e fontes, de que está cortada, e como empapada, como já dissemos na "Primeira Parte".

CAPÍTULO 2º*

DA FARINHA DE PAO DA AMÉRICA

Vamos já a registar por partes os haveres deste jardim, e pingue quinta, descrevendo as suas sementeiras, fructos, e legumes; e seja o primeiro o seu pão usual, e quotidiano, que é a farinha de pao, com que sem terem enveja ao mais mimoso pão das mais nações, se vangloriam os naturaes de terem nesta sua farinha ou pão, um arremedo do misterioso maná dos hebreos, por não

* Trata-se do Capitulo 2º do Tratado Segundo.

lhe chamar regalo dos homens; porque nela tem um compêndio de muitas, e várias menestras, que dela fazem, além do pão ordinário, e ordinárias bebidas, como iremos vendo [por] partes. Fabrica-se a farinha de pao de um arbusto, ou planta, que tem vários nomes: porque a sua haste se chama maniba, a folha maniçoba, e a raiz mandioca, de que há várias espécies. A uma chamam macaxeira, e é de todas, senão a mais rendosa, a mais estimada, e fácil. A outra chamam maniba meri, isto é, de casta pequena, não porque o seja na sua raiz, que é todo o fructo da maniba, mas porque não cresce tanto como as mais, nem é tão pomposa nas suas folhas, e é mais ordinária, e comũa pela sua boa raiz. Há mais outras muitas espécies de preta, branca, e amarela. Plantada em bom terreno não só frutifica muito na sua raiz, mas também na sua planta; porque cresce a uma média na árvore de 15, ou mais palmos. A raiz chamada mandioca cresce a mais, ou menos, conforme as espécies; mas o ordinário é serem do tamanho de ũa ponta bem grande de boi velho, e pouco mais grossa. Segundo a tradição de alguns índios deve-se a sua invenção ao glorioso Apóstolo São Tomé; porque dizem que ele ensinara aos índios o seu plantamento, talvez compadecido da sua brutalidade, por não terem uso de sementeiras, nem instrumentos para as fazerem. É notável a condição desta planta contrária totalmente a condição das mais plantas; porque as mais sempre requerem umidade, especialmente quando se plantam, e enquanto são novas, e tenras: a maniba porém pelo contrário não requer terra úmida, ainda para se plantar, e na sua menoridade. Logo pega na terra, ainda que esteja feita em pó por secca: por isso anda entre os naturaes este adágio, como se a maniba falasse — planta-me no pó, e não tenhas de mim dó —. E por isso ainda que os ardores do sol na América, especialmente no Amazonas, sejam intensos, se conserva a maniba sobre a terra, e arrancada verde, e virente, e ainda arrebentando em folhas por muitos meses. A sua folha, ou maniçoba é do feitio, e grandeza quase da amoreira, excepto em ser mais fina, tênue, e cortada, ou recortada. A sua semente são umas [con]tas do tamanho de pequenas galhas, mas sem serventia, porque se beneficiam as suas searas por plantamento feitos em bocados os seus paos cada um com 3, ou mais olhos, e do tamanho de palmo, e meio, ou 2 palmos, e metidos por uma ponta na terra, ou no pó, onde logo pega, e cresce muito viçosa. O modo de fazer as suas searas, a que chamam roças, diremos adiante, quando falarmos da agricultura dos índios.

Das raízes da mandioca se fazem quatro castas de farinha principalmente. A primeira e mais mimosa, e estimada é a farinha de ágoa, que equivale *v. g.* ao mais mimoso pão de trigo no seu tanto. A segunda é a farinha secca, que equivale à broa. A terceira é carimá muito fina: a quarta é a farinha tapioca, que equivale, digo é, o mimo, e beijinho da farinha. Das duas primeiras espécies se faz muita diversidade de outras farinhas mais, ou menos mimosas conforme a vontade de cada um, alguma é tal, que se come por regalo, para o que também vai muito na qualidade da planta, além do benefício das farinheiras. A farinha de ágoa se faz deste modo: tirada da terra a raiz mandioca, deita-se de molho em poços, ou tanques de ágoa viva, boa, corrente, porque de ser boa, ou má a ágoa vai o sair melhor, ou peior a farinha. Depoes de três dias pouco mais, ou menos tempo suficiente para apodrecer, e corromper-se quando está de vez a tiram da ágoa, e lhe tiram a casca, que dá com muita facilidade, e bem lavada a metem na emprensa a tirar-lhe a umidade chamada tuquipi, cujas emprensas são de vários modos. O mais usual é um canudo de dez, ou doze palmos, que tescem de cipó, ou casca de palmeira em cuja factura são os índios não só bons mas

expeditos mestres. Tem estas imprensas, a que chamam tipiti, suas presilhas nas pontas, e na parte superior a boca por onde lhes metem aquela maca, e logo dependurados os tipitis ou imprensas em forquilhas, e puxadas de baixo com algum peso, que ordinariamente é a da mesma feitora, sentada em um pao, que lhe metem na presilha debaixo, cuja ponta seguram em outra forquilha, com este peso dão de si as imprensas para baixo, e apertam de tal sorte, que fazem sair a agoadilha, ou tucupe, que aparam debaixo em grandes panelas, ou preparados vasos. Depoes de bem espremida a torram em fornos a fogo, os quaes são do feitio da copa de um chapéo de sol, maiores e menores, virados para cima, e com fogo debaixo: nestes fornos vão deitando a farinha, que tiram espremida dos tipitis, e a meixem bem até lhe darem a sua constituição, depoes a tiram, e metem em paiões, ou cestos para os seus usos; e sem mais mestria tem feito, e cozido o pão para todo o ano. Chama-se farinha de ágoa por se deitar de molho, e sae alguma tão bem fabricada, que na mesma cor amarela está convidando a se comer. É mais estimada, que a farinha secca; e por isso mais fidalga, e mais cara nos sítios dos brancos, e ordinariamente sustento das suas famílias; os índios porém vendem-na pelo preço da outra farinha, que ordinariamente não passa de uma vara de pano (dinheiro mais usual para índios) que vale 100 réis, ou quando muito caro 150 réis. E os brancos a vendem a 300, e 400 réis ordinariamente, cujo preço sobe, ou desce conforme a sua abundância.

A segunda espécie de farinha, que é a secca, não obstante ser menos estimada, e gostosa, que a de ágoa, como é a broa a respeito do trigo, contudo tem mais trabalho a sua factura; porém faz-se mais brevemente, porque não depende de estar de molho, como a outra, antes no mesmo dia, em que se tira da terra a raiz, no mesmo se fabrica, e acaba desta sorte. Tirada da terra a mandioca a raspam muito ao de leve, e à ligeira, com faca, ou mais ordinariamente com ũa hastilha de cana taboca, ou cousa semilhante, e segurando-a pela ponta no sovaco do braço esquerdo, e com a mesma mão segurando, e virando a raiz, com a outra mão pegando na outra ponta, raspam em um instante a mais grande raiz. Assim raspadas as lavam da terra, e logo depoes de pouco enxutas as ralam, ou em ralos, que são uma pequena táboa com bicos embutidos, como usam os tapuias, ou umas rodas ligeiras forradas por fora com ralos de cobre, puxadas, ou com engenho, ou com as mãos, e forças de dous homens cada um em sua asa; e entretanto ũa índia lhe vai ministrando, e dando a comer pelo buraco de uma táboa a mandioca, sentada no mesmo escabelo, que segura a roda, e com um paiol à ilharga provido destas raízes: Embaixo tem uma canoa, em que vai c[urt]indo a farinha ralada. Deste modo usam os brancos, e todos os mais, que tem fábricas de farinhas; e conforme a quantidade assim tem mais, ou menos rodas, posto que os operários gostam pouco destas fábricas; porque no puxar das rodas suam, e tressuam, bem que tem o trabalho repartido em tarefas, que acabadas se vão revezando uns a outros. É a tarefa de cada um, ou de dous cada um em sua asa um paiol, que tem à ilharga, a que ministra, e levará cousa de três, ou quatro alqueires: ele acabado, descansam estes, como também a índia, da qual muitas vezes se queixam, se não é expedita em ministrar com ũa mão ũa raiz, e já com outra pegando em outra raiz; mas em meia hora se expedem. Ela acabada se provém os paiões de nova mandioca, e entram outros obreiros, os quaes se animam, e incitam uns a outros; e todos se empenham a qual mais depressa há de acabar a sua tarefa. E para isso puxam a roda já com uma, e já com outra mão, de sorte, que ela se não perceba no movimento por ligeira; e só se perceba a bulha, que fazem

umas folhas de palma por modo de vassoura, a[ta]das no mesmo escabelo. em que anda a roda em ũa roda viva, e servem-se de divertir aos trabalhadores, e já de sacudirem a farinha mais mimosa que a roda pela sua ligeireza leva pegada.

Entretando andam outras feitoras espremendo nos tipitis a mandioca ralada, que nas maiores fábricas, só tem o trabalho de os encher, e dependurar, e para os puxar tem postos uns grossos madeiros seguros na parede por uma ponta, e na outra um gancho, em que metem a presilha da emprensa, bem como os madeiros, ou varas dos lagares de vinho, que levantam, e abaixam por enquanto. Alguns brancos para maior expedição tem em lugar dos tipitis um caixão com muitos buraquinhos, e por cima um grosso madeiro, como vara de lagar, que lhe cae em cima, e a vai espremendo com o seu peso, bem como aquela faz espremer as uvas: e entretanto andam outras feitoras já meixendo, e torrando, a que cae espremida, digo a que vão expedindo das imprensas: donde se vem bem a conhecer quanto mais custosa é a farinha seca que a de ágoa; mas por razão de se fabricar com tanta presteza, e quantiosas fábricas é menos estimada, e menos gostosa, posto que mais ordinária. Torrada, e beneficiada deste modo a farinha secca a empaneiram, ou metem em paiões, como dissemos da farinha de ágoa; e sem mais benefício está feito, e perfeito o pão para todo o ano, ou para anos: só para se conservar mais ilesa da umidade, e quando é muito antiga de um, ou dous anos a tornam a passar pelo forno. Esta é a mais ordinária, que se vende, porque abrange a todos, é o remédio dos pobres, é o jornal dos jornaleiros, o viático nas jornadas, e a matalotagem nas viagens de canoas, e navios. Faz-se porém desta mesma farinha secca algũa tão perfeita que se estima por mimo, e regalo: mas é só de encomenda, que a ordinária é a já dita. O alqueire é, como já dissemos, na mão dos tapuias ũa vara de pano grosso de algodão, ou um prato de barro, ou cousa semilhante, mas para qualquer pessoa é pão de sobejo para um mês.

A terceira espécie de farinha, que é o carimá bem conhecida já na Europa, para onde se manda de encomenda, é mais especial, que as duas supra, ainda que não para comer por si só, como as duas primeiras mas para muitos outros usos, para o que tem muito gasto. É a farinha carimá um como extrato, ou mimo das mais farinhas, donde se tira, principalmente da secca; a qual peneiram com finas peneiras, e a que cae é o carimá. E se querem fazer maior quantidade socam primeiro a dita farinha secca, e depoes a peneiram; e sae tão branca como a mesma farinha de trigo; e se alguma cousa dela difere, é em ser mais alva, e fina: e também tem os mesmos usos, como logo diremos.

A quarta espécie é a farinha tapioca, ainda mais especial, mais fina, e mais estimada, que a mesma carimá; por ser como a quinta essência das mais farinhas lambicadas; a qual fazem deste modo. Quando espremem a farinha nas imprensas, aparam em baixo o tucupi, ou agoadilha, que lançam, com a qual sae muita sustância em muito polme, que assenta em baixo. Daqui tiram levemente por cima o tucupi, e segregado este do polme, põe este a secar nos fornos, donde sae em granitos; e tem os mesmos usos, que a farinha de ágoa, só com a diferença de ser mais alva, mais sustancial, mais gostosa, e regalada. Os que porém a querem fina para outros usos, depoes de secca no forno, a pisam, ou socam, e depoes a peneiram, e fica ainda mais fina, que o mesmo carimá. Estas são as quatro espécies principaes de farinha de pao, que usam os americanos tiradas, e extraídas todas da mesma mãe, e

raiz mandioca, de que nascem, e saem muitas outras mais mimosas, ou regaladas. Resta-nos agora dizer, os vários usos de cada uma para cujo conceito se há de saber, que tem todos os usos, e serventia da farinha de trigo, e muitos outros, em que a sobrepuja. Porque primeiro serve de pão ordinário (falo das duas primeiras espécies) só per si; e por isso se põe nas mesas em pratos ou tigelas; ainda que nas mesas mais graves, como já adverti, só se põe a farinha de água por mais grave, ou a tapioca torrada: porque a farinha secca equivale à broa, e por isso em taes mesas não é admitida. O modo de a levar à boca, ou é com os três dedos mínimos, como os tapuias, e gente ordinária, ou é com colheres; e andam tão destros os americanos em um e outro modo, que tem por descortezia o tocar na boca, ou seja com a colher, como os brancos, ou com os dedos, como os mais: pelo que, de certa distância atiram com ela a boca com tal destreza, que não só não erram a boca, mas nem ainda lhes cae um grão. E nisto se conhecem os novatos europeos, os quaes primeiro que se costumem, já metem a colher na boca, já lhes cae a metade, e já toda com perigo de pagarem patente de novatos, por não saber meter a sua colherada; sendo que estes lhe dão no princípio pouco gasto, porque estranham sempre a diversidade do pão.

O segundo uso é de tigela em lugar de sopas: lança-se na tigela de caldo, ou este seja de boa carne, ou de peixe: deixa-se aboborar, e então se come ás colheres com o conducto; e para encher uma tigela ordinária bastam quatro até seis colheres; porque depoes de aboborada, cresce, e incha tanto, que enche a tigela. E se ela é de caldo gordo, tem gosto mais superlativo, que as melhores sopas de trigo; ainda que também para estas sopas é preferida a farinha de ágoa à secca. Pelo contrário, nos escaldados, de que usam nas suas casas particulares, e de pouca família; não obstante vir a ser quase o mesmo, tem mais galantaria, sendo de farinha secca, e se faz assim: deita-se sobre um prato de farinha secca algum caldo de boa olha, e se deixa aboborar, ou assim descuberto, ou melhor abafado, e cuberto, como se faz às sopas; e quando se quer pôr na mesa se lhe lança mais caldo, quanto mais gordo melhor, e é um pasmo no gosto, pois, além de muito sustancial se come com regalo. Além destes dous usos, que são os mais ordinários, os que não gostam da farinha só per si a misturam no mesmo prato dos legumes: faz-se também em caldos, ou grossos como papas, ou mais liquidos, e potáveis, como para doentes. E para estes caldos é preferida a farinha secca, excepto, quando são caldos de regalo: porque então se fazem de carimá, ou tapioca como logo diremos: da mesma sorte são preferidas estas duas últimas para as bebidas, a que chamam tiquaras, que são uma pouca de farinha em algum vaso de ágoa fria com que a bebem misturada; e é o ordinário refresco nos calores, especialmente nos índios quando andam no trabalho, ou na remagem das canoas, posto que os mesmos brancos não desgostam dela. Fazem-se também uns bolos espalmados a que chamam beijus de duas espécies; a uns chamam beijus su, e são de farinha secca tão delgados como papelão *per minus;** e se fazem de farinha secca depoes de sair espremida da imprensa: e antes de ir ao forno a socam em pilões, e depoes vai ao forno onde ao mesmo tempo, que vai aquecendo, a vão unindo até sair em beijus maiores, ou menores, do feitio, e alvura de uma roda de nabo; mas maior, e fina, e tão frágil, que com qualquer toque quebra. São o pão ordinário dos cidadãos, e gente mais grave, e nas tigeladas, de que já falamos, ou escaldados tem preferência às mais farinhas: porém não aturam

* Lat.: pelo menos.

tanto como a farinha, e são tanto melhores, quanto mais frescos; e para os fazer é melhor, que as mais, a mandioca macaxeira, posto que dependem muito das cozinheiras.

A segunda casta de beijus chamam de ágoa porque se fazem da farinha de ágoa, e ordinariamente são maiores, e mais grosos e corpolentos, que os beijus ou propriamente do tamanho, e feitio dos bolos, que algumas padeiras fazem do trigo: excepto na cor, que amarela, e semilhante a broa que chamam de toda a farinha: e assim como a farinha da ágoa é superior à secca, assim também os beijus da ágoa são preferidos aos seccos, cujo gosto é semilhante ao gosto do pão de broa a mais perfeita: porém só se devem comer em frescos, e no mesmo dia, porque já nos mais dias não tem tanta pilhéria. Por isso os índios, e os brancos quando estão nas suas roças, ou as tem o pé de casa, não usam de outra farinha, nem de outros beijus, senão destes, fazendo-os frescos todos os dias; e comidos quentes com manteiga, são pão com manteiga. Destes mesmos beijus da ágoa fazem os tapuias os seus vinhos deixando-os bem apodrecer ao tempo, e sereno sobre os telhados, e quando já bem bolorentos, e com boa cabeleira os mastigam as velhas, e põe de molho em grandes talhas, como já dissemos falando das suas beberronias. Os brancos também deles fazem óptima ágoa ardente. Estes são os mais ordinários usos das primeiras duas espécies de farinha secca, e de ágoa, ou molhada: resta agora dizer os usos, que tem as outras duas espécies carimá, e tapioca, que são todos os que tem a boa farinha de trigo. Porque primeiro se faz destas duas farinhas pão tão excelente, que em nada mais se distingue do bom pão de trigo, do que em ser mais gostoso, e mais alvo, especialmente comido no mesmo dia, e no seguinte. Beneficia-se da mesma sorte, e da mesma levanta, e empola; e ainda que por não estarem com o trabalho de o amassar, e cozer (que para os americanos que tem imensa lenha à porta é trabalho grande) poucos o usam. Além deste excelente pão, usam os índios, e alguns brancos uns pequenos bolos redondos, que amassam com alguma manteiga, e os cozem com vários, e galantes feitios, como de pássaros, peixes, cobras, e lagartos; e comidos no mesmo dia, e frescos também são o mesmo que pão de trigo, mas passados de um dia, são fraca cousa. Chamam a estes bolos miepês, e os índios domésticos usam muito deles nas suas festas.

O biscouto feito do carimá, e tapioca é mais gostoso, que o da Europa, e fazem diversidade dele, como cada um quer. Serve também o carimá para os mimosos caldos de que usam não só os americanos, mas também os europeos, para onde os naturaes embarcam muita; e é muito sustancial para os doentes, e velhos. Assim mesmo serve para o pão de ló, massas, polvilhos, e para todos os mais usos que tem o trigo, de sorte, que pode chamar-se o trigo do Amazonas sem exageração da verdade; ainda que tão bem lá se dá o verdadeiro trigo, como logo diremos, posto que dele, e do mais grão haja pouco uso, já por demandar mais trabalho, e já por não estar em uso, e já por terem na farinha de pao melhor sustento, que no trigo. É tão admirável a sua planta que não tem cousa que não tenha sua especial serventia: porque o seu pao, ou haste serve para planta, a sua folha que chamam maniçoba é excelente para cozer com carne, peixe, e qualquer outro guizado, a que dá muita galantaria, mais que a couve na olha, e com o bom efeito de ser aperiente, e purgativa como o sene. A mesma aguadilha, que lança na imprensa, a que chamam tucupé, veneno refinado comido cru, como também a mesma raiz comida sem ser espremida, cozido é um excelente tempero nos

guisados, aos quaes dá ũa especial galantaria: e por isso a carne, e peixe cozido em tucupé tem muita graça; e os índios, e ainda os brancos de ordinário não o perdem, só pela muita quantidade quando fazem fábricas de farinhas. A mesma pilhéria tem usado por molho de carne, ou peixe. As coreiras, que são como farelos, que alguns bocados, que saem da roda, ou moenda, por já se lhes não poder pegar, guardados são óptima comida para galinhas, e cochinos. Há muitos índios, que como já dissemos, não se cansam em fazer roças, ou plantamentos da maniba; outras vezes apodrece a mandioca na terra, *[v. g.]* por muita chuva, e nestas occasiões se valem de algumas fructas bravas, especialmente uma chamada inaurá, e delas raladas fazem a mesma farinha, e mais fina, e regalada tapioca; como também de algumas palmeiras, e várias outras raízes de sorte, que não lhe faz falta a mandioca, se não aos índios das missões que por occupados no serviço dos brancos, não tem tempo, nem assistência nas suas casas para apanharem as fructas. No Estado do Maranhão succedem mais ordinariamente estas faltas. O plantamento da maniba quer terra firme, e secca; e por isso a fazem nos matos, como diremos adiante, excepto a espécie chamada macaxeira, que dá bem ainda nas ilhas, e margens dos rios; de sorte que alguns a vão plantando nas margens dos rios, quando vão ficando descubertas.

CAPÍTULO 3º

DO TRIGO, E MAIS SEARAS DO AMAZONAS

Por terem na mandioca tão bom sustento, pouco caso fazem no Estado do Amazonas das mais sementeiras usuaes em todo o mundo; excepto no Reino de Quito e Puru; e com muita especialidade na cidade de Lima, que por ser corte tão populosa há já mais curiosidade nos moradores, e mais uso da agricultura. Por isso já beneficiam as terras ao modo da Europa, e fazem grandes lavouras e searas de trigo, e mais grão, e legumes, aproveitando-se da bondade da terra, para que ajudam muito os quotidianos, e ordinários orvalhos da terra em lugar da chuva, que não tem. Também alguns missionários tem já metido a agricultura nos seus neófitos. Porém em todo o mais destricto do Amazonas não há uso algum do trigo, ainda no mesmo Estado do Pará, não obstante o ir-se povoando com diligência. E posto que dem por escusa o não se dar naquele Estado o trigo, mais é desculpa da sua perguiça do que probabilidade de verdade. Melhor diriam 1º: porque na sua mandioca tem melhor sustento: 2º: porque não está em uso: porque não são as suas terras menos férteis nem de peior condição, que as da índia, e África; como com discreta reflexão adverte Sousa no seu *Oriente Conquistado*, onde refere, que sendo lá o arroz o pão ordinário, como na América o

é a farinha de pao, dizendo os naturaes, que não se lograva bem naquele Estado o trigo, por requerer frios, ou clima temperado, qual não era o da Índia em que os calores eram tão intensos, houve contudo curiosos, que o foram experimentando, semeando-o em todos os meses, e luas do ano, com tão bom successo, que acertaram com o tempo, e principalmente a ter trigo em abundância com advertência que os calores da Índia, com estar 15 graos distante da linha equinocial, são mais intensos, que os do Pará, com estar em 1 só grao, como testemunham, os que já tem experimentado um, e outro clima.

A mesma experiência com igual acerto fez em África nos rios de Sena uma matrona (suponho não era tão ociosa, como as da América) mandando ir de Goa ũa frasqueira de trigo em doze frascos, dos quaes em cada mês, e lua fazia semear um frasco de trigo, até que acertou com o tempo próprio, que é no princípio dos orvalhos; e se foi cultivando com muita abundância. A mesma experiência se podia fazer no Estado do Pará, onde os orvalhos, são tão copiosos, e a terra tão creadora, como experimentam os seus moradores nas searas, que cultivam; e seria de grande conveniência a todo o Estado, por terem assim terras estáveis, e permanentes, e evitarem os inconvenientes da mandioca, que requer novos roçados, e novas terras todos os anos. Do bom successo da experiência tem o exemplo da Índia, e dos rios de Sena; e no mesmo Amazonas em Quito, e Puru: e ainda no mesmo Estado do Pará já alguns curiosos o tem experimentado, e visto. Um destes foi certo religioso, que o semeou em uma fazenda, e se logrou; mas não quis continuar, porque lhe saiu (disse ele) o grão mais pequeno, que o da Europa: fraca rezão o desanimou: porque ainda que seja menos graúdo, ou grado, sempre é trigo; e talvez que sobrepujasse, ou suprisse a sua pequenhez com a maioria, e multidão das espigas, e grão. Além de que em outras partes se tem experimentado o mesmo, e saindo miúdo o grão na primeira seara, já na segunda tem saído tão grado, e graúdo, como o bom da Europa. E na cidade de Mocha para as bandas do Maranhão assim soccedeo; porque semeado o grão da Europa, saio miúdo no primeiro ano, e semeando daquele mesmo no seguinte ano, já saio graúdo: mas no mesmo Pará se tem já visto graúdo; porque semeando um curioso a semente de alface em um seu quintal, meteu também na terra um grão de trigo, que achou na dita semente; e de tal sorte se bem logrou, que brotou em dez espigas com tão famoso grão como o da Europa, do que eu mesmo sou testemunha com muitos cidadãos do Pará, por cujas mãos andou à mostra tão copioso fructo de dez espigas, ainda não bem maduras. E desta mesma sorte o tem outros experimentado, e assim claramente se vê, que a sua falta é desmazelo, é preguiça, e é o não estar em uso, como se infere das mais searas de já vou a falar, entre as quaes é digno do primeiro lugar o milho grosso, de que se faz a broa.

É a broa o mais ordinário sustento em todo o nosso Portugal (excepto na Província de Alentejo) o pão mais usual no comum do povo, e ainda nos mesmos lavradores ricos; porque o trigo não abrange a todos. Além de que em algumas partes se beneficia tão bem a broa, que a sua vista, cheiro, e gosto, se deixa o mais mimoso pão de trigo, como succede no nosso mesmo Reino em muitas partes, especialmente na Província da Beira, onde se beneficia com tanta perfeição, que muitos criados só com o pão de trigo, depoes de a gostarem tem claramente dito, que de boa vontade trocariam por ela o seu pão de trigo. Mas não obstante não se fazer tão perfeita nas mais províncias de Portugal, é nelas a comũa broa, o ordinário pão dos povos; e sendo

no reino tão estimada, e o milho grosso de que ela se faz, no Estado do Pará, tem esta semente tão pouca acceitação e tão vil estimação, que só das galinhas é bem recebida, e só para elas se beneficia, dizendo os mesmos moradores, que milho é para pintos. Mas para que vejam os leitores a grande fecundidade da terra do Amazonas, exporei o modo do seu cultivo.

Não usam no Estado do Pará beneficiar a terra com arado, enxada, e mais instrumentos da agricultura; nem se cansam com lhe fazer os benefícios, que costumam em todo o mundo, como necessários requisitos para a boa produção das searas: porque sem estes trabalhos produzem as terras do Amazonas as suas searas por si só, com só lançar o grão à terra. Todo o benefício, e trabalho na verdade grande, consiste em cortar o arvoredo, lançar-lhe fogo, quando secco, e plantar a maniba na terra ainda fumegando; e talvez estando ainda em brasa os troncos das árvores cortadas. E como lá não usam de broa, e mais grão, senão do milho para sustento das galinhas, não fazem sementeira separada; mas por entre a mesma maniba semeam o milho, deitando-o em buraquinhos, que vão fazendo na terra com algum ferro, ou pao agudo, como quem vai caminhando; e com o pé o vão cobrindo; e havendo cuidado de deixar o grão enterrado, e cuberto de terra, está feita a sementeira, sem mais outro trabalho, que, depoes de algum tempo, cortar algum arbusto, que vai nascendo, e daí a três meses colher, e recolher o milho para o celeiro. Este é o mais ordinário modo de o semear; mas os que querem semeá-lo separado da mandioca, nunca semeam só o milho, mas é juntamente com algodão, ou algũa outra seara, ou legume; sempre porém é com a mesma facilidade de es[con]der só o grão na terra. Com mais facilidade ainda o semeam alguns nas mesmas terras, e margens do Amazonas quando vão ficando descubertas, porque então sem o trabalho de rotear matos, basta só meter o grão na terra, e colhê-lo a seu tempo. Em toda a terra se dá nobremente, e com todas as mais searas; ou seja junto com a maniba, ou com algodão, ou seja na terra firme ou em terra úmida; porque parece que todo o Amazonas é especial terra para milhos: mas se usassem dele por sustento, e quisessem fazer maiores sementeiras seriam óptimas terras as margens, e inumeráveis ilhas do Amazonas: de sorte, que seria tanta a abundância, que não haveria pobreza, e todos se poderiam chamar ricos. E na verdade, que maior riqueza dos moradores, que ter sempre em abundância o pão de casa, sem mais trabalho do que lançar o grão à terra, e depoes de três meses colhê-lo? quando no nosso Portugal, e mais reinos, além de tantas fadigas no beneficiar a terra de tantos cuidados em regar, mondar, e sachar as terras só se vem a colher muitas vezes depoes de oito, ou nove meses; e ainda então se dão por bem afortunados os lavradores, se tem boas colheitas, que às vezes frustram as muitas chuvas, e os demasiados calores.

Com outra circunstância mais, que muito abona o terreno do Amazonas, e é que em todo o tempo do ano se pode semear o milho: de sorte, que quem quiser ao mesmo tempo pode fazer uma seara, e colher outra; colhendo por ũa parte, e semeando por outra; um crescendo, e outro já maduro: regalia, que não será fácil achar-se em outra parte do mundo! E a razão disto é, porque como o clima sempre é o mesmo em todo o ano, sem distinção de verão ao inverno, mais do que nas chuvas; e sempre a terra é úmida, em todo o tempo o é de fazer as sementeiras, e também de medrarem, madurarem, e colherem-se: e só pode obstar a muita ágoa, sendo nas margens, e ilhas das enchentes. Mas que não obsta ainda este impedimento, muito bem o conhecem os moradores; porque muitos costumam fazer duas searas no ano, ũa no

verão, e outra no inverno; tanto da maniba, sementeira ordinária, como do milho, posto que só para as creações, ou como eles dizem, para pintos: tornaram a tê-lo na Europa, ainda os maiores galos, e galos dos maiores poleiros. Menos caso fazem do mais milho, que chamam de angola, posto que em Angola, e muitas mais partes da África, e ainda no grande Império da China, seja tão estimado como o ordinário sustento: para cujo melhor conhecimento se há de saber, que em África, principalmente no Império do Monomotapa, e muitos outros reinos da Cafraria há quatro espécies de milho. Primeira é o graúdo, de que ategora falamos, e de África nos veio a Portugal com tão bom successo, que como já disse, é o mais ordinário pão na maior parte do reino: e dizem os noticiosos, que depoes, que este milho se multiplicou em Portugal, principiou nele a fartura, e já se não experimentaram mais as duras fomes de outros tempos. Há porém ainda nesta mesma espécie outras castas de milho mais, ou menos graúdo, mais, ou menos mole, como também amarelo, e vermelho, já bem conhecidos.

Além do graúdo, há o segundo, a que os naturaes chamam mapira inhacuro, e os chinas Cao liam, do tamanho de munição, cuja planta é do feitio de um cajado; porque a sua espiga por grande, e pesada cai inclinada, e a haste faz um como arco, que é arremedo mui próprio do arco, que formam as grandes espigas de painço. É tão fecundo este milho, que basta uma espiga para encher ũa carapuça de grão: é o mais estimado de todos, e em sua comparação tem menos estimação o graúdo, e mais milhos. Faz um pão não só muito alvo, senão também muito gostoso. O terceiro é o milho chamado mapira inhamuci; é a sua espiga aberta, o grão quase do tamanho do mapira inhacuro, e também é muito rendoso. A folha de um, e outro, é da figura da do milho graúdo, mas mais crescida, e estreita. O quarto é o milho, a que chamam michueiro machavere: é de espiga fechada, como o painço de Portugal; mas muito maior, e também o grão é maior; e por isso muito rendoso. O que suposto: Houve já coriosos, que levaram ao Estado do Pará estas espécies de milho, e alguns pés vi eu tão bem crescidos, que um homem a cavalo não os igualava na altura, e as espigas de uns, e outros tão bem nutridas, que cada ũa daria um salamim, sem trato, ou cultura alguma mais, do que meter o grão na terra, com a galantaria de darem soca e resoca: chamam na América soca, e resoca os naturaes à segunda, e terceira colheita da mesma seara uma vez plantada; isto é, madura já, ou já na sua constituição, a primeira espiga, torna a mesma planta a arrebentar pelo pé outra cana, em que dá segunda espiga, a que chamam soca; e quando esta está já bem crescida, pula do pé terceira cana, e brota em terceira espiga, a que chamam resoca. É pois tão fértil, e creadora a terra do Amazonas, que muitas sementeiras tem soca e resoca, primeira, e segunda colheita, como são as de tabaco, arroz, e muitas outras: e algumas tem terceira colheita, como são estas espécies de milho, só com o trabalho de meterem o grão na terra, e ter cuidado de não deixar crescer os arbustos, para que não afoguem as searas.

Mas como no Amazonas se tem em tanto desprezo o milho graúdo, como já vimos, muito mais estas outras espécies; e por isso só alguns curiosos tem nos seus quintaes alguns pés dele por galantaria, e novidade, cujo grão aproveitam os pássaros, especialmente os papagaios maracanás, que se lhe podem chegar, dão-lhe bom gasto, e com bom gosto, como também os macacos, e outros bichos. Porém povoando-se aquele Estado, como será muito fácil sabendo-se a sua riqueza, e bondade do terreno, acharão os europeos

este tesouro na sua fertilidade, que lhes dará grande fartura nestas searas, e grandes riquezas na sua cultura. Com esta mesma abundância são as searas do arroz, com ũa notável especialidade, que duvido se ache em todo o mais mundo, e é, que no Amazonas há searas muito extensas de arroz de sua natureza, que em muitas paragens nasce por si mesmo, como em outras nasce a erva, e feno. Admiram-se estes grandes arrozaes pelo meio de lagos, e rios em algũas baixas; onde por si nascem, e crescem todos os anos; e do mesmo grão, que vai caindo, renasce segunda seara, e assim se faz perpétuo naqueles lugares. Nasce na vazante dos rios, e lagos, e posto que logo tornem a encher, nunca fica alagado, mas vai pulando, e crescendo tanto, quanto alteam as ágoas, de modo, que sempre fica superior à mesma ágoa, ainda que esta cresça muitas braças, e se conserve por muitos dias, e somanas sem diminuição, como succede no Reino de Sião na Ásia, em que de um dia para outro sobem muitas braças as ágoas nos campos de arroz, por causa das exorbitantes enchentes, que duram às vezes sem decréscimo somanas, e somanas, e sobre a ágoa se levanta muito ufano, e sustenta o arroz sempre, e cada vez mais viçoso, e medrado. O mesmo à proporção soccede no Amazonas; e se houvesse, quem aproveitasse estas searas podia encher muitas embarcações, e sacudindo-se de uma, e outra parte, frotas inteiras se poderiam carregar de arroz. Porém como os índios não usam dele, e os europeos são tão poucos, só servem para sustento dos pássaros, especialmente patos, marrecas, e muitos outros; e o mais vai caindo nos rios, e boiando com as ágoas, apenas alguns missionários, que os tem ao pé de casa, mandam apanhar algum, quanto lhes baste para provimento de sua casa.

Faz-se muito depressa, e com a mesma amadurece este arroz, de sorte que apenas espiga, e deita as barbas, em oito dias, ou pouco mais amadurece, é algum tanto mais miúdo, que o de Veneza, e tem suas praganas semelhantes à cevada: é ordinariamente vermelho na parecença, mas quem usa dele sabe a mestria de o fazer não só branco, mas tão alvo como o da Europa, e toda a mestria é misturar com ele algũas camisas de milho nos pilões, quando o descascam, e já sae branco, e quand[o o que]rem cozer esfregá-lo bem e fica alvíssimo. A causa de não se aproveitarem dele os brancos, nem se usar nas povoações é porque a sua condução é mui custosa, por não haver naquele Estado embarcações de carreira, e aluguel; mas cada um, que quer algum transporte se serve dos seus servos, ou familiares, se os tem e vem-lhe a sair maior a despesa, que a receita. Por isso os que naquele Estado usam de arroz, como são as comunidades, e poucos outros, usam do arroz de Veneza, e dele fazem próprias sementeiras; e são as únicas searas, que fazem separadas, mas com os grandes avanços, que já disse de fazerem duas, ou três colheitas, se tem a providência de cortarem os arbustos, para que não o afoguem. E se tivesse saída para Europa poderiam os moradores daquele Estado ter taes, e tão grandes searas, que poderiam prover a toda a Europa, considerada a sua grande fecundidade, e ainda a poderiam fazer estáveis estas searas, como são as de sua natureza pelo Amazonas acima; só com a economia de o semearem em lugares alagadiços por dous, ou três anos contínuos, de sorte, que desterrassem toda a geração da mais erva; e juntamente cortar-lhe os arbustos, e fica já naturalizado o arroz, sem ser necessário novas sementeiras. Porém como poderá ser, que em algum tempo tenha estimação, e saída para fora, e para satisfazer ao desejo de alguns coriosos porei aqui algũas outras espécies de arroz, que usam em outras partes, especialmente na Índia, e nos rios de Sena.

Muitas são as espécies de arroz, que cultivam os indiáticos pela razão de ser o seu usual sustento, e pão quotidiano; e também nos rios de Sena em África, principalmente em Quilimane, onde há o mais excelente; cinco são as principaes. A primeira é o arroz fino, ainda que também há diversas espécies inclusas nesta mesma espécie de arroz fino: duas são as principaes mais estimadas, e procuradas de todos, ainda que de poucos cultivadas, por ser mais custosa, que as outras, a sua cultura porque no lugar aonde se semeou um ano, não se semeia no outro sub pena de degenerar, e perder muito da sua fineza, da sua alvura, do seu delicioso gosto, e cheiro. É este seu cheiro tão activo, que ainda em grande distância recende, quando se cozinha, e tira da panela, ainda que sem outros ingredientes do que água, e sal, com a singularidade de ser também muito aromático. Porém, com ter tão bons predicados, poucos o cultivam, e antes o querem comprar, a todo o preço pela razão referida; e também porque fica a metade pelos campos, *[roto o original]*, como se chamam naquelas terras; se não se colhe com tempo, além do trabalho, e dificuldade que há em o guardar dos pássaros, por ser o primeiro que amadurece. É o seu grão fino, e comprido, e ainda depoes de cozido se pode contar; porque se conserva inteiro, e separado um do outro. A primeira, e principal dificuldade da sua cultura, que é o dever-se semear em diverso lugar cada ano, não tem lugar no Estado do Amazonas, aonde todos os anos se fazem as searas em diversas paragens, ainda no caso, que lá succeda o mesmo, que talvez não succederá, por serem terras mais úmidas, e por isso muito mais próprias para o arroz: e pode ser, que também as mais dificuldades se desvaneçam no Pará.

A segunda casta de arroz fino, é certo, que não é tão excelente como a primeira; porque já lhe falta muito do seu delicioso gosto, e cheiro aromático: porém ainda assim, com ser mais inferior, segundo dizem os práticos, é muito melhor, que o de Europa, e lá parece, que quer arremedar a primeira espécie, e talvez seja a primeira espécie degenerada: é, o que tem a primeira estimação, abaixo da primeira espécie. E são taes os seus avanços, que (ainda com as contrariedades acima referidas, de ficar pelos campos, de o comerem os pássaros, e outras) me contou um morador, que houve ano, em que tendo semeado só três panjas (medida assim chamada naquelas partes, maiores, que o nosso alqueire) colhera 550 panjas. A terceira espécie, a que chamam munição, por ser redondo, posto que seja inferior ao fino na estimação, contudo também corre com o nome de fino, e na verdade é de mui bom, e admrável gosto, e muito próprio para o arroz doce de leite. E tem demais a bondade de não ser tão melindroso, como o primeiro porque se dá bem em toda a terra, nem pede mais esta, que aquela, sendo própria para arroz. Esta propriedade tem quase todas as terras do Amazonas, porque em toda a parte se dá tão nobremente este mantimento como se todo o seu terreno fosse terra própria, e pátria do arroz. A quarta espécie de arroz chamada inacoeira, é maior, e mais crescido que o munição; porém é também esférico, tem a propriedade de ser muito branco mas tem o desar de ser também melindroso, como o fino; mas de inferior condição no cheiro, e gosto, e lá arremeda algũa cousa o melhor da Europa. A quinta espécie se chama inhamar-

rimba, e é arroz de farta velhacos, assim por ser em quantidade, como por ser muito crescido. Este é o arroz, que posto que não iguale o delicioso do fino, merece a primeira atenção pelas suas fidalgas qualidades. Primeira porque é o remédio dos pobres: Segunda porque é a fartura dos ricos. Terceira por ser facílima a sua cultura. Quarta por ser grande e segundo *[roto o original]* seus naturaes, excessiva a sua produção. Quinta e principal, por ser um tamanhão: porque é do tamanho de um pinhão descascado, e depois de cozido fica do tamanho de um pinhão com casca, por muito inchado.

Tem mais a singularidade de não se peiorar, ou diminuir, ainda que haja descuido em o apanhar a seu tempo, e fica por algũa temporada no campo: nem os pássaros o perseguem tanto, como aos mais, por vir mais tarde em que os pássaros já estão enfastiados com os mais temporões: e também por ser de condição rústica, isto é, muito aferrado à espiga, propriedades que o fazem ser estimado de todos, e o mais ordinário sustento. Há ainda mais outras espécies, que não tenho na memória, e só me ficaram estas de algũa comunicação, que tive com alguns moradores da Índia, e rios de Sena. Mas nestas, além das que já usam, tem os povoadores do Amazonas, ou podem ter muita abundância, com que não só façam ricas as suas casas, mas também o possam transportar a Europa, aonde terá boa acceitação, e melhor preço. Resta-me o dizer alguns usos do arroz à indiática, e rios de Sena, aonde se guiza com facilidade, e sempre apetitosamente, além dos já sabidos, e comuns, visto ter falado naquelas terras, e suas searas de arroz. O primeiro uso é o celebrado caril, que consiste em um molho composto de manteiga, coco, açafrão, ou açafroa, e engrossado com camarões, ou mexilhões, ou com qualquer outro marisco: outras vezes com peixe desfeito, isto é, feito em pequenos pedaços, a que no Brasil chamam piracuí. Vindo pois o arroz para a mesa cozido só em água, e sal, vem juntamente em [porçolanas o] caril, lança-se em cima do arroz, e está feito o arroz de caril, menestra ordinária na Índia, e em muitas outras partes da Ásia, aonde o comum sustento é o arroz. Além do sobredito caril, que é o mais usado da gente grave, religiões etc., há outro mui ordinário, e muito usado dos naturaes, e ainda de alguns europeos, chamado tique tique, que é composto de pimenta redonda sem medida, ou pimenta longa em muita quantidade, pelo que é tão picante que faz arder, e chorar um homem sem querer, e como cáustico deixa a boca em carne viva aos reinóes, antes de se acostumarem a ele. Porém aos canarins, e os mais acostumados ao tique tique, não é gostoso o arroz, se não é adubado com tempero tão destemperado. O segundo é mais fácil, e segundo os práticos, mais gostoso. Chamam-lhe daim, e não é mais, que o arroz cozido com sal, e ágoa, e posto na mesa, vem o daim em porçolanas, que é leite coalhado, a que na Europa chamam coalhada, e que quanto mais azedo melhor, *v. g.* de três, ou quatro dias, e se mistura um com outro, ou no mesmo prato, ou na boca para dar gosto ao arroz, e o poder comer, por não ter mais tempero, nem pilhéria que a do sal, com que unicamente é cozido. Afirmam, os que dele gostam que tem especial galantaria, de modo, que o usam, além dos naturaes, e religiosos, ainda aqueles seculares, que presumem de fartos, e regalados nas suas casas. As mais menestras, como já são sabidas, e usadas em todo o mundo, não necessitam de especial atenção.

CAPÍTULO 4º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA DAS MAIS SEARAS, E LEGUMES

Além das searas, que já dissemos, de maniba, milho, e arroz, pouco usam os seus moradores das mais, excepto do tabaco, e algodão, de que falaremos adiante no lugar das principaes riquezas do grande tesouro do Amazonas. E só alguns, especialmente comunidades, usam muito dos legumes dos feijões, em que não é menor a abundância e fertelidade; porque o seu producto é tão crescido, que parece incrível: e se as searas, que dão cem por um, são bom argumento da fecundidade das suas terras, aqui no terreno amazônico não só dão avanços aos centos, mas a milhares, e sem os cansaços do arado, nem os trabalhos da enxada, regas, e mais cultivos da terra: porque só se escondem na terra, e quando muito se lhe dá ũa capinação uma vez, para lhe mondar a erva. Há várias espécies deste legume ordinariamente já conhecidas, mas as que mais se usam são os fradinhos, e algumas castas logo ao terceiro mês principiam a [dar com] tanta abundância, que se equivocam com as folhas, uns em flor, outros em bages, e outros já maduros, continuando a sua fecundidade por muitos meses; e frutificariam todo o ano, se os seus cultores tivessem a providência de os regar. Porém, ainda que se não usa, há paragens onde duram por alguns anos, se a erva os não afoga, arrebentando de novo pelo pé, ou raiz, como eu mesmo observei. O seu maior uso é comerem-se verdes, quando se tem perto de casa, e na verdade para isso são nobres, pelo bom comprimento das suas bages, quase de palmo. Usam mais destes que dos grandes, por serem de melhor gosto; e na verdade bem cozinhados tem boa entrada, ainda nas casas opulentas, ou sejam verdes, e de sapata, ou secos cozidos na ágoa só com sal, e depoes tirados da ágoa, e temperados no fogo em frigideira com azeite, vinagre, cebola, bem picada, e segundo alguns, também com seu dente de alho e depoes, de fervidos apresentados na mesa; e já o cheiro basta para convidar, e fazer crescer a ágoa na boca, antes de os levar a ela.

Ũa espécie de feijões tem alguns moradores, não para sustento, mas para galantaria nos seus quintaes digna na verdade de especial menção: nem eu sei a razão, porque dela não fazem searas grandes, senão por não estar em uso; porque no seu gênero é digna da primeira estimação por grande, pelo fecundo, pela duração, e muito mais pelo seu excelente gosto. A sua planta é do feitio dos cipós, ou como as vides; e por isso os coriosos lhes fazem latadas, ou parreiras, onde se estendem muito, enlaçam, e cobrem o seu mesmo fructo: é este da grandeza do milho graúdo, ou pouco maior, cor vermelho escuro. As suas bages são curtas, e de poucos feijões cada uma, mas dá estas em ramilhetes de muitas bages, e cada planta está sempre carregada destes ramilhetes, uns em flor, outros já crescidos, e seccos outros. Digo está sempre carregada de bages: porque se estão em latada, ou parreira, duram como as mesmas parreiras tão liberaes, que todos os dias do ano se podem fazer colheitas: o mesmo succede achando algum muro, ou cercado, a que se encostem.

As fructas da terra, ou terrestres, são com a mesma abundância como são melões, melancias, e outras: mas estas duas espécies são, as que mais

se usam, ainda que poucos são, os que delas fazem própria sementeiras, porque o ordinário é semeá-las nas roças da maniba, e sem cultivo nenhum crescem, e se desfazem em fructas. O mesmo é nas abóboras de ágoa, ou das mais espécies, cujas sementeiras se podem fazer em todo o tempo, ainda que o uso é semeá-las duas vezes no ano, ũa no verão, e outra pelas chuvas do inverno, com grande admiração dos novatos por verem melancias, e melões em todo o tempo: e mais se admirariam se lá as cultivassem, como na Europa, ou ao menos as regassem: semeadas, muitas vezes tornam a arrebentar no seguinte ano. Nas mesmas praias, e margens do Amazonas, e mais rios se dão nobremente metidas na terra as pevides, quando vão ficando descubertas as praias, e margens: e muitas vezes tornam a arrebentar, ou a multiplicar-se pelos anos adiante de algumas pevides, que escapam em algũas pevides, digo melancias, e abóbaras, que por ali ficam, e apodrecem depoes de lhe passar toda a enchente por cima, e estarem de molho, ou debaixo da ágoa por alguns meses. Aos melões nem ao menos lhe fazem o benefício de os capar, mas só como Deos os creou, e só pedem terra mais úmida, e se há a providência de algumas vezes os molharem, pagam muito bem o trabalho; porque se despicam com famosos melões. Há uma espécie de melões, não sei se é própria do Amazonas, sei porém que são estimáveis pela sua bela cor, e melhor cheiro. O feitio é todo de melão, e não é dos mais pequenos a cor é um amarelo muito vivo, e claro, cor de ouro; o cheiro é superlativo, nem há açucena, angélica, ou flor algũa que o iguale: de sorte, que basta um em ũa casa para toda ela recender, e ainda abranger aos que passeiam as ruas. Por isso os conservam os moradores nas suas casas, e com a sua bela cor ornam as suas salas. O gosto não condiz muito com a sua bela vista, e cheiro; contudo os comem assados botando-lhe alguns pós de açúcar, ou cozidos.

Onde porém se admira muito a grande fertilidade do Amazonas é nos Reinos de Peru, e Quito, onde se cultiva de algum modo a terra como já dissemos, bem que com muito menos trabalho, do que na Europa, e assim como tem grandes searas de trigo, e mais grão, assim também tem excelentes hortas com toda a variedade de hortaliças em muita abundância, especialmente nas cidades, onde tem maior gasto pelo maior concurso. Esta mesma fartura há em algumas minas portuguesas; não assim no Estado do Grão Pará, onde se não usam, nem cultivam as hortaliças, tirando algumas comunidades, e poucos coriosos. Porém esses poucos vem bem a sua grande conveniência na sua multiplicidade: porque não necessitam de semear *v. g.* as couves, mas só meter um olho na terra, e em poucos dias está uma bela couve. E se as alfaces brotassem olhos com a mesma facilidade poderiam cultivar-se, como também a mais hortaliça; e se houvesse curiosidade podia haver a mesma abundância, que na Europa: porém não está em uso; de sorte, que no tempo, que vivi por muitos anos naquele Estado só um curioso tratava de ũa pequena horta, em que cultivava muito as alfaces, e por isso lhe chamavam o Alfacinha, por cujo nome era bem conhecido. E posto que todos gostavam de ter de quando em quando uma alface para se refrescarem com uma selada, ninguém se deliberava a imitá-lo, e antes as queriam comprar por alto preço, pelo qual o bom Alfacinha lhas vendia, ou por castigo da sua inércia, ou por muleta da sua preguiça; mas parece que tem por desdouro, ou menoscabo próprio tal coriosidade, sendo que o ofício de hortelão é tão alegre, que muitos príncepes o tem preferido aos maiores empregos; e o Imperador Diocleciano largou o império e os seus cuidados e se fez hortelão. E sendo a vida de hortelão tão alegre, muito mais alegra a conve-

niência da hortaliça: porque é o remédio dos pobres, é o regalo dos ricos, e o sustento de todos, grandes, e pequenos, nas aldeias, vilas, cidades, e cortes. E os que sabem por experiência a sua bondade, dizem, que a maior riqueza estável, que pode ter uma casa é ter uma boa horta, e o experimentam os senhores nas cortes, cidades, e vilas; e por isso com os fructos, o que mais cultivam é a hortaliça: e para isso fazem excessivos gastos, e à custa de muitas fadigas, e trabalhos, as cultivam com poços, noras, e levadas de ágoa, trazidas de longe, porque sabem quão grandes são as suas conveniências, trabalho, que sendo o principal, é no Amazonas muito suave: porque, ou não necessitam dele as terras por muito úmidas, ou é facílimo por serem terras baixas, e por estarem todos os sítios, e povoações sobre os rios, dos quaes sem trabalho lhes podem meter a ágoa.

Não por sustento, mas por acepipe usam alguns de semear nas suas roças alguns legumes que não são despicientes, como são quiabo, que é ũa planta do tamanho de ũa cana de milho, porém com outro feitio, e dá por fructos uns pequeninos pepinos, mas sem espinhos, de que se fazem, enquanto verdes, boas menestras, sabendo tirar-lhe um leite, que tem bastante pegajoso. Amenduí, que é ũa planta rasteira, e miúda, cujo fructo são uns como pequenos bugalhos. Carurus, batatas, e muitos outros. A batata, a que os naturaes chamam jetica é diversa da da Europa, e há diferentes espécies; roxa, vermelha, branca, e amarela, e crescem a bom tamanho; e ou sejam cozidas, ou assadas tem muito bom gosto, e ainda sem molho algum, e muito melhores serão com ele. Umas são mais pequenas, e outras maiores, e algumas do tamanho, e semelhança de grandes paios. A verdura, de que mais usam no Estado do Pará são umas ervas, a que chamam caruru, nome genérico para todas as ervas mais usadas, e comestíveis naquele Estado; mas mais propriamente há duas espécies na verdade estimáveis; a uma podemos chamar caruru doce pela distinção, que tem do outro. É este caruru na verdade doce; porque ou seja per si só em espernegados, ou misturado com os legumes lhes dá um excelente gosto: é tão tenra esta erva, e tão mimosa, que vence o tenro da alface, e o mimoso dos espinafres, e mais verduras; de sorte, que metida na panela em poucos minutos está cozinhada. A segunda espécie não é menos galante, porque, em lugar do doce da primeira espécie, tem um picante, que não só lhe dá sua graça per si só, mas também a comunica aos legumes, e carne, com que se cozinha: a sua flor é semilhante aos malmequeres. Tanto deste caruru, como do primeiro se fazem muito frescas, e gostosas seladas; e muito mais o são se se misturam. E sendo tão estimáveis, ninguém os cultiva hortenses, nem é necessário: porque pelas roças da maniba, e mais searas, é a erva mais ordinária, que nasce em tanta abundância, que preciso arrancá-los, para não afrontarem, nem afogarem as searas. Com a mesma abundância crescem sem cultura outras ervas como são os espinafres, bredos, beldroegas, e muitas outras, de que naquele Estado, se não faz caso.

Visto falarmos em verduras, e hortaliças, em seladas, e refrescos tão estimados em todo o mundo, e tão convenientes ao Estado do Amazonas para refrigerar os seus intensos calores, apontarei aqui algumas espécies de hortaliças *in gratiam** dos seus moradores, persuadido, a que com força se irá povoando, pelos muitos europeos, que concorrerão a aproveitar-se do seu grande tesouro, e riquezas; e também para satisfazer a disculpa, que dão alguns de que nem todas as verduras se dão em todas as terras, nem todas

* Lat.: Em benefício.

as plantas se casam com todos os climas, como na verdade assim é: mas por isso mesmo será mais bem aceita esta notícia, para que se experimente, quaes se devem eleger, e quaes experimentar. Além de que há muitas hortaliças, que para medrarem querem mais um, que outro benefício, este, e não aquele estrume: e outras querem a semente de fora, porque a própria degenera. Como nas ilhas em que se dão bem os melões, mas todas as suas sementeiras requerem sementes da Europa. O trigo em São Paulo fructifica bem; mas há de semear-se o grão da Europa, e assim muitas outras searas: havendo porém vontade, logo há providência; e com ela o bom regimen, e economia. Seja pois a primeira a mais comua e usual hortaliça, que é a couve, pelo primeiro lugar, que tem nas hortas, e nas cozinhas; ou já feita em espernegado, ou cozida na olha com a vaca, ou com os legumes. Tem muitas espécies a couve: a primeira e mais ordinária é a que chamam galega, bem conhecida em toda a parte porque em toda a terra se dá bem, ainda que tem diversas castas, e todas bem gostosas, mas todas são quase o mesmo. A segunda é a couve tronchuda ainda mais excelente por mais tenra por muito crespa, e porque cresce depressa: ambas estas espécies são bem conhecidas, e usadas na América, onde se dão nobremente. A terceira espécie é a couve vermelha, galante pela sua cor, e muito mais pelo seu gosto porque é das mais doces, folha crespa, e grande, mas tem o inconveniente de ser mui mimosa, e melindrosa: primeiro em se não dar bem em toda parte[;] segundo em que para ser gostosa, tenra, e doce há de ter apanhado alguns orvalhos de giada, ou neve, e por isso não se dará bem no Amazonas, salvo nas suas cabeceiras, e serras nevadas. Contudo me ocorre, que se poderá dar bem ainda no Estado do Pará, plantando-se em lugares mais frescos, e tempo proporcionado, os quaes suprirão a falta de orvalhos competentes, e aptos para a fazer doce, e tenra. O fundamento desta occurrência é, por me constar de certo, que a couve murciana se dá optimamente na Índia, com ser clima cálido, e requerer esta excelente couve na Europa frios para se aperfeiçoar, sem os quaes nasce, cresce, e chega a ser tão grande, tenra, e mimosa, como as que mais o são na Europa. *Quapropter** o mais acertado será fazer-se experiência, que de tudo é a mais sábia mestra; e quando não pegue, como na Ásia, só se perde a semente, que é damno de pouca monta.

A quarta espécie é a couve branca (só no Colégio de Coimbra sei, que a houvesse) melhor, que todas as referidas, no gosto, e mimoso, e igual às maiores da[s] outras espécies na grandeza: há, quem a prefere aos melhores repolhos. A quinta e última espécie, das que me lembram é a couve flor, digna por certo de ter um dos primeiros lugares nas hortas, assim pela sua bela vista, como também pelo seu delicioso gosto, em que vence a muitas das acima ditas, nem é tão melindrosa, como a vermelha. A segunda hortaliça são os repolhos dignos por certo de occuparem nas hortas, e quintas os primeiros cuidados, e atenções dos hortelões; e são os que na espécie genérica de hortaliça mais avultam: porque há repolho, que tem em circunferência bons seis palmos; famosas bolas para uma numerosa comunidade! Há três castas mais conhecidas, e cultivadas: primeira são os mais ordinários, e maiores, e se dão bem em terras quentes. Segunda são os amarelos muito encrespados, mas não como os da primeira espécie, em que todas as folhas se vão fechando, como cascos de cebola, porque os amarelos tem as folhas cada uma de per si; e assim vão crescendo até fazerem a sua roda, que

---

* Lat.: Por isso (portanto).

nunca é tamanha, como a dos primeiros. A terceira são os vermelhos muito doces, e estimados, mas tem também alguma cousa de melindrosos, e se não querem accomodar em toda parte, nem a toda a terra. Além do uso ordinário dos repolhos, quero aqui ajuntar dous por não serem sabidos em toda a parte. O primeiro é a excelente, e mui gostosa selada, que deles se faz das folhas mais interiores, e tenras; cortam-se em fios finos, e se temperam como selada, e é muito praticada em algumas províncias, e outras, que a tem por algum tanto indigesta, lhe fazem diverso tempero, que é toucinho picado, e bem cozido em vinagre, e alguma ágoa, e engrossado este molho com algũas gemas de ovos bem batidas, assim quente lho lançam por cima, e além do especial gosto não é tão indigesta esta selada como a primeira. O segundo uso é o repolho de conserva desta sorte. Picam ou cortam o repolho também em fios, e onde costumam esta menestra, tem já instrumentos, que por engenho fazem depressa: assim picado o põe em vasilhas de pao, lançando-lhe bastante sal, como quem salga carnes; põe-lhe por cima alguma táboa com ũa boa pedra, ou outro peso em cima, para que o repolho fique totalmente coberto, e afogado na salmoura. Quem quer lhe lança também alguma pimenta, ou mostarda, ainda que não necessita disso.

Quando o querem cozinhar, lavam-no muito bem, e depoes o cozinham, e temperam; e se é com gordura, ou manteiga melhor: e afirmam os práticos, que é uma das mais excelentes iguarias, que usam os alemães, e outras nações. Alguns ainda depoes de lavado lhe dão uma fervura, e escoando-lhe a ágoa, depoes de se sesfriar o cozinham: e tanto deste, como do primeiro modo, se lhe ajuntam a mostarda beneficiada com mosto, tem especial galantaria, como de agre doce; porque a salmoura, lhe deixa um agre muito agradável. Nesta salmoura não só o conservam por muitos tempos, mas o transportam de uns para outros portos por contrato, sem perigo de damno, indo coberto de salmoura. Há também espécies de alface: porque há maiores, e menores, lisas, crespas, e repolhudas, de que se fazem boas seladas, como também chicórias, e outras verduras muito usadas. A chicória para se fazer tenra, amarela, e gostosa costumam os hortelões levantar-lhe as folhas, e atá-las em molho pelas pontas: para as adoçar sabem todos, que se põe primeiro de molho. Muitas outras hortaliças há excelentes: porém remeto-me aos quinteiros, e hortelões para já passarmos a outra matéria.

CAPÍTULO 5º

DOS MAIS EXCELENTES FRUCTOS DO AMAZONAS

Mas se nas searas, e legumes se mostra tão liberal o Amazonas, e tão fértil nos fructos da terra, e hortaliças, ainda mais se mostra liberal, e fe-

cundo nos fructos das árvores, não só pela multidão, e fartura, mas também pela qualidade, e variedade, em que não cede as mais férteis, e abundantes terras do mundo: nem se admirará, quem sabe a imensidade de arvoredo, que cria nas suas matas, onde apenas faltará alguma espécie de árvore, e todas produzem fructos conforme a sua espécie, maior, ou menor, mais, ou menos sadio; mas em tanta variedade ninguém pode duvidar, que haja muita variedade de fructas deliciosas, e regaladas, das quaes apontarei algumas das mais principaes, e conhecidas, que de todas seria impossível; terá pois o primeiro lugar o*

Ananás, porque na verdade merece o primeiro lugar entre as fructas, assim pela sua grandeza, como pela sua majestosa figura, e delicioso gosto. Há várias espécies, mas duas são as mais principaes. A primeira é o ananás ordinário. A segunda chamam abacaxi: o seu feitio é como uma linda pirâmide, mas redonda tecida à maneira de pinha, e tem por coroa, e remate um galante penacho de folhas, em lugar de plumas. É de cor amarela por fora, quando maduro, e por dentro branco como algodão. A sua grandeza ordinária é como uma melancia, com feitio piramidal, mas todo constipado, e sólido. Parte-se em talhadas, depoes de descascado, e dá bem de comer a dous ou três amigos, se nenhum deles for alarve: verdade seja, que há alguns mais pequenos mas, ou é por rezão do terreno menos apto, ou por incúria dos agricultores. Diferençam-se estas duas espécies em dous predicados: primeiro nas folhas. São as folhas do ananás do feitio da ũa faca de ponta larga, e adelgaçando para a ponta; ou como a folha da espadana, posto que não tão comprida como a espadana, e mais aguda, que esta para a ponta: e todas as suas folhas são do mesmo feitio, excepto, que as do ananás ordinário são lisas pelas bordas: as do ananás e abacaxis tem pelas bordas uma serrinha, que serra muito os dedos, de quem não lhe pega com jeito, e cautela, porque sempre está amolada de sua natureza, ou pela natureza. O comprimeito das folhas será um palmo, ou mais; menos as do seu penacho, ou coroa, que tem algumas mais curtas: nascem do tronco, como as da pita. A segunda diferença está no gosto; porque os ananases ordinários são muito doces, e por isso enfastiam mais depressa: não assim os abacaxis, que tem um ácido, ou acre dulce muito desenfastiado, e por isso *caeteris paribus** são os mais estimados, e apetecidos. A sua planta é baixa, e cresce por modo de um craveiro, e com a mesma altura; e na haste, que sobe direita, deita por remate o seu famoso ananás, e por remate a sua coroa, ou penacho. É muito sumarento, e tão forte, que metida ũa faca em uma destas fructas, a come totalmente em pouco tempo, mas não tão brevemente, como já escreveo alguém, da noite para pela manhã, e tão bem mais o[s] abacaxis pelo seo ácido; porque todo o ácido é corrosivo do ferro. Tem mais a propriedade do chá, porque faz digerir o comer, mas sendo demasiado é alguma cousa indigesto, por mui forte.

Sendo tão nobre, e real fructa, não tem nada de melindres, antes de condição muito rústica, porque se dá bem em toda a parte sem mais trabalho, do que meter-lhe na terra algum ramo; e nasce ao pé de qualquer muro, e pela borda das estradas. Por isso o seu plantamento é nos caminhos e estradas das roças da maniba, e mais searas. E quem é curioso faz nas bordas destas estradas, ou caminhos, duas carreiras, ũa de cada banda, postas por sua

* Assim termina o parágrafo no códice, continuando o assunto no seguinte.

** Lat.: entre outros semelhantes.

ordem; e além da mais conveniência, alegram muito os caminhos, e alegram os viandantes. Tem a sua semente em uns como casulos na sua casca pinhosa, pouco maior, que mostarda; mas ordinariamente não se semeam, e se multiplicam por plantamento desta sorte. Quando qualquer planta deita o seu ananás, e o tem já grande, principia a lançar filhos para as bandas; estes filhos tirados da mãe, e dispostos na terra, crescem logo, e multiplicam do mesmo modo. Também o mesmo penacho, depoes de madura, e comida a fructa, metido na terra, pega bem, lança raízes, e cresce como os mais. Os filhos deixados na mesma mãe também dão ananases, mas são mais pequenos proporcionados à sua grossura: e daqui nasce o serem muitos ananases mais pequenos, como são os indianos onde talvez não usam a mestria de os plantar. Há outra terceira espécie de ananases, mas é brava, e agreste, de que os moradores não fazem caso, nem ainda talvez as feras; mas tem vários préstimos medicinaes; um é ser excelente veneno das lombrigas, pelas matar logo, e a muitos tem livrado da morte: é também bom remédio para as maleitas, e tem muitas outras vertudes, pelas quaes merecia mais estimação. A sua folha é mais comprida, que a dos hortenses, e as lança só à superfície da terra: a sua haste é mais alta, mas a fructa muito mais pequena, como pinhas, e também menor o seu penacho, e coroa.

Segue-se ao ananás a pacova, a que na Ásia chamam figo, porém não tem parentesco nenhum com os verdadeiros figos. É a pacova fruta abendiçoada, porque é muita, e é o remédio dos pobres, e o mimo dos ricos, sustento, fartura, e delícia de todos. A sua árvore é de fracas raizes, porque nasce de ũa cebola com bem fracas barbas: assim que nasce logo vai lançando famosas folhas, e das camisas das mesmas folhas pelo pé, em que se abraçam com a mãe vai a mesma mãe crescendo, e engrossando de sorte, que a mãe vai deitando as folhas pelo seu olho, e enquanto ũas vão crescendo vai lançando outras, e as folhas vão encorporando, e constituindo a mãe, bem assim como crescem as cebolas. Mas são folhas de bom tamanho, e se com elas se cobrio nosso primeiro [pai] Adão, como é opinião mais provável, poucas lhe bastavam para o vestido, porque são folhas de bom tamanho, duas, ou só uma basta para fazer um vestido talar a qualquer homem. Tem folhas de doze até quinze palmos compridas, e com largura proporcionada: por isso não tendo ramos faz ũa boa copa, e roda só com as folhas, e faz ũa bela perpectiva, e sombra: tem porém o desar de serem muito tenras; e por isso assoprando os ventos, se fazem em hastilhas, ou rendas, penduradas na cana, que tem pelo meio. Na Ásia lhe chamam figueira, no Brasil, e Amazonas lhe chamam os castelhanos plátano, os portugueses pacoveira, cresce até trinta palmos, ou mais, conforme a bondade do terreno; a grossura é proporcionada, ordinariamente seria como a cintura de um homem: é enfim do feitio da palmeira, excepto nas folhas, que na palmeira são cortadas, e na pacoveira inteiriças. Mas ainda que também como a palmeira lança o fructo, na verdade o não é, mas pela bondade da sua fructa, leva a palma a todas as palmeiras. Assim que chega à sua constituição, lança a sua flor do seu mesmo olho, a qual é roxa composta de muitas folhas pequenas, e do feitio de uma espiga de milho. Esta flor vai crescendo, e saindo para ũa banda, que ordinariamente é para onde está mais abrigada do vento; e posto que a folhagem, ou folhada lhe vá caindo à proporção da sua crescença, sempre conserva na ponta um bolão fechado até estar de vez o seu fructo, e maduro. Cresce esta flor até cousa de três palmos pouco mais, ou menos, conforme as suas espécies, por modo de um chouriço, grosso, como o pulso de um

cavalo; e assim que se vai desfolhando, lhe vão saindo os figos, ou pacovas, com que se cobre todo à roda.

Há várias espécies de pacoveiras, e de pacovas: Seis são as mais conhecidas. A primeira dá os figos tamanhos, ou maiores, que as maiores espigas de milho, ou maiores pepinos. É fructa deliciosa, toda maciça sem caroço, e só tem certo talozinho de pouca monta. A casca é tenra, como a dos próprios figos, e basta tocar-lhe na ponta com as unhas, para logo se despir da sua túnica; e basta uma pacova comida com pão para fartar um homem: famoso figo! Por isso chamam aos figos desta primeira espécie farta velhacos. A sua semente são uns grãozinhos que tem pegados no seu talo; mas nunca se semeam, e só crescem por plantamento, digo multiplicam por plantamento, como todas as mais castas. A figos da segunda espécie chamam pacovis; diferem dos da primeira em serem mais pequenos, como ũa espiga ordinária; e também em serem mais tenros, mais delicados, e deliciosos: porque quando bem maduros tem o gosto das melhores peras da Europa. Também não tem talo, ou se o tem não é necessário tirar-lho, para se comerem. Tanto estas como as mais pacovas, abertas, e passadas ao sol, dão figas aos melhores figos passados: porque o gosto é o mesmo, e demais tem a melhoria de não serem enjoativos, e enfastientos; é um doce, que não se requer açúcar para o fazer, e tão barato, que tem, ou podem ter todos os pobres: mas além de passados, são bizarros para outras docerias. Tão bem se comem assados, e assim se dão de ordinário aos doentes. Cada árvore destas, e das mais espécies, não dá mais, que ũa vez o seu fructo, e um só cacho; mas despica-se bem neste único parto: porque há cacho de cem pacovas, e cacho, que é bastante carga de um jumento. Para serem melhores, não se deixam amadurecer de todo na árvore; mas assim que vão descorando, ou mudando a sua cor verde em parda, ou quando o botão, que tem na ponta começa a desfolhar-se, se corta o cacho, e em casa à sombra se põe de ma-*[ileg.]*deiro té acabar de amadurecer bem apesar dos macacos, e pássaros, especialmente papagaios, e araras, que se pelam pelas boas das pacovas.

Quando se corta o cacho juntamente se corta a pacoveira mãe, não tanto por chegar ao cacho, quanto por não servir já demais, que de tomar o lugar a outra, e como toda é composta de folhas, é tão estupenta, e tenra, que com um só golpe de faca vem abaixo. E posto que ũa só vez dê fructo, é árvore das mais fecundas; porque assim que vai crescendo, vai a sua cebola, que está bem à flor da terra, brotando, e arrebentando em pulmões do feitio das pontas dos novilhos, quando principiam a ser cornudos: e cada pulmão destes vai crescendo a figueira, e acompanhando a mãe, de sorte, que quando a mãe está com fructa, já a filha maior está com flor, a segunda em vésporas de florescer, e assim se vão succedendo ũas as outras: *[ilegivel]* tem cada touça ou para melhor nos explicarmos, cada família tem actualmente doze, ou mais filhas; e assim que se vão desabotoando, ou saindo dos seu botões, vão explicando as suas folhas.

A terceira espécie são mais pequenas pacovas, posto que as árvores em todas as espécies são semilhantes na altura, e na grandeza das suas folhas. Tem vários nomes: uns lhe chamam bananas, outros pacovas de São Tomé. O seu tamanho é como ũa pequena espiga menor, que um palmo; e tem a mesma cor de espigas despidas das suas camisas; porque são de um amarelo claro, e vivo: são uma nata de tenras, e o gosto é especial. A sua qualidade é muito fria, e demasiadamente fresca, motivo, pelo qual alguns as tem por mais indigestas: outros pelo contrário as tem em maior apreço por su-

prirem com estas bananas as limonadas ágoas de neve, sorvetes; e os pássaros, quando as acham sempre as preferem as mais pacovas. Tem uma admirável propriedade estas bananas, que parece ser mais misteriosa, e sobrenatural, do que natural, e é, que cortando-se em talhadas, como se faz aos nabos, mostra dentro a figura, e imagem perfeita de um crucifixo; e isto de qualquer parte, que a cortem, e virem: de sorte que quem a vai partindo sempre vê a mesma imagem a si fronteira por mais voltas, que dê à fructa; e isto desde o princípio até o fim. O como isto seja? não sei: sim sei, que é verdade experimentada todos os dias, e todas as horas na América. Deste, que bem se pode chamar prodígio da natureza, se pode inferir com muita probabilidade que esta seria a fructa, que Deos proibio a Adão no Paraíso com o nome de Árvore da Ciência do Bem, e do Mal; de que ele, e Eva se não abstiveram por golosos com tanto seu, e nosso damno, por este grande fundamento.

Perdendo Adão com aquele mortífero bocado as preciosas galas da graça, e inocência, com que Deos o tinha creado, vio-se tão envergonhado, e coberto de tanto pejo, que procurou logo disfarçar-se, e cobrir-se como fez, com as folhas da figueira, como diz a Sagrada Escriptura, *sed sic est** que ele logo *[roto o original]* o bocado se vio nu, e envergonhado; e por isso se quis logo vestir: logo se pode inferir, que ali logo o faria com as folhas da mesma árvore proibida: *sed sic est,** que ele se cobrio com as folhas da figueira, ou pacoveira, e como já disse, eram as mais proporcionadas pela sua grandeza de sorte, que *[ilegível]* lhe sobejariam, e na Ásia não se conhece por outro nome, se não pelo de figueira; logo esta figueira, e o seu fructo foram os proibidos no Paraíso [com] muita probabilidade: E sendo assim, quis Deos logo mostrar a Adão, e a todos os homens, que se aquele fructo foi a causa, e origem de tantos males, que naquele só bocado principiaram, o crucifixo seria o antídoto, e remédio a tanto damno. Porém fique este ponto reservado para quem pertence, contanto que todos saibam, e, conheçam, que não há outro remédio para evitar os damnos originaes, e actuaes da culpa, senão a piedade, e misericórdia de Cristo crucificado: e que, se Deos, sendo Deos de infinita majestade, glória, e mais divinos atributos assim padeceo, e obrou tanto pelos homens, que chegou a morrer por eles crucificado, quanto devemos nós fazer, obrar, e padecer por nós [mesmos] ao menos devemos cooperar da nossa parte, e fazermo-nos dignos da divina redempção.

Além de serem estes figos, ou bananas, ou pacovas de São Tomé fructa deliciosa comida bem madura, também tem sua especial galantaria assadas; e se dão aos doentes por muito sustanciaes, e sadias, e aos debilitados se põe na boca do estômago, em lugar de marmelada, como também as mais pacovas de que já falamos. Faz-se destas pacovas suficiente vinagre, aparando-lhe uma aguadilha, que deitam, quando vão apodrecendo de maduras. As mais espécies, ou são quase o mesmo, que estas, ou semilhantes aos pacovis, e por isso não necessitam de especial menção; e todas estas espécies de pacovas dão fructo todo o ano, posto que no verão sempre há em mais abundância. Quando a cortam, sente tanto o golpe, que se desfaz em lágrimas, e chora muito, talvez por se ver tão mal paga, em lugar do agradecimento, que merecia pelo seo bom, e delicioso fructo, mas é porque não adverte, que o mundo está cheio de ingratos, e que aos maiores benefícios cor-

---

* Lat.: porém aconteceu.

respondem os homens com maiores ingratidões. Tem muita ágoa, e é fresquíssima, e tem um, cheiro tão próprio ao cheiro, e gosto dos pepinos, como se na realidade o fosse. Tem esta ágoa suas vertudes medicinaes; porque é excelente remédio para sezões, e óptimo contraveneno das cobras. As suas folhas, e todo o tronco é muito tenro, e bom comer para gado vaccum, cavalar, cochinos, e outros: e na Ásia é o principal mantimento dos elefantes. Além destas seis espécies, que são as mais conhecidas, e ordinárias, há outra espécie muito diversa, cultivada só pelos tapuias do mato, donde já tem vindo para algũas povoações. A *[roto o original]*to que do mesmo feitio das mais espécies de pacoveiras; é maior, mais grossa, [e] mais alta; e por isso também mais vagarosa em crescer, e mais tardio o seo fructo. Os seus cachos, dizem, ser de desmarcada grandeza: e se para carregar um só cacho das uvas de Engade foram necessários dous homens a pao, e corda, para os desta pacoveira apenas bastara ũa junta de bois, especialmente se eles tiverem tantas pacovas, como costumam ter as mais pacoveiras, [as] vezes tem até cem pacovas.

A grandeza do cacho se pode inferir pela grandeza das suas pacovas, porque são taes que cada uma carrega um homem, porque são quase da grandeza de qualquer homem: famosa fructa, e famosa carga! outra mereciam os moradores do Amazonas por não cultivarem uma tão excelente árvore, e se não aproveitarem dos seus famosos figos, quando um só basta para tirar a barriga de misérias a uma grande família. Quando já maduros tem a casca dura, e só se comem cozidos. Há uma árvore agreste sem semilhança de pacoveira, mas como as outras árvores, e dá também os seus fructos em cachos mui parecidos aos cachos da pacoveira, como também as suas fructas em tanto que com eles se podem enganar os menos práticos porque lhas podem vender por pacovas. Suponho, que são fructas bravas porque não sei que se comam, ou que tenham algum préstimo; ainda que atendendo à pouca curiosidade dos seus moradores, bem pode ser, que seja fructa especial, e que por falta de uso a não conheçam, como as grandes pacovas, que já dissemos, que com serem tão especiaes só há no Rio Xingu algumas poucas plantas.

Bem se vê esta pouca coriosidade daqueles moradores nas pacoveiras bravas, além de muitas outras cousas. Há também pacoveiras bravas, e agrestes com muita semilhança das mansas, menos no fructo, que por isso os naturaes lhe chamam pacova arana, que quer dizer, degenerada, ou bastarda. Dá também seus cachos degenerados, porque sem pacovas, e em seu lugar dá uns botõezinhos quase quadrados, ou facetados pardos tirantes para preto, de que na América se não faz caso. Não é assim na Ásia, aonde são muito estimados, como cousa preciosa, pelas suas vertudes medicinaes com o nome de contas do ar, nascido do seu grande préstimo contra os accidentes, e males repentinos do ar, de que contam maravilhas, das quaes apontarei aqui duas, que me contou um religioso terem succedido com ele, além das muitas outras inumeráveis, que experimentam outros. Sendo este religioso chamado a uma doente, que com um repentino accidente estava sem fala, e postrada já como moribunda, entendeo, que o mal era do ar, e tirando ũa destas contas, raspou uma parte, e deu-lhe a beber [com ágoa] fria, e com tão bom efeito, que a doente em meia hora se levantou de todo sã. A segunda experiência fez em um macaco, que era o regalo, e divertimento de um cidadão; deu-lhe o ar, e de repente caío o macaco arreganhando os dentes, trocendo a boca, estendendo as pernas, e todo enteriçado estava dando

sintomas mortaes com pasmo dos presentes, entre os quaes se achava o dito religioso e puxando logo por ũa conta do ar, mandou deitar-lhe pela boca uns pós [com] água e depoes de um pequeno espaço abrio o macaco os olhos, meneou, os membros, e pouco depoes como assombrado, e envergonhado, foi correndo, e sobio a ũa árvore; e de semilhantes contam outros. Para torturas da boca e semilhantes males é remédio eficiente, ou atada ao pescoço, ou junto da carne, ou dada a deber em ágoa. Os chinas, que presumem de sá[bi]os, e dos mais atilados homens do mundo fazem grande conceito destas contas do ar, que compram por bom dinheiro.

CAPÍTULO 6º

PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA

Uma das fructas mais excelentes não só da América, mas de todo o mundo é a manga, nome já bem conhecido pela singularidade da fructa, não só no Brasil, onde é abundante, mas muito mais na Índia, onde é mais cultivada. E sendo tão regalada fructa, que dizem alguns, que só pelas mangas se pode ir à Índia, pela incúria dos moradores do Amazonas tem aquele Estado pouco cultivo, especialmente nos portugueses; não assim no Brasil, onde a tem em grande estimação, e muito mais na Índia; onde os seus moradores lhe tem tão grande respeito, que é a primeira árvore que cultivam nos seus pomares. É a árvore como ũa pereira ordinária os pomos, ou mangas são como bons pêssegos no tamanho; no Brasil quase todas são do mesmo feitio: mas a coriosidade dos indiáticos as tem já diversificado em mais de 50 espécies diferentes tanto no feitio, como na grandeza, e no gosto, em que ũas se vão excedendo às outras, umas doces, outras mais doces, umas agre--doces, outras mais ácidas: umas são de cor esférica, como pêssegos, outras ovadas como limões: umas são chatas, outras compridas; estas tem o feitio de um coração, e aquelas de outros feitios: e toda esta variedade foram inventando os curiosos; já com inxertos, e já com outras mestrias, e cada espécie se conserva com o nome do seu inventor, que não foi pequena indústria para se fazerem conhecidos, e nomeados na posteridade. Por esta causa umas se chamam fernandinas, outras afonsas, e todas com seus nomes; e com a sua indústria tanto as tem subido no seu delicioso gosto, que os me[smos] brasileiros, que depoes das suas provaram as da Índia, confessam, que à vista das goanas ficam as suas a um canto. Crescem tão depressa, que algumas chegam a dar fructo no mesmo ano, em que se semeam.

Não é de menor estimação a fructa jaca, que posto que não seja tão deliciosa, e mimosa, como a manga no seu regalado gosto, vence-a pelo seu

[ta]manho; porque é fructa de desmarcada grandeza. A árvore é alta como [as] ordinárias, dá os seus fructos, não nas pontas dos ramos, como as mais mas no seu mesmo tronco debaixo até cima. Há maiores, e menores, ũas são como melancias, aquelas como uns odres: por isso alguns as explicam dizendo ser cada ũa um sacco de fructa. A sua casca é bexigosa, e de cor parda, e pelo meio de alto a baixo tem uns como listões. O miolo é do feitio de uma abóbora, isto é umas tripas pelo meio, que à roda vai lançando uma rede cheia de uns favos, em que estão os caroços maiores que pinhões, ou favas de cacao, metidas, ou separadas umas das outras com uma maçã muito alva, e gostosa, e a faz ser uma das mais excelentes fructas da América.

A fructa mangaba merece também um dos primeiros lugares por mimosa, e regalada: e na verdade, que se fosse fructa quotidiana, como é o ananás, e pacova, podia requerer primazias entre as fructas; porque não só excede no gosto aos mais deliciosos ananases, è regaladas pacovas mas vence as melhores peras, e mais gostosos, e vistosos pomos. A sua árvore é de mediana grandeza, como um castanheiro; a folha é miúda, o fructo como as maiores ameixas, ou medianos damascos. A sua mesma cor ainda em verdes é linda; porque sendo o campo da cor dos damascos, é salpicada de pintas, ou sinaes vermelhos muito vivos, como vermelhão, e dão-lhe tanta graça, que parece estarem convidando, a quem as vê, para que lance mão delas, e as coma. Mas coitado do goloso, que lançar mão de alguma, e a meter na boca, ou lhe meter o dente; porque não há fel, que lhe chegue na amargura, sendo na árvore tão agradável, e linda, é na boca tão pestilente, e amargosa. Se assim fosse o pomo proibido no Paraíso, Adão, e Eva seriam obrigados a cuspi-lo, e escarrá-lo, antes de lhe chegar à garganta. Porém se na árvore são um compêndio de amarguras, bem maduras, e sazonadas, são um pasmo de gostosas. Há dous modos de se comerem; um, e o mais usual é abanarem a árvore com pouca força, e as que caem, se metem em cestos pequenos (cofos lhe chamam os naturaes) abafadas em folhas, e assim acabam de amadurecer em casa, e quando já moles de três ou 4 dias, se vão comendo. Deste modo as comem nas vilas, e cidades os moradores, que as tem longe; mas ainda que são gostosas, são muito inferiores ao segundo modo, usado pelos que as tem vizinhas, e é assim. Mandam no tempo, em que estão de vez pelas madrugadas apanhar, as que de noite caem de maduras, como quem na Europa apanha castanhas; e não as come logo, porque ainda tem algum bocadinho duro, e nele um leite amargoso; mas põe-nas em alguidares furados, e deitam-lhes ágoa por cima, que saindo por baixo, juntamente a lava, e leva o leite, se algũa o tem.

De tarde, e muito mais no segundo e terceiro dia são tão deliciosas, que não há nata, nem gosto mais superlativo, por isso os que assim as comem quando outros os convidam para as do primeiro modo respondem que quem as come caídas da árvore não faz caso das abatidas. E alguns viajantes quando acham uma boa porçolana destas mangabas, não querem outra mistura nem mais jantar, do que mangabas, com a circunstância de serem muito sadias. E quanto mais pequenas mais gostosas são, e por isso os que já são práticos sempre escolhem as mais pequenas embora que os hóspedes cuidem que lhes deixam as maiores por urbanidade, e respeito. Tem uns carocinhos por semente, mas não impedem, como nas uvas, a sua boa comida. Colhidas sobre o verde servem para regalados doces de conserva, mas nunca chegam ao bom gosto das que caem de maduras, por mais que se empenhem as conserveiras. E sendo tão nobre fructa não é hortense, não sei, se por incúria

dos americanos, se por não se dar em todo o lugar, e em toda a terra. Tem a condição das ovelhas porque não são para matos, onde se afrontam com as mais sombras; dão-se porém bem nas campinas, e onde as há não querem outros matos, ou outras árvores. Além de outras partes, são inumeráveis na Ilha Grande, especialmente sobre a Baía de Marajó, em que há légoas inteiras delas; e no destricto desta Ilha há duas povoações de índios chamadas por rezão da sua muita fructa as missões das mangabeiras, e dela fazem os seus provimentos os moradores do Pará, e todos os mais, que querem mangabas.

É também digna das quintas, pomares, e jardins a árvore abieiro, e na verdade é das mais cultivadas no Estado amazonico, não só pela bizarria do seu fructo, senão também pela pomposa gala das suas folhas. É árvore mediana, mas muito copada, e por isso muito sombria. Cresce por modo de pavilhão, e tem um verde claro muito alegre, que junto com a sua bela copa piramidal, orna muito as estradas nas quintas, e sítios sem enveja dos valverdes. Há muitas espécies desta árvore, que só diferem pelos fructos; são estes do feitio dos peros algum tanto ovados. Ũa das melhores espécies dá os abios do tamanho de laranjas; e outra da grandeza, e figura de ovos de galinha, e é mais especial; porque, ou não tem pevides dentro, ou não passa de uma: são estas pevides do feitio, mas maiores, que as do cacao. Há outras muitas espécies, e algumas só servem para ornato, porque os seus pomos, além de muito pequenos quase tudo são caroços: porém os maiores são deliciosos, mas muito delicados, e por isso em estando de vez, se não se comem logo, perdem-se. Ainda é mais deliciosa a ata, que poderia ser a rainha das fructas, se não as deslustrassem as suas muitas sementes. A árvore é pequena, como ginjeira, e pouco copada, e sombria: contudo é cultivada nas hortas pelo seu bom fructo, o qual é do tamanho, e feitio das pinhas, mas com a casca muito mais tenra. Dentro tem uns pinhões envoltos em uma massa muito alva, cujo gosto é um pasmo, e com um doce aromático muito substancial: mas tem pouco que comer, por rezão dos seus muitos pinhões, suprem porém este desar com a sua abundância, e fácil cultivo; e quase todo o ano dão fructo, ainda que no verão com mais abundância. Araticu é fructa de outra árvore maior, mas tem muito parentesco com a ata, excepto em ser lisa, e muito maior; porque são do tamanho de pequenas melancias, e basta ũa só fructa para saciar um homem, sendo que também *respective* à sua grandeza tem pouca massa, por razão dos seus pinhões. O gosto porém é delicioso, e alguns a preferem a mesma ata, por um agre dulce, que lhe dá muita graça, que realça mais com o seu cheiro aromático. É fructa do mato por inércia, e incúria dos moradores em não a fazerem hortense: também não está em uso o comer os seus pinhões, sendo que bem se poderiam debicar, se fossem tão bons, como os das pinhas da Europa. Na Ásia chamam a esta fructa anona, aonde é estimada, com não ser tão grande como no Amazonas.

Já que vamos falando em pinhas cae aqui de maduro o beribá, fructo hortense, cuja árvore é grande, e a sua fructa também de muita estimação. São também por modo de pinhas, não do feitio das atas, nem das verdadeiras pinhas; mas tem vários pulmões por modo de tetas, ainda que muito tenros, assim como toda a mais casca, tanto, que caindo de maduras, todas se esmagam: são famosas pinhas! E posto que não são tão deliciosas, como as atas, são contudo mais substanciaes, por terem muito que comer; e sendo das grandes ũa basta para saciar ũa pessoa bem à vontade. Tem o miolo por modo de uma massa alvíssima, e entresachadas algumas pevides por

modo de pinhões; mas muito poucos: comem-se com colher, e parecem mata de tenras; e são muito frias, e por isso muito aptas para refrigerar os calores do Amazonas. A fructa titurìbá também tem sua estimação: é fructo de uma árvore famosa de grande. Há várias espécies diferentes pelo fructo maior, ou menor: o maior é do tamanho de damascos; o menor, como ginjas garrafaes; em maduros são de cor entre verde claros, e amarelos: a casca é uma película muito tênue, e a massa amarela como gema de ovo. É muito adocicada, e gostosa fructa com cheiro aromático, e por isso também tem seu lugar entre as hortenses: e tem só o desar de enfastiar depressa por muito doce, e por muito substancial, e forte. Também se pega muito aos dentes, o que parece ser por muito oleosa; e se os moradores tivessem curiosidade de fazerem azeites, os desta fructa seriam preciosos, por doces, e aromáticos. Atura pouco depoes de madura; achaque de muitas [fruc]tas da América, e por isso não se fazem grandes provimentos.

A fructa chamada mamão também é muito mimosa, cuja árvore é de fraca constituição, porque toda estupenta com o feitio de muitos labores como rendas, posto que por fora é muito lisa: toda a árvore é tão tenra, que em muitas partes a comem guisada como abóbora, especialmente na Á[sia]. É árvore de poucas ceremônias, e nada melindrosa: dá-se em toda a terra, ainda sem cultivo algu; porque por si nasce, cresce, e se multiplica. Há duas espécies, macho, e fêmea: o macho não dá fructo, e só se enfeita com muitas flores, por modo de ramilhetes no fim de compridos talos, os quaes só servem de gala; porque sem cheiro algum, antes por estéril, e inútil é perseguido nas hortas. A folha de ũa, e outra espécie nasce no fim de compridos talos de quatro, ou cinco palmos de comprimento: é folha grande, recortada como a da parra, e os talos são occos por dentro, e seriam óptimos para cachimbos, se não foram muito tenros, e frágeis, amolgando-se a qualquer leve toque, como palha. O mamoeiro fêmea veste, e reveste o seu tronco de bela fructa, que são os chamados mamões tão juntos, e unidos entre si como bagos de uva; mas de bom tamanho, como medianos melões, mas mais esféricos, e com seus amarelos, tem uma tênue película por casca. A sua massa também é amarela por modo de melão, e em lugar de tripas de melão tem os mamões muitos grãos muito semilhantes à ordinária pimenta da Índia de modo, que é difícil distinguir uns dos outros só com a vista, por serem homogêneos na grandeza, cor, e figura, e ainda tem algũa semilhança no picante, *[ilegível]* to, que o dos grãos dos mamões não é tão activo. A sua massa come-se com colher, por ser uma nata: é fructa gostosa para todos, para velhos, porque não necessita de dentes, para os meninos, porque lhes supre o leite, e para todos por mui gostosa.

Chamam-se mamões, porque não só na árvore [o parece] mas ainda no feitio são um retrato, e mui próprio arremedo de grandes peitos de mulher, só com o ádito de acabarem com esquinas outavadas. Também podiam deduzir o nome do seu muito leite, que tem não só a fructa mas toda a árvore, talos, e folhas tanto, que todo o seu succo se converte em leite, assim o do estupento tronco, como o dos seus talos, e folhas. Por isso para a fructa ser boa, não se há de colher quando já de todo amarela, e *[roto o original]* dura, por estar já então o seu leite como enresinado, mas quando principia a mudar de cor, e a trocar a sua cor verde por outra mais clara, e amarelenta, e então dando-lhe uns sutis golpes como que a jareta, ou sangra, por eles destila, e evacua todo o seu leite depoes se lavam, comem com muito gosto. Também se comem verdes cozinhados, e temperados como abóbora. Dão os

mamoeiros fructa todo o ano, e como a árvore é de pouca substância, cresce depressa, e semeada no mesmo ano frutifica, e muito mais sendo de estaca. Cortada em poucos dias fica o tronco uma mera estopa. Na Ásia chamam-na papaeira, e à sua fructa papaia: não só a gente, mas também os pássaros gostam dos mamões, e se podem debicam neles muito bem. A fructa acaju também é bem conhecida na América e Amazonas, e a sua árvore cajueiro tem ũa singularidade, que não será fácil descobrir-se semilhante em todo o mundo. Tem vários predicados primeiro pela sua estimada resina, de que falaremos adiante: segundo pela brevidade com que cresce, e dá o seu fructo: terceiro e principal pela singularidade de dar dous frutos totalmente diversos. Primeiro e principal é o chamado caju semilhante as peras. Há várias espécies de cajus, uns doces, outros agredoces, e outros azedos: uns maiores, como grandes peras, outros menores, como damascos, e outros pequenos, como ameixas, e outros mínimos, como medianos bugalhos. Da mesma sorte variam nas cores, porque alguns em maduros são mui amarelos, outros mui vermelhos, estes parte amarelos, e parte vermelhos, aqueles com amarelo avermelhado, e assim com muitas outras variedades.

Os vermelhos são os mais lindos, e vistosos[;] na árvore convidam, a que os comam, mas se algum novato por goloso mete os dentes em algum, se vê obrigado a logo a escarrar, porque de ordinário são azedos mais que os bem azedos limões. Das mais espécies os agredoces são desenfastiados; os doces alguns são como torrões de açúcar, e muito tenros, e sendo dos medianos como damascos, muito melhores; porque de ũa vez se metem na boca: e por isso quanto mais pequenos melhores, sendo bem doces. Dos mais como peras travam algum tanto, e são alguma cousa estupentos: são tão sumarentos, como quase as uvas, e por isso deles se faz vinho, como diremos adiante. O segundo fructo totalmente diverso são as suas castanhas, chamadas castanhas de caju. São do feitio de rins de cabrito, e do mesmo tamanho, são o remate dos pomos cajus, em o lugar da flor nos mais pomos. Não sei se se comem cruas, sei porém, que o seu sumo é tão quente, que serve de *[roto o original]* para abrir chagas, e fontes; e para isso basta chegar a mesma castanha à carne tirando-lhe um bocadinho da casca. Cozidas porém, e melhor assadas, tem um singular gosto, e dão vaia às castanhas da Europa, ou sejam por si sós, ou misturadas aos legumes. Costumam as confeiteiras misturá-las com as amêndoas, e confeitos cobrindo-as torradas de açúcar; mas vale mais um frasco delas, do que três, ou quatro de confeitos, e amêndoas. Contudo é tal a negligência dos moradores, que ordinariamente não as aproveitam, lançando-as fora quando comem os acajus. É sem exageração inumerável esta fructa, porque em toda parte há muita abundância de cajueiros, especialmente nos areaes, praias, e margens dos rios, e salgado: é também a árvore mais cultivada dos tapuias tanto mansos, como do mato. Nascem das ditas castanhas, que são a sua semente; e há paragens, que não tem outro mato, senão cajueiros, donde podem comer toda uma cidade, e ainda fazer grandes provimentos de vinho, e ágoa ardente para todo o ano. Também há cajueiros bravos, o seu fructo é menor, como ameixas redondas mas amarelas: a folha é maior, e tão áspera, que serve de lixa aos bornidores. Os índios, que não sabem os números da Arismética, costumam contar os seus anos pelos cajus, *v. g* perguntado algum, que anos tem, há-se-lhe de perguntar, que acajus tem? e responde, que tem tantos acajus; e todas as mais épocas fazem pelos acajus: isto é, os mais ladinos, porque a maior parte não sabe, qual é a sua mão direita; e muito menos, que anos, ou acajus tem.

Também esta fructa tem a vertude de ser remédio contra o gálico, e por isso no Brasil costumam os médicos mandar aos soldados, e marinheiros, que na demora das frotas se carregam deste mal, para algũa escolhida paragem a comer cajus. Mais útil seria, se os enviassem para o sacramento da penitência, porque se o gálico lhes enferma os corpos, os peccados, com que o contraem lhes mata as almas.

Maior que o caju, é o ibacate, outra estimada fructa do Amazonas: é fructa de bom tamanho, maior, que as maiores peras; é totalmente do feitio de cabacinhas com seu bom bojo, pescoço delgado, e cabeça em cima, de cor verde, ainda quando maduros, mas mais dourados quando já estão sazonados. Tem dentro um caroço do tamanho de um damasco, rezão, porque tem pouca massa, e se fosse todo sólido, e maciço seria das mais nobres fructas; contudo ainda lhe fica bastante carne. O gosto no princípio não atrae muito aos novatos; porém costumados cada vez lhe acham maior pilhéria: e dizia um, que do Pará se ausentava, que a maior saudade que levava, era a dos ibacates: é fructa feiticeira, come-se às colheradas, e com farinha de pao tem especial gosto, ela faz lembrar o gosto das nozes; é muito substancial, e tem a propriedade de ser laxativo, e aper[iente]; mas tem o senão de ser bastantemente pernicioso aos narizes, e olfa[cto,] e logo dão a conhecer, os que os tem comido. Alguns os comem como selada, mas sem os temperos de azeite, e vinagre, que não necessitam; e quando muito lhe deitam uns pós de açúcar. O seu caroço, que não é muito duro, tem uma particularidade de que alguns fazem mistério, e vem a ser, que pondo-lhe em cima uma tira de papel, e atirando-lhe um bom golpe com uma faca, simparte bem o caroço, e lhe entra bem a faca levando o papel consigo, mas tirada a faca, se vê o papel inteiro, e sem sinal do fio, ainda que a faca esteja bem amolada de sorte, que entrando pelo caroço não entra pelo papel. O como isto possa ser? *videant magistri:** que o facto é comprovado com muitas experiências de curiosos; o que não sucede se a pancada do cutelo é acompanhada com alguma inclinação para dentro, ou para fora. É árvore alta, muito copada, e sombria; e também tem sua entrada nas hortenses.

As fructas goiabas são as peras do Brasil, e Amazonas, porque em tudo se parecem, no feitio, no gosto, e no tamanho; e só na casca tem muita diferença, pela terem grossa, ainda que tenra, e comestível. São em maduras algum tanto amarelentas por fora, e por dentro vermelhas compostas de granitos, como os figos. Há várias espécies maiores, e menores: a espécie que chamam araçá é mais pequena, mas também é a mais gostosa, e estimada. Uma, e outra são agredoces, e por isso muito desenfastiadas; muito perseguidas dos rapazes, e pássaros. A sua árvore é mediana, cultiva-se entre as hortenses; mas quer estar desabafada das mais, se não para ver, ao menos para ser vista, e por isso se dá bem nas campinas, e lugares abertos. Das goiabas se faz o doce chamado goiabada, que pode ter sua competência com a boa marmelada, antes a excede em ser mais desenfastiada; porque conserva algum ácido, que lhe dá muita graça. Faz-se também o doce chamado ramelão com mel de cana, em lugar de açúcar, e fica semilhante (menos no ácido) a alféloa dos lisboetas, mas *[ilegível]* em paozinhos, senão em bons alguidares; é doce muito forte, substancial, e gostoso, doce ordinário para a mocidade, por ser fácil de fazer, e barato. Um, e outro doce conservam a cor da fruta, e ficam vermelhos. Na Ásia também há esta fructa, e dela

* Lat.: expliquem-no os doutos.

se fazem doces, mas nem aquela, nem estes chegam à bondade das goiabas, e goiabadas da América; porque as asiáticas tem, regularmente falando, o pestilente fétido dos percebejos, que nunca perdem de todo, ainda depoes de feitas em doce.

A fructa do jotaí, posto que não é hortense, é digna de estimação. É a árvore do jotaí grossa, e alta; a sua madeira é dura, como ferro, e por isso se conta entre os paos reaes, e de lei, pelo que o reservamos para outro lugar, e aqui só trataremos da sua fructa, digna de especial menção, e de ter lugar nas mesas reaes. É fructa grande, e famosa mais, que os maiores pêssegos; tem sua semilhança com a fructa do cacao, ou com pequenos melões. O casco de fora é grosso, e corpulento, como o do cacao, mas o miolho é muito diverso, porque são uns fios vermelhos muito adocicados, e gostosos; nem tem caroço que se lhe deite fora; mal empregados não os haver hortenses, mas não há que estranhar na preguiça americana. A fructa bacori, posto que tenha seus senãos também merece sua menção, pelo seu excelente gosto. A sua árvore é famosa de grande, e também o fructo é de bom tamanho; pois é maior, que os maiores pêssegos molares. Tem a casca grossa, e para dar a casca, e se abrir a fructa, quer maço, ou requer se dar com ela em uma pedra, ou pao; e se todo o seu miolo fosse comestível, seria fructa de maior estimação, e regalo; mas o mao é, que sendo tão grande, tem mui pouco de comer, porque tudo são caroços. Cada fructa tem três caroços vestidos, ou revestidos de uma felpa por modo de algodão muito alva, e tão pegada aos caroços que é necessário bom dente para arrancá-la, ou ũa boa navalha para lhe fazer as barbas: é porém deliciosa no gosto com um excelente agredoce, mas é mais lambugem, que sustento; e por isso própria para gente moça, que tem bons dentes; porque os velhos, e a outra gente de bem contentam-se com o mais miolo. É este uns gomos da mesma massa, que serve de divisão aos caroços: e como estes são de três, em três, ordinariamente são os gomos maiores, ou menores conforme lhe dão lugar os caroços, por não serem estes iguaes em todas as fructas, e espécies. Costumam pois os moradores quebrada a fructa separar com um garfo estes gomos intermédios para um prato, e se o querem cheio é necessário quebrar mais fructa; mas no seu superlativo gosto pagam muito bem o trabalho em as quebrar, e suprem a sua pouquidade: falo das doces, em que sempre há algum tal, ou qual ácido; e tão tenros os gomos, que parecem nata, ou manteiga. Há outras espécies, em que prevalece o ácido ao doce; e outras, em que não havendo sinal de doce, são azedos como limões, e não se podem tragar: de todos porém se faz um doce muito substancial, e delicioso.

A fructa copu também pecca em ter pouco miolo, tendo grandes cascos: é no tamanho, e feitio como os melões de inverno, sendo da primeira espécie, porque há duas. E a primeira, e mais estimada chamam copu açu da grandeza dos melões de inverno: a segunda chamam copu meri do feitio, e pouco maior, de um copo de meio quartilho. Quado maduros são pardos escuros vestidos de uma penugem tão fina e macia como veludo. Quebrado o casco, aparecem dentro umas pevides mui parecidas às do cacao, envoltas em uma massa muito alva, e muito gostosa com um gosto, e cheiro muito aromático: porém também tem o desar do bacori, porque são mais os caroços, ou pevides, que a carne. E posto que não os cultivem entre os hortenses, não deixam de ser buscados, estimados de todos, especialmente das mulheres, que deles fazem uma excelente e mui aromática bebida, muito fresca, substancial, e regalada. Não sei como não tem havido curiosos, que aproveitem estas

pevides, e delas façam chicolate, como fazem do cacao: porque em si são muito semilhantes, e talvez mais rendosas por mais pevides em cada fructa, que é maior, que a do cacao; pois se tiver como ele as mais propriedades há de vencê-lo na estimação, pelo seu tão activo, e aromático gosto, e cheiro, sem que necessite de baunilha, e nem talvez da canela: e pode haver muita abundância cultivando-o, como fazem ao cacao; e ficará a celebrada caraca dos castelhanos em muita baixa. Parece-me, que os curiosos terão por útil esta advertência, e se não lhes sortir o efeito que prometem, podem os naturaes agradecer-me a vontade.

A fructa cumá é muito semilhante a peras não só no feitio, mas ainda no tamanho, posto que há peras grandes, meidanas, e pequenas, os cumás são como as medianas, mas vencem-nas no gosto, porque estando de vez tem um agredoce muito suave, e gostoso. São verde pardas, e tão desenfastiadas, que se podem comer a fartar; e sendo tão deliciosas, são silvestres por falta de cultivo, e só os índios, e bichos as aproveitam; e nas missões trazem no seu tempo seus mimos delas aos seus missionários, e na verdade são capazes de se apresentarem nas mesas dos grandes. Tem suas pevides, mas por piquenas, e poucas não causam impedimento. Alguns lhe chamam sorvas, mas na verdade não tem parentesco algum com elas. Do leite, ou resina da sua árvore, diremos adiante. Não me lembra o nome de uma fructa, posto que é digna dele, do tamanho, e feitio de bolotas, mas da cor, que é um claro, e muito vivo amarelo avermelhado, que a faz muito agradável a vista: tem um delicioso gosto, posto que é mais lambugem, que comida; porque sendo fructa tão pequena tem um bom caroço. Tem porém um cheiro tão agradável, e activo, que só por ele merecia muita estimação; fazem desta fructa uma mui fresca, e gostosa bebida, que vence as melhores limonadas. A sua árvore pega também de estaca que dela se fazem cercas perduráveis, e *[roto o original]* nas podendo mais a sua boa condição, e qualidade que os ardentes raios do sol, para não seccar, e bem medrar.

CAPÍTULO 7º

CONTINUA A MESMA MATÉRIA

A fructa dos ingases é deliciosa não só no gosto, mas também na sua bela, e regalada frescura. A sua árvore dá o fructo em ũas grandes, e compridas bages de três, quatro, e quase cinco palmos quase redondas, que no feitio, e na cor parecem na árvore cobras dependuradas; brandas, e flexíveis; e por isso podem servir para dar bons açoutes nos rapazes, que por golosos os apanham verdes. Para se abrirem estas bages se trocem. Há diversas

espécies, que ordinariamente só diferem em ser maiores, ou menores, mais, ou menos grossos. Por dentro tem uns grandes pinhões divididos uns dos outros, como os feijões na sua bage: estes pinhões estão involtos em umas camisas alvas, como algodão, muito tenras, gostosas, e tão frias, que fazem lembrar as ágoas nevadas. A fructa gojará é do tamanho, e feitio de boas laranjas, e tanto, ou mais amarelas; porque parecem pomos de ouro, e por isso a sua árvore é bizarra para enfeites dos pomares, e quintas. O seu miolo é mais sólido, e constipado, que o das laranjas; porém tem fraco gosto comidas cruas, e por isso só se comem cozidas, e não são desgostosas: não sei, porque os seus naturaes as não cultivam entre as hortenses, quando só a sua vista bastava para lhes pagar bem o cultivo, além da conveniência da sua carne.

A fructa gandu tem muito parentesco no sabor com as amêndoas, e a sua árvore é digna dos jardins: é árvore mediana, tem a folha ma[i]s miúda, como, ou ainda mais pequena, que a folha da murta; cresce esta planta muito direita, mas muito enramada, vistosa, e linda. Os seus fructos são uns como canudos, curtos, vermelhos da grossura do dedo meminho, e dentro tem umas como avelãs, ordinariamente uma, ou duas, mas maiores, cujo gosto é mui semilhante as mesmas avelães, ou amêndoas, e torradas no forno, ou fogo, são um regalo. O seu casco de fora, posto que é secco, é muito frágil: ordinariamente só a cultivam os índios nas sua roças, sendo que é planta digna de muita estimação. Ginjas também há no Amazonas com o mesmo gosto quase que as da Europa, mas não são da mesma espécie, e estimação, por uns granitos, que tem dentro, que são a sua semente, em lugar do caroço das nossas ginjas: contudo alguns as plantam por galantaria, raridade, e também por debicar. A sua folha é um pouco maior, mas do mesmo feitio: a sua árvore é pequena, e delgada, e por isso quase não pode com o fructo, e é necessário sustentá-la com espeques. A fructa chamada pitombas tem também seus arremedos de cereijas: a sua árvore é do mesmo tamanho que as cereijeiras, mas a folha mais avultada; a fructa, excepto em ser um pardo amarelado quando madura, é do mesmo tamanho, e pé comprido, mas alguma cousa chata: também por dentro em lugar do caroço tem umas sementilhas; são desenfastiadas, mas não tem tanta galantaria como as da Europa.

Mais galantaria tem a fructa morucujá, e é ũa das que merecem mais estimação no Amazonas: a planta não é arvore, mas um cipó delgado, como vide, mas muito comprido, de que se fazem muito grandes, sombrias, e bizarras parreiras, que, além da conveniência da sombra, convidam para regalia do seu fructo, tão excelente, que dá em rosto às uvas. E como nunca perdem a gala das suas folhas sempre servem de grande conveniência aos seus donos pelo sombrio, e fresco da sua sombra, assim nos quintaes, como nos caminhos, repartimentos, e estradas das suas quintas, que em todo o ano são convenientes. Antes de entrarmos a descrever o seu fructo, também a sua nobre flor nos merece muita atenção por tão misteriosa, e ser um dos maiores prodígios da natureza. É a flor da fructa morucujá, a que na Europa, chamamos dos martírios; com a diferença, que na Europa não dá fructo, e na América é uma das mais fecundas plantas. Verdade é, que o principal fructo desta planta, digo flor, deve ser um memorial peremne, ou uma lacrimosa, e mui tenra meditação dos martírios, passos, e paixão do Nosso Deos porque todos os passos, e martírios estão nesta flor esculpidos pela natureza engenhosa tão ao vivo, e tão naturalmente que o mais destro pintor, e ingenhoso artífice apenas os podera imitar: parece quis o Divino Autor da natureza dar-nos nesta flor um compêndio do muito que padeceo

pelos homens na sua Paixão Sacratissîma, e ensinar-nos o modo de esculpirmos em nossos corações a memória dos seus martírios, e o quanto lhe custaram as nossas almas. Porquanto se admira nesta flor salpicada de sangue a columna, em que prenderam ao Senhor, e em que descarregaram os ódios dos judeos e neles figurados os nossos peccados, os cruéis açoutes: ali se contempla bem retratada a coroa de espinhos; ali se vem bem distinctos, e torneados os três cravos, com que pregaram na cruz, como réo, ao Autor da Sanctidade, finalmente todos os mais passos, e instrumentos da Paixão, e até da mesma túnica roxa do Senhor se vê ali copiada, e simbolizada a sua cor; porque é roxa a mesma flor, tirando por dentro os vermelhos salpicos de sangue, e algũas outras variedades correspondentes, ou respectivas aos passos, que representam; que parece quis o Senhor cifrar nesta flor todos os seus martírios, para que nós à sua vista contemplássemos as finezas do seu amor, e caridade no excessivo, que padeceo por nós; e para que nós como em livro, ou espelho, leamos, e vejamos o quanto lhe devemos. Estas flores sim deviam ser as mais cultivadas nos jardins, e as mais bem vistas nas florestas: estas, as que deviam andar nas mãos das senhoras donas, e muito mais radicadas na memória, e coração. Nem é sem mistério o não terem cheiro, porque o mais suave cheiro da Paixão do Nosso Redemptor deve ser uma grande devoção, e meditação mui lacrimosa dos seus tormentos.

Há muitas espécies desta planta, e tendo todas mui semilhantes as suas flores, tem muita diversidade nos fructos. Há uma, que dá o seu fructo, com[o] um pequeno bugalho, envolta em ũa miúda renda, de que ordinariamente se não faz caso por mais que se enfeite, e vista [rendada] filagrana. A segunda espécie é maior, que as maiores nozes, de que há diversas castas: porque uns são amarelos quando maduros, e outros pardos verdoengos: os da terceira espécie são como os maiores damascos, e muito amarelos. Os morocujás da quarta espécie são os mais avultados, porque do tamanho de laranjas, de que também há diversidade, sendo uns parte amarelos, e parte verdoengos, e outros cor de ouro, como as mesmas laranjas; estes são os mais cultivados dos índios, e os que a todos levam a palma. O miolho de todos os morocujás é ũa jaléa com muita grã, ou uma calda com seus granitos, que não impedem a sua bondade. O gosto de todos é delicioso, posto que alguns tem o seu agrezinho: outros são muito doces, bem como as uvas moscatéis com a singularidade, que são necessários dentes para os mastigar, basta abrir a casca, que é muito tenra, e tirando a metade pôr à boca, e engolir, como quem come ovos quentes. E posto que todo por dentro está cheio do sua jaléa, ainda que se tire parte, e grande parte da sua casca não há perigo de se entornar, por estar a modo de congelada. São os morocujás, além de muitos, muito frescos; muito substanciaes, e um dos cordiaes mais excelentes, que há. Os índios cultivam muito esta planta ao uso da terra, que é plantá-la nas suas roças, e tem feito todo o cultivo; porque ela a seu tempo se despica bem em fructa, e ordinariamente só plantam da espécie grande, nem se cansam em lhe armar parreiras, porque as plantas são como as vides, que assim como vão crescendo, vão buscando outras plantas, a que se arrumar, onde por si armam suas parreiras, e sempre escondem debaixo das suas folhas os seus pomos.

Depoes desta tão nobre fructa digna por certo das quintas, e bem cultivados pomares, bem é, que façamos menção das célebres castanhas do Brasil já conhecidas na Europa com este nome de castanhas do Brasil, mas é fructa comũa a toda a América, e pelas matas do Rio Amazonas há grande abundân-

cia. Os seus castanheiros são diferentes dos da Europa, e são árvores não só altas, como os altos pinheiros, mas o seu pao é madeira estimada por dura, e a sua casca, e entrecasco é [uma] estopa tão forte, e fina, que é a que naquele Estado se usa para cordas, calafetos das embarcações, e muitos outros préstimos, e ainda poderia servir para o velame das mesmas embarcações, se quisessem fiá-la, porque o entrecasco é estopa tão fina, como a mesma estopa; e tira-se com facilidade da árvore, que não repugna em largar a camisa, e dar a casca. O seu fructo são uns cabaços, ou cocos grandes, e maiores, que os cocos das palmeiras [cuja] casca é tão dura, ou mais, que a dos mesmos cocos: tem dentro dez, doze, ou mais castanhas compridas como ameixas reinóes. Também estas castanhas tem a sua casca, fina sim, mas dura, como a das nozes, mas o miolo leva às nozes a primazia, e ainda as mesmas amêndoas, avelãs, e ao mesmo coco das palmeiras leva a palma: Usam destas castanhas no arroz doce em lugar de leite: São muito oleosas, e por isso delas se extrae um azeite excelente de que adiante falaremos. Há várias espécies, a que chamam os naturaes jaçapucaia é a melhor. Como o gosto é tão bom, também os macacos gostam delas; antes eles são, os que lhe dão mais gosto; porque não são árvores de cultivo, e hortenses, mas do mato, e silvestres: nem os moradores as buscam determinadamente, e só quando vão aos matos a algum outro negócio, de caminho apanham algumas. Os macacos porém, que são perdidos por elas, e não tem força para lhe quebrarem a casca, e abismarem os cascos, em lugar do machado, ou outro instrumento, valem-se da sua indústria, e habilidade deste modo. Sobem-se às árvores, pegam nos cocos, e com ambas as mãos, e com toda a sua força, lá bem do alto atiram com eles ao chão, onde com o coque quebram os cascos, e então os macacos lhe tiram, e comem as castanhas. Esta habilidade porém não tem os javalis, porque posto que tem bons dentes, e dentes de boas forças[:] como os cocos são grandes, e não lhe cabem na boca, de pouco lhe aproveita a sua formidável dentuça. São as castanhas do Brasil muito quentes, e por tão quentes fazem pelar, os que comem muitas como macacos, e outros animaes, que antes de as comer se pelam por elas, e depoes de comê-las se pelam com elas.

A fructa jonipapo, posto que não é das mais especiaes do Amazonas tem contudo alguns predicados, pelos quaes merece sua menção. A sua árvore jonipapeiro é árvore grande, e das que mais avultam; é buscada a sua madeira para várias obras, como varaes de carruagens, coronhas de espingardas, e muitas outras por leve, forte, e muito flexível, e que verga bem. Há duas espécies desta árvore: uma que dá fructo maior; a segunda, que é como brava, o dá menor: é macho, e fêmea: o macho só dá flor, e não fructo; a fêmea dá fructo em muita abundância. O seu fructo jonipapo é, como um bom pomo, do tamanho dos marmelos, de cor parda escura tem por miolo muitos granitos do tamanho de pimenta, e à roda deles uma massa da grandeza de meio dedo, que é só, a que se come; e é muito substancial, e forte, pelo que comendo-se muita, causa alguma indigestão. É óptima para doces, e desta fructa se faz uma marmelada tão parecida à dos marmelos, que em nada lhe fica inferior. O succo destra fructa em verde é tão preto, que serve de tinta, da qual usam muitos, especialmente naturaes, tingindo-se às vezes com ela de preto, e a seus filhos; e também se servem dela em muitas manobras.

Onde porém se vê bem a muita fertilidade do Rio Amazonas, é nas uvas; e certo, que se naquelas terras tivessem algum cultivo, poderiam dar

vinho a toda a Europa, embora, que os bêbados, se multiplicassem a milhares. Não é o meu intento descrever aqui a bondade deste licor, e muito menos a variedade, e qualidade das vides, por serem plantas bem conhecidas, não só em si, mas também nas uvas, e muito mais no seu vinho, a que poucos cortam a cepa, pelo muito que todos dele gostam, e ainda os que não lhe podem chegar, gostam de falar na taberna; menos os varões sanctos, que o ofertam a Deos; e os amantes da castidade, e pureza, das quaes vertudes é tão inimigo o vinho, como é amigo de Vênus, donde veio o dizer-se — *vina venus** etc.: porém não faltam fregueses, e devotos de Baco, que bebem por si, e pelos sanctos. E na verdade, que quando o vinho é bom, é ũa das melhores bebidas do mundo, não tanto pelo gosto, quanto pelos seus bons efeitos, bebido por conta, peso, e medida: porque alegra o coração, aformosea o rosto, conforta o estômago, aviva os espíritos, alimenta, e corrobora o corpo. Para os sãos é alimento, para os fracos conforto, para os doentes, e para todos salutífero: pelo contrário bebido com demasia, faz obtusar o entendimento, ofuscar a memória, e cegar a vontade: faz doer a cabeça, faz tremer as pernas, titubear a língua, encataratar os olhos; faz a vista trêmula, carrega a cabeça, varia o juízo; e finalmente faz falar muito, e falar grego ainda aos que nunca viram as letras do A.B.C. e é causa, e origem de tantos damnos, e males, como cada dia estamos vendo no mundo. Tem sim o vinho uma bela propriedade, ainda bebido sem medida, ou desmedidamente usado, e é, que se accomoda muito ao gênio dos bêbados; porque a uns faz rir, a outros chorar; a estes faz dormir, aqueles falar; a uns dá-lhes para cantar, a outros para então se mostrarem devotos, e a todos faz sair em acções diversas, e próprias, ou proporcionadas ao gênio de cada um. E não só declara o gênio de cada um, mas também os faz falar claro, e a verdade; porque é experiência feita por muitos, que os bêbados quando o estão, falam verdade, ainda que não queiram, e ainda que seja contra si mesmos. A razão é porque como não sabem o que dizem, nem o que falam, só dizem, e falam, o que sentem no coração: em ũa palavra. Não são eles, os que falam, mas o vinho, que lhe entra nas tripas, e que não sabe dizer, senão a verdade. Lembra-me a este propósito, o que succedeo a um beberrão em ũa grande povoação. Saío ele muito esquinado da taberna, que estava no fim da vila, e como lhe berrava o Baco na alma, saío baubuciando maravilhas, do qual compadecia entre os mais ũa matrona, o aconselhou, que fizesse por se recolher depressa; porque não estava capaz dos públicos: Pobre mulher, que tal dissestes! Começou o bêbado a descrever-lhe a vida, e assim foi por toda a rua lendo a cartilha às mais, que saíam a acudir umas pelas outras. O mesmo dizia aos conhecidos, que o procuravam acomodar; a estes, que não eram filhos de tal, mas de tal; e àquelas, que de tantos filhos se tal era de seu marido; e assim foi continuando, té os amigos, que por vezes o livraram da morte, o entroduzirem em casa, e ainda nela descompôs a alguns, entre os quaes foi um, que consolando-o lhe dizia, que tinha dado causa as suas feridas, porque tinha desacreditado a muitas matronas honradas; ao que ele respondeo, que também ele não era filho de fulano, mas de... porque assim, e assim etc. Deixada porém a mais tragédia, dizia depoes um, que pelo cargo tinha razão para o saber — a desgraça é, que tudo, o que disse, foi verdade—!

Mas tornando ao Amazonas é certo, que a sua fertilidade nas uvas é grande: basta dizer, que dão lá as videiras duas, e três vezes fructo no ano:

---

* Lat.: vinhos Vênus.

ou para falarmos mais claro, dão tantas vezes uvas, quantas se podam as vides: se duas vezes as podam, duas vezes dão uvas; se três, três camadas dão no ano. E com tanta brevidade, que podadas em três meses se fazem, crescem, e amadurecem: e com tanta abundância, que as vezes se pode duvidar, quaes são mais nas parreiras; se as folhas, se as uvas? Verdade é, que nem todas as vides correspondem com esta abundância; porque algumas, ou por serem má casta, ou por serem pretas, não carregam demasiado. Fez esta experiência um curioso, que tendo um grande parreiral de uvas brancas, em que a abundância é extraordinária, por occasião de um aterro, em que as procurava beneficiar, as damnificou de sorte, que seccaram todas; e pondo novas plantas de casta preta, lhe saio a sorte em branco, por sair mui diminuto o fructo *respective** às primeiras. Porém ainda ficou na dúvida, se esta diminuição nasceria de serem pretas, ou de serem de tal casta? porque nas brancas é extraordinária a abundância: Duas cousas notáveis se observam nas videiras do Amazonas: Primeira que seria a sua fecundidade extraordinária todas as vezes, que se podam; são estéreis, não se podando. Estão sim sempre pomposas de parras, e viçosas de folhado, mas o mais ordinário é, que não fructificam, se não as podam: talvez para ensinarem aos seus moradores, que não se conseguem os suaves fructos, sem os custosos trabalhos, e que se os homens não cortam por si, e em si as suas paixões, e más inclinações, nunca colherão algum fructo de boas obras; e por conseqüência infalível, nunca conseguirão o precioso, e inapreciável bem da salvação, e bens eternos, os que nunca cortaram em si a folhagem dos seus vícios, e os pimpolhos dos hábitos viciosos com o podão da mortificação, e penitência; experiência, e exemplo nos dão as vides do Amazonas, que pelo contrário se desfazem em fructos, se primeiro sentem, e choram os golpes do ferro.

A segunda notabilidade mais admirável é, que sendo tão fecundas as vides no Amazonas, são as uvas muito raras: nem é paradoxo, ou contrariedade a proposição; mas a mesma verdade, e tão verdade que é mui festejado quando aparece algum cacho em algum palácio, como cousa vinda do outro mundo, e se estima por grande mimo: de sorte, que não só a gente, ordinária, mas ainda os magnates, ou a maior parte deles, ou raras vezes as provam, ou ainda não as conhecem. Tudo nasce da pouca curiosidade, ou grande preguiça de todos, que gostando tanto deste fructo, como um dos mais mimosos de todo o mundo, não se animam a cultivá-lo, por não terem o trabalho de as plantar, e podar, tanto, que em todo o Estado do Pará (não na cidade mas por fora) só havia duas parreiras capazes no meu tempo, de que seus donos faziam seus mimos aos amigos, e magnates na occasião de algumas festas, tendo a providência de as mandarem podar três meses antes: é forte desmazelo, monstruosa preguiça, e inaudita incúria! Aqui me torna a pulsar o caso de outro, que dizia, que não comia a fructa dos seus pomares, por ter preguiça de a mandar apanhar por algum fâmulo. O que dirão aqueles moradores a respeito dos muitos trabalhos, e gastos, com que em todo o mundo cultivam os homens estas plantas cavando-as, escavando-as, estercando-as, podando-as, e tantos outros trabalhos? maior é ainda o disvelo, com que na Ásia, principalmente os persas, se fatigam, e disvelam no seu cultivo; porque, além do mais trabalho comum em todo o mundo, costumam os persas, quando podam as suas vinhas, dar-lhes juntamente nas cepas um gilvaz para cima, de sorte, que lhe cheguem ao vivo do âmago: que trabalho este seja? já está se vendo; além do perigo de cortarem demasiado,

* Lat.: relativamente.

e levarem todo o âmago, e secarem como secam algumas cepas: porém dão tudo por bem empregado, só por gozarem de tão bom fructo, e a conveniência de saírem as uvas sem bagaço, os faz fechar os olhos a todos os sobreditos contrapesos, e incovenientes: e por isso são deliciosas as suas passas, que contratam por toda a Ásia. Bem podiam os nossos europeos (não digo americanos, que estes só o podar tem por trabalho insoportável) imitar esta indústria, ao menos nas uvas destinadas para comer, e passar; e seriam mais que estimadas, preciosas, e buscadas a todo o preço, por ser alfim bocado sem caroço.

Contudo gostam os mesmos americanos de quando em quando se alegrarem com uma boa pinga, embora, que o frasco lhe custe bem na bolsa 1 200 réis, 1 600; e as vezes meia moeda pelo Amazonas acima, mulcta bem merecida, com que os reinões castigam a sua inércia. Podem-se comparar os moradores do Amazonas aos que vivem à lei da natureza, sem se deliberarem a fazer vida de católicos, e bons cristãos, ao mesmo tempo, que louvam os sanctos, os religiosos, e pessoas virtuosas; porque todos louvam, e gostam muito da boa bebida do vinho, mas não se resolvem a cultivar as vides, ainda com os grandes avanços de terem duas, e três vindimas cada ano. Mais curiosidade tem as mais nações européas; porque na mesma boca do Rio Amazonas cultivam muito bem as suas terras em Caiana os franceses. E nas cabeceiras do mesmo rio nos Reinos de Peru; e Quito os espanhoes; e por isso tem grandes parreiras, e dilatadas vinhas, posto que só lhes servem para se regalarem com as suas deliciosas uvas, e passas; porque tem proibição para não fazerem vinhos, a fim de darem consumo aos da Europa, que para lá vão por contrato. Só os portugueses não sabem desfructar o tesouro do precioso terreno, que Deos pôs nas suas mãos, ainda com a circunstância de serem as parreiras naquele Estado tão convenientes pela regalia das suas sombras quotidianas, por nunca despirem a sua folha, conveniência grande, e muito atendível para declinarem os grandes calores daquele clima. Tem também a circunstância de poderem fazer estáveis as mesmas parreiras por terem óptimas madeiras, que pela sua duração podem competir com a eternidade como são o ocapu, itaíba, e muitas outras. Não tem esta regalia os europeos, e por isso não lhe dão pequeno trabalho as renovações amiudadas de novas madeiras.

CAPITULO 8º

CONTINUA A MESMA MATÉRIA

O mesmo, que succede com as uvas, succede com os figos, não falo agora das bananas, que como já dissemos, na Ásia se chamam figos, mas

falo nos próprios figos, que em todo o mundo são bem conhecidos, e estimados e na verdade são uma das mais deliciosas fructas, que Deos creou para regalo dos homens; mas devem ser comidos, quando já se lhe vai rasgando a camisa por velha, e quando já se inclinam para cair de maduros: porque quanto mais humildes, e mais rajetados, mais saborosos, e sadios. Dão-se nobremente na América as figueiras; pois o mesmo é plantar as estacas, ou ramos, que arraigarem-se logo na terra, onde crescendo depressa, também depressa dão fructo. Frutificam na América, e Amazonas as figueiras na sua espécie tanto, quanto já dissemos das videiras; e ainda com alguma ventagem: porque, além de darem duas camadas de figos no ano com abundância todo o ano continuam a dar fructo, de modo, que ordinariamente sempre tem fructo muito, ou pouco. Bem presenciou esta grande abundância de figos na América, e admirou a extraordinária fertilidade da terra um europeo, ministro régio para a banda das minas; porque comprimentado na sua chegada pelos cidadãos, e regalado com alguns mimos de figos, e outras fructas, admirando-se de ver tão bons figos naquele clima, disseram-lhe os práticos, que não só lá se produziam, mas com grande facilidade e abundância; e que se o queria experimentar, mandasse plantar alguns ramos em uma bizarra vargem, que estava imediata à sua residência, e que com seus olhos veria a abundância.

E de que me serve essa curiosidade, se essas plantas apenas começaram a dar fructo (dizia o novato ministro) acabado o meu triênio, e residência? Não no fim do triênio (responderam) mas antes de poucos meses há de ter abundância de figos. Persuadido finalmente mandou meter na terra bastantes estacas, que de dia mandava cobrir por causa dos ardores do sol, e de noute as mandava descobrir para apanharem o sereno da noute, e os orvalhos da madrugada por alguns dias, depoes dos quaes, já ele se foi desenganando da fertilidade do terreno; porque em cada folha, que vinha arrebentando das pequenas plantas, vinha juntamente um figo de sorte, que brevemente começou a ter ũa grande abundância de figos, tanta, que ele mesmo persuadia nos mais lugares, aonde chegava o seu cultivo; porque são tantos (dizia) os figos, quantas as folhas, pois em cada folha sae um figo: há maior fertilidade de terra, ou maior abundância de fructa. É bem verdade, que a mesma fecundidade da terra faz algumas vezes mal às figueiras; porque as faz brotar em muitos vícios, lançando muitos filhos do mesmo tronco que lhe comem a substância, e assim devem os donos ter cuidado de logo lhos cortarem. Sucede-lhe o mesmo, que aos homens ricos, e abundantes, que a sua mesma substância os faz sair em muitos vícios, que os sufocam, e impedem o produzir fructos de boas obras: por isso é mais dificultoso o entrar algum rico no céo, do que um camelo pelo estreito furo de uma agulha, como diz no Evangelho o nosso Deos — *facilius est camellum per foramen acus transire, quam** etc. Na Ásia cultivam as figueiras como as vides *praecipue*** na Índia onde as podam, e a limpam muito bem quando querem que lhe dem alguma boa camada de figos, porque talvez lá também saem com muito vício; e por isso usam do podão, nem as deixam crescer, mas em tudo as tratam como às vides. Poderá ser muito útil esta notícia aos povoadores do Amazonas, se quiserem usar da mesma indústria, em que sortirão ainda melhor efeito. As melhores terras para estas plantas são as vargens como também as terras barrentas, e de pedregulho: também em algumas par-

---

* "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que... *Mt.* 19.24.

** Lat.: notadamente.

tes dão melhor as brancas, que as pretas, se podem aquelas cultivar, o que a experiência logo mostra. Em certa missão tinha um missionário algumas plantas em um quintal, e todos os dias do ano tinha um famoso prato de figos.

Posto que não usem naquele Estado, especialmente os portugueses o u[so] dos bichos de seda, sendo que os tem, ou os mesmos, ou os de outra espécie, como em outro lugar diremos, por isso também não cuidam no cultivo das amoreiras; porém é certo, que se dá nobremente naquele Estado esta planta. Se na Europa medrassem também as amoreiras podiam os homens trajar, e rasgar tantas sedas, como baetas; e para que os americanos se possam aproveitar desta tão nobre fazenda, me pareceo pôr-lhes aqui esta advertência, que em algum se quererão aproveitar, mais que do fructo das amoras, de que pouco cuidam os mesmos europeos. E para que melhor conheçam a conveniência grande desta planta, explicarei aqui a sua qualidade. Há duas espécies de amoras, e por conseguinte de amoreiras: a primeira, e mais usual é, a que todos conhecem, que dá as amoras roxas, e tão roxas, que com elas se tingem de roxo muitas drogas, com tinta bastantemente permanente, especialmente ajuntando-lhe alguma resina, ou pedra ume. Também são fructa bem gostosa, e fresca, cujos predicados são bem conhecidos; e ainda muito mais, que os seus fructos, são estimadas as suas folhas, porque são o sustento dos bichos de seda, de sorte que ordinariamente as cultivam, não pelos fructos, se não pelas folhas; e os lavradores, que tem alguma, ou algumas árvores destas, as estimam sobre todas as mais frutíferas para sustento da dita criação dos bichos, por serem os únicos oficiaes mestraços das ditas sedas, cuja factura não podem imitar os homens com toda a sua grande habilidade, por mais que alguns se prezem de sabichões.

É porém a criação destas amoreiras tão vagarosa, que apenas os filhos se podem aproveitar das que plantaram, ou semearam os pais: porque de trinta, e mais anos é, que principiam a dar fructo muito pouco; e também as folhas ainda não são muitas, por não exceder ainda aos arbustos. Bem sei, que em algumas terras principiaram mais cedo, mas sempre com demasiadas demoras que fazem esfriar muito aos lavradores do seu cultivo. A segunda espécie é branca, não só por ter as folhas mais esbranquiçadas, senão também porque dão amoras brancas, que ordinariamente não se aproveitam, ou por menos gostosas, que as mais, ou porque não fazem caso delas, mas só das folhas para comer dos bichos: e porque não tem outra serventia as chamam amoreiras do bicho; outros as chamam amoreiras italianas, por ter vindo de lá a semente. E posto que estas amoreiras não estejam em uso, especialmente no nosso Portugal, contudo dizem os práticos, que são as mais convenientes, porque se fazem depressa; mas sempre tem o desar de se lhe acabar depressa a folha, por serem árvores pequenas, e por isso ineptas para muita quantidade de bichinhos: o que suposto: No Amazonas não há estes inconvenientes, nem demoras na sua crescença, nem temores de que se lhes acabe a folha, nem ainda faz cautelas de só criarem os bichos no tempo quente da primavera e verão, como na Europa: 1º porque crescem muito depressa naquele Estado as amoreiras; 2º porque nunca perdem a folha, e quando se lhe vá tirando uma, já vem arrebentando outra, vestindo-se lá as amoreiras da condição das mais árvores, que sempre estão copadas de folhas. Uma e outra experiência fez um curioso, porque levando para aquele Estado a semente, ou uma planta, não só a vio mui florente em breve tempo, mas tão viçosa, que todos os anos lhe punha um machado no tronco; porque crescia tanto, e tanto se estendia, que causava presuízo a outras plantas.

Porém a amoreira não se dando por ofendida, brotava com tanta força que por uma pernada cortada, pulava em umas poucas de modo, que se o dono quisesse entrar no projecto de fazer alguma grande fábrica de seda cada ano podia fazer um bom plantamento das vergônteas, que arrebentavam; mas o seu intento só era o ter esta planta da Europa por curiosidade, e raridade, e não por interesse. Era da segunda espécie, e dava algumas amoras, que nunca se lhe aproveitavam. 3º* porque como o clima, e admosfera daquele Estado é ser uma primavera contínua, ou um verão continuado por todo o ano é tempo muito apto, e accomodado para a criação dos bichos, e factura das sedas; cujas grandes conveniências podem estimular aos povoadores do Amazonas ao cultivo das amoreiras, e com elas erigirem grandes fábricas de seda: ainda prescindindo da questão, se há, ou não naquele Estado os bichos da seda, ou os mesmos da Europa, ou outra espécie, como diremos adiante, e se comem, ou não folhas de outras árvores, que tem para isso o mesmo préstimo, que as amoreiras, como tem já observado alguns curiosos. E porque não são de todos bem conhecidos estes admiráveis bichinhos mestres de seda, darei aqui uma descripção deles, posto que não pertençam aos fructos, de que vamos tratando, e que aqui só descrevo; mas por serem tão conexos com as amoreiras, de que falamos.

São os bichos da seda ũas pequenas lagartas do tamanho e comprimento de meio dedo mínimo pouco mais, ou menos, e muito semilhantes às mais lagartas das vinhas, de que só diferem em terem junto da cauda, que não tem, um como espinho, ou bico levantado sempre, e direito para cima. Assim que chegam à sua consistência já não comem, nem cuidam em comer, porém só em buscarem alguns arbustos, ou folhas para fazerem as suas casas, o que já sabem os práticos, e por isso lhes põe raminhos proporcionados ao número deles, aos quaes se sobem, e começam a lançar os primeiros fundamentos e alicerces da sua casa, que são a primeira seda, e lhe serve como de ninho, ou renda do seu casulo, o qual entram logo a dispor, e compor com a sua mesma baba, e substância, como as aranhas: e não descansam, enquanto não acabam de o aperfeiçoar, ficando eles metidos dentro, como em sepulcro, sem em todo este espaço, que dura alguns dias, comerem. Os casulos são como a grossura, ou pouco mais, do dedo mais grosso de ũa mão, o comprimento é o suficiente para eles ficarem dentro sepultados, mas estendidos ao comprido; algũas vezes ajuntam dous, que juntos fazem um só casulo, metendo-os em canudos de papel, em que trabalham ambos tão uniformes, como se fora um só. Clausurados assim nas suas sepulturas morrem; e do seu cadáver saem ũas borboletas, depoes de poucos dias, e para saírem roem a seda, fazendo no casulo um buraco da sua grossura, pelo qual saem. Por rezão deste buraco, no qual a seda fica roída, isto é trincado o fio da seda, já aqueles casulos se não aproveitam, porque saem em bocados: e como isso já sabem as suas amas procuram fiá-los depressa, o que fazem, metendo-os em tachos de ágoa fervendo, não tanto para que morram dentro os bichos, ou já borboletas, quanto para darem bem o fio, o qual logo mostra a ponta, por onde o principiou o bicho; e se amostram, lhe bolem com alguma varinha, e logo sae, e pegando nela as fiandeiras vão desdobando o casulo até o fim; porque todo ele se compõe de um só fio, e depoes entram a trocê-lo, como querem mais, ou menos fino.

* No manuscrito, abre parágrafo.

Os que porém se querem guardar para geração, enfiam-se em ũa linha, e dependuram-se na parede, e nesta põe algum pano, no qual as borboletas logo se assentam, quando saem dos casulos a seu tempo: ali macheam uns com outros, machos, e fêmeas; e logo no mesmo pano põe os ovinhos, e logo morrem todos, assim machos, como fêmeas, sem cuidarem de comer, e fazer pela vida. Ali se conservam as ovas até a seguinte primavera, em que animando-se com o calor, vão saindo os bichinhos muito miúdos, os quaes põe em cortiços, ou cascas de pao, eles vão ministrando todos os dias folhas de amoreiras, espalhando-as por cima deles, porque eles logo vão sobindo por elas, e se põe da parte superior das mesmas, e com elas se vão criando até chegarem a sua constituição, em que entram a fabricar as suas casas, como já disse. Nas terras mais cálidas (como com mais razão no Amazonas) não lhes põe de necessário estes resguardos, mas os deitam as amoreiras, onde vão comendo, e nas mesmas fazem ao depoes os seus casulos. Nas terras porém mais frias, não só lhes fazem estes resguardos, mas ainda mais; porque para saírem das ovas, e se animarem, os metem no seio as mulheres, onde tomando calor, logo se animam e os põe nas cortiças, e estas em salas, onde não lhe chegue o fogo, nem fumo, e muito menos cão, gato, ou rato, como também se devem resguardar do frio. São bichinhos inocentes, porque pegando neles não mordem, não picam, nem fazem mal algum, nunca bebem, e em chegando a sua consistência também não comem, nem as borboletas, em que ao depoes se convertem; e são tão beneméritos dos homens, que para os vestir de seda se desentranham da sua mesma substância.

Já é tempo de falarmos nas árvores de espinho, que em todo o Estado do Amazonas se dão tão nobremente como se aquelas terras fossem as mais próprias para elas. Faz admirar a facilidade, com que crescem, a fecundidade com que se propagam, a multidão e abundância dos seus fructos: com rezão se admiram os europeos; porque duvido, que em alguma outra parte do mundo haja tanta abundância. Bem se explicam, os que falando nesta matéria dizem, que no Estado do Amazonas as árvores de espinho são mato, e os seus fructos são como as folhas: se fossem fazenda de transporte as laranjas só do Estado do Pará se podiam carregar muitas e muitas frotas para Europa. Basta em qualquer sítio plantar ũa laranjeira para em poucos anos se encher delas não só todo o sítio, mas ainda légoas, se não há cuidado de as arrancar; porque as pevides das que caem, logo por si mesmas pegam na terra; e por isso cada laranjeira tem à roda de si todos os anos o chão tão alastrado, que passando de milhões, chegam a ser inumeráveis. Succede isto as que estão em quintaes, e cercadas, *[roto o original]* mais, o gado tem cuidado de alimpar comendo as laranjas, que caem; e ainda alguns moradores lhes deixam livres as mesmas laranjeiras; porque sendo raras, as que colhem, todas as mais servem de pasto aos gados, e bichos; e esta fecundidade é igual em todas as suas espécies.

A laranja da china é a mais ordinária, e carregam tanto as árvores, que muitas vezes se quebram os ramos com o peso; com a mesma abundância é a laranja doce, e é, a que mais aproveitam os moradores, porque a tem por mais sadia; se se pode dizer aproveitar, quando apenas comerão de cada laranjeira meia dúzia. Há várias espécies de laranjas bicaes, as que porém tem mais gosto são umas, que pelo tamanho, e pelo bom gosto, merecem o nome da primeira espécie entre as bicaes: são famosas laranjas, as maiores da Europa lhe chocalhariam dentro. Tem a casca mais grossa do ordinário, mas tão tenra, que não necessita, nem de faca, nem de unhas para se aparar:

basta tocar-lhe com os dedos pela parte do pé, e logo se abre em duas ametades; porque o mesmo pé quando se tira já leva um bocado da casca; e também se despega dos gomos com a mesma facilidade, ficando tão ilesos, como se só estivessem unidos, e não pegados. Estes mesmos gomos estão tão fartos, e cheios, e a sua pele tão tenra, que estão ordinariamente abertos, e arrebentados. Por todas estas singularidades, e também [por] serem maiores, e muito por serem agredoces mui desenfastiadas, e gostosas, são as mais estimadas; mas pela muita inércia, e incúria nem todos as tem. Há uma espécie delas doces, e tão doces, que a respeito das mais só elas mereciam o nome de doces; e segundo as espécies que tenho dizem são as únicas, que se dão, e cultivam na Índia. São menores, que as ordinárias da China, casta muito fina, e tão doces, que parecem torrões de açúcar, mas também não são cultivadas por todos.

Entre todas porém, as que mais avultam são as toranjas, e na verdade ainda prescindindo dos seus préstimos, são fructos dignos dos mais nobres pomares, pela vista, e pelo tamanho. São alguma cousa chatas bem do feitio, e grandeza da copa de um chapéo, e com a mesma cor amarela das mais. Fazem-se óptimos doces destas toranjas, e quando elas são inteiras feitas em doce, basta uma para muitos convidados, mas ordinariamente nem as cultivam, senão alguma planta por galantaria, nem quem as tem as aproveita. Não assim os franceses de Caiana, donde elas vieram para o Estado do Pará, os quaes as tem em muita estimação, por saberem aproveitá-las. Assim como a mais fructa, assim também as laranjas ordinariamente, se não deixam totalmente amadurecer na árvore, especialmente as da China: mas quem quer provimento para os gastos de sua casa, manda apanhar as que quer antes de estarem de todo amarelas, e inteiramente maduras; e espalhadas em salas as deixam bem desecar, e desecar da sua reima, e quando já estão bem desecadas, e com a casca bem enrugada, e encolhida, então as comem sem medo de que lhe façam mal; e são mais adocicadas, e gostosas. Mas quem não tem escrúpulos de que lhe sejam nocivas, não se cansa com esta economia, e quando as quer comer as apanha da árvore.

Com esta mesma abundância frutificam as mais árvores de espinho, como cidras, limas, e limões de várias castas, e com a mesma facilidade se propagam de sorte, que é necessário pôr-lhe muitas vezes o machado. As limas são excelentes, porque além de grandes, e muito gostosas, estão os gomos arrebentando de cheios, e abertos, ou arreganhados. Além das mais espécies de limões doces, e azedos da Europa, que lá fecundam com abundância, há outra espécie deles, não sei, se própria só daquele Estado; porque nunca os vi na Europa; e são lá os mais usados, cultivados, e estimados. São ainda mais pequenos, que os galegos, mas tão fartos, e refertos de sumo, que val mais um só deles, que dous, e três dos grandes ordinários. São do tamanho, e quase do feitio de ovos de galinha, e quando muito, como ovos de pata, cor menos amarela, que a ordinária. A casca é tão fina, como a dos mesmos ovos: são azedí[ssimos,] e por isso muito usados nos temperos em lugar de vinagre, e em muitos usos ainda da Medicina. Tem também a singularidade que estando a sua árvore em lugar úmido, como à borda dos rios (em toda a parte se dão bem) sempre estão com limões em todo o tempo do ano; uns em flor, outros crescendo, outros já grandes, e maduros outros. E além da sua muita serventia, se faz deles um singularíssimo e óptimo doce. tirando-lhes o miolo, e ficando inteira a casca. É mui regalado; porque conserva um ácido, que lhe dá muita graça. A sua planta estende-se, e multipli-

ca-se tanto, que alguns fazem cercados delas, e são seguros; porque os seus espinhos se defendem bem. Há outra espécie do mesmo tamanho com casca também muito fina, como de um pomo, ainda que o feitio é mais de cidra, do que de limão, porque tendo a cor, e tamanho dos limões supra tem figura oitavada, com suas esquinas, ou cantos. Suponho, são, os que na Medicina chamam mirabulanos cetrinos: são azedíssimos tanto, ou mais, que os limões supra; mas são pouco usados, sendo que podem ter todos os préstimos dos ditos limões; e sendo os mirabulanos cetrinos tem muitos outros préstimos medicinaes, entre os quaes não é pequeno o fazerem evacuar, e purgar com muita facilidade fechados na mão, e querendo pôr termo, é largá-los da mão, e se ainda continua o efeito, lavar a mão em ágoa quente.

Os limões doces, laranjas doces, e da China nascidas das suas pevides ordinariamente saem degeneradas, e azedas; e principalmente os limões, mas em toda a parte sempre as plantas nascidas de sementes degeneram pouco, ou muito: e por isso os agricultores no seu cultivo sempre usam de plantas, e enxertos. Porém ainda da mesma semente podem nascer tão excelentes como as de enxerto, e plantamento; e é não semeando só as pevides, mas as fructas inteiras: *v. g.* para semear laranjeiras não se hão de lançar à terra as pevides, mas alguma laranja da espécie que se pretende; porque do seu mesmo suco se vão sustentando os pequenos grelos, e o vão conservando até serem grandes, e depoes de serem já capazes, ou se arrancam os mais, e se deixa um só, ou se dividem, e transplantam, cuja notícia pode servir muitas vezes, em que as plantas se não podem conduzir de uns lugares para outros distantes, e mui remotos. Visto haver tanta abundância destas fructas de espinho, e poder haver muita maior, podem os habitantes do Amazonas aproveitá-las em boas ágoas ardentes, e rosa sólis, que delas se fazem, ainda que como na Europa apenas há para comer, só fazem ágoas ardentes das cascas. E posto que conservam algum amarujo, contudo são estimadas, e mais preciosas, que as ordinárias; e tem vários préstimos medicinaes, dos quaes não é menor o ser remédio preservativo contra os ares maos. E se assim é estimada a bebida das suas cascas, quanto mais o será a ágoa ardente do seu sumo? não só será estimada, mas sumamente deliciosa. E se poderá fazer de tantas espécies, quantas são as espécies de laranjas; de que ũas se irão distinguindo, sempre com delicioso gosto, das outras: e o mesmo também dos limões doces, limas, toranjas, e cidras; porque de todas podem ter a mesma abundância.

Muitas conveniências resultam desta factura, mas principalmente três. Primeira é o aproveitarem assim tanta abundância de fructa de espinho que de outra sorte se perde quase toda. Segunda o pouparem assim os canaviaes para o açúcar. Terceira transportarem-na para Europa, onde será preciosa por muitas razões: 1ª pela sua especialidade. 2ª porque [já] então não será necessário comprá-la dos estrangeiros, os quaes levando as laranjas, e limões, comendo-lhes o miolo, que tem por tanta delícia, e regalo, depoes nos vem vender as ágoas ardentes destiladas das cascas por tão alto preço, que não só refazem os gastos, porém ainda ficam com muitos avanços. 3ª porque sendo muita também pode ser barata pela rezão de serem os lambique no Estado do Pará mais fáceis; porque não lhes custa trabalho, nem faz despesa a lenha, que é a mais custosa, nem a fructa pela sua abundância. Da mesma casca da laranja extraem os boticários um óleo precioso para vários usos da Medicina; e é tanto mais precioso, quanto mais raro por rezão de necessitar de muita cópia da cascalhada; pois uma canastra delas apenas

dará para um pequeno vidro de óleo: vão ao Estado do Amazonas que poderão extrair óleo aos almudes; porque podem ter cascas a montes. Da mesma sorte, e com muita abundância podem destilar a flor da laranjeira, e ter tanta cópia, que se possam banhar em ágoa de flor. Além dos muitos usos dos limões pequenos, que já dissemos, também é digno de saber se as olorosas caçoulas, que deles se fazem, deitando em ágoa de flor algum, ou alguns cravados com alguma, ou algumas flores de cravo; e tudo posto na caçoula em cima de um braseiro, faz exalar um fragrantíssimo cheiro, sem necessidade dos célebres pivetes do Reino.

Ainda das mais fructas podem os mesmos fazer excelentes bebidas e xaropes, porque na Europa de todas se fazem ágoas ardentes, e de algumas vinhos, e tanto aquelas, como estes mui regalados, como são a de figos, a de ginjas, o de maçãs, o de romãs, e muitos, e muitas outras que sempre conservam algum sabor, e cheiro da fructa; e por isso a de ginjas sabe a ginjas, a figos a de figos, e assim as mais. E como no Estado do Amazonas são as fructas a perder, podem aproveitá-las em regaladas bebidas; e na verdade será especial a ágoa ardente das pacovas, das bananas, e muito mais do ananás, que se conservar o mesmo cheiro da fructa, e o seu regalado sabor será das mais preciosas bebidas. Pois do morocujá não só preciosas ágoas ardentes se podem lambicar, mas ainda em vinhos: porque que outra, cousa são os morocujás, senão ũa jaléa, ou calda, que beneficiada como uvas dará um nobre vinho? Exemplo tem no caju de que acima falamos, porque não só são bons para comer, como já disse, mas também dá boas, e regaladas bebidas, porque o seu vinho dizem os americanos ser tanto, ou mais gostoso, e generoso que o próprio vinho das uvas, e também ferve nas vasilas, e se purifica. É bem verdade, que como tão generoso tão bem os seus espíritos são muito mais subtis; e por isso se ao beber-se não anda a medida bem regrada, lá vai a cabeça às cabeçadas e o [juízo] por esses ares, e já não governa, como dando a entender, que quer ausentar-se de taes cabeças. Destilados os cajus deitam também nobre ágoa ardente mais preciosa, que a ordinária da cana, pelo seu tal qual asco que tem, como diremos quando da cana falarmos: como também de outros vinhos de acaí, ibacaba, e outros quando falarmos das palmeiras.

Deixando porém muita variedade de fructas, que ou por menos usuaes, ou por não serem cultivadas, mas só nos matos se darem, são menos conhecidas, e outras que por rezão de algum predicado pertencente a outra parte para lá ficam reservadas, quero já concluir este tractado pondo por remate o fructo, a que os naturaes chamam cuia digno por certo de especial memória, não por ser comestível, porque não pode tragar-se, mas por ter outros usos, dos quaes é o principal o servir de copo para beber, prato para comer, e muitas outras servintias muito úteis à servintia dos homens. E se o seu miolo fosse comestível como o das mais fructas hortenses, mereceriam ser das que mais se cultivam, as primeiras, pelo seu tamanho, e mais préstimos: contudo ainda que não sejam comestíveis os seus fructos, são cultivadas nas quintas as suas árvores, e muito estimadas as suas cuias, que vamos a descrever. São porém suas plantas, como árvores ordinárias, *v. g.* pereiras, sem mais circunstância que ter a folha verde escura; e por isso estas árvores se distinguem muito das mais pela cor. São também muito esgalhadas, e logo do princípio se vão dividindo em ramos. Toda a galantaria está na fructa, é esta do tamanho, cor, e semilhança das melancias em tudo, menos na bondade do seo casco, e no azedo do seu miolo: ou para bem dizer

o seu fructo são melancias azedas, e não tem sido poucos os novatos, que com elas se tem enganado, cuidando partirem, e comerem ũa melancia branca, sendo uma azedíssima cuia; e só se desenganarem depois de lhe tomarem o gosto. São pois do tamanho, cor, e feitio de melancias, mas o miolo branco, e assim como há melancias grandes, e pequenas, também há pequenas, e grandes cuias, que nascem no tronco da árvore, e pernadas; e sempre conservam a cor verde, ainda quando maduras.

O seu casco é, o que se aproveita, e serve de copo e vasilha; é da grossura de uma xícara, teso, e forte, mas meneável, como se fosse de brando metal, e só se beneficia quando maduro desta sorte. Partem a cuia, ou melancia bem pelo meio de alto a baixo, e fica em duas ametades com o feitio de ũa casca de noz partida pelo meio tiram-lhe o miolo, e meter os cascos no forno, não tanto para indurecerem, quanto para secarem bem, e depoes os raspam com vidro, ou faca por dentro até os alisar bem, e também por fora a tirar-lhe a cute verde; e estão feitas as cuias, ou copos, saindo dous de cada fructa. Porém não só as pintam ordinariamente com um belo verniz, mas também com perfeitos debuxos, lindas flores, pássaros, animaes, e outras curiosidades. O verniz é preto, e é por modo de vidro de sorte que parecem as cuias vidradas, e em algumas partes o sabem fazer as índias, que são só as suas feitoras, e mestras tão excelente que em nada se distingue do célebre xarão da China, *immo** o excede na sua permanência quase imutável, ou fixa; porque servindo estes copos, e substituindo as vezes da louça já em comer, e já em beber; umas vezes em cousas frias como água, outras em cousas quentes como caldos, chá, chiculate, e cousas semilhantes nenhum damno padece o seu verniz, ou xarão, como também as tintas, com que o floream; quando o da China não pode sofrer ágoa quente (se não é do bom, e feito de encomenda, e com muitas recomendações) sem que ordinariamente fique perdido; pelo que a melhor prova de ser verdadeiro, e bom xarão, é a da ágoa quente, vindo nela os chinas: o que sendo verdade, como na verdade é, bem dizia eu que em nada se distingue, antes excede o xarão dos tapuias ao dos chinas; e entre as índias, as que mais abismam são as da Missão Gorupatuba, e hoje chamada Vila de Monte Alegre; e por isso as cuias desta Vila tem mais estimação que as das mais partes; ainda que em outras partes excedam na melhoria das pinturas, em belos florões, e outros debuxos, mas na fineza, e duração são estas as melhores.

Este é o mais ordinário uso de fabricarem as cuias mas também alguns curiosos lhes dão outro feitio, porque a umas fazem redondas, a outras por modo de conchas, e muitas por modo de taças, com seus gomos baixos, e altos com belo feitio de oitavadas, e finalmente lhe dão o feitio, que querem: porque quando vão crescendo tenras lhe põe embaixo umas rodas pequeninas de táboa atadas em cima, e por oprimidas vão crescendo para fora, e deixando o fundo redondo para os gomos no oitavado, ou para as bochechas das conchas, lhes atam de alto a baixo cordéias, com que oprimidas as fructas vão polando para fora, e deixando o feitio, que lhes dão. Deste modo são galantes, mas cada fructa dá só uma cuia; porque o pé não deixa aproveitar a parte de cima, mas isto importa pouco a respeito da abundância de cada árvore, porque sempre estão dando fructa, e são inumeráveis, as que não se aproveitam. Os espanhoes dão-lhes maior estimação, que os portugueses, e por isso as aproveitam, e laboram melhor, porque não só as fazem por

---

* Lat.: antes, e até.

modo de taças já oitavadas, e já de concha, mas em lugar do verniz as douram; a outras sim dão o verniz já dito, mas as pinturas, e debuxos dourados; e assim variam já no feitio, e já nas pinturas; e fazem grande quantidade, que embarcam para Europa, onde tem muita estimação, e se avaliam por cousa peregrina, e preciosa. Há cuias de toda a casta, algumas tão grandes que levam três, e quatro camadas, há medianas, e pequenas; e estas não tem menos estimação por pequenas, antes alguns as preferem às grandes; porque usam delas em lugar de xícaras, já para os caldos, e já para bebidas, especialmente de chá, chicolate, café, e outras. Estes são os copos dos americanos brancos, e índios, e servem-se tanto deles os índios, que não tem outras vasilhas manuaes; porque lhe servem de prato, em que comem, e de copo, em que bebem: e nas suas viagens é a cuia o *fidus Achates** de cada índio, muito accomodadas, por mui leves; e porque não quebram com facilidade, ainda que atirem com elas ao chão, ou caiam, por mais finas, que sejam, porque há algumas, que não excedem a grossura de ũa unha: e tanto não lhes custa a sua condução, que antes lhes é de outra grande conveniência que é usare mdelas em lugar de chapéo, e carapuça, cobrindo a cabeça, e [reba]tendo nelas, como em casquete, os raios do sol. Basta já de cuias, e de fructas: agora descreveremos alguns paos mais preciosos da América, e algumas outras plantas, cujos predicados as fazem dignas de memória, e cujos préstimos merecem a estimação dos homens; e todas testemunham a muita riqueza deste tesouro descuberto no Rio Amazonas.

TRATADO TERCEIRO

DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA

CAPÍTULO 1º

DOS MAIS PRECIOSOS PAOS DO GRANDE RIO AMAZONAS

Não se admira menos a riqueza do rio máximo Amazonas na multidão, variedade, e preciosidade dos paos que por todo o vasto, e dilatado destricto

---

* Fiel Acates. (Seg. Vergilio, o mais fiel companheiro de Enéas (Cof. Eneida VI, 158). Sinônimo de amigo íntimo, companheiro, etc.

das suas matas se criam, e se perdem: darei notícia de algumas espécies mais conhecidas, que té o presente se tem descuberto, para que também pela sua madeira se conheça o seu grande tesouro. E se o pao ébano era ũa das mais preciosas jóias que buscava o grande Salomão para enriquecer o seu grande tesouro como o entendem muitos expositores daquele pao tiina, que explicam pao ébano, mandando-o buscar juntamente com o ouro às costas de África nos portos de Sofala, e rios de Sena, que assim entendem muitos da palavra Ofir da Sagrada Escriptura, que é o mesmo, que Sofala, aonde ainda existem peremnes memórias. Situada em 16 graos de *latitud* na costa oriental de África, e hoje colônia dos portugueses, e inveja das mais nações; no Rio Amazonas há madeiras tão preciosas, que a sua vista fica o ébano de mui inferior condição, e estimação. Assim o confessou um dos primeiros ministros de Portugal, escrevendo a seus correspondentes, que de Sofala, e rios de Sena o presenteavam com grossas remessas de pao ébano, que bastava de pao ébano, porque já tinha perdido a sua estimação, depoes de começarem a descubrir-se, e remeter-se para Europa os paos preciosos de América. Isto, o que escreveo aquele ministro; sendo que ainda então se não tinham descuberto os melhores, que pouco a pouco se vão descubrindo, e de que já vou a declarar os mais principaes.

Entre todos merece o primeiro lugar, e estimação o pao pinima: é nome próprio dos índios, que quer dizer malhado, ou salpicado de malhas; e por isso é genérico para tudo o que tem malhas como o tigre, a que pelas suas malhas chamam pinima. Alguns distinguem neste pao cinco espécies principaes; mas suponho que não chegaram a ver a muita variedade, que há de malhas, que constituem outras tantas espécies ínfimas; além da diversidade que tem no seu corpo, ou campo; porque uns tem malhas pretas em campo amarelo, outros máculas pretas em campo vermelho: uns tem campo pardo com malhas de diversidade pretas, amarelas, vermelhas etc. Nestas mesmas espécies há mui vária diversidade, e variedade diversa; porque uns tem o amarelo do seu campo mais claro, outros mais escuro: em uns o vermelho é mais retinto, em outros é amarelado; e da mesma sorte há diversidade de malhas diferentes, não só pela específica diferença de cores; mas também por mais ou menos vivas, e por serem maiores, ou menores. Os paos pinimas, de maior estimação são os que se equivocam, com tartaruga dourada, menos em terem as malhas mais miúdas, que a tartaruga; e também os que tem o campo cor de rosa. Mas geralmente os mais buscados nestas cores são, os que tem malhas mais avultadas, assim por maiores, como também por mais vivas, e por mais bem parecidas ao longe. Tem muita galantaria a espécie, que tem as suas malhas com muita diversidade: porque cada malha encerra em si diversas cores, como preta, vermelha, e cor de fogo, e todas muito vivas; e em alguns tão compassadas, que parecem feitas ao pincel. Outros as tem redondas; outros ao comprido, e assim há muitas diversidades. A que tem as malhas pequeninas, como buracos de crivo, posto que regularmente seja bem compassado, não avulta tanto, pela sua muita miudeza, ao longe, mas ao perto é digno de toda a admiração: é porém mais raro. Descobrio-se este pao primeiro nos rios Urubu, e Seracá, por ocasião de ũa palheta deste pao, que se vio nas mãos de ũa índia, a qual perguntada, donde lhe viera aquele brilhante casco de tartaruga? porque tal parecia: respondeo a índia, que não era tartaruga, mas pao pinima. Com esta notícia foi buscado, e achado nas margens, e matas dos ditos rios, com fama, de que só naquelas matas o havia: mas a curiosidade, e ambição foi mostrando juntamente com a experiência,

que em todas as matas do Amazonas, e rios colateraes o há. A sua primeira serventia, e estimação foi para bastões, e começou a andar nas mãos da nobreza, em cuja estimação já se desprezavam as canas da Índia; mas a experiência foi ensinando, que os taes bastões só serviam à bela vista, e vistosa perspectiva, mas que eram pouco aptos para outros usos; porque a qualquer pancada quebram como vidro, e por isso é mais apto este pao para mulduras, e obras de todo o primor. É árvore alta, e *[roto o original]*mente grossa: porém só o seu âmago é o precioso, que tem malhas, e por isso *[roto o original]* mais ordinária grossura, só deita tâboas pouco mais de palmo de largura. A folha é pouco mais avultada, que a da oliveira, e se distingue nas matas por ser mais verde escura, que as mais. Além da galantaria das suas cores, e malhas, é muito sólido, e pesado; e quando bornido parece um espelho; e só tem o desar de estalar como vidro, quando é cortado ao revés.

O segundo pao, ou madeira do Amazonas que merece toda a estimação é o que pela sua língoa chmam os índios cotiara, que quer dizer pintado, de que também há muitas espécies; mas duas são as principaes. A primeira é mais ordinária e comũa, tem as suas pinturas não em malhas como o pinima supra; mas por modo de fitas, ou listões vermelhos em campo branco escuro: principiam estes listões no centro do pao, e o vão circulando à roda, como anéis com suficiente espaço de uns a outros; e todos de alto até baixo mui regulares; posto que há muitas outras espécies, digo castas de cotiara nesta mesma espécie. Em todos são mui vistosas as pinturas, mas quanto mais velhos são os paos, tanto mais vivas são as pinturas. É pao leve, mas não deixa de ser fino, e sólido: engrossa mais, que o pinima, e dá taboado de três e mais palmos de largura. Por esta razão, e por serem as suas pinturas mui avultadas, é este pao mais buscado para obras, e artefactos de maior vulto, como papeleiras, escrivaninhas, bofetes, e sobre tudo cadeiras, que dele se fazem com todo o primor, e põe a um canto por desprezo as mais finas nogueiras da Europa. E com ser pao tão nobre é mui ordinário nas matas do Amazonas, mas os do Rio Capim são os que desbancam a todos, e em tudo os mais estimados. A segunda espécie tem o campo quase preto; porém com suficiente distinção de malha a malha, que lhe dá muita galantaria. É pao mais sólido duro, e pesado; a sua pintura é por modo de ondas: há outra terceira espécie, média entre o pao pinima, e cotiara, também de muita estimação. Tem a dureza, fortidão, e solidez do pinima; e resiste a todo o temporal por séculos, e sempre muito inteiro: é apretado com pintura vermelha tirante a roxa por modo de ondas. É madeira de campinas, e dela costumam os curraleiros fazer estacas para os seus curraes, que na duração são eternas.

Violete é pao também de muita estimação, posto que não chega a os nomeados. Tem duas espécies. Primeira, e mais preciosa é de campo amarelo, e malhas pretas. Segunda de campo branco [com] malhas pretas. Há tanta abundância deste pao pelas cabeceiras do Rio Tocantins, e Minas, que asseverou um missionário serem matas inteiras dele; mas é ordinária lenha para o fogo, por não haver quem o transporte para Europa, onde teria grande estimação. É também precioso o pau chamado Gonçalo Álvares, suponho, que por ser o seu primeiro descubridor algum deste nome. Também é pintado, mas mostra melhor as suas pinturas em obras recortadas, de campo branco, e ondas pretas: é pao de muita grossura, e por isso bom para obras avultadas.

Surubiiba é também pao pintado, e tão fino, e precioso que leva ventagem ao mesmo pinima, não só por serem as suas malhas muito vivas, e avultadas; mas também pela engraçada cor do seu campo avermelhado claro. Tem o seu nome do peixe chamado surubi que tem a pele malhada. Descubrio-se este precioso pao no Rio Xingu quando já se quer meter no Amazonas nas mãos de um cacique que trazia do mato por distinctivo da sua primazia. Quase semilhante, apareceu outro nas matas vizinhas à cidade do Pará tão vistoso, ou lustroso, que parecia uma bela tartaruga; e só se desmentia do outro em não ser tão sólido, e fino: e por não ser ainda bem conhecido, se ignora o seu nome, e os sinaes da sua árvore. Estas são as principaes espécies de paos, que pintou a natureza no Rio Amazonas com cores tão vivas, e malhas também dispostas, que muitos europeos se enganam a sua vista, cuidando ser empenho da arte, o que só é privilégio da natureza; e só se desenganam raspando com algum ferro o pao cujas pinturas se admiram tanto mais fixas, e vivas, quanto mais chegadas a o centro. Há porém muitas outras variedades de paos pintados, mas com pintas, ou malhas mais raras *[roto o original]*, que apenas aparecem algũas poucas malhas, ou ondas, *v. g.* em um bordão: contudo são mui estimados, porque ainda que raras lhe dão muita graça; além da bizarria do campo, que sempre é mui vistoso, sólido, e fino.

Também merece especial menção o pao mulato pinima (não estou certo no seu nome próprio), de que há duas espécies. A primeira e mais vulgar é tirante a pardo; mas pesado, muito sólido, e mui fino: com o uso porém degenera em preto, ficando tão azebichado como o mesmo pao preto. Quem porém quer fazê-lo mudar de cor de repente e que fique preto, não tem mais, que [metê-lo], e enterrá-lo no lodo por alguns dias, ou dia, e tirado fica bem preto, e com cor tão fixa, como se fora natural, e própria, ainda que se lavre para quelquer obra. A segunda espécie que por pintada tem o seu próprio lugar neste "1º capítulo" tem o campo também pardo mas tão salpicado de malhas amarelas tão miúdas como buracos de crivo, que pouco tem, ou se vê do campo pardo: porque tudo são olhos, e malhas de sorte, que parece ũa obra marchetada por arte, qualquer obra deste pao. E se conservasse sempre o seu primeiro bornido, e cores, seria um dos mais preciosos paos, que Deos creou: porém tem o desar, que acima dissemos na primeira espécie de se fazer preto pelo tempo adiante, e também as malhas desbotam, se não se lhe repetem de quando em quando as burnições.

Paricá, é como o chamam outros pao angico, é a última espécie ínfima de paos pintados; e por isso, e porque também é muito sólido, e fino é também precioso, e pao real, mas a respeito dos nomeados é mais grosseirão, e rústico. Tem suas máculas, que o fazem ser estimado, e buscado para várias obras, especialmente para grades grandes, e pequenas de igrejas, e o não ser mais estimado é pela sua muita abundância: e fora de ser boa madeira, e pao precioso tem muitos outros préstimos. Porque as suas cinzas, que são tão fortes como a cal, servem nos cortumes de solas; e de toda a casta de courama, como de onças, viados e antas para descabelar o cabelo, e para engrossar, ou incorporar os couros. A [casca] do mesmo pao só per si pisada, ou picada para melhor largar a sua fortaleza, serve para se fazer a goldra, com que aperfeiçoam os taes couros em forma, que as solas parecem de atanado: e as mais peles [ficam] tão perfeitas, como veludo, de sorte que muitos se enganam cuidando ser veludo os couros dos viados cortidos; e deles usam muitos para véstias, calções, e outras obras, que se equivocam

com o veludo, especialmente sendo tintos de preto, e o vencem na duração. Da sua fructa, que é miúda, torrada, e moída, usam todos os índios por tabaco especial, que, dizem, os faz végetos, fortes, e vigorosos, e por isso o preferem ao tabaco ordinário, de que ordinariamente não usam. Dão estas árvores do paricá a goma arábia tão perfeita, que me afirmou um missionário de muita experiência que [não] só a tinha visto, e mostrado a outros coriosos, mas que também usava dela, e que a há em muita quantidade, e de duas cores, branca, e loura, sinal de que há duas espécies de pao paricá. Ao tabaco, que fazem de sua frutinha chamam também paricá: não sei, se tomando o nome da árvore, ou se a árvore lhe dá o seu nome na língoa do país; porque *[roto o original]* portuguesa o chamam angico alguns modernos,

Pao sancto. Não sei donde vem a este pao tão grande nome; nem que causa tiveram os primeiros portugueses para o [aceita]rem por pao sancto, sendo que um grande oficial de madeiras lhe chamava pao diabo; porque pela sua muita dureza lhe desbotava, e fazia bocas em todas as suas ferramentas. Sei que alguns equivocam este pao com o ébano, e dizem que estes diversos nomes são sinônimos: outros não lhe acham diversidade, como abaixo diremos, e na verdade, ou é o mesmo em espécie, ou muito semilhante, e tanto, ou mais precioso, que o mesmo ébano. O canonizarem-no por sancto, talvez seja por ter muito lugar nos templos, assim em preciosos retábulos, como em grades de toda a casta em ornatos de sacristias, e muitas outras, para as quaes é mui buscado, e escolhido. É pao preto, porém com suas ondas mui galantes, e com malhas amarelas, e pelas malhas, e ondas tem, e merece o seu lugar entre os paos pintados, posto que pela continuação do tempo se faz todo tão preto, como o ébano, ao qual excede em ser mais grosso, deitando táboas com suficiente largura para toda a obra. E ainda seria mais precioso se conservasse sempre as malhas amarelas, e vivas as suas ondas: é pao muito sólido, duro, e pesado; e burnido é um espelho. Resiste ao tempo, e a corrupção ainda exposto a todo o temporal; e por isso as suas obras são de muita duração, e por ser tão duro, e sólido é custoso de lavrar, e destróe muito as ferramentas.

Ébano se é diverso do pao sancto não é ainda conhecido no Amazonas; mas sendo tão semilhante a ele o pao sancto, não duvido que também haja o ébano. Para o que se há de saber, que o ébano, em que abundam muito as Áfricas Orientaes, e de que se faz grande comércio nos rios de Sena, e Sofala em si, e no seu feitio é ũa árvore tão fraca, e desprezível, quanto mais preciosa a sua madeira pelo fino. Cresce pouco, [e] muito torto, não engrossa muito de sorte, que apenas chegará a engrossar como a cintura de um homem; e a sua pouca medra se conhece não só pelo seu ruim feitio, mas também pelo pouco viçoso dos ramos, e folhas; porque ordinariamente tem algum, ou alguns dos seus ramos secos, e nos *[roto o original]* tão pouco copada, que não chegam os seu ramos, e folhas a cobri-la dos raios do sol: o seu fructo é muito agreste. Há várias espécies de ébano: três são as mais conhecidas; a mais ordinária é a preta, a que os naturaes chamam ébano mossano. A segunda espécie chama ébano tefolim, é vermelho, e tem as folhas semilhantes as do louro no feitio. É árvore muito espinhosa, de que se confundem alguns autores em descreverem ao ébano absolutamente árvore muito espinhosa, sendo que só esta espécie tem espinhos: é também a sua madeira de muita estimação, posto que não tão estimada como a espécie preta. Da terceira espécie não tenho individual notícia só que é inferior as primeiras duas, de que difere na cor, e não tem espinhos. Segundo o seu

fraco feitio, e torturas, parece ser árvore só de campinas abertas, e não de matas fechadas, e com estes indícios o poderão buscar os curiosos, que o quiserem descobrir no Amazonas nas dilatadas campinas da Ilha Marajó, e nas mais, em que as árvores são raras, e onde se tem descuberto os melhores paos, e há muitas, as quaes quadram bem os sinaes do ébano; porque as árvores das campinas ordinariamente são pequenas, delgadas, e tortuosas.

CAPÍTULO 2º

DE OUTRAS ESPÉCIES DE PAOS PRECIOSOS

Vermelho. Tem três espécies o pao vermelho. A primeira é o ordinário, a que vulgarmente chamam pao brasil tão precioso pela sua tinta que dele tomou o nome todo o Estado da América Portuguesa, e já hoje se apelida vulgarmente Brasil, onde é tanta a sua abundância que além de ser um dos maiores comércios para Europa, em algumas partes é ordinária lenha para o fogo. E posto que é vermelho, cuja tinta larga facilmente, ou posto de infusão, ou cozido em lascas, também serve para muitas outras tintas, junto com algum outro ingrediente. Os europeos lhe chamam ordinariamente cambeche ou cambede.

Conduru:* a segunda espécie de paos vermelhos é o pao conduru, o qual posto que não tenha as vistosas malhas do pinima, nem os famosos listões do cotiara, ou fitas; contudo pode competir com eles primazias: porque além de ser pao muito duro, e sólido, tem um vermelho claro tirante a amarelo tão lindo, que parece dourado, e tão burnido, que parece um espelho. Os bastões feitos do conduru não só fazem desprezar as canas da Índia, mas ainda disputa ao pinima as primeiras atenções: e para obras de maior vulto é sem dúvida mais estimável; porque são paos grossos, direitos, e de boa largura com outra particularidade que nunca perde o seu vermelho claro, ou dourado. Há outra casta de pao vermelho com nome de pao conduru, o qual não é tão precioso como o referido, mas sempre estimável. O seu vermelho é vivo como sangue, e com a circunstância de ser cor fixa, e perdurável, sem nunca desbotar. O lugar próprio deste conduru é nas beiradas dos riachos, e alagadiços, e crescem tanto os seus paos, que de largura dão táboas de oito, e dez palmos, vindo a ter de circuito, ou roda para cima de trinta palmos; e altura é tanta, que a melhor espingarda não cursa a matar aves no seus galhos. Com esta largura, e altura ou comprimento, se faz mais

* Não é parágrafo no manuscrito.

estimável a sua madeira para toda a obra, em que vence os demais paos preciosos.

Arueira. A terceira e última espécie de pao vermelho, e precioso chamam os naturaes arueira: é também como os mais maciço, duro, e forte, e o seu vermelho posto que não tão galante, como os de cima, contudo não é des-[pi]ciente; e também pela sua fortidão, e grandeza é capaz de toda a obra. Tem ũa singularidade que não obstante ser tão forte, duro, e rijo pega de estaca qualquer tronco, pedaço, ou galho, que dele se mete na terra; o que não tem nenhũa das outras árvores. As suas folhas cheiram suavemente e delas usam os mineiros, e sertanejos para secarem carnes salgadas em falta do sol, e ficam tão gostosas, que parecem bem sazonado presunto.

Amarelo tem este pao quatro espécies: Primeira é o fino, e tão fino, que burnido parece um espelho; e o seu amarelo é tão claro, vivo, e vistoso que parece dourado: sendo que nesta mesma espécie há uns mais finos, que outros; porque o amarelo nas matas do mar salgado, ou foz do Amazonas, é mais fixo, fino, e lustroso, do que o amarelo dos sertões, especialmente quando mostra algumas ondas. E algum há, que me afirmou um missionário ser tão lustroso, que vendo um bordão, lhe parecia ter pelo centro granitos de ouro de alto a baixo. É este pao amarelo, o mais buscado entre os preciosos para quaesquer obras de adorno nas salas, e gabinetes, por saírem bem nele os esmaltes das molduras, com que os enfeitam, assim de pinima, como sancto, ébano, mulato, e outros. E para todas as obras é mui capaz. porque não só tem a bizarria da cor, mas a circunstância de grande; há árvores que deitam taboado de seis, oito, ou mais táboas de largura; e com ser muito fino, sólido, e duro é fácil a laborar-se. A a segunda espécie de pao amarelo chamam os portugueses pao de candea; não sei donde lhe venha o nome. Alguns presumem, que este pao de candea amarelo seja a célebre árvore salsafrás muito cheirosa, e medicinal, por não terem ainda conhecimento da árvore salsafrás. A terceira de pao amarelo chamam guautaíba, que quer dizer pao, ou árvore das guaribas. Guaribas, como no seu lugar apontamos, são ũa espécie de macacos pretos, e mui felpudos, os quaes não só andam em bandos, mas a certas horas do dia se sobem, e ajuntam em alguma árvore, onde estando os mais muito quietos, só um passeando pelo meio, como vigário do coro, dando o compasso aos mais, levantam as vozes, com tal sonância, e consonância, que parecem frades a psalmear no coro; e por isso lhe chamam coristas, segundo a etimologia do nome guaribas, suponho, que estas árvores são as escolhidas para as taes funções; e daí lhe vem o nome.

A quarta espécie chamam tabajuba, que quer dizer pao de fogo: não sei que especial propriedade tenha para este nome. Estas duas espécies de amarelo, posto que muito lustrosas, e finas são as mais ínfimas; e como todas espécies são árvores grandes, e de muita dura, por isso não só são buscadas para toda a obra, mas também para embarcações inteiriças, isto é, feitas de uma só táboa, ou pao escavado, e saem barcos de grandes cargas.

Pao cambeche: não sei, se alguns equivocam o pao brasil vermelho com o pao cambeche; porém no Estado amazônico o pao chamado cambeche é mui diverso do pao brasil: porque este é vermelho, e o que chamam cambeche é amarelo escuro. É o pao cambeche tão estimado das mais nações, que dele é um dos seus maiores comércios para a Europa, e se o transportassem para o império da China, fariam grandes cabedaes, pelo muito que lá estimam as tintas para o benefício das sedas. Não estou porém ainda bem certo se as mais nações chamam cambeche, ao que nós chamamos, vulgarmente

brasil, se a este amarelo, de que vamos falando: é certo, que ele tem tantos, e tão bons préstimos para as cores de amarelo só por si, e muitas outras junto com alguns ingredientes, como o mesmo pao brasil para tingir de vermelho; e por isso merece a mesma estimação, pois só neles tem o Amazonas um grande tesouro. Há outra espécie de amarelo de tingir, ainda mais precioso, que o já nomeado; porque, o de que falamos supra, é amarelo escuro; e este é amarelo claro, e por isso dá cor mais clara, e viva às tinturas, do que o cambeche: e me informou um missionário de muita experiência, natural da mesma América que não só o *[roto o original]* porém também vira tingir com ele o fardamento da milícia, e que é muito mais precioso, que o amarelo escuro do cambeche. Chamam a esta espécie amarelo de tingir; mas a mim me parece, que mais merece este o nome de cambeche, do que o referido.

Pau roxo. Não só tem todas as propriedades do pao real, mas também merece muita estimação este pao pela sua bela cor. É pao real: porque é sólido, fino, e de muita duração. A sua cor é um roxo muito vivo, e muito claro: e seria uma das mais preciosas madeiras, e o seu roxo ũa das mais belas cores, se não tivesse o desar de logo a perder, e desbotar com o tempo em parte: e sendo a cor mais honesta é a que mais depressa se perde; talvez por arremedar a os homens, cujas acções, quanto são mais honestas, tanto mais degeneradas, e inconstantes. Quem porém quiser perpetuar nele o roxo tem fácil remédio, em o livrar com algum verniz do pó, ou burni-lo a miúdo.

Não tem semilhante desar o pao preto, de que há muitas espécies nas matas do Amazonas: todas são pao real, fino, sólido, e pesado; e só se distinguem em serem mais, ou menos azebichados, e mais, ou menos vivos: e algũa espécie há tão fixa, qual outro ébano, se na verdade não é algũa sua espécie. A uma destas espécies chamam os sertanejos coração de tapanhuno, isto é, coração de preto; suponho, que por algũa mais especialidade que eu ignoro. São estas espécies óptimas para molduras do pao amarelo, em que saem bem. E por ser pao tão pesado, e sólido fazem ordinariamente dele os índios as suas armas, a que chamam paos de jucá, paos de matar; pois com uma só pancada desta clava, mais tremenda que a de Hércules, deitam por terra qualquer gigante.

Pao mulato. Diferença-se este pao do preto supra, como os mulatos dos mais homens; e daí lhe vem o nome de pao mulato. É pao real pesado, sólido, e fino: mas pela continuação do tempo, depoes de se ver tratado dos homens, se faz de cores, e perdendo a sua, fica preto, como o pao preto; e por isso tem as mais propriedades do pao preto. Quem porém o quer logo fazer preto, mete-o debaixo do lodo po[r] 24 horas, e tirado, o acha tão preto, como se fosse daquela espécie, não só no exterior, mas no interior, e centro, ou coração do pao: tem mais a singularidade este pao mulato, e o preto [de não] estalarem, como o penima, conduru, e outros. Deste pao mulato há ũa espécie mui salpicada de malhas amarelas, de que acima falamos.

Jacarandá é também pao precioso: é preto avermelhado, ou tirante a roxo; mas também desbota algũa cousa, e depoes de usado prevalece a cor preta, sempre porém o seu preto atira a roxo claro. É pao sólido, e fino, mas não pesado como ordinariamente os paos reaes; e é bom de lavrar. Fazem-se dele óptimas molduras para esmaltar muitos dos referidos; e ainda papeleiras inteiras, e muitas outras obras de primor, as quaes posto que não

sejam tão pomposas, como as pintadas, e amarelas, contudo são mais leves, e meneáveis.

Jotaí.* O pao chamado pelos naturaes jotaí, é também pao real: porque é mui pesado, sólido, e fino, e de muita dura: e pela sua cor, que é vermelho muito claro, também o põe na classe dos paos preciosos. Há três espécies de pao jotaí, as quaes posto que também se diferençam pelas cores, mais, ou menos vivas, mais se distinguem pelos seos fructos: porque os da primeira espécie dão o seu fructo arqueado, e grande: os da segunda o dão redondo, e menor, pouco mais que um ovo de pomba. Os da terceira espécie também dão fructo redondo maior, que o das duas espécies: mas todos são fructos algum tanto agrestes, e por isso só índios, e rapazes os comem. E posto que sejam paos preciosos, também são pela sua dureza, e pesadelo, escolhidos para moendas nos engenhos de açúcar. Dão estas espécies de pao jotaí a célebre resina, a que os naturaes chamam jotaí cuá, de admiráveis préstimos. O primeiro e mais ordinário é para fazer na louça ũa aparência de vidrado. Untam a louça, e esfregam-na bem com esta resina, enquanto está não só quente, mas quase em brasa; e ficando toda [tres]passada, fica como vidrada, e com a singularidade de não estalar no fogo, como o verdadeiro vidrado da louça; pela qual razão é buscada aquela louça, e preferida à da Europa para o ministério das cozinhas. O segundo préstimo desta resina por ser mui cheirosa é servir de incenso, ou só por si, como muitos a usam, ou misturada com o mesmo incenso, como outros estilam. As cinzas deste pao são muito fortes, e por isso escolhidas para delas tirarem a ágoa, ou decoada, com que se purifica a guarapa, de que se faz o açúcar.

Pao de casca preciosa: chamo assim a ũa espécie de madeira, de que há muita abundância no Amazonas, cuja casca pelos seus admiráveis préstimos na Medicina chamam lá casca preciosa. Segundo algumas notícias, que tenho, me parece ser a célebre canela de Tunquim, onde é estimada como um dos gêneros mais preciosos daquele reino. Porém deixando para outro lugar os grandes préstimos desta casca, agora só trato do seu pao, que também é precioso; porque ainda que a sua cor amarela não seja das mais bem vistas, sempre porém o seu suave cheiro, que tem natural, as outras cores mais lindas: é pao grosso, e dá taboado largo, e capaz para muitas obras, e de muita duração.

Pao rosa. Não só nos jardins há rosas; também se acham nos bosques do Amazonas; e rosas, que não são tão caducas como as flores, que de manhã campeam viçosas, de tarde fenecem murchas, ou mortas; mas rosas que duram séculos: estas são uns paos, a que chamam pao rosa não porque arremede a cor de rosa, mas o seu cheiro. A cor é branca amarelada. O cheiro é suave e por ele buscado para muitos artefactos, porque não só é cheiroso mas comunica o seu cheiro ao que lhe metem dentro: e posto que não é tão sólido como os paos reais, é bastantemente fino, e por mais leve, mais meneável.

Angelim.** Posto que pelas cores não seja o pao angelim tão estimado como os já ditos, contudo pelos seus muitos préstimos também é precioso.

---

* No manuscrito não é parágrafo.

** Não é parágrafo no manuscrito.

Tem três, ou quatro espécies. Primeira[,] vermelho com ũa cor viva de sangue, agradável, e permanente; pela qual também merece seu lugar entre os paos preciosos. Segunda é preto, e posto que pela cor não mereça lugar entre os paos de estimação, pela duração é o mais buscado para embarcações, e mais obras. Terceira é o que chamam pao de coco, chamado assim, porque serrado o pao, ficam as táboas com malhas, que tem o feitio, e a grandeza dos cocos. A quarta chamam angelim[. Buscam-na] posto que alguns não façam distinção entre as duas últimas espécies. É o angelim pao de muita duração, muito pesado, e muito sólido; mas o que mais nele se admira é a grandeza, porque as suas árvores sobem não só muito direitas, mas a grande altura de 90, 100, e cento e tantos palmos só de tronco, ou pé. Não é menos admirável a sua grossura de 40, 50, 60, ou mais palmos de roda: e entendo que desta espécie era aquele famoso pao, que se admirou em ũa mata da América, a que apenas podiam abranger 40 homens com os braços estendidos, do qual por cousa rara tratam as histórias. De 30 a 40 palmos em roda se acham, e encontram muitas vezes. Pela sua grandeza, e duração é o pao mais ordinário de que fazem as suas embarcações maiores, que costumam fabricar inteiriças, cavando o pao por dentro, e por fora, dando-lhe o talho tão industrioso, que saem uns perfeitos bargantins, em que são chapados mestres os índios. Alguns angelins se acham já ocos por dentro, o que é meio caminho andado para se fabricar ũa embarcação; porque o seu âmago, que costuma ter grande, não é tanta dura, como o pao de fora; e para embarcações tem o primeiro lugar o angelim preto: depoes dele o vermelho; as outras duas espécies não são tão duráveis. E com serem pao muito pesado, escorregam, e navegam com muita ligeireza; mas se se alagam vão direitas ao fundo.

Itaíba. É nome dos índios, quer dizer pao de ferro, não porque na realidade seja ferro, mas porque pela sua dureza, solidez, e fortidão compete com o ferro. Tem duas espécies: a primeira atira para amarela, e não é desagradável à vista. Cresce, e engrossa quase como o angelim supra; e por isso é buscado para a factura de canoas, que são de muita duração, com uma admirável propriedade, e é, que não obstante ser tão duro, e pesado, não só corre bem pela água, mas também se se alaga não vai ao fundo; e por isso se pode dizer com verdade da itaíba, que no Amazonas nada, e bóia o ferro; propriedade que o faz ser preferido a toda a mais madeira para o uso, e factura das embarcações. A segunda espécie posto que também seja óptima madeira, e de muita duração, custa muito mais a laborar, por ser enveasada; por cuja razão não é tão apta para embarcações, por mais exposta a rachar quando as querem abrir ao fogo: fora disso tem o desar de todo o mais pao pesado, quando se alaga que é ir ao fundo como um prego. Porém nos mais artefactos, e taboado, tem os mesmos préstimos que a primeira espécie. Alguns dizem haver outra terceira espécie, a que mais propriamente chamam pao ferro, por ser ainda mais duro, que as duas espécies referidas; e tal, que fere neles fogo o machado quando se corta: deixo aos curiosos o averiguar, se é diverso pao do [ferro].

Maçaranduba não é do número dos paos preciosos pela sua cor, posto que também por esta não seja despiciente: é porém merecedor de muita estimação pela sua muita dureza, e fortidão, com ser mais leve que muitos outros

de muita menos dura; e por ela as embarcações que se (se) fazem da sua madeira são quase eternas, e duram mais que as de angelim, e itaíba. Cuido, que estas árvores são as que dão a resina, ou breu ordinário no Amazonas, que em nada se diferença do breu da Europa, e por isso com os mesmos préstimos, e usos.

CAPÍTULO 3º

CONTINUA A MESMA MATÉRIA DA MADEIRA MAIS NOTÁVEL DO AMAZONAS

Cumaru. É pao real tão duro, e tão sólido, que fere nele fogo o machado; e pela sua fortidão é o melhor, e mais singular pao, que há para as moendas nos esgenhos de açúcar, e outras taes obras, que requerem duração, e peso. Dão ũas frutinhas da semilhança de bolotas compridas mui cheirosas, de que usam para várias composições, mas principalmente para meterem nas bocetas do tabaco, e servem para confortar a cabeça, além do cheiro, que ao tabaco comunicam. Também delas juntas, e destiladas com outros ingredientes do Amazonas, se extrae um óptimo bálsamo, que além de confortar a cabeça, tem muitos outros préstimos: e bastam só elas pisadas com algũas gotas de água, e deitada esta nos ouvidos de quem padece dores neles para logo lhas tirar.

Piquiá é pao real[,] compete na dureza, e duração com o pao ferro, e com o pao cumaru; e tem como ele os mesmos préstimos para facturas de canoas, moendas, e semilhantes obras: e mais ordinariamente se fazem as moendas de cumaru, ou outros paos duros, e os dentes das ditas de piquiá por mais forte, e duro. Tem três espécies: a primeira é preto, e é o melhor, e de mais duração. A segunda é branco, ou pardo: a terceira é vermelho. Todas as três espécies são grandes, e engrossam muito, como também o cumaru sa.

Acofitereuba.* Pao de acoti, que é ũa espécie de caça do tamanho de coelho. Suponho que desta caça tomou o nome, porque come da sua fructa. O pao pela sua dureza é parente do cumaru, e piquiá da primeira espécie: é tal a sua dureza, que não só ferem nele fogo os machados, mas quebram, e se fazem em pedaços. É pao que pela sua duração se pode chamar incorruptível, porque as suas obras são eternas. Os oficiaes fogem muito de trabalhar nele não só por lhes quebrar as ferramentas, mas também os braços.

* Não é parágrafo no manuscrito.

Não tenho vivas espécies da sua fructa, mas por ser tão buscada daqueles bichos julgo será boa.

Pao de arco: chama-se assim uma árvore do Amazonas porque dele fazem ordinariamente os índios os seus arcos. Tem duas espécies, ambas são pao muito duro, sólido, e forte: não sei a causa porque os índios o escolhem para os arcos, tendo tanta variedade de muitos outros tão fortes como ele, e mais bem parecidos. Talvez seja por não estalar tanto como os mais, e poderem fiar-se mais dele para os desempenhos das suas valentias. A sua árvore engrossa muito, cresce muito direita, e em cima faz ũa bela copada, como chapéo de sol. Alguns equivocam este pao de arco com o pao ferro, porém posto que sejam parentes na dureza, são de diversas espécies.

Pao ocapu, isto é, pao de casa, ou de que se fazem as casas; porque dele ordinariamente se fazem não só as pobres choupanas dos índios, senão também as moradias bem fachadas dos brancos, e ainda soberbos palácios, e sumptuosos templos; e tem esta serventia pela sua dureza, fortidão e duração. Dele fazem os esteios para as paredes, as vigas para os sobrados, e o taboado para as varandas, que são eternas; resistindo às águas, e umidades, aos rigores do sol, e as inclemências do tempo. E só na superfície da terra pela diuturnidade do tempo, depoes de 40, 60, ou mais anos se cortam, ficando o pé, que está debaixo da terra, muito são, como também para cima; mas como nas casas, e palácios se atracam por cima com travessas do mesmo pao, nunca tem algum prejuízo; e se para evitar esse inconveniente lhe fazem alicerces de pedra nos lugares alagadiços, ou do mesmo pao enterrado, ficam os esteios, e as casas eternas, e o mesmo nos lugares secos. Tem mais outra especialidade o ocapu, pela qual se faz mais estimável, e é, que resiste ao fogo. Vi muitas vezes tições acesos, e ainda bem atiçados de rijos ventos as janelas, e grades de ocapu nas casas, e depoes de algum tempo apenas ficavam com ũa pequena queimadura, ou chamuscado aquele lugar. Verdade seja, que também vi em outras partes atear-se neles o fogo de sorte, que queimou de alto a baixo os famosos esteios de um grande templo, não obstante estarem bem entaipados de argamaça, e toda ũa povoação de índios, e mais foi o saltar ũa faísca em um montão de grossos paos, e queimá-los todos; porém suspeita-se, que este incêndio foi por malefício, ou por serem estes de diversa espécie de ocapu. Não obstante a sua dureza é bom de lavrar.

Jacapucaia. É ũa espécie de castanho da América, é pao grande, forte, e capaz de toda a obra. Dá o seu fructo, que são ũa espécie das espécies das castanhas do Maranhão, e as melhores, em um grande ouriço do feitio de vaso com sua tapadoura natural, a qual só se desune do vaso, quando as castanhas estão sazonadas, caindo então o vaso no chão, e ficando a tapadoura dependurada pelo seu pé. São doces estas castanhas tanto, ou mais que as de Portugal, e cada ũa terá duas, ou três das maiores do Reino, e em cada ouriço, ou vaso tem ũa dúzia, ou mais. É tão grande, e forte este vaso, que serve já de alcatruzes nas noras, já de almofariz para pisar etc. com sua mão de pao forte, e pesado. Até as suas mesmas folhas tem um grande préstimo; porque são o melhor, e mais eficaz remédio sobre todos para curar o mal chamado bicho, ou corrupção, pisadas, e feitas bolas se metem na via, e logo curam. Da estopa, e azeite, que se faz, aquela da casca, e este das suas castanhas diremos adiante em tratado separado, como também das mais espécies, que há de castanhas.

Socupira. É igual na fortaleza, solidez, e duração a o ocapu, e por isso tem os mesmos préstimos: é porém mais corpulento, e por isso mais apto para as canoas, que o ocapu, que não engrossa muito, e apenas dará taboado de dois, e meio até três palmos de largura. Tem o pao socupira duas espécies: a melhor é sobre o preto; a segunda é mais clara. *[Roto o original]* é outra espécie de pao mui forte, e de muita duração, serve para os mesmos efeitos que o socupira se não é algũa das suas espécies.

Bacuri. Pao real pela sua dureza, fortidão, e duração. Tem tantas espécies, como a diversidade dos seus fructos de cuja bondade falamos em outro lugar. Tem estes paos os mesmos préstimos, que todos os mais duros; e para o ministério das embarcações é melhor que quantos angelins há; porque as suas canoas são eternas na duração: mas o de folha miúda abre melhor ao fogo; porque segundo tem mostrado a experiência, não correm tanto perigo ao abrir.

Cupaíba. É a célebre árvore que destila o óleo, ou bálsamo cupaíba mui precioso: e talvez que por ser tão precioso se queixe a árvore quando lho tiram, dando taes estalos, que parece estala por dentro. Para toda a obra é excelente madeira a cupaíba; e as canoas que dela se fazem são eternas: talvez por serem madeiras oleosas em que não penetra tanto a umidade. Muitos outros são os paos de que abundam as matas do Amazonas dignos da História, como são o pao maraçanduba, parapaíba óptimos para sobrados, e forros, jabutiba, e muitos outros: basta porém esta notícia para se fazer o devido conceito do tesouro do Amazonas. Só darei ainda alguma outra notícia de mais algumas espécies de paos, os quaes posto que não sejam tão preciosos, nem pelas cores, nem pela duração, contudo se fazem merecedores de algũa especial menção por algũas outras propriedades.

Faltou-nos acima o pao cedro tão digno das Histórias, que as mesmas Sagradas Letras fazem várias vezes menção dele; e foi dos escolhido pelo grande Salamão assim para a fábrica do seu grande palácio, como também para o Templo de Deos, que foi a maior maravilha do mundo, e o *non plus ultra** da sua sabiduria, idéas, e riquezas; no que bem mostrou a qualidade do cedro intersachando-o com as (as) pedras preciosas, ouros, e pratas, e mais tesouros, com que enriqueceo aquele magnificentíssimo Templo, e os seus tão soberbos palácios não obstante a sua tão custosa condução do Monte Líbano, e diverso reino. Há três espécies de pao cedro mais conhecidas no Amazonas; a primeira é de cor vermelha, segunda de cor branca, e a terceira de cor pardacenta; e posto que todas três são estimáveis, contudo a primeira é mais buscada, por ser mais constipada, e de mais dura. São os paos cedrinos os mais agigantados madeiros da América, pela sua altura, e grossura: porque há toros de 40, 50, e mais palmos de roda: e são tantos principalmente no Rio Madeira, que só dos que caem cada ano pelas suas margens, e bóiam rio abaixo se podem fazer grandes fábricas de madeira, só com a providência de os esperar pouco antes da boca do Amazonas, e com ganchos dar-lhe direção para terra; além dos muitos que as ágoas lançam nas costas da Ilha Marajó, e de outros muitos, que ficam pelas praias rio acima. É o cedro bem conhecido pela sua folha, ou melhor diremos, cabelos; porque não tem folha, mas uma espécie de felpa muito miúda. Chama-se vulgarmente o cedro incorruptível, o que não disputo: sei sim, que

---

* Lat.: o máximo.

as suas embarcações duram poucos anos na água; em terra, e em lugares seccos, como forros, e outras obras são de muita duração. É pao muito leve, e muito fácil de se beneficiar: é escolhido para as imagens; não entra com ele o caruncho, nem turu, e muito menos o copim, que são o maior inimigo das madeiras; porque é pao amargoso. Para obras de entalho, retábulos, e quaesquer outras, que se hajam de dourar, é escolhido.

Pao louro. Quase semilhante ao cedro é o pao louro, assim chamado, não porque seja espécie do louro da Europa, mas por ser louro na cor; e quase que tem os mesmos préstimos que o cedro para taboado de forros, e sobrados, e a mesma facilidade de lavrar-se. O pao chamado tago dizem ser muito especial pela sua bela cor semilhante ao jalde, mas não tenho individuaes notícias dele. O pao jacareíba, o pao pinho, o pao de lacre, o pao jerana, e muitos outros todos são especiaes, mas sobejam os mencionados para enriquecer o Amazonas. Agora passaremos a outros, em que se admira algũa especialidade nas suas qualidades, e seja o primeiro o sacuzeiro.

É árvore de qualidades tão quentes, e pestilentes, que bastam os seus salpicos para logo escaldarem, e empolarem a cara, e carne aonde chegam. E se algum salpico salta nos olhos, de quem o fere, ou corta, para logo o deixa as boas noites; e é preciso acudirem depressa os salpicados a refrigerantes, para poderem ter algum alívio. E para evitarem os seus perigos fogem muito os índios de o ferirem com machado, gozando do privilégio de isenção por indigno, e fazendo-se respeitado com a sua braveza, e ruim qualidade: má propriedade querer ser respeitado por temor, e privelegiado por venenoso, e malfazejo! Não só é nocivo aos homens, mas também aos brutos: basta caírem os seus salpicos, ou comunicar-se a sua fogosa qualidade às águas para logo morrer o peixe, que por isso foge dele à légoa, ainda que muitas vezes debalde, por crescer esta ruim árvore nas margens, e bordas dos rios. É árvore bem crescida, e engrossada: as suas folhas são grandes, grossas, e espalmadas como a palma da mão. Para tirar os dentes é o seu leite remédio eficacíssimo: bem a sua custa o experimentou uma dona, que não podendo suportar a dor de um dente, o tocou com este leite, e para logo lhe caíram todos: não há boticão mais eficaz! Deste leite tomam alguns doentes purgantes, mas como não o sabem temperar, ou modificar, nem também a doce regrada, tem deitado a muitos na cova, exasperando-lhe as entranhas com o seu fogo; mas na verdade será de muitos préstimos, depoes que os químicos souberem temperar, e modificar. Há outra espécie desta árvore, a que chamam sacurana, espécie degenerada; é árvore mais amigável, posto que armada de espinhos pelo tronco: o seu leite é remédio excelente para curar feridas frescas; e ainda faz o mesmo nas antigas e materiadas engrossando-o ao fogo até ficar na consistência, ou ponto de melaço, ou pouco mais.

Mangue. É outra árvore das mais notáveis do Rio Amazonas, e cuido que de toda a América, com qualidades, que a fazem digna das Histórias. Tem muitas espécies esta árvore: a primeira, que cresce muito alta, direita, e lisa seria óptima para mastros de navios, se engrossasse mais: mas apenas chega a grossura de homem, ou pouco mais. A segunda espécie ainda engrossa menos. A terceira espécie é, a que mais engrossa, mas pouco mais: contudo tem várias serventias as suas madeiras, por serem muito fortes, e

muito maciças. O verde da sua folha é mui claro, e alegre, e se diferença logo das mais árvores. Tem algumas cousas notáveis esta espécie de árvores: a primeira é o nascer, e crescer nos lodos, e areaes da ágoa salgada, alteando, e sobindo por elas acima as enchentes da maré, com a qual ficam totalmente afogadas, e submergidas, quando são pequeninas, e não obstante o contínuo açoute das ondas, crescem tão verdes, e viçosas, como em própria terra. E sendo o sal, e água salgada de si estéreis, todas as praias, e bordas do salgado são muito fecundas, verdes, e vistosas, destas árvores; e se dão melhor no salgado, do que na água doce, de sorte, que só na boca do Amazonas, onde ainda sobem, e alteam as marés, cresce esta espécie de árvore. A segunda propriedade é ainda mais notável, e é que sobindo para cima o tronco muito direito, dos ramos que deita para as bandas saem duas hastes, ũa, que endireita para cima muito verde, e ornada de suas folhas, e galhos: a outra pelo contrário endireita para baixo, e para a ágoa muito lisa, e do feitio de ũa cobra. E assim como ũa haste vai crescendo para cima, assim outra vai crescendo para baixo até se mergulhar na água, e chegar ao lodo, ou areia, onde lançando raízes, e arraigando-se brota para cima outra árvore, de cujos ramos se vão propagando, e multiplicando outras, e outras: e desta sorte se multiplicam por légoas, e légoas em todo o espaço, em que sobem, e se espraiam as marés; e nos lugares aonde não há mangues, basta plantar uma estaca; porque ela crescendo pelos ramos se vai multiplicando a uma grande manguel.

A terceira propriedade galante é, que do mesmo tronco até a altura, aonde chegam as marés, saem várias raízes para todos os lados, e depoes de se arquearem, endireitando para baixo as pontas pegam, e logo se levantam a fazer novos arcos, e estes outros, e outros, de sorte, que ficando na baixa mar todos descubertos, fazem uma galante perspectiva. E como uns se unem com outros fazem ũa tranqueira impenetrável, de sorte, que o peixe entrando na preamar, fica na baixa mar em secco, e entalado muitas vezes naqueles arcos, que propriamente se explicam melhor, chamando-os um labe-rinto de arcos; e em alguns deles se levantam no ar outras árvores. Tem alguns bons préstimos esta árvore, porque do seu fructo, que são umas compridas torcidas da cor, e grossura da pimenta longa, se tiram alguns remédios medicinaes, como também da sua casca, especialmente para diarréas impertinentes. A mesma casca picada serve para os cortumes ordinários da sola, e de toda a courama de caça. Também com ela cozida se servem para tingir de vermelho. As sua folhas, depoes de podres no lodo, ou cozidas, servem para tingir de preto, e com elas ordinariamente se dão as tintas pretas aos panos.

Aninga. É árvore também da água, mas ao contrário do mangue, porque assim como este ordinariamente só se dá na ágoa salgada, assim o aninga só se cria, e cresce na doce, onde às vezes fica totalmente submergida. É árvore muito branda, e pequena; e na sua pequenhez com várias torturas, talvez causadas da correnteza das ágoas, que a fazem andar ao retorteiro, virando-se já para a enchente, e já para a vazante conforme a levam as águas. A sua folha é grande, e corpulenta; e tanto a folha, como a árvore, é mui semilhante a do incenso, conforme a vi debuxada por um curioso, que a vio na Índia. Mas não [li,] que tenha mais préstimo, do que serem os seus fructos, que são umas pinhas mal feitas, ou de ruim feitio, sustento ordinário das tartarugas do Amazonas.

CAPÍTULO 4º

DE ALGŨAS OUTRAS PLANTAS NOTÁVEIS

Andirobeira. É árvore abençoada, porque serve no Amazonas para o mesmo, que as oliveiras na Europa, dando azeite, de que se servem em vários ministérios, menos nos guisados, e prato por amargoso. Dá este óleo em ũas castanhas maiores em dobro, ou ainda mais, que as de Portugal. Os seus ouriços são uns bons vasos, e cada um tem mais castanhas; que os da Europa. Mas deixando a parte, a que pertence este azeite, a sua custosa feitoria, aqui só pertence a árvore, que não é mal parecida, e recolhida no ministério de forros, é muito boa; mas nas embarcações de pouca dura.

Árvore do carrapato é, a que na Ásia, e África chamam figueira do inferno, mas na verdade não lhe quadra bem o apelido: antes, dizia um prático das suas grandes vertudes, melhor lhe vem o nome de figueira do céo. É árvore piquena, como ginjeira, com folhagem porém grande com bastante semilhante das folhas da figueira ordinária; e talvez que delas aproprie a si o nome de figueira. São porém mais macias, e mais recortadas, como em raios à roda, à maneira de estrelas. O seu fructo são uns pomos do tamanho de nozes, mas com espinhos brandos, e inocentes. Estes tem dentro uns pinhões, ou feijões rajados de várias pintas, e com a figura de grandes carrapatos, e deles vem à árvore com muita propriedade o nome de árvore de carrapato, como vulgarmente lhe chamam no Amazonas. Destes fructos ou feijões, por bem parecidos usam de ordinário os magnates, e ociosos por tentos nos seus jogos. São tão oleosos, que se desfazem em azeite muito bom, claro, fino, e gostoso ainda para o prato, com mais facilidade, do que se extrae o da andiroba supra. A este azeite chamam bálsamo os asiáticos muito medicinal, especialmente para soldas de ossos quebrados, feridas etc. em que obra prodígios. Sirva de exemplo, o que fez um missionário em ũa moribunda. Trouxeram, para lhe deitar ũa absolvição condicional, a certo missionário ũa enferma, ou moribunda, a quem um malfeitor tinha dividido com ũa faca meio corpo pela cintura, bem que ficaram intactas as tripas. Vendo-a o padre neste miserável estado, mais morta, que viva, depoes de lhe ministrar como pôde os remédios espirituaes aplicou-lhe este bálsamo, que mandou cobrir, e ligar com um pano; e depoes de a deixar estar quieta algum espaço, mandou levá-la para casa de seus senhores, que dali a poucos dias vieram dar-lhe as graças por ter dado a vida a sua escrava, a qual sem mais algum outro remédio ficou sã como antes. Os mesmos prodígios obra nas pernas, e braços quebrados; como também para vedar o sangue, e veias rotas. Também a folha faz maravilhas sobre as pontadas, e flatos.

Gerzelim é um arbusto, que dá ũas sementilhas, de que se faz o azeite do mesmo nome, muito claro, e de tão bom gosto para o prato, como o da oliveira: e para frigir peixe, e mais viandas é especial; porque não só lhe dá bom gosto, mas também o faz durar mais. Este azeite segundo as notí-

cias, que me deu um curioso, é o escolhido, com que os chinas fazem a sua preciosa tinta de nanquim, a qual nos vendem por subido preço como cousa rara, e preciosa; e na verdade o é, pelos seus préstimos medicinaes, especialmente para tirar as inflamações dos olhos. Fazem a dita tinta deste modo. Em grandes, e largas grizetas accomodam muitas luzes miúdas *[ilegível]* as provém deste azeite, de gerzelim, e de tal sorte dispostas, que sempre se conservem tênues até acabar o dito azeite, para que também seja tênue o seu fumo, o qual aparam em um toldo bem tapado, *v. g.* de canga (é pano de algodão muito forte, e tapado, que lona não há naquele Império) onde o fumo vai largando o seu pó tênue, e acabada a formada, e tiradas as luzes, e grizetas sacodem o toldo, e ajuntam os subtilíssimos pós, os quaes amassam com vinho, e resina: e quando a querem fazer de primor lhe misturam algum cheiro, e feita em paozinhos a comerceam por todo o mundo.

Castanho. O do Amazonas é mui diverso dos da Europa não só pela grandeza da árvore, mas também pela maioria, e diversidade das castanhas já bem conhecidas na Europa com o nome de castanhas do Maranhão. Tem várias espécies esta árvore, que bem se distinguem pela diversidade do fructo: a primeira é, a que chamam jacapocaia, de que acima falamos entre os paos reaes pela sua muita duração. As mais espécies são pouco menos, mas também a sua madeira é muito boa, dura, e forte; e das suas castanhas se faz azeite óptimo em tanta cópia, que quase todas se desfazem em azeite. O mais notável porém destes castanhos é a sua casca, que na verdade merece bem o título de casca preciosa; porque é ũa perfeita estopa com os mesmos usos, e préstimos, que a estopa de Europa; e dela se servem os naturaes nos ministérios dos calafetos, e com menos trabalho, que a estopa européa, por quanto não tem mais trabalho, do que arrancá-la da árvore, o que é fácil, porque dá bem a casca; secá-la, e desecá-la bem da umidade, batê-la, e usar dela o que tudo se pode fazer no mesmo dia. E como os castanhos são árvores grandes e a casca com um dedo de grossura, basta cada árvore para dar muitas arrobas, e para gastos amplos de todo o ano a cada morador.

Jonipapo. Já falamos em outro lugar desta árvore, por causa de descrevermos o fructo: aqui só falaremos dela enquanto ao seu pao, o qual tem especial préstimo para cronhas de espingardas; e para varas, ou varaes de carruages é mui *[ilegível]*, e preferida a todas as mais árvores, por vergar bem ainda quando seca, boa de lavrar, e muito leve. Tem esta árvore também tal aptidão para embeber tintas, e tomar cores com algũa indústria, que alguns curiosos fazem bastões, que fingem, e parecem canas da Índia. Tem macho, e fêmea; esta dá o fructo, a que chamam do mesmo nome: o macho só dá flores em compridos ramilhetes.

Ambaíba. É árvore de pouco crescimento, árvore de água, porque nasce nas praias do Amazonas, onde nas cheias do(s) rio fica quase sumergida: tem folha grande e corpulenta. Há duas espécies desta árvore, ũa dá por fructo uns grandes cachos, cujos bagos dizem ser de gosto delicioso, e grandes: e desta espécie há abundância no Rio Negro, donde alguns curiosos a tem transplantado para os seus sítios. A segunda espécie, e mais vulgar é agreste, e dá por fructo ũas como disciplinas compridas, e sem préstimo. Tem contudo esta árvore algũas vertudes medicinaes, especialmente na sua raiz, cuja água é fresquíssima, e no seu olho, em que tem nós como a cana, e no último tem uma gosma, que é óptima solda para braços, pernas, e ossos quebrados.

Sumaumeira*. Cresce, e engrossa muito esta árvore, mas a sua madeira é de pouca dura, e estimação. A sua maior notabilidade está no seu fructo, o qual é quase do feitio de frutas pequenas de cacao com casca grossa, e dura, cujo miolo é ũa espécie de penugem, ou lã finíssima; e seria óptima para telas, se não fosse tão frágil como é. Dela misturam os holandeses na fábrica dos chapéos. O uso porém mais ordinário é para enchimento de colchões, por ser muito quente, e macia: e para este efeito a transportam para Europa. Tem duas espécies; ũa, que dá esta felpa, ou algodão branco, outra, que o dá avermelhado. Deita resina esta árvore, mas ordinariamente a desprezam.

Taboca. É ũa espécie de canas de desmarcada grandeza, tão altas, que delas se servem os moradores do Amazonas no ministério dos templos em escadas manuaes de 30, 40, e mais palmos de comprimento com a circunstância de serem ocas, como as mais canas, e por isso muito leves, e meneáveis, mas com fortaleza suficiente para os taes ministérios, pondo-lhes degraos proporcionados. Engrossam pouco, e por isso não tem mais trabalho, que abri[r]-llhe os buracos para os degraos. São ordinariamente os varaes das andas, em que andam as donas, nos quaes pegam dous, ou quatro negros, e para isso enfeitam estes varaes com tintas, e debuxos. Delas também usam os índios nas suas grandes frechas, a que chamam taquaras, e tem tal fortaleza, que atravessam um boi, ou qualquer caça de partes mui distantes, e com mais facilidade a seus inimigos nas suas guerras. Delas também fazem jangadas para transporte das fazendas. A ágoa, que na occasião das luas se acha nos seus canudos, tem alguns préstimos na Medicina, especialmente para sezões.

Canas; não falo aqui das canas ordinárias, que são comũas na Europa; mas em uma espécie de canas, a que os portugueses chamam frechas, porque delas se provém os índios, e ainda os brancos para fazerem as suas frechas. Não tem canudos, como as mais canas, nem são ocas por dentro: mas são leves mais que as outras canas: no feitio, e cor parecem ser espécie de algum bambu da Ásia (se não são uma espécie de cana brava da Índia) mas muito fracas, e quebradiças, que a terem suficiente fortaleza, teriam a mesma estimação, e serventia, que as canas da Índia. São contudo óptimas para o ministério das frechas por muito leves, delgadas, e compridas, pondo-lhe na ponta a lança, e no pé ũas plumas para irem direitas; e com serem tão leves, e frágeis armadas adiante com sua lança de taboca, ou osso, atravessam em grandes distâncias qualquer esteio. Destas canas usam também as donas para baterem o algodão.

Angélica. Há ũa árvore, a que por dar flores com algũa semilhança à erva angélica hortense, e com o mesmo cheiro, chamam angélica, que exala um suavíssimo cheiro, o qual experimentam, os que entram pelos caminhos, e centros do mato. Tem uma notabilidade esta árvore, que a faz digna de ser contada no número das árvores medicinaes; porque a casca, ou o xarope da casca da sua raiz da parte do Nascente é o melhor sudorífero, que se tem descuberto experimentado em muitos quase já moribundos.

Esponjeira: é célebre esta árvore pelo seo activíssimo, e suavíssimo cheiro, digna por certo de ser cultivada não só nos hortos, mas nos mais nobres jardins. É árvore grande, tem a folha muito miúda. Dá ũas flores semilhantes as perpétuas, e estas é que se desfazem em suavíssimo cheiro,

* No códice não é parágrafo.

que faz rescender as matas vezinhas: dá também ũas esponjas pelas quaes já vulgarmente as chamam esponjeiras; o fructo são ũas bages com ũas sementilhas, que não sei tenham algum préstimo.

Jasmineiro. Há duas espécies, ou mais, de jasmins no Amazonas; primeira são os comuns da Europa, que naquelas terras se dão tão bizarramente como se fossem suas próprias; e quem os cultiva é-lhe necessário podá-los a miúdo pelo muito que crescem, e se estendem: e como o clima sempre quente os ajuda, todo o ano estão marchetados com inumeráveis jasmins, e por isso no tempo, em que os religiosos tinham a seu cargo as missões do Amazonas cultivavam em algum pequeno horto entre outras plantas algum pé de jasmineiro, e bastava um só para todos os dias pela madrugada irem os meninos da Doutrina colher, e encher algũas salvas, que todos os dias do ano presentavam nas igrejas. Mais notável é a segunda espécie de jasmins, a que chamam jasmins de Caiana, porque de lá trouxeram antigamente algũa planta. É árvore mediana todo o ano está enfeitada de flores, mas em alguns tempos do ano com mais abundância, nos quaes toda ela parece um ramilhete. As flores, ou jasmins são grandes, a cor é amarela, e vermelha, o cheiro é mais activo, e suavíssimo. A parecença é quase a mesma das flores da planta sevadilha, e do mesmo tamanho, ou pouco mais. Dá estas flores em grandes ramilhetes, em que ũas estão abertas, outras em botão; e como é árvore bastantemente grande, e se cobre toda destes grandes ramilhetes, basta ũa só arvore para enfeitar todo um jardim. Sendo mui suaves, e macias estas flores aturam mais que os jasmins ordinários, e demais flores, talvez por ser a sua folhagem mais encorpada; e por todas estas especialidades são as flores de mais estimação no Amazonas, assim no ornato das procissões, e adorno dos templos, como na tapeçaria das salas, e palácios. E com serem flores tão delicadas, nada tem a sua planta de mimosa, ou melindrosa; porque basta meter na terra qualquer estaca, ou galho, para logo pegar, e em pouco tempo se fazer árvore. Há outra espécie destes jasmins pelos campos também em árvores, somente com a diferença de serem todos brancos; talvez que se cultivassem a planta, e a fizessem hortense, tivesse as mesmas estimações, que a primeira espécie.

Cajazeira. É árvore, que equivale a amoreira da Europa no efeito de serem as suas folhas sustento dos bichos da seda, mas não no feitio, nem no fructo. Se houvesse curiosidade nos moradores do Amazonas de fabricarem sedas, como na Europa, teria esta árvore mais estimação, como a tem na Europa a amoreira, mas como não tem esse cuidado, por isso a árvore é desprezada, e agreste, e por isso nela mesma se criam alguns bichos, e nas mesmas fazem os seus casulos posto que, além desta também há outras árvores, de cujas folhas vivem, como por vezes se tem visto, e talvez menos melindrosas em crescerem, que as nossas amoreiras, que se fazem muito caras por muito vagarosas: de sorte que algũas vi eu no nosso Portugal, que apenas excediam a altura de um homem, depoes de 30 anos.

Timbó. Tem aquelas matas várias espécies de árvores, e arbustos muito venenosos ao peixe, com que lhe fazem suas pescarias, e tanquejadas. Entre os mais é mui especial o arbusto chamado timbó, o qual não é tão pequeno, que não engrosse, como um braço, ou mais. É tão venenosa esta planta, que para tirar a vida basta ũa pequena porção de seu succo; e não só para todos os mais viventes, mas também para o peixe, que nesta planta, e seu succo tem o seu maior contrário, e inimigo; nem há rede barredoura mais nociva, que o venenoso timbó. O modo de o usarem é machucando algũa, ou algu-

mas raízes, e depoes botando-o na água; e assim que o seu cheiro se vai difundindo nesta, logo o peixe procura fogir, já buscando o fundo, e já procurando a fuga, mas como não pode, andando aos saltos, como doudo, finalmente exasperado atira consigo à terra, ou virando a barriga para o ar, morre, e se apanha. Mata todo o peixe grande, e pequeno, de que nasce fazer estéreis os rios, que antes eram abundantíssimos; ou porque mata as crias, ou também porque envenena as águas, a cujo cheiro foge o peixe. Conhece-se o peixe morto com o timbó, porque se corrompe mais depressa, do que o pescado em rede, ou anzol. Usam também para o mesmo efeito de um arbusto, ou pequena árvore, que cultivam, e fazem hortense; e de uma erva muito comũa; porém não tive quem me informasse do seu feitio, e com ela mesma, e com muitas outras, não só matam o peixe, mas também se matam os índios uns aos outros, dando o seu sumo disfarçado em bebidas, que só se conhecem nos efeitos quando já não tem remédio.

Desejava agora dar aqui algũa notícia de algũas outras árvores pestilentes, que só se sabem por fama, devendo ser bem conhecidas para se evitarem, porém não tive quem mas desse a conhecer. Tal é uma cuja sombra faz entisicar, aos que a ela se acolhem contra os raios do sol. Descubrio-se esta sua ruim qualidade por occasião de um missionário costumar sentar-se de tarde à sua sombra, pela ter muito vizinha à sua residência, e pouco a pouco foi entisicando até que em breve tempo morreo sem se saber a causa. O mesmo ia succedendo ao seu successor, porém oferecendo-se-lhe occasião [de uma] viagem, na ausência foi outra vez convalescendo, restituído porém à sua Missão, e ao abrigo da referida sombra, tornou a sentir os mesmos efeitos, e depoes de vários discursos, cortando a árvore tornou a melhorar. Peior é outra, de cujas folhas, ou casca usam os naturaes para se matarem uns a outros, dando-a involta, e misturada nas folhas de tabaco, e também os faz entisicar, e morrer.

CAPÍTULO 5º

CONTINUA A MESMA NOTÍCIA DAS PLANTAS

Cipós. Bem merecia especial memória na república vegetativa ũa árvore cuja sombra muito ao contrário das de cima tem a vertude prodigiosa de não consentir em si bicho algum venenoso, porém como não tenho conhecimento dela, sirva este apontamento para excitar aos curiosos a indagarem qual seja, e darem-na a conhecer pelas suas qualidades. Entretanto passemos a dar notícia das plantas cipós, de que há tanta variedade, e alguns deles com propriedades tão notáveis, que só eles podem dar matéria a grandes volumes. Cipós chamam na América a uns arbustos compridos, delgados,

e flexíveis tanto, que se podem torcer como cordas com alguma semilhança dos vimes da Europa enquanto a sua flexibilidade, mas muito mais perduráveis; e no comprimento tem alguns de 30, ou 40 palmos para cima. Crescem à sombra das árvores com as quaes se abraçam, enlaçam, e estendem pelos seus ramos como as vides trepadeiras. São inumeráveis as suas espécies, e também as suas qualidades, vertudes, e préstimos: uns grossos como um braço e destes se servem os moradores para amarras das suas embarcações pelo comprimento, e fortaleza, e alguns há, que podem suprir as amarras dos navios. Dos medianos, que tem a grossura de uma *[roto o original]* usam os naturaes para tecerem os grandes toldos, com que cobrem as suas embarcações contra os raios de sol, e chuvas, fazendo duas telas, e no meio lhe compõe folhas de sorte, que ficam impenetráveis às chuvas. Com estes mesmos enlaçam os esteios das casas por dentro, e por fora, servindo de redes, no meio das quaes levantam as suas taipas, e paredes tão duráveis, que igualam na duração aos mesmos esteios, de que acima falamos. Com os mesmos atam, e prendem as traves; e finalmente estes cipós são os pregos da terra: porque com eles fazem os índios, e já muitos europeos à sua imitação o mesmo, que outros fazem com os pregos; de sorte que levantam grandes moradias sem nelas entrar um prego, e com a circunstância que duram mais que o mesmo ferro, que com o tempo consome a ferruge. Destes mesmos fazem as suas rótulas, e gelosias; tecem cestos, e muitas outras curiosidades, e manobras, com as quaes se fazem muito estimáveis estas plantas, de que há tanta abundância, que em qualquer mata se podem carregar navios. Não são de menos préstimos a espécie de alguns cipós finos, e da grossura, ou pouco mais de barbante, e tão flexíveis, e fortes, como ele, a que chamam timbó titica. Deles tecem os naturaes muitas curiosidades, como são ũa espécie de cestos, a que chamam patuás, ou arcas com suas tampas, e orelhas, bem parecidos. São muito acomodados para as suas viagens por muito leves, e à sua imitação se servem deles os mesmos brancos; e se os querem mais finos, os racham da grossura, que querem, como se faz aos vimes.

Uma espécie há de cipós digna por certo de andar, nas mãos dos homens, como na verdade anda, em lugar de bastões. São da grossura de um dedo, sendo que também alguns há de mais, e menos grossura. A sua maior galantaria está em serem de feitio oitavado com regos de alto a baixo, tão direitos, bem feitos, e dispostos pela natureza, como os poderia fazer a arte. E como tem a propriedade dos mais cipós em serem flexíveis, ainda quando secos, são óptimos para castigar: porque vergando muito não quebram, por cuja razão alguns oficiaes da milícia os mandavam trazer aos subalternos por especiaes chitadas, que fazendo-se sentir nos castigos, não se quebram, nem quebram osso. Além destas serventias dos cipós, tem também a conveniência dos seus fructos, e vertudes: porque alguns dão delicioso fructo, como o cipó da baunilha, do morocujá, e muitos outros. É mui notável o cipó que chamam de água; por ser tal o seu préstimo, que quem o tem perto de casa não necessita de mais rio, nem de mais fonte para ter água fresquíssima para beber, e para serventia de sua casa. É ũa fonte o dito cipó, e com um só golpe, que lhe dem, lhe retribue logo a planta um, ou dous potes de água muito clara, muito fresca, muito gostosa, e saudável. Tem este cipó remediado muitas faltas de água, e matado a sede a muita gente especialmente aos que se embrenham pelo interior, e centro dos matos, como são os índios, quando vão à factura do cravo, onde não tem outra ágoa

mais que a deste cipó, em cuja falta morreriam à sede. Pode pôr-se em problema; qual seja mais admirável: se a vertude deste cipó, se a qualidade da célebre árvore que dá ágoa à Ilha do Ferro? A qual, segundo escrevem os autores, não havendo água em toda a Ilha, a supre coberta com uma densa névoa, da qual destila água suficiente aos seus moradores, e animaes, aparada em um tanque, que para isso lhe fizeram à roda. O préstimo, que esta árvore tem no seu nevoeiro, tem o cipó da América na sua muita umidade.

Das suas muitas vertudes medicinaes se fazem amiudadas experiências: bastava para meia botica, como dizem alguns práticos, o cipó da abutua. Tal é o cipó da gota, posto que ainda os índios o não quiseram descubrir aos brancos: tal o cipó dos olhos, cuja vertude viu, e admirou um missionário em ũa enferma com os olhos tão inflamados, sanguíneos, e inchados, que pareciam estarem já para arrebentar; e quando o missionário cuidava aflicto no remédio, se ofereceo a dar-lho a um índio, dos que se achavam presentes. E se bem o prometeo melhor o cumprio; e tão promptamente, que não fez mais que entrar no mato, colher a raiz de um cipó, e aplicar-lha aos olhos com tal eficácia de vertude, que no breve espaço de meia hora ficou sã a enferma. Tal é o cipó das febres, que obra prodígios ainda nas malignas; e taes são muitos outros que ainda se não conhecem, por serem os índios muito sigilistas das suas vertudes, que muitos conhecem, e de que usam com tão bons efeitos, que com eles, e com ervas curam muitas, e perigosas doenças: de sorte, que algumas nações guerreiras há tão práticas no seu conhecimento, que se não morrem no conflicto da guerra, ainda que saiam atravessados das frechas logo com seus remédios se curam. O cipó da gota se soube, que o havia por occasião de acudir um índio com o leite dele ao seu missionário; que por quase já entrevado, e penetrado de dores da gota, se despedia dos seus neófitos para se recolher ao seu convento. Compadecido dele um índio lhe foi buscar ao mato o leite de um cipó tão eficaz, que logo a primeira untura lhe mitigou as dores, e curou a gota: de que incitado o missionário fez altas diligências, e lhe prometeo grandes prêmios para que o descubrisse, e mostrasse, mas debalde, porque nunca o índio o quis manifestar; mas não duvido, que por tempos se venha a saber, visto saber-se de certo por este, e outros casos que o há.

Tajás. Dos cipós passemos às ervas, e primeiro as que chamam tajás, o qual nome é genérico para todas, e quaesquer ervas de folhas grandes, que brotam da raiz, ou logo à flor da terra, e não da haste, ou mais ramos como as demais ervas. E da mesma sorte, que os cipós também há muita variedade de tajás, dos quaes apontarei alguns dos mais conhecidos. Seja o primeiro o tajá, a que chamam ubi: é a folha do ubi de dous palmos de comprimento *parum minus,** e de proporcionada largura, muito flexível ainda depoes de seca, e tão forte que se requer força para rasgar; e esta mesma fortaleza conserva, depoes de secca à chuva, e sol por alguns anos, e à sombra, e em lugares seccos é quase eterna. Por estas suas singularidades são grandes os seus préstimos, e muitos os seus usos: porque primeiro com elas tecem, e fazem os toldos, com que cobrem as suas canoas por maiores que sejam, entressachando-as no meio de redes, que tecem dos cipós supra, a que chamam na sua lingua os naturaes panacarica. Segundo usam delas em lugar de lenços por dentro dos cestos grandes, a que chamam cofos, ou paneiros, para conserva ou transporte das suas farinhas, e legumes. Terceiro com elas

---

* Lat.: *mais ou menos.*

cobrem muitos as suas casas em lugar de telhas pela conveniência de livrarem não só da chuva, e sol, mas também pela sua leviandade; e assim em muitos outros ministérios para os quaes se faz precioso o dito tajá.

Tajá fecundo. O segundo tajá ainda é mais admirável pela sua vertude; posto que não tenta tantos préstimos como o de cima, é digno das primeiras atenções para as donas. Podemos baptizá-lo com o nome de tajá fecundo por não saber o próprio, que na sua língua lhe dão os índios. Tem as folhas estreitas, mas compridas; e posto que mais corpulentas, que as do tajá supra, são quebradiças nascidas da sua raiz, ou cebola. A sua vertude segundo afirmam muitos por repetidas experiências é fecundar as mulheres ainda as que por largos anos se tem chorado estéreis; com outra maior admiração, e é, que há macho, e fêmea bem distinctos por se darem a conhecer em terem cada um expresso, e em vulto o seu distinctivo* na sua raiz ũa total semilhança dos membros generativos esculpidos pela natureza. Afirmam pois que conforme a espécie de tajá que cada ũa come na occasião das luas relado, ou como quem come uma fructa, assim o experimenta ao depoes no feto, másculo, se comeo da sua espécie, e fêmea, se comeo do outro. Já se vê, que sendo certa esta vertude como na verdade o afirmam muitos merecem estas ervas ser plantadas, e cultivadas nos mais deliciosos, e regalados jardins com inveja das mesmas rosas, melindres, e açucenas, e [com e]mulação dos jasmins, manjaricões, e valverdes, porque não há prenda, que mais se deseje nos palácios, do que a fecundidade, e sucessão.

O terceiro tajá é, o que chamam tajá de anta. Anta como já descrevi no seu lugar é uma espécie de burro do mato, a que os escriptores, e brancos chamam *la gran bestia*. Chama-se pois esta erva tajá de anta porque tem esculpido nas suas folhas da banda de baixo um mui vivo retrato do seu focinho. As suas folhas que também nascem rentes da terra são largas, e pé comprido algum tanto corpulentas, e muito tenras com a cor de verde escuro. O seu préstimo mais praticado é o avivarem o olfato dos cães caçadores deste animal, e a sua antipatia, e para isso lhas cozinham os caçadores. Tajá das contas. É este tajá de folha mais estreita, e miúda, nascida também da terra. A sua maior especialidade está em uma haste, que sobe pelo meio das folhas, como tronco, semilhante a que chamam bordão de São José: no fim se remata com um casulo com forma comprida, e mui parecido a um pequeno pepino, também com alguns pequenos bicos, o qual é o seu fructo. Tem dentro estes casulos sem mais algũa outra massa, ou ligadura, ũas sementilhas muito esféricas, e mui pretas, e duras quando maduras: e por isso óptimas, e mui aptas para contas de reza sem mais trabalho, que o furá-las, e enfiá-las. Mas receio, que não obstante este tão relevante préstimo seja este tajá o de menos estimação pela pouca devoção dos seus naturaes. Valham-me neste ponto os devotos do rosário, que aparecerão no fim das contas, e no dia da conta com as suas contas justas.

Malvaísco. É sobre todos os tajás o mais precioso o malvaísco, a que outros chamam caapeba, pelos grandes, e muitos préstimos medicinaes. Cada pé deste tajá faz uma tão grande roda especialmente se dá em boa terra, que parece muitos juntos; e não obstante saírem das raízes, e junto a terra as suas folhas por terem o pé comprido, e pela grandeza das mesmas folhas parece que se podia chamar arbusto. É muito viçoso este tajá; a sua cor é

---

* No texto: "na linda haste que sobe pelo meio das folhas", riscado e colocado à margem: *sua raiz*.

verde claro atirando para cinzento. As suas vertudes medicinaes são tantas, que os herbários americanos tecem deles grandes encômios, e de um missionário ouvi dizer, que fazia admiráveis curas nos seus neófitos, por saber usar desta admirável erva.

Pita também é da espécie dos tajás, e posto que seja comũa também a Europa pode chamar suas as terras do Amazonas pela variedade e multidão, que criam destes tajás, cuja descripção parece ser bem escusada por ser muito conhecida, de cujas vertudes fazem os autores grandes elogios: porque não obstante ser tão áspera a se tratar, as suas finas telas, e galantes lavores, que se fazem dos seus subtis fios, são mais suaves que as mesmas flores. A espécie, a que os índios chamam* é a de que mais usam, posto que rústica, e grossamente; tem as folhas mais estreitas que a pita ordinária, mas tanto, ou mais compridas: nem se cansam para lhe tirar os fios em as machucar com maços, nem por a cortir em ágoa com fazem na Europa as donas, que os aproveitam para fabricar as suas finíssimas, e ricas telas; mas quando querem torar-lhos, dependuram um cordão forte, e metendo-lhe a folha pelo meio, puxam pelas duas extremidades, e saindo a mais matéria inútil ficam os fios separados, e pendurados, de que ordinariamente só fazem cordões para as suas maquiras, e quando muito as mesmas maquiras, e poucas obras mais.

Figueira do inferno, não é a árvore do carrapato, de que acima falamos, chamada na Ásia impropriamente figueira do inferno, mas a ũa espécie a feitio de tajá nas folhas, mas [cresce] a árvore a que cae bem o nome de figueira do inferno, por dar figos tão parecidos, e de tão bom gosto, como as figueiras da Europa, e destes figos a chamam figueira: o epíteto de inferno se deriva do espinhoso dos seus bicos, e da aspereza do seu tronco, e folhas, por cujos deméritos é condemnada a nunca entrar nos hortos, cultivados, mas ter só lugar nas matas bravas, e nas terras mais estéreis. Cresce a árvore de alguns côvados em alto, mas só se compõe de folhas sem tronco, ou o seu tronco são as suas mesmas folhas. O feitio destas é mui parecido as bolsas, em que os regalados metem e conservam as pomposas caudas dos seus cavalos, estreitas, e compridas, mas mui encorpadas, ou grossas. O modo de crescer é sair ũa destas folhas da terra inclinando para ũa parte *v. g.* para Nascente, no fim dela, que é redondo, sae um fino pé de outra semilhante folha inclinando para outra parte; e assim saindo umas folhas das outras com esta tortura, cresce a altura de árvore mediana. Em algũas crescem duas hastes, ou duas ordens de folhas, mas ambas do mesmo feitio, e muito guarnecidas, e armadas de agudos espinhos. Mas se é certo, o que afirmou um religioso, de que vira um viado brigando com uma serpente, e de quando em quando já bem ensanguentado se apartava da bulha, e ia mastigar as folhas desta figueira brava, donde tornava como armado de novas forças a peleja, denota, que a dita planta, ou tem vertude de fortalecer, e vigorar os fracajolas, ou que é antídoto, e tem vertude contra a picada, e peçonha das cobras, como o mesmo religioso disse experimentara, dando o seu succo a um animal, a quem antes tinha dado veneno, e que nenhum damno sentira.

Tajá vermelho. É pouco conhecido este tajá, mas é digno de ser mais estimado pelo grande préstimo da sua tinta, vermelha. Descobrio-o acaso um missionário vendo umas pinturas de uns meninos, e vendo a fina, e bela

---

* Espaço no manuscrito.

tinta, inquirindo deles a matéria, lhe mostraram umas grandes folhas semilhantes as dos mais tajás, as quaes sem mais trabalho, do que aquentá-las ao ar do fogo, e logo espremê-las com a mão, deitaram ũa tinta vermelha muito fina, a qual sem mais algum ingrediente ficava óptima para qualquer debuxo. E já se vê, que misturando-lhe outros ingredientes fará outras diversas cores, como costumam fazer os pintores. Assim mesmo há muitos outros tajás de excelentes préstimos, como são o tajá das onças, ou orelha de onça, como outros lhe chamam, de excelentes vertudes medicinaes. Tajá [de viados], tajá de javalis, e de muitas outras caças do mato, que servem para avivar o faro dos cães de caça destas feras, ou de avivar-lhes a antipatia, como acima dissemos do tajá da anta; os quaes por si mesmos se dão a conhecer, por terem a figura da sua respectiva caça, ou no feitio da folha, ou em escultura. E posto que de muitos se não sabem outros préstimos, bem se podem presumir, dos muitos que em outros já se conhecem como na dita orelha de onça.

CAPÍTULO 6º

DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS

São tantas as plantas, e ervas medicinaes do Amazonas que se podem fazer multiplicados herbulários. E na verdade já correm muitos impressos, com são — *Erário mineral* — e — *Boticário do Amazonas* —, e é raro o cidadão, ou missionário que não tenha curiosos manuscriptos de ervas, e plantas particulares, por se irem cada dia descubrindo outras de novo. E de algumas determin[o eu] também fazer um *Tratado* a parte, que julgo não será menos aceito pelos benévolos leitores, que muitos outros, dos que andam impressos, posto que pelo decurso desta história já tenho tocado, e apontado algũas vertudes, por occasião de tratar das suas plantas. Aqui só apontarei algũas ervas mais notáveis, e já bem conhecidas, para que os leitores não se vejam precisados a leitura do dito *Tratado;* e de algumas outras, que se sabem por fama, mas ainda se não mostram com o dedo. Destas seja a primeira a erva do ferro.

Que há erva de abrandar o ferro, é fama constante: e já um escriptor da Bahia deu notícia dela, pelo que se observou em um índio, que esfregando-a, ou chegando com ela a um machado, o pôs tão brando que o amaçava com as mãos; e depoes de estar posto a seu jeito, chegando-lhe com outra erva de contrária qualidade, o pôs outra vez duro, e temperado. Na cidade do Maranhão se dizia, que ũa dona a tinha no seu quintal, mas sabendo, que uns curiosos a queriam ver, e conhecer a arrancou, e sumio: e de uma sua escrava souberam, que a tal erva tinha as folhas [azues.] Outros afirmam

que esta erva é a mesma, que aquela, que conhece por natural instinto a ave, a que chamam peto, a qual tapando-lhe o ninho (que costuma fazer em buracos de árvores com o seu próprio bico) com alguma chapa de ferro, vai buscar logo a dita erva, e chegando-a ao ferro o abranda, ou faz arrebentar. Sendo assim fácil é de conhecer, a quem quiser certificar-se espreitando o peto como dizem, que já alguns o fizeram, mas de certo ainda não se conhece.

Erva do azougue. Corre fama, que também há erva, ou planta cujas folhas tem eficácia de converterem o azougue em prata, e que se descubrira mui acaso esta sua vertude por um mineiro, que levava uns frascos de azougue para as minas, e destapando-se um no caminho lhe suprira a falta de rolha com as folhas de ũa erva, ou arbusto, que achou a mão mais accomodadas, e chegado ao termo do caminho achou o frasco cheio de prata, em lugar de azougue. Porém contrapondo as folhas com as das mais ervas, e arbustos, nunca pôde encontrar com a planta. Eu não disputo agora, se o caso é verdadeiro ou quimérico: Sei porém que é na verdade ingrediente, que tem vertude de converter o azougue em prata, por mais, que os críticos o censurem. E para confirmação disto contarei o caso, que sucedeo no tempo do Senhor Rei Dom João V de boa memória. Propôs ao dito Senhor por meio de um seu confidente certo homem, que sabia converter o azougue em prata, e que se fosse servido faria a prova, e revelaria o segredo a Sua Majestade, dignando-se o mesmo Senhor de o remunerar com um mero título de Conde, que rendas para o conservar tinha ele de casa. Mandou Sua Majestade fazer a prova presente o dito confidente, e o mesmo senhor com alguns seus áulicos disfarçado com ũa gelosia. Mandou pôr sobre um fogareiro um crisol com azougue a fogo lento, e depoes de algum espaço tirou de um papel, onde trazia uns pós brancos, uma pitada deles, como a que tomam os tabaquistas, tocando primeiro no pingo de ũa vela, que ali estava acesa; logo levando-a à boca, e tocando a língua disse, são doces, e levantando-se do assento, em que estava a deitou bem à vista sobre o azougue, e depoes de outro pequeno espaço disse, basta: e mandando-o tirar do fogo, disse que estava verdadeira prata, como na verdade estava, como examinaram os ourives; e dela se fundio ũa xícara, que vio, e teve na mão um religioso, além de muitos outros, o que me contou toda a experiência relatada, e presenciada pelo confidente. Não chegou porém a descobrir o segredo, por morrer de repente em pouco tempo, antes de alcançar o pretendido prêmio. Mas claramente se conheceo a verdade, e se divulgou por muita gente: quaes porém sejam os pós e qual a matéria? *restat inquirendum*.*

Afirmam de outra erva também ainda incógnita, que tem vertude de preservar os cadáveres da corrupção, e que se descobrira no Reino de Quito, que está sobre o Amazonas na parte do Norte, por occasião de se achar um cadáver sobre ela muito inteiro, e muito são, de que se soube, que já savia tempo que tinha morrido: e com a circunstância, de que na região do Amazonas pelos seus grandes calores apenas duram sem corrupção os cadáveres dez, ou doze horas.

Erva do Paraguai. Usam dela os castelhanos em lugar de chá por terem conhecido nela vertudes tão eficazes, que a sua vista nada vale o chá ordinário; e quem fez a experiência afirmava, que a sua eficácia era tão instantânea, que logo se sentia, depoes de bebido o seu chá, por mais repleto, ou indigesto, que antes tivesse o estômago. Que a haja no Amazonas, ninguém

---

* Lat.: resta por investigar.

dos que sabem a continuação daquelas matas, o duvida: porém ainda se não fez diligência pela descubrir, o que seria fácil mandando buscar ũa amostra [ao] Paraguai.

Jensen. É ũa erva de muita estimação no Império da China tanto, que se compra a peso de dinheiro, ou para melhor dizer um peso de jensen vale muitos pesos de prata. Tem grandes préstimos especialmente para fortalecer, e avivar os espíritos, para suprir as faltas de comer, sede, e somno, ou tomando o seu chá, ou mastigando a sua raiz. Os franceses a acharam na América, donde principiaram a comerciá-la para a China, de que fizeram no princípio grandes cabedaes, mas ao depoes deu baixa por dizerem os chinas, que tinha diversa qualidade da sua, sendo na semilhana a mesmíssima: de que se infere, que, ou os chinas lhe puseram esta nota para encarecer a sua, ou que esta erva tem duas espécies, não distinctas no feitio, mas na qualidade. Haver no Amazonas a tal erva jensen é mui verosímel não só pela razão, ou fundamento de a terem achado os franceses na sua,* e serem as matas as mesmas, mas principalmente pelo fundamento grande de haver muitas ervas pelas terras do Amazonas mui parecidas com o jensen. E um missionário de muita experiência no mesmo rio me afirmou, que a tinha visto da mesma sorte, que a descrevem os práticos,** que é ũa pequena haste, [e] sae da terra com o comprimento como dous palmos em algumas terras será mais, ou menos alta conforme a bondade do terreno sem folha alguma, e no fim lança ũa flor branca oblonga. Não me souberam dizer se tinha folhas no pé junto a terra, mas que se persuadiam, que não.

Fava de Santo Ignácio. A árvore das favas de Santo Ignácio é também muito provável que cresça nas matas do Amazonas, porquanto tem muita simpatia com as árvores do cacao, de que as suas matas estão cheias. Soube esta notícia de um que imediatamente se tinha informado de um missionário de Bisaias, donde nos vem as ditas favas. E como elas são um grande tesouro medicinal, e por isso dignas de muita estimação, para que se possam buscar no Amazonas ponho aqui aos curiosos a sua descripção. A sua árvore é grande, a sua fructa é mui semilhante no feitio aos cocos ordinários, dentro tem as favas em seus repartimentos da mesma sorte, que estão as pevides do cacao: de sorte que o feitio da fructa por fora é de cocos com a casca grossa, e dura; e por dentro o feitio é de cacao; e tem tal semilhança estas árvores com as do cacao, que quando estas carregam, carregam aquelas; e quando estas não dão, ou dão pouco, da mesma sorte dão pouco, ou nada, as árvores das favas, cuja simpatia é maior fundamento de as haver no Amazonas, onde o cacao é infinito. E na verdade um missionário de muita experiência, e natural da mesma América ouvindo os sinaes da tal árvore, e o feitio dos seus fructos, me afirmou, que na verdade as tinha visto naquelas matas com os ditos cocos, e dentro umas pevides do modo supra; mas que nunca lhe occorera poderia ser tal árvore, e taes favas para certificar-se com a experiência; suponho haver duas espécies da árvore de favas, porquanto um missionário de muita experiência nos rios de Sena me afirmou havê-las também em ũa ilha perto de Goa, porém que eram mais miúdas, do que as de Bisaias, e que a sua fruta, ou [coco], era como, ou pouco maior de ũa laranja, com feitio esférico, de que ainda tenho a pintura, que o mes-

---

* Espaço no manuscrito.

** Dèste ponto até o final do parágrafo, o manuscrito está riscado com traços verticais. À margem do códice, neste trecho, a nota: *Darei apenas a sua verdadeira descripção.*

mo, por ser também perito na arte, me debuxou: o mesmo ouvi a outros missionários práticos no mesmo país. Chama-lhe caranja.

Pao de águia. Sei que há no Amazonas o pao de águia porque muitas vezes o ouvi nomear aos seus naturaes, porém nunca o vi, nem achei nestes cárceres, quem mo explicasse. O que composto, fique aqui apontado, para os curiosos o descobrirem naquelas matas, e ver, se é o mesmo ao que os herbários chamam por outro nome *Lignum Paradisi*, o qual é tão estimado nos rios de toda a Ásia, especialmente na China, e Cochinchina, onde um peso se vende por muitos de prata muitas vezes, e outras quase a peso de ouro; que tão precioso é o pao de águia, ou *Lignum Paradisi!* É pois o tal pao de águia no Oriente ũa árvore muito cheirosa, especialmente no âmago, ou medula. Os seus ramos pouco a pouco se vão secando, e então todo o seu bálsamo, que é negro, a maneira de bálsamo peruano se vai recolhendo para o coração, ou medula da árvore, e por isso se faz preta; e é, a que chamam calamba, ou calambão tão precioso. Tem ũa raridade notável, e é, que muitas vezes se corta em bocadinhos todo um grande ramo, e quase todo sae inútil, pelo seu pouco cheiro, ao mesmo tempo que outro ramo se vê todo cheio de veias negras à semilhança de mármore; e estas veias são o seu bálsamo. Outra notabilidade. Quando os ramos estão abundantes de bálsamo está o âmago, ou medula sem ele: e quando os ramos secam, está a medula cheia; e por isso se faz preta, como se toda ela fosse bálsamo peruano. Alguns o falsificam com cera, mas os práticos o consecem deitando-o em água quente, onde a gordura da cera começa a suar, e aparece na água.

Padu é um cipó do Amazonas ainda pouco vulgar, e conhecido, mas na verdade digno de muita estimação, e pode correr parelhas com o famigerado jinsen da China: porque como me afirmaram os experimentados tem todos, ou quase todos os mesmos efeitos de refazer as forças, suprir as faltas de somno, matar a fome, e sede. Já em outros lugares o descrevi, porém o repito aqui por ter lugar entre as plantas mais notáveis. Descobrio-se no Governo de São José do Rio do Negro, donde alguns curiosos já o transplantaram para o Governo do Grão Pará, e depoes de bem provadas as suas vertudes será talvez o melhor chá, e a mais regalada bebida, sendo certos tantos bons efeitos, que dele se contam.

Erva de Santa Maria. Ainda que no "Tratado das ervas medicinaes" faço especial menção desta, e outras ervas pelos seus excelentes préstimos medicinaes, aqui quero fazer aos leitores ũa advertência, e é que esta erva chamada de Santa Maria no Maranhão, e outras partes é a mesma, a que os herbários chamam de erva moura da primeira espécie. Digo da primeira espécie: porque dizem haver três espécies de erva moura, mas a mais conhecida, e ordinaria é, a que dá por fructo uns cachinos pretos, cujos bagos são do tamanho da pimenta da Índia; e esta é, a que chamam outros erva de Santa Maria. Pelo contrário nas Minas geraes, e outras partes chamam erva de Santa Maria, a que no Maranhão e Amazonas chamam mastruz, que é ũa erva semilhante à erva vassourinha já hoje enobrecida com o nome de chá, pois quase semilhante é a erva mastruz no Amazonas, e Santa Maria nas Minas, muito ordinária, quase caseira; porque até nasce quase debaixo

das beiradas das casas, cujo préstimo principal é livrar de postemas, e soldar membros quebrados, em que obra prodígios. Da erva moura, ou Santa Maria também são admiráveis os efeitos, dos quaes apontarei no dito *Tratado* alguns, fora os muitos, que apontam os herbários.

Fedegoso, e pajé merioba. Também há semilhante equivocação nestas duas ervas, por terem diversos nomes em diversos lugares: porque a erva, a que no Amazonas chamam fedegoso chamam nas Minas crista de galo; e a que nas Minas chamam fedegoso, é, a que no Maranhão, e Amazonas chamam pajé merioba; e por esta diversidade dos nomes que andam pelos livros se cometem muitos erros; porque muitas vezes se aplicam nas occasiões ũas por outras com notável damno dos enfermos, os quaes se deviam acautelar nos herbulários, fazendo especial estudo em declarar os diversos nomes, que tem em diversas regiões as ervas, e plantas, de que tratam, para que não se cozinhe gato por lebre.

Matapasto. Cuido, que também esta erva tem diversos nomes em diversos lugares; porque este nome matapasto é como genérico a todas as ervas, que por muito viçosas, e fecundas matam o pasto dos gados; e por isso compete a muitas, e com muita especialidade à erva a que chamam flor de Caiana, de que logo direi. A erva porém chamada no Amazonas por antonomásia matapasto é ũa erva muito viçosa, e tão crescida, que pode esconder-se gente debaixo dela. E se dá em boa terra de tal sorte cresce, se propaga, e extende, que mata, logo todo o mais pasto, e erva; e se ela suprisse esta falta menos mal seria; porém não obstante ser tão viçosa, é tão respeitada [pelo] gado, que não a toca. E suponho, que a causa é pelo seo muito *[roto o original]* de sorte que basta tocar-lhe com as mãos para estas logo ficarem mal cheirosas, e por isso parece que mais quadrava a esta erva o nome de fedegosa, que tem outras sem ter tal propriedade. Tem contudo grandes, e excelentes préstimos medicinaes, especialmente para curar feridas, ainda renitentes, e perigosas: e dizem delas ser ũa das ervas mais frescas, e alguns dizem ser algũa especie de sene. Dá ũa flor amarela grande, e por fructo ũas bages com suas fructinhas dentro.

Flor de Caiana; chama-se assim ũa erva, cuja semente dizem viera de Caiana, Estado dos franceses na boca do Amazonas, por ũa galante flor, em que rematam as suas hastes, por modo de chapéo de sol; mas não tem mais que a vista, e nenhum cheiro. É erva tão fecunda, que plantado um pé em algum terreno logo se propaga de sorte, que em poucos tempos o faz todo seu, matando toda a mais erva, e porisso também se pode chamam ũa certa espécie de matapasto, por esterilizar o pasto como a de cima; e por isso os donos quando a vem nos seus sítios lhe dão bordoadas a matar; mas os que lhe mandam pôr as raizes ao sol fazem melhor; porque basta que lhe fique algũa raiz para logo brotar viçosa. O modo de se propagar é por meio de ũas mui miúdas sementilhas, que dá por fructo em um casulo envoltas em uma felpa alvíssima mais fina, que o mais fino algodão, o qual casumo abrindo-se quando maduro, basta qualquer aragem para voar a felpa com as sementilhas, e onde caem, ai pegam, e nascem. Não consta, que tenha algum préstimo medicinal, e só alguns dizem ser erva venenosa.

Basta de plantas; porque seria um nunca acabar, se as quisesse descrever todas, além de que de muitas outras damos notícia em outros lugares, ou por rezão dos fructos, ou por causa das suas vertudes medicinaes, as quaes acharão os leitores mais difusamente no "Tratado das ervas" aonde me remeto; por dar lugar ao 4º caderno desta "Terceira parte".

TRATADO QUARTO

DAS PALMEIRAS DA AMÉRICA

CAPÍTULO 1º

PALMEIRA DOS COCOS

Entre as árvores mais admiráveis dos dilatados matos do Rio Amazonas e ainda de toda a América são as palmeiras e por isso na república das árvores são as que merecem, e levam a todas a palma. São símbolo da vitória e por isso com as suas folhas se coroavam os vencedores antigamente nos seus triunfos, e nos jogos olímpicos os triunfantes: e na sua incompreensível, e eterna glória tão bem os santos mártires e virgens hão de aparecer com palmas nas mãos, como diz a Sagrada Escriptura — *Palmae in manibus eorum* — sinal da victória, que uns, e outros alcançaram na vida contra os inimigos — Mundo, Diabo, e Carne; bem que aquelas palmas serão mais preciosas que o mais fino ouro, e ornadas das mais resplandecentes gemas, como glorificadas pelo Nosso Deus autor de toda a glória. E isto indicam os pintores, e imaginários nos retratos dos mesmos santos pintando-lhes palmas nas mãos, não só para testemunho das suas victórias contra os tiranos, e vícios do mundo; mas também para com seo exemplo excitar a todos a imitá-los em pelejar valerosamente contra os vícios, capitaes inimigos de nossas almas, *sub pena* de ficarmos vencidos, e o diabo victorioso com a palma de nos vencer, e levar captivos para a sua companhia no inferno, porque *non coronabitur, nisi qui legitime certaverit*.*

---

* Lat.: porque só coroado será quem lealmente combater. (São Paulo)

Há muitas espécies de palmeiras mais do que as palmas das mãos, e mais do que os dedos das palmas. E como na América não lhes dão a estimação devida, muitas se não conhecem pelos seus nomes; pelo que descreverei aqui as mais conhecidas reservando para os coriosos a descripção, das que ainda são incógnitas. E principiaremos pela que entre todas tem o primeiro lugar, não só por mais exaltada, mas principalmente pelo seu fructo, e mais usos, que são tantos, que só ela ministra todo o necessário para a vida humana no comer, beber, vestir, e mais usos como conhecem, e de que bem se aproveitam os asiáticos [onde] só tem a devida estimação, e o seu melhor cultivo, tanto, que a maior herança, e a mais estimada riqueza, é terem um bom palmar; porque dele comem, bebem, vestem, e fazem grandes tesouros: de sorte que nas guerras que entre si tem, o maior damno, que podem fazer uns aos outros, é talarem-se os seus palmares. É *[roto o original]*.

Palmeira dos cocos, chamada do seu mesmo fructo coqueiro, cuja bela vista, bondade dos seus fructos, e mais grandes préstimos, a dão claramente a conhecer, e a tem metido entre as mais estimadas plantas hortenses, posto que nem toda a terra é boa para ela, porque nem em toda se dá bem. É vagarosa em nascer, e crescer, e muitas morrem na sua infância: bem como os homens, que nem todos chegam ao estado da sua consistência; antes são mais, os que morrem na infância como testemunham os poucos, que chegam a ser velhos, sendo tanto os que vemos na primeira mocidade. Por isso a todos é necessário o bom preparo para o dia da morte, e da conta, que pode ser mais breve, do que se cuida, *vigilate, quia nescitis diem, neque horam*.* Em chegando a sua consistência são de boa altura, porque sobem muito até 60, 70, e mais palmos. Cescem muito direitas estas palmeiras, com o tronco muito liso, e da grossura de um homem pela cintura pouco mais, ou menos. Tem ũas como malhas, ou pintas pelo tronco, sinaes nativos dos lugares dos ramos, que lhes tem caído: não é árvore de pernadas, galhos, [ou] ramos, como tem as mais árvores, condição de todas as palmeiras, e só em cima no olho, ou fim do seu tronco lança a sua ramada com linda roda, e donaire, que a faz não só alegre, mas muito copada, e sombria. Os seus ramos até terem quatro, ou cinco palmos de comprimento são muito fechados, e lindos de cor verde escuros; e também [so]bem muito direitos. Em sendo maiores de doze, ou quinze palmos, vão inclinando para as bandas a fazer roda, e a dar lugar aos novatos, que pelo meio da roda, e do [olho] vão saindo; porque os ramos não são mais que as tenras folhas, que o olho da palmeira vai deitando para ũas, e outras partes, e estas tenras folhas vão crescendo a ramos mas com tal proporção, que a copa, ou donaire é mais regulada para todas as partes em roda, como se todas fossem medidas pelo compasso da natureza. E pela mesma regularidade ao mesmo tempo, que o olho vai crescendo, e das tenras folhas vai fazendo novos ramos, vão os mais velhos dando lugar, e afastando-se para as bandas até totalmente caducarem; e então inclinando para a terra as suas pontas, depoes de mudarem a cor verde escura em amarela suboscura, finalmente vem a cair de velhos. E desta sorte crescem não só esta palmeira, senão todas as mais deitando sempre novos ramos do seu centro, e caindo outros, levando sempre bem regulado o seu donaire, ou roda, e muito limpo, direito, e liso até o fim o seu pao ou tronco, bem como uma bela columna, com belo folhado por remate.

---

* *Lat.:* Vigiai, que não sabeis o dia nem a hora. (Ev.)

Em chegando a sete anos já principia a mostrar a sua muita fecundidade, porque começa a deitar o seu primeiro cacho, e até morrer não cessa de fructificar. Mas antes que descrevamos o seu bom fructo, e mais préstimos, quero advertir aqui a grande* ....

3 Tomada, ou mastigada a areca por si só tem quase todos os mesmos efeitos e só não cria tanta ágoa na boca, porque excita menos a saliva por lhe faltar o picante da folha sem a qual, e com os mais ingredientes se chama este manjar bétele nome mui célebre na Índia deduzido da mesma folha, ou hera chamada bétele: Na China porém, Cochinchina e outras províncias lhe chamam areca do nome da fruta areca, que é a principal de toda a menestra. Dão-se bem as palmas arequeiras em terreno úmido onde as cultivam; e quando não seja úmido por natureza, se umedece com arte, ou trabalho regadio. Comem-se as arecas ou cruas, ou cozidas; mas as que se cozem antes da sua perfeita madureza são as melhores para o gosto, e lhes chamam arecas chiquinins; às cruas arecas rontas. Do seu tronco se fazem todas as obras, que das mais palmeiras; mas em especial pela sua dureza é óptimo para varas de lanças, bordões, varetas de espingandar, e cousas semelhantes, como muitas das que já descrevemos, mas sobre todas são as palmeiras juçara, e patiiba. Do cozimento das arecas *praesertim*** verdes com mistura de outros ingredientes se faz ũa tinta da cor de tabaco castelhano, que é de muita dura, e tem sua estimação. Cultivam-se, e propagam-se as arequeiras da mesma sorte, que já dissemos das palmas coqueiros, enterrando as arecas bem maduras, e sãs, e depois de um ano replantadas etc.

4 Trafolim, é outra casta de palmeira, diversifica-se da dos cocos 1º em ser muito mais grossas, e de madeira mais dura. 2º nos ramos, que não fazem a figura de penas, como nas [mais] palmeiras; mas são semelhantes a leques, ou rabos de purus abertos. 3º nos frutos, que são muito menores que o dos cocos, cujo meolo é muito tenro, e gostoso, e semelhante ao miolo dos cocos emquanto verdes: porém depois de maduros, somente se lhes pode aproveitar o suco, que tem entre a casca de fora, e o caroço dentro. A mocidade vai chupando a dita casca exterior com a piquena massa, que tem um gosto tirante a mel, mas muito enjoativo: tirado esse por expressão, e fervido té tomar o ponto de ariobe lá se parece com ele, mas sempre amarelo, e nauseante, e fraco doce. Nascem os fructos à maneira dos cocos; porém mais esféricos, e menores a metade; e quando maduros, mudam a cor verde em roxa escura, ou quase preta. Cada coco tem dentro ordinariamente dous: alguns tem três; e muito poucos quatro coquinhos do tamanho de um grande ovo de puru.

5 Estes coquinhos estão inclusos no grande como castanhas no ouriço, e por isso são algum tanto chatos pela parte, em que quase tocam uns nos outros. Depoes de maduros ficam tão duros, que de nenhũa sorte se podem comer, ou roer; porém não os deitam fora, mas os enterram, e deixam nascer para lhes aproveitarem, e comerem os palmitos, que são muito tenros, gostosos, quando os não queiram replantar para fazerem novos palmares. Porém o mais comum é comerem-nos enquanto verdes; ainda que a mais lucrosa, e melhor serventia, que tem as palmeiras trafolins, como quase todas, é andar à seiva porque dão muita, e dela se faz tudo, o que dá mais seiva, que

* No códice, da pág. 122 passa para a 147.

** *Lat.*: principalmente.

dissemos dos coqueiros. Segundo esta descripção, que [dela fez] um missionário da Índia mui corioso, parece ser esta palmeira, a que na América chamam moroti; mas como descorda no feitio dos cocos, e casca dos coquinhos, ou bagos, que o moroti tem do feitio da pinha, perece não ser a verdadeira palma moroti, mas alguma sua espécie, ou a palmeira carnaubeira, de cujo fruto não tenho espécies. Mas como há tanta diversidade no Amazonas, e algũas mui pouco diversas das outras, não duvido que *[roto o original]* não seja algũa destas duas, que haja também, lá está, e todas as mais da Ásia.

6 Mualá seria a gigante das palmeiras se sobisse à proporção da sua grossura, e ainda de todas as árvores da Índia; mas não cresce mais de seis palmos o seu tronco, e nesta altura tem bons cinco palmos de diâmetro, que fazem quinze em roda. Suprem porém os ramos o curto da mãe; porque crescem ao comprimento de 40, ou mais palmos: em tudo é semelhante as mais palmas excepto no curto, e grossura do tronco, e no comprimento dos ramos; e nos frutos, que são ũas piquenas pinhas, que quando maduras tem a cor da canela; porém tão duras que excepto ũa piquena coberta entre o casco exterior, e o caroço que é ũa polpa adocicada, e branda, podem servir de caixas de tabaco, *et similia** fazem pela parte do pé sua tampa. O tronco principal tem pouca serventia por ser brando, estopento, e fibroso, porém a cana, ou pão que fazem o meio dos seus ramos, posto que também por dentro seja mui frágil, tem ũa casca ou côdea tão forte, que os fazem suficientes a sustentarem qualquer peso, e como também é muito leve e liso, é óptima para cangas dos mariolas de Lisboa, e deles se fazem óptimas escadas para serventia dos templos pela mesma rezão de serem compridos, fortes, e leves.

7 Do âmago dos ditos ramos despidos da casca se extraem ũas fibras, de que são compostos, como compridas palinhas, ou linhas bastante mais finas, lisas, e uniformes, do comprimento do ramo, de que se tecem panos de bastante dura. Nasce esta palma muali em lugares alagadiços, e algũas vezes no ano lhe chega bastante água salgada nas águas vivas, e muitas mais vezes salobra, mas não as mata; porque se lhes fizesse mal, as matar'a mais depressa em quanto piquenas, tem porém vida mui breve porque lhes decotam os ramos para os usos s[upra] principalmente porque a sangram chegando-lhe tanto ao vivo que a não deixam resfolgar, e *[roto o original]* matam, mas enquanto não morre, dão muita seiva. (O fructo por modo de pinhas, e as fibras, ou linhas dos ramos concordam mais, que a de cima trafolim com os [ramos,] *[roto o original]* do moroti do Amazonas; mas a discripção da mais planta totalmente discorda.

8 Mucho é outra palmeira mediana em tudo semilhante a palma tamareira, menos nos frutos, que são maiores; que as tâmeras, do tamanho de peras pardas, e do feitio das flamengas; tem dentro seu coquinho tenro enquanto verde, e se pode comer como *[roto o manuscrito]* grandes, mas depois de maduro é duríssimo, e incom*[est]*ível: está cuberto de ũa massa doce da cor, e saibo de alfarroba, que se pode roer facilmente, mas sempre é fruta de *[ilegível]* ralada, e misturada com farinha de milho faz ũa broa suficiente. Não obstante o não se comer o branco interior por ser duríssimo quando maduro; roçado contudo em algũa pedra que gaste como lima, deita um polme, que é remédio singular para câmeras de sangue; e pode tomar-se *ad libitum*** sem perigo de errar no excesso da dose. A este fruto chamam

---

* *Lat.*: e coisas semelhantes.

** *Lat.*: à vontade.

majorna. O Doutor Curvo faz especial memória desta fruta, e lhe dá outras virtudes. A seiva que se tira desta palmeira não é tão saborosa, para beber como a das mais palmeiras; mas para destilar é muito melhor porque dá muito espírito, e forte.

9 Palmito é ũa espécie de palma, que pela sua piquenhez lhe chamam palmeirinha de palmitos; não excede a meio palmo a sua maior grossura, e não passa de *[roto o manuscrito]* palmos a sua maior altura, de sorte, que sem lhe fazer injúria bem se pode chamar esta *[roto o manuscrito]* o pigmeo, ou anão das palmeiras; não dá fruto, e por isso só dela, e da palmeira bra-[va] não tira seiva, contudo se cultiva na Índia entre as árvores hortenses unicamente para ornato das hortas, como servem na Europa os manjaricões, e valverdes; e as suas palmas, ou palmitos, que terão té três palmos de compridos, e de um galante verde escuríssimo bem Domingo de Ramos ou Domingo das Palmas: é tão vagarosa no crescer, que já houve corioso que observou, que no longo espaço de 38 anos, que vivera na Índia não ti[vera] ũa destas palmeirinhas, ou palmilhas de crescença mais, que palmo, e meio; cujos vagares com a circunstância de não dar fruto são merecimentos suficientes de totalmente a desterrar das hortas, e quintaes, e de entre as mais palmas, e plantas hortenses.

10 Palmeira brava: é tão grossa, e grande como a trafolim; mas dessemelhante nos ramos, e frutos, porque estes são esféricos como bugalhos, tem mui pouca polpa, e desgostosa para os homens; e só a comem os pássaros quando verde; e quando maduro uns cães do mato semelhantes às nossas raposas, chamados adibes. Cada cacho é composto de muitos ramaes, ou réstias do comprimento de ũa braça; e parecem muitas réstias juntas de piquenas cebolas. Os caroços tem o feitio de castanhas piquenas pardas escuras, de que se não sabe préstimo algum. Só desta palma, e do palmito supra se não tira seiva: a madeira do tronco tem a mesma serventia, que a dos cocos, antes mais, por ser mais dura, e forte, e não lhe entra bicho, nem do mesmo caria, a que na América chamam copim, ou casabarro. Semelhante madeira tem também a palmeira trafolim. Os ramos, e folhas servem para cobrir, as canas, e ramadas das festas; para fazer chapéios do sol, ou sombreiros, a que chamam *[roto o original]* Segundo os signaes parece a que no Amazonas chamam babaçu com pouca diferença.

11 Ambalacata, ou como vulgarmente chamam malacata é outra palmeira que cresce em Ambalacata, e terras vizinhas no Estado da Índia; mas o seu nome próprio é palmeira sagu. É esta mui semelhante a palmeira brava, porém mais delgada, e menor, e vive poucos anos só té dar o seu fruto, que é no seu sétimo té décimo ano: é este fruto em grande abundância, mas é uma só vez, como as plantas pacoveiras, e depois morre. São os seus bagos do tamanho de sorvas, cobertos de ũa pele fácil de quebrar. O caroço porém que é duríssimo quando maduro, e branco, e quase todo maciço, é incomestível; mas por rezão de sua mesma dureza são óptimos para tornear em contas, que do nome do seu ter[rre]no se chamam contas de Malacata, que todas as cores, tomam com facilidade. [E quando] estas se fazem dos car[oços] verdes são mais fáceis de tornear; porém ficam mais sojeitas à corrupção, e a dar-lhe o bicho, que as roe, e come; e daqui vem todo o dano, e avaria, que vemos em muitas contas de Malacata, por serem colhidas, e torneadas verdes; mas não quando maduras; posto que sejam então mais custosas de laivar.

12 Serram-se em quatro partes cada coquinho, e de cada parte se tornea uma conta, a qual, sendo branca pode tomar com facilidade todas as cores. Para a cor preta basta a mesma tinta de escrever; mas dá-se-lhe ũa fervura para melhor as penetrar, e na mesma água se deixam ficar té esta arrefecer, e depois de bem secas ao sol, se sacodem, e vasculham bem metidas em sacos, onde ũas com outras se burnem, e fazem luzidias, como se vem, nos que as usam. A cor vermelha se lhe dá com pao de cambeche, ou melhor com alquermes, ou cochinila; [juntando] sempre ao cozimento alguma parte de pedra ume, ou sumo de limão, ou vinagre branco. As verdes com verdete, e limão. As azuis com anil índigo e pedra ume; *[roto o original]* proporção todas as mais cores. Como só uma vez dá fruto; assim que lho tiram, a cortam logo, e de todo o seu âmago fazem na Índia uma bela farinha, que chamam do seu mesmo nome sagu de muita estimação: e para a conservarem por muito tempo, a cozem no forno em tijolos, ou feita em bolos, e o mais ordinário é feita em granitos, como cuscuz, e dura assim por muitos anos. Os caldos desta farinha são excelentes para tosse, defluxos, fraqueza de estômago etc. feitos com açucar, e uma gema de ovo. Não é mao. Esta palmeira se propaga por si mesma, e nasce com facilidade; quem porém quer melhorá-las, as tira em pequeninas, e as planta em boa terra; e para as conservar, basta ir cortando a que tem fructificado, e dos filhos, que das suas raizes arrebentam [e] sobem deixar o mais potente, e cortar os outros; porque assim cresce mais depressa, e fructifica mais cedo.

13 Estas são as palmeiras da Índia, e este é o seu cultivo, em que muito se esmeram os asiáticos, pelos muitos préstimos, que lhes acham, e utilidades, que delas tiram, e por isso cuidam muito em formar grandes palmares, de sorte, que há províncias, e principalmente a Ilha de Goa, em que se não vem senão palmares tão extensos, como cá na Europa os olivaes; não tanto pelos frutos quanto pelos mais haveres, que delas tiram todos os dias de mel, açúcar, azeite, vinagre, *[roto o original]* águas ardentes e os mais, que vimos no "Primeiro Capítulo" deste *Tratado* Muitas mais destas há no Amazonas; mas todas creadas à lei da natureza excepto as palmeiras coqueiros, e pupunheiras, que são as únicas, que lá cultivam, mais por galantaria, do que pelos frutos; e quem tem nas suas hortas meia duzia, já cuida que tem de sobejo; e por isso lhes não põe mais cultura, do que semeá-las, e sem mais algum outro benefício, do que ao depois colher os frutos; e contudo há pelos matos imensidade; e em algũas paragens há palmares extensos por légoas inteiras de sua natureza, e de que ninguém se aproveita: e só os índios algũa carestia fazem *[roto o original]* farinhas mais mimosas de algũas. Basta pois já de palmeiras, e por remate só direi ainda da palmeira.*

14 Tocumã, a qual é a única, que não cresce lisa como as mais, porque *[roto o manuscrito]* os seus ramos está cheia dos pés dos ramos antigos, que por velhos vão caindo, e deixando os pés pelo tronco acima, que servem de degraos para subir, e juntamente de segurança para se irem pegando com as mãos, os que a ela sobem, com muita facilidade porque, só fica de velha a casca, e o âmago apodrece; tem mais outra galantaria, e é, que dos buracos, [e nas] concavidades destes pés nascem outras plantas mui florentes, e algũas crescem a árvores tanto, ou quase tão altas como a mesma palmeira, que do seu mesmo suco se sustentam, crescem, e se fazem mui florentes; e daqui vem, que as taes palmeiras *[roto o original]* e crescem pouco, e são

---

* Termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

medianas, porque lhes [comem], e tiram a substância as ditas plantas, que lhe nascem pelo tronco acima; contudo engrossam mais, que as palmeiras dos cocos, e do que muitas outras, mas não sobem tanto. O seu fruto são uns piqueninos coquinhos, de que muito gostam os porcos, ainda mansos, e muitos se amontam por rezão destas frutas, que vão buscando pelos matos; porque o gado, e todos os animaes domésticos não tem naquelas terras pastores, que os guardem, e por isso vivem, e anda[m] por onde querem.

15 Muitas das mais palmeiras, especialmente as carnaubeiras, e morotizeiros, também tem ordinariamente pegada algũa outra planta, que se nasce, e cria, e cresce com o suco das ditas palmeiras; mas é só em cima no olho, ou no pé do olho por entre os ramos; mas são ordinariamente só ervas cujas sementes levam lá os passarinhos; e não obstante comerem-lhe estas muita sustância, nem por isso deixam de medrar [e] crescer a muita grossura, e sobir a altura de 50, 60, e mais palmos: e muitas destas [se vê nas] bordas dos rios, já descabeçadas por lhes cairem as copas ou por velhas, ou mais ordinariamente com os ventos; então indo perdendo o âmago de dentro, ficam aqueles madeiros ocos por dentro até baixo, e muitas estão cheias da água das chuvas; té que finalmente de velhas, e de carcomidas caem; e andam boiando sobre as águas para onde as levam as marés, [e] costumam servir de pontes nos charcos, e alagadiços.

TRATADO QUINTO*

DO PRINCIPAL TESOURO DO RIO AMAZONAS

CAPÍTULO 1º

DA MULTIDÃO, VARIEDADE, E PRECIOSIDADE DOS SEUS HAVERES

1º Além das grandes riquezas, e mui ricos mineraes de ouro, prata, diamantes, e mais pedras preciosas, e variedade de metaes, de que o grande Amazonas se abona pelo mais rico rio do mundo *[roto o original]* de que já demos algũa notícia no *Primeiro Tratado* desta "Terceira Parte"; abunda

* No manuscrito Tratado 3º 5º.

tanto em gêneros, e especiarias não só estimáveis; mas em todo o mundo preciosos, que bastariam ao canonizar pelo mais rico rio, dos que aponta por grandes a Geografia, e ricos as Histórias; já houve, quem, além dos menos principaes, lhe contou trinta, e tantos gêneros preciosos, e comerciáveis a todo o mundo, como são âmbar, açúcar, anil, bálsamos, cacaos, café, e muitos outros; e como estas são as principaes riquezas do seu grande tesouro não só por estáveis; mas comũas a todos os seus habitantes; delas daremos agora algũa notícia neste *Tratado* para que os leitores vejam, que são realidades da verdade: e não hipérboles de historiador: e para que procedamos com distinção, e clareza seguiremos ao ordem do alfabeto em quanto *[roto o manuscrito]* os gêneros; e só variaremos nas espécies por irem de baixo dos seus gêneros *[roto o manuscrito]* anil, que devendo pela ordem do alfabeto inclusive na letra *A;* como *[roto o manuscrito]* [in]cluída debaixo do seu gênero tinta, e assim das mais; o que posto, seja o primeiro o*

2º Âmbar, cuja preciosidade sabem todos, os que já lhe gostaram o seu [ilegível]. Âmbar é ũa resina, ou massa enresinada vomitada das ondas nas praias, e ainda hoje se disputa que cousa seja? Se resina de algum arbusto, ou planta dos que debaixo das águas cria o mar, se algũa escória das águas, se algũa congelação das escumas, se baba, ou vômito de algum animal marinho, ou se é, como tem a maior parte dos autores escremento da balea? Seja porém, o que quiserem; o certo é que é uma matéria, que se acha nas praias arientas em bocados espalmados, e por modo de resina da árvore caju tão parecida, que muitos, que a não conhecem, encontrando-a pelas praias em pedaços chatos a desprezam, e deitam fora cuidando ser resina de caju, como a mim mesmo me socedeo encontrando algũa vez um grande pedaço: porque não tem cheiro algum, enquanto bruto o âmbar: antes parece cousa desprezível cheia de pó, e às vezes de palhas, que se lhe pega das praias; e daqui vem o desprezo que tem pelos viandantes das praias, porque o não conhecem. Os que porém já o conhecem assim que o vem o levantam, e estimam, como já fazem alguns índios, quando andam pelas praias, não a prepósito de o buscar; mas quando por seus negócios, ou divertimento caminham pelas margens do mar. É certo, que, ou o não há, ou se não acha pelo interior acima do Amazonas; mas nas praias da sua grande boca, e por todas as praias, onde chegam as águas salgadas é tanto que um só índio ũa vez ofereceo, e presenteou ao Capitão Geral do Estado do Pará ũa bola de âmbar, em que alguns que a viram, e sabiam a sua estimação, a avaliaram por doze mil cruzados, ainda [bruto] quantos mais valeria depois de purificado. Daqui se pode inferir a sua abundância.

3º Açúcar. Merece o segundo lugar o gênero do açúcar, que por ser tão doce em toda a parte tem boa entrada, e grande estimação; e é um dos bons gêneros, que tem o Amazonas; porém como já é tão conhecido no mundo, parece escusado mais individuaes notícias, e só direi que, podendo ser um dos mais preciosos gêneros daquele Estado, e com que podiam enriquecer todos os seus moradores, é tão grande a sua discoriosidade, que apenas no circuito, e vizinhanças do Pará há alguns poucos engenhos dele; e esses poucos mais o são no nome, que na realidade porque o seu maior tráfego, no pouco tempo, que moem, é mais para águas ardentes, do que para açúcar; e em todo o mais espaço do Amazonas té as suas cabeceiras, que são para cima de 800 légoas, ou não há nenhum, ou há raríssimo; e só nas suas cabe-

* Assim termina o parágrafo, continuando no seguinte.

ceiras se aproveitam os castelhanos da fertilidade das suas terras, e tem muita abundância de açúcar.

4 A causa principal de tão pouca diligência em se aproveitarem os portugueses deste gênero, é a precisão, que tem os seus engenhos de muitos servidores e escravaturas, que nem todos podem ter; mas para que todos se possam utilizar deste bom gênero direi o que se faz em outros reinos especialmente na China; onde há tanta abundância de açúcar, que o preço da libra não passa de* a razão é; porque todos lavram, e fazem açúcar embora, que não tenham escravos, nem mais serventes, do que a precisa família *[roto o original]* para isso de duas traves, em lugar de três que usam no Brasil, e tão manuaes, que só as mãos moem as canas, e em todos fazem o açúcar; e como todos fazem não só tem para os gastos das suas casas, mas também para vender. Muito mais o podiam fazer os habitantes do Amazonas; porque todos tem para lavrar, e cultivar quantas terras querem; a fertilidade é a que já dissemos, a lenha de graça, e a madeira a portas. (Vide nas cartas editadas açúcar no Canadá.)

5 A matéria de que se faz o açúcar é cana mui semelhante às [canas] da Europa; mas não são canas ocas, e sem substância; são canas sólidas, e cheias *[roto o manuscrito]* estupento mui tenro, e muito úmido; cuja aguadilha é tão doce, que [a cor parece com sumo de limão] fica perfeita limonada: por esta rezão tem muito gasto nos naturaes que alimpando-lhes a casca de fora, chupam o âmago com lucroso divertimento, e regalo, e deste sumo, ou aguadilha tirada por expressão nos engenhos, e fervida em caldeiras, ou grandes tachos se faz o açúcar; e mel; e também água ardente, mas então não se ferve antes; mas se deixa azedar, e depois vai aos lambiques. Tudo isto tem sua mestria digna de divertimento aos leitores; mas por causa de brevidade guardo para outra occasião a sua factura.

6 Só quero aqui advertir a diferença que tem no cultivo, e plantamento dos seus canaviaes os habitantes do Amazonas, e os habitantes do mais Brasil; e é que os habitantes do Brasil tem canaviaes estáveis, e se podem chamam perpétuos, porque duram 30, 40, ou mais anos, e talvez toda a vida de seus donos só com o primeiro plantamento; e os moradores do Pará e Amazonas apenas lhe duram os mesmos té 5, ou 7 anos: e esta é a disculpa que dão, aos que lhes censuram a pouquidade que fazem de açúcar, dizendo, que custando tanto a fazer um plantamento de cana lhes dura tão poucos, e no Brasil duram os mesmos a vida dos donos, e por isso lá podem ter essa abundância porque não tem necessidade de occuparem os operários dos engenhos em novos plantamentos: e se perguntarem: porque duram lá tanto, e cá tão pouco os canaviaes? respondem: que lá as terras são mais próprias para a cana, do que as do Amazonas etc. Mas o erro todo está no modo, e na paragem, em que se fazem os plantamentos; porque lá os fazem em terra firme, e no Amazonas a borda dos rios em alagadiços; e por outras rezões, que na "Quarta" ou "Quinta Parte" apontaremos; e mostraremos, que as terras do Amazonas são tão aptas, que também nelas [podem] os canaviaes ser perpétuos, como a experiência o tem mostrado nas mesmas vizinhanças do Pará; e na *[roto o manuscrito]* Parte" insinuaremos muitos, e diversos engenhos de açúcar com tanto aviamento mas dos ordenários, que cada morador poderá carregar navios; po[rém] passo a [apontar] os mais gêneros.

---

* Espaço no manuscrito.

Falta aqui a indústria de fazer o açúcar sem mais outra lenha, que o mesmo bagaço. *[roto o manuscrito]* o primeiro que se faz do seu sumo em bruto.

7 Água ardente é tanta no Amazonas, como são na Europa os vinhos: porque ainda sem falar nas águas ardentes de [frutos] mais especiaes e de tanta diversidade, como são diversas as frutas; senão nas mais ordinárias, são [outras] tantas, que nos engenhos se vende a canada a 600 réis, ou 400 e o quartilho a 100, ou 120 réis mas são quartilhos, e canadas pela medida velha, ou de boas medidas, e as enchem aos compradores, porque cada canada deita quatro frascos cheios, dos que por grandes se achamam apóstolos, e cada frasco é um quartilho: a qual além de servir de vinho usual, são tantos os seus préstimos medicinaes, que bem merece ser contada por um dos principaes gêneros comerciáveis do Amazonas, donde se embarca para a Europa (falo da mais ordinária feita de cana). É tão especial para os usos da Medicina; que nos remédios, em que deve entrar água ardente, como são as curas externas de feridas etc. em que pode ser, deve preferir[-se água] ardente de cana a todas as outras. Para curar ardores, e inflamações dos olhos é tão especial, que quem a tem, não tem necessidade de mais remédios, e para esta medicina tem na Ásia ũa grande estimação, quando lá a podem haver do Brasil.

8 Três são as mais ordinárias castas de água ardente que usam no Amazonas; primeira e mais comũa e principal é, a que se faz do sumo da cana de açúcar; e dela é a maior fábrica dos engenhos de açúcar; mas além dessas, há outros, que se não occupam em outra cousa mais que água ardente, aos quaes, para distinção dos mais chamam engenhocas. Donde se faz diversidade de águas ardentes mais, ou menos subidas; mas principalmente duas; uma a que chamam *[roto o manuscrito]*; outra mais esperitosa lhe chamam de cabeça; não porque só ela suba a cabeça porque neste sentir toda ela ainda a comũa, ou como outros lhe chamam cachaça também é de cabeça; porque toda ela sobe a cabeça, e embebeda tanto, ou mais que o vinho, e águas ardentes da Europa; [chama-se] pois de cabeça por ser a primeira destilação muito mais espirituosa.

9 É tão feiticeira esta água ardente, que se alguém se costumou a ela, ainda que ao princípio mui regolada, e só por medicina pelas manhãas, como muitos fazem por ser muito medicinal bebida em sua conta, pouco a pouco se vai alargando té dar em demasia; e custa [muito] depois a largar. Os índios são tão perdidos por ela, que dão, quando não podem menos, por [cada] frasco a valia de um barril não há droga de mais estimação para eles, do que é o contrato da água ardente; daqui vem o grande negócio, que com eles fazem os brancos com esta bebida, porque com ela tem deles quanto querem; e se os brancos põe de parte as consciências, com ũa frasqueira enchem um barco de outras drogas. Um dos principaes desvelos dos missionários é obviar nas suas missões semilhantes contractos por fazenda de contrabando; porque com as águas ardentes em que os índios não tem paciência de serem regulados, se embebedam, armam bulhas, jogam as facadas, e se matam uns a outros; cujas desgraças sempre socedem algũas vezes, porque os brancos, que só atendem a encher os seus potinhos, lha passam occultamente.

10 A segunda espécie de água ardente das três mais usadas é a que chamam de beiju, ou de farinha, a qual é tão espiritosa, forte, e quente, que mais se podia chamar cáustico, que água ardente, do modo como a fazem, e as mais diremos na "Quinta Parte". Não há desta tanta abundância como da de cana, porque só a fazem alguns moradores para gasto das suas famílias, por ser muito sadia bebida com regra. A terceira é a água ardente de caju, que também é tão excelente como a da Europa; e podendo haver dela muita abundância, pela abundância, que há desta fruta poucos se aplicam a sua factura; porque acham mais fácil, e mais barata a do sumo da cana supra, e com ela tem *[roto o original]* contracto para com os índios, posto que tem um tal qual cheiro, ou far[tum] pouco agradável, [porém os] que dela são fregueses não atendem a ele, mas só ao gosto, que nela acham.

11 Algodão. Demos o quarto lugar ao algodão, que é *[roto o original]* ouro dos ricos, e o remédio dos pobres, a todos [cobre] o bom algodão como na Europa a todos co[bre] o linho; e se no Amazonas soubessem beneficiar, e fiar como costumam na Índia, e toda a Ásia seria um dos mais avultados, preciosos, e comerciáveis gêneros daquele Estado; mais do que o é na Ásia por rezão de ser mais perto da Europa a América, do que a Ásia: porque na Ásia o fiam fino, e tão fino, que é admiração a todo o mundo; não assim no Amazonas onde o fiam muito grosseiramente; mas ainda assim com o fiarem grosso é o algodão um dos mais preciosos haveres do Amazonas; com tanta produção e barateza, que os brancos o comerceam entre si a 600 réis a arroba, ou pouco mais ou menos quando é em rama; chama-se em rama, quando não é descaroçado, e limpo da sua semente; quando já é descaroçado, e já não resta mais, que fiar-se corre a* isto é entre os bran[cos]; que entre os índios qualquer branco com ũa frasqueira de água ardente, ou com [uns poucos] de bolórios pode encher um barco; porque os índios, posto que o plantam, apenas lhe co[lhem] algũas mãos cheias para fazerem as suas macas, ou camas ligeiras, e algũa linha de pescar; o mais todo se perde pelo chão, sem fazerem mais caso dele.

12 E tem o algodão da América, e a sua planta tanta ventaja sobre o algodão da Índia e da China, e da maior parte, ou de toda a Ásia, como tem quase o dia à noute assim o confessou um religioso china, que também para aqui veio preso, e o con[fir]maram outros missionários europeus, que lá trabalhavam na vinha do Senhor e o viram com seus olhos, dizendo que as plantas do algodão depois de um ano da sua nascença apenas tem a altura de dous palmos, ou quando muito de três; e que todos os anos se renovam os seus plantamentos como se costuma nas searas; e ficam admirados, quando ouvem dizer, que as plantas do algodão no Amazonas só com um ano do seu plantamento sobem tão alto, que apenas as [podem igua]lar um homem a cavalo; e quando menos pela terra não ser tão fértil, ainda sobrepuja a três, ou mais palmos; e se as deixam crescer, e lhes conservam limpo o terreno de outras árvores, e arbustos crescem a perfeitas árvores como as pereiras da Europa, como eu vi, e duram quase a vida de um homem; ũas que vi me certificaram, que já passavam de *[roto o original]* ou 20 anos; e com a circunstância, que seu dono todos os dias do ano fazia sua tal qual colheita de algodão um dia neste ramo, outro dia naquele etc. além de terem temporadas, em que carregam mais; em que se vê bem a grande ventaja, que leva esta ao da Ásia.

---

* Espaço no manuscrito.

13 Sobre a qualidade; também me informou um dos ditos missionários que também o da China é inferior porquanto tem os seus fios mais curtos, que o nosso: e fora esta melhoria lá só tem ũa té duas castas de algodão; que são o alvo ordinário, e outro mais pardacento, que nunca por mais que o beneficiem se faz mais branco; e na região do Amazonas há quatro, ou cinco espécies de algodão com diferença ainda das árvores, e capuchos (chamam capuchos aos manojos do algodão). A primeira espécie é o algodão ordinário cujos capuchos triangulares, quando fechados são pouco mais ou menos do tamanho de ũa noz. A segunda espécie é maior, e cada capucho tem uns poucos do ordinário, porque é como um punho; e sendo tão avultado, e avantajado ao ordinário, ainda té a minha vinda no ano de 57 era pouco conhecido, [e] descuberta a sua planta no Rio Negro, donde alguns coriosos trouxeram alguns capuchos, [que ser]viam de admiração aos que os viam, e suponho que já hoje será cultivado pelos habitantes daquele Estado, e terá muita mais estimação, que o ordinário; se não tiver algum inconveniente que eu não sei. A terceira espécie lhe chamam algodoim; é mais miúda que o algodão ordinário por isso é desprezado como algodão bravo, antes aborrecido, porque nasce de natureza com tanta fecundidade pelos campos, que mata os pastos do gado; e quem lhe não acode ao princípio arrancando-o, e queimando-o depois de alguns anos veja perdido sem remédio grande parte das suas campinas com grande detrimento dos gados vaccuns.

14 Todas estas três espécies de algodão são alvas como neve; e por isso mui aptas para toda a sorte, e casta de telas, e para receberem todas as tintas. A quarta espécie, de que também no Amazonas se faz mui pouco caso com bem enveja dos asiáticos, como confessou um; dizendo, que se lá o houvesse seriam as suas telas, e chitas de muito maior estimação etc. é o algodão vermelho; chamam-lhe vermelho, mas não é muito retinto, porque tem ũa cor semelhante a do tabaco castelhano. A quinta espécie também é vermelha, mas mui retinta, com um vermelho muito vivo; mas não sei se tem planta diversa das outras; porque algum, que se acha, é misturado com o branco, e na mesma planta; porque sendo o mais branco, se acha na mesma planta (mas em poucas) algum capucho vermelho: e por isso não sei, se fazendo-se seara própria, das suas sementes, sairia o algodão todo vermelho? Que a sair todo retinto posto que no Amazonas o não estimam, transportado para onde o beneficiam melhor, seria mui precioso; e o poderá vir a ser no mesmo Amazonas quando mais povoado.

15 A planta em todas as espécies é quase semelhante excepto a do alguduim, ou algodão bravo, que é planta mui rasteira, e folha mais miúda; mas suponho, que é por não ter cultivo. As siaras do algodão se fazem como as mais daquele Estado, que é fazer com algum pao, ou zarguncho um [buraco] na terra, quanto baste a cobrir a semente, que lhe deitam dentro; [ainda] que é tal a fertilidade da terra, que onde cae a semente, como é às mesmas portas das casas, onde as fiandeiras o descaroçam, logo pega, arrebenta, e nasce, e cresceria se o não arrancassem. *[Roto o original]* fazem sementeira só para algodão; o mais ordinário é semeá-lo nas roças de farinha por entre a maniba; e é tão pontual em dar fruto, que muitas vezes já se fazem as colheitas em três, ou pouco mais de três meses da sua semeadura. As mais notabilidades do algodão, que ainda são muitas, como da sua facilidade de se poder fiar no mesmo dia, em que se colhe da árvore; e das mais, fiquem reservadas para quando tiver mais comodidade, se a tiver; e

quando não? O ponto [está] em acertar com a gateira [para] o Céo; e escapar do caos eterno etc. que o mais é nada.

16 Arroz. É outro gênero mui abundante no Amazonas, e mui estimado em todo o mundo, por ser o sustento dos homens; e em muitas regiões é o pão quotidiano, como é na China, Cochinchina, Índia, e grande parte da Ásia etc. porém como já tratamos dele em outra parte verbo legumes para lá remeto os leitores; aqui só aponto a grande estimação que dele fazem na Ásia, não só para pão ordinário quotidiano; e para os mais usos, que lá dissemos; mas também para o beneficiarem em bebidas; especialmente para a factura do célebre vinho, a que chamam vinho fogo, que fazem, e tiram do arroz. Cozem o arroz té o porem no ponto de [massa]; esta põe a azedar, e fermentar, de sorte, que cria bolor, e até ela mesma quase se desfazer em água: esta água põe a lambicar, e a sua lambicação chamam na China, e em outras partes da Ásia vinho fogo, que é o vinho usual, assim como na Europa o é o vinho das vides; mas propriamente é água ardente; e assim como desta há mais, e menos subida, e espiritosa; assim também do vinho fogo há muita variedade; um, que é o comum para o povo, outro mais subido, a que chama vinho de mandarim; e assim, outros. Esta notícia pode servir muito aos índios, e mais habitantes do Amazonas, para aproveitarem algũa parte dos grandes arrozaes da natureza, que *[roto o original]* as terras, e lagos do Amazonas, como já descrevemos no lugar citado.*

17 Almíscar também merece ser contado por gênero especial do Amazonas pelo seu precioso, e suave cheiro: não é o almíscar comum das boticas, posto que também este é muito medicinal; mas do almíscar semente, que em nada cede ao outro. É ũa sementilha de ũa planta, ou arbusto, cujas folhas, e flores lá tem algũa semelhança com as flores, e folhas do algeduim. Dá por fructo uns capuchinhos, ou casulos também com algũa semelhança dos casulos do algodão, mas mais compridos, e repartidos por dentro com finas membranas em vários escaninhos cheios de ũas sementinhas do feitio, e tamanho de rins de piquenos animaes da cor parda, riscados de alto a baixo, como cheio de frisos. São plantas de natureza, e há paragens, em que são o mato mais ordinário; mas, posto que muitos o estimam ainda na Europa, poucos se aproveitam dele, e se perde pelo chão.

18 Colhida pois madura esta sementilha, que logo se conhece quando está de vez pelo saco [do] seu casulo um cheiro tão activo, e suave e semelhante ao cheiro do almíscar das boticas, que por semelhança lhe chamam almíscar; e alguns ainda o preferem, porque dizem ser um cheiro entre algália, e almíscar. Basta apertar, ou esfregar nas mãos, ou outra parte algũa, ou algũas sementes para logo rescenderem as mãos de cheirosas não só ao dono; mas também aos circunstantes. O mesmo cheiro comonica às roupas, papéis, caixas, tabaco etc. em que o deitam, e dizem alguns, que não só comonica o cheiro, mas também preserva da traça, e bicho. O mesmo cheiro suave; e bom gosto comonica aos comeres, em que o deitam relado; e por isso muitos o misturam no chicolate em lugar da baunilha, e não lhe fica inferior. A sua planta tem vários préstimos na Medicina, que reservo apontar no *Tesouro Medicinal*.

---

* A seguir, riscado no códice: "*Tão bem do arroz fazem os chinas outras espécies de vinho. V. C. Edit.*"

19 Algália. Também há no Amazonas esta riqueza: Não a própria algália dos gatos monteses; ainda que também desta talvez haja muita abundância nas suas terras, por haver [nestas muitos] gatos bravos, e monteses; mas té gora ninguém, que eu saiba tem feito experiência; mas há outra casta de algália, e a tem com eles mui activo os grandes jacarés do Amazonas (não estou certo se todos, ou se só algũa sua espécie) de baixo das suas grandes manoplas; e dizem que tão semilhante a algália dos gatos, que parece ser a mesma. Mas assim mesmo do almíscar supra poucos se aproveitam; assim desta algália se faz pouco caso podendo ter dela grande abundância pela multidão que há naqueles rios, e lagos de jacarés.

20 Abutua. É tão bem droga do Amazonas, posto que não cultivada de prepósito; nem é necessário; porque há tanta abundância da natureza, que pode carregar inteiras frotas: É tão medicinal, que pelas suas muitas, e grandes virtudes se estima por um dos principaes simples das boticas, para febrêfugos, descoagulantes do sangue, e muitos outros préstimos medecinaes; e por isso dela tratarei mais *de espacio** no *Tesouro Medicinal do Amazonas*. Aqui só advirto, que tem quatro ou mais espécies: branca, preta, amarela; e entre amarela, e branca *[roto o original]* algũas destas espécies cresce, e engrossa té a grossura de um braço; ainda que alguns estimam mais a espécie mais delgada, que é a mais amarela; outros preferem a branca a todas as mais; mas como esta averiguação pertence a outro *Tratado* a ele me reporto.

21 Azeites. É certo que não há por todo o destricto do Amazonas português o azeite da [oliveira] porque as não há lá (não sei ainda, se também as não há no destricto dos castelhanos) ou por não se [darem] naqueles climas cálidos; ou porque não tem havido curiosidade de levar para lá as suas frutas; porém tem muitos outros, com que supre com muita ventage este, como são os azeites da especialidade chamada ibacaba, que em nada cede ao das olivas; o azeite de castanhas [também] mui excelente: o de gerzelim tão perfeito, que na China é o mais ordinário, posto que na América estimam por [mais] precioso o de ibacaba, e castanhas, a que chamam na Europa castanhas do Maranhão mui diversos dos nossos. Azeite de carrapato também muito bom, a que na Ásia chamam bálsamo, e por isso tornaremos a falar nele na letra *B*, entre os mais bálsamos: porém o azeite, que mais merece o nome de gênero comerciável do Amazonas é o que chamam andiroba, o qual posto que não presta para o prato, nem para tempero dos comeres por demasiadamente amargoso, é por isso mesmo óptimo, e escolhido para muitos usos da Medicina, e tem muita serventia, e gastos na fábrica das embarcações misturado com o breu; porque as preserva do bicho, como já dissemos, quando descrevemos a sua árvore andiroba.

22 Alcaçuz. É um cipó de tanta fecundidade, e abundância no Amazonas que pode prover todas as boticas da Europa, onde é mui estimado pelos seus muitos préstimos medicinaes, especialmente por ser óptimo descoagulante da fleugma, e remédio específico nas tosses, e catarros, cuja acrimônia, não só a sua raiz mastigada, e engolindo na saliva o seu suco; mas com muita mais ventage a sua resina, ou extracto, de cuja factura falaremos adiante. Na China, onde melhor lhe conhecem a virtude, não só o uso nos remédios da garganta, tosse, e catarros, em que também se usa na Europa, e América;

* de espacio: Logo.

mas ajuntam, e usam em todos, ou quase todos os remédios, que se aplicam por dentro por especial qualidade, e aptidão, que lhe sabem, e daqui vem que alguns p[rofe]ssores, que lá observaram a praxe da Medicina já o usam por adjunto na purga da jalapa, para evitar o perigo de ela, como resina que é, se pegar, e damnificar algum in[testino].

CAPÍTULO 2º

PROSEGUEM-SE OS MAIS GÊNEROS DO AMAZONAS

1 Bálsamos. São muitos, e mui preciosos os bálsamos do Amazonas; e só eles bastavam a fazer mui rico, e precioso o seu tesouro. Primeiro são os principaes e qual mais precioso: como são bálsamo peruano; bálsamo umeri; bálsamo de baunilha; bálsamo de cravo; bálsamo cupaíba; bálsamo de tabaco; bálsamo de comaru com puxeri; bálsamo de carrapato; bálsamo de canela; e bálsamo de bicuíba: Chamam a estes dez mais principaes, porque deles, e de muitos outros ingredientes se podem fazer muitos outros, a que chamo menos principaes *respective** aos primeiros; mas na verdade também muito preciosos, e medicinaes como é o bálsamo católico, ou *balsamum vitae;* e muitos outros. Dos primeiros principaes já falamos, quando descrevemos as suas plantas nos seus lugares; e por isso aqui só tocaremos a dar alguma notícia, quanto baste para os leitores formarem conceito da sua preciosidade, e quanto eles enrequecem o grande tesouro daquele rio.

2 Bálsamo peruano. Não tenho as necessárias individuaes notícias de qual seja a planta deste bálsamo tão precioso, por não ter, quem me informasse daquele Império, que fica junto às cabeceiras [da] banda do Sul do Amazonas; eu mais me inclino, e [persuado] que este bálsamo é o mesmo que rio abaixo chamam os portugueses umeri; mas como outros o tem para si que é diverso, como tal o aponto, enquanto não posso melhor averiguá-lo; digo porém, que se é diverso; tem muita probabilidade de que seja o precioso bálsamo do pao d'águia; ou *lignum paradisi,* que é um dos melhores tesouros dos grandes reinos China, e Cochinchina, onde não só o bálsamo; mas ainda o seu pao, especialmente o âmego a que chamam calambá, [onde] a peso de ouro, ou [cousa,] que o vale; digo ter muita probabilidade; porque, por informação, que tive certa do [dito] pao, e seu bálsamo; a cor é tão semelhante a do pur*[roto o original]* que parece ser o mesmo *[ipsis] terminis;*** porque ambos são pretos e flagrantíssimos, e sendo assim; se pode

* Lat.: relativamente.

** Lat.: literalmente.

vangloriar o máximo Amazonas de ter nas suas matas o melhor tesouro da Ásia mas como já em outra parte demos notícia deste pao águia na dúvida se é [mesmo] assim [que o] chamam no Amazonas lá remeto os leitores, e não terão pouco, que admirar.

3 Bálsamo umeri. É de cheiro tão suave, e aromático, que vence os mais preciosos aromas, e os seus préstimos são tantos, que alguns cuidam ser o pó bálsamo, ou rei dos bálsamos. A sua árvore é grande, o seu fruto são cachos, cujos bagos são azeitonas miúdas: maduras estas azeitonas são mui suaves, e mui gostosas. Há três castas de bálsamo umeri: primeiro a primeira é a que destila a árvore ferida. Segundo é o que destilam as frutas maduras, que por si mesmas se vão desfazendo em bálsamo. Terceiro é o que se tira por expressão do mesmo pao, ou *[roto o original]* no lambique. Todas estas três castas de umeri são preciosas, e já descrevemos na árvore umeri. Não posso porém deixar de estranhar a grande inércia dos habitantes daquela [terra], tendo tanta abundância deste bálsamo, que se está perdendo pelos matos em muita abundância.

4 Bálsamo cupaíba. O terceiro bálsamo precioso do Amazonas é o chamado cupaíba já bem conhecido na Europa pelos seus muitos préstimos medicinaes, mas não pelo cheiro, que é mui diverso dos bálsamos supra: o da cupaíba é pouco suave, mui forte, e desagradável; mas contudo como tem muitos, e grandes préstimos, tem muita estimação em todo o mundo: a sua árvore, que já descrevemos, é grande, e é madeira de estimação, mas a sua maior estimação é pelo seu precioso óleo, o qual deita ferida no tronco com um machado, e logo lhe aplicam a vasilha, como quem abre a ũa pipa a torneira, e a árvore *[roto o original]* pica com tanto bálsamo, que sem parar alguns enchem cinco, seis, sete, ou mais potes de [óleo] como se só fosse o seu âmago oco, e estivesse cheio de bálsamo, dando de quando [em quando esta]los, como se quisesse quebrar, ou gemidos de quem se lastima roubado; e desta sua suavidade nasce o ser mais aproveitado pelos portugueses, que o bálsamo umeri, e outros, posto que mais preciosos pelos seus tão suaves cheiros; porque só querem cousa, que avulta e tem havido occasiões, em que algum morador encheo no ano 200 potes. Sendo que ninguém o cul[tive.]

5 Alguns dizem, que este bálsamo é o mesmo, de que fala o historiador Gomila no seu *Ourinoco;* porém se o é? o tiram lá os espanhões de diverso modo: diz ele, que há lá naquelas matas (que são as mesmas do Amazonas continuadas) ũas árvores, que nas suas pernas, e ramos principaes criam uns grandes inchaços, ou postemas no lugar onde as ditas pernas se querem dividir em diversos, e mais minúsculos ramos: e nestes grandes inchaços como em cortiços, ou pipas vai ajuntando o seu óleo; e quando lho querem tirar lhe dão um furo em cada postema, e por ela deita um precioso bálsamo, que tiram em muita abundância, e que de dous em dous anos se tornam as árvores a prover, e os castelhanos a fazer novas colheitas *[roto o original]* o mesmo cupaíba; parece ser este modo de o extrair melhor, do que o usam os portugueses, que ferem a árvore no tronco, e por isso ou secam as árvores, ou [contin]uando a derramar pelo chão se perde muito bálsamo. Os seus muitos, e grandes préstimos apontamos em outro lugar, e são tantos que os autores enchem muitas folhas em os contar.

6 Bálsamo de cravo é também mui precioso de cheiro mui suave, e de muitos préstimos medicinaes de que há quatro castas, ou cinco e qual mais pre-

cioso: o primeiro é o que destilam das cascas do pao, a que chamam puxeri por si mesmas, quando vão desecando porque secam tanto *[roto o original]* que chega accorrer pelo [fer]imento onde estão, e com tanta frag[r]ância, que rescende a *[roto o original]* Segundo é o bálsamo, que se tira nas boticas desta mesma casca por lambique; ou do seu pao, e é o que ordinariamente há, e se vende com o nome de bálsamo de cravo; porque o primeiro posto que mais precioso, ordinariamente ninguém o a[pro]veita, e quando muito algum pouco só para uso de casa; mas não para vender, e comercear. Terceiro é o bálsamo precioso mais que os outros, que se tira também por lambique da sua flor de que também há muito pouco no Amazonas, por não aproveitarem os moradores estas flores do cravo, como fazem na Índia, e as deixam perder pela terra. Quarto é o celebrado bálsamo católico, que se faz com espírito de vinho casca, e flores do mesmo cravo. Quinto é o bálsamo que se faz das mesmas flores do cravo juntas com puxeri, e casca preciosa. De todas pode [haver] quanta abundância quiserem pela grande extensão, que há de matas de cravo.

7 Bálsamo de tabaco também é precioso não tanto pelo cheiro, que não é desagradável; mas pelos seus grandes préstimos medicinaes. De que há duas castas principalmente. Primeira é o que de si lançam as mesmas folhas, quando se beneficiam as maçarocas em tanta cópia, quando o tabaco é bom, que chega a molhar as mesmas ataduras, com que o atam, e accorrer pela terra; porém ordinariamente se não aproveita. Segunda casta, e só o da que usam alguns coriosos, é o que se tira por arte do mesmo tabaco embora que já seco em maçarocas ou torcida; ou melhor das mesmas folhas ainda verdes. Põe-se a ferver em panela vidrada estas folhas, ou tabaco cortado em miúdos com água proporcionada té diminuir a terceira parte; então se coa a água, e se torna a pôr ao fogo, deitadas fora as folhas, té tomar o ponto de arrobe, ou melaço, e cor de alambre; então se guarda para os usos da Medicina, que são muitos, e grandes.

8 Bálsamo de comaru. É de cheiro mui suave, e agradável, pelo grande cheiro das suas frutas semelhantes a belotas, de que se extrae por vários modos o seu sumo, e virtude; [o mais] ordinário é pisar, ou machucar em pilão estas frutas, depois se expremem; outros, põe esta massa a secar ao sol, ou quentura do fogo, em cujo calor se vai desfazendo em bálsamo. Outros não querendo estas demoras cozem estas frutas, ou a sua massa em água, e por cima lhe vão extraindo o óleo. Mas útil seria, se o lambicassem em espírito de vinho, ou de qualquer outro modo dos que costumam as boticas. Além deste bálsamo, que na verdade é precioso, e suavíssimo se fazem outros da mesma fruta junta com cravo, ou puxeri, ou casca preciosa: e de todos pode haver muita abundância.

9 Bálsamo baunilha: é tão bem dos mais preciosos, pelo suavíssimo cheiro desta fruta, logo diremos, que fruta é a baunilha, e como é um dos principaes gêneros do Rio Amazonas, agora só falamos do seu bálsamo: O qual ela mesma destila de si ao calor do sol, e ainda algũas vezes à sombra. Fora este bálsamo, a sua mesma calda, que lhes costumam fazer para melhor se conservarem, e transportarem para a Europa, é mui balsâmica, e muito melhor o será a sua extracção por lambique; por quanto se só ela é tão preciosa, como logo veremos quanto mais *[roto o original]* o seu bálsamo? contudo são mui poucos os coriosos, [que dele] se aproveita contentes os habitantes do Amazonas do grande comércio das baunilhas por si mesmas.

10 Bálsamo carrapato: é também muito medicinal, posto que lhe falta o suave cheiro de outros; na descripção da sua árvore dissemos já o como se extrae o seu óleo? ao qual com o adjunto da *[em branco no manuscrito]* ou algum outro ingrediente chamam bálsamo os asiáticos, o estimam muito pelos seus grandes préstimos medicinaes, especialmente para curas, e soldas de todas as feridas, como mais [lar]gamente lá dissemos; e com ser de muita estimação na Ásia; é de tão pouca no Amazonas, que são mui poucos, os que dela se aproveitam; e os poucos *[roto o original]* é só para os usos dos azeites comuns; mas como isso provém de não ter notícia dos seus grandes préstimos; já com esta, e muito mais; com a que lhe damos no *Tratado do Tesouro Medicinal*, onde mais largamente descrevemos os seus préstimos será mais estimado.

11 Bálsamo ibicuíba. Tão bem não é precioso pelo cheiro que pouco tem, mas o é muito pelos préstimos medicinaes. É extraído da árvore do [seu] mesmo nome, e de suas frutas, que são do tamanho de ameixas redondas, e tão semelhantes à noz moscada da Índia, que muitos tem para si ser a mesma *in specie*,* e por tal usam já dela em muitas boticas do Brasil. Da sua massa pois, que se faz delas pisadas se extrae o bálsamo ibicuíba de muita estimação em tanta abundância, que parece toda a fruta se desfaz em óleo, o qual é mui alvo. De dous modos se costuma beneficiar. Primeiro derreter a sua massa em bálsamo líquido; e é o que se chama bálsamo, e por tal se *[roto o original]*. Segundo é a sua mesma massa sólida; e posto que tem as mesmas virtudes, e préstimos, contudo, só dela se aproveitam para os mesmos usos da cera; porque arde, e é tão alva como a cera trabalhada, e como tal usam dela nos ministérios da Igreja.**

12 Bálsamo de canela, quão precioso seja? podem inferir os que tem conhecimento do cheiro suave da canela; porque esse mesmo, ou com mais actividade tem o seu óleo extraído ou da sua casca, como fazem os boticários, ou das folhas da mesma árvore, que tem o mesmo cheiro, gosto, e suavidade. Tem grandes préstimos este bálsamo nos usos da Medicina, e bastava para o fazer precioso, o grande préstimo, que dizem tem para desfazer os tumores carnosos, que sem ele se tem por incuráveis. Há além destes muitos outros *[roto o original]* mas preciosos pelas dilatadas matas do Amazonas, de que se podiam extrair muitos outros preciosos bálsamos, se houvesse mais coriosos, que o quisessem aproveitar. [E] bastam estas para poder fazer o cabal conceito do grande tesouro, que tem o Amazonas nas suas matas, cada um mui precioso, e todos com muita abundância.

13 Baunilha. Além do seu bálsamo supra. basta ela para ser, como na verdade é um dos mais preciosos gêneros do Rio Amazonas; e a sua planta é digna de ser cultivada nos mais mimosos jardins; mas a negligência dos naturaes é tanta, que só se contentam com a silvestre, e ainda da baunilha silvestre se não aproveita nem a milésima parte. É a sua planta um cipó tão delgado como a grossura do dedo muninho pouco mais ou menos; e tão tenro, como os mais tenros olhos de qualquer planta, e tão viçoso, que parece sempre está de Primavera; é tão comprido, ou mais que qualquer vide, e como vide se encosta as mais árvores, e sobre elas forma grandes parreiras; porém como já a descrevemos no *Tratado dos cipós*, como também o feitio, e qualidade do seu fruto baunilha para lá me remeto.

---

* Lat.: aparentemente, em aparência.

** A seguir, riscado no códice: Vide *Cart. Edif.* t. 10 fl. 371.

14 Breu. Seguindo a mesma ordem do alfabeto: segue-se agora o breu, de que há muitas castas, das de que se costumam servir os seus habitantes no uso, e factura de embarcações: mas o mais ordinário, e que propriamente se chama breu é ũa resina da árvore maçaranduba, e desta só há diversas castas, ou porque esta árvore tem diversas espécies, e cada ũa o dá diverso da outra; ou porque além desta árvore há muitas outras que dão breu. O certo é, que dela há tanta abundância pelos matos, que cada morador, que manda a ela enche a sua embarcação, ou colhe quanto quer; e se acha [pelo] chão em bocados caídos das árvores algum mais preto; outro mais amarelo, e outro mais esbranquiçado; mas todo ele faz o mesmo efeito, e tem os mesmos préstimos, que o breu da Europa; e para melhor se servirem dele, o purificam de algũa terra, ou vescosidade, que apanham os seus pedaços no chão derretendo-o em panelas, e fazendo-o em pães *v. g. de* arroba; e para melhor se conservar nas embarcações, e preservar a estas do bicho turu lhe ajuntam algum azeite de andiroba, que como já dissemos, é amargosíssimo.

15 Barro. Pela excelência de alguns, bem merece ser contado entre os gêneros de estimação, e por isso faremos aqui menção de algum mais especial. São muitas as castas de barros excelentes daquelas terras, e de diversas cores, e alguns tão finos, que já houve quem arbitrava ser mui conveniente mandar para aquele Estado bons mestres oleiros para os aproveitarem em fi[níssimas] louças; e na verdade não está fora de prepósito o arbítrio não tanto pela fineza dos barros, quanto pela utilidade das lenhas, sem mais custo, do que cortá-las, e aplicá-las ao forno; e por esta tão grande regalia não só a louça; mas todas as mais fábricas de vidro, metaes, e outras, que dependem de muita lenha, seriam naquele Estado utilíssimas. Mas deixados estes arbítrios, para outros, voltemos ao barro, antes que por morte nos voltemos a ele *in pulverem reverteris*.* Reservando porém alguns mais especiaes para o *Tratado* das tintas especiaes daquele Rio, aqui só trataremos do barro branco chamado lá tabatinga.

16 É tão fino, e alvo este barro, que só o podemos bem assemelhar com a cal; pois por cal o usam muitos, e faz o seu papel nas paredes tão bizarro como ela; e só não tem tanta permanência e resistência às águas sendo só per si; não assim junto com o sumo de ũa erva, cujo nome no Brasil não sei, por ser ainda lá conhecida; mas em África lhe chamam os naturaes mutamba, que além de algũas grandes virtudes medicinaes, que tem para soldar membros, nervos, e ossos quebrados, tem também virtude para soldar, ou solidar este; e qualquer outro barro, o que fazem assim. Pegam das suas raizes, que são grandes, e há abundância, pisam-nas muito bem, e deitam pisadas em vasos de água; e basta isto para comonicarem a água tal virtude visguenta, que amassando com ela o dito barro tabatinga, e caiando as paredes, fica o barro tão firme e durável como se o pregassem com pregos na parede; o mesmo faz com qualquer outro barro: e as argamassas, que com ele se fazem, ficam pedra. Para os coriosos poderem no Amazonas buscar esta raiz, a descrevemos no seu lugar.

---

* *Lat.:* ao pó retornarás.

17 Mas ainda na falta dela, se remedeam outros para as suas argamassas caldeando o dito barro com area, como se faz com a verdadeira cal de pedra, cuja experiência fez no mesmo Amazonas um corioso, depois que por repetidas vezes diminuindo, ou acrescentando-lhe deu na têmpera: também tem os efeitos de esterelizar as plantas, ou todas, ou algumas como a mesma cal; porque a planta do cacao chegando-lhe com as raízes se esterelizam, e secam. Há outras espécies de barro branco; mas tão branco como qualquer outro branco, sem mais notabilidade, do que ser bastantemente fino, e a sua louça mais estimada, porque dizem sabe *[roto o original]* água por ela. Mas para *[roto o original]* algum conceito da qualidade, e fineza daqueles barros; basta dizer; que de alguns se faz, ou por natureza, ou como dizem outros tirados debaixo da água aquelas célebres pedras neufríticas, de que adiante falaremos, tão finas, como se fossem de vidro. Há também pelas praias do Amazonas, e rios colatraes imensidade de pedrinhas tão finas, que muitos se enganaram com elas, cuidando serem preciosas; e na verdade são muitas delas topázios finíssimos. [E] todas elas se formam de barro das mesmas praias amassados destramente pelo Autor da Natureza, sei de certo porque toquei e apalpei alguns que tinham sim já a forma das outras, mas ainda estavam *[roto o original]* de brandas, de sorte que se amolgavam com a mão.

18 Bazares. A grande variedade de bazares, ou bezuart, que há no Amazonas, vimos quando tratamos dos seus animaes, e mais propriamente pertencem à letra *P*, por serem pedras; e assim aqui só as apontamos por rezão de serem bazares: são pois os seguintes os mais conhecidos. De porco espim, De bugio; de camaleão; de viado; de jaboti; de vaca; e alguns com muita abundância como os de camaleão, e os de vaca, e viado; posto que os índios os desprezam por não saberem a sua preciosidade; e por isso só se aproveitam alguns poucos, que chegam às mãos dos brancos; e desses tem vindo alguns para a Europa onde tem a estimação merecida; e podem vir a ser um grande gênero dos mais preciosos daquele Rio, depois que os índios, que são sós os caçadores destas feras forem conhecendo suas virtudes, ou estimação grande, que tem nos brancos. *

19 Bichos da seda. Por serem tão estimados no mundo, bem merecem ser contados por boa especiaria do Amazonas. De os haver, ninguém, dos que tem visto pelas árvores os seus casulos o duvida; e já houve coriosos, e zelosos, que mandaram a Portugal esta notícia; para que se podesse dar providência e se poderem utilizar da sua seda; porque ou ninguém, ou quase ninguém se utiliza lá de tão bom gênero; e só servem de admiração quando se acham os casulos pelas árvores; e vem voar pelos matos, e praias as borboletas em bandos. Não necessitam lá de folhas de moreira para se sustentarem; porque comem muito bem outras folhas, como são as folhas da árvore guabiraba, e outras. Mas também lá se dão bem as amoreiras da Europa, que alguns coriosos tem por galantaria nos seus quintaes.

---

* Na altura do parágrafo, à margem do códice: *Falta beijoim*.

CAPÍTULO 3º

DE OUTROS GÊNEROS, E HAVERES DO AMAZONAS

1º Courama. Passando já ao C do alfabeto, não são poucos os gêneros comerciaes que encerra, com que não só é rico para os seus habitantes; mas também reparte com muita abundância ao mais mundo; principiemos pela courama; que é um dos mais necessários gêneros para a vida humana; não para os índios, que sempre andam, e se apanham descalços, ou no calçado velho, mas para os brancos por mais mimosos, pulidos, e delicados. Porém como a courama supõe gado, para lá reservamos notícia mais cabal dos seus couros. Advertindo só aqui, que só no destricto da Ilha de Joanes, que é, a que ministra o gado à cidade do Pará, sae todos os anos um tão grande cabedal de courama ũa em pêlo; outra em atanados, que é ũa das principaes carregações das frotas. Deita também aquele Estado muito couro de onças, e tigres, para a Europa, onde pelas suas vivas malhas, e pintas naturaes tem muita estimação, e milhor gasto, especialmente em lindos chaurais de brieros brutos: e há diversidade destas peles, a qual melhor; e muitas tão grandes, como grandes couros de boi.

2º Camurças. Da mesma sorte deita também o Amazonas muita quantidade de camurças, e poderia [deitar] mais, se houvesse delas mais coriosos; mas a maior parte se deixa apodrecer, porque como os índios só vivem da caça, e pescado; só aproveitam as carnes, e desprezam as peles; e só se aproveitam algũas, que não chegam a ser a milésima parte, das que se perdem. Das que se aproveitam são mui preciosas as curtidas com a casca da árvore paricá, por se equivocarem tanto com o veludo, que é necessário muita advertência nos que as vem, e to[cam] para se desenganarem de que são peles, de que se fazem vestes, calções etc. Não são menos preciosos os couros de anta; mas havendo delas muita quantidade; são mui poucas [as suas peles], pela rezão, que já disse de só se aproveitarem [as] carnes.

3º Cacao. Segue-se já o cacao, que é outro dos principaes gêneros do Amazonas, já bem conhecido no mundo com tratamento de senhoria, e com ampla entrada nos palácios, e gabinetes dos príncepes pela sua estimadíssima bebida chicolate. Não descrevo aqui a sua planta, porque já a descrevemos no seu lugar, como também a sua fruta; a que só pertendo dar aos leitores algũa luz da grande riqueza que tem o Amazonas só neste gênero, que parece incrível: há matas de légoas, e légoas em que não há outras árvores mais, do que plantas de cacao; e posto que não haja a mesma abundância em todo o destricto do rio; contudo como o destricto é de quase mil légoas; e na maior parte dele há cacao, vem a ser a sua abundância quase inumerável: Daqui vem, que o cacao é o principal emprego das frotas portuguesas; e há anos, que tem passado de 80 000 mil arrobas só o que se embarcou para Portugal, fora o muito, que se gasta na terra e muito mais, o que se perdeo por não haver já navios para ele, e seus donos não o saberem conservar para as seguintes frotas, o que já hoje se sabe.

4 Com advertência; que toda esta quantidade de cacao não chega a ser a milésima parte do que se perde pelas matas, bóia com as enchentes, e comem os macacos, e outras feras. E se agora não vem já tanta quantidade, não é por rezão de o não haver com a mesma, ou ainda maior abundância; mas por não haver, quem o apanhe, e vá as suas colheitas: e a rezão disto é; porque quem mandava às suas colheitas eram os brancos, e cidadãos do Pará com esquipa[ção] dos índios mansos das missões, que se repartiam, e obrigavam a servir aos brancos sem mais outro título, do que terem-se aldeado, e feito cristãos, e como as missões t[em] descaído muito, e já nelas os índios são mui poucos, há menos repartição dos moradores, e por isso já são mui poucos, os que mandam à sua colheita; e daqui nasce grande diminuição, que de cacao se tem visto, e vê hoje nas frotas, e a maior parte do que agora se embarca é dos cacuaes mansos, que muitos moradores com acertada providência fizeram nos seus sítios; receando *[roto o original]* a falta dos índios das missões, que agora tem.

5 Advertindo segundo que a maior quantidade, que há de cacao no Amazonas é no destricto de Castela desde o Rio Solimões para cima; e tirando algũas poucas arrobas que alguns missionários e os poucos castelhanos, que por ele habitam, colhem para o seu gasto, todo o mais se perde pelas mesmas matas, onde se cria por não poderem os castelhanos transportá-lo rio acima, e conduzi-lo aos seus portos por rezão de haver mais atenção aos índios, e não se repartirem nem obrigarem ao serviço dos brancos, ou repartições de canoas; que aproveitando-se todo, ou ao menos a redízima de todo o cacao, só o Amazonas pode encher a todo o mundo. Na "Quinta Parte" direi o modo, como qualquer morador, ainda sem dependência de índios, pode nos seus sítios ter mui copiosos cacuaes, e fazer depois de mui poucos anos grandes colheitas deste e dos mais gêneros, e haver deles mansos tanta abundância, que serão diminutas todas as frotas para as transportarem a Europa. Da manteiga de cacao, que é outra especiaria com que se aproveita o cacao, diremos adiante.

6 Cravo: é outro gênero, que pode competir com o cacao assim na abundância, como na estimação. Não descrevo as suas árvores, porque já o fiz no seu lugar: só digo, que são as mesmas *in specie.** que as da Índia; e só em as desfrutar há a diversidade de que, na Índia [só] lhes aproveitam a sua flor, que é a que de lá se transporta para a Europa com o nome de cravo da Índia, e no Amazonas só lhes aproveitam a casca das árvores, e não a flor, que desprezam, e se perde pelos matos, e para lhes despirem a dita casca, cortam as árvores, de que se tem segura ũa mui grande diminuição, e por isso a todo aquele [cortado] de sorte, que havendo também matas, e matas, como de cacao, e rios, cujas margens, estavam cheias de cravo, agora apenas se vê algũa amostra das suas árvores; e o mesmo irá socedendo ao mais, se não se der providência algũa às suas colheitas nas matas, e rios onde ainda há abundância. Também pelo centro das matas, ainda há muita abondância; mas essa goza o previlégio de isenção por muitas rezões; 1ª porque as matas do Amazonas são quase impenetráveis, e apenas se pode entrar por alguns poucos dias de viagem. 2ª por serem uns longes dos portos, e margens dos rios, com caminhos de terra, que lá só servem para os bichos, e feras, por não haver povoações algũas, com que se possam acolher, e ajudar os viandantes. 3ª por rezão dos índios bravos, que por essas matas vivem

---

* Lat.: aparentemente, em aparência. O latim clássico diria: *specie* ou *in speciem*.

como feras; e se por lá apanham alguns [brancos,] ou alguns índios das missões os matam, e fazem das carnes boas [espetadas] com que regalam as tripas; e das cabeças, e canelas das pernas vasos para beberem, e gaitas ou assobios para lhes festejarem a mente.

7 Segundas castas, ou espécies dá, e se transporta para a Europa deste gênero. 1º é o que chamam cravo grosso, e é a casca, ou camisa da árvore cortada, e lançada por terra sem mais trabalho, e mestria do que enrodilhá-la em compridos canudos, e desecá-la do seu óleo: é o menos estimado; mas supre o seu menos preço a sua maior quantidade. 2º é o que chamam os naturaes taguari, e os portugueses cravo fino; e é a mesma camisa a casca do pao cortado; depois de bem raspada, té ficar na fineza pouco mais de papel; e posto que por isso tenha muito mais trabalho, é contudo o mais apetecido por mais precioso, e estimado; de qualquer destas cascas vem para a Europa grande carregação: e também está à reveria de quem o quer nas matas; e muitos preferem as suas colheitas às do cacao por [mais] rendosas do precioso óleo, ou bálsamo do cravo já dissemos no capítulo passado.

8 Café. É também um grande gênero do Amazonas; mas não em tanta cópia, [como os] dous supra, por rezão, de que ou não há; ou se o há de natureza pelos matos, por lá se perde, e só se aproveita o cultivado pelos moradores. Contudo se vão estendendo tanto os cafezaes, que daqui a alguns anos será ũa das principaes riquezas daquele Rio; pois já manda para a Europa muitas mil arrobas porque a sua planta se dá também naquelas terras, como se fossem as suas próprias; basta para pegar, nascer, e crescer cair o grão na terra; e já no segundo ano (e quando é por plantamento já no primeiro) dá boas camadas, com que paga já com grande avanço a seus donos o cultivo. Dos seus grandes préstimos medicinaes dissemos algũa cousa no *Tesouro Medicinal*. A descripção da sua planta pertence a outra freguesia.

9 Canela. Se os castelhanos podessem aproveitar-se das riquezas, que tem, e se perdem pelas suas margens, e dilatadas matas, fariam um grande negócio de canela, por a terem de natureza; muitos tem para si que também rio abaixo tem os portugueses matas de canela por natureza; o que não desputo agora por não se saber de certo; porém ainda que a não tenha da natureza, tem-na muitos por arte, porque já há algumas de cultivo, [ou] se dá, e cresce como em terra própria, e tão perfeita; que muitos a preferem à da Ilha de Ceilão na Índia, porque (dizem) mastigada não deixa tanto bagaço na boca; seja porém embora semelhante; sempre é mui preciosa; e pode haver dela tanta abundância, que não seja necessário comprá-la aos holandeses. A sua folha, que é galante pelo seu mui especial verde claro, tem o mesmo gosto, e cheiro suave da [casca], e por essa rezão os moradores do Pará, não tanto lhe aproveitam a casca, quanto [as folhas;] porque sem o trabalho da casca, quem sempre [aceita] a despor da árvore, e a [descasca] tem na folha os mesmos préstimos; por isso*

10 Muitos deitam algũas folhas nos lambiques da água ardente; e nas tachas, em que fazem o mel de cana; e tanto o mel, como a água ardente sae com um gosto, e cheiro superlativo; o mesmo socede nos guisados, em que misturam as mesmas folhas; quanto dariam as nossas cozinheiras portuguesas se tivessem tão bom folhado para os seus temperos, em lugar das folhas

* Assim termina o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

de louro, com que tudo destemperam! As mesmas folhas mastigadas só per si são muitas vezes melhores, que o bétele da Ásia; porque além de serem, e porem na boca um suave olor, e gosto, não tem o desar do bétele em fazer os dentes de negridos: Outros usam do seu cozimento em lugar do chá pelas mesmas rezões. A mesma fruta da árvore é preciosa, porque tem os mesmos préstimos; a qual pega, e nace com facilidade; e por essa rezão se podem fazer óptimos canelaes, que talvez sejam mais preciosos, que os canaviaes do açúcar.

11 Chá. Segue-se já o chá, que a opinião dos homens tem de sorte introduzido no mundo, que parece já vai caindo na nota de demasiado, e vicioso: porque principiando primeiro com capa remendada, ou por remédio para ajudar a digestão, e suprir as falhas de sono etc. já hoje está tão intrometido, e intronizado, que tão bem se toma por almoço de manhãa, depois do jantar regalo, de tarde merenda; e à noute sossega; descobrio-se nele um bom invento para ter [bom] gasto o açúcar, e os seus lavradores bom lucro. Dos seus efeitos, e préstimos medicinaes há mui diversas opiniões entre os médicos; porque uns o exaltam de sorte, que o fazem uma panacéa, ou um universal de remédios; outros toda a sua virtude atribuem a se beber quente; e dizem, que os mesmos efeitos, que faz o chá com açúcar, faz [a água quente]. Mas deixada esta disputa para outro lugar; quero aqui *[roto o original]* aos americanos o grande tesouro, que tem no Amazonas, e mais América; e é, que tem o chá [as] carradas ao pé das suas mesmas casas nos campos, nas praças, nas ruas das mesmas suas cidades, e povoações na erva, que eles chamam vassourinha, que serve de pasto aos gados, e de vassoura nas casas, de cujo efeito lhe vem o nome vassourinha. Porém podem desculpar-se, de que tégora o não conheciam, e por isso lhe não davam o devido tratamento, mas já hoje muitos o conhecem, e usam depois que um noticioso lho deu a conhecer pelos anos de 50; e já muito antes o tinha revelado um china, que foi dar ao Pará.

12 Restava agora dar algũa noticia aos leitores de como é, e se fazem as castas diversas, que há de chá; as quais não diferem nas ervas, como muitos cuidam; mas na diversa factura; como também a descripção, e signaes da dita erva, de como é do feitio de ũa vassoura; e na verdade, serve no Pará, e Amazonas de vassoura para varrer as casas; de como tem a folha, e flor? Mas como no *Tratado Medicinal* a descrevo com mais miudeza, e aqui só faço apontamentos, lá a podem ler os coriosos. Basta pois que saibam, que tem o Amazonas tanta, ou muita mais abundância, do que tem os chinas no seu Império, onde é um dos seus mais lucrosos contratos, e de onde nos vem para a Europa por grande preço; [digo]-o mais; porque lá só o tem de cultivo; e no Amazonas sem cultivo, e só de natureza há campos, e praças cheias, de sorte, que todos os anos para alimparem, e desembaraçarem as praças o costumam capinar. Advirto também, o que sei por informação dos mesmos chinas, e missionários europeos, que lá envelheceram; 1º Que o chá não se costuma lá cozer ao fogo, como erradamente fazemos os europeos; mas fervida bem a água, e tirada do fogo, se lhe deita então o chá, e se abafa a vasilha por algum espaço. 2º Que para ũa porcelana de chá bast[a] ũas folhinhas equivalentes a ũa pitada pouco mais, ou menos. 3º Que a bondade do chá não se mede pela tintura da água, mas pelo cheiro, de sorte, que o melhor chá, como é o do imperador china, deixa sim[a] água mais cheirosa; mas quase clara.

13 Canafístula. Lembra-me ouvir dizer a um boticário lá no centro de Portugal que a canafístula era tão rara, que apenas por empenhos se podia colher algũa; e tão preciosa [que] custava, e ainda se não achava quase a peso de dinheiro; a quem respondi, que a mandasse vir do Rio Amazonas, por ser lá tanta, que pode carregar navios; e que o maior custo seria só o transporte: e na verdade assim é, porque é tanta naquelas matas, que os moradores se servem da lenha das suas árvores, que nos seus sítios as tem o pé de suas casas para o fogo, e o seu fruto, que são ũas compridas bages, ou bainhas as deixam perder pela terra; e por isso, sendo um dos mais abundantes gêneros daquelas matas, é gênero perdido: São tão grandes as suas árvores, e tão frutíferas, que só ũa árvore basta, para dar amplo provimento a muitas boticas.

14 Casca preciosa, ou canela de Tunquim. Entre as inumeráveis cascas, que cria nas árvores das suas estendidas matas o máximo Rio Amazonas, há muitas preciosas pelos seus grandes préstimos; além da casca do cravo, que em todo o gênero é preciosa, de que já falamos; e da canela; e além de muitas outras, que ainda nos restam, apontarei aqui três mais estimáveis, que bem merecem o nome de preciosas; posto que ũa sobre todas se tem já usurpado, e como apropriado o nome de casca preciosa, e segundo as informações que tenho da flora é a sua mais preciosa canela, a que chamam canela de tunquim. Da sua árvore não [te]nho mais espécies do que ser grande; o seu pao amarelado, e precioso para obras de primor; mas algum tanto custoso de lavrar, não só por ser duro, e ter a condição dos paos reaes; mas muito mais por ser inviasado, é porém tão cheiroso, que se faz mui estimado; e muito mais a sua casca, que [é muito] corpolenta *[roto o original]*, mui gostosa, e mui preciosa para muitos, e admiráveis [gastos da Medicina.]

15 Muitas opiniões tem os seus habitantes sobre esta árvore, e esta preciosa casca; [porque] uns tem para si, que ela é algũa espécie de cravo mais subido, e fino que o ordinário *[roto o original]* que é espécie de canela, porque tem com ela tanta semelhança nos préstimos, e efeitos que o parece: Outros pugnam, que ela é um meio entre cravo, e canela, porque de ambos pa[rtici]pa assim no gosto, como nos efeitos. Porém um mui noticioso do reino da China, e bastante práctico da Medicina, assim que dela teve notícia me certificou, de que ela era a chamada naquele Império, e em toda a Ásia a canela de Tunquim com tanta estimação, que quase se vende a preço, e peso de ouro; e que em sua comparação vale, e se estima mui pouco a canela ordinária; e baste esta notícia, para os americanos fazerem dela a devida estimação, e conheçam o precioso tesouro, que nela tem. De alguns dos seus préstimos medicinaes damos notícia no *Tratado Medicinal* do Rio Amazonas.

16 Casca milagrosa. O nome está dizendo, quanto mais preciosa seja esta segunda casca que a de cima. Chamam os portugueses milagrosa a ũa casca, que na cor, e nos efeitos tem muita semilhança com a casca da quina quina; e alguns presumem, que na verdade o é; mas como ainda nos seus destrictos amazônicos não sabem distinguir a quina, por isso não sabem de certo, se é, ou não a verdadeira, quina, ou algũa outra espécie de árvore, e casca; falo té o ano de 57 do mesmo desterro daquele Estado para a Europa, e poderá ser, que desde então para cá se tenha já averiguado, e conhecido este precioso gênero nas matas portuguesas, assim como se conhece nas matas castelhanas, que são as mesmas continuadas. Persuado-me porém, que será diversa espécie, porque no destricto das Minas, *[roto o original]* é bem conhecida a quina por haver lá imensidade, chamam casca milagrosa, *[roto o*

original] que falamos; seja porém diversa, ou seja a mesma, o certo é, que é mui estimada [pelos] grandes préstimos, que nela [ac]ham contra maleitas, febres, e muitas outras doenças.

17 Casca doce. Esta é a terceira casca preciosa do Amazonas, a que por ser mui doce chamam casca doce, de que fazem muito apreço, não só os índios, mas muito mais os europeos, não só por ser doce, mas muito mais pelos seus grandes préstimos medicinaes, porque obra maravilhas nas dores internas: nos catarros; e nas febres comprovadas com muitas experiências; e por isso já hoje vai tendo tanta estimação, que se tem por um dos preciosos haveres daquele rio; e ainda sem necessidade a mastigam muitos por regalo, porque é doce, e mui gostosa; é o açúcar dos índios. Os que padecem indigestões, ou dores no estômago tem na sua mastigação um grande remédio. Não sei qual seja, nem como seja a sua árvore? Sei porém, que há abundância desta casca, posto que ainda suponho se não embarca para a Europa, por ainda se não terem cá experimentado os seus efeitos.

18 Casca de anta. Não tenho visto esta casca; mas sei que também a há, e que também é preciosa no Amazonas, tanto, que um professor da Medicina, que dela tinha feito bom provimento, como de muitos outros *[ilegível]* mui especiais para as suas curas, querendo declarar os grandes préstimos desta casca, disse, que de tudo, o que tinha ela só era o que mais estimava. Chama-se casca de anta; porque a anta a come, ou por especial gosto, que nela acha; ou por especial instincto dos seus préstimos; e por isso as suas árvores se conhecem nas matas por estarem roídas da casca té onde pode chegar a anta com a boca. Não tenho mais notícia dela, nem dos seus préstimos; mas suponho que já andará descripta pelos livros, que deste rio tratam.

19 Casca de umeri. Já acima falamos da preciosa casca de umeri, por rezão do precioso bálsamo, que dela, e muito mais do que destila o seu pao, se tiram: agora propriamente falamos da casca; a qual, além de servir para o mesmo bálsamo; é de cheiro tão suave, e aromático, que bastava só ele para a fazer preciosa. Não há sândalo da Índia, que lhe chegue no cheiro: sobrepuja as mais odoríferas caçoulas, e faz recender os templos e casas, onde se queima. Cujos préstimos a fazem digna de se contar entre um dos mais preciosos haveres do Amazonas, onde pela abundância, que acima dissemos das suas árvores, se podem carregar dela inteiras frotas; e se houver, quem a comercee para o Império da China, Cochinchina, e outros, onde os paos cheirosos tem ũa grande estimação para os mesmos prefumes, de que usam? Virá a ser um dos mais preciosos haveres do Amazonas.

20 Casca puxeri. Adiante falaremos da fruta puxeri; aqui só pertence tratar da sua casca, que também na verdade é preciosa; porque tem os mesmos efeitos aromáticos que tem a fruta, que são muitos, e mui medicinaes, os quaes descrevemos no *Tesouro Medicinal:* e por isso aqui basta este breve apontamento; advertindo, que desta casca como também da fruta destilada com a casca preciosa supra, e cravo flor sae um mui excelente, e precioso bálsamo, não só de suavíssimo cheiro; mas mui medicinal; confortativo da cabeça, (da cabeça,) de membros, e nervos: e nisto pode ter o maior gasto esta casca, visto não ser tão accomodada para se trazer na boca, e mastigar, como a fruta puxeri.

21 Casca paricá; como já falamos da árvore paricá: também já apontamos os préstimos da sua casca para os curtumes mais especiais das comurças, e

muitas outras peles, para as quaes não há sumagre que lhe chegue; porque tem a singularidade de se equivocarem com os mais finos veludos: e são os mais usados para os sertões das Minas, onde é mui usado este cortume [dos] couros das onças, viados, bezerros, e pêlos mais especiaes; e ainda a sola curtida com esta casca é muito mais superior à outra.

22 Colinquitidas. São ũas cabacinhas, que nascem por natureza nas [margens] do Amazonas em muita abundância; tem vertude purgativa, e são muito medicinaes, e por essa causa vinham antigamente da Índia por droga muito especial; té que se advertio as havia no Amazonas, donde já se podem prover melhor as boticas da Europa.

23 Capa rosa. É certo, que este gênero de tanta utilidade no mundo não consta haver nas margens do Amazonas descuberto; mas muitos presumem, e com grandes fundamentos, que também o haverá; contudo enquanto se não sabe de certo não o quero atribuir ao seu tesouro, reservando aos coriosos a sua melhor averiguação; porém sempre julguei necessária esta advertência, para que os leitores, que dele se quiserem aproveitar saibam que tem dela muitas, e muito abundantes minas nas terras do Rio [Paracuruca,] que vai desaguar no *[em branco no original]* e basta, que haja na nossa América portuguesa estas minas, para que delas se possam aproveitar; porque na verdade é digno de estimação grande pelos muitos préstimos, que tem assim na Medicina, como fora dela: e quem quiser buscar nas terras do Amazonas semelhantes minas lhe pode servir este signal. Que a capa rosa, ou vitriole por outro nome sae dos seus mineraes, e da terra em montezinhos, como se de propósito os fosse vomitando a terra; semelhantes aos que fazem as formigas; quando vão tirando de baixo para cima a terra, e fazem montinhos. Eu estou certo, que muitas vezes pelas praias vi semilhantes montinhos, e em muitas paragens; especialmente na margem occidental do Rio Topajós entre as Missões de Santo Ignácio e São José; mas como então não tinha notícia [da] [*roto e original*] se descobria, não cheguei a informar-me. De formigas *[roto o original]* ser praia, e muito úmida, onde as formigas não costumam viver.

24 Cuias. São os copos, ou vasos ordinários do Amazonas, de que já falamos, [pois des]crevemos a sua árvore cuieira; e são um dos mais úteis haveres daquela; porque são os copos, as escodelas, e os mais úteis, e ordinários vasos dos seus naturaes, os quaes ornam [e ador]nam com fino xarão, e belas pinturas, com que as fazem preciosas; especialmente os índios de Quito, cujas cuias são pintadas com um verniz tão lustroso, que parece ouro; e quem não sabe a mestria custa desenganar-se, de que não seja verdadeiro ouro: e são uns dos gêneros mais preciosos do Amazonas, e de muita estimação na Europa. O seu feitio, descripção, e mais miudezas dissemos na descripção da planta.

25 Dos chás mais especiaes daquela região, como são o chá do célebre padu. O chá da erva do Paraguai tão celebrada. O chá do Rio da Ma(da)-deira(s) tão estimado, e preferido aos chás da Índia etc. já demos algũa notícia em outros lugares; menos da erva Paraguai por não ter ainda dela especiaes notícias: nem também sei de certo, se é ou não diversa do chá que usam os castelhanos no Rio da Madeira, que são ũas folhas miúdas; e bastam mui poucas para darem ũa viva tinta ao seu cozimento. Já também falamos da grande quantidade, e variedade que há de cera naquelas matas,

ũa preta, ou apretada; outra tirante a roxo, outra amarela; e outra branca; e os missionários espanhões do Rio Amazonas dela usam nos templos, e tão perfeita, como a da Europa com algum benefício, que lhe fazem. Já também falamos da farinha carimã, de que já se fazem remessas para a Europa etc. e assim vimos seguindo a ordem do alfabeto, e passemos a letra *D*.

CAPÍTULO 4º

PROSEGUE-SE A NOTÍCIA DOS MAIS PRECIOSOS HAVERES DO AMAZONAS ETC.

1 Dentes de jacaré. Poucas especialidades tem o Amazonas na letra *D*, tendo tantas nas letras supras; porque lhe faltam os preciosos dentes dos elefantes; tem contudo os célebres dentes de jacaré, a quem os castelhanos chamam dentes de caimão, que pelas suas grandes virtudes contra os venenos bem merecem o epíteto de preciosos; pois quem tem um tem na verdade um tesouro, porque nas contingências de venenos, ou sejam por mordeduras, e picadas de cobras, e de quaesquer outros animaes peçonhentos; ou sejam conficionados de ervas; ou quaesquer outros externos, ou internos dá, e tem dado abaixo de Deus a vida a muita gente dependurado ao pescoço, ou ao braço, ou de qualquer outro modo de sorte, que toque imediatamente na carne; sendo antes remédio eficaz preservativo; e depois remédio curativo; e já os espanhões, e portugueses, que lhes sabem a virtude não só os estimam como preciosa jóia; mas ordinariamente andam armados com algum como antídoto universal contra todos os venenos internos, e externos.

2 Quando descrevemos os lagartões jacarés, dissemos, o como se descobrio esta virtude do[s] seus dentes; e quaes devem ser? porque não são todos (posto que todos eles segundo a opinião de algum tem algũa tal qual virtude contra os venenos) mas os especiaes são as presas, a que os castelhanos chamam colmilhos: e não de todas as espécies de jacaré, mas só da espécie a que os índios [chamam] jacaré curuba, que quer dizer de inchaços; porque tem [as cascas] das costas cheias de inchaços como pedras. Fora esta virtude contra os venenos, tem outra mui especial contra as dores de dentes chegado por algum espaço à mamilha correspondente ao dente dorido; mas também não são todos, os que tem esta virtude, mas só alguns; e por isso quem quer ter ũa tal prenda em sua casa, primeiro a experimenta, para nas ocasiões a ter certa.

3 Ervas. Passando já à letra *E*, nela temos tantas, e tão especiaes ervas, que se podem com elas encher muitos livros; e na verdade já correm impressos alguns ervários mui úteis, e curiosos, pois é tão fecundo o Amazonas em

èrvas medicinaes, que além de muitas próprias só das suas terras, tem todas as mais especiaes das mais regiões, como a experiência tem mostrado quando se buscam; como são a erva do chá da China, de que já falamos; a erva de que dizem muitos ser meia botica pelos seus grandes préstimos medicinaes chamada contra erva; a abutua, a matapasto; e enfim tantas outras, que julguei por mais acertado fazer delas Tratado separado com o título — *Tesouro Medicinal do rio máximo Amazonas* — e para lá remeto os coriosos, que querem saber as muitas preciosidades daquele rio.

4 Farinha de pao. É o gênero mais útil para os habitantes do Amazonas portugueses, e índios; porque é, e lhes serve de pão quotidiano, assim como o trigo na Europa, os milhos em África, e o arroz na Ásia. Digo portugueses; porque os espanhões habitantes do mesmo rio, especialmente no dilatado, e rico império do Peru já com mais providência, e utilidade meteram as searas do trigo, e milhos da Europa, de que vivem; e o mesmo podiam ter feito, ou fazer ainda nos seus destrictos; porque os climas são os mesmos, as terras as mesmas; e a mesma fertilidade. Das muitas espécies de farinha de pao; como também das farinhas mais especiaes, que se fazem carimã, e tapioca já falamos largamente na descripção da maniba, e sua raiz mandioca.

5 Gado. Já em cima falamos da muita courama, que deita o Amazonas, dela se pode inferir a multiplicidade de gados, que criam as suas terras nas poucas paragens, em que o há que são só nas suas cabeceiras pelos espanhões, e na sua boca pelos portugueses; e todo o comprido destricto do mais rio por mais de 600 légoas quase se pode chamar despovoado, porque apenas tem algũas missões de índios, e outras menos de brancos, onde apenas há algũas cabeças de gado mais por amostra do que para sustento por rezão da custosa condução, mas, no caso, que para isso se não tenha já dado a providência necessária, na "Quinta Parte" insinuarei o meio mais proporcionado, que pode haver, e me parece terá boa aceitação: falando pois só nas paragens onde já há gados, como é na boca, na grande Ilha do Marajó, posto que ainda esta não chega a estar povoada a terceira parte.

6 É pois nesta só ilha na piquena parte, em que está povoada tanto o gado vacum, que há dono, que chega a marcar por ano para cima de 20 000 cabeças de gado, isto é crias, e de tanta criação anual se pode inferir o cômputo grande, que se requer de cabeças: é pois inumerável o gado vacum destas campinas; onde nem os mesmos moradores, e donos sabem o quanto tem senão avulto, porque pasta o gado a sua reveria por aqueles campos misturado com o gado cavalar de que logo diremos, e com as manadas de viados, e mais feras, sem mais pastoreamento, do que de dias em dias irem alguns pastores, a que lá chamam corraleiros a cavalo a vaquejar as suas respectivas manadas para os curraes, que tem junto as suas moradias, que ordinariamente são sobre os rios, para a mais fácil condução para a cidade do Pará. Nem lhe fazem mais benefício, do que no [tem]po da seca no verão marcarem as crias com as respectivas marcas de cada dono, que lhes assignalam nas ancas depois de quentes, e quase em brasa no fogo; e os touros já de alguns anos os capam, e só com estes benefícios deixam pastar o gado por onde quer; e por isso é todo gado tão bravo, que às vezes não bastam muitos cavaleiros para o trazerem ao corral, e sempre foge algum; e para o poderem beneficiar o apanham a laço, como também para o embarque.

7 Há também algũas manadas pelas praças da cidade do Pará, e mais povoações, onde lhes não falta pasto nas mesmas praças, e ruas, que pela muita umidade, e fertilidade da terra sempre estão verdejando de erva, e

feno; e servem não só de regalo a seus donos com o refresco do leite, e regalo das crias; mas também de fazerem ricas, e saudáveis as ditas povoações, por ser mui saudável o seu bafo, e esterco. De tanta abundância nasce a muita fartura de carnes, e a sua grande barateza; porque nos pastos, e curraes se vendem os bois famosos de grandes, e nutridos a 2 000 e tantos réis; e muitas vezes por menos; ũa vaca a 1 000 réis, e assim com proporção as vitelas; e os açougues na cidade estava a libra no meu tempo a 4, e outras vezes a 5 réis, e daqui nasce a muita courama, que se embarca para a Europa, além da muita, que se gasta, e consome na terra.

8 Pelo Rio Tocantins acima, onde principia a ser povoado, que é desde as minas de São Félix, té as suas cabeceiras também há grandes manadas de gados, que fazem ricas as suas povoações; mas todas essas, e a sua courama toda tem o desagadouro, e condução para outros portos, e não para o Pará, por rezão de estar impedida a navegação daquele rio pelas rezões de cachoeiras, e índios bravos, que o infestam. De tanta multiplicidade de gado só nestas vizinhanças do Pará, se pode conjecturar. Quantas se criariam pelas dilatadas margens, e fertilíssimos pastos do rio acima, se lhes metessem algũas cabeças? [Pois] que se estão perdendo campinas, e pastos fertilíssimos, que povoados seriam um incomparável tesouro a seus habitantes; porém como não há embarcações comũas por incúria de quem pertence, e cada morador se vê precisado a ter embarcação própria para se poder servir, e para a esquipar tira do mais serviço os seus fâmulos com grande dano das suas lavouras, não pode conduzir gados; porque lhe importaria o dano mais do que o lucro em muitos avanços.

9 Gado cavalar. É também em grandes manadas, que se criam com as manadas do gado vacum; de que só costumam amansar os machos unicamente para a serventia, que já dissemos de vaquejar; não tendo as fêmeas mais serventia, do que para a geração. São cavalos de boa raça, grandes, famosos etc.; mas como os caminhos, e serventia de toda aquela região é por mar, e rios em embarcações, por isso são pouco estimadas as bestas, de sorte, que se vendem mui baratos. Nos curraes porém do Rio Tocantins, onde já tem saída para serventia das minas, e viagens por terra; já este gado é mais estimado. A sua pastoreação, como também do gado vacum tem muita circunstância[s] de muita coriosidade para os leitores; mas fiquem reservadas, para quando tiver mais comodidade para as descrever.

10 Gado miúdo. É mui pouco usado no Amazonas, e é raro o morador, que tem, e conserva algũas cabeças de cabras, ou ovelhas para variedade mais do que, para sustento; e por isso sem mais benefício, do que o já dito no mais gado; mas essas poucas cabeças, que há bastam para provar com evidência a grande fertilidade do Rio Amazonas, porque não só excedem na grandeza as da Europa; mas também as fêmeas todos os anos parem a dous de sorte, que se tivessem algum cuidado os seus donos poderiam em mui poucos anos ter mui grandes manadas; mas como não tem cuidado algum, ou quase nenhum, assim como nascem aos pares, assim também morrem depois de grandes aos pares; ũas abafadas com o grande calor da terra augmentado com a samarra, e lãa, que lhas não tosquiam; outras, e são as mais, com o veneno tucupi mui gostoso, que bebem pelas povoações, por onde pastam. Outras esvaídas em sangue, que de noute lhe chupam os morcegos; e outras especialmente ovelhas, presas a silvas, e arbustos, por não terem pastor, que lhes acuda etc.

11 Guaraná. Um dos gêneros mais singulares daquelas terras é a fruta guaraná por ser muito medecinal, e o mais refinado veneno de flatos, dores, e cólicas procedidos de nímio calor. Doce óptimo para lhe beber à saúde; e remédio mui eficaz para as desenterias, e cursos, ou sejam soltos, ou de sangue procedidos de calor. Nos calores é óptima limonada; nas febres cordeal refregerante; e enfim é um compêndio de remédios; e por isso digna a sua planta de ser cultivada nos pomares, hortos, e jardins, como fazem os índios, que sendo tão descoriosos no cultivo das plantas, esta contudo tem neles tal estimação, que muitos a cultivam nas suas roças. Na sua descripção já dissemos qual seja o seu fruto mui semelhante a cerejas no tamanho, cor e feitio, e como se beneficiam em massa dura como pedra, e se usa ou mastigado, ou relado em água? e por isso aqui baste esta lembrança para ser contado entre os mais especiaes haveres daqueles rios posto que ainda pouco avultado por não serem ainda bem conhecidos os seus préstimos. Para mastigar, não há bétele, que lhe chegue, e não há doce, sobre que melhor [leva] um copo de água, do que sobre o guaraná mastigado, ainda que seja só na piquena quantidade do tamanho de ũa amêndua ou avelã. Também supre a falta de sono; e muitos o tomam para não dormir, etc. etc.

12 Gengibre. Posto que também o haja na Europa, é contudo tanto nos campos do Amazonas que se pode chamar gênero próprio seu; porque há campos dilatados cujo capim não é outro mais, do que gingibre de natureza. Não pertence aqui a sua descripção; porque é bem conhecido não só por ser tempero mui usado nas ocharias; mas por ser um remédio muito medicinal não só usado dos brancos; mas também mui estimado dos índios, e é um dos seus mais buscados provimentos para as suas doenças especialmente da via posterior. É também um dos mais especiaes remédios para a doença do bicho, e para toda a casta de corrupção da via. Tem várias espécies: ũas delas, que é mais amarela, que as outras, tem além dos mais predicados, o de dourar; porque parecem douradas as suas pinturas como diz o francês *[ilegível]*.

13 Jalapa. Assim como a letra *H*, segundo a opinião de muitos, não é letra mas só um signal de aspiração; assim também não haveres, que mereçam especial notícia e por isso passando-a em claro vamos já a letra *J*: e seja o primeiro seu gênero a jalapa, ou como outros dizem batata; ainda que alguns propugnam em que a batata é diversa. Seja porém o que for, o certo é, que a jalapa é um dos especiaes gêneros, e haveres do Amazonas, onde é um dos especiaes purgantes da Medicina; e também na Europa, e mais mundo um dos especiaes provimentos das boticas. É tanta a jalapa naquele rio, que não tem, nem tem necessidade de cultivo; porque por si mesmo nasce pelos campos. Só se usa da sua raiz ou cortada em piquenas talhadas, e lançadas de infusão em água ardente; e depois separada a água ardente se ministra aos doentes; ou mais ordinariamente da sua raiz *[roto o original]* [co]mo outros lhe chamam extracto tomado em pílolas. Cujo extracto se tira *[roto o original]* água ardente, onde lançando as ditas raízes cortadas em talhadinhas vão destilando a sua [água] a qual depois separada se conserva, e guarda para as occasiões.

14 Jensen. Da erva jensen, que é na Ásia o mais rico contracto, e o mais precioso gênero, já dissemos, que há grandes fundamentos, e probabilidade, que também o haja nas terras do Amazonas; havendo-a, já se vê, pelo que dela, e dos seus grandes préstimos tenho dito, que será ũa grande riqueza para aquele reino, e para os portugueses, e castelhanos, que nela habitam. Já demos a sua descripção, para por ela a conhecerem os coriosos.

15 Leites. Há muitos nas matas do Amazonas, que merecem especial menção: o principal é o leite das xeringas, a que os portugueses chamam nervo: e assim adiante faremos dele mais especial menção. Aqui pertence o leite cumã. Cumã é ũa árvore de excelente fruto; mas o que tem mais excelente é o seu precioso leite, que destila o tronco em abundância depois de ferido: é branco, e depois de pouco tempo, ou poucas horas se condensa, congela, e constipa de sorte, que fica tão duro como breu, e como tal o substitui muitas vezes, e afirmam, os que o usam, que (é) ainda é melhor para o ministério das embarcações do que o ordinário, do qual só se diferença em ser branco. Tem mais um excelente préstimo para toda a casta de encerados misturado, e modificado com azeite: e alguns sospeitam com fundamento, ser este leite o com que os holandeses fazem os seus óptimos vernizes, em madeira, e óptimos encerados nos chapéos de sol. Muitos usam dele em lugar de cera, de que faz um bom suplemento.

16 Leite cozinguba; é também mui alvo, destila-o a árvore ferida, mas sempre fica líquido como leite. Tem alguns préstimos medicinaes; o mais conhecido é para matar as lombrigas, que faz em pó [por] ser mui corrosivo, toma-se para isso pela manhãa em jejum na quantidade de ũa té duas colheres; porque tomado em maior quantidade (dizem alguns) causa ânsias, e convulsões; e talvez a morte; mas advertem, que o seu contra é água quente; e que sentindo-se alguns ruins simptomas, bebendo água quente logo sossegam: Por ser tão corrosivo terá muitos outros préstimos, mas ainda não estão averiguados pelos quimicos, ou anatômicos, como convém.

17 Leite vapuí: é destilado de outra árvore, e mui alvo: tem tão excelentes préstimos, que merece um dos primeiros lugares nos preciosos haveres do Amazonas, e se conservar a sua eficaz virtude transportado em vasos para a Europa terá ũa grande estimação, porque serve primeiro para desfazer, e aniquilar os enchaços, e tumores. Segundo solda por modo de milagre qualquer membro, nervo, ou ossos quebrados; usa-se por untura na parte lesa, e sobre ele se põe algũa delgada pasta de algodão; alguns borrifam com algum pó de incenso, especialmente para os ossos, e membros quebrados; nem há perigo na dose, porque se aplica externamente. Não estou certo, se também bebido fará os mesmos efeitos.

18 Leite cauê: é destilado da árvore do mesmo nome: é um refinado cáustico, ou melhor é um fogo liquido; porque se salpica na cara, ou carne de quem corta, ou fere a árvore lhe causa tal ardor, como se lhe tocasse ũa brasa, cuja qualidade posto que nociva, e venenosa para o peixe, que mata, e os mais animaes, e ainda a gente, que o toma sem as devidas cautelas, contudo mostra, que há de ser muito medicinal depois que souberem acertar com a têmpera, e devida aplicação. Os índios o costumam tomar para purgas; mas se põe em grandes perigos de vida, porque lhes assa as entranhas. Se toca nos dentes, os tira todos: enfim será muito medicinal, mas necessita primeiro de rigoroso exame.

19 Leite morure. É o rei dos leites, porque na sua eficaz virtude a todos é superior. É distilado da árvore do mesmo nome, que já descrevemos no seu lugar. Os seus préstimos são para curar as doenças de gálico por modo maravilhoso, porque por mais arraigado que esteja este mal nos doentes, lho tira, e os cura em 24 horas, ou menos, sem mais preparos, ou preâmbulos, do que tomar, e beber o doente cousa de duas colheres ordinárias, ou três não cheias; e basta esta piquena quantidade para dos mesmos ossos e nervos arrancar em ũa noute toda a doença, e mão humor, como a experiência o tem

mostrado, e vai mostrando *multoties*,* e o faz expelir pela ourina, tão materiada, que claramente mostra o efeito. Causa alguns arrepiamentos, tremores, e convulsões depois de bebido; mas logo param pondo na boca do estômago algum guardanapo, ou pano quente. Da mesma sorte cura alporcas, e todas as doenças que peccam de gálico. Se transportado a Europa, e mais mundo em redomas conservar a mesma eficácia? será um precioso remédio.

20 Muitos outros leites preciosos há no Amazonas; mas uns por não serem ainda conhecidas as suas plantas; outros por não se conhe[ce]rem individualmente; outros enfim por não serem tão praticados, como os já ditos; deixo reservados para os coriosos, que os puderem averiguar como são o leite da árvore cacurana, que para curar feridas é admirável; o leite de ũa erva, ou cipó, que lançado nos olhos inflamados, inchados, e sanguíneos os cura em mui breve espaço de meia hora, como vio um missionário: O leite de outro cipó, ou planta, que aplicado (não me lembra se bebido, se por untura) aos que padecem gota não só os cura com brevidade; mas os cura por ũa vez porque nunca mais volta o mal; de tudo já dei notícia no *Tratado das ervas*.

21 Lixa. Como também este gênero é mui estimado na Europa, e tem bons préstimos, estimação, e consumo; merece também algũa notícia pela muita, que pode repartir o Amazonas porque tem na sua foz tanta multidão de cações grandes, e tubarões, cujas peles são óptima lixa, e se perde por incúria dos seus habitantes: é tanta a abundância dos tubarões naqueles mares, e praias, que os moradores costumam fazer pescas, unicamente para dos seus fígados fazerem azeites para a candeia, e outros usos: e as carnes, e peles deixam pelas praias para pasto de outros peixes, e aves; podendo das peles fazerem mais alto negócio, do que dos azeites.

CAPÍTULO 5º

PROSEGUE-SE A MAIS NOTÍCIA DOS MAIS HAVERES

1 Madeira. É o gênero mais avultado das terras do Amazonas; porque tirando alguns campos ou tabuleiros, em que só nasce erva, todo o mais espaço do rio quase de 1 000 légoas de comprimento, e muitas de largura nas suas margens tudo são matas, e mais matas de óptima madeira ũas ainda virgens, porque desde o princípio do mundo ou desde o dilúvio universal

* Lat.: freqüentemente.

lhes não entrou ferro; e nelas se admiram madeiros de toda a grandeza, e comprimento; e alguns, que tem servido de admiração a todo o mundo como foram um de tal grossura, que apenas o abarcavam 40 homens com os braços estendidos quanto podiam, que vem a fazer 320 palmos, e muitos outros quase semelhantes, e não só na multidão; mas muito mais na variedade se admira naquelas matas da omnipotência divina. Dos mais especiaes, e preciosos já demos notícia em *Tratado* separado; aqui só falamos em geral da sua muita multidão.

2 Daqui tem nascido vários arbítrios sobre engenhos da madeira; de que eu também darei algum da nova invenção na "Quinta Parte", que suponho será bem aceito pelas muitas, e grandes conveniências, que tem; tégora não tem nenhum de suposição todo aquele rio; e só no Maranhão se levantou um, que trabalhou só por alguns poucos meses, e logo teve desmanchos; cuja madeira se embarcava para a Europa: mas me perece, que maiores conveniências haveria se por lá mesmo se levantassem fábricas de navios, para evitar os grandes gastos nas conduções para a Europa, e despachos nas alfândegas, com os quaes vem a sair a madeira tão custosa, que alguns particulares a tem abandonado ainda já posta em Lisboa com os gastos da viagem, por julgarem por mais barato o perdê-la ainda quando preciosas do que remi-la com os impostos; e daqui vem, que só se transporta por conta do fisco real, por não ter conta algũa aos particulares, e vassalos. Mas teria muita se lá lhe dessem consumo em construir navios: Porque a tem muito a sua reveria, e escolha pelas matas sem mais custo, que o cortá-la, e lavrá-la.

3 Mel. É tanta a abundância de mel nas matas do Amazonas, que também se deve contar por um dos seus muitos haveres; os índios são, os que dele mais se aproveitam; e para o fazerem ordinariamente cortam a árvore, donde querem tirar os favos; outros lhe fazem fogo, e grandes fumaças debaixo; com as quaes afugentadas as abelhas se aproveitam do mel sem susto; há muitas castas deste mel a que lá chamam mel de grão, pela rezão de o fabricarem nas árvores as abelhas; outros lhe chamam mel do mato; porque só se faz nas matas, onde quem quer o vai tirar; e ninguém trata de o ter domés[tico] em colmeias, como fazem na Europa; e por isso com muita rezão pode cada um dizer de si — *inopem me copia fuit** — Há muitas castas de abelhas, como dissemos em seu lugar; e por isso também muita diversidade de mel, e muitas castas de cera.

4 Mel de cana. É o mais usado, e ordinário no Amazonas, e da sua muita abondância, e bondade nasce também o pouco caso, que fazem do mel de abelhas: faz-se este do sumo da cana, de que também se faz o açúcar, e águas ardentes; porque é indiferente este sumo, a que chamam guarapa para todos estes usos açúcar, água ardente, mel, e vinagre; o mel, e água ardente é o mais ordinário, e assim como esta é tão barata, como já dissemos; assim o é o dito mel; porque tem por preço ordinário nos engenhos 500 réis o almude; e como é tão barato, e por outra parte mais gostoso, que o mesmo mel das abelhas, tem muito gasto, e consumo além do que já se embarca em barris nas frotas para a Europa onde já tem muito gasto.

5 Melaço: e mel de tanque. São também productos da guarapa da cana, e com alguns arremedos de mel; mas tão distincto do mel supra como do dia à noute; e no Maranhão e Pará, e todo Amazonas é desprezado este melaço;

---

* Lat.: a abundância foi escassa para mim.

e quando muito o aproveitam alguns em água ardente; mas não para comer ordinariamente. De que há duas castas, ũa a que chamam mel de tanque, ou mel de cavalos, e não é outra cousa mais que a borra, e escuma que lança a guarapa, quando está nas caldeiras a ferver para tomar o ponto do mel supra, ou do açúcar; esta escuma, ou escória, que vai lançando a fervura vão os feitores escumando, e sacudindo para um tanque; e depois fica melaço, ou mel de tanque, ou mel de cavalos. Outra casta é a que purga o açúcar, quando se vai constipando, e purificando nas formas, que tem um buraco no fundo, pelo qual o açúcar vai purgando a sua escória. Estes são os melaços, que mais ordinariamente se embarcam para o Reino e Europa com o nome de melaço, de que lá se não faz caso, como já disse, excepto os pobres, ou para contentar os meninos.

6 Madre pérola. São tantas as conchas de madre pérola no Amazonas, que há lagos cheios deste marisco, e conchas: de que há várias castas; muitas do comprimento de palmo, ou pouco menos; mas as maiores que tenho visto não chegam a grandeza das da Ásia especialmente na China, onde há conchas de madre pérola tão grandes que servem de bacias, e alguidares, e como as sabem beneficiar, e lavrar, como querem, por isso é um dos seus mais preciosos haveres, e rendosos contractos, e fazem peças tão maravilhosas, que se presentam por regalo, aos principes, taes eram as escrivaninhas, que nos anos de 40, ou 5 e tantos se presentaram ũa a Senhora Rainha de Portugal, que hoje reina; outra ao Senhor Infante Dom Pedro, que por cousa rara a mandou de mimo à Senhora Rainha de Castela B. Maria Bárbara sua irmãa, e da China as mandou o Provincial da Companhia de Jesus ao Senhor Dom José Arcebispo de Braga eram três, e ficando com ũa, as duas levaram tão nobres mãos. Tinham seus escaninhos, e repartimentos para papel, para tinteiro, e para penas, e tudo parecia ũa só concha.

7 Em atenção aos moradores do Amazonas lhes descobrirei o segredo de poderem lacrar as suas madres pérolas, e fazerem delas aquelas preciosas obras, que fazem os chinas; e é o seguinte: cozem-se em água em tachos os cascos, ou conchas com bom fogo, e fervura por espaço de 24 horas contínuas, e com esta infusão, e fervura de tal sorte abrandam, e amolecem que se despegam com facilidade os cascos uns dos outros, e se podem lavrar mui facilmente conforme a vontade de cada um; e ainda se podem accomodar em formas, e tomar as figuras, que quiserem. Para o que se deve saber, que as conchas madres pérolas; quando são grandes, posto que parecem um só casco, ou concha, cada um tem dous, ou três, ou talvez mais conforme a sua grandeza, e grossura; e com este cozimento se abrandam, e despegam uns dos outros com facilidade. Deu nesta mestria um china, e com ela, que guardava em segredo em riqueceo, enquanto não foi espreitado, e divulgada a indústria.

8 Neufrítica. As celebradas pedras neufríticas, a que os naturaes chamam puuraquitã é ũa das preciosidades do Amazonas português, de que os estrangeiros fazem grande estimação, posto que os portugueses lhes não dem a devida. Digo do Amazonas português, porque, no espanhol a não há, ou porque os seus índios não tem lá o seu barro, ou porque o não sabem aproveitar; e tenho para isso o fundamento, de que os mesmos espanhóis, que tem descido pelo rio as buscam delas fazem grande apreço; o que denota, que em cima as não tem. Há várias castas destas pedras; as mais ordinárias, e dizem que as de mais eficaz virtude são de cor azul claro: outras são mais esbranquiçadas: são também muitas verdoengas. Os índios as estimam

também muito; e dizem tem entre eles o valimento do dinheiro; assim como nos brancos a moeda; mas também as estimam por ornato; e fazem enfiadas delas, e põe a roda do pescoço de suas filhas por guarguantilhas, fazem colares etc.

9 Sobre a sua matéria, há várias opiniões, porque uns dizem, que elas se acham em algum, ou alguns lagos já feitas, e lavradas, como as vemos; outros com mais probabilidade, dizem, que os índios as fazem toda a vez, que querem de ũa certa espécie de barro finíssimo de baixo da ágoa, e que tirando-as da ágoa já feitas, se indurecem, como pedras, e como as vemos de diversos feitios, e figuras. Junto a foz do Rio Topajós está um lago vezinho a Missão de Buvari, que os índios tem por sagrado, ou possuído de fantasmas, e por isso se não atrevem a chegar lá; e tem por fama, que neste lago se achavam antigamente já feitas estas pedras neufríticas, porém, a experiência parece mostra, que elas se fazem por arte, não só pelas diversas figuras de animaes, e diversos feitios que tem; e serem todas furadas por dentro, ou, se são chatas, com buracos para se poderem dependurar ao corpo; mas muito mais porque por muitas vezes estrangeiros, especialmente castelhanos e franceses, que tem abarcado quantas apareciam, e as pagavam com subido preço, de sorte, que parecia não ficar já algum em algũas povoações; contudo de novo tornam a ver-se nas mesmas com a mesma quantidade que antes; dos seus préstimos medicinaes para as doenças do ar, estupores, e males neufríticos já dissemos em outra parte, especialmente no *Tesouro Medicinal*.

10 Óleos. Da muita variedade de óleos, que há no Amazonas, se podia fazer um bom tratado: de alguns já demos notícia no cômputo dos bálsamos, como são os bálsamos cupaíba, carrapato, etc. de outros no lugar dos azeites como são o de gerzelim, o de andiroba, o das palmas etc., e por isso agora só apontaremos o óleo do algodão, isto é, o óleo extraído das sementes do algodão, o qual, por ser muito quente, é muito medicinal; e dele pode haver muita cópia, conforme a abundância que já dissemos, de algodão. Há muitas outras castas de óleos, cuja quantidade indica o muito que se vê sobre os lagos, e insiadas das baías, e rios, onde as ágoas estão paradas, e quietas; porque por cima se vem cobertas de óleos destilados de árvores, e frutas, que tem, e caem à borda, e margem; mas como delas se não faz caso; também é escusado fazermos mais menção. Dos óleos de cobras, e outros animaes, se podiam também prover com muita abundância as boticas por rezão da muita cópia de cobras, lacraos, e mais sevandijas que criam aquelas terras.

11 Pedras medicinaes. Das pedras preciosas diamantes, rubis, topázios etc. já demos alguma notícia no *Tratado dos Mineraes*, onde dissemos serem tantas, que para os portugueses as declararem chamam alguns rios paióes de diamantes, dos quaes desagua um nas cabeceiras do Rio Araguaia, outro no Rio Xingu; outro no Rio Madeira, etc. mas como destas fizemos já menção no *Tratado* dito; aqui só tocarei as pedras medicinaes mais preciosas, senão na cor como aquelas; nos préstimos que tem na Medicina, posto que também destas já falamos, quando descrevemos os rios, e muito mais no *Tratado Medicinal*, e por isso aqui só as apontaremos como especiaes haveres e riquezas do nosso Amazonas. Da pedra neufrítica já dissemos supra. Das pedras bazares de camaleão, de jaboti, de viado, porco espim, bugio, e vaca, também já falamos na letra *B*. Há pois muitas outras como são. Pedra dáguia, pedra antimônio, pedra quadrada, ou como lhe chamam outros condor; pedra ainão, e pedras de sapo, de cobra etc. e de todas muita abun-

dância. As dáguias se acham pelas praias dos rios. As de antimônio pelo Rio Tocantins como também as quadradas em mineraes. As de sapo, e cobra nas suas cabeças.

12 Há mais muitas outras pedras de estimação: porque nas cabeceiras do Rio Topajós há pedreiras de belo mármore, e precioso cristal: há também pedreiras de pedra pomes, de que são testemunhas as muitas, que bóiam pelo rio abaixo. No Rio Xingu há pedreiras de pedra azul, como também no Rio Coroá; quase em todas as praias dos rios há infinidade de pedras triangulares, outavadas, ovadas, piramidaes, hexágonas, brancas, vermelhas, roxas, resplandecentes, e de muitas outras cores: e posto que por agora ainda se não estimam estas pedras por estar quase tudo despovoado; não duvido, que pelo tempo adiante venham a ter a devida estimação, que tem na Europa; e não duvido, que haja muitos outros mineraes de preciosas pedras; mas como quase tudo está ainda despovoado de brancos; e os índios não fazem caso, senão da sua puraquitã, é o muito por agora, que as não houvesse caindo aqui bem o ditado — Dá Deus nozes, a quem não tem dentes.

13 Paos preciosos. Acima falamos da muita madeira das matas do Amazonas em comũa. Agora tem aqui o seu lugar os paos preciosos, e de maior estimação, que criam aquelas terras: mas como são tantos, e de tanta diversidade, e beleza, que vencem a todas as mais matas do mundo, segundo se sabe das Histórias, me pareceo fazer deles um *Tratado* separado, aonde podem os coriosos ver, os de que se faz maior estimação, e grande comércio já para a Europa. Como também outro *Tratado das Palmeiras:* e por isso aqui basta este piqueno apontamento.

14 Puxeri. É um dos mais preciosos haveres do Amazonas, não só pelo seu belo e mui aromático cheiro; mas muito mais pelos seus grandes préstimos na Medicina. É fruto de ũa grande árvore silvestre, semelhante às belotas. De que há várias espécies; quatro são as mais conhecidas. Primeira e mais comũa é pouco mais comprida que as nossas belotas; mas, mais grossa de cor vermelha, e cheiro mui aromático. Segunda é a chamada pelos naturaes puxerirana, que quer dizer puxeri bastardo: terá o comprimento de metade dos outros, e grossura de um dedo. Terceira é maior, que estas duas, e também de maior estimação: cor também vermelho. A quarta espécie é do tamanho da primeira, isto é como uma grande belota, e se distingue de todas as mais em ser branca. A puxerirana é amarelada. Secas ao sol, ou a sombra; estala, e se tira ũa delgada camisa, ou casquinha, e as frutas se abrem, e devidem em duas ametades; e assim divididas se usam. É fruta picante como a pimenta, e muito cálida; é totalmente oposta a que acima apontamos guaraná, e também com efeitos totalmente opostos; porque assim como o guaraná supra é remédio eficacíssimo contra as doenças, que procedem de nímio calor; assim esta puxeri é remédio eficacíssimo contra as doenças procedidas de frio; nem para isso [há] melhor, nem ainda equivalente virtude na noz moscada, no cravo, ou na pimenta da Índia, como confessou um prático, que na Ásia o preferia, e para isso o mandava recomendar a Europa vindo do Amazonas. Chamam-lhe furão das cólicas [e] flatos frios, e tem muitos outros préstimos, que se podem ver no *Tratado Medicinal*.

15 A Pimenta. Não se cultiva a ordinária da Índia, suponho que por rezões de Estado; para que a da Índia não perdesse a sua estimação; e por isso se mandava arrancar a muita hortense, que já havia na América portuguesa, onde se dá com muita facilidade, e abundância; tem porém muitas outras

castas de pimenta, que não só suprem mas vencem a ordinária. Mas porque os coriosos desejarão saber, qual seja a planta desta pimenta da Índia; lha descreverei brevemente para que a conheçam pelas matas, onde me parece ali silvestre. É pois a sua planta um cipó mui semelhante à hera, que cresce encostada às árvores, muros, ou estacas, que acha; e os que a cultivam na Índia lhe fazem latadas, ou parreiras, por onde ela se estende. Dá o seu fruto em cachos com uns piquenos, ou miúdos bagos semilhantes as uvas pretas: e como uvas tem por fora ũa tênue cute, e entre ela, e o caroço de dentro tem ũa piquena massazinha mui adocicada, e gostosa, de que os pássaros gostam muito, e por isso comem a pimenta por não poderem separar ũa da outra. O caroço pois de dentro seco ao sol é a pimenta, que vem, e se chama da Índia; e outros lhe chamam pimenta redonda, e pimenta preta.

16 Há também pimenta branca do mesmo feitio, mas algum tanto mais graúda, e mais picante: esta é fruto de ũa árvore silvestre, que o dá também em cachos; mas não é tão estimada, como a preta, nem a cultivam, não sei porque, sendo ela mais picante, e avultada. A pimenta longa, que também vem da Índia; e é a mais usada nas boticas é no Maranhão, e Amazonas tanta como mato; e vi duas espécies: ũa cuja planta é pouco maior, que arbusto cujas folhas são cinzentas a respeito das mais plantas, que são verdes: O seu fruto são ũas torcidas do comprimento do dedo meminho, e da grossura de ũa torcida. A segunda espécie de pimenta longa é fruto de ũa piquena árvore, que tem a folha como louro; e dá por fruto esta dita pimenta longa preta do comprimento de um dedo, e da mesma grossura de torcida; e se diferença da outra, em ser preta, e algum tanto mais comprida; e a outra é parda; é agr[este] mas tem o mesmo picante, e préstimos que a pimenta longa da Índia, e se a cultivassem talvez crescesse mais: há muita quantidade; mas só algum boticário se aproveita dela.

17 Pimenta malagueta. É a mais estimada no Amazonas, e todos a cultivam não para contrato; mas para os gastos de casa: é um *omnia** nos seus préstimos, porque não há iguaria nem menestra, em a não misturem: é o molho ordinário assim nos índios, como nos brancos, e supre os azeites, e vinagres com só machucarem ũa ou duas, ou três conforme querem em ũa colher de caldo ou de carne, ou de peixe, e tem feito o seu molho e quando muito lhe accrescentam algũas pedrinhas de sal. Abre a vontade de comer, e dá ũa galantaria mui apetitosa as viandas cozinhadas com algũa malagueta. É muito medicinal, é delgada, e comprida como um pinhão, mais vermelha, e mui retinta. Fora a malagueta, que é a mais estimada: há várias castas da pimenta redonda, mais graúda, que a da Índia, cujas plantas são piquenas árvores, e as dão, não em cachos, mas como as cerejas: algũas delas se chamam pimentas de cheiro, porque tem um bom cheiro; e não são tão acres, como as malaguetas. Há também muitas castas de pimentões diversos assim na cor, como no tamanho e feitio, etc.

18 Muitas mais miudezas dignas das Histórias tem estas muitas castas de pimentas, especialmente as ma[la]guetas, que aqui não conto por brevidade. Apontarei só uns três usos, que tem mais especiaes, e de grande proveito, de que se podem aproveitar os leitores ainda cá na Europa, aonde também há já algũa malagueta; mas quando a não haja, se pode suprir com pimentões. 1º São os achares, ou acepipes, e desenfastios, que das pimentas se

* Lat.: tudo, i.é, na frase o Autor quer significar onímoda, ilimitada.

costumam fazer de muitas castas. O mais especial se faz assim. Colhe-se a matéria, que se quer pôr de conserva; que pode ser ũa só, ou muitas conforme a vontade de cada um, *v. g.* cinouras, rábanos, nabo[s,] pepinos; olhos de palmeira (e são os milhores) repolho, couve flor; frutas etc. etc. etc. enfim cousas tenras. Põe-se tudo de salmoura; e depois de tomar bem o sal, se põe a secar ao sol com cujo calor não só seca, mas deseca toda a sua umidade, e salmora té se fazer enrugada a matéria, e murcha: assim desecada, e defecada se lava muito bem do sal e se mete nas vasilhas, que devem ser vidradas com vinagre, alhos, mostarda, gengibre, e principalmente com bastantes malaguetas, ou em seu lugar e falta, pimentos, depois de algum tempo, quando baste a se cortir já se pode comer, e é o mais apetitoso pratinho para as mesas; o melhor acepipe para o gosto; o mais estimado regalo das familias: nas casas a melhor conserva; e nas viagens a melhor matalutagem e viático com a circunstância de que pode durar anos e anos sempre perfeita, havendo cuidado de sempre que se tira alguma parte, se torne a tapar bem a vasilha.

19 2º uso mas só das malaguetas. Apanham-se, quando bem vermelhinhas, e maduras, e se põe a secar ao sol; e quando bem secas se moem, ou pisam; e se caldeam com sal também pisado, e moído, e se guarda em vasos, quaesquer, que sejam contanto, que sempre se conservem isentos da umidade: e é o tempero mais usado, de que se provém muitas casas para todo o ano; e muito usado dos índios especialmente nas viagens, em que não pode ter à mão as malaguetas frescas. Quando pois fazem de comer deitam ũa pitada na panela maior, ou menor conforme a maioria do guisado, pouco antes de se tirar do fogo, ou sendo *[roto o original]* antes; e lhe dá um gosto mui especial. O mesmo se faz nos molhos deitando-lhe ũa piquena pitada. 3º uso se faz também das malaguetas, mas se pode também fazer na sua falta dos pimentos: é, o que chamam piraquinha, muito usado dos índios, e muito gabado dos brancos. É deste modo. Deitam as cabeças do peixe, e de tartarugas, barbatanas, cauda, e costelas, que *aliunde** se costumam deitar fora, em ũa panela com ũa espécie de couve, ou hortaliça a que chamam tajoba, ou taioba. Misturam-lhe ũa boa porção de malaguetas, e a põe com água ao fogo té se cozer tudo. Depois de cozido conservam sempre quente a dita panela ao pé do fogo, e quando querem comer tiram com colher a porção, que lhes parece; e é comida regalada, e sempre prompta a toda a hora, que querem; e para a terem sempre provida toda a vez, que tem os materiaes ditos, que é todos os dias, ou quase todos, lhos vão deitando dentro, segundo a porção que vão tirando.

20 Pecacuenha, ou purga de cipó. É um dos haveres mais preciosos do Amazonas; é o ruibardo da América; e é o purgante mais especial das suas matas. É ũa raiz delgada, cheia de nós, e do feitio do genital dos patos, e daqui vem o chamarem-lhe os naturaes pecacuenha, que quer dizer na sua língua genital do pato. É purga já mui vulgar na Europa com efeitos, e préstimos admiráveis para parar todos os cursos ou sejam soltos, ou de sangue, porque lhes tira o mao humor, e causas. Também os seus por dados a beber as molheres lhas alimpam o útero, e fazem conceber. Dizem que tem as mesmas, ou mais virtudes que o célebre ruibarbo da [China].

21 Purgantes. São tantos no Amazonas, que só deles se pode fazer um *Tratado*. Dos mais especiaes já fiz menção no *Tesouro Medicinal;* aqui só

---

* Lat.: aliás.

apontarei os seus nomes; deixando as colinguitiças atrás, e a pecacunhenha supra. Tem ainda os purgantes seguintes[:] purga de pinhão, purga de carrapato. De jalapa; de antimônio; de douradinha; de maraparaíba: cerejas bravas, e muitas outras; e de todas se podem fazer grandes provimentos e remessas para a Europa, e serem um dos haveres comerciáveis do Amazonas, em tanta cópia, que se podem carregar navios; e delas usam os índios, e brancos naquelas terras com bom efeito sem se lhes ser necessário recorrer as boticas. Vejam-se cada ũa nos seus lugares no *Tratado*, ou *Tesouro Medicinal*, onde apontamos muitos outros purgantes.

CAPÍTULO 6º

PROSEGUEM-SE OS MAIS GÊNEROS DO AMAZONAS

1 Quinaquina. Um dos gêneros mais preciosos, que deita para a Europa, e mais mundo o Amazonas é a quinaquina bem conhecida já nas boticas pela sua singular virtude contra as sezões, e mais febres; por cuja causa se chama já por antonomásia o febrífugo além de muitos outros préstimos, que tem na Medicina. É inumerável nas cabeceiras do Amazonas, ou por todo o seu destricto, donde com muita dificuldade a transportam os castelhanos pelo rio acima, e a conduzem aos seus portos, e deles para a Europa. Disse por todo o seu destricto, porque no destricto português ainda não é bem conhecida por incúria, e não por não a haver; porque ninguém duvida, de que a haja por todo o rio, e já pelos anos de 50 e tantos se dizia, que no Rio Solimões a descobrira um corioso missionário carmelita; e já antes nos anos de 40, e tantos afirmava um português que a tinha visto, e conhecido nas Serras do Paru, que são vizinhas à foz do Rio Amazonas; e se ofereceo ao Governo que então governava aquele Estado para a ir mostrar e fazer ũa grande colheita; mas não foi ouvido, nem despachado, não sei porque rezões; sendo que aos portugueses lhes *[roto o original]* muito mais conveniência, que aos castelhanos, por rezão da facílima conducção pelo [rio] abaixo aos seus respectivos portos.

2 Porém não é muito, que nos portugueses do Amazonas haja tanta incúria, e negligência em se não aproveitarem do tesouro grande, que Deus lhe deu naquele rio; quando também do mais Brasil incorrem a mesma censura, por não se aproveitarem da muita que tem às carradas por muitas partes. Com rezão diria um alemão militar no Pará — Que Deus depositara as minas e tesouros nas mãos dos portugueses; mas que a eles estrangeiros lhes dera habilidade de lhas tirarem —. É tanta a abundância da quina no Rio Paracuruca, que pode carregar frotas inteiras. Deste o seu nascimento té a sua foz estão cheias dela as suas matas, e nas suas cabe-

ceiras é tão fina, como a mais fina dos castelhanos, a que chamam casquilhas, como testemunhou o vigário da freguesia de Porougue Valentim de Lira, que antes de se ordenar era professor de Medicina, e ainda vigário lá a mandava buscar para muitas curas que fazia por caridade: O mesmo certificou um José Lopes homem muito gra[ve], e fidedigno, dizendo, que em ũa sua fazenda chamada do Espírito Santo tinha muita abundância, e para prova mandou buscar alguma, que mostrava aos que a queriam ver, e provar. A Serra de Ibiapaba, vizinha ao Maranhão, tem as suas matas cheias correndo de Norte a Sul. No Rio de São Francisco mostrou as suas árvores um fulano Peixoto homem dos mais graves daquele rio, e [inteligente] da Medicina, e muitos outros.

3 De tanta abundância, de que os portugueses podiam fazer grandes negócios, e a deixam perder por incúria; se pode inferir a incúria dos habitantes do Amazonas por mais, que os médicos, e professores da Europa se tenham empenhado no seu transporte pelos portos portugueses, pelos vícios que acham na quinaquina dos castelhanos, que era bom evitar: 1º porque a de Castilha acham viciada com outras cascas, que lhes ajuntam de outras plantas para fazerem maior quantidade. 2º porque mui fraca na sua virtude talvez por muito velha, e pelos descaminhos, que leva na longitude dos transportes, e conduções aos seus portos. 3º e é o mais ordinário vício, porque refervida, e corrupta por não ser conhecida a seu tempo, e beneficiada como deve. Todos estes danos se evitam especialmente os dous últimos na colheita, e transporte dos nossos portos, para onde é facílima a condução rio abaixo, assim como é dificultosíssima aos castelhanos rio acima, por cuja rezão se não aproveitam, [dos] muitos cacaos, cravos, salsas, e mais haveres, que tem nas suas matas, e apenas fazem algũas colheitas da baunilha, e quinaquina, por cousa mais preciosa; e com tantos riscos, e perigos, que se lhes perde muita, e só a um se perderam ũa só vez por junto 200 arrobas de quina.

4 Há duas castas de quina em diversas plantas. Ũa mais grossa, que é a mais vulgar com o nome de quinaquina. Segunda é mais fina, e preciosa, e de virtude mais refinada, a que os castelhanos chamam casquilha. Aplica-se, e usa-se de diversos modos; o mais ordinário no Amazonas, e mais Brasil é feita em pó, e este caldeado, e bem mexido com mel de abelhas, e tomar por cada vez que padecem febres, e sezões duas colheres, que vem a ser ũa de quina, e outra de mel. Outras vezes se toma por cozimento etc. etc. Para as suas colheitas se deve muito atender ao tempo proporcionado, que deve ser no mais seco do verão de agosto por diante; e no Amazonas o tempo mais seco são os meses de outubro, novembro, e dezembro: porque apanhando-se em tempo úmido, referve com a umidade, e se perde; em cuja circunstância se deve muito advertir.

5 Resinas. Em tanta multidão, e diversidade de arvoredo já se vê, que há de haver muitas e mui diversas resinas: ũas cheirosas; outras medicinaes; outras com muitos préstimos; e de algũas se aproveitam nas suas matas os holandeses, e delas fazem óptimos vernizes, em que tem grandes cabedaes. De algũas farei aqui menção. Tem o primeiro lugar a resina da árvore paricá por ser a verdadeira goma arábia como já o tem averiguado muitos coriosos; e entre os mais, mo certificou um missionário de muita experiência, acrescentando, que já na sua missão se não duvidava, de que fosse a verdadeira goma arábia; e que já dela se proviam muitos em lugar da que antes lhes ia da Europa vinda da Arábia. Segundo é a resina de caju, de

que também afirmam muitos ser espécie de goma arábia, porque tem os mesmos préstimos, e efeitos; e dela usam os naturaes para a encadernação dos livros, e em muitos outros usos com melhor efeito, do que as massas de farinha, por serem mui sojeitas aos bichos, que por causa delas destroem os livros com muita brevidade. Não assim os encadernados com a goma ou resina de caju, e por essa causa costumam lá ordinariamente encadernar de novo, os que vão da Europa; e já para a mesma Europa se embarca algũa, posto que quase toda se perde pelas matas onde há tanta, que se podem carregar navios. A mesma árvore caju per si a está desfilando pela terra em grande cópia; e muito mais quando lhe dão algum golpe.

6 Terceira resina ainda mais preciosa, que as duas supra, posto que de diversa qualidade, é a que chamam jotaisie, resina da árvore jotaí, porque é cheirosa, e aromática; e suspeitam muitos, que esta resina é algũa espécie de incenso, e por tal a usam muitos, ou só per si, ou misturada com o mais incenso. Os naturaes se servem dela para burnirem os seus vasos, e panelas, que parecem vidradas, e resistem bastantemente ao fogo, por cuja causa é estimada a sua louça: este seu préstimo com a singularidade de ser cheirosa a faz preciosa, e muitos fazem com ela óptimos vernizes; e só para algũas coriosidades se aproveita algum bocado, a mais toda se perde.

7 Quarta resina. Almécega também cheirosa, e com alguns préstimos na Medicina; de que há diversas castas, que se diferençam nas cores. Tem a propriedade, e préstimos do breu, e para este uso tem estas resinas o maior gasto na factura das embarcações; também é óptima para os vernizes, e pinturas. De resina da árvore maçaranduba, e outras já demos notícia acima de ser o breu mais usual, e comum. Há muitas outras castas de resinas mui estimáveis como a da árvore macuá, da árvore sumaumeira, e muitas outras, por cuja abundância se não faz caso: mas o fariam grande na Europa se houvesse ou coriosidade ou providência de as aproveitar, e embarcar, como pelo tempo adiante, quando se povoar de algũa sorte aquela grande vastidão de terras não duvido se hajam de aproveitar como das mais riquezas que lá se perdem.

8 Salsaparrilha. É já tempo de entrarmos a dar notícia da célebre salsaparrilha por ser um dos mais avultados, e lucrosos haveres do rio máximo Amazonas; não é tão estimada a salsa hortense para o tempero das viandas, quanto a salsaparrilha para os destemperos da vida, e falta de saúde. É um dos três principaes gêneros, a que sobem os moradores a fazer grandes colheitas naquelas matas, que são cacao, cravo, e salsa; todos os mais haveres são como adjuntos; e só estes três são os que fazem na oração; mas de sorte, que quem sobe, [e entra] nas matas a fazer colheitas destas drogas, não vai a fazer, e carregar os seus barcos de todas três juntas; mas vai determinadamente a um [só] gênero principal; porque uns vão determinadamente a cacao, outros só a cravo, e outros só a salsa; e estes são os menos, por rezão de ser mais custosa de beneficiar, porque [usam] salsa macia como a hortense; mas muito espinhadas como a madre silva, como já dissemos na descripção da sua planta; e muito mais no *Tesouro Medicinal;* aonde remeto os leitores, que quiserem ver os seus grandes préstimos medicinaes para as doenças procedidas de frio; e principalmente para as que procedem de gálico; e nisto se consomem as muitas mil arrobas, que se costumam embarcar todos os anos para a Europa; além da muita, que se gasta na terra.

9 Sal. Não falo aqui do ordinário, que se faz de água salgada congelada tão usual, e comum, como todos sabem; menos os índios, que o não usam, excepto os domésticos e man[so]s, e suprem a sua falta com o sal que tiram de algũas palmeiras queimadas, e outras plantas; mas ordinariamente lhe dão pouco gasto. Falo só do sal mineral, ou sal de pedra, que também tem o Amazonas onde se chama Rio Maranhão acima do Solimões, e no destricto dos castelhanos, e destas minas se provém de sal todas aquelas missões, e povoações, que naquele rio, e colatraes tem os castelhanos com grande providência de Deus; porque seria custosíssimo para lá o sal ordinário. São estas minas, como qualquer outra mina de pedra; de sorte, que se tira, e arranca com alavancas como se costuma arrancar a pedra; e por isso se tiram pedaços da grandeza, que querem, e algũas pesam para cima de um quintal. Não é tão alvo como o marinho, antes atira para pardo. Mas faz os mesmos efeitos, que o sal das marinhas. Nos domínios portugueses também alguns índios afirmam haver semelhantes minas de sal; e dizem que delas se proviam os seus parentes, quando estavam nos matos; mas não o provam com algũa amostra. Mas não há dúvida, que há também minas de sal nos mesmos domínios portugueses, quando não sejam de pedra, são de terra, e barro, tão salgado como o mesmo sal marinho; digo quando não sejam de pedra porque como já disse, alguns índios afirmam haver, e talvez que as mesmas de terra, sejam por baixo pedra.

10 Semelhantes são as salinas do Rio de São Francisco, porque são terra, mas tão salgada, como o sal da marinha; e destas minas, que andam a[rre]mata[das] por um grande contracto em grande soma de dinheiro se provém muita ou a maior parte das minas, e povoações daquele rio: semelhantes a estes cuidam muitos com grandes fundamentos haver nas margens do Rio Madeira, perto da sua foz, onde desagua no Amazonas; porque são ũas barreiras, aonde todos os dias acodem a comer daquele barro, e terra inumeráveis feras do mato: porém a fácil condução, e provimento, com que se provém os portugueses por todo o seu destricto, e o estar a maior parte dele despovoado faz o não se averiguar a casta daquele barro; nem o fazer diligência por outras salinas terrestes, que haverá por outras partes: e não é mesmo, que façam tão pouco caso, e tão pouca diligência por todas estas minas terrestres; quando também não fazem caso das minas do sal marinho, de que também podiam ter muita abundância na boca do Amazonas, e praias do salgado; e no Maranhão há salinas de natureza com tanta abundância que pode carregar frotas inteiras; contudo é tal a negligência dos naturaes, que todo deixam perder, e tendo-o de graça o compram nas frotas levado da Europa a 550 réis; e basta isto para incarecer a pouca diligência, que fazem os portugueses por se aproveitarem das suas riquezas.

11 Tabaco. Dá-se com tanta abundância, e bondade no Amazonas, que quando nele entraram os franceses a primeira diligência, que fizeram, foi em fazer ũa feitoria de tabaco como na verdade fizeram na boca do Rio Xingu, pouco acima da boca do Amazonas; bastava [só] este gênero para enrequecer aos habitantes do Rio Amazonas segundo o grande gasto, que tem no mundo; e bastava só um Amazonas para encher de tabaco a todo o mundo se não obstasse o muito, que do mais Brasil, e de toda a América se transporta todos os anos para a Europa, e só o do nosso Brasil anda arrematado em dous milhões, e tantos mil cruzados; por cuja causa não tem saída o do Amazonas; e por isso há pouca diligência no seu cultivo: mas é tão especial, que todos o preferem ao mais. No seu cultivo lhe vão decotando de dias

em dias os olhos; contudo cresce a tanta altura, como de um cavaleiro, e as folhas quasi a três palmos, e bom palmo, e meio de largura. As suas mais miudezas, e factura, como também as diversas castas, que se fazem de tabaco, e o seu bálsamo, descrevemos com miudezas no *Tesouro Medicinal*. Aqui só acrescento a receita do tabaco castelhano; a qual não é outra cousa mais, que o mesmo tabaco ordinário, moído com a tinta carajuru, de que também há abundância no Amazonas. Como veremos adiante: quando está meio moído se lhe lança a tinta na quantidade de ũa boa pitada, o que, para ũa libra pouco mais ou menos; e a mesma tinta encobre a sua ruindade se é mao; e é toda a mestria do tabaco castelhano. Em lugar da tinta carajuru, lhe deitam alguns a tinta orucu, ou algũa outra vermelha, de que há muitas castas.

12 Taboca. Assim chamam a ũa espécie de canas, que há no Amazonas mui diversa das canas ordinárias assim na grossura, porque chegam a engrossar como, ou mais de um pescoço de homem; como na altura; porque sobem aa 40, e mais palmos, e sempre desde o pé até quase a ponta com a mesma igualdade e grossura: a firmeza, e fortaleza é também suficiente a poder com grandes pesos: por estas suas propriedades se faz digna de grande estimação, e tem grandes préstimos ainda nos índios; porque com ela se defendem uns dos outros fazendo tabocaes fechados como cercados, a trincheiras, dentro das quaes vivem seguros. Também em muitas partes, especialmente em Guaiaquil fazem delas grandes jangadas atracadas em fortes ligaduras para o transporte de muitas, e grossas fazendas, com mais segurança, do que em barcos sem medo de irem ao fundo; e nas mesmas embarcações piquenas, quando os índios se querem segurar de naufrágios, atam nos bordos ũa taboca de um, e outro lado, e navegam seguros. Por dentro são ocas; mas a sua côdea é tão forte, e dura, que delas fazem os índios as danças, ou chopas, que põe nas suas grandes frechas, a que chamam taquaras, que cortam como ũa faca. Nos mesmos brancos tem estas canas tabocas muitos préstimos como são escadas mui leves, e maneiras para os templos: são escolhidas para varas, ou vergas dos palanquins, e cadeirinhas de mão etc. etc.

13 Tramagueira. É ũa árvore, que nasce em muitas paragens nas margens do Rio Amazonas com um grande préstimo de preservar, e curar a hidropesia, e por isso se fazem dos seus troncos copos, e vasos por onde bebem os doentes da tal queixa, ou os que se temem dela deitando-lhe algum tempo antes de infusão; e tem neste préstimo notável gasto.

14 Tartaruga. É um dos mais copiosos haveres do Amazonas não rio acima; mas nas dilatadas praias da sua foz, onde a água já é salgada; não porque as não hajam por todo o rio acima; mas são de outra espécie diversa das do salgado; cujas carnes [são] deliciosas; e o maior sustento dos seus habitantes cujas propriedades, e feitio, e multidão já descrevemos na "Primeira Parte". Mas não tem cascos capazes de obras por muito fino, e por isso se lhes não aproveitam. Não assim as tartarugas do salgado, de que só aqui falo, por serem os seus cascos mui preciosos, e estimados na Europa, para onde se transportam: e posto que há imensidade destas tartarugas de casco, e com carnes mui saborosas, ordinariamente só [lhes] aproveitam os cascos; e para lhos tirarem com facilidade as enterram, e deixam apodrecer debaixo da terra as carnes: e depois lhes vão tirar os cascos limpos, e esbrugados, dos quaes são alguns tão grandes, que há casco, que pesa ũa libra, e outros

mais: e cada ũa tem entre grandes, e piquenos fora as unhas, que também são preciosas.

15 Outra vez me impele aqui a atenção dos habitantes do Pará, Maranhão, etc, para lhes descobrir dous segredos mui fáceis, e úteis para poderem aproveitar-se das suas muitas tartarugas, e fazerem dos seus cascos obras admiráveis de muita preciosidade, e estimação. Bem sei que já um deles o sabem no Maranhão alguns particulares; mas o sabem com tal segredo, que *nullo modo** o querem revelar, eu porém, que o não sei em segredo; e por outra parte, já suponho que quando isto se divulgar já eles estarão mortos, o quero aqui descobrir. Já se sabe, que para se lavrarem, e accomodarem as suas formas se aquentam em água fervendo estes cascos, onde amolecem, e se põe capazes de se accomodarem à forma, que lhes querem dar. O que suposto vai o primeiro segredo, que é para se poderem unir, e ligar uns cascos com outros, segundo a grandeza da obra, que se quer fazer: é pois sobrepor as pontas de uns a outros cascos; meter-lhe clara de ovo batida, e logo por cima ir lhe correndo um ferro bem quente, e ficam ligados; e depois com instromento apto se atiram; e burnem, e deste modo se fazem óptimos bordões, e muitas outras obras de grande primor, que parecem um só casco inteiriço; e no vão de dentro se mete algũa vara, ou enchumaço dourado para fazer sair bem as lustrosas malhas da tartaruga.

16 Segundo e mais admirável, é derreter a tartaruga ao fogo em vaso proporcionado, do mesmo modo, que se costuma fazer o grude; e depois de estar em massa se vai acomodando às formas, que devem estar promptas, onde assim que vai esfriando, se vai outra vez indurecendo, té ficar na sua dureza an[ti]ga, ou mais. É este segredo ainda de mais proveito, que o primeiro por três rezões: primeira porque assim se aproveitam todos os fragmentos que antes por miúdos se desprezavam. Segunda porque deste modo se podem fazer quaesquer obras piquenas, ou grandes, conforme a vontade dos oficiaes. Terceira porque se podem variar as malhas como quiserem tendo diversas panelas ũa com branca, outras com outras cores, e de cada ũa ir tirando, e accomodando à forma, que depois de dura ficará com as mesmas malhas. E me parece, que ainda tem outra muito grande conveniência e é de se poderem assim aproveitar os cascos das mais tartarugas do Amazonas, que se desprezam por muito finos; porque derretidos em massa, se podem engrossar quanto quiserem nas formas. O mesmo cuido, que se poderá fazer dos lindos cascos dos jabotis por serem da mesma matéria. Só tem este desar as obras feitas deste modo; e é de quebrarem, e estalarem com quedas, e pancadas grandes; mas esse desar tem também as caixas de louça da China, e muitas outras obras, e contudo se estimam por preciosas. Estes segredos, como também, o que acima disse da madre pérola mais pertence a "Quinta Parte" onde dou o melhor método de se poderem os sabitantes do Amazonas utilizar das suas riquezas; mas enquanto lá os não apontamos fiquem aqui já notados para divertimento dos leitores.

17 Tintas. São muitas no Amazonas, e de toda a casta, e fineza, e por serem tantas julguei fazer delas um *Tratado* separado, onde os leitores as possam ler juntas, o que suposto as passo aqui em claro; e procedo no apon-

---

* Lat.: de modo algum.

tamento dos mais gêneros, de que já nos não restam muitos, e [ag]ora sejam o primeiro os*

18 Taquaris. Chamam taquaris os índios aos canudos, ou hastes dos cachimbos, que fazem de ũa casta de planta muito leve, e oca por dentro; é espécie de cipó, comprido, liso, e mui direito; dele fazem os canos para os seus cachimbos, da grandeza, e comprimento que querem, *v. g.* de ũa braça, ou mais, ou menos segundo querem; a grossura também é como querem. O buraco, ou canal, que tem por natureza, é mui proporcionado, porque apenas excederá a grossura de um alfinete de cinco zz. Enfeitam estes taquaris com belas pinturas, que ordinariamente são fixas e permanentes. O modo, como as fazem, direi na "Quarta Parte". São pois estes taquaris mui estimados para os cachimbadores, e já muitos os comerceam para outras partes especialmente para as povoações das Minas; e pouco a pouco virão a sobir a um avultado contracto em principiando a transportar-se para a Europa.

19 Vinhos. Já nós dissemos, que os vinhos ordinários do Amazonas português são as águas ardentes de cana; e não há outros vinhos de uvas mais, que os que vão de Portugal. Não assim no Amazonas castelhano, especialmente nas suas cabeceiras, e reino do Peru onde as vinhas se cultivam nobremente, e com mais fecundidade, do que na Europa; ainda que por rezões de Estado, e para darem consumo aos vinhos da Europa, parece estar proibida a fábrica de vinhos entre eles castelhanos, mas isso não tira ao Amazonas o poder gloriar-se de ter também este gênero, que *per accidens*** está impedido pela proibição dita; a qual proibição não joga com os missionários castelhanos pela sua longitude, e pela dificuldade que tem na condução dos seus provimentos; e por isso fazem vinhos para os guisados das suas igrejas. Sobre a fecundidade das vinhas, veja-se a "Primeira Parte" onde dissemos, que dão fruto duas, e três vezes, ou quantas vezes se podam. Sobre a sua bondade, basta dizer, que são de terras mui quentes, e quanto mais quentes são os climas mais doces são as uvas, e mais doce, e precioso é o vinho, e os portugueses o experimentam bem nas poucas plantas, que cultivam, e por sua incúria não fabricam vinhos, que [podiam] ter em abundância.

20 Xarão. Já nós dissemos, que os vasos do Amazonas, que chamam cuias, são muito célebres, e estimados não tanto pela matéria, quanto pelo xarão, com que os ornam. Há pois, e o sabem fazer nas missões do Amazonas tão perfeito, como o precioso xarão da China, como já alguns coriosos o tem averiguado, e examinado contrapondo um, e outro; e certificam, que em nada se diferençam. Especialmente são insignes na factura as índias da missão chamada Gurupatiba, e Vila Monte Alegre; e só lhes falta o fazerem bandejas, taboleiros, e semilhantes outras coriosidades, como fazem os chinas, porque não mostram a sua habilidade senão nas cuias. Metendo-se porém nas missões do Amazonas a comonicação econômica, que proponho na "Quinta Parte" já nos índios entrará mais coriosidade, e com este, e outros gêneros enrequecerão a Europa com enveja dos chinas, e mais nações.

---

* Termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

** Lat.: acidentalmente.

CAPÍTULO 7º

APÊNDICE DE ALGUNS HAVERES, QUE NÃO LEMBRARAM.

1 Canoas. Tendo o Amazonas tantos gêneros comerciáveis, que igualmente enriquecem aos seus habitantes; e reparte aos da Europa, e mais mundo, como temos visto; nenhum tem na letra *Z;* e assim apontarei alguns outros, que nos escaparam por serem dignos de especial menção. Sejam os primeiros os seus barcos, [que cha]mam canoas, que por serem feitas de um só pao, e por isso inteiriças servem não só de admiração a todos os europeos, mas também de grandes conveniências a seus barcos em cuja factura são os portugueses tão insignes, que metem enveja aos espanhões, que tem vizinhos em cima, e aos franceses de Caiana vezinhos na [obra] posto que todos eles as fazem também inteiriças, isto é de um só pao, ou de ũa só tâboa, mas os portugueses lhes sabem dar um talho tão industrioso, que imitam os mais bem feitos bargantins, e escaleres: e podiam fazer barcos de maior grandeza, se quisessem, porque para tudo tem paos proporcionados, como já dissemos. Falo aqui só das canoas ordinárias; porque também algũas vezes por algũas conveniências particulares, fazem [outros] a que chamam ubá com feitio mais ligeiro quase semelhante ao que costumam os castelhanos. Fazem também cochos, que são ũa espécie de pipas, mas inteiriças de um só pao escavado por dentro; e alguns há tão grandes, que levam 4 000 frascos de água ardente, os quaes se fossem abertos, e consertados em canoas levariam de carga para cima de 8 000; de que se pode inferir a grandeza, que há de paos nas matas do Rio Amazonas.

2 Contas do ar: Também nos esqueceo apontar no seu lugar as célebres sementes a que pelos seus efeitos nas doenças, e malese do ar chamam contas do ar; e são na Ásia tão preciosas, que as comerceam como os gêneros mais estimáveis; e da Índia se mandam por saguate primoroso a Europa: São pois tantas no Amazonas, que não só pode repartir a toda a Europa; mas também remeter para a mesma Índia [e Ásia] a conhecida, que for melhor a sua grande virtude, e préstimos, virá a ser um precioso comércio do Amazonas: São pois as sementes das pacoveiras bravas, que nascem sem cultivo pelas matas especialmente alagadiças. Do seu feitio, e préstimos já falei mais largamente na descripção desta planta; e melhor no *Tesouro Medicinal* [on]de também comprovamos a sua [virtu]de com alguns casos.

3 Contas de peixe boi. Das carnes, e manteigas do célebre peixe boi, ou peixe mulher, como lhe chamam na Ásia, e são um dos maiores comércios do Rio Amazonas entre os seus habitantes, já dissemos na sua descripção: Agora só falo das contas, que se fazem das suas costelas, e ossos, por serem mui preciosas, e estimadas pela virtude, que tem de estancar o sangue com igual, ou mais eficácia, do que as contas de cavalo marinho; porque destas duvidam muitos; e das do peixe boi ninguém duvida; e são tantos naquele rio como já dissemos no dito lugar; cujos ossos, e costelas costumam deitar

fora, os que só pertendem fazer mui grandes, e lucrosas salgas das suas carnes, que na verdade são deliciosas.

4 Coquilho. Também pode ser um grande comércio no Amazonas, pela muita estimação, que tem na Europa as suas contas tanto as chamadas malacata, como as chamadas coquilho; na Ásia são um dos mais estimados préstimos dos cocos das palmeiras; e sendo tantas, e tantos os seus cocos, que se desprezam no Amazonas, se podem aproveitar muito bem, e com muito lucro nos portugueses, como já vão fazendo nas cabeceiras os castelhanos: Do modo, como se dão as tintas para fazer as de malacata? já dissemos, etc.

5 Incenso. Já dissemos, que há incenso de diversas castas segundo as diversas notícias, que tenho das suas diversas plantas; *ex vi** das quaes não duvido, que tão bem o haja no Amazonas mas quando não o haja de todas as suas espécies, é certo, que o há de algũa; porque o há na árvore *[roto o original];* cuja resina, além de outras, já dissemos ser mui cheirosa; e que muitos a usam [ou] só por si; ou misturada com o mais incenso: Já [em outra] parte descrevemos ũa espécie da sua árvore, para que com a sua notícia se possa conhecer no Amazonas.

6 Pérolas. A pouca coriosidade dos habitantes do Amazonas lhes tem feito perder muito cabedal de pérolas, por se não terem aproveitado delas: porquanto sei de certo, que as há nas suas ostras, ou em muitas, ou em algũas; e algũa me mostrou um menino da escola na Vila da Vigia: E como tem tanta abundância de ostras, que são vianda muito ordinária, talvez, que também tenham muita abundância de pérolas, e de aljôfar. E no caso, que se queiram aproveitar delas, já dissemos na "Primeira Parte" — que elas se acham nas ostras (alguns dizem, que também nas madres pérolas, de cuja abundância também já dissemos) e que para se aproveitarem não se cozem as ostras, mas se enterram, e depois de apodrecidas se tiram as pérolas: As quaes perdem todo o seu lustre, e estimação, se chegarem a cozer-se. Pérolas, e aljôfar são o mesmo; e só se diferençam em que as pérolas são as maiores; e o aljôfar é, ou são as mais piquenas; mas no mais são o mesmo. Veja-se na "Primeira Parte" o modo de as pescar na Índia.

7 Pacarás. São um gênero de teçume, que fazem os habitantes do Amazonas de palhinha mui fina, e pintada em cestos, açafates, salvas, chapéos, e muitas outras manobras, e são não só pela matéria; mas muito mais pelo feitio, e tintas de muita estimação pelos europeos. Ordinariamente são índias as suas feitoras; e ũas milhores do que outras; os mais estimados são os do Rio Topajós cujas índias são insignes.

8 Pao do ar. É também preciosidade do Amazonas, posto que, por não só saberem os seus préstimos, era tégora o seu pao mais desprezado; por ser muito fétido. Na Ásia é mesmo muito precioso, e um dos seus maiores contratos; e por informação de um mui práctico das suas terras, e mui inteligente de Medicina vim no conhecimento de ser este tão desprezado no Amazonas. Os seus préstimos contra as doenças do ar, e nas pestes já descrevemos no seu lugar; e principalmente no *Tratado Medicinal*.

---

* Lat.: em virtude.

TRATADO ÚLTIMO

DAS TINTAS MAIS ESPECIAES DO RIO AMAZONAS

CAPÍTULO 1º

DA TINTA AZUL ANIL, E OUTRAS

1 São muitas as tintas preciosas do Amazonas, que merecem ser contadas por especiaes haveres do seu grande tesouro; não sei o nome de todas; nem as espécies de muitas, e como estou enterrado, não posso informar-me nem dos prácticos, nem dos livros, das que me faltam, e assim ficando as mais reservadas para outros coriosos, apontarei aqui as que me lembram, que não são poucas; e só nelas tem os artífices muita cópia para todos e quaesquer debuxos de quantos usa, e tem inventado a arte sem lhes ser necessário sair do Amazonas a indagá-las por outras regiões, porque nele se acham todas, *in uno collecta tenes;** ali se acham em muita cópia, e diversidade as tintas pretas; muitas espécies de vermelhas; muita abundância de amarelas, roxas, verdes, e azuis e todas as mais, que usa a Arte, com a conveniência de ter também os ingredientes, e requisitos necessários para a praxe, e uso como são a pedra ume; o cravo; o ólio cupaíba, e muitos outros. Demos pois princípio com a primeira, e principal, que é a tinta**

2 Anil. É a sua planta um arbusto tão abundante, e universal, que é mata, e mata brava; porque sem cultivo algum, mas por si mesmo nasce em qualquer parte, especialmente nas terras, onde se colheo maniba, ou por outro *[roto o original]* farinha de pao; porque assim que esta se tira do campo, se enche este do arbusto anil, o qual cresce à altura de um homem pouco mais, ou menos com proporcionada grossura no seu pao. A sua folha é miúda com algũa semilhança à do pêssego. O seu fruto são ũas bages como as do feijão, e dentro ũas sementilhas miúdas, que alguns beneficiam juntamente com a folha quando extraem a tinta, para esta sair mais subida;

* Lat.: num só lugar as tens reunidas.

** Assim termina o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

outros porém a beneficiam à parte: e fazem melhor, porque o seu anil é mais precioso; o qual extraem de diversos modos ou sejam as folhas juntas, ou separadas; e de tudo fazem diversas tintas ũas mais preciosas, que outras.

3 1º modo. Colhida a folha ou só, ou com as bages, e sementilhas a cozem em grandes caldeirões, ou panelas, e depois de bem cozidas tirando a panela do fogo, e deixando assentar o polme, deitam fora a folha; e tornando a dar tempo a aquietar a água, a separam para outras vasilhas, e do polme que fica assentado no fundo fazem pães como de chicolate, ou tijolos, e depois de secos os guardam, e são o anil mais ordinário, e comum. O mais fino porém, e mais precioso é o polme, que fica na segunda vasilha para onde se separou a água, posto que muito mais diminuto. As mesmas duas castas se fazem das sementilhas, se se cozem separadas, das folhas. 2º modo é quase o mesmo, mas com o adito de pisarem, e machucarem para o que aloram a folha em pilões grandes; que para isso tem mui acomodados; e então largam melhor a tinta, e avultam mais as fornadas: mas tem mais trabalho.

4 3º modo: Deitam a folha em tanquse, ou grandes tachos como em infusão em água, e depois de algum espaço a batem, e mexem com pás, ou paos, com trabalho, e diligência, e com este *motu** violento vai a folha largando na água a sua tintura, cujo polme se vai ajuntando no fundo, de onde ao depois se tira do modo supra: já se vê, que deste modo não tem a folha cozimento; porque em lugar do cozimento são as batedelas, e meixedelas: é certo, que este modo é mais custoso pelo trabalho e tão bem me parece ser menos lucroso; porque por mais que se batam; e meixam as folhas, e sementilhas nunca hão de largar tanto a tinta como cozidas: só sendo primeiro machucadas e também pisadas; tem porém a conveniência de pouparem lenhas, e vasos; ainda que as lenhas no Amazonas não custam dinheiro. De qual modo porém saiam milhor anil? Digam os pintores.

5 Já sabem todos, que o anil é tinta azul, e a mais precisa, e usada nas fábricas de lãs, sedas, algodão, e mais panos; porque não só os panos azuis se tingem com ela; mas tão bem os pretos, para sairem bem pretos, e não desbotarem são primeiro tintos com anil; mas com ser tão preciosa tinta, e haver no Amazonas tanta abundância, são mui poucos os coriosos que dela se aproveitam; e ainda os poucos, que o fazem, se contentam com pouco: e só se aproveitam do anil nos usos familiares, e então não estão com mais trabalho, e ceremônias, do que cozer, ou ferver os panos juntamente com as folhas, e já ficam tintos. Restava agora dar a notícia de como tingem com este anil os indiáticos os seus estimados lenços, chitas, e mais panos? Mas fique esta notícia para o fim, quando falarmos nos ingredientes.

6 Tinta amarela. Muita diversidade há no Amazonas de tintas amarelas; e algũas tão finas, vivas, e preciosas, que bastavam só elas para fazer rico o Amazonas, se os seus habitantes lá soubessem aproveitar delas, e comerceá-las para outros reinos, onde tem grande estimação, especialmente na China, onde a cor amarela é só reservada para o imperador, e pessoas régias, porque é para os chinas a mais preciosa, e estimada; a mesma estimação fazem-lhe muitas outras nações; mas mui pouco no Amazonas, onde o há de muitas castas; talvez que por isso mesmo seja desprezada; porque só o que é raro se estima.

---

* Lat.: movimento.

7 Pao amarelo. Tenha pois o primeiro lugar o pao amarelo; não todo; porque há muitas espécies de pao amarelo no Amazonas, como dissemos no seu lugar; mas ũa só espécie, a qual posto que não tenha tanta estimação para obras de crapinas, como outros mais bem parecidos, que este; vence-os porém no excelente préstimo das tintas amarelas, que dá, e não dão os outros. De sorte, que tem para tingir de amarelo, a mesma virtude, que tem o celebrado pao cambeche, ou como outros lhe chamam brasil, para tingir de vermelho. Corta-se pois em piquenas hastilhas, e posto a ferver, ou de infusão com qualquer casta de pano lhe comonica ũa bela cor de amarelo claro, bem como o cambeche a cor vermelha, e assim como o dito cambeche com algũa outra mistura causa diversas cores; assim também as faz o pao amarelo. De facto querendo um governador vestir a milícia daquele Estado de amarelo, com o pao amarelo se tingiram os panos. Duvido se é a mesma, ou se é diversa espécie de pao amarelo, ũa das três castas, que chamam pao de arco; porque não só faz o mesmo; mas larga de si um pó subtilíssimo quando se trabalha, e faz a mesma cor amarela; e quem a quer separar do dito pao; o faz cozendo-o, e separando-lhe o polme.

8 Pacoã. É ũa erva mui semelhante, e parecida à milhaã aborrecida nos trigos, e só se diferença em ter a flor diversa, e lançar ũa espiga mais comprida, mais direita, e mais fechada. Cozida esta erva faz ũa tinta amarela tão fina, viva, e clara que *[roto o original]* e assim como o ouro entre os metaes é o mais precioso; assim ela entre as tintas amarelas parece ser a mais preciosa; e pode com muita justiça requerer para si o principado entre as tintas amarelas, se é que os seus merecimentos não são o seu maior obstáculo, por andar a justiça às av[ess]as. Talvez que esta seja a célebre tinta amarela, que usam para [m]uito os castelhanos nos copos [cuias], que parecem dourados.

9 Gengibre. Não sei se todas as suas espécies, se só ũa mais amarela, que as outras, a esta mesma cor comonica, e larga de si pintado *[roto o original]* eles qualquer cousa, e faz ũa bela tinta amarela, de que usam os professores; e além desta sua cor amarela, serve também para dourar; e dela para semelhante efeito usam muitos coriosos da mesma sorte, que da erva pacoa supra. A raiz da árvore [orucu] de cujo fruto se faz ũa bela tinta vermelha, como veremos adiante, tem o préstimo de tingir de amarelo, e dá ũa tinta mui viva, mui clara, e excelente.

10 Tauá. É ũ espécie de barro; mas barro amarelo, e tão fino, que serve para tingir de amarelo, como qualquer outra tinta amarela das mais excelentes. Tem singulares predicados este barro, que o fazem digno de ser contado entre os principaes gêneros do Rio Amazonas: 1ª propriedade é, que per si só sem mais outro benefício, do que óleo, ou resina serve na pintura para o amarelo menos fino; e para as tintas mais finas serve o mesmo tauá desfeito na água onde larga a sua bela tintura em um mui subtil, e fino polme; e para este se separar do mais barro se deixa aquietar a água, e assentar o barro no fundo da vasilha; depois se vai baldeando a água subtilmente em outro vaso; onde depois de algum espaço se torna a baldear fora, ou em terceiro vaso a água, e do polme, que nelas fica se faz um amarelo tão fino, como o mais fino jalde, e para se constipar se põe a desecar ao sol; e se usa nas mais primorosas pinturas, como jalde, ou como qualquer outra tinta das mais finas. Mais admirável é outra sua propriedade para também pintar de vermelho; como logo diremos nas tintas vermelhas. Há muitos outros arbus-

tos[,] cipós, e ervas, que também tingem [muito bem de] amarelo; mas, porque nas já ditas tem não só as mais excelentes, e finas; mas também muita abundância; bastam estas para darem bem, que fazer a todos os pintores.

11 Tinta vermelha. Não são menos abundantes as tintas vermelhas, que as amarelas, e tão bem delas se podem carregar frotas inteiras, e dar que fazer a todos os pintores não só da Europa, mas de todo o mundo como são o pao cambeche: o orucu, o carajuru; a púrpura, a cochinila, tajá vermelho, e muitas outras, de que iremos dizendo algũa cousa.

12 Cambeche, é o celebrado pao brasil tão estimado, e precioso, que dele poseram o nome a toda a América portuguesa, que antes se chamava a terra de Santa Cruz nome, que lhe deu o seu descobridor; mas pode mais o pao, ou lenho da ambição; do que o sagrado lenho da nossa redempção. É pao vermelho, e posto que não tão bem vistoso, como outros paos vermelhos bem parecidos, e por isso mui preciosos, vence porém a todos na sua tinta vermelha, que larga de si, e com que tinge toda a matéria, que se lhe ajunta de infusão; ou com ele se coze, como acima dissemos do pao amarelo. Serve também para dar outras tintas junto com algum outro ingrediente: e por estes seus préstimos é tão precioso, que é um dos maiores contractos de Portugal; e em tanta abundância, que para ter, e conservar a sua estimação se tomou o seu contrato para o fisco real, proibindo-se aos particolares o seu comércio; porque é tanto, que muitos moradores se servem dela para ordinária lenha das suas cozinhas. É pao pesado por mui constipado, e em si parece só um vermelho escuro; mas a tinta que larga, e comonica aos panos, e mais matéria, é mui viva, e mui bela.

13 Tauá. É-nos preciso tornar a falar no barro amarelo tauá para descrever a sua mui admirável propriedade, que parece milagrosa, de se fazer vermelho, e dar a mesma cor vermelha ao que se quer pintar com ela. O que se faz desta sorte. Já dissemos, que ele em si é amarelo, mas para se fazer vermelho o põe sobre brasas em algum testo, e em pouco de tempo perdendo a sua cor natural amarela com admirável metamorfose se faz vermelho: e assim como quando [amarelo] é finíssimo, e mui vivo jalde, assim feito vermelho é mui vivo, e finíssimo vermelhão de sorte, que seria em tudo, o que serve o zarcão, e vermelhão. Ordinariamente os que sabem esta propriedade do tauá (que são poucos) para o fazer vermelho só usam do seu polme depois de bem separado da água, e seco; então o moem em pó subtilíssimo, e põe em cacos sobre as brasas etc. Há ribanceiras deste barro tão grandes, que podem carregar inteiras frotas, sem medo de se acabar.

14 Orucu. É outra espécie de tinta vermelha do Amazonas tão fina, e viva, que leva as maiores atenções dos estrangeiros; e os franceses de Caiana vizinhos do Amazonas fazem desta tinta tanta estimação, que é um dos principaes comércios, que mandam para a Europa; e de que pouco, ou nada se aproveitam, os portugueses, que a deixam perder por negligência. Na descripção das árvores mais notáveis do Amazonas, descrevemos a planta [orucu,] que além da sua tinta, sobre que agora tornamos a falar nela, tendo muitos préstimos medicinaes para tirar feitiços, e o veneno dado no comer ou beber, como já notamos: O seu fruto pois, que são uns ouriços piquenos, e bem feitos, é a célebre tinta orucu, que são ũas sementilhas, ou granitos, de que estão cheios os ouriços, tão vermelhos, como o mais fino vermelhão, que largam com muita facilidade, e comonicam à matéria, que se quer tingir, e tão fina, e pegajosa, que tocando-lhe os dedos, só a poder de esfregações se tira.

15 Os índios com serem pouco coriosos de plantas, contudo estimam tanto esta do orucu por esta sua bela tinta, que nos seus sítios sempre hão de plantar, e cultivar algumas, mas só lhes serve para algũa coriosidade, que algũas vezes, para a qual lhes basta algum, ou alguns poucos ouriços; todos os mais se perdem pela terra, sendo ũa das plantas, que mais carregam, bem como os castanheiros da Europa. Os estrangeiros para fazerem as suas grandes carregações para a Europa, não se contentam com as árvores agrestes, que tem nos matos; mas as plantam, e cultivam: e para lhes tirarem o vermelhão pisam, e lavam em água os granitos, e depos de coada a água fazem bolos do polme, que fica, secam-nos, e assim os remetem para Europa.

16 Carajuru. Em maior estimação que o orucu tem outros a tinta vermelha do carajuru, que tiram de outra planta, que é espécie de cipó, cujas folhas, e flores deitam por esfregação a tinta; cozem-nas em grandes tachos ou panelas; e depois separadas as folhas, e baldeada a água, fica a tinta assentada no fundo, a qual tirada, e feita em pães secos ao sol se guarda para as occasiões, [e] sendo que é ũa das mais estimadas tintas, ainda pelos mesmos portugueses: e a podiam aproveitar muitos, quase ninguém se resolve a beneficiá-la, e só se acha algũa pouca, beneficiada pelos índios de algũas missões, e passadas aos brancos.

17 Tajá vermelho. Já dissemos, quaes sejam as ervas chamadas tajá, que são as que logo de raiz, ou a flor da terra lançam as suas folhas, que ordinariamente são folhas grandes; entre as mais espécies, que há destas tajás, há ũa, cujas folhas mui sumarentas deitam um vermelhão tanto, ou mais fino, que os já ditos; porque nos já ditos só o polme é a sua tinta mas nesta não há o seu polme; mas o seu sumo, e aguadilha é a mesma tinta, e por isso é finíssima, e largam-na facilmente; porque basta aguentar a folha sobre o fogo, e espremê-la para logo deitar a tinta em muita quantidade, porque são folhas grandes, e muito sumarentas. É ainda pouco conhecido, [seu] finíssimo vermelhão, mas o descubrio um missionário vendo os debuxos, que faziam por divertimento uns meninos de sua missão, dos quaes soube, que era tinta daquele tajá.

18 Carrapicho. Não sei o próprio nome de ũa erva tão abundante, e fecunda, que enche as praças, e terreiros das missões com não piqueno dano dos moradores, porque tem uns carrapichos, que se pegam ao vestuário, e chegam à carne e causam com os seus bicos não piquena moléstia; e é necessário capinar amiudadamente esta praga, para a boa comodidade dos moradores; chamo-lhes a estas ervas pois, enquanto não sei outro nome próprio, carrapichos: dos quaes vendo eu ũa vez andar ũa menina apanhando-os, soube de outro missionário, que dos ditos carrapichos não sei se pisados, ou com que mestria, tiravam as ditas índias ũa tinta vermelha das mais finas do Amazonas, com que tingem algũas coriosidades; é pois um vermelhão de muitas comodidades havendo coriosidade em o aproveitar: 1ª por ser das mais preciosas tintas vermelhas; 2ª porque a tem a porta sem ser necessário sair buscá-la ao mato; 3ª porque assim se aproveitam aqueles carrapichos, que costumam queimar-se, e dar-se-lhes fogo ajuntando-se em montes para a boa serventia das praças como dissemos.

19 Mato vermelho, ou como lhe chamam os índios na sua lingua pariri. É também tinta vermelha mui preciosa, chamada pelo mesmo nome da sua planta pariri, a qual é um arbusto de folha miúda semilhante a do pessegueiro; larga facilmente o seu vermelhão pisando a folha, e lançando-a de infusão com o pano, que se quer tingir, e só ni[sso] é, que alguns dela se

aproveitam: mas cuido, que também dela se pode extrair beneficiando-a do modo, que acima dissemos do anil, e outras. Também dá ũa muito viva, e preciosa cor roxa só com a circunstância de passar pelo lodo o pano, ou peça vermelha já com a tinta pariri, e depois enxuta: e junta com algum outro ingrediente varia também em muitas outras cores; mas a sua própria é vermelha.

20 Pacova cereroca. É a pacoveira brava de que por vezes temos falado por rezão das suas contas do ar mui preciosas; fora este seu grande préstimo, tem outro de muita utilidade na sua fruta, que tem de cor roxa, ao que se mostra por fora; mas na praxe é ũa bela tinta vermelha tirante a roxa, e dela usam muitos índios nas suas coriosidades.

21 Cochinila. É outra das mais preciosas tintas vermelhas do Amazonas castelhano, já bem conhecida na Europa, onde tem muita estimação para tingir sedas, e toda a casta de pano, ou qualquer outra matéria. Alguns lhe chamam púrpura; mas na verdade a não é, posto que com algum outro ingrediente a poderá imitar; a sua cor própria é carmesim. Digo ser do Amazonas castelhano; porque se não usa nos domínios portugueses; não porque também neles a não haja; mas porque ninguém nele se aproveita dela; nem ainda sabem, que planta seja a sua? e alguns cuidam ser os granitos, ou sementilhas da tinta orucu, que já dissemos; e na verdade as cores parecem ser as mesmas, e também (segundo me informaram, porque não a cheguei a ver) os granitos; porquanto dizem que são mais miúdos, que pimenta ordinária, ou pouco maiores que munição, que são quase, ou do mesmo tamanho das sementes do orucu. Porém sejam da mesma, ou sejam de diversa planta; o certo é, que a cochinila é ũa das mais estimadas tintas na Europa, e no nosso mesmo Portugal, onde a libra se compra a 4 800 réis e pelo centro do Reino há de ser mesmo mais caro.

22 Mangue. Já descrevemos esta notável planta da América. Aqui a tornamos a lembrar pelo grande préstimo, que também tem em tingir de vermelho a sua casca (duvido se também [a] sua folha tem a mesma serventia) os panos de qualquer outra matéria, que se coze com ela, ou deita de infusão; e é muito usada para este efeito pelas índias; e desta su[a] propriedade nasce o [sair a sola], que com esta casca, por ter a propriedade do sumagre se curte, avermelhada. Também dão com ela tinta roxa, e tinta p[reta] variando nos ingredientes. Mas nunca chega a preciosidade das mais tintas vermelhas supra.

23 Cori. É outra tinta vermelha, mas é barro da espécie do tauá supra; [e] com esta diferença, que o tauá é amarelo, e o barro cori é vermelho; há muitos barros vermelhos; mas este é finíssimo a respeito dos mais, e por isso muito estimado nas pinturas para as tintas vermelhas, assim como o tauá nas amarelas; e por isso é a tinta mais ordinária nas perspectivas menos finas como janelas, portas, gelosias, grades, e outras obras mais grossas. Não sei, se também com a mestria do tauá, mudará como ela as cores: o que parece mui provável, por se parecer com ela na fineza. Nem obsta o ser barro; porque também o tauá é barro, e por mais fino, que seja, aplicado só per si, e como é, de sua natureza nunca é para as pinturas de maior emprego; mas depois de beneficiado se faz excelente jalde, e no fogo um belo vermelhão; o mesmo poderá soceder ao cori beneficiado com a mesma indústria. Há deste barro a mesma abundância que acima dissemos do tauá.

24 Bicho vermelho. Há no Amazonas um bichinho vermelho muito galante não só pela cor vermelha, que tem: mas muito mais pelo seu préstimo, e é, que

também fará vermelho tudo, o que se lhe toca, porque se desfaz em tinta; de sorte, que basta tocar-lhe com o dedo úmido primeiro na boca para ficar vermelho o dedo, e fazer vermelho tudo, o que se quer tingir, e fica um vermelho muito claro, e vistoso; o mesmo faz qualquer pincel. Verdade é, que esta experiência a vio, e admirou um missionário que aqui também se acha enterrado vivo nas mãos de um secular, que tinha, e guardava como cousa preciosa um destes bichinhos [já] morto; e foi quem me informou; não sei porém, se fará o mesmo efeito o bicho vivo, e quando o dito secular queria por si, ou por outrem meter-se em debuxos de algũa pintura vermelha puxava do bichinho, e nele tinha a tinta já preparada.

25 Púrpura. Há muitas mais tintas vermelhas, e de muita variedade; mas bastam estas para enrequecer o tesouro do Amazonas; e quando não bastem? ajuntem pro corosidade das tintas vermelhas a púrpura, que também há, e em muita abundância no Amazonas, não sei se em todo, se só nas dilatadas praias da sua boca, e em todas as mais praias do salgado. É um marisco das praias, não concha, como muitos cuidam, mas caracol do tamanho de um dedo; mas posto que em tudo o mais é do feitio, e semelhança dos mais caracoes diferença-se porém dos mais em ter cornos o caracol da púrpura, signal bem palpável para todos o conhecerem. O vivente que tem dentro o caracol, em que está muito concho, é do feitio de ũa lesma, mas não tão mole, como elas. Tem pois este bichinho um folezinho, cheio de ũa matéria, a qual enquanto está no bicho é verde; mas assim que dele se arranca, e despega, muda de cores, e se faz mais que vermelho ũa púrpura. E se as metamorfoses de Ovídio se tem por meras famulas, esta metamorfose deste caracol é tão certa, que a estão vendo os mesmos rapazes, e crianças, que com estes caracoes, e sua tinta costumam brincar, e fazer seus debuxos nas camisas, e roupa, posto que ao depois se arrependem, porque por mais lavagens, e esfregações, que lhes façam não lhes é possível o tornar a tirá-la; porque pega por ũa vez, e para isso basta só tocar-lhe. Nenhum caso *[roto o original]* fazem os seus habitantes dela, e só costumam ser divertimento de rapazes; e de semelhante desprezo, com ũa tinta tão preciosa, se pode inferior as muitas riquezas, que se desprezam no Amazonas.

CAPÍTULO 2º

DAS TINTAS ROXA, PRETA, E OUTRAS ESPÉCIES

1 Caa piranga. São muito parentes as tintas roxas, e vermelhas; e deste parentesco nasce o equivocarem os índios ũas com outras, chamando vermelhas às tintas roxas, e por isso ao mato roxo chamam mato vermelho, que isso quer dizer caa piranga: é pois um arbusto, que pode competir com a planta do anil supra sobre primazias; e para com os índios certamente as tem a planta caa piranga, porque é a tinta de que mais usam, e com ela tingem as suas camisas, e as suas macas, ou redes de dormir, e a sua imitação, quase todos os brancos, e europeos que habitam o Amazonas, porque

além de ser ũa tinta mui alegre, quando é bem viva, como o é o caa piranga, é também muito honesta; e por isso são estas macas de tanta estimação, que já delas se fazem muitas remessas para o mais Brasil, onde se usam estas frescas, e ligeiras camas[;] para as tingir fervem o dito arbusto, ou suas folhas, e depois lhe deitam de infusão a matéria, que querem, e conforme o mais, ou menos tempo, que tem de infusão sae a matéria mais, ou menos roxa, e mais, ou menos viva, e tão bem conforme a benfeitoria, que lhe fazem, e ordinariamente não desbota té se romper, e consumir a matéria, cuja tintura pertence as índias ordinariamente.

2 A sua planta é arbusto mui semelhante à murta, excepto em ter a folha algum tanto mais grande; é mato tão abundante como o anil supra; e se o beneficiassem como fazem ao anil, e transportassem para a Europa, seria mui estimado, e precioso; mas todos se contentam com o terem à mão, cada vez, que o querem: para se extrair julgo, que terá a mesma mestria, que o anil supra: pisando a folha, e batendo-a na água, ou fervendo-a, e depois aproveitando o seu polme, de que se podem também fazer mais finas, e subidas tintas, *ut supra*.*

3 Há também muitas outras tintas roxas; mas como o caa piranga é tão abundante e tinta muito fina, e viva, não fazem caso de outras. A fruta da pacova cerezoca, de que atrás falamos, e dissemos ser tinta vermelha, com qualquer outra mistura proporcionada faz ũa bela tinta roxa, o mesmo faz o mato vermelho pariri supra, porque os panos, que com ele se fazem vermelhos passados depois pelo lodo ficam bem roxos. A mesma tinta roxa faz o pao cambeche com algũa mistura; e dele usam ordinariamente na Europa para dar as tintas roxas. Há nas matas do Amazonas um pao roxo vivo, e seria dos mais preciosos, se não se fizesse logo apretado; não sei, se largará a sua cor como o cambeche, e amarelo supra: se a largar, e tingir de roxo, merece ser tão precioso como (como) aqueles, quem puder, e quiser faça a devida experiência.

4 Tinta preta. Jonipapo. Há muitas castas, e modo de tinta preta, e muitas receitas de a fazer; e algũas talvez apontarei, se Deus me puser em lugar mais apto, onde o possa fazer. Por ora só aponto aqui alguns, de que mais usam no Amazonas: e merece o primeiro lugar a fruta jonipapo, que descrevemos em seu lugar. Quando verde todo o seu miolo se faz preto, e preto muito retinto; e os índios destas frutas usam para se tingirem de preto, como costumam fazer muitas vezes, especialmente nas suas festas; e os índios do mato, de que em seu lugar dissemos haver muitas nações, que se tingem de preto, quando meninos, ũas toda a cara; outras, meio rosto: outras os beiços etc. ũa das tintas, de que usam, é o jonipapo, e com tal indústria o fazem, que se lhes não tira té a morte: Desta mesma tinta usam para tingir várias outras matérias, e algũas vezes os seus panos; posto que mais ordinariamente para isso usam de outra tinta, que logo diremos. Esta dita tinta preta de jonipapo é tão pegajosa que custa muito a tirar, donde ũa vez a poseram; e há dela muita abundância pela mesma abundância que há das frutas jonipapos.

5 Cipó. Me certificaram haver um cipó, cuja muita umidade, ou água é tão preta, que não só serve para escrever; mas também para pintar, e tingir qualquer matéria, e dela usam muitas nações para se mascararem nas caras em lugar do jonipapo supra. O mesmo efeito faz a flor do algodão machu-

* Lat.: como mais acima.

cada, e pisada. Porém como as tintas pretas são tantas, e muito mais fáceis de fazer, que qualquer outra, me parece escusado descrever mais; porque as mesmas tintas vermelhas; roxas; e azuis juntas com algum outro ingrediente, ou tinta proporcionada tingem de preto. Advertirei porém aqui a mestria com que os índios, e habitantes do Amazonas tingem de preto o pano de algodão para saias das mulheres, e outros usos, porque o fazem com muita facilidade. Talham, e cosem o dito pano branco, como é em si; e depois da obra feita para a fazerem preta a vão revolver no lodo preto junto com algũas folhas de mangue supra, ou outras podres já do mesmo lodo; e deixam assim estar de infusão algum tempo *v. g.* ũa noute, ou 24 horas, depois a tiram, vão lavar ao rio, e põe a enxugar; e ficam tão pretas, como as mais pretas: São porém pouco estáveis estas tintas, e depois pelo uso vão perdendo algũa tinta; mas tornam a renovar a mestria de tempos em tempos, para sempre se conservarem bem pretas.

6 Tinta verde trifolium. Muito me admira a grande diligência, que há e tem havido [em] algũas províncias para descobrirem tintas verdes para o uso das lãs, e panos verdes! No Amazonas há a tinta verde tão comũa, e fácil, que a há nos mesmos povoados, e nos campos, em muitos arbustos, e ervas: A primeira é a erva trifólio; chamada assim porque lança uns raminhos cada um dos quaes tem três folhas que isso quer dizer trifólio. Há muitas castas desta erva, e não são todas do mesmo préstimo: ũa porém entre as mais tem um sumo tão verde, e vistoso, que é óptimo para dar tintas verdes, e dele se tem valido muitas províncias para o fardamento verde da soldadesca: ou já pisada a erva, e posta de infusão; ou cozida; ou tirado o seu polme com a mestria supra do anil, e outras tintas.

7 Matapasto. Também a erva matapasto, em que muitas vezes temos falado, e descripto no *Tesouro Medicinal* tem um sumo muito verde, e bem lustroso, e por isso me parece ser óptimo para tingir panos; porque além de ser ũa tinta mui verde, fina, e lustrosa, rende muito por serem muito úmidas as suas folhas, e em tanta abundância, que há campos cheios, e tão cheios, que mata o mais pasto, e faz os campos estéreis de erva para os gados, donde lhe vem o nome de matapasto. Há muitas outras ervas, e arbustos, que tem os mesmos préstimos; mas no Amazonas são perdidos por rezão de não haver coriosos, como temos dito.

8 Dourada. Já nas tintas amarelas tocamos em algũas, que não só tingem, e pintam de amarelo mas também douram; porque parecem douradas as suas pinturas; taes *[ilegível]* a tinta da erva pacoã; e a tinta amarela do gengibre, fora estas porém suponho haver algũa outra tinta dourada no mesmo Amazonas desconhecida ainda nos destrictos portugueses; mas muito usada nos espanhões nos Reinos de Quito, e Peru, de que se sabem aproveitar, e douram com ela as célebres cuias, e muitas outras obras tão bem como o faz o mesmo ouro, como eu mesmo vi, e muitos outros religiosos, dos quaes aqui estão alguns nas preciosas cuias, e muitas outras coriosidades, que traziam para a Europa uns castelhanos, que desceram de Quito pelo Amazonas abaixo; todos os que as vimos julgamos serem douradas como verdadeiro ouro; mas nos afirmaram que era tinta, e não ouro; mas não tivemos a coriosidade de inquerir, qual fosse a tinta? e assim fique a sua averiguação, ou cuidado, dos que poderem averiguá-la porque na verdade é digna de muita estimação: e talvez seja algũa das sobreditas tintas do gengibre, ou pacoã; ou algũa resina das muitas, que há no Amazonas, de

que já temos dado algũa notícia, e também fazem ũa bela tinta dourada como logo veremos.

9 Tinta branca tabatinga. Assim como há barros no Amazonas mui finos, e preciosos amarelos, e vermelhos, como já vimos; assim também os há brancos da mesma fineza, a que chamam tabatinga: muitas vezes temos falado neste barro pelos muitos seus préstimos; aqui o tornamos a lembrar pela sua tinta. É barro tão fino, alvo, e precioso como o branco alvaiade; e por ser tal como ele caiam as suas casas, e tem vários outros préstimos: o principal é o servir para as pinturas, em que tem muito gasto, e para as quaes é óptimo, assim como os barros tauá, e cori *supra*.*

10 Muitas outras tintas sá nas matas do Amazonas, mas não tenho das mais tão vivas espécies, que bastem a descrevê-las; além de que, nas já ditas se pode dizer há todas, e toda a variedade de tintas; porque ũas juntas com outras; e cada ũa beneficiada com diversos ingredientes, de que são bons mestres os mesmos pintores dão muita variedade de tintas. Agora apontarei alguns ingredientes requesitos, e mais usados na mesma pintura, de que também abunda o Amazonas para que nem estes faltassem ao bom complemento da Arte; como também algũas receitas das que usam no mesmo Amazonas; e de que quem quiser se pode aproveitar. Dos ingredientes

11 Seja o primeiro o célebre óleo cupaíba; porque além dos muitos outros seus préstimos, que o fazem precioso, tem este de servir, e ter muito gasto nas pinturas; e muitos o preferem ao óleo da linhaça. É de si tão pagajoso este óleo; que as vasilhas, e frascos, que dele algũa vez se proveram, ficam totalmente ineptos para outros usos, porque se lhes pega de sorte, que nunca mais se despega, só se for com água fervendo, ou sanrrada; e ainda então duvido; por isso nas pinturas, onde ele entra, não tem necessidade de colas, ou resinas para pegarem, e ficarem perpétuas; e já na região do Amazonas é por esta causa o óleo mais usado nas tintas; e também na Europa já vai tendo o mesmo uso. Para encerados não há cousa mais própria, e útil, que este óleo; em cuja comparação, são inúteis as ceras, os breus, e as resinas; porque estas, se resistem às chuvas nos seus encerados; não resistem ao calor do sol, quando é intenso; porque as derrete; não assim os encerados da cupaíba; que não há chuvas, nem sol, que os desfaça; e basta para isso untar, ou barrar os panos, e depois de secos pô-los nas janelas, ou na parte, que querem, e ficam perpétuos té se rouperem. Esta sua propriedade o faz ser também óptimo para vernizes como logo diremos.

12 Segundo óleo mui especial para o uso das tintas, é o óleo, ou azeite de andiroba; posto que no Amazonas o não usam, ou porque não advertem na sua propriedade, que tem de muito amargoso; ou porque tem muita abundância do cupaíba supra. Mas cu[id]o, que tem para as pinturas o mesmo préstimo, que tem na Europa o óleo de linhaça; porque é tanto, ou mais amargoso que a mesma linhaça; e por isso não há traça, nem bicho, que entre com ele; e por essa rezão o usam nas embarcações misturado com o breu, porque impede o bicho turu, que lhes não entre: é tão amargoso, que deitando-se algũa porção, por piquena, que seja em algũa outra vasilha de azeite doce, manteiga etc. como muitas vezes socede por engano, basta para fazer amargoso todo o mais por muito que seja, e por isso o faz inepto para o prato, e cozinhas.

---

* No parágrafo 9, à margem: *Vide sobre outras tintas o 8º Tomo* da Cart. Edific. *fol 83, e deinceps.*

13 O terceiro ingrediente mui necessário nas pinturas são as resinas, de que há muita variedade e abundância no Amazonas, como dissemos acima: ũas, que se liquidam com água como a goma arábia; a goma de caju, que é outra espécie de goma arábia, e muitas outras; delas se usa nas tintas, nos debuxos, e em tudo o mais, que serve a dita goma arábia. Outras; que só se derretem ao fogo como almécega, jutaisico, macacu, e muitas outras, que tem a natureza do breu indurecendo com água, liquidando-se ao fogo; e por isso delas se fazem óptimos vernizes, de que muito se aproveitam os holandeses, e outras nações nos chapéos de sol, etc. etc.

14 Vernizes. Há muitas castas de vernizes, nem o meu intento é tratar aqui deles, porque me falta a lição dos livros, que deles tratam; quero só apontar aqui um, por suspeitar ser o com que os castelhanos de Quito douram os célebres vasos cuias, e muitas outras obras, que parecem douradas; mas quando o não seja, o arremeda muito; e foi inventado por um missionário muito corioso desta sorte. Pegou em um bocado da resina jotaí *sic*, que quer dizer resina do pao jotaí ferveo-a, ou derreteu-a ao fogo com óleo cupaíba; ficou um verniz excelente, e pintando com ele as molduras de um belo quadro ficaram douradas, como se na realidade fossem douradas; e ficou sabendo-se este tão belo verniz, e tão fácil; a cuja imitação se podem fazer muitos outros; e fingir o ouro, em que se não poupa pouco cabedal.

15 Xixiiba. Muitas vezes temos falado nesta árvore pelos seus grandes préstimos na Medicina: não são menores, os que tem na pintura; porque segundo me afirmou um missionário é o seu entrecasco tão especial para fixar, e perpetuar as tintas, que dele usam os índios mui ordinariamente nos seus debuxos especialmente nos taquaris. Já nós dissemos, que os taquaris são os canos dos cachimbos, de que muito usam e ornam com belos debuxos de flores, e florão com várias castas de tinta aqui preta, ali vermelha etc. O que fazem desta maneira. Se são só pinturas lisas, tocam com este estrecasco fresco, e úmido na tinta, que querem dar, [que está] já preparada em pó subtilíssimo, e com ela untada esfgregam o taquari, ou qualquer outra matéria que querem pintar, e esta esfregação basta para arraigar a tinta, que se não tira, senão raspando-se, e se a pintura são debuxos; os fazem primeiro com o pincel molhado na tinta úmida, ou liquida; e depois de pintada a matéria a esfregam por cima com o dito entrecasco; ou também umedecem, e preparam a tinta com o suco do dito entrecasco espremido, e fazem com ele as pinturas.

16 Fumo. Usam também os índios outra mestria para pintar só com fumo algũas tintas pretas nos ditos taquaris, ou qualquer outra matéria, que querem fazer só preta: deste modo. Queimam a estopa dos cocos, e aparam o fumo, que dela sae na matéria que querem pintar, *v. g.*, taquaris, e só com o fumo ficam pretos, e tão pretos, como se os pintassem com algũa outra tinta preta, e bem fixa sem mais algũa outra matéria.

17 Dourar com fumo. Visto falarmos do fumo, quero aqui apontar um facílimo, e mui galante modo de dourar com fumo o bronze, cobre, e mais metaes brancos desta sorte: põe um ferro quente, ou em brasa sobre algum bocado de couro de cabra, e *[ilegível]* cima se apara o fumo com a obra de metal, e depois de algum espaço fica dourada, [deve] porém ser primeiro a obra bem limpa; e fica mais, ou menos dourada, conforme o tempo mais, ou menos que está ao fumo, mas basta qualquer piqueno espaço: tem porém o desar, de durar pouco a douração se não se renova de quando em quando.

18 Pedra ume. É um dos principaes ingredientes para arraigar as tintas; além dos muitos outros préstimos, que tem. Faz a pedra ume, ou a sua água no uso das tintas o que fazem os óleos, e resinas nos debuxos: porque assim como nos debuxos arraigam, e fazem firmes as tintas, os óleos, e as resinas; assim na tintura dos panos, ou sejam de seda, ou sejam dos [lenços] de linho ou algodão, se usa da pedra ume para firmar as tintas: mas necessita de saber regular-se a quantidade, porque dela depende a menor, ou maior firmeza das tintas, e o desbutarem, ou não desbutarem as tintas. Já dissemos haver mineraes desta pedra nas cabeceiras do Rio Paracuruca.

19 Cravo fino. Em lugar da pedra ume, ou junto com ela usam outros para firmar as tintas do cravo fino, e ainda também do grosso, e nisto tem muito consumo a casca do cravo, que vem do Amazonas para Europa: e melhor seria, se todo se consumisse neste ministério, e se desterrasse por ũa vez das ocharias, onde se pode questionar, quaes sejam maiores; se os damnos, e destempero, que causa na saúde por muito; se o proveito no cheiro? fiquem pois para o cheiro, e tempero das viandas as frescas hortaliças; e sirva o cravo para o uso, e firmeza das tintas; e para os usos, que tem grandes na Medicina. Para o mesmo efeito de arraigar, e firmar as tintas usam muitos das ourinas; o que é muito practicado nos índios do Amazonas em muitas das suas pinturas especialmente no seu célebre xarão. Outros usam do sumo do limão azedo, ou da sua casca, e das mais cascas de fructas de espinho como cidras, laranjas, limas etc.

20 Seguia-se agora apontar aqui algũas receitas mais especiaes para firmar tintas, e ainda para as dar, de que muito se podem valer, e ajudar os coriosos; fiquem porém reservadas, para outro melhor tempo, se Deus mo der; e quando não seja servido dar-mo, porque na verdade mais me convém morrer aqui na cruz, a Companhia de Jesus, que também se dignou morrer na cruz; não faltarão coriosos, que satisfaçam melhor o argumento. Apontarei pois só por remate deste *Tratado;* e por fim desta "Terceira Parte" ũa só receita de tingir sabida de poucos; e o modo como na Índia, e Ásia pintam, e firmam as tintas nas usas famosas chitas, e estimados lenços.

21 Receita especial para dar, e firmar tintas. Não é para todas as matérias; mas só para as sólidas como marfim, osso, pao, ou qualquer outra matéria sólida. Busca-se esterco de boi quanto mais fresco melhor na quantidade suficiente; espreme-se em um pano, e a água da espreção se deita em um vaso proporcionado a matéria, que se quer tingir: ajunta-se-lhe a tinta que se quer dar azul, verde, amarela, vermelha, ou qualquer outra: Deita-se-lhe pedra ume; e juntos todos eestes três ingredientes no dito vaso, se põe este ao fogo; e se lhe mete dentro a matéria, que se quer tingir de sorte, que fique toda coberta, e afogada daquela aguadilha; e se conserva no fogo lento por espaço de nove dias pouco mais, ou menos, e para não transpirar para fora, se deve cobrir. No fim destes dias se pode tirar; e estará a tinta tão intrinsecada na matéria, como se fosse natural. Ouvi a um corioso, que quis experimentar a receita em alguns ossos, que se esquecera tirar do fogo a seu tempo, e que só a tirara depois de onze, ou doze dias, e afirmou, que estava a cor da tinta tão penetrada pelos ossos, que metidos estes no torno, quanto mais se cortava mais viva aparecia a tinta.

22 Chitas. São as chitas da Índia especiaes por três cousas: 1ª pela fineza com que as fiam, e tecem. 2ª pela fineza das suas tintas. 3ª e principal pela firmeza, e estabilidade das suas pinturas. Sobre a sua fineza; já dissemos, quando falamos no algodão. Agora falaremos das duas últimas proprieda-

des. Para as tingir usam de dous modos: 1º nas menos finas, e mais vulgares as pintam com chapas de metal, onde tem abertas as flores, ou debuxos, que querem, os quaes enchem de tinta, e põe sobre as chitas, e telas por modo de imprensa té ficarem expressos, e impressos os debuxos de ũa, e outra parte do pano; e como para isso já tem preparadas as chapas da largura das telas com muita brevidade as tingem e dão grande expedição; ligo direi [o como] firmam estas tintas. 2º modo, que só usam nas chitas mais finas, e primorosas: é ao pincel, debuxando à mão, e com pincel não só cada flor de per si; mas cada cor siparada; e por sua vez; isto é dão ũa casta de tinta por toda a peça; e logo a firmam; e depois dão segunda e logo afirmam, e o mesmo [fazem] na terceira e quantas tintas querem; e por isso além do multiplicado trabalho em pintar à mão, e com pincel todas as cores cada ũa por sua vez; depende de muito mais tempo, e aplicação para também firmar cada ũa de per si: e daqui nasce o serem ũas chitas tanto mais preciosas que outras.

23 A terceira e principal propriedade das chitas está na firmeza das suas tintas, o que fazem também de dous modos conforme a qualidade das chitas. 1º quando as chitas são mais vulgares, e tem ũa só tinta barram o campo da chita branco com cera quente, e derretida depois de pintada; assim barrada lhe dão às chitas ũa boa fervura, e esta fervura é que faz penetrar e firmar bem as tintas, e depois as tiram da caldeira, e secam à sombra. 2º modo. Pintadas as telas molham todo o campo branco com água de pedra ume, e depois de secas à sombra, vão a ferver à caldeira etc. Quando porém tem diversas cores, as quaes (como dissemos) se fazem ao pincel, especialmente as mais primorosas fazem assim. Pintada cada cor por sua vez, todo o mais campo branco barram com cera derretida, e a secam à sombra, e depois de seca, a metem na caldeira a firmar com ũa fervura esta primeira tinta; e depois se torna a secar à sombra, e depois torna segunda vez a caldeira a ferver em água pura para lhe tirar a cera, e se torna a secar. Depois se lhe dá a segunda cor com a mesma operação; e tantas vezes se repete, quantas cores tem a chita. Nas mais ordinárias, e grosseiras, em que também há menos cores, ou só a preta se laboram só com lâminas, chapas, ou grandes sigilos por modo de imprensa; nem usam de banhos de cera, mas só com água da pedra ume; e depois de bem secas à sombra lhes dão a fervura, depois da qual se tornam a secar à sombra, e se dão por acabadas no que às pinturas, e sua firmeza.

24 Digo no que toca às pinturas, e sua firmeza; porque ainda falta o curá--las; o que fazem por dous motivos: 1º para as porem bem macias. 2º para o campo ficar bem alvo, claro, e vistoso; e depois por último as engomam, e dão por completas. Esta mestria de tingir as chitas me informou um corioso, que na Índia foi missionário para cima de trinta anos. Mas não me occorreo informar-me, de que modo se confecionavam as tintas, se com óleo; se com resinas? Quem quiser, se informe melhor: por ser esta notícia mui necessária aos moradores do Amazonas, para poderem assim laborar os seus algodões.

25 Lenços [—] modo de os tingir. Por serem tão especiosos os lenços da Índia azuis, quero também apontar aqui a sua feitoria segundo o informe do mesmo missionário. Já se sabe que a sua tinta ordinária é o anil, em que os mete mou as telas já tecidas, ou em fio, e depois de molhados no anil os põe a secar à sombra, e depois de secos lhe dão ũa fervura para firmar a tinta, e tornam a secar: depois de secos lhes dão segunda tintura, tornam a secar, e tornam a ferver; e este mesmo modo repetem três, ou mais vezes;

depois das quaes os dão por acabados; e ficam tão firmes especialmente os da cidade de Diú, que são os mais estimados, como a experiência mostra. De que se infere, que toda a mestria está nas fervuras; porque nem devem ser tão diminutas, que não cheguem a firmar as tintas; nem em tanto excesso, que damnifique as telas.

26 Seria agora bem aceita a notícia de como se dão, e firmam as tintas nas afamadas sedas da China, as quaes, além de outros predicados, tem a grande conveniência de nunca desbotarem; [diferem] das nossas da Europa, que sendo em novas muito soberbas, depois de algum [uso] ficam descoradas. Assim mesmo faltam muitas outras coriosidades nesta mesma matéria. Porém fiquem reservadas para outro melhor tempo; ou para outros coriosos; porque já quero entrar na "Quarta Parte" etc.